



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO
MESTRADO EM DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL



Juliana Meres Costa

SABÁTICO: UM NOVO TEMPO PARA A LEITURA?
(A retomada do *Suplemento Literário* no *Estado de S. Paulo*)

Campinas
2012

JULIANA MERES COSTA

SABÁTICO: UM NOVO TEMPO PARA A LEITURA?

(A retomada do *Suplemento Literário* no *Estado de S. Paulo*)

Dissertação apresentada para o Programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, do Instituto de Estudos da Linguagem e do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica e Cultural. Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria das Graças Conde Caldas.

Campinas

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

C823s

Costa, Juliana Meres, 1983-

Sabático : um novo tempo para a leitura? (A retomada do Suplemento Literário no Estado de S. Paulo) / Juliana Meres Costa. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Maria das Graças Conde Caldas.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Cultura - Brasil. 2. Jornalismo – Aspectos culturais. 3. Estado de São Paulo (Jornal). Suplemento literário. 4. O Estado de São Paulo (Jornal). Sabático. 5. Indústria cultural. I. Caldas, Maria das Graças Conde. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Sabático: a new time for reading? (The resumption of the Suplemento Literário in the Estado de S. Paulo).

Palavras-chave em inglês:

Culture - Brazilian

Journalism – Cultural aspects

Estado de São Paulo (Newspaper). Literary Supplements

Estado de São Paulo (Newspaper). Sabático

Cultural industry

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural.

Titulação: Mestre em Divulgação Científica e Cultural.

Banca examinadora:

Maria das Graças Conde Caldas [Orientador]

Rosemary Bars Mendez

Celso Luiz Figueiredo Bodstein

Data da defesa: 14-02-2012.

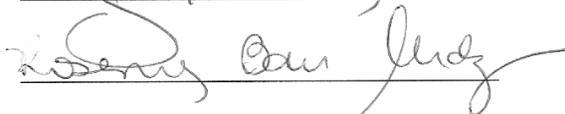
Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural.

BANCA EXAMINADORA:

Maria das Graças Conde Caldas



Rosemary Bars Mendez



Celso Luiz Figueiredo Bodstein



Daniela Birman

Emerson da Cruz Inácio

IEL/UNICAMP
2012

Sabático

UM NOVO TEMPO PARA A LEITURA?

(A retomada do Suplemento Literário no Estado de S. Paulo)

O OLHAR CUMPLICE

No diálogo entre duas gerações, o americano John Lewis diz que, longe de contemplar passivamente um objeto, o espectador do cinema tem de se envolver e, nesse processo, pode transformá-lo em sua própria vida.

Poesia
Um prefácio de 50 anos
Deu Paul Celan, de Adorno
e outros, um livro de poesia
Pág. 54

Música
O prefácio da pianista
Eduarda França e o projeto
de Maria Sguerra
Pág. 55

COM A ARMA DA PALAVRA

A publicação, no Brasil, de Opreção Menem, livro concebido e escrito por seu sobrinho, o Dr. Ezequiel Menem, e de Ezequiel e Opreção Menem, obra de um dos seus filhos, o jornalista e escritor argentino Ezequiel Menem, que se dedica a analisar o Brasil e foi chamado pelas forças de repressão em 1977. Pág. 54 e 55

Livros
A política do excesso
Escrito de Ezequiel Menem,
sobrinho do autor brasileiro
Pág. 54

Fotografia
Os olhos da câmera
Cada vez mais, a câmera e o olho humano
Pág. 55

SHAKESPEARE AUTÊNTICO

Um retrato de Shakespeare, feito por um artista da propagação de guerra, é o ponto de partida para um livro de história da literatura.

Homens
Ficção e realidade
Em um livro de 2009,
o autor discute o papel
do escritor
Pág. 56

Inciso
Mito de obra clássica
O livro de Shakespeare
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 56

Inciso
Infância e memória
Um livro de infância
do escritor Sérgio Porto
Pág. 56

TODAS AS TELAS DICEM A CEBRIAN

Um livro de história da arte, de João Cabral de Melo Neto, que aborda a relação entre a arte e a política, e o papel do artista na sociedade.

Inciso
O livro de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 57

Homens
Enredo sobre a culpa
Um livro de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 57

“NÃO CONTEM COM O FIM DO LIVRO”

Um livro de história da arte, de João Cabral de Melo Neto, que aborda a relação entre a arte e a política, e o papel do artista na sociedade.

Inciso
O livro de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 57

Inciso
O livro de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 57

SENHORA DAS LETRAS

Um livro de história da arte, de João Cabral de Melo Neto, que aborda a relação entre a arte e a política, e o papel do artista na sociedade.

Homens
Narrativa e literatura
Um livro de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 58

Ensaio
Sobre cultura e literatura
Um livro de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 58

GILBERTO FREYRE, LUZE E SOMBRA

Um livro de história da arte, de João Cabral de Melo Neto, que aborda a relação entre a arte e a política, e o papel do artista na sociedade.

Ensaio
Um livro de história da arte
de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 59

Inciso
Um livro de história da arte
de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 59

LATINIDADE INCURÁVEL

Um livro de história da arte, de João Cabral de Melo Neto, que aborda a relação entre a arte e a política, e o papel do artista na sociedade.

Inciso
Um livro de história da arte
de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 59

Inciso
Um livro de história da arte
de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 59

EXPRESSÃO CUBANA

Um livro de história da arte, de João Cabral de Melo Neto, que aborda a relação entre a arte e a política, e o papel do artista na sociedade.

Historia
Um livro de história da arte
de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 60

Inciso
Um livro de história da arte
de João Cabral de Melo Neto
é um dos mais importantes
do mundo
Pág. 60

Juliana Meres Costa

À minha avó, Bio, que estava escrevendo um livro antes de partir.

AGRADECIMENTOS

À minha família, as pessoas mais importantes de minha vida. Ao meu pai, Beto, e à minha mãe, Dorinha. Aos meus irmãos, Carol e Raí. Ao meu sobrinho, Gabriel. Ao meu amor, Rafael.

À minha orientadora e amiga, Graça Caldas, que me acolheu e orientou em todos os momentos em que precisei, sendo a maior responsável pela viabilização deste trabalho.

À Universidade Estadual de Campinas e ao IEL, pelo apoio institucional. À CAPES, pelo apoio financeiro. Ao corpo docente e de funcionários(as) do Labjor, em especial à Alessandra, pela solicitude e ajuda com os assuntos burocráticos.

Às professoras que participaram de minha banca de qualificação, Rose Bars e Daniela Birman, pelas valiosas contribuições, dicas de leitura e incentivo.

Aos entrevistados que colaboraram e enriqueceram esta pesquisa. Elizabeth Lorenzotti, Ronaldo Correia de Brito, Raquel Cozer, Márcio Seligmann-Silva e, especialmente, Rinaldo Gama: agradeço muito a atenção e disponibilidade de todos.

Aos meus colegas do MDCC, pela companhia, risadas e troca de experiências e saberes, que tornaram tão agradável a realização das disciplinas em meu primeiro ano no programa. À querida Lilian, pela eterna amizade, e por ter me hospedado diversas vezes em seu lar, além de me auxiliar em outras ocasiões durante minha vida acadêmica. Ao amigo Sinei, pela enorme ajuda durante a reta final deste trabalho. A todos os meus amigos, por toda a diversão que compartilhamos. Obrigada!

Sabático: um novo tempo para a leitura? (A retomada do *Suplemento Literário* no *Estado de S. Paulo*)

RESUMO

Este trabalho faz uma reflexão acerca do papel do suplemento literário *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (OESP), nascido em 13 de março de 2010. Verifica a influência do *Suplemento Literário* (1956-1974) no novo suplemento do mesmo jornal. Observa de que maneira a retomada do *Suplemento Literário* contribui para o resgate do prazer pela literatura e pelo conhecimento em tempos de modernidade, de informação rápida, fluída. Para isso, relata a trajetória do *Estadão* no desenvolvimento de reformas gráficas e editoriais e na criação de cadernos culturais. Descreve o contexto de criação do *Sabático* e sua história ao longo do primeiro ano de circulação. Verifica **se** e **como** o conteúdo do Suplemento está vinculado ao mercado editorial e, conseqüentemente, à indústria cultural. Discute a relação entre informação e conhecimento a partir da campanha publicitária de 2009 do OESP – “Qual o valor do conhecimento?” –, que antecede a reforma gráfica e editorial do jornal. A pesquisa está ancorada nos conceitos de indústria cultural (Adorno e Horkheimer, 1947), de jornalismo como conhecimento (Meditsch, 1998) e de modernidade líquida (Bauman, 2001). Foi utilizado o método de análise de conteúdo, aplicado em um *corpus* composto por um ano construído de publicações do *Sabático*, de 13 de março a 18 de dezembro de 2010. As conclusões apontam para o fato de que o *Sabático*, embora represente um espaço de debate sobre a literatura (e o mercado editorial de maneira mais ampla) na imprensa brasileira, permitindo a construção de conhecimento erudito em seus leitores, não contribui para ampliar o prazer pela literatura e pelo conhecimento em tempos de modernidade líquida, de informação rápida, tampouco ajuda a disseminar esse prazer. Essa dificuldade se dá, especialmente, devido a dois fatores: 1) a abordagem jornalística noticiosa das pautas se sustenta, prioritariamente, por lançamentos recentes do mercado editorial ou outros acontecimentos relacionados ao tempo presente, limitando o escopo da apreciação literária; 2) o público alvo restrito, tanto do suplemento *Sabático* quanto do jornal *O Estado de S. Paulo*, que são voltados para as elites intelectuais e econômicas do Brasil, já abastadas em relação ao acesso ao livro, à leitura e à cultura de modo geral.

Palavras-chave: Comunicação; Jornalismo; Informação; Conhecimento; Jornalismo Cultural; Suplementos Literários; Cultura Brasileira; *Sabático*; *Suplemento Literário*; Jornal *O Estado de S. Paulo*.

Sabático: a new time for reading?

(The resumption of the *Suplemento Literário* in the *O Estado de S. Paulo* newspaper)

ABSTRACT

This research makes a reflection on the role of the literary supplement named *Sabático*, from *O Estado de S. Paulo* (OESP) newspaper, created on March 13, 2010. It checks the influence of the *Suplemento Literário* (1956-1974) in the new literary supplement of the same newspaper. It observes how the resumption of the *Suplemento Literário* helps to bring back the pleasure of literature and knowledge in modern times, times of fast and fluid information. In order to do this, the trajectory of the *Estado* newspaper in the development of graphic and editorial reforms and in the creation of cultural supplements is described. The context of creation of the *Sabático* and its history during its first year of circulation are described as well. The research also analyzes **if** and **how** the content of the Supplement is linked to the publishing market and, consequently, to the cultural industry. It also discusses the relationship between information and knowledge from the 2009 OESP advertising campaign – “Which is the value of knowledge?” – that proceeds the graphic and editorial reform of the newspaper. The research is anchored in the concepts of cultural industry (Adorno and Horkheimer, 1947), journalism as knowledge (Meditsch, 1998) and liquid modernity (Bauman, 2001). The method of content analysis was applied to a *corpus* consisting of one constructed year of *Sabático* publications, from March 13 to December 18, 2010. The conclusions point to the fact that, although *Sabático* represents a place for literature (and the publishing market, in a broader way) debate in the Brazilian press, allowing the construction of erudite knowledge in its readers, it does not contribute to the increase of the pleasure of literature and knowledge in times of liquid modernity, rapid information, and it doesn't help to spread this pleasure either. This difficulty happens especially due to two factors: 1) the journalistic approach of the subjects exposed in the Supplement is sustained primarily by recent publishing releases or other events related to the present time, limiting the scope of literary appreciation; 2) the restricted target public of both the *Sabático* supplement and the *O Estado de S. Paulo* newspaper, which are aimed to the economic and intellectual elites of Brazil, already wealthy in relation to the access to books, reading and culture in general.

Keywords: Communication; Journalism; Knowledge; Cultural Journalism; Literary Supplements; Brazilian Culture; *Sabático*; *Suplemento Literário*; *O Estado de S. Paulo* newspaper.

Sumário

Introdução	13
a) Informação, conhecimento ou simples prestígio?	14
b) Renascimento da cultura literária?	16
c) Objetivos gerais	20
d) Objetivos específicos	20
e) Problema e contextualização do objeto de estudo	21
f) Hipótese	30
g) <i>Corpus</i>	31
h) Metodologia	32
1. Capítulo I – Comunicação, cultura e consumo	40
1.1. Indústria cultural	41
1.1.1. Mais vendidos	53
1.2. Cultura e sociedade	56
1.2.1. A necessidade da arte e da literatura	58
1.2.2. E o que é o <i>Sabático</i> ?	67
1.3. Jornalismo cultural ou marketing?	68
1.3.1. Cultura ou entretenimento?	84
1.4. O leitor brasileiro	85
1.5. A editoria de cultura nos jornais brasileiros	94
1.5.1. Trajetória histórica	96
1.5.2. Características contemporâneas	97
2. Capítulo II – O <i>Suplemento Literário</i> do OESP: referência no jornalismo cultural brasileiro	100
2.1. Contexto sócio-histórico e trajetória do SLOESP	102
2.1.1. A história das reformas de <i>O Estado de S. Paulo</i> e o nascimento do <i>Suplemento Literário</i>	104
2.2. Características: formato, estética, linguagem, distribuição, publicidade e público alvo	125
2.3. Pautas e conteúdo veiculado: gêneros literários e culturais apresentados	135
2.4. O espaço destinado à Literatura	139
3. Capítulo III – Descrição do <i>corpus</i>	141
3.1. Edições selecionadas	143
3.1.1. Edição 1: 13 de março de 2010	143
3.1.2. Edição 6: 17 de abril de 2010	162

3.1.3.	Edição 11: 22 de maio de 2010	181
3.1.4.	Edição 13: 05 de junho de 2010	204
3.1.5.	Edição 18: 10 de julho de 2010	222
3.1.6.	Edição 24: 21 de agosto de 2010.....	240
3.1.7.	Edição 30: 25 de setembro de 2010.....	260
3.1.8.	Edição 30: 02 de outubro de 2010.....	281
3.1.9.	Edição 36: 13 de novembro de 2010	301
3.1.10.	Edição 41: 18 de dezembro de 2010.....	322

4. Capítulo IV – *Sabático*: renovação de um modelo consagrado?.....342

4.1.	Concepção e contexto de criação	343
4.2.	Características: formato, estética, linguagem, distribuição, publicidade e público alvo	352
4.2.1.	Características das seções.....	357
4.2.2.	Aspectos gráficos e estéticos.....	372
4.2.3.	Linguagem, circulação, publicidade e público alvo	375
4.3.	Pautas e conteúdo veiculado: gêneros literários e ideias apresentadas	382
4.4.	“Um tempo para a leitura”: releitura de um modelo em outro contexto sócio-histórico	387

5. Capítulo V – O passado e o presente: revelações sobre o espaço e o tempo do conhecimento392

5.1.	Discussão e análise dos resultados obtidos com base no referencial teórico.....	393
5.2.	O enfoque na literatura é uma boa estratégia mercadológica no contexto sociocultural contemporâneo?	401
5.3.	Informação X Conhecimento no <i>Sabático</i>	414

Considerações finais424

Desdobramentos da pesquisa441

Referências Bibliográficas.....442

Anexos..... 1

	Entrevista com Elizabeth Lorenzotti.....	1
	Entrevista com Márcio Seligmann-Silva.....	11
	Entrevista com Raquel Cozer	12
	Entrevista com Rinaldo Gama.....	19
	Entrevista com Ronaldo Correia de Brito	47

Introdução

Em que medida conhecimento difere de informação? Qual o valor do conhecimento? Vivemos em uma sociedade capitalista, de consumo, na qual informações são mercadorias. Nesse contexto, podemos nos questionar acerca do papel social destinado à literatura contemporaneamente: há tempo para desfrutar o prazer das narrativas literárias, para conhecer personagens e textos estruturados em diferentes estilos e linguagens?

Enquanto a maioria dos jornais aposta em oferecer textos breves e simplificados, o jornal *O Estado de S. Paulo* vai na contramão das tendências, ao lançar, em 2009, uma campanha publicitária exatamente com o slogan “Qual o valor do conhecimento?”. Assim, procura provocar no leitor saturado de informações rápidas e descontextualizadas o resgate pelo prazer da leitura mais densa. Nesse contexto, lança em 13 de março de 2010 um novo *Suplemento Literário*, agora denominado *Sabático*. Este movimento aparentemente paradoxal culmina na reforma editorial e gráfica colocada nas ruas em março de 2010.

Estaria o *Estadão* caminhando contra a corrente, se opondo à modernidade, à história? Aparentemente, o jornal aposta num leitor mais exigente, cansado da superficialidade textual de seus concorrentes diretos, que, ao contrário, advogam o mercado e o consumo como norteadores da modernidade. Isso se configura de forma mais evidente, mas não apenas, na criação do novo suplemento literário do *Estadão*, o *Sabático*.

Em face de tal realidade urge a indagação sobre qual seria, logo, o papel do novo caderno cultural do *Estado de S. Paulo*, que se nutre do *Suplemento Literário*, idealizado por Antonio Candido, que marcou época e fez escola entre 1956 e 1974. Em um país que possui poucos leitores – como aponta pesquisa do Instituto Pró-Livro¹ –, mas que – de acordo com a Fipe² – ao mesmo tempo possui um mercado editorial que avança a cada ano,

¹ A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2008, revela que 45% da população brasileira é “não-leitora”.

² Estudo realizado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da Universidade São Paulo mostrou que o número de livros vendidos em 2007 aumentou 6,06% em relação ao ano anterior.

investir em literatura seria uma forma de atrair novos leitores ou de agregar prestígio ao jornal?

A hipótese desta pesquisa é que o nascimento do *Sabático* está atrelado a mais uma tentativa de ampliação do prestígio do jornal tradicional, impresso, frente a seus concorrentes que aderiram à notícia rápida, digital, factual, sem profundidade, reflexão. O novo suplemento literário do *Estadão* parte de valores pré-definidos, frente a seu público leitor, como elemento constitutivo de formação cultural de novos leitores para os quais a ideia, a criatividade, o conhecimento diferem de informação (novo slogan do jornal).

Logo, na esteira da lógica do *Estadão*, o jornal que se revigora com novo projeto editorial e se nutre com o prestígio do *Sabático*, passa a representar, no imaginário social, e em círculos de poder intelectual, político e econômico, justamente conhecimento, erudição e alta cultura. Atua em contraposição direta à televisão e à internet, que representam informação e entretenimento mais imediatos, superficiais. Diferencia-se, assim, de muitas empresas jornalísticas que sofregamente tentam concorrer com os meios digitais e eletrônicos e passaram a adequar seus conteúdos, fornecendo notícias curtas com o intuito de transmitir informações de maneira cada vez mais veloz e mercantilizada, deixando pouco espaço para a reflexão e, logo, para o conhecimento. Este espaço, o da profundidade, do conhecimento, passa a ser a identidade, a integrar a nova marca do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Travancas (2001, p. 150) lembra que apesar dos problemas operacionais, de custo industrial, alguns suplementos literários continuam em circulação mesmo não registrando lucros para o jornal. Explica que a criação e permanência desse tipo de caderno em alguns jornais mostram um interesse em apoiar o livro e a literatura, além de garantir prestígio à marca. Assim, mais do que lucros, a estratégia de criação do novo suplemento literário, aparentemente, consistiu em agregar valor simbólico ao jornal, já que aposta em literatura e reforça ideologias que fazem parte da cultura brasileira.

a) Informação, conhecimento ou simples prestígio?

Em que medida, portanto, conhecimento difere de informação? Qual o valor do conhecimento? Vivemos em uma sociedade capitalista, de consumo, na qual o fetichismo

da mercadoria é uma realidade facilmente observada. Nesse contexto, as informações são obtidas de maneira cada vez mais veloz e mercantilizada, sobrando pouco espaço para a reflexão e, logo, para o conhecimento. Sendo assim, podemos nos questionar acerca do papel social destinado à literatura contemporaneamente: há tempo para desfrutar o prazer das narrativas literárias, para conhecer personagens e textos estruturados em diferentes estilos e linguagens?

Apesar de grande parte dos meios de comunicação nos dar indicativos de que tal questão deva ser respondida com “não”, o jornal *O Estado de S. Paulo* foi na contramão ao lançar em 2009 a campanha publicitária com o slogan “Qual o valor do conhecimento?”, procurando resgatar o prazer da leitura mais densa, conforme já apontado.

Em um país em que 45% da população é constituída de “não leitores” (de acordo com a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”), investir em literatura seria uma estratégia para atrair novos leitores ou para ampliar o prestígio do jornal enquanto veículo de transmissão de conhecimentos e cultura? A hipótese da segunda alternativa é parte dos fundamentos teóricos desta pesquisa. Para tanto, podemos nos valer dos argumentos de Gadini (2009, pp. 238-239), que afirma, em relação aos suplementos literários de jornal, que

O que tem sido mais comum nesse setor do mercado editorial é uma gradativa redução do espaço e número de páginas, paralelamente ao surgimento e até fortalecimento de suplementos voltados a outros setores do campo cultural ou que, de algum modo, perpassam os demais setores da cultura. Suplementos de moda, infantis, femininos, sobre informática, turismo, entre outros, integram assim um campo que parece adquirir mais visibilidade e investimento, pela perspectiva de um retorno lucrativo, como orientação de toda e qualquer atividade empreendedora na sociedade capitalista. O gradativo (...) enfraquecimento do espaço jornalístico nos diários impressos dedicado ao mercado editorial parece assim estar em consonância com estratégias empresariais que, ao mesmo tempo, vislumbram segmentos mais rentáveis ou, talvez, não apostem muito no que foi um dos principais setores das edições de fim de semana dos jornais impressos brasileiros, especialmente entre a segunda metade da década de 1950 e final dos anos 1970. (GADINI, 2009, pp. 238-239)

O mesmo autor também nos fornece dados recentes acerca dos suplementos literários existentes em jornais brasileiros. Informa que, dos 20 jornais que analisou durante sua pesquisa, oito possuem suplementos semanais dedicados à literatura (40% do total). Os

suplementos analisados por Gadini (2009) circulam em formato tablóide, variando entre oito e 24 páginas; ou *standard*, com uma variação de quatro a seis páginas.

O *Sabático* do *Estadão* nasce em formato *standard* com oito páginas, duas a mais que o antigo *Suplemento Literário*, que circulou no mesmo jornal (entre 1956 e 1974) também em formato *standard*. No projeto³ do *Suplemento Literário* d'*O Estado de S. Paulo*, Antonio Candido indica que o suplemento em questão, quando atingir sua maturidade e consolidação, chegará a ter oito páginas, ou quatro folhas. Vemos, porém, que isso não aconteceu, já que o *Suplemento Literário* (doravante também nomeado pela sigla SLOESP – *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*), exceto em números especiais, teve sempre seis páginas (Weinhardt, 1982, p. 6).

Por outro lado, antes mesmo de o *Sabático* completar três meses de existência (em meados de junho de 2010), algumas de suas edições foram reduzidas a seis páginas, mantendo o formato *standard* e se igualando ao SLOESP em termos de número de páginas. Nota-se, porém, que tal mudança não é permanente, sendo intercaladas, sem motivo ou periodicidade visível, a impressão do suplemento em oito ou seis páginas. Temos, pois, o caso de um suplemento cujo tamanho varia entre seis e oito páginas em versão *standard*.

Observa-se, assim, que a criação do *Sabático* não apenas se deu em um momento em que a tendência notada em outros jornais era justamente a oposta, como também que esse surge com um número de páginas que supera o dos cadernos tradicionalmente encontrados (que chegam a ter, no máximo, seis páginas em versão *standard* – tamanho que esse também chegou a ter após pouco mais de dois meses de existência). Esses fatos reforçam a hipótese de que o nascimento do *Sabático* está atrelado a uma tentativa de ampliação do prestígio do jornal frente a seu público leitor, como forma de transmissão da ideia de que conhecimento difere de informação (novo slogan do jornal).

b) Renascimento da cultura literária?

Esta não é, porém, a única explicação. A chegada do novo suplemento também acontece em um período em que se observa o renascimento da vida literária no Brasil, com

³ Reproduzido no livro *Suplemento Literário: Que falta ele faz!*, de Elizabeth Lorenzotti, entre as páginas 94 e 120.

a proliferação e popularização de festivais, feiras e prêmios literários. Atualmente, a agenda anual de feiras literárias no Brasil é mais movimentada que a dos demais países lusófonos⁴, sendo os eventos mais populares a Bienal Internacional do Livro; a Feira Literária Internacional de Paraty; O Fórum das Letras de Ouro Preto, a Jornada Nacional de Literatura (em Passo Fundo/RS) e a Feira do Livro de Ribeirão Preto.

É perceptível, ainda, que cidades brasileiras que não possuem a tradição de sediar eventos desse tipo, que valorizem o livro e a leitura, têm se aventurado na criação de suas feiras e festivais literários. Em Campinas (interior de São Paulo), por exemplo, foi criado o Filc, Festival Internacional da Leitura de Campinas⁵, evento anual que teve sua segunda edição em 2010. A cidade de Jaguariúna, também localizada no interior de São Paulo, por sua vez, criou em 2008 a Feira Nacional do Livro de Jaguariúna, que teve apenas uma edição. Já em Poços de Caldas, no Sul de Minas Gerais, realizou-se entre abril e maio de 2011 a VI Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas (Flipoços), com a presença de autores renomados como Ariano Suassuna, Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Alves e outros.

Em 15 de junho de 2011 o Ministério da Cultura anunciou a criação do Circuito Nacional de Feiras de Livro, projeto que fomenta a realização de eventos literários de pequeno, médio e grande porte em todo o território nacional. Como forma de estimular a expansão das feiras no país, o governo federal estima que deve abrir mão de cerca de R\$35 milhões a título de renúncia fiscal para empresas dispostas a patrocinar feiras do livro. As empresas poderão abater 100% dos investimentos em patrocínios a eventos literários que forem enquadrados na Lei Rouanet.

Os prêmios literários também estão cada vez mais frequentes e populares no Brasil. O mais famoso e prestigioso, o Jabuti, que teve sua 53ª edição em 2011, premia em várias categorias, incluindo tradução e ilustração. Paga três mil reais aos vencedores de cada uma das 29 categorias e 30 mil reais para os vencedores dos grandes prêmios, os de Livro do Ano Ficção e Livro do Ano Não-Ficção.

Os valores dos prêmios também funcionam como estímulo aos escritores. O Prêmio São Paulo de Literatura, por exemplo, premia anualmente, desde 2008. Os autores dos

⁴ Como mostra o mapeamento presente no site <http://www.revistapessoa.com/feiras-literarias/>. Acesso em 01/03/2011.

⁵ Site <http://www.filc.com.br/filc2010/>. Acesso em 1/3/2011.

melhores livros nas categorias livro do ano e obra de autor estreante recebem, cada um deles, 200 mil reais (valor pago para os vencedores da edição de 2011). O também recente Prêmio Portugal Telecom de Literatura, que terá sua nona edição em 2011, premia obras literárias de diversos gêneros (romance, conto, poesia, crônica, dramaturgia e autobiografia) escritas em língua portuguesa, e paga 100, 35 e 15 mil reais aos três primeiros colocados, respectivamente.

Há ainda diversos outros prêmios literários no país, como o Prêmio Machado de Assis; o Prêmio Camões; o Prêmio Juca Pato; o Prêmio Nestlé e os Prêmios Literários da Fundação Biblioteca Nacional. Esse cenário me leva a crer que embora a criação do *Sabático* pareça contraditória do ponto de vista da área do Jornalismo, que tem investido em conteúdos simplificados e de rápida leitura, ela é coerente se observada sob o ângulo da cultura literária no Brasil. Tudo indica que o *Estadão* aproveita a oportunidade desse momento de proliferação da literatura no país para ampliar suas vendas e seu prestígio frente ao público leitor. Isto porque, não se pode negar que o livro e a literatura ainda são vistos como itens culturais importantes, que devem ser valorizados e que remetem à tradição e à noção de que somos cidadãos letrados. Sendo assim, a criação do *Sabático* responde também ao renascimento da cultura literária no Brasil.

De acordo com Travancas (2001), a criação e permanência desse tipo de caderno literário em alguns jornais mostram um interesse em apoiar o livro e a Literatura. Para ela, esses

(...) ainda são um *valor* nas sociedades ocidentais. Valor que remete à ideia de tradição e à definição destas sociedades como letradas. Os escritores ainda são vistos como indivíduos que, muitas vezes, obtiveram sucesso, prestígio e reconhecimento, valores expressos pela própria sociedade e da qual os jornais e seus suplementos seriam um canal. Da mesma forma a publicação destes suplementos para seus respectivos jornais significa prestígio. Não quer dizer que estes cadernos não devam ser lucrativos ou rentáveis, apenas ressalto que eles podem contribuir muito mais para a imagem de seus veículos do que acrescentar um resultado financeiro satisfatório. (TRAVANCAS, 2001, p. 150)

No caso do *Sabático* do *Estadão*, a criação da seção “No Suplemento Literário” e a imediata ligação feita entre o novo suplemento e o SLOESP da década de 50 no momento em que foi anunciado o surgimento do novo nos dão a pista de que, realmente, o jornal está se amparando em uma tradição.

Figura 1: Lançamento do *Sabático*: referência direta ao SLOESP

No 'Sabático', todas as razões para cultivar o tempo da leitura

Caderno 2 passará a circular também aos domingos

Antecipando a estreia do novo projeto gráfico do *Estado*, será lançado no próximo sábado o *Caderno Sabático - Um tempo para leitura*. Voltado para literatura e para o mercado editorial, ele substitui o *Cultura*, cuja última edição circula hoje. Vai ao encontro de um comportamento já consagrado nas grandes cidades: o de frequentar livrarias nos fins de semana.

"O caderno passa a orientar esses leitores e consumidores com os melhores lançamentos, reportagens, críticas de livros e ranking dos mais vendidos", explica Laura Greenhalgh, editora executiva responsável pelos cadernos da área cultural.

Sabático, como o nome sugere, circulará sempre aos sábados. Com essa mudança, foi possível melhorar a distribuição das páginas culturais no fluxo

das edições. Como fim do *Cultura*, o *Caderno 2* será publicado a semana inteira, sem interrupções. Aos sábados, terá o nome de *Caderno 2 + música*; aos domingos, de *Caderno 2 Domingo*.

No cardápio do *Sabático* estão seções como Babel, de notas sobre o mundo editorial, Resenhas, Estante, com os principais lançamentos da semana, e Ofício, que tratará sempre de perfilar escritores em seu ambiente de trabalho. Ao longo das páginas, pequenas notas, ilustrações e frases recortadas do universo cultural. Tudo num projeto gráfico arrojado, que inclui tipografias e cores selecionadas especialmente.

Outro atrativo será um espaço para poesia e haikai, não só divulgando a nova geração de poetas, mas voltando a resenhas antigas. Na parte de ima-

gens, serão convidados artistas plásticos para criar ilustrações exclusivas. *Sabático* também abrirá espaço para a reprodução do trabalho de grandes nomes da fotografia, acompanhando dessa forma uma das tendências do mercado editorial – o livro de fotografias.

INÉDITOS

"Além disso, *Sabático* publicará trechos inéditos de obras que estão em produção, tal como fazia o *Suplemento Literário*", diz Rinaldo Gama, editor do caderno. Sérgio Augusto, que já escrevia no *Caderno 2*, e o escritor e poeta Silvano Santiago se revezaram como colunistas. "É importante salientar que esse não será um caderno só de literatura, mas sobre livros", explica Gama. "Isso amplia muito nosso leque de assuntos." ●



ESTREIA - Com projeto arrojado, que inclui cores e tipografias especiais, caderno trará trechos inéditos de obras

Caderno resgatará suplemento que marcou época

...A criação do 'Sabático' serviu também de estímulo para resgatar um pouco do insuperável 'Suplemento Literário', caderno cultural que circulou aos sábados no *Estado*, entre 6 de outubro de 1956 e 17 de dezembro de 1966.

Idealizado por Antonio Candiolo e dirigido por Décio de Almeida Prado, o 'Suplemento Literário' foi uma inovação à época, contando com colaboradores que se tornaram referência em diferentes áreas. Como o crítico Wilson Martins, os ensaístas Paulo Emílio Salles Gomes e Anatol Rosenfeld, o antropólogo Ruy Coelho.

Suas páginas foram ponto de encontro dos talentos da geração e revelaram nomes que se consagrariam não só na literatura, mas no cinema, no teatro, na música, nas artes plásticas. Todo sábado, a seção No Suplemento Literário vai republicar trechos de importantes artigos e resenhas literárias do caderno que marcou seu tempo e fez história no jornalismo cultural. ●

Fonte: Caderno *Vida &* (*O Estado de S. Paulo*, 7/03/2010, p. A26).

É notável que o box da coluna à direita da matéria principal sobre o lançamento do *Sabático*, intitulado "Caderno resgatará suplemento que marcou época", relaciona diretamente o *Sabático* à tradição do SLOESP. O prestígio advindo dessa tradição é, provavelmente, o que os marqueteiros estrategistas do jornal buscaram ao propor a criação do suplemento. Mais do que lucros, a estratégia, aparentemente, consiste em agregar valor simbólico ao jornal, reforçando ideologias que fazem parte da cultura brasileira. O *Sabático* retoma a tradição do SLOESP, que é, até hoje, considerado um marco no jornalismo cultural brasileiro, e sua criação se contrapõe à realidade jornalística contemporânea.

A escolha deste objeto de estudo justifica-se, portanto, não só pelo surgimento do novo suplemento, objeto natural de pesquisa acadêmica que se propõe a fazer uma reflexão sobre Jornalismo e Literatura, mas também porque o momento histórico do lançamento do suplemento se contrapõe à modernidade da leitura rápida, recuperando valores tradicionais imanentes ao jornalismo literário. Assim, ao examinar as características e o papel do *Sabático* será possível compreender o papel dos suplementos literários na imprensa brasileira e fazer uma reflexão sobre sua influência na formação da cultura nacional.

c) Objetivos gerais

O objetivo geral desta pesquisa é fazer uma reflexão acerca do papel do suplemento literário *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* no resgate do prazer pela literatura e pelo conhecimento em tempos de modernidade líquida, de informação rápida. Criado em 13 de março de 2010, o *Sabático* foi inspirado no tradicional *Suplemento Literário* concebido por Antonio Candido, na década de 1950.

d) Objetivos específicos

- Discutir a relação entre informação e conhecimento na perspectiva da indústria cultural da sociedade de consumo;
- Descrever a trajetória do jornal *O Estado de S. Paulo* no contexto editorial de sua história e na construção de cadernos culturais e suplementos literários do país;
- Observar a influência do *Suplemento Literário* (1956-1974), concebido por Antonio Candido, no *Sabático* (2010), identificando semelhanças e diferenças;
- Examinar as motivações, o processo de criação do *Sabático*, e sua correlação com a reforma editorial do OESP, que nasce em 2009 com a campanha “Qual o valor do conhecimento?”;
- Descrever o processo de produção do *Sabático*, observando suas características e peculiaridades;
- Historiar e analisar o *Sabático* em seu primeiro ano de circulação (entre 13 de março e 18 de dezembro de 2010);
- Verificar **se** e **como** o conteúdo do *Sabático* está diretamente relacionado com o mercado editorial (lançamento de livros);
- Verificar em que medida o *Sabático* representa uma estratégia de marketing do *OESP* ou uma percepção de espaço editorial para informações mais densas, que provoquem leitores mais exigentes, em busca de conhecimento e de cultura, e não apenas de informação.

e) Problema e contextualização do objeto de estudo

O novo suplemento literário do Estadão, *Sabático*, surgiu em um contexto de crise do Jornalismo. Devido às novas tecnologias que permitem a divulgação de informações de maneira veloz e gratuita em meio virtual, cogitou-se o fim do jornal impresso. O *The New York Times*, tradicional jornal norte americano, anunciou no início de 2009 que estava à beira da falência, e parou de disponibilizar matérias de maneira gratuita em ambiente *on-line*, já que esse fato pode ter contribuído para a diminuição das vendas da versão impressa do jornal.

No Brasil não foi diferente: a crise também chegou. Segundo dados do IVC (Instituto Verificador de Circulação), a circulação de jornais impressos caiu 3,5% no país em 2009 em relação ao ano anterior, quando a circulação média de todos os títulos era de 4,35 milhões de exemplares. Em maio de 2009, quando o jornal *Gazeta Mercantil*, de forte tradição no setor empresarial brasileiro, estava prestes a completar 90 anos de existência, foi publicada sua última edição. Era considerado como um marco para o jornalismo econômico e para a imprensa nacional. Seu concorrente mais direto, nos últimos anos, o *Valor Econômico*, continua circulando. Outros jornais também deram indicativos de que a crise do jornalismo impresso é uma realidade. No primeiro semestre de 2010, investidores do *Jornal do Brasil*, tradicional diário carioca, anunciaram que, a partir de setembro do mesmo ano, o jornal contaria apenas com sua versão digital.

Embora alguns teóricos argumentem que a crise do Jornalismo não é uma realidade, com base em números de circulação que se alteram constantemente, e ora demonstram diminuição, ora aumento de exemplares nas bancas, é inegável que o jornalismo impresso passa atualmente por uma fase de transformações. “Independentemente de seu grau de convergência com os outros meios no ambiente da internet, o negócio do jornal e o seu produto não serão os mesmos daqui a alguns anos” (Sant’Anna, 2008, p. 26). Assim, por um lado há a decretação da morte do jornal e, por outro, a certeza de sua permanência. Para Lourival Sant’Anna (2008), a “verdade provavelmente reside em algum ponto entre os dois extremos” (p. 180), ou seja, numa transformação do que conhecemos hoje como jornal impresso. A pesquisa de Sant’Anna apontou que

O jornal se vê obrigado a reacomodar-se no interior de uma cesta de meios de informação. O número de meios cresceu, e o tamanho da cesta – que seriam o tempo e o dinheiro disponíveis para consumo de informação – ou permaneceu o mesmo ou diminuiu, devido ao trabalho, ao trânsito e aos afazeres cotidianos que competem pela atenção do público-alvo. (SANT’ANNA, 2008, p. 181)

Enquanto o destino do jornalismo impresso ainda é incerto, ao mesmo tempo sabe-se que os meios digitais crescem e garantem sua soberania constantemente, e não há sinais que indiquem que essa realidade será alterada no futuro.

O número de pessoas que leem os jornais on-line aumenta dia após dia. No *New York Times*, já superou o número dos que leem o jornal impresso. A internet tem uma penetração extraordinariamente dinâmica no Brasil. [Observa-se que] (...) no período de quatro anos entre o início de 2002 e o fim de 2005, a web ganhou 5,1 milhões de novos usuários, atingindo a marca de 33,4 milhões. Desses, mais da metade (57, 6%) busca notícias e informação na rede – os produtos que compõem o *core business* do jornal. (SANT’ANNA, 2008, p. 186)

Nesse contexto, em 2010 os dois grandes jornais do Estado de São Paulo – *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* – passaram por reformas gráficas, com a criação, junção e exclusão de cadernos e outras mudanças. Em sua reforma, a *Folha* excluiu seu suplemento literário, o *Mais!*, substituindo-o pelo *Ilustríssima*, que reúne em um único caderno conteúdos culturais e literários. As matérias publicadas no *Ilustríssima* são, em ocasiões, escritas de acordo com os preceitos do jornalismo literário, seguindo os moldes de revistas como *piauí* e *The New Yorker* (aliás, traduções de textos e cartuns originalmente publicados nessa revista são comuns no *Ilustríssima*).

No entanto, embora o novo caderno da *Folha* apresente textos mais longos, sempre traz, também, no topo da página, um box com o resumo da matéria apresentada. Sendo assim, os leitores têm a opção de ler apenas o resumo, não tendo que se debruçar com o prazer da longa, mas quase sempre estimulante leitura da narrativa literária. Dessa forma, a *Folha* aposta, mais uma vez, na opção da leitura rápida, casual.

Não se trata, portanto, de uma aposta consciente, seja para efeito de marketing ou por acreditar na importância da leitura mais profunda para a formação do conhecimento, como a do *Estadão* em sua reforma gráfica e editorial, como veremos a seguir. Ainda de acordo com o IVC, em 2010 o jornal *Folha de S. Paulo*, que ocupava o primeiro lugar em

circulação nacional desde 1986, fechou o ano em segundo lugar, atrás do tablóide mineiro *Super Notícia* (a *Folha* teve 294, enquanto o *Super Notícia*, 295 mil exemplares circulando). Já durante o primeiro semestre de 2011 a situação se inverteu, já que, ainda segundo o IVC, a *Folha* teve circulação de 305 mil exemplares, o que representou um aumento de 5% em relação ao número anterior. O *Super Notícia* também ampliou sua circulação (em 3,9%), chegando a 302 mil exemplares e ficando em segundo lugar na lista dos veículos de maior circulação nacional. Os fatos expostos indicam que o jornalismo brasileiro já sente os efeitos da crise e está sofrendo transformações em decorrência dela.

Apesar do cenário desfavorável para a mídia impressa diária, o jornal *O Estado de S. Paulo* cria, no início de 2009, uma campanha publicitária centrada na força do conhecimento como formador de cultura, em detrimento da informação pela informação. Estratégia de marketing para conquistar novos leitores e assinantes, ou não, o fato é que a campanha, pelas suas características, ao diferenciar conhecimento de informação vem provocando impacto no mercado midiático brasileiro e, como resultado, tem alavancado as vendas do jornal, como comprovam dados recentes de circulação (de acordo com o IVC, a circulação do *Estadão* aumentou 9,4% no primeiro semestre de 2011, quando teve cerca de 253 mil exemplares publicados).

A aposta na diferenciação entre conhecimento e informação foi introduzida por uma promoção de vendas capitaneada pelo slogan “Qual o valor do conhecimento?”, na qual o *Estadão* anunciava que os novos assinantes poderiam escolher o quanto desejariam pagar pelo serviço. A estratégia da campanha publicitária, divulgada nacionalmente em diversas mídias, inclusive televisão, amplia seus valores para todo o país, independente da conquista de novos leitores. A campanha publicitária está centrada na ideia de que a informação e o conteúdo bem apurados possuem um alto valor, em contraposição à realidade encontrada gratuitamente na internet.

Argumenta e busca persuadir o receptor que informação (gratuita) difere de conhecimento (encontrado somente em meios especializados). A promoção foi encerrada em julho de 2009, mas o slogan “Qual o valor do conhecimento?” permanece no imaginário popular e continua sendo utilizado pelo jornal, como estratégia mercadológica para promover a imagem e a credibilidade do mesmo, bem como a conquista de novos assinantes.

Assim, além de angariar novos leitores-assinantes, a campanha também serviu para lançar um slogan que reflete a ideia subjacente à reforma editorial mais ampla, implantada meses depois. Coincidentemente ou não, o jornal *O Estado de S. Paulo* (OESP), ao contrário de seu concorrente principal, a *Folha*, teve aumento em sua circulação no ano de 2010. De acordo com dados do IVC, o OESP foi o jornal brasileiro cuja circulação teve o maior aumento em 2010, com 23 mil exemplares a mais nas bancas, ampliando sua circulação de 213 para 236 mil, enquanto a *Folha* teve redução de mil exemplares no mesmo período (de 295 para 294 mil).

O Departamento de Marketing e Promoções do jornal continua ativo na esteira do seu slogan, reafirmando valores de qualidade, ao dizer que oferece “o melhor conteúdo do jornalismo on-line”. Após o sucesso de ampliação de vendas do ano anterior, lança em fevereiro de 2011 uma oferta do veículo com forte redução nos preços, por meio do site de compras coletivas Groupon⁶. Na ocasião, a assinatura da versão digital do jornal custava apenas R\$1,99 ao mês, o que representa um desconto de 93% em relação ao valor normal. A Figura 2, exposta a seguir, mostra essa promoção.

⁶ O Groupon (www.groupon.com.br) é um web site de compras coletivas que oferece diversas ofertas e descontos diariamente.

Figura 2: Modelo de oferta de assinatura da versão digital do *Estadão* veiculada no site de compras Groupon



The image shows a Groupon promotional page. At the top left is the Groupon logo. To its right, it says 'Oferta de hoje em Oferta Nacional' with a link 'Outra cidade?'. Below this, the main offer is highlighted in green: 'Oferta de hoje: Estadão Digital por R\$1,99 ao mês! Assine 2 meses, de R\$59,80 por R\$3,9'. A yellow button says 'Veja agora'. Below the button, it states 'Por R\$ 3,98' and 'Desconto 93% Economize R\$ 55,82'. A small text indicates the offer ends on 21/02/2011 at 23:59. There is an image of a person using a laptop with the 'ESTADÃO' logo and '93% de desconto' text. Below the image, there are two sections: 'Destaques' with a list of benefits and 'Recomende esta oferta!' with a reward of R\$ 12 per recommendation and social media sharing options for email, Facebook, and Twitter.

GROUPON Oferta de hoje em Oferta Nacional [Outra cidade?](#)

Oferta de hoje: Estadão Digital por R\$1,99 ao mês! Assine 2 meses, de R\$59,80 por R\$3,9

Veja agora

Por R\$ 3,98

Desconto 93% Economize R\$ 55,82

Esta oferta estará disponível até 21/02/2011 23:59

Destaques

- Assine Estadão Digital por 2 meses, de R\$59,80 por R\$3,98
- **93% de desconto**
- Conecte-se o tempo todo com as últimas notícias e o melhor conteúdo de jornalismo online
- Todas as informações de seu jornal favorito em qualquer hora e qualquer lugar
- Navegue, salve e imprima os conteúdos
- Acesso à réplica da edição do dia e dos últimos 3 anos
- www.estadao.com.br

Recomende esta oferta!
E receba **R\$ 12** por cada recomendação!

✉ [Via e-mail](#) ou no: [f](#) [t](#)

Fonte: E-mail enviado aos usuários do Groupon em 26/02/2011.

Na promoção acima fica patente que o jornal, na guerra por novos leitores, utiliza diferentes recursos mercadológicos para garantir sua sobrevivência em meio ao contexto atual de crise. Importante lembrar, aqui, o período, não muito distante, em que a venda de assinatura de vários jornais de referência, os denominados *prestige papers*, estava associada a diferentes brindes. Comprava-se algo, qualquer coisa e, de quebra, gratuitamente o cidadão recebia o jornal. Se esta estratégia, por um tempo, garantiu a manutenção ou ampliação de venda dos jornais, por outro, foi a fase de maior desprestígio do veículo em sua principal função: vender notícias, informação, conhecimento.

A reforma gráfica e editorial do Estadão iniciou-se, oficialmente, no domingo, 14 de março de 2010, com a exposição do jornal em novo design e com novas tipografias, além de inovações de conteúdo. Nesse dia, foi criada uma capa promocional para o jornal, composta por quatro páginas (capa e contracapa, frente e verso) que envolviam a edição, indicando a chegada do novo projeto gráfico do jornal, que, repaginado, apresentava algumas mudanças de layout. Veja na Figura 3 a capa que chamava a atenção do leitor para as mudanças introduzidas no jornal.

Figura 3: Sobrecapa promocional do *Estadão* apresenta seu novo projeto gráfico



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 14/03/2010.

Em destaque nas páginas da capa promocional, que embalava a capa normal do veículo, temos um novo slogan que representa a motivação por trás da reforma gráfica: **“Informação envelhece, conhecimento renova”**. Mais uma vez, o jornal aposta em um slogan que evidencia a diferença que o veículo enfatiza, o tempo todo, entre informação e conhecimento. As figuras que acompanham esse slogan (o jornal, o computador e o celular) indicam que a tecnologia foi incorporada, sendo mais um meio para a transmissão de conhecimento.

Figura 4: Publicação do novo slogan do *Estado de S. Paulo*



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, contracapa promocional da edição de 14/03/2010.

Na edição que estreou a reforma gráfica, foi publicado um caderno especial de oito páginas detalhando as mudanças e explicando os caminhos tomados e os motivos que nortearam as alterações. Nesse, uma das matérias nos dá o indicativo de que as inovações foram feitas devido ao momento vivido pelo jornalismo impresso atualmente. Com o título de “Momento de apostar”, a matéria traz a seguinte linha fina: “Era digital. Com a explosão da internet, cada ambiente de informação passou a ter seu atrativo: se na web o usuário navega e busca exatamente o que quer, aos jornais cabe selecionar, analisar, oferecer o inesperado e pautar os grandes assuntos de um país” (OESP, 14 mar, 2010, p. H2).

Figura 5: Título e linha fina de matéria publicada na página H2 de 14/3/2010

Momento de apostar

Era digital. Com a explosão da internet, cada ambiente de informação passou a ter seu atrativo: se na web o usuário navega e busca exatamente o que quer, aos jornais cabe selecionar, analisar, oferecer o inesperado e pautar os grandes assuntos de um país

Fo

nte: *O Estado de S. Paulo*, 14/03/2010, p. H2.

Temos, aqui, mais uma vez exposta a noção de que conhecimento difere de informação, e pode ser encontrado no jornalismo impresso do Estadão, que se propõe a “ampliar, questionar, atualizar seu conhecimento”. O texto evidencia a visão otimista do veículo que aposta na permanência do jornal impresso como fonte de informação aprofundada, contextualizada e que gera conhecimento. Deixa claro, portanto, que se o produto jornal for mais analítico e sofisticado, viverá por muitos anos, em convergência com os meios digitais, rejeitando, assim, sua morte anunciada.

Cabe lembrar que, segundo Eduardo Meditsch (1998), Jornalismo é conhecimento. Meditsch destaca, como um dos pressupostos da noção de Jornalismo como conhecimento, o fato, advertido por Paulo Freire, de que o saber não pode ser transmitido. Assim, quando uma informação é comunicada com sucesso de uma pessoa para outra, isso significa que ela não foi simplesmente transferida, como seria “de um disquete para um computador”, mas também reconhecida pela pessoa que a recebeu. Portanto, o “cérebro humano não é um recipiente onde se possa depositar conhecimentos: a aprendizagem implica numa operação cognitiva, onde quem aprende tem um papel tão ativo quanto quem ensina” (Meditsch, 1998, pp. 29-30).

Desta forma, tanto quem ensina quanto quem aprende não se limitam a reproduzir saberes que existiam anteriormente, mas recriam este conhecimento em seus atos de aprender e ensinar. Logo, o saber não se transmite, mas se produz na mente de quem ensina e de quem aprende, e isso é válido para o Jornalismo de forma ampla, não apenas para o modelo de jornal impresso mais reflexivo proposto pelo *Estadão*. Entretanto, podemos entender que a aposta do *Estado* consistiu em diferenciar o jornal de seus concorrentes diretos, além de fornecer informações de maneira mais complexa, que exigem maior habilidade cognitiva para sua compreensão. Considerando-se que todo Jornalismo é conhecimento, no sentido de que produz saberes, podemos, então, falar em diferentes níveis de conhecimento operando dentro do Jornalismo.

Embora bem detalhadas no caderno especial publicado no lançamento da reforma, as minúcias da reforma editorial e gráfica foram publicamente expostas pela primeira vez pelo jornal em 7 de março de 2010. Ou seja, exatamente uma semana antes do jornal ir às bancas e para seus assinantes repaginado. Nessa ocasião, nas páginas de *O Estado de S. Paulo* foram anunciadas as mudanças pelas quais o jornal passaria a partir da semana seguinte. Além do novo projeto gráfico e da ampliação de seu portal na internet, o Estadão anunciou o lançamento de novos cadernos.

As alterações na área cultural foram divulgadas com destaque na matéria “‘Estado’ renova projeto gráfico, lança cadernos e amplia portal”, publicada no caderno *Vida&* (página A26) do referido dia. Nessa matéria/notícia, que não tem identificado o nome do jornalista-autor, informa-se que será criado o caderno *Sabático*. Mais ainda, “a ‘família’ *Caderno 2* vai crescer, com o *C2 + música*, aos sábados, e o *Caderno 2 Domingo*”. Os

demais cadernos novos não são mencionados, e logo abaixo, ocupando ¼ da página, há a matéria “No ‘Sabático’ todas as razões para cultivar o tempo da leitura” (verificar Figura 1, na página 19), focada somente nas inovações trazidas pelo novo caderno cultural, destacando-se que esse é voltado para a literatura e para o mercado editorial.

O *Sabático*, segundo as informações publicadas na mesma matéria, tem a função de orientar os leitores e consumidores com “os melhores lançamentos, reportagens, crítica de livros e ranking dos mais vendidos”. O *slogan* ou subtítulo do caderno é “um tempo para a leitura”. No entanto, como explica o editor, Rinaldo Gama, o foco do *Sabático* não será só a literatura, mas livros de maneira mais ampla. Logo, se destaca outra característica do veículo: a de mostrar ilustrações e fotografias, contando com a participação de artistas plásticos convidados e fotógrafos de renome, como forma de acompanhar uma tendência do mercado editorial com mais infográficos. A diagramação do caderno é descrita como “arrojada”, incluindo “tipografias e cores selecionadas especialmente”, e suas páginas são decoradas com “pequenas notas, ilustrações e frases recortadas do universo cultural”.

Como o nome sugere, o *Sabático* circula aos sábados e tem periodicidade semanal, sendo que sua primeira edição saiu em 13 de março de 2010. Além das funções citadas, o caderno se propõe a fornecer um espaço para a divulgação de poesia e haikai, e também de trechos de obras em prosa inéditas. Nesse ponto, o novo caderno, ainda segundo a própria matéria, se assemelha ao antigo caderno cultural do *Estado*, o *Suplemento Literário*, que também publicava trechos de originais e poesias inéditas. O tempo todo o *Sabático* se remete ao antigo *Suplemento Literário*.

A reportagem que apresenta o *Sabático* traz ainda um box vertical na lateral direita da página, que deixa isto muito evidente com o título “Caderno resgatará suplemento que marcou época”. Nesse, explica-se que a criação do novo caderno cultural “serviu de estímulo para resgatar um pouco do insuperável *Suplemento Literário*”, que circulou no jornal entre 1956 e 1974. O *Suplemento Literário*, que foi idealizado por Antonio Candido, é considerado um marco na história do jornalismo cultural brasileiro, além de ter contado com colaboradores que se tornaram grandes referências em suas respectivas áreas, como Paulo Emílio Salles Gomes (crítico de cinema), Décio de Almeida Prado (primeiro editor e crítico de teatro) e o próprio Antonio Candido (crítico literário), entre muitos outros. Assim, há no *Sabático* a seção “No Suplemento Literário”, que publica trechos de artigos e

resenhas literárias originalmente publicados no famigerado caderno cultural que o inspirou. Além da publicação de trechos, indica-se um endereço da internet em que o leitor tem acesso ao texto original (integral) no *Sabático* digital.

Temos, logo, o seguinte cenário: o jornal *O Estado de S. Paulo*, em meio à crise do jornalismo impresso (originada por tecnologias que permitem a divulgação de notícias de maneira mais veloz), é gráfica e editorialmente renovado, numa tentativa de adaptação à realidade contemporânea, e visando sua sobrevivência. O *Sabático* é um produto especial dessa renovação, e exemplifica bem a ideia de sofisticação e conhecimento erudito que norteou a campanha e a reforma do jornal e também personifica o que, acredita-se, é o diferencial do jornalismo impresso.

Soma-se a isso o fato de o *Sabático* ser inspirado no *Suplemento Literário*, o que, de imediato, amplia seu prestígio enquanto veículo cultural. Tal cenário demonstra uma aposta feita na literatura, na cultura e no conhecimento como itens de valor desejáveis e não alcançáveis com facilidade. Embora esse fenômeno, de modo geral, não esteja sendo adotado em outros jornais que, ao contrário, tentam se aproximar do estilo rápido das notícias divulgadas em ambiente digital, o *Estadão* aposta que a especificidade do jornalismo impresso se baseará no fornecimento de informações mais densas. Esta pesquisa visa exatamente compreender se o jornal observou a existência de um nicho editorial que anseia a literatura, a cultura e o conhecimento, consumindo tais bens e, assim, ampliando as vendas do jornal; ou se optou por focar-se na erudição como forma de melhorar sua imagem perante a sociedade de modo mais amplo.

f) Hipótese

A hipótese central desta pesquisa é que a reformulação editorial e gráfica do jornal *O Estado de S. Paulo*, com a criação do *Sabático*, em 13 de março de 2010, é uma estratégia de marketing para a sobrevivência e prestígio do veículo e não a valorização do conhecimento e da literatura para a cultura nacional. A campanha publicitária do jornal, com slogans que remetem às noções de “valor do conhecimento”; “a informação envelhece e o conhecimento renova” e “cultivar o tempo para a leitura” reflete esta perspectiva, que

ancora sua tática na tradição de um jornalismo de maior profundidade, em tempos de modernidade líquida.

g) *Corpus*

Como é sabido, o *Sabático* é um caderno de periodicidade semanal do jornal *O Estado de S. Paulo*, publicado aos sábados. O *corpus* desta pesquisa é constituído do primeiro ano de edição do Suplemento, ou seja, de 13 de março a 18 de dezembro de 2010. São duas as etapas de análise do *corpus*. Em primeiro lugar, descrevo as capas e os conteúdos internos de dez edições selecionadas com base no ano construído nos diferentes meses (primeira, segunda, terceira e quarta semana, respectivamente). Em seguida, analiso, em maior profundidade, cinco edições como exemplificado abaixo, considerando um novo recorte do ano construído.

Como o Suplemento começou a circular em março, a amostra descritiva inicial do *corpus* representa cada mês de publicação. As edições foram selecionadas de acordo com a sequência das semanas nos meses de circulação do Suplemento, contada a partir da primeira edição do mesmo. Assim sendo, fazem parte da primeira etapa da análise as edições de:

- 13 de março de 2010 (2ª semana de março – 1ª edição do *Sabático*);
- 17 de abril de 2010 (3ª semana de abril);
- 22 de maio de 2010 (4ª semana de maio);
- 05 de junho de 2010 (1ª semana de junho);
- 10 de julho de 2010 (2ª semana de julho);
- 21 de agosto de 2010 (3ª semana de agosto);
- 25 de setembro de 2010 (4ª semana de setembro);
- 02 de outubro de 2010 (1ª semana de outubro);
- 13 de novembro de 2010 (2ª semana de novembro);
- 18 de dezembro de 2010 (3ª semana de dezembro).

A análise de conteúdo, mais detalhada, de acordo com as variáveis descritas a seguir, é feita (no **Capítulo IV: *Sabático: renovação de um modelo consagrado?***) em

cinco edições presentes no *corpus* completo, selecionadas obedecendo a intervalos de dois meses a partir do primeiro número. Analisei, portanto, nesta etapa, o conteúdo das seguintes edições:

- 13 de março de 2010 (2ª semana de março – 1ª edição do *Sabático*);
- 22 de maio de 2010 (4ª semana de maio);
- 10 de julho de 2010 (2ª semana de julho);
- 25 de setembro de 2010 (4ª semana de setembro);
- 13 de novembro de 2010 (2ª semana de novembro).

h) Metodologia

Este trabalho está ancorado nos Estudos Culturais de Stuart Hall (2004, 2007). Trata-se de uma pesquisa datada, que reflete o cenário da mídia impressa brasileira contemporaneamente. Para Hall (2004, 2007), o sujeito é afetado pela cultura e, ao mesmo tempo, é produtor de cultura. Hall também indica que *cultura* significa “o terreno real, sólido, das práticas, representações, línguas e costumes de qualquer sociedade histórica específica” (*apud* Nelson, Treichler e Grossberg, 2009, p. 15) e também “as formas contraditórias de ‘senso comum’ que se enraizaram na vida popular e ajudaram a moldá-la” (*idem*). O *Sabático* é enxergado, logo, como um artefato cultural capaz de afetar hábitos dos sujeitos, bem como de enraizar ideologias e sentidos comuns, moldando a vida popular.

Os Estudos Culturais são tipicamente interpretativos e avaliativos em suas metodologias, porém rejeitam de imediato a noção de que cultura seja exclusivamente alta cultura, argumentando que todas as formas de produção cultural devem ser estudadas em relação a outras práticas culturais e às estruturas sociais e históricas. Sendo assim, estão comprometidos com o estudo de todas as artes, todas as manifestações e todas as práticas comunicativas de uma sociedade (Nelson, Treichler e Grossberg, 2009, p. 13). Devido à grande abrangência dos Estudos Culturais, nenhuma metodologia pode ser privilegiada ou empregada com total segurança, ao mesmo tempo em que nenhuma pode ser descartada antecipadamente.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico, com a leitura de autores que já estudaram suplementos literários e culturais ou mesmo o Jornalismo ou o Jornalismo

Cultural de maneira mais ampla, como Gadini (2009); Piza (2009); Lorenzotti (2007); Marques de Melo (2006) e Travancas (2001). Em seguida, foi realizada a análise documental (de artigos, entrevistas, pesquisas, teses e dissertações existentes em meios impressos e on-line) e o levantamento das edições do *Sabático* previstas no *corpus* selecionado (identificado acima). Durante a análise documental, entrei em contato com a dissertação de mestrado de Renata Carvalho da Costa (2009), que traz uma série de entrevistas com editores de livros, que foram aproveitadas nesta pesquisa. Também visitei o Arquivo Público do Estado de São Paulo, onde obtive cópias de edições do *Suplemento Literário*.

O trabalho é de natureza qualitativa, embora em alguns momentos recorra à análise quantitativa para demonstrar o número de autores presentes no Suplemento, assim como os anúncios publicitários. Nessa perspectiva, existe naturalmente a subjetividade do analista, no caso a autora deste trabalho, embora baseada em métodos acadêmicos no percurso adotado. A análise qualitativa permitiu a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção das mensagens divulgadas no *Sabático*. As deduções lógicas qualitativas foram realizadas a partir de características especificadas nos textos do objeto de análise.

Logo, o caminho escolhido para a análise do material selecionado foi o método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2009) com a escolha de categorias analíticas prévias. Para a análise de conteúdo, segundo Fonseca Júnior (2008), os dados são os elementos básicos, cujo contexto não pode ser ignorado, e o pesquisador deve explicitar seus pressupostos acerca da relação entre os dados e o contexto. Também é necessário que o objetivo da análise seja claro; que a inferência seja uma tarefa intelectual básica e que critérios para a validação dos resultados sejam estabelecidos.

Sendo assim, as análises quantitativa e qualitativa são complementares e andam lado a lado. Partindo de hipóteses verificáveis por meio de dados quantificáveis e qualificáveis em um determinado contexto, foi possível procurar as condições de produção das mensagens presentes no objeto analisado. Para Bardin (2009), uma análise de conteúdo passa por cinco etapas: a) organização da análise; b) codificação; c) categorização; d) inferência; e) tratamento informático.

a) Organização da análise

Primeiramente, entrei em contato com os documentos a serem analisados, para conhecer o texto e obter as impressões iniciais. Nesta etapa, realizei a descrição detalhada de todo o *corpus*. Para o levantamento de dados, foram avaliadas todas as edições que compõem o universo inicial da pesquisa (compreendido entre 13 de março e 18 de dezembro de 2010), mapeando as seguintes categorias analíticas centrais:

1. **Temas abordados** (literatura, outros elementos do mundo editorial, outras artes);
2. **Gêneros jornalísticos**⁷ (entrevista, reportagem, notícia, resenha, crônica, artigo, comentário);
3. **Autoria** (jornalista, acadêmico, especialista ou outro profissional);
4. **Procedência** (equipe do Estadão, correspondente, colaborador, agência de notícias, convênio com outros jornais);
5. **Estética** (proposta gráfica inicial e mudanças detectadas)
6. **Publicação na íntegra de textos literários** (em poesia ou prosa);
7. **Tipos de anúncios publicitários e quantidade.**

Esse procedimento permitiu inferências acerca da sofisticação dos temas abordados; do interesse do público alvo, a partir da presunção do editor; de algumas semelhanças e diferenças existentes entre o *Sabático* e o *Suplemento Literário* e das tendências do atual suplemento literário do *Estadão*. Em seguida foi contabilizada a quantidade e o tipo de publicidade em cada edição, a fim de averiguar se o suplemento traz retorno financeiro direto ao jornal (além das vendas e assinaturas), ou apenas prestígio. Um protocolo simples foi utilizado nesta etapa, conforme mostrado a seguir.

⁷ Sabe-se que os gêneros jornalísticos, como todos os textos, são heterogêneos, ou seja, compostos por múltiplas sequências textuais (expositivas, narrativas, argumentativas, injuntivas etc). Porém, as definições de gêneros são consideradas, aqui, de acordo com o trabalho de José Marques de Melo (2003) acerca dos gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.

Edição:	Data:				
Gêneros:	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> reportagem	<input type="checkbox"/> notícia	<input type="checkbox"/> artigo	<input type="checkbox"/> resenha
	<input type="checkbox"/> comentário	<input type="checkbox"/> ensaio	<input type="checkbox"/> coluna	<input type="checkbox"/> outros:	
Autores:	<input type="checkbox"/> jornalista:	<input type="checkbox"/> acadêmico:	<input type="checkbox"/> especialista:	<input type="checkbox"/> escritor:	
Procedência:	<input type="checkbox"/> Estado de S. Paulo	<input type="checkbox"/> correspondente de outra cidade ou país	<input type="checkbox"/> agência de notícias	<input type="checkbox"/> colaborador	
	<input type="checkbox"/> outro jornal				
Temas:	<input type="checkbox"/> literatura	<input type="checkbox"/> outras publicações editoriais	<input type="checkbox"/> outra(s) arte(s)	<input type="checkbox"/> feiras, festas, prêmios ou exposições literárias	
			<input type="checkbox"/> outro(s) tema(s) relacionado(s) a livros, literatura e cultura		
Textos literários:	<input type="checkbox"/> não há	<input type="checkbox"/> prosa	<input type="checkbox"/> poesia	<input type="checkbox"/> outro(s)	
Anúncios publicitários:	Quantidade:	(.) de livro(s):	(.) de outro(s) artefato(s) cultural(is):	(.) outro(s) anunciante(s):	
Estética:	<input type="checkbox"/> capitulares	<input type="checkbox"/> iniciais no fundo de imagens	<input type="checkbox"/> rodapé(s) com poesias, frases etc.		

b) Codificação

Pela importância do destaque dado em cada edição, foram também analisadas as reportagens de capa e as resenhas do *corpus* com o intuito de detectar se as obras tratadas nessas seções são selecionadas de acordo com critérios jornalísticos, ou seja, devido à ocorrência de fatos recentes (ou sob influência direta do mercado editorial), ou sem motivação aparente. Com isso, foi possível verificar se o *Sabático* está resgatando o prazer pela literatura descompromissada, voltada ao prazer intelectual pela qualidade da obra ou se aborda a literatura sob o viés da modernidade, do que é utilitário ou que está em voga no momento. As seções “Capa” e “Resenhas” foram selecionadas para análise mais detalhada, por serem as mais significativas, importantes e tradicionais dos suplementos literários em geral.

Foi verificado o tamanho, em número de caracteres, dos textos apresentados nas seções mencionadas, com o intuito de identificar se o *Sabático* realmente representa “um

tempo para a leitura”, ou se os textos, embora possuam temática intelectual erudita, não são tão longos. As ilustrações, fotografias e trechos ou exemplos de obras (imagens de capas ou outras ilustrações de livros) que ilustram os textos foram identificadas. Isto porque as ilustrações ocupam boa parte do espaço da página, logo, quando existentes, o espaço dedicado à leitura é minimizado. Assim, utilizei como referências de codificação fatores que incorporam os objetivos da pesquisa, conforme indicado na definição abaixo, que explica a etapa de codificação da Análise de Conteúdo (AC).

Um referencial de codificação é um modo sistemático de comparação. Ele é um conjunto de questões (códigos) com o qual o codificador trata os materiais, e do qual o codificador consegue respostas dentro de um conjunto pré-definido de alternativas (valores de codificação). Embora o corpus de texto esteja aberto a uma multidão de possíveis questões, a AC interpreta o texto apenas à luz do referencial de codificação, o que constitui uma seleção teórica que incorpora o objetivo da pesquisa. (BAUER, 2002, p. 199)

A seguir, são apresentados os protocolos de codificação utilizados nesta etapa da análise. O primeiro diz respeito à análise da seção “Capa”:

Edição:		Data:			
Título na capa:			Linha fina na capa:		
Gêneros:	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> reportagem	<input type="checkbox"/> notícia	<input type="checkbox"/> artigo	<input type="checkbox"/> resenha
	<input type="checkbox"/> comentário	<input type="checkbox"/> ensaio	<input type="checkbox"/> outro:		
Página(s)					
Autores:	<input type="checkbox"/> jornalista	<input type="checkbox"/> acadêmico	<input type="checkbox"/> especialista	<input type="checkbox"/> escritor	
Procedência:	<input type="checkbox"/> Estado de S. Paulo	<input type="checkbox"/> correspondente de outra cidade ou país	<input type="checkbox"/> agência de notícias	<input type="checkbox"/> colaborador	
	<input type="checkbox"/> outro jornal				
Motivo da pauta:	<input type="checkbox"/> lançamento ou relançamento de obra	<input type="checkbox"/> aniversário de vida ou morte do autor	<input type="checkbox"/> outro motivo atual:	<input type="checkbox"/> sem relação aparente com a atualidade	
Número de caracteres da seção:					
Ilustrações ou fotos:	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim:	Trechos ou exemplos de obras:	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim:

O segundo protocolo foi utilizado na análise da seção “Resenhas”:

Edição:	Data:				
Número de resenhas na seção:					
Autores:	<input type="checkbox"/> jornalista	<input type="checkbox"/> acadêmico	<input type="checkbox"/> especialista	<input type="checkbox"/> escritor	
Procedência:	<input type="checkbox"/> Estado de S. Paulo	<input type="checkbox"/> correspondente de outra cidade ou país	<input type="checkbox"/> agência de notícias	<input type="checkbox"/> colaborador	
	<input type="checkbox"/> outro jornal				
Motivo da resenha:	<input type="checkbox"/> lançamento ou relançamento de obra	<input type="checkbox"/> aniversário de vida ou morte do autor	<input type="checkbox"/> outro motivo atual:	<input type="checkbox"/> sem relação aparente com a atualidade	
Número de caracteres da seção:					
Ilustrações:	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim:	Trechos ou exemplos de obras:	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim:

c) Categorização

Para Bardin (*apud* Fonseca Jr., 2008, p. 298), “os critérios de categorização podem ser semânticos (categorias temáticas), sintáticos (verbos, adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo seu sentido) e expressivo (categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem, por exemplo)”. Adoto a análise categorial temática para analisar o conteúdo das mensagens constantes em meu *corpus* de matérias de capa e resenhas de acordo com as seguintes categorias: 1) *motivação da pauta*; 2) *número de caracteres*; 3) *presença de ilustrações/imagens*. Com isso, tentei verificar se a retomada do *Suplemento Literário* contribui para o resgate do prazer pela literatura e pelo conhecimento em tempos de modernidade e informação rápida.

d) Inferência

Esta etapa refere-se à leitura que evidencia os sentidos que estão em segundo plano, isto é, aos aspectos implícitos da mensagem analisada. Assim, foi possível desvendar as

condições de produção das mensagens analisadas, ou, como explica Bardin (*apud* Fonseca Jr., 2008, p. 299), “as variáveis psicológicas do indivíduo emissor, variáveis sociológicas e culturais, variáveis relativas à situação da comunicação ou do contexto de produção da mensagem”. As inferências advindas desse processo ou dessas variáveis podem ser agrupadas em duas modalidades: 1) *inferências específicas* – por meio das análises foi possível compreender se a retomada do *Suplemento Literário* contribuiu para o resgate do prazer pela leitura; 2) *inferências gerais* – estabeleci generalizações acerca das tendências do jornalismo cultural praticado pelo *Sabático* e sobre os pontos em que esse se aproxima ou afasta do *Suplemento Literário*.

e) Tratamento informático

O computador é utilizado na análise de conteúdo em três ocasiões: 1) para a realização de análises estatísticas; 2) para auxiliar nos estudos e descobertas; 3) para a realização de análises de conteúdo por computador (por meio da representação de algum aspecto do contexto social dos dados para realizar inferências). Embora esta seja uma das etapas previstas na Análise de Conteúdo, não foi, porém, utilizada nesta pesquisa, já que não se aplica aos objetivos do trabalho.

Outro instrumento: entrevistas semi-estruturadas

Como parte do desenvolvimento do trabalho de campo foi também utilizado o recurso das entrevistas em profundidade semiabertas com o editor, uma repórter outros profissionais que escrevem ou já escreveram no *Sabático*, assim como com uma pesquisadora da área de suplementos literários. As entrevistas foram importantes para melhor compreender o processo de produção do Suplemento, os critérios adotados para a escolha das pautas e assim estabelecer possíveis correlações entre o *Sabático* e a reforma editorial do OESP, que nasceu em 2009 com a campanha “Qual o valor do conhecimento?”.

Foram realizadas entrevistas com:

- Rinaldo Gama – Editor do *Sabático*.
- Raquel Cozer – Ex-repórter do *Sabático*.

- Ronaldo Correia de Brito – Escritor e cronista, teve trechos de sua obra publicados no *Sabático* e também é autor de algumas resenhas publicadas no Suplemento.
- Márcio Seligman-Silva – Professor da Unicamp que já publicou resenhas no *Sabático*.
- Elizabeth Lorenzotti – Jornalista, professora, pesquisadora e escritora, autora da mais importante pesquisa já realizada sobre o *Suplemento Literário*, o livro *Suplemento Literário – Que falta ele faz!*.

Foi utilizada a entrevista individual em profundidade, pois, como afirma Duarte (2008, p. 62), essa técnica qualitativa possibilita explorar um assunto a partir da “busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”. Para Duarte, a técnica permite buscar a “intensidade das respostas, não quantificação ou representações estatísticas”, tornando possível a exploração e aprofundamento de um assunto; a análise; a discussão; a prospecção; a identificação de problemas, padrões e detalhes; a obtenção de juízos de valor e interpretações; a caracterização de um tema e a explicação de alguns fenômenos.

A entrevista em profundidade também pode ser denominada *informal*, já que pode ser realizada em diversas situações. As entrevistas foram realizadas pessoalmente, via e-mail e também por telefone, de acordo com a disponibilidade das fontes. A entrevista informal semiaberta se orienta por um roteiro de perguntas que cobrem os interesses da pesquisa, originadas a partir do problema da pesquisa e apoiadas em hipóteses da mesma. A lista de perguntas pode ser adaptada no decorrer da entrevista.

1. Capítulo I – Comunicação, cultura e consumo

*Negar a fruição da literatura é
mutilar a nossa humanidade.*

Antonio Candido

O *Sabático* é um suplemento literário voltado para a literatura, para os escritores, mas também para o mercado editorial. É um caderno que trata unicamente de livros, não necessariamente de literatura, que segue a lógica jornalística da notícia. Assim, os livros tratados são, majoritariamente, os recém-lançados. Quando não são lançamentos recentes, são obras cuja menção é justificada por algum acontecimento atual, como a celebração do centenário de nascimento de seu autor, por exemplo.

Entretanto, os livros mais comerciais, que figuram nas listas de mais vendidos, não são pautados pelo Suplemento. Temos, assim, um objeto contraditório em sua essência, que trata da alta literatura por meio de ensaios, resenhas e artigos escritos por acadêmicos e outros profissionais qualificados, com temas rebuscados que geralmente não são de fácil acesso ao grande público, mas que, ao mesmo tempo, não se desliga do mercado editorial. Como compreender essa dualidade?

Conforme o jornalista e escritor argentino Julián Gorodischer afirmou no 3º Congresso Internacional de Jornalismo Cultural (realizado entre 17 e 20 de maio de 2011, em São Paulo/SP), “a indústria cultural pauta o jornalismo cultural”. Por outro lado, a jornalista Sylvia Colombo (da *Folha de S. Paulo*), no mesmo Congresso, explica que a internet mudou a forma de produção do jornalismo cultural no Brasil, ajudando a minimizar a presença da indústria cultural no jornal. Isso porque os artefatos da indústria cultural já estão amplamente divulgados na rede, e cabe ao jornal impresso gerar conteúdos próprios. Além disso, segundo Colombo, não é mais necessário esperar a chegada de um livro ou filme ao país para abordá-lo no jornal, já que as pessoas se informam sobre as estreias antecipadamente pela web. Mas, ainda assim, alguns lançamentos devem ser obrigatoriamente comentados, como atestam relatos de editores de suplementos culturais brasileiros. Temos, assim, exposta outra contradição inerente ao jornalismo cultural de maneira ampla: ao mesmo tempo em que não é necessário esperar a chegada de um produto

ao país para comentá-lo, e existe a busca constante por conteúdos exclusivos, também não é possível deixar de lado certos lançamentos.

Sendo assim, vejo que o Suplemento ocupa uma posição privilegiada para a investigação do papel da imprensa enquanto mediadora entre o mundo da alta cultura e a sociedade em geral. Mas será que essa mediação representa “um tempo para a leitura”, um tempo para o deleite de narrativas literárias, de poesias, enfim, o despertar do prazer pela atividade de ler? No caso, é notável que tal mediação, como não poderia deixar de ser, se dá nos termos da indústria cultural e serve a interesses do mercado de livros, não necessariamente estimulando a criação de novos leitores com literatura considerada de qualidade. Os tópicos a seguir recuperam algumas das reflexões teóricas acerca da indústria cultural; do papel exercido pelo jornalismo cultural e da conjuntura brasileira perante tal realidade.

1.1. Indústria cultural

Em meados dos anos 1940, os filósofos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, estudiosos dos meios de comunicação e da cultura filiados ao Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, criaram o conceito de indústria cultural. A chamada Escola de Frankfurt, que também tinha Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Leo Lowenthal, Erich Fromm e (periféricamente) Siegfried Kracauer como membros, transformou-se em um centro estratégico de reflexão cultural e iniciou os estudos críticos sobre a comunicação de massa (Stam, 2006, p. 87).

Segundo Stam, a preocupação central de Adorno e Horkheimer “era com a questão da legitimação ideológica: como age o sistema para integrar os indivíduos aos seus programas e valores e qual o papel cumprido pela mídia nesse processo?” (2006, p. 88). Embora muito tenha mudado desde então, em função da multiplicação dos meios de comunicação, da ampliação do acesso à educação, da difusão da Internet etc, muitas pesquisas ainda são desenvolvidas no âmbito das Ciências Humanas e das Ciências Sociais da Comunicação acerca do papel da mídia enquanto instância de legitimação ideológica. A conceituação da cultura como mercadoria também ainda é amplamente divulgada e observada analiticamente nos dias de hoje.

Em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1947) cunham o termo “indústria cultural” ao tratarem do problema da cultura de massa. Afirmam que a cultura contemporânea “confere a tudo um ar de semelhança”, ilustrada pela disseminação de bens padronizados que visam satisfazer necessidades iguais. Mais tarde, em conferências radiofônicas proferidas em 1962, na Alemanha, Adorno explica que a opção por substituir a noção de cultura de massa por indústria cultural veio da necessidade de “excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; estes pretendem, com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea da arte popular” (Adorno, 1977, p. 287).

Dessa forma, fica patente a urgência de se ressaltar que a indústria cultural não é um fenômeno espontâneo, mas fruto do poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. O termo “indústria cultural”, assim, se refere à mercantilização das formas culturais, que ocorreu após o surgimento das indústrias de entretenimento na Europa e nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX, com o intuito de disseminar ideologias que favorecessem a manutenção da estrutura social vigente.

Adorno e Horkheimer argumentam que a padronização e racionalização das formas culturais, originadas com o desenvolvimento de empresas capitalistas especializadas na indústria de entretenimento, atrofiaram a capacidade dos indivíduos de pensar e agir criticamente. Assim, após analisar filmes, o rádio, a televisão, a música popular, os jornais, enfim, a produção cultural de massa, Adorno explica que essa “se transforma em engodo das massas, isto é, em meio de tolher a sua consciência. Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente” (Adorno, 1977, p. 295).

Com relação à indústria cinematográfica, Adorno e Horkheimer vão além ao afirmarem que a produção veloz de fatos diante dos olhos do espectador ocasiona a paralisação da imaginação e da espontaneidade do mesmo. Para eles, a indústria cultural, por meio dos meios de comunicação, ilude as pessoas, fazendo com que pensem, por exemplo, que o que veem em filmes é um prolongamento da vida real.

O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir

rigorosamente o mundo da percepção cotidiana, tornou-se a norma da produção. Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme. (...) Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica (...) e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. (...) [Os filmes] São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, pp. 104-105)

Vemos exposta, pois, a ideia de que os sujeitos são modelados de acordo com critérios disseminados pela indústria cultural, ou, no caso do trecho, pelo cinema. Adorno e Horkheimer criticam também o modo de vida liberal, segundo o qual o homem basta a si mesmo como indivíduo, o que, para eles, é demonstração de forte individualismo e caráter absolutista. A produção cultural capitalista, regida por ideais liberais, conduz a massa ideologicamente, ao fazê-la crer no mito de que o sucesso pode ser alcançado por qualquer pessoa de maneira igualitária.

A questão da ideologia volta a ser exemplificada na diferenciação entre a arte “séria” e a arte “leve”, ou entre a cultura de massa e a cultura erudita. Para Adorno e Horkheimer, o entretenimento (arte leve) e os elementos da indústria cultural já existiam há muito tempo. O que ocorreu foi que a indústria cultural transferiu a arte séria para a esfera do consumo, despiu a diversão de suas “ingenuidades inoportunas” e aperfeiçoou o feitio das mercadorias. Ou seja, uniu forçosamente a arte séria ao entretenimento, criando uma banalização que serve aos interesses ideológicos do sistema. Assim, a indústria cultural utiliza seus recursos técnicos para envolver o consumidor, levando a ele uma arte mais acessível, porém com conteúdo vazio e repetitivo. Por sua vez, a arte leve se caracteriza por ter sofrido, no sistema capitalista, perda de autenticidade. Por outro lado, a arte séria nunca foi realmente acessível aos excluídos.

A arte “leve” como tal, a diversão, não é uma forma decadente. Quem a lastima como traição do ideal da expressão pura está alimentando ilusões sobre a sociedade. A pureza da arte burguesa (...) foi obtida desde o início ao preço da exclusão das classes inferiores, mas é à causa destas classes (...) que a arte se mantém fiel exatamente pela liberdade dos fins da falsa universalidade. A arte séria recusou-se

àquele para quem as necessidades e a pressão da vida fizeram da seriedade um escárnio e que têm todos os motivos para ficarem contentes quando podem usar como simples passatempo o tempo que não passam junto às máquinas. A arte leve acompanhou a arte autônoma como uma sombra. Ela é a má consciência social da arte séria. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, pp. 111-112)

Para Adorno e Horkheimer, a pior maneira de conciliar a antítese entre a arte séria e a arte leve é absorver a arte séria na arte leve ou vice-versa. No entanto, ainda segundo os filósofos, é precisamente isso o que faz a indústria cultural, ao transformar arte em diversão: “Todavia, a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 112).

O cinema, por exemplo, procura satisfazer as necessidades de quem quer sair do ambiente de trabalho, marcado pelo condicionamento mecanizado. Porém, a indústria cinematográfica, por meio de ideologias disfarçadas de diversão, envolve o indivíduo em um processo mecânico que reproduz suas condições de trabalho. Adorno mostra, assim, que o homem, ao buscar o prazer durante o ócio, não o encontra, pois acaba sendo alvejado por produtos culturais feitos a partir de técnicas e operações padronizadas e mecânicas, que impedem que ele tenha um pensamento próprio e se assemelham à realidade encontrada no ambiente de trabalho.

A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho. O pretensível conteúdo não passa de uma fachada desbotada; o que fica gravado é a sequência automatizada de operações padronizadas. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 113)

Adorno e Horkheimer ressaltam que se divertir significa esquecer o sofrimento. Nesse contexto, as pessoas tornam-se tão facilmente persuadidas, que não pensam em mudança, o que é constantemente reforçado pela ideologia controladora exercida pela indústria cultural sobre a massa. Os meios de comunicação servem, assim, ao sistema, já que são utilizados de modo a forçar as pessoas a ser o que não são, por meio da divulgação de valores que servem aos interesses das elites.

No que diz respeito às relações entre cultura e publicidade, Adorno e Horkheimer destacam que a cultura é marcadamente retratada por valores econômicos sustentados pela publicidade, que é o seu “elixir da vida”. Além disso, a publicidade limita o âmbito da produção cultural, uma vez que a cultura deve estar associada à publicidade, que tem custos altos.

Os custos de publicidade, que acabam por retornar aos bolsos das corporações, poupam as dificuldades de eliminar pela concorrência os intrusos indesejáveis. Esses custos garantem que os detentores do poder de decisão ficarão entre si; aliás, como ocorre nas resoluções dos conselhos econômicos que controlam, no Estado totalitário, a criação e a gestão das empresas. A publicidade é hoje um princípio negativo, um dispositivo de bloqueio: tudo aqui que não traga seu sinete é economicamente suspeito. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 134)

Acerca da publicidade, Adorno explica, ainda, que os anúncios criam outras realidades, com base em relações concretas de vida dos atores sociais. Produzem, assim, um mundo idealizado. Dessa forma, a publicidade age como um espelho que reflete aspectos da sociedade em que está inserida, alimentando as ilusões da ideologia, influenciando e aumentando o consumo, transformando hábitos, educando e atingindo a sociedade como um todo.

Portanto, é possível constatar que na indústria cultural tudo se transforma em artigo de consumo, e todas as manifestações culturais (a literatura, a música, o cinema, o rádio etc) podem ser comercializadas como mercadorias. Adorno e Horkheimer ressaltam que o problema da indústria cultural não são os meios de comunicação, mas sim o uso que é feito deles pela classe dominante, com o intuito de disseminar ideias que visam controlar a população e garantir a manutenção do meio de produção capitalista.

Observa-se, pois, na década de 1940, uma visão extremamente crítica do papel ocupado pela indústria cultural nas sociedades capitalistas. Para tais pensadores, a indústria cultural objetiva ao lucro e ocasionou uma perigosa padronização dos itens culturais de consumo, tendo o entretenimento e a diversão como os objetivos centrais de sua ação. É preciso, porém, contextualizar a visão dos dois pensadores da indústria cultural no momento atual, pouco mais de meio século da publicação da obra clássica de Adorno e Horkheimer. Afinal, os meios de comunicação de massa não são mais as únicas formas de informação da sociedade em geral. Com o advento da comunicação por satélite, o

surgimento da Internet e o acesso maior à educação, não se pode mais falar no consumidor passivo. Pesquisas sobre recepção têm apontado mudanças importantes nos consumidores, face não só às múltiplas fontes de informação, como também às influências dos diferentes grupos sociais nos quais se inserem. Por outro lado, não se pode, também, subestimar o papel da indústria cultural na formação das mentalidades.

Muitas pesquisas focadas em produções veiculadas pelos diversos meios de comunicação, obrigatoriamente, dedicam apontamentos sobre a indústria cultural, como é o caso desta. Tal teorização é relevante, pois contextualiza o objeto de estudo em questão, que está datado, localizado em determinado contexto histórico, cultural e político, sendo, portanto, influenciado pelo mercado e pela diversidade dos meios de comunicação.

Como o *Sabático* é um suplemento literário veiculado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, não deixa de ser um artefato da indústria cultural, que serve a interesses comerciais, não apenas da empresa jornalística em questão, como também de editoras nacionais e internacionais. Ao mesmo tempo, porém, possibilita o acesso a bens culturais à sociedade como um todo. A presença da indústria cultural é mais notadamente visível em nosso objeto nas seções “Babel”, “Mais vendidos” e “Estante”, que trazem, respectivamente, notícias sobre o mundo editorial, os dez livros mais vendidos de ficção e não ficção e a indicação de alguns livros recentemente lançados. Tratam, portanto, de livros enquanto bens de consumo. São seções de serviços, mas que não estão dissociadas do mercado editorial, o que por si só não pode ser considerado negativo. A obrigatoriedade de análise de lançamentos, em lugar de um equilíbrio entre esses e obras clássicas e consagradas pela literatura é que pode ser objeto de crítica

As demais seções também são direcionadas pela ótica da novidade, dos lançamentos, assim como do consumismo, pois nunca tratam de livros ou autores cujas obras não estejam à venda ou que não estejam em evidência devido a ocorrências recentes, que, por si só, já causam aumento nas vendas de artefatos culturais diversos. A coluna “Prosa de Sábado”, por exemplo, que, independentemente do autor que a assina, traz textos sobre assuntos variados relacionados ao mundo da cultura e recheados de menções a artefatos culturais, sempre indica entre parênteses a editora que publica os livros citados, bem como o ano de publicação de tais obras, estabelecendo, assim, uma relação direta com

o mercado. Entretanto, mais uma vez, este serviço é desejável para orientar o leitor em sua escolha e eventual compra desses produtos.

Além disso, o Suplemento é sempre diagramado de modo a expor no cabeçalho, nas laterais da página, ou simplesmente no topo das seções, informações técnicas sobre os livros ali mencionados, seja em “Resenhas” ou nas demais seções, publicadas em forma de entrevista, ensaio, matéria ou outra. No caso, todos os dados de que o consumidor necessita para adquirir a obra são expostos (incluindo o preço e a imagem da capa). Logo, podemos nos indagar sobre como seria feito o processo de seleção dos livros destacados: as editoras compram esse espaço no jornal? Segundo Rinaldo Gama, editor do *Sabático*, **não**. Porém, ele assume que as editoras enviam ao jornal sua Agenda, indicando as datas de lançamentos, e que as informações presentes ali são importantes e levadas em conta na elaboração do caderno.

É assim, você não pode desprezar o lançamento, aquilo que é novo, que está chegando no mercado agora. Não pode, porque aquilo é a notícia, vamos chamar assim, jornalisticamente aquilo é a notícia. Não dá para fechar os olhos para a notícia, num jornal, pelo menos. (...) Não deixo de dar livros importantes até como capa, de autores importantes, porque está saindo naquela semana. O que eu não faço é me pautar por essa Agenda, ela é muito importante na minha programação, mas ela não é a única coisa que conta na minha programação, na pauta do caderno. Ela é importante porque eu vivo numa sociedade capitalista, numa cidade deste tamanho, e parto do pressuposto de que no sábado o sujeito vai ler o meu caderno e à tarde vai à livraria. Se ele passar na livraria e vir um livro importante que o meu caderno não comentou, ele vai se perguntar: “engraçado, não tinha isso no *Sabático*, por que será?” (GAMA, 2011, em entrevista)

Mesmo que as editoras não comprem o espaço, que o editor seja responsável pela escolha dos livros, é certo que se beneficiam dele. Há, ainda, os anúncios publicitários que recheiam as páginas do Suplemento, presentes em todas as edições que contemplam nosso *corpus*, exemplo direto de artigos culturais sendo anunciados como mercadorias (com exceção dos anúncios de automóveis presentes nas capas e de um do banco Itaú, todos os demais anunciam livros).

Mas a publicidade gratuita oferecida pelos suplementos ainda é mais valorizada pelas editoras brasileiras, reforçando a ideia de que o jornalismo cultural trabalha a favor do mercado. Segundo Gama (editor do *Sabático*), é muito difícil conseguir anúncios de editoras, justamente porque elas creem que não precisam anunciar, já que os suplementos

irão tratar da obra de qualquer forma. Observamos, assim, que as editoras brasileiras ainda acreditam que enviar a Agenda de lançamentos aos suplementos e aguardar a menção gratuita aos livros é o melhor caminho para a divulgação de seus produtos na imprensa.

O que é curioso no Brasil? As editoras brasileiras não costumam anunciar. Se você olhar um caderno de artes e espetáculos, você vai ver ali anúncios de teatro, vai ver de cinema, até de televisão. Você não vê anúncio de editoras. Por que será? As editoras brasileiras cometem um equívoco. Elas acham que porque os produtos que elas entregam ao mercado, os livros, são objeto de análise, de crítica, de reportagem, ou seja, objeto de atenção dos veículos, que não precisam anunciar. O que não passa pela cabeça deles é o seguinte: se os veículos que fazem reportagens, resenhas, críticas, entrevistas com os autores daqueles livros, não puderem sustentar financeiramente aquele suplemento, um dia aqueles veículos podem tomar a decisão, como muitos já tomaram, de acabar com esse suplemento. E aí você vai ter entrevistas, críticas, reportagens, onde? É um tiro no pé. Se você pegar cadernos e revistas americanas voltadas para livros, elas estão lotadas de anúncios, inclusive de editoras universitárias. Aqui as editoras não anunciam. Elas acham que se já saiu a resenha, vou anunciar para quê? Já saiu a resenha, não preciso. Não pensam que dali a algum tempo, pode não existir aquele espaço para divulgar. E isso é curioso porque é uma característica muito frequente no mercado editorial, mas não em outros segmentos. (GAMA, 2011, em entrevista)

É perceptível, portanto, pela fala do editor, que os anúncios são os grandes responsáveis por garantir a sobrevivência do suplemento de livros. Soma-se a isso o fato de que, conforme mencionado, o *Sabático* também é um produto à venda. Sua circulação aos sábados, ou seja, em dias em que não há trabalho, nos remete à ideia adorniana da busca pelo prazer durante o ócio. Travancas (2001), ao comparar suplementos literários brasileiros e franceses, nos fornece um exemplo elucidativo sobre a questão:

Os suplementos dos jornais franceses saem às quintas-feiras e os dos brasileiros nos fins de semana (...). Isso nos faz pensar no critério para essas determinações de dias e em que medida isso equaciona a discussão tempo e leitura. Quinta-feira é um dia de semana comum, (...) tempo associado ao trabalho e não ao lazer. (...) Esse dia da semana escolhido implica se poder afirmar que, diferentemente dos jornais brasileiros, os franceses inserem estes cadernos na rotina do trabalho e do estudo. [Já os jornais brasileiros] privilegiam uma leitura mais descompromissada com o tempo e a relacionam ao lazer e ao ócio. (TRAVANCAS, 2001, pp. 37-38)

Temos exposta, assim, mais uma característica que nos permite classificar nosso objeto nos termos da indústria cultural. Os temas tratados no *Sabático* não se relacionam diretamente com a rotina de trabalho da maioria dos brasileiros, contrariando o exemplo

dado por Adorno e Horkheimer. Porém, claramente o momento de ócio é entendido como uma forma de preparação para o trabalho, de recuperação da força de trabalho por meio da leitura descompromissada, de entretenimento, mas também de formação cultural. Vemos, então, que a indústria cultural ocupa o momento de lazer do qual dispomos após o período de trabalho. Para o crítico literário e colunista do *Sabático* Silviano Santiago (1993), a literatura e o suplemento são vistos como uma forma de entretenimento inteligente para os fins de semana:

A literatura (contos, poemas, ensaio, crítica) passou a ser esse algo a mais que fortalece semanalmente os jornais, através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando, motivar o leitor apressado dos dias da semana a preencher o lazer do *weekend* de maneira inteligente. O suplemento tem também a sua raiz fincada no emprego do tempo burguês: a notícia que transmite a ação ocupa o burguês durante os dias de trabalho, enquanto a matéria literária que reclama o tempo da contemplação o envolve durante os dias de lazer. (SANTIAGO, 1993, disponível *on-line*⁸)

Por outro lado, Travancas (*apud* Costa, 2008, p. 68) destaca que no auge da indústria cultural a literatura passou a ter menos espaço na imprensa, ficando praticamente restrita ao âmbito dos suplementos literários. Santiago (1993) nos ajuda a elucidar a questão ao mencionar que “a história da imprensa escrita na sociedade ocidental é a história da sua desliteraturização”. O autor vai além e afirma que “a história dos meios de comunicação de massa é a história da sua desliteraturização”. Sendo assim, exemplifica dizendo que o folhetim literário migrou para o cinema, para a revista em quadrinhos, para o rádio e finalmente, na década de 1960, para a televisão.

Em seguida, apresenta quatro fatores que identifica como responsáveis pela desliteraturização da grande imprensa em fins do século XIX e início do século XX. O primeiro deles é o cosmopolitismo. Segundo Santiago (*op. cit.*), a modernização das regiões não-européias e a colonização das não-ocidentais pelas nações economicamente hegemônicas do mundo ocasionaram o afastamento da literatura da imprensa escrita. Isso porque as notícias internacionais passaram a ocupar lugar nos jornais, recebendo importância idêntica à das notícias municipais, regionais e nacionais. Assim, o jornal passou a ser o lugar privilegiado da realidade, e as “questões abordadas pela literatura no

⁸ Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_01/ale01_ss.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2011.

jornal tornam-se sonhos e quimeras, quando não água com açúcar, diante do impacto de sucessivos e inesperados acontecimentos que precipitam jogos de interesse econômico e conflitos bélicos entre nações” (Santiago, 1993, disponível *on-line*⁹).

O segundo fator que contribuiu para o afastamento da literatura da imprensa, segundo Santiago (1993), foi o aperfeiçoamento dos meios de comunicação entre os homens, que fez com que o jornal se tornasse mais um órgão de informação e menos um órgão opinativo e analítico. Com isso, proliferaram-se as agências de notícias pelo mundo, assim como o número de correspondentes estrangeiros. Para o autor, isso ocasionou o empobrecimento do lugar da literatura e do papel do escritor literário na imprensa, pois os “relatos exóticos proporcionados pelo mistério de regiões e povos desconhecidos escritos e fotografados por repórteres rivalizaram-se com os relatos criados pela imaginação em liberdade dos escritores” (*Ibidem*).

O terceiro fator mencionado por Santiago (1993) diz respeito ao advento de novas formas artísticas proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico. Ele menciona o exemplo do cinema, que pode ser consumido em qualquer comunidade e que se aproveitou do talento de escritores de folhetim que, em busca de sucesso fácil e enriquecimento rápido, optaram por se dedicar a esta arte ao invés da literatura (até mesmo devido à constante minimização do espaço literário no jornal). Por fim, o quarto fator mencionado como responsável pela desliteraturização da imprensa escrita é a popularização do livro. Santiago (*op. cit.*) explica que o livro, desde o século XVIII, foi se tornando cada vez mais uma mercadoria acessível ao bolso do público burguês e, assim, popularizando-se. Desse modo, destaca o autor em relação à década de 90, atualmente “um escritor pode se lançar pelo livro; não precisa passar antes pelo jornal para se fazer conhecido dos editores e do público. Até há bem pouco tempo era impensável que um grupo de intelectuais não encontrasse numa redação de jornal o período inicial da sua metamorfose em geração literária” (Santiago, 1993, disponível *on-line*¹⁰).

Vê-se, assim, que o cenário da década de 90 descrito por Santiago não se alterou muito na contemporaneidade, sendo possível, no máximo, ampliá-lo para que inclua outros

⁹ Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_01/ale01_ss.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2011.

¹⁰ Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_01/ale01_ss.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2011.

artefatos culturais que também contribuem para a desliteraturização dos meios de comunicação.

No entanto, ainda assim, o jornal *O Estado de S. Paulo* optou por apostar em literatura em um período de incertezas para o jornalismo impresso de maneira geral (e não apenas para os textos literários). Porém, conforme demonstrado, tal aposta se deu na esfera da indústria cultural, uma vez que a literatura é claramente exposta como mercadoria. Nesse caso, podemos voltar a nos ater às palavras de Santiago (1993), que procuram solucionar o impasse que a indústria cultural põe à cultura literária:

Se há na América Latina uma opção política e econômica por uma sociedade de mercado (...), se o mecenato estatal e privado se torna menos e menos palpável em virtude da crise financeira às voltas com a dívida externa e a inflação, se a indústria cultural ganha espaço e se afirma de maneira irreversível, se o livro - aos olhos dessa indústria - se torna uma mercadoria artística que deve ser rentável, semelhante a outras mercadorias também rentáveis como o filme, o disco, o vídeo, etc., se a máquina promocional faz equivocadamente da vida do autor parte da publicidade de um livro, se a primeira instância de legitimação de uma obra passa a ser o público, daí a importância ocupada hoje pelas listas dos mais vendidos, se todos esses “ses” traduzem o contexto e o estado atual da questão literária e, é claro, da artística na América Latina, o grande desafio de hoje para nós, escritores e universitários de formação literária, é o da leitura das obras contemporâneas pelo viés da qualidade, leitura empenhada na vida e sobrevivência cotidiana da literatura e das artes. (SANTIAGO, 1993, disponível *on-line*¹¹)

Com base nas reflexões de Santiago e na observação direta de nosso objeto de estudo, observamos que, embora alguns condicionantes, alguns “ses” mencionados pelo autor, não façam mais parte da realidade brasileira (dívida externa e inflação), a indústria cultural realmente se instaurou de maneira irreversível. Nesse contexto, será que o *Sabático* personifica o desafio lançado por Santiago, que visa garantir a sobrevivência da literatura por meio da leitura pelo viés da qualidade? Certamente, o caderno em questão contribui para minimizar a desliteraturização da imprensa brasileira, ainda que atue sob o viés do mercado.

Dessa forma, cabe aqui um esclarecimento sobre a seleção do objeto de estudo desta pesquisa. Ao mesmo tempo em que boa parte dos estudos da Comunicação dedica páginas à análise de aspectos da indústria cultural, em alguns campos de estudo, os artefatos da

¹¹ Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_01/ale01_ss.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2011.

indústria cultural ainda são pouco explorados, justamente devido às fortes críticas que receberam de Adorno e Horkheimer (Travancas, s/d, *on-line*¹²). Assim, concordo com a percepção de Travancas (*op.cit.*), segundo a qual a imprensa e a indústria cultural como um todo fornecem materiais simbólicos que podem ser utilizados como fonte de análise de nossa sociedade e de nosso modo de vida.

No entanto, creio que nos tempos modernos não é possível separar a indústria cultural e os ‘mitos’ que ela cria da própria sociedade que a produz. Há uma reação estreita entre estes dois mundos. Esta indústria é uma fonte rica para análises criativas e contundentes sobre a maneira de viver, pensar e sentir na nossa era. (TRAVANCAS, s/d, disponível *on-line*¹³)

Logo, acreditando que o *Sabático* é uma referência importante para a análise de nossa realidade cultural, recorro às reflexões teóricas de diferentes autores aproximando-as ao contexto de meu objeto, ou seja, ao contexto brasileiro contemporâneo.

Goldenstein (1987 *apud* Gadini, 2009, p. 131), por sua vez, indica as bases que formaram e consolidaram a indústria cultural no Brasil. Segundo ela, a indústria cultural se desenvolveu lentamente no capitalismo e se consolidou junto à fase monopolista deste. Assim, seus artefatos estão submetidos à mesma lógica de produção e distribuição das demais mercadorias produzidas nesta etapa, sendo elaborados no interior de grandes complexos empresariais. Tais empresas são altamente concentradas tecnicamente e centralizadas do ponto de vista do capital.

As mercadorias são produzidas em escala industrial em um esquema que é, muitas vezes, marcado por um alto grau de divisão do trabalho. São, pois, produtos padronizados e distribuídos de acordo com critérios de rentabilidade, visando sempre o lucro. Para Goldenstein (1987 *apud* Lorenzotti, 2007, p. 57), a origem da indústria cultural pode ser entendida como a revolução industrial no que se refere à ideologia. Dessa forma, é possível compreender que ficou muito mais fácil a transmissão das ideologias do sistema após o advento de tal indústria. Lorenzotti (2007) indica que o principal veículo de comunicação

¹² Disponível em:

<http://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&cd=2&ved=0CC8QFjAB&url=http%3A%2F%2Ffojs.c3sl.ufpr.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fcampos%2Farticle%2Fdownload%2F1595%2F1343&ei=R8pTTYTsC4P88AbY4KSyCQ&usq=AFQjCNFKnmZ22qUQRoxKx5bjEdHqbRUxyQ>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2011.

¹³ Idem.

da indústria cultural é, talvez, a televisão, porém, também destaca que os jornais, que já existiam antes dela, seriam seus “enteados”. Gadini (2009, p. 131), por sua vez, lembra que outros autores situaram a formação da indústria cultural no Brasil a partir da comercialização de produtos dirigidos ao consumo.

Acerca da indústria cultural na contemporaneidade, Duarte (2008) esclarece que há diferenças entre a realidade encontrada hoje e a existente há 70 anos, quando Adorno e Horkheimer teceram suas teorizações. O autor explica que a nova mundialização do capitalismo internacional, que teve início a partir da virada dos anos 1980 para os anos 1990, com o fim da União Soviética, fez com que a “aldeia global”¹⁴ concebida por McLuhan se tornasse uma realidade concreta. Assim, Duarte (*op. cit.*) cunha uma nova definição, mais condizente com a realidade contemporânea, e passa a chamar o fenômeno que Adorno e Horkheimer estudaram na década de 1940 de “indústria cultural global”. No entanto, destaca que, ao contrário do que previa McLuhan, a globalização dos meios de comunicação não se deu em termos igualitários, uma vez que, na realidade, representou a “estadunização” da cultura de massas em todo o mundo. A crítica literária Beatriz Resende (2008) também crê que a potência da globalização dos bens simbólicos e da circulação da mídia têm contribuído para a “homogeneização do gosto, das expectativas, do consumo, representada pela americanização que se espalha por onde as redes midiáticas do ‘Império’ se estendem” (p. 19).

Diversos são os exemplos que nos permitem averiguar, em relação à realidade brasileira, que a reflexão de Duarte e Resende é acertada. Não é necessário mencionar os inúmeros exemplos que nos fornecem constantemente o cinema, a televisão, e a música. Assim, irei me focar no caso da literatura e mais especificamente em meu objeto de estudo, o *Sabático*.

1.1.1. Mais vendidos

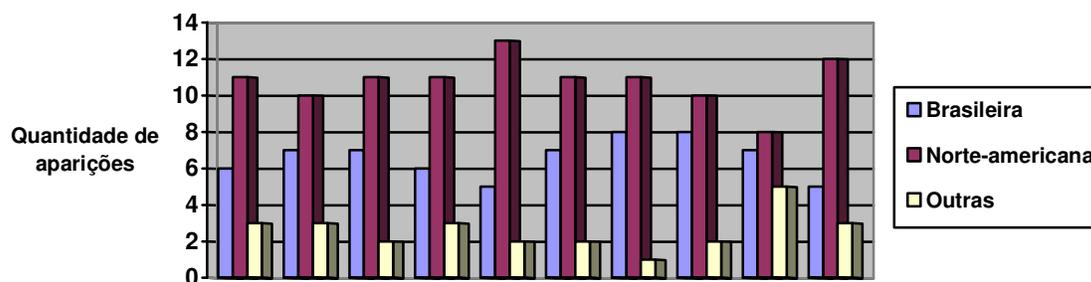
¹⁴ Conceito concebido na década de 1960 por Marshall McLuhan, segundo o qual o desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte contribui para abolir as divisões geográficas entre os países do mundo, já que permite a transmissão de informações de maneira eficaz, relativizando as fronteiras e as distâncias de espaço e tempo.

Conforme mencionado, a seção “Mais vendidos” apresenta semanalmente listas dos livros mais vendidos de ficção e não ficção no país. Tal seção é composta por duas listas de 10 livros cada (10 de ficção e 10 de não ficção), sendo assim, 20 livros são apresentados como os mais vendidos da semana. Nosso *corpus* é composto por 10 edições do *Sabático*, logo, somadas as publicações, temos indicados 200 títulos nas listas de livros mais vendidos de ficção e não ficção no Brasil. Evidentemente, muitos dos títulos indicados aparecem em mais de uma semana, ou até mesmo em todas as semanas.

A análise de tal material, portanto, pode nos indicar quais são os títulos literários mais consumidos durante o ano da pesquisa (2010), revelando um aspecto da indústria cultural no Brasil contemporâneo, a partir das leituras realizadas. Ora, não é de se espantar que tal análise revele, justamente, um exemplo do que Duarte (2008) chama de indústria cultural global, ou a “estadunização” da cultura de massas.

Dos 200 livros apresentados ao longo de 10 semanas de publicação do *Sabático*, 108, ou 54%, foram escritos por autores norte-americanos. Livros de autores brasileiros foram mencionados 66 vezes, ou seja, representam 33% dos livros mais vendidos nas semanas analisadas. Já autores de outras nacionalidades ficaram nas listas de mais vendidos em 26 ocasiões, representando 13% do total de livros mais vendidos no Brasil durante o período de análise. O gráfico a seguir mostra a quantidade de aparições de autores brasileiros, norte-americanos e de outras nacionalidades (que foram: canadense, inglesa, australiana, irlandesa, chinesa, indiana, colombiana e galesa) na seção “Mais vendidos” de cada edição do *corpus*.

Gráfico 1: Nacionalidade de autores mencionados na seção “Mais Vendidos”



Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

Assim, nota-se que a seção “Mais vendidos” evidencia o espaço da literatura no contexto da indústria cultural global. Por outro lado, o próprio *Sabático*, conforme mencionado, também é um artefato cultural e, pois, um produto em tal contexto. Como a venda de livros, o *Sabático*, enquanto produto, também demonstra os efeitos da “estadunização” de nosso país. Observa-se, por exemplo, que as seções “Babel” e “Estante” constantemente indicam o lançamento de títulos norte-americanos, ainda que esses não tenham chegado ao Brasil, ou mesmo sido traduzidos para o português.

Em “Estante”, indicam-se, inclusive, informações sobre como adquirir os títulos importados, para garantir que estejam ao alcance do consumidor. Evidentemente, outras seções do caderno também trataram, em vários momentos, de autores e obras de origem norte-americana. Todos os exemplos indicam que nosso objeto foi moldado a partir da ótica da indústria cultural e, como tal, limita-se a oferecer mercadorias e ser ele próprio uma mercadoria, um entretenimento, seguindo os parâmetros atuais de consumo. A indicação dos títulos mais vendidos jamais vem acompanhada de crítica literária sobre a qualidade das obras em questão.

A jornalista, escritora e pesquisadora de suplementos literários e culturais Elizabeth Lorenzotti explica¹⁵ que todos os suplementos literários servem a interesses comerciais da indústria cultural em geral, não só das editoras. Mas, para ela, a indústria cultural também oferece artefatos considerados bons, de alto nível cultural e intelectual. A dificuldade estaria em discernir: dentre as inúmeras opções oferecidas, como saber selecionar o que é realmente a boa literatura? Para Lorenzotti, o leitor só saberá discernir o que lhe fará bem e o que lhe interessará em meio a montes de *press releases* das assessorias de imprensa se tiver uma boa formação cultural e intelectual. A pesquisadora conta que os livros tratados nos suplementos são selecionados pelo editor.

Às vezes tem muitos lançamentos, que são elencados, existe uma coisa que se chama Agenda (*), daí o editor escolhe [o que vai ser publicado]. É claro que ele tem que escolher. Aí, essa escolha dele não é só pessoal, ele vai levar em conta o peso que isso tem. O peso que isso tem no retorno publicitário e no retorno financeiro, e também dos leitores. Mas assim mesmo, os leitores ficam em terceiro lugar. Eu acho o *Sabático* uma experiência interessante. É um dos melhores suplementos que nós temos. O melhor ainda acho que é o do *Globo*. Mas todos, não é que um ou outro está tendo esse ou aquele interesse, todos estão dependendo do

¹⁵ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por telefone em 19/11/2010.

mesmo esquema, estão dentro do mesmo esquema [da indústria cultural]. (LORENZOTTI, 2010, em entrevista)

Há, assim, a clara noção de que o *Sabático* é produzido seguindo os preceitos da indústria cultural, de acordo com as características que essa assumiu contemporaneamente, ao mesmo tempo em que confere prestígio ao jornal. Na fala da jornalista, fica claro que o “retorno publicitário e financeiro” está sempre à frente do interesse do leitor. Em última instância, o livro, a literatura é vista como mercadoria, consumo, business.

1.2. Cultura e sociedade

O termo “cultura”, que entrou na língua inglesa a partir do latim *colere* (que significa “habitar”, “adorar” e também “cultivar”) no século XVI (Cevasco, 2003, p. 9), ainda hoje apresenta dualidades conceituais. Em *A Ideia de Cultura*, Terry Eagleton (2005) expõe tais dualidades, destacando a presença de concepções muito amplas e rígidas, como quando se diz que tudo o que é produzido pelo homem modificando a natureza é cultura, em conjunto com concepções muito restritas, como quando se afirma que cultura refere-se a um grupo social específico.

Sendo assim, Eagleton (2005) destaca que a palavra cultura aponta para uma dualidade no sujeito, que é agente de mudanças e, ao mesmo tempo, também objeto do que é mudado. Outra dualidade existente na concepção do termo resulta de suas abordagens descritiva e normativa. Logo, cultura denota o que é algo (como em “cultura africana”) e também o que deve ser, a forma apropriada de conduta social, assumindo, assim, o sentido de civilidade. Para sintetizar o desenvolvimento da noção de cultura e destacar os sentidos que tal palavra assume contemporaneamente, Eagleton (*op. cit.*) retoma três definições originalmente destacadas por Raymond Williams (1993):

- Cultura como produção artística – refere-se às artes produzidas pelo homem: literatura, pintura, música, teatro, dança, escultura e cinema;
- Cultura como produção de um grupo (modo de vida característico) – refere-se ao modo de vida característico de um determinado grupo social, como em “cultura nordestina”, “cultura chinesa” etc;
- Cultura como civilidade (qualidade de vida refinada) – refere-se às noções de erudição e refinamento, indicando o que é ser “culto”.

De acordo com Cevasco (2003, p. 24), contemporaneamente o termo assumiu um quarto sentido, o de cultura como uma identidade específica (nacional; étnica; sexual, regional, etc). Outras concepções que um dia já estiveram em vigor foram desaparecendo e dando lugar às atuais durante o desenrolar da própria história da humanidade, deixando claro que as mudanças de significado da palavra vêm acompanhadas de transformações históricas e sociais. Como exemplo disso, Cevasco (*op. cit.*) destaca que o sentido de cultura “designando as artes e, no contexto inglês em especial, a literatura, se inflete com a predominância da crítica sobre a criação, um dos eixos do projeto intelectual dominante na academia inglesa, o Cambridge English” (p. 11).

Como podemos apreender pelas distinções apresentadas, chegar a uma definição única e abrangente de cultura não é tarefa fácil. No entanto, Eagleton (2005) arrisca e conceitua que “a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (p. 54). Em seguida, o mesmo autor reformula, sob outro ponto de vista, sua própria definição, o que nos dá mais um indício do quão complexa é a tarefa de fornecer tal descrição. Ele postula que “a cultura é o conhecimento implícito do mundo pelo qual as pessoas negociam maneiras apropriadas de agir em contextos específicos” (p. 55). Outros autores conceituaram o termo em questão. Bosi (2006), por exemplo, indica que cultura se refere aos “modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social” (p. 319).

Cabe destacar aqui que a cultura tem “uma dimensão política”, conforme pontua Eagleton (2005), já que o desenvolvimento cultural não pode acontecer de maneira isolada em uma pessoa. Isto porque a cultura exige condições sociais ligadas ao Estado para acontecer. No que se refere à apreciação da cultura como produção artística, podemos fazer de nossas as palavras de Elizabeth Lorenzotti, quando essa afirma que para desfrutar a arte, é necessário primeiramente dispor de itens relativos à sobrevivência: comida, educação, saúde, trabalho. Vemos, portanto, que se o Estado não fornece tais itens a toda a população, está negando-lhe também o acesso à produção artística, já que, conforme coloca Lorenzotti, “com o seu estômago vazio você não vai conseguir ler nada, nem entender nada” (Lorenzotti, 2010, em entrevista¹⁶).

¹⁶ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por telefone em 19/11/2010.

1.2.1. A necessidade da arte e da literatura

Para Ernst Fischer (1981), “a arte tem sido, é e será sempre necessária”. O autor vê como surpreendente o fato de que milhões de pessoas leem livros, ouvem música, vão ao teatro e ao cinema. De fato, é um fenômeno surpreendente, cujas motivações devem ser investigadas. Embora os bens culturais sejam consumidos principalmente por meio dos meios de comunicação de massa, nota-se a busca por algo que está além da informação e do entretenimento. Busca-se a humanização do ser, e não apenas o simples acúmulo de informações ou um divertimento rápido. Mas por que a apreciação artística é relevante à vida humana?

Dizer que procuram distração, divertimento, a relaxação, é não resolver o problema. Por que distrai, diverte e relaxa o mergulhar nos problemas e na vida dos outros, o identificar-se com uma pintura ou música, o identificar-se com os tipos de um romance, de uma peça ou de um filme? Por que reagimos em face dessas “irrealidades” como se elas fossem a realidade intensificada? Que estranho, misterioso divertimento é esse? E, se alguém nos responde que almejamos escapar de uma existência insatisfatória para uma existência mais rica através de uma experiência sem riscos, então uma nova pergunta se apresenta: por que nossa própria existência não nos basta? Por que esse desejo de completar a nossa vida incompleta através de outras figuras e outras formas? Por que, da penumbra do auditório, fixamos o nosso olhar admirado em um palco iluminado, onde acontece algo que é fictício e que tão completamente absorve a nossa atenção? (FISCHER, 1981, p. 12)

Fischer (1981) adverte que o desejo do homem de se desenvolver e completar indica que ele só pode atingir a plenitude se se apoderar das experiências alheias que potencialmente poderiam ser dele (p. 13). Sendo assim, a arte é um meio “indispensável para essa união do indivíduo com o todo” e “reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias” (p. 13).

Hannah Arendt (2005, p. 252) crê que o artista é o derradeiro indivíduo que restou na sociedade de massas, o autêntico produtor dos objetos que a civilização deixa atrás de si como a quintessência e o testemunho duradouro do espírito que a animou. Lorenzotti (2007, p. 78) afirma que a obra de arte existe quando transcende o meramente utilitário e funcional, sendo duradoura e almejando a eternidade, como forma de contraposição à

brevidade da vida humana. A partir de tais pontos de vista, posso tecer minha opinião de que a arte é necessária para humanizar o ser humano, desenvolvendo sua percepção acerca da complexidade do mundo e fazendo-o sensível a questões que estão além da indústria cultural.

Em *O Direito à literatura*, Antonio Candido (1995) explora essa discussão, expondo os motivos pelos quais a arte e, mais especificamente, a literatura, constitui-se em um direito inalienável do homem. Para Candido, pensar em direitos humanos tem um pressuposto, o de reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós também é indispensável para o próximo. Mas as pessoas são frequentemente vítimas de “uma curiosa obnubilação”, já que afirmam que o próximo tem direito a certos bens como casa, instrução e saúde, porém, talvez hesitassem em dizer que os pobres têm o direito de ler Dostoievski ou ouvir os quartetos de Beethoven (Candido, 1995, p. 239). São considerados bens incompreensíveis aqueles que não podem ser negados a ninguém. Acerca desses, Candido afirma que

são bens incompreensíveis não apenas os que asseguram sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompreensíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 1995, p. 241)

Para o autor, não há povo e não há homem que possa viver sem literatura (vista como uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos). Ele explica que ninguém é capaz de passar 24 horas do dia sem entrar em contato com alguma espécie de fabulação, sem “alguns momentos de entrega ao universo fabuloso” (1995, p. 242). Tal noção é válida para todas as pessoas, independentemente de serem analfabetas ou eruditas, todas estão sujeitas à “mola da literatura”, à criação ficcional ou poética, que se manifesta “desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance” (1995, p. 242).

Concebida nesse sentido amplo, a literatura “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (1995, p. 242). Assim, Candido explica que não há equilíbrio social sem literatura, ela é um fator indispensável de humanização, que confirma o homem na sua humanidade. O autor explica

que cada sociedade cria suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com suas crenças e normas, a fim de fortalecer em cada pessoa a presença e atuação dessas.

Portanto, os valores da sociedade estão em debate em obras ficcionais, o que Candido vê como uma possibilidade de vivermos dialeticamente nossos problemas. Ele também destaca que a literatura é um objeto construído, e que tal construção possui grande poder humanizador. Isso porque o poeta ou narrador precisa construir um modelo coerente por meio de palavras organizadas. Com isso, Candido crê que o caráter de “coisa organizada” da obra literária seja um fator que nos torna mais capazes de ordenar nossa própria mente, fazendo, também, com que nos tornemos mais capazes de organizar a visão que temos do mundo.

Nas palavras do autor: “o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere” (1995, p. 246). Por *humanização* entende-se o processo que confirma traços essenciais no homem, como “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (p. 249). Como exemplo do caráter humanizador da literatura, Candido menciona um poema abolicionista de Castro Alves¹⁷, que, segundo ele, é eficiente em sua organização formal e na qualidade do sentimento que exprime, mas também é um primor devido à natureza da sua posição política e humanitária.

Assim, Candido revela que a obra literária, além de humanizar o homem por meio de sua complexa organização formal, ou seja, de dar forma aos sentidos, à visão do mundo, também representa um importante meio de denúncia dos males sociais. O que dá à literatura seu caráter de desmascaramento é o fato de que essa expõe situações de restrição ou negação de direitos, retratando a miséria, a servidão e a mutilação espiritual (p. 256). Antes de finalizar, Candido ressalta, ainda, que embora as modalidades populares de arte sejam importantes e nobres (como a canção popular, o provérbio, a literatura de massas etc), é errado impedir que a grande maioria das pessoas, devido à pobreza, tenha acesso às obras eruditas.

¹⁷ Candido faz aqui uma afirmação genérica, não apontando precisamente o título de um dos poemas de Castro Alves.

Ele destaca que mesmo os analfabetos podem participar bem da literatura erudita quando lhes é dada a oportunidade, e narra um acontecimento pessoal de sua infância para exemplificar: aos 12 anos leu *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, a dois funcionários analfabetos, a pedido deles. Candido ressalta que essas pessoas assimilaram bem a obra, com “emoção inteligente”. Diversos outros exemplos do interesse que pessoas pertencentes às classes subalternas possuem por obras canônicas são mencionados, indicando que o poder universal dos grandes clássicos ultrapassa a barreira da estratificação social e pode, de certo modo, redimir as distâncias impostas pela desigualdade econômica.

Para Candido, nossa sociedade iníqua segrega as camadas e impede a difusão dos produtos culturais eruditos, reservando ao povo apenas a cultura popular (que é importante, fundamental, para a formação da identidade dos povos, mas também não se pode abrir mão dos clássicos da cultura erudita). Por outro lado, também é revoltante a noção de que as minorias que podem usufruir das formas requintadas de cultura são sempre capazes de apreciá-las. Conforme explicita Candido, tal ideia não é verdadeira, já que as classes dominantes são frequentemente desprovidas de interesse real pela arte que está ao seu dispor, e muitas vezes a frui por puro esnobismo, porque este ou aquele autor ou pintor está na moda. Portanto, Candido conclui, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por uma sociedade em que todos tenham o mesmo acesso aos diferentes níveis de cultura. “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (1995, p. 263), destaca Candido.

Exemplos visíveis da percepção de Candido com relação à cultura erudita e ao acesso às classes populares podem ser observados na área musical. Dois exemplos similares, ocorridos em cidades diferentes mostram isso. Em Campinas (SP), o ex-maestro da Orquestra Sinfônica da cidade, Benito Juarez, e no Rio de Janeiro (RJ), o maestro da Orquestra Sinfônica Municipal, Isaac Karabtchevsky, não raras vezes levaram os clássicos (Beethoven, Bach, Handel, entre tantos outros) a praças públicas junto com a música popular, para deleite de diferentes grupos sociais que aprenderam a gostar de música clássica após terem acesso a essa modalidade (geralmente restrita a poucas pessoas que tiveram uma educação musical erudita).

Assim como Candido, acredito no direito à arte em geral e à literatura, ou seja, que o acesso à boa literatura deve ser possível a todas as parcelas da população. Mas como caracterizar a boa literatura? O que faz de um texto uma obra literária? Tais questões revelam aspectos sobre a percepção da cultura (enquanto produção artística) em nossa realidade social.

Em “*Ninguém deixará de reconhecer a excelência estética dessas páginas*” – o texto literário e seu valor, 1º capítulo do livro *Cultura letrada. Literatura e leitura*, de Márcia Abreu (2006), a discussão sobre a caracterização e o valor de obras literárias é apresentada. Ao iniciar seu trabalho fazendo a análise literária de um texto, levando em conta elementos próprios de sua narrativa, como personagens, enredo, linguagem e foco narrativo, Abreu demonstra que está tratando de uma obra, aparentemente de ficção, que apresenta todos os aspectos de um texto literário. No entanto, após sua análise, a autora indica que o texto em questão fora originalmente publicado na seção “Minha história” da revista *Cláudia*, se tratando, portanto, do relato de um leitor da revista. Em seguida, um exemplo inverso é fornecido, por meio da reprodução do poema *Madrigal tão engraçadinho*, de Manuel Bandeira, que, se observado fora de contexto, pode ser interpretado como sendo a redação de uma criança.

Teresa você é a coisa mais bonita que eu vi até hoje na minha vida, inclusive o porquinho-da-índia que me deram quando eu tinha seis anos. (BANDEIRA *apud* ABREU, 2006, p. 26)

Porém, o mesmo poema, quando exposto em seu contexto original, fazendo parte do livro *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, é claramente enxergado de outra maneira, ou seja, como sendo uma obra de indubitável caráter literário, para todas as idades. Assim, Abreu expõe sua tese de que o caráter literário de uma obra, ou a sua literariedade, não está apenas no texto, mas também na maneira como ele é lido. “Um ‘mesmo’ texto ganha sentidos distintos de acordo com aquilo que se imagina que ele seja: uma carta ou um conto, um poema ou uma redação” (Abreu, 2006, p. 29), explica.

Além disso, a tarefa de identificar um texto literário envolve a noção de valor, que tem a ver com questões políticas e sociais. Como exemplo disso, Abreu cita que já houve um tempo em que produções femininas não eram bem vistas, pois as mulheres eram

consideradas intelectualmente inferiores. O mesmo ocorreu com os negros. Assim, mulheres e negros são presença rara na literatura até o final do século XIX. Vemos, logo, que por trás da definição de literatura está o ato de seleção e exclusão de obras e autores, que é feito segundo alguns critérios. Para Abreu, tais critérios, na maior parte das vezes, não são linguísticos, textuais ou estéticos, mas têm relações com questões externas à obra escrita, como o prestígio do autor ou da editora que o publica, por exemplo.

Em *Outra Capitu*, Roberto Schwarz (1997) faz a interessante comparação entre duas obras escritas no mesmo período histórico, sendo uma delas representante do cânone literário de Machado de Assis, *Dom Casmurro* (1899); e a outra, *Minha Vida de Menina* (1893-1895), o desprezioso diário de uma menina de Diamantina, Helena Morley. Tal estudo se demonstra bastante produtivo, pois mostra que a alta literatura e a literatura não-canônica podem igualmente mostrar a realidade social, normalmente mascarada por ideologias.

Schwarz evidencia o fato de que a cultura tem o poder de expor as estruturas que regem um determinado período histórico, mostrando o verdadeiro funcionamento da sociedade; e que isso não ocorre apenas com a cultura convencionalmente rotulada como “boa”, mas pode aparecer também em manifestações culturais populares. No caso das obras de Machado de Assis e Helena Morley, que foram formuladas em níveis de erudição muito diferentes, é possível perceber, entre outras coisas, como os problemas sociais do Brasil, como a desigualdade social, tiveram sua origem com os processos de colonização e escravidão. Essa constatação evidencia o equívoco dos críticos literários que veem a literatura como algo sublime, realizável apenas no âmbito da alta elaboração formal, mostrando que a literatura, assim como outras formas culturais, é parte integrante da vida social, e, mais do que isso, depende das formas de sentido presentes na vida social para existir.

Portanto, vemos que para que uma obra seja literária, processo que ocorre antes de essa ser considerada canônica, precisa receber o aval das chamadas “instâncias de legitimação”. Algumas de tais instâncias são: a escola, a universidade, as revistas especializadas e os suplementos literários e culturais dos grandes jornais. Nesse ponto, podemos fazer uma ligação direta com nosso objeto de estudo, o *Sabático*. Ao resenhar ou simplesmente apresentar livros recém lançados, como é o caso da seção “Estante”, o

suplemento está indicando a seus leitores quais obras podem ser consideradas literárias (ou importantes, no caso de livros de não-ficção). Ainda que ele trate de livros não literários, como é o exemplo de obras que trazem ensaios, fotografias ou quadrinhos e frequentemente aparecem no *Sabático*, por exemplo, está indicando a seus leitores quais livros possuem valor artístico e devem, portanto, ser consumidos.

Por outro lado, a seção “Mais vendidos”, não apenas no *Sabático*, mas em diversas outras publicações, indica quais títulos estão sendo amplamente consumidos pelo público leitor, que assume aqui também o papel de instância de legitimação, não do caráter literário, mas do poder de entretenimento da obra. O consumo alimenta a divulgação nas seções literárias da mídia e vice-versa, sendo difícil estabelecer onde nasce o interesse. No caso, se o grande público consome um livro, esse se torna atrativo a cada vez mais pessoas que também o consomem, num ciclo vicioso que, muitas vezes, dura semanas, mas que eventualmente é substituído por outro e assim sucessivamente. Entretanto, cabe ressaltar que, conforme aponta Cristiane Costa (2005), “em matéria de literatura, a hierarquia que tem como valor a posição da obra na lista de mais vendidos coexiste com uma pirâmide invertida, em que uma alta vendagem pode até ser fator de desprestígio para um autor” (p. 305). Logo, é comum que obras de grande sucesso comercial sejam descaracterizadas enquanto literatura, ao menos momentaneamente.

Já quando uma obra atinge o patamar de cânone literário, isso não é tido como algo passageiro, e sim como uma verdade incontestável, tornando-se um padrão. No fim da década de 80 e início dos anos 90, por exemplo, Nelson Rodrigues era considerado um autor popular, que escrevia literatura de massa. Atualmente, o autor figura em listas de leituras obrigatórias de vestibulares de universidades federais e estaduais de prestígio do país, ao lado de outros nomes representativos da “grande literatura”. Esse e outros fatos nos levam a crer que, com o passar do tempo, o status de uma obra pode ser revisto e alterado para um nível mais elevado (ou ainda, ser rebaixado). Ainda assim, é importante destacar que

Uma obra fará parte do seletivo grupo da *Literatura* quando for declarada literária por uma (ou, de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação. Assim, o que torna um texto *literário* não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos. (ABREU, 2006, p. 40)

No exemplo mencionado, observamos que a literariedade de Nelson Rodrigues foi certificada, ou legitimada, por algumas universidades, entre as quais se destacam a Universidade Estadual de Campinas, que o colocou em sua lista de livros para o vestibular 2005; a Universidade de Londrina, que o colocou na lista de leituras obrigatórias para o vestibular 2008 e a Universidade Federal do Paraná, que exigiu sua leitura no vestibular 2010.

Vê-se, portanto, que a definição de literatura em nossa sociedade envolve instâncias legitimadoras, de como é exemplo o próprio *Sabático*, onde são expostas as visões de críticos literários e estudiosos da área de literatura, que têm seus próprios critérios, os quais nem sempre se coadunam como real valor da obra para outros. Mas será que os suplementos literários também têm o papel de auxiliar na divulgação da literatura a todas as classes sociais, contribuindo para que essa seja um direito de todos os homens, conforme Antonio Candido afirma ser o ideal? Suspeitamos que não, já que o jornal e o suplemento são dirigidos a um público específico e restrito, que já tem acesso e consome literatura, para início de conversa. De qualquer forma, como formador de opinião pode estar influenciado leitores, professores, educadores.

Esse tipo de discussão norteou o trabalho de Raymond Williams, que acreditava que a cultura (enquanto produção artística) deveria estar acessível a qualquer pessoa interessada. Williams expõe em *Culture and Society* (1993) o conceito de *cultura comum*. Para ele, cultura é todo um modo de vida, e, enquanto tal, impõe a necessidade de acabar com as divisões sociais. Williams não crê que a tradição cultural deva ser preservada por uma minoria, contrariando a noção vigente em sua época, mas sim exposta ao maior número de pessoas possível. Ele observou que as alterações históricas e sociais de seu tempo possibilitavam, através, entre outros fatores, do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, que a cultura fosse pensada como intrínseca à sociedade, e não separada dela.

Mas, ao contrário do que possa parecer, a percepção de cultura comum de Williams não apenas visa à difusão da alta cultura às massas desprivilegiadas, como também questiona quem tem o poder de atribuir valor a um objeto cultural, conforme discutimos, e valoriza, além das grandes obras, as modificações históricas ocorridas nas sociedades.

Dessa forma, ele destaca como também grandes realizações da alta tradição cultural a criação dos sindicatos reivindicadores de direitos trabalhistas e dos partidos políticos. Nota-se, portanto, que o conceito de cultura comum busca valorizar o desenvolvimento e o progresso não enquanto conquistas individuais, mas comuns a toda a sociedade.

Os recursos culturais da humanidade são considerados comuns, e seu acesso ultrapassa as barreiras impostas por classes sociais, justamente por serem conquistas comuns. O conceito de cultura comum de Williams não implica em um despreço pelas artes, apenas traz as artes para o âmbito social. Para Williams a cultura é comum, pois as artes, por exemplo, estão ligadas à vida social, e necessitam dos meios sociais de produção de sentido para serem compreendidas e possuírem significado.

Portanto, observa-se que para Williams as artes estão ligadas a seus meios de produção e podem ser beneficiadas pelos meios de comunicação de massa, alcançando um público maior. Nesse ponto, é possível novamente pensar na divulgação feita pelo *Sabático*: a boa literatura está sendo levada a um público maior? Para pensar na resposta a essa pergunta, é necessário destacar que o conceito de cultura comum de Williams não existe ainda. O próprio autor afirma que não chegaremos à cultura comum através da difusão dos valores de um grupo específico aos demais, pois, dada a sociedade em que vivemos, tais valores certamente seriam os da classe dominante. Ele destaca que a chave está em dar condições para que todos os indivíduos sejam produtores de cultura, ao invés de meros consumidores de algo que uma classe dominante convencionou chamar cultura. Para tanto, Williams afirma que

Isso envolveria, em qualquer mundo real, a remoção de todos os obstáculos a precisamente essa forma de participação [dos cidadãos enquanto criadores de cultura]: essa é a razão para ter interesse nas instituições de comunicação, que, sendo dominadas pelo capital e pelo poder de Estado, estabelecem a ideia de poucos comunicando para muitos, desconsiderando a contribuição dos que são vistos não como comunicadores, mas como comunicáveis. (WILLIAMS *apud* CEVASCO, 2003, pp. 54-55)

Assim, para os seguidores da cultura comum seria necessária uma mudança na sociedade atual, em direção a um modo de produção mais democrático, que permita maior participação da população. Como Williams vê a cultura como ligada à organização social, entende-se, pois, que se trata aqui da luta por uma revolução nas bases estruturais da

sociedade. Tendo em vista as sociedades contemporâneas, nas quais se observa a presença de um alto nível de inovações tecnológicas e o avanço do acesso à educação a grande parte da população (ao menos nas regiões centrais), acreditamos que a cultura seja, de fato, relevante na luta por mudanças estruturais.

No entanto, os suplementos literários como o *Sabático* não representam avanço nessa questão, já que, como demonstrado, funcionam de acordo com os termos da indústria cultural, indicam quais obras podem ser consideradas literárias e artísticas, divulgando os valores que alguns iluminados julgavam pertinentes e não representam nenhum avanço na ideia de que todos os indivíduos devem poder ser produtores de cultura, colocando a população como mera consumidora. Isso sem falar em sua circulação restrita.

1.2.2. E o que é o *Sabático*?

Sendo assim, a partir da reflexão de diferentes autores e ao pensar nas relações entre cultura e sociedade engendradas por nosso objeto, é importante evitar ingenuidades e ter em mente que se trata de uma publicação que não objetiva primordialmente à democratização das artes, muito menos à mudança do *status quo*. O *Sabático* não é uma publicação artística semanal com total autonomia ideológica e estética apensa a um grande jornal, como era o *Suplemento Literário*, conforme indica Lorenzotti (2007, p. 74).

É, antes, uma publicação artística semanal recheada de anúncios publicitários e vinculada a um jornal conservador e tradicional que em 2010 deixou claro em dois episódios¹⁸ que sua linha editorial está alinhada aos interesses políticos dos partidos de direita do país. Trata-se, portanto, de um suplemento literário que atende a interesses do jornal *O Estado de S. Paulo*, sejam esses comerciais, por gerar mais prestígio à marca, ou de outra forma mercadológicos.

¹⁸ Ambos os episódios ocorreram no âmbito das eleições presidenciais de 2010. O primeiro deles aconteceu uma semana antes do 1º turno do referendo, quando o jornal *O Estado de S. Paulo* declarou apoio ao candidato do PSDB, José Serra, em editorial que destacava que o que estava em jogo nas eleições era a sobrevivência da democracia no país. O segundo ocorreu logo em seguida, quando a psicanalista Maria Rita Kehl foi demitida do *Estado* por ter publicado, no mesmo jornal, um artigo comentando o editorial em que o veículo anunciou sua predileção pelo candidato do PSDB. Em seu texto, Kehl destaca que o voto dos pobres foi desqualificado no debate eleitoral, mas, ainda assim, afirma considerar digna a atitude do jornal ao explicitar o apoio a um candidato. Após a ocorrência, a psicanalista comentou em entrevista à mídia que foi demitida devido a um “delito de opinião”.

No entanto, é importante ressaltar que isso não implica em uma desvalorização das obras retratadas no *Sabático*. De fato, os textos do Suplemento e as obras ali apresentadas são de indiscutível valor cultural e intelectual. O que afirmo aqui é que tal divulgação não contribui para minimizar as disparidades culturais, os males sociais de nosso país, mas apenas reforça a desigualdade, já que atinge apenas a um público restrito e especializado, uma minoria privilegiada. Embora valorize a cultura enquanto produção artística, o projeto do *Sabático* não valoriza o direito à literatura, que é inalienável a todos os homens, conforme interpreta Candido.

Para Bosi (2006), “uma política de educação de um número alto de brasileiros talvez deva passar forçosamente pelos meios de comunicação de massa” (p. 322). Isso não significa que esses meios irão transformar, no sentido de humanizar e socializar, a mentalidade de seu público, mas que o influenciará de acordo com a “filosofia de valores própria do projeto político-social” utilizado, que, até o momento, tem sido neocapitalista modernizante. Assim, Bosi ressalta que não se deve esperar da cultura de massas, tampouco da sua versão capitalista de indústria cultural, o que ela não quer dar: “lições de liberdade social e estímulos para a construção de um mundo que não esteja atrelado ao dinheiro e ao *status*” (p. 322).

1.3. Jornalismo cultural ou marketing?

A questão do jornalismo cultural como marketing abrange, necessariamente, dois pontos: o primeiro diz respeito à publicidade direta exposta nos suplementos; e o segundo, à influência das pautas do jornalismo cultural no mercado editorial. Conforme já mencionado, todas as edições de nosso *corpus* contêm anúncios publicitários de livros e, com exceção da 1ª edição do Suplemento, outros bens de consumo. Isso denota que há rentabilidade para as editoras anunciantes ou, ao menos, uma aposta na possibilidade de aumento de vendas por meio das propagandas veiculadas no *Sabático*. Em nosso *corpus* (contemplado entre março e dezembro de 2010) há, ao todo, 31 anúncios publicitários. Os anunciantes e a quantidade de anúncios estão apresentados na tabela a seguir.

Tabela 1: Anunciantes e quantidade de anúncios presentes nas edições do *corpus*

Anunciante	Quantidade de anúncios
Volkswagen	9
Submarino	8
Editora Rocco	8
Editora Record	2
Editora Alfaguara	1
Editora Companhia das Letras	1
Editora Novo Conceito/Universal Pictures	1
Banco Itaú	1

Fonte: COSTA, 2011. Tabela elaborada a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

Como se pode observar, os anunciantes são reincidentes, ou seja, os mesmos aparecem em várias edições do *Sabático*. A Volkswagen, o Submarino e o Itaú são as únicas empresas anunciantes que não se ocupam do lançamento de livros no mercado editorial. No entanto, o anúncio do Itaú visa agregar valor simbólico à empresa em questão por meio da afirmação de que o banco se preocupa com as artes, destacando que essa instituição patrocina a 29ª Bienal de Arte de São Paulo. Assim, essa propaganda está alocada no *Sabático*, provavelmente, pois os publicitários do banco identificaram um público leitor que poderia ser alvo da estratégia do anúncio, um público que possui apreço pela literatura e pelas artes em geral, além de possuir poder aquisitivo para ser um potencial cliente do banco.

Os anúncios da loja virtual Submarino são focados na venda de livros, indicando preços e promoções de venda de algumas obras selecionadas. Ou seja, embora tal site venda produtos variados, que vão de eletrodomésticos a viagens, os anúncios presentes no *Sabático* somente destacam a venda de livros, estando, pois, também voltados ao público leitor do Suplemento, consumidor em potencial de livros.

Figura 6: Anúncio publicitário da loja virtual Submarino



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 21/08/2010.

O contexto dos anúncios da Volkswagen, presentes na capa de quase todas as edições do *corpus*, é menos óbvio, pois não se relaciona à literatura ou às artes. São propagandas que destacam qualidades de automóveis de luxo, em alguns casos são indicados os preços de tais, definitivamente comprovando que não são modelos populares.

Figura 7: Anúncio publicitário da Volkswagen



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 21/08/2010.

Pode-se inferir, nesse caso, que o público alvo do *Sabático* é composto (também) pelas classes mais altas da sociedade, as quais possuem poder aquisitivo para a compra de automóveis luxuosos como os anunciados nas capas do suplemento. Todas as demais propagandas presentes são de responsabilidade de editoras e anunciam livros, destacando características e opiniões positivas sobre os mesmos. Vemos que a Editora Rocco, por exemplo, veiculou oito anúncios no *Sabático* durante o período que compreende nosso *corpus*, destacando oito livros diferentes. Isso pode indicar que tal editora obteve bom retorno financeiro por meio das propagandas e, por isso, anunciou diversas vezes.

Figura 8: Anúncios publicitários da Editora Rocco



Fonte: Páginas do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo*, respectivamente de 21/08/2010, 25/09/2010 e 02/10/2010.

Em *A conquista do sagrado. Jornalistas como editores de livros*, dissertação de mestrado defendida na ECA/USP, Renata Carvalho da Costa (2009) analisa o trabalho de jornalistas que editam livros, por meio de diversas entrevistas feitas com esses profissionais. O trabalho demonstra claramente que editar livros no Brasil não é tarefa simples, pois os lucros envolvem diversos fatores de difícil controle. No entanto, uma solução encontrada para aumentar a venda de livros é a divulgação, conforme mostra a pesquisadora. Costa destaca o exemplo de atuação da editora Panda Books:

A Panda Books tem, no quadro fixo de funcionários, uma jornalista que faz a assessoria de imprensa. Tem-se o cuidado de não enviar releases de todos os livros para todo o mailing, os jornalistas só recebem informações sobre livros que possam render pauta no setor/editoria que cobrem. (COSTA, 2009, p. 101)

A divulgação por meio de propagandas no Suplemento é útil quando os livros não são voluntariamente mencionados na pauta do veículo em questão. Ao mesmo tempo, os anúncios são desejáveis também para os suplementos, já que se sabe que boa parte da verba dos veículos jornalísticos vem da publicidade e não das vendas em banca ou assinaturas. Mas para que o veículo tenha anunciantes, precisa ter credibilidade, uma imagem sólida, como é o caso do *Estadão*. Isso explica como o *Sabático* já em sua primeira edição pode contar com um anunciante, já que, embora ainda não tivesse reputação ou público estabelecido, tem sua imagem atrelada à do jornal que o veicula. Costa (2009) indica que alguns editores se queixam da falta de veículos jornalísticos especializados para divulgar livros, como é o caso de Laura Bacellar, fundadora da Editora Malagueta:

A dificuldade [existente no mercado editorial] é a comercialização. Toda rede de distribuição, mesmo de divulgação de livro, é um desastre. (...) Não tem jornais que comentem os livros, não tem críticos que leiam, não tem locais para expor os livros, não tem biblioteca, poucos programas de TV sobre livros, poucos autores. (...) As livrarias já se tornaram mídia, não vivem mais da venda. Vivem da divulgação do livro, vendem espaço para vender o livro. Se a gente chegou a esse ponto, tá feia a coisa. (BACELLAR *apud* COSTA, 2009, p. 107)

Bacellar se refere ao fato de que, atualmente, as livrarias vendem às editoras o espaço em vitrines e gôndolas para divulgar e destacar livros. Ora, se esse negócio é lucrativo para as livrarias, para os suplementos também o é (por meio dos anúncios). Entretanto, conforme vimos anteriormente, as editoras brasileiras não têm o costume de anunciar nos suplementos, por acreditaram que a propaganda gratuita que esses veículos fornecem seja suficiente para a divulgação do livro. Se, por um lado, a editora de livros reclama da falta de destaque no suplemento, por outro, o editor do suplemento reclama de falta de anúncios das editoras de livros em seu veículo, conforme atesta o depoimento de Rinaldo Gama:

Você vê segmentos [culturais] que possuem anúncios. O teatro. “Ah, mas você quer comparar nós editoras com redes de tevê e cinema?” Ok, mas e o teatro? “Ah, mas quem paga o anúncio do teatro é o banco que patrocinou a peça.” Não importa. Encontre mecanismos, então, de financiamentos para você, você não vende livros para o governo? É a mesma coisa. É assim, o governo encomenda 30 milhões, você vai lá, liga a máquina e imprime 30 milhões, não precisa ter resenha no *Sabático*, nem na *Veja*, nem em lugar nenhum. Vem para você o dinheiro limpinho, adiantado, não precisa de livraria, nada, nada. Dinheiro líquido e certo. Então, o que eu percebo é que as editoras, isso não é de hoje, eu acompanho esse mercado já tem um certo tempo, e vi muitas publicações desaparecerem por isso, por falta de anunciantes. E por que eles não anunciam? Porque eles acham que já foram contemplados com o material. Em primeiro lugar, foi contemplado aquele livro, e não os 30 que ele publica por mês. Segundo lugar, se não zelar pela vida daquele veículo, um dia ele vai desaparecer e você não vai ter onde divulgar os seus livros. É uma conta simples, que os americanos, por exemplo, as editoras americanas fazem de olhos fechados. E lota, se você pegar o *The New York Review of Books*, se você pegar a *Bookforum*, com quem a gente tem convênio, são lotados de anúncios. As editoras não são loucas. Elas querem manter aquilo vivo. Eu acho que esse é um problema sério. (GAMA, 2011, em entrevista)

O fato é que as editoras enviam livros às redações de jornal, na esperança de que esses sejam retratados nos páginas dos suplementos culturais, deixando-os em evidência e fazendo com que atinjam um público, talvez, maior que o atingido pelo destaque nas

livrarias. Jorge Zahar (2001 *apud* Costa, 2009, p. 107) afirma que a cada livro lançado, 150 exemplares são encaminhados à imprensa: “Eu dou muita atenção ao pessoal da imprensa e acho o trabalho deles importante. Aliás, importante não, é fundamental”, afirma o editor. Cláudia Nina, ex-editora do suplemento literário *Ideias&Livros*, do *Jornal do Brasil*, conta em seu livro que aproximadamente “cem títulos chegam à redação toda semana. Isso quando não é época de feira ou Bienal, em que esse número costuma triplicar” (2007, p. 41).

Embora não existam indicadores públicos sobre o impulso comercial de suplementos literários no mercado editorial, observamos por meio da pesquisa de Costa (2009), que a divulgação é elemento essencial na comercialização dos livros. Travancas (2001), que também entrevistou editores de livros durante a elaboração de sua pesquisa comparativa entre suplementos literários brasileiros e franceses, reforça essa noção:

[Os depoimentos dos editores apontam] as estratégias do mercado editorial para aumentar a eficácia da divulgação de um livro, partindo do pressuposto de que a imprensa ajuda a venda dos títulos, embora ainda seja difícil precisar e definir em que medida. (...) Há um consenso de que aparecer nas páginas de um suplemento é uma forma de exibir um livro, já que a indústria editorial (...) produz muito mais títulos do que o público consumidor toma conhecimento e adquire. (TRAVANCAS, 2001, p. 141)

Entretanto, a mesma autora destaca que, no caso brasileiro, a revista *Veja*¹⁹ influencia mais as vendas de livros que os suplementos literários. Ela explica que os suplementos são um espaço de amostragem de segmentos do mercado editorial e que seu público leitor é, em geral, letrado, culto e com hábito de leitura consolidado. Sendo assim, não se trata de um leitor que precisa ser conquistado, tampouco um leitor de literatura comercial e de auto-ajuda (2001, p. 142). Logo, os suplementos não são tão relevantes quanto a revista *Veja* na divulgação de obras com apelo comercial, que representam diversão e não necessariamente cultura, devido a seu público alvo, que é mais erudito.

Segundo Travancas (2001), o “editor de livros da *Veja* garante que já ouviu, do dono de uma editora, que uma resenha na revista significava muito mais em termos de venda do que a capa de qualquer um dos cadernos culturais [dos jornais] do Rio de Janeiro

¹⁹ Revista brasileira semanal de atualidades que cobre política, economia e cultura e possui tiragem em torno de um milhão de exemplares.

ou de São Paulo” (p. 142). Ainda assim, conforme foi mencionado, a divulgação feita pelos suplementos é relevante, o que é atestado pela existência de anúncios publicitários de editoras, ainda que essas hesitem em anunciar de maneira mais ampla. Ressalta-se, também, o caso do suplemento literário do *Jornal do Brasil* que, segundo Jatobá (1989 *apud* Janeiro, 2005, p. 97), foi criado com a intenção de contribuir para a ampliação do mercado editorial.

Pelo início dos anos 70, o *JB* resolveu publicar um suplemento cuja missão principal fosse acompanhar o movimento editorial do país. Não veicula poemas, contos, memórias, mas apenas notícias e apreciações jornalísticas sobre livros que se estão publicando. (...) A intenção, ao fazer um suplemento de características bem jornalísticas, é contribuir para ampliar o mercado editorial. (...) No tipo de suplemento introduzido aqui pelo *JB*, a apreciação do livro é feita através da resenha, um artigo rápido no qual se expõe o conteúdo do livro e se emite uma primeira opinião sobre ele. Condição essencial é que esse artigo seja escrito em linguagem clara, direta, a fim de alcançar/influenciar a escolha de leitura de milhares de pessoas. (JATOBÁ *apud* JANEIRO, 2005, p. 97)

Observa-se que muitos suplementos literários atuais possuem características semelhantes às apresentadas no projeto editorial do suplemento do *JB*, inclusive o *Sabático*. Embora poemas, contos e outros exemplares de literatura inédita tenham espaço no *Sabático*, ao contrário do que prevê a descrição do suplemento do *JB*, o atual suplemento literário do OESP também introduz livros por meio de resenhas, curtas e longas, que possivelmente influenciam a leitura de muitas pessoas. O escritor Ronaldo Correia de Brito, autor de algumas resenhas publicadas no *Sabático*, destaca²⁰ que a proposta de resenhar determinada obra sempre parte do editor do suplemento, e nunca do responsável pela resenha:

Eu publico com certa regularidade no *Estadão/Sabático*. A proposta sempre parte do editor, que me pergunta se eu tenho interesse em escrever sobre um determinado livro. Se eu aceito, ele propõe alguns tamanhos de texto, um padrão normal em todos jornais e revistas. Não existe nenhum outro tipo de sugestão. Escrevo com a máxima liberdade e autonomia. (CORREIA DE BRITO, 2011, em entrevista)

Sendo assim, o editor do suplemento tem o poder de indicar as obras que terão destaque na seção “Resenhas”, possivelmente afetando, assim, o mercado editorial.

²⁰ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por e-mail em janeiro de 2011.

Evidentemente, os livros mencionados nas demais seções também são selecionados pelo editor, que é a figura central no jogo de interesses existente entre editoras e suplementos. O autor Ronaldo Correia de Brito também publicou, na primeira edição do *Sabático*, um conto inédito de seu livro *Retratos imorais*. Como sabemos, a primeira edição do *Sabático* foi às bancas em 13 de março de 2010. Já o livro de Correia de Brito foi lançado em setembro do mesmo ano. Ao ser questionado sobre o impacto da divulgação de seu conto no *Sabático*, o autor conta que muitos leitores entraram em contato com ele após tal publicação.

Se as pessoas gostam do texto, anotam o nome do livro para lê-lo, futuramente. Muita gente me escreveu. O *Sabático* anunciou que eu estava voltando aos contos, depois de publicar o romance *Galiléia*. Ajudou a criar uma expectativa, me pôs em contato com os leitores. (CORREIA DE BRITO, 2011, em entrevista)

No entanto, Correia de Brito também afirma que não sabe precisar de que forma a divulgação antecipada feita pelo *Sabático* impactou as vendas de seu livro.

Não tenho dados objetivos de pesquisas para lhe responder [sobre o impacto do *Sabático* na venda de meu livro], mas como falei anteriormente, houve ótima antecipação do que seria o livro. Muita gente me escreveu perguntando quando sairia *Retratos imorais*. Isso ajuda a incrementar leitores e a vender livros, sem dúvida nenhuma. (CORREIA DE BRITO, 2011, em entrevista)

Já Raquel Cozer, jornalista especializada na cobertura de livros e ex-repórter do *Sabático*, não crê na influência direta dos suplementos sob o mercado editorial. Para ela, os jornais influenciam os livreiros a darem destaque para um determinado livro, e isso acaba influenciando a venda daquele título.

Hoje em dia o papel do jornal é muito menor, em questão de influência, do que foi em outros tempos. Para a venda de livros e tal. (...) Hoje em dia a internet está muito forte, esses blogs de resenhas e tal. (...) [Já] o jornal hoje em dia, ele menos ajuda a vender o livro no sentido de estimular o leitor, na comparação com a internet, e ele mais estimula o livreiro a colocar aquele livro que saiu no jornal em primeiro plano na livraria. E aí isso vai fazer diferença na venda. (COZER, 2011, em entrevista)

Embora essa reflexão a respeito do destaque que livrarias dão a livros sob influência dos suplementos me pareça acertada, e esse já seja um dado revelador do poder exercido

por esses veículos no mercado editorial, também creio que seja razoável pensar na influência direta nos hábitos de consumo de alguns leitores. Ainda que o público dos suplementos seja restrito, e que o jornal seja uma mídia menos poderosa que a internet para influenciar hábitos de consumo, não podemos ignorar o grande interesse que as editoras possuem na divulgação feita por esses veículos, e que há pessoas, como Rinaldo Gama relatou, que leem o *Sabático* no sábado de manhã e à tarde vão à livraria. Entretanto, como coloca Raquel Cozer, talvez esse não seja um número relevante para mudar o mercado.

Mas com certeza, se saiu um livro que foi capa do suplemento literário, alguém, algumas pessoas vão comprar por conta disso. Não sei se é um número relevante para mudar o mercado. Por exemplo, os grandes *best-sellers*, um deles, o “Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil”, virou um *best-seller* sem nunca ter saído resenha dele nos suplementos dos jornais. Depois que ele virou *best-seller* começou a sair resenha. Acho que é um pouco mais sutil. (COZER, 2011, em entrevista)

Evidentemente, o jornal perdeu boa parte do poder de influência que possuía até meados do século XX. Flora Süssekind (2003) nós dá o exemplo da crítica feita por Álvaro Lins do livro de contos *Sagarana*, no diário carioca *A Manhã* (em maio de 1946), que alavancou as vendas da obra de Guimarães Rosa (p. 18). Hoje em dia encontram-se exemplos contrários, como o citado por Cozer, com a imprensa comentando livros que já caíram no gosto do grande público. Não há mais a mesma força comercial, substituída pela necessidade de se mostrar atual por meio do comentário a artefatos que as pessoas já conhecem e que, por isso mesmo, esperam que o jornal não deixe de tratar.

Cabe, também, pensar na importância dos suplementos sob outro viés além do relativo ao mercado editorial: o da produção da crítica literária no país. Correia de Brito destaca que a relação entre os suplementos literários e a produção editorial do país é importante, pois, mais do que divulgar livros, garante o desenvolvimento de uma crítica literária atuante. Para ele, esse movimento assegura a existência de padrões de qualidade para a literatura.

Os suplementos são fundamentais para a divulgação dos livros, mas, sobretudo, para desenvolver uma crítica atuante, estabelecendo padrões de qualidade. Quanto mais viva é a crítica literária, mais acirrados os debates em torno dos livros, mais estímulos surgirão para os leitores lerem mais e para os escritores escreverem mais.

Se existem críticos e leitores, o mercado editorial prospera. E nessa mesma onda prosperam os suplementos literários. (CORREIA DE BRITO, 2011, em entrevista)

Já Márcio Seligmann-Silva, professor de Teoria Literária do IEL-Unicamp que publicou resenhas no *Sabático*, acredita que, na mídia impressa de maneira geral, não há espaço para a verdadeira crítica literária, diferenciando resenha de crítica, e destacando que há grandes diferenças entre o que se pratica nos jornais e nos meios acadêmicos.

Acho que no Brasil só podemos falar de resenha e mesmo esse gênero é praticado de modo muito tímido. Nossos jornais e revistas não dão importância para os livros, a não ser para os *best-sellers*. O espaço para as resenhas é ridículo de pequeno e é impossível praticar uma crítica literária séria em um ambiente que não valoriza a literatura e tampouco dá espaço para ela na mídia. (...) No meio acadêmico o autor pode se sentir mais a vontade para aprofundar suas reflexões e ousar mais em suas análises. Eu escrevo de modo diferente, porque tenho também objetivos diferentes. No jornal faço (ou tento fazer) resenha, na revista acadêmica procuro fazer crítica. Às vezes, no entanto, já tentei fazer algo mais próximo da crítica em revistas de divulgação cultural, como a *Cult*, que reservam mais espaço para a literatura e para a reflexão. (SELIGMANN-SILVA, 2011, em entrevista)

A crítica carioca Flora Süssekind também acredita na inexistência da crítica literária no jornal. Para ela, a crítica literária brasileira das últimas décadas é marcada por dois antagonistas: de um lado, o mercado editorial, e do outro, a indústria cultural (2003, p. 16). Com isso, entende-se que, ao pautar os lançamentos, o jornal não age de forma a suscitar o debate em torno das obras literárias, e sim faz propaganda, anuncia uma obra, conforme almejam as editoras.

Acerca do marketing cultural, a partir de aproveitamento de releases enviados pelas editoras, que tem, em grande parte, substituído os críticos literários no contexto da indústria cultural²¹, vemos que o escritor Ronaldo Correia de Brito possui uma visão otimista sobre a atuação do *Sabático*. Isto não significa, porém, que não existam críticos literários genuínos.

Tenho lido o *Sabático* e fico muito feliz com a qualidade do Suplemento. Acho que fazia falta ao *Estadão*, e ao Brasil, um espaço como esse. Nunca percebi qualquer jogada de marketing no *Sabático*, nem como leitor, nem como colaborador. Outro dia, num restaurante, ouvi a conversa de um rapaz que guardara o suplemento de 01 de janeiro de 2011, porque trazia as indicações de onze escritores e intelectuais,

²¹ Segundo Elizabeth Lorenzotti (2007, p. 11), o jornalismo cultural sofreu transformações a partir dos anos 1950, quando a cultura de massas se impôs e, aos poucos, o espaço de veiculação da crítica foi ocupado pela divulgação de produtos da indústria cultural.

cada um deles listando onze livros que as pessoas não poderiam deixar de ler em 2011. Cada um, além de indicar os onze títulos, resenhou um livro. Isso não é marketing, é o livre arbítrio sobre a literatura considerada de boa qualidade. (CORREIA DE BRITO, 2011, em entrevista)

Observa-se, assim, que Correia de Brito enxerga as listas de indicação de livros que devem ser lidos como “livre arbítrio sobre a literatura considerada de boa qualidade”. Porém, creio que tais listas podem também ser entendidas como guias de consumo, quando analisadas dentro do contexto da indústria cultural. No caso destacado por Correia de Brito, a primeira edição do *Sabático* de 2011 (de 1º de janeiro) trouxe 11 listas (criadas por escritores ou críticos literários) de 11 obras que deveriam ser lidas durante o ano. As obras mais citadas na ocasião, segundo afirma-se na página S2 da mesma edição do *Sabático*, foram: “Uma Aprendizagem ou O Livro dos Afazeres”, de Clarice Lispector; “A Passagem Tensa dos Corpos”, de Carlos de Brito e Mello; “História do Olho”, de Georges Bataille; “Foi Apenas um Sonho”, de Richard Yates; “O Jogo da Amarelinha”, de Julio Cortázar; “Ulisses”, de James Joyce; “Vista para o Amanhecer no Trópico”, de Guillermo Cabrera Infante; “The Crimson Petal & The White”, de Michel Faber; “Pedro Páramo”, de Juan Rulfo; “A Educação Sentimental”, de Gustave Flaubert e “Nemesis”, de Philip Roth.

Evidentemente, as obras mencionadas podem possuir valor cultural, e muito provavelmente possuem, mas acredito que tais listas podem também ser criadas, por meio de estímulos de editoras, com o intuito de promover a venda de livros, movimentando o mercado editorial. As listas de indicação de obras cuja leitura é “indispensável” agem de maneira diferente quando são publicadas em veículos midiáticos ou mencionadas por professores em colégios ou faculdades, por exemplo. Todos possuímos lembranças de professores que indicaram leituras obrigatórias, que não poderiam deixar de ser lidas devido ao seu altíssimo valor cultural. Entretanto, evidentemente um professor não possui interesses mercadológicos ao fazer determinadas indicações de leitura, pelo contrário, zela pelo desenvolvimento intelectual de seus alunos. É necessário ter mais cautela quando se tratam de listas divulgadas em um veículo de comunicação com fins lucrativos e ligado a interesses comerciais de editoras e da indústria cultural de maneira mais ampla.

Acerca dessa questão, Rinaldo Gama, o editor do *Sabático*, é muito enfático ao destacar que seu suplemento, assim como outros, não é influenciado, de modo algum pelo marketing de editoras.

Quero dizer o seguinte, no caso de veículos que importam, grandes veículos de comunicação, essa ideia de que os veículos se mobilizam por influência do marketing dos próprios veículos ou das editoras, isso não é verdade. Nenhum veículo que eu conheço, de peso, no Brasil, se submete a essa ditadura de marketing das editoras. O que acontece, e aí as pessoas às vezes fazem essa confusão, é que os veículos, muitas vezes, se pautam, exclusivamente, pela programação das editoras, das distribuidoras de filmes, das gravadoras. Isso sim, isso acontece com muita frequência. (GAMA, 2011, em entrevista)

Para um suplemento cultural, é muito importante transparecer a imagem de veículo independente, que pode pautar o quiser, ou somente o que tem valor, do contrário sua credibilidade perante o público leitor será abalada. Dessa forma, entende-se a preocupação do editor em deixar claro que suas pautas não são escolhidas por meio de incentivos de fora, bem como em variar os assuntos apresentados no suplemento, não se pautando exclusivamente pelas agendas das editoras. Há um esforço enorme para que os leitores não vejam aquele caderno como mais um artefato trabalhando a favor do mercado e como mero incentivador do consumo. Essa questão também apareceu na fala da ex-repórter do *Sabático*, Raquel Cozer, quando ela afirma: “Um dos motivos pelos quais eu gosto de fazer reportagem, e não só matéria, entrevista com o autor, é justamente para fugir de ser pautada pelas editoras” (2011, em entrevista²²).

Creio que seja válido tentar escapar do lugar comum, procurar oferecer conteúdos exclusivos ao leitor, desligando o suplemento da lógica da notícia. Mas, ao mesmo tempo, o próprio Gama admite que não é possível fazer isso sempre, há momentos em que o suplemento é forçado a se voltar para os lançamentos do mercado. Nesse contexto, ainda que os críticos ajam sem o incentivo de editoras, e estejam fazendo suas indicações de maneira completamente subjetiva, expondo apenas seus gostos pessoais, aquilo que consideram ser a boa literatura, a própria criação de tais listas pode ser vista como uma espécie de rebaixamento daquelas obras, postas como mercadorias. São obras que as pessoas sabem que existem, mas poucos leem. Fenômeno similar é apontado por Raquel Cozer ao citar o caso das feiras literárias, que criam “uma coisa meio [inusitada], um autor que todo mundo sabe quem é e ninguém lê” (2011, em entrevista²³). A criação de listas, assim como a existência de eventos literários como a Flip, não fomentam o debate sobre a

²² Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por telefone em setembro de 2011.

²³ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por telefone em setembro de 2011.

boa literatura, apenas a colocam como um produto midiático. Conforme destaca Márcio Seligmann-Silva, o “espaço para as obras na mídia é praticamente todo dominado pelo marketing das grandes editoras. Shows midiáticos como a Flip são apenas a manifestação mais gritante disso. É claro que isso rebaixa a literatura a uma mercadoria e impede o debate sobre a qualidade” (2011, em entrevista²⁴).

De qualquer forma, o episódio narrado pelo escritor Ronaldo Correia de Brito nos indica que, realmente, há a repercussão dessas listas sobre os hábitos de consumo literário dos leitores do jornal, que acreditam na opinião dos críticos e creem que serão pessoas mais eruditas se conhecerem as obras indicadas pelos mesmos. Mas, como se observa no exemplo fornecido por Correia de Brito, essas listas fornecem um número enorme de obras e autores, no caso, 11 escritores indicando 11 livros cada um. Nesse ponto, cabe destacar a opinião da jornalista e pesquisadora Elizabeth Lorenzotti sobre o assunto.

Os leitores estão interessados, a gente vê essas publicações como guias. E essas revistas culturais também como guias. Você precisa ter um grande discernimento, uma grande formação, na área a que você se dedica, ou que te interessa, para poder escolher. Porque a função desse jornalismo aí seria ajudar você a escolher o que vai te interessar, o que vai fazer bem para a sua vida. Mas, na verdade, no meio do que vai te interessar e vai te fazer bem, tem um monte de *press releases*, das assessorias de imprensa, da indústria cultural e de produtos. Você não tem discernimento, você não tem condições, se você é uma pessoa que não tem formação cultural, você vai ficar perdida no meio disso. (LORENZOTTI, 2010, em entrevista)

Assim, percebe-se que a simples indicação de obras, mesmo quando feita por escritores reconhecidos, não garante melhoria nas condições de cultura e erudição dos sujeitos, que precisam, antes, possuir discernimento para saber o que é realmente bom e o que são artefatos da indústria cultural que visam somente ao lucro das editoras e ao consumo da mercadoria livro. O que fica claro, mais uma vez, é que o suplemento está servindo primordialmente a interesses do mercado editorial, que conta com a divulgação feita pelo suplemento, conforme destaca Lorenzotti.

Eu acho que a indústria editorial depende da divulgação feita pelos suplementos culturais, claro. Então é uma via de duas mãos. Não sei se depende tanto, porque o número de leitores de jornal não é tão grande assim no país. A maior tiragem de jornal que nós temos é por volta de 300 mil exemplares, até pouco tempo atrás era,

²⁴ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por e-mail em outubro de 2011.

acho que da *Folha de S. Paulo*. Num país que tem 200 milhões de habitantes. Mas é claro que como a elite intelectual é pequena, os leitores que se interessam acompanham pelos jornais, então acho que tem uma grande relação, sim. Que um depende do outro. (LORENZOTTI, 2010, em entrevista)

Pode-se concluir, dessa forma, que há uma relação direta entre a divulgação dos suplementos, ou do jornalismo cultural de maneira mais ampla, e a produção editorial do país. Não é possível precisá-la em números, mas certamente os livros tratados nos jornais recebem uma publicidade gratuita, e são disponibilizados para novos leitores, que, talvez, não entrassem em contato com esses se dependessem de outros meios (como a escola ou a indicação de terceiros, por exemplo).

Os suplementos, como se nota por meio do exemplo da publicação do conto de Correia de Brito, também são espaços para a divulgação de textos literários inéditos, como poemas, trechos de romances ou contos. O projeto do *Suplemento Literário do Estado de S. Paulo*, escrito por Antonio Candido em julho de 1956, prevê essa divulgação, em anexo intitulado “Sugestões para a colaboração poética”:

Não temer a publicação de jovens, ainda que desconhecidos. Publicar os consagrados, mesmo se enviarem maus poemas. Uma colaboração poética é sempre um recurso: serve para atender a eventuais buracos na página, podendo as suas dimensões ser ampliadas pela ilustração e a composição, de maneira bastante elástica. Daí a conveniência de os ter à mão. (CANDIDO *apud* LORENZOTTI, 2007, p. 111)

Observa-se que, como argumento para a publicação dos poemas, é citado que esses podem servir para preencher lacunas nas edições do suplemento. De fato, é provável que algumas obras sejam utilizadas com esta finalidade pelos suplementos, mas, de qualquer forma, notamos que tal espaço de divulgação na mídia é raro e, conforme nos contou Correia de Brito, ajuda a estabelecer o contato dos leitores com as obras novas. No caso do *Sabático*, esse tipo de publicação possivelmente ocorre como forma de aproximar o novo suplemento literário do *Estado* ao antigo e sempre lembrado *Suplemento Literário* que surgiu no fim da década de 1950. Tal aproximação garante prestígio ao novo suplemento, que, além de se assemelhar ao *SL*, considerado um marco na história do jornalismo cultural brasileiro, se envolve diretamente na distribuição da produção literária do país. É notável que a forma como os poemas se apresentam no *Sabático* e no *Suplemento Literário* são, em

alguns casos, semelhantes, devido à presença de ilustrações, embora no *Sabático* as ilustrações sejam maiores e os textos mais curtos, seguindo a tendência das publicações atuais.

Figura 9: Publicação de poemas no Sabático



Fonte: Suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 18/12/2010, p. 8.

Figura 10: Publicação de poema no Suplemento Literário



Fonte: Livro *Suplemento Literário – Que falta ele faz!*, de Elizabeth Lorenzotti (2007), p. 168.

Trechos de obras literárias ou exemplos de poemas também são exibidos eventualmente como complemento de matérias sobre ou resenhas de um determinado livro ou autor, tanto no *Sabático* quanto no *Suplemento Literário*.

Figura 11: Página do Sabático que traz matéria sobre Manoel de Barros e é ilustrada com poesias do autor



Fonte: Suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 13/03/2010, p. 8.

Figura 12: Página do Suplemento Literário que traz matérias sobre Nelly Sachs e é ilustrada com poesia da autora



Fonte: *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 24/12/1966, p. 3.

Mário Pontes, ex-editor do suplemento literário do *Jornal do Brasil*, revela que a divulgação de trechos de obras literárias também ocorria em outro suplemento brasileiro.

O jornal onde eu comecei a trabalhar – *Diário Carioca* – também tinha um pequeno suplemento literário, muito bom, que publicava muita poesia e muito conto. Alguns dos capítulos de *Memórias do cárcere*, quando o Graciliano [Ramos] precisava de dinheiro, ele tirava, fazia alguns remendos e publicava no jornal. (PONTES *apud* GADINI, 2009, p. 236)

O relato de Pontes nos ajuda a compreender a influência exercida pelo suplemento em questão, que impulsionou o mercado editorial por meio da publicação de trechos de um livro que hoje é considerado um clássico da literatura brasileira. Vemos, assim, que os suplementos literários influenciavam hábitos de leitores e afetam o mercado editorial também

quando publicam trechos de obras, possivelmente impulsionando a comercialização dessas e a formação de novos leitores.

1.3.1. Cultura ou entretenimento?

Porém, mais uma vez, é necessário ter cautela antes de celebrar um possível impulso na comercialização de livros e na formação de novos leitores em potencial. Para Hannah Arendt (2005) a sociedade de massa não busca cultura, mas diversão. Esse movimento é perigoso, pois as artes são destruídas para virarem entretenimento. Para ela, isso não significa que se deve criticar o lançamento de livros no mercado a preços baixos (que atingem altas vendas), pois isso não afeta a natureza dos objetos em questão.

A reprodução de trechos de obras nos suplementos literários também não afeta as obras, pois não as altera. No entanto, a natureza da arte é afetada quando há processos de reescrita, condensação ou redução de obras para fins de adaptações para o cinema ou para a televisão. Nesse contexto, a arte não é difundida para a massa, mas destruída para virar entretenimento (Arendt, 2005, p. 260).

Evidentemente, os suplementos não são responsáveis por esse tipo de banalização da arte. Mas noto que no *Sabático* tudo é exposto com foco nas aparências, o que nos remete à indústria do entretenimento. Grandes fotografias, montagens, caricaturas etc, ilustram as páginas; os textos são iniciados em letra capitular com fonte clássica, lembrando uma estética de elite, sofisticada e erudita; dados curriculares dos autores dos textos são expostos no rodapé, mostrando ao leitor que personalidades de influência e relevância social estão entre os colaboradores do suplemento.

Figura 13: Texto iniciado em letra capitular publicado no *Sabático*

A *Morte de Matusalém* é uma coletânea de 20 contos do escritor de língua iídiche Isaac Bashevis Singer (1904-1991), vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1978, originalmente publicados em tradução inglesa em várias revistas norte-americanas, como a *New Yorker* e *Esquire*. Assim como o livro *47 Contos de Isaac Bashevis Singer*, lançado em 2004, trata-se de uma amostra abrangente do imaginário e

Fonte: Página 6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 17/04/2010.

Tudo é voltado, enfim, para representar a imagem de um caderno cultural erudito e sofisticado. Logo, noto que parecer ser um suplemento cultural erudito é tão importante quanto realmente sê-lo no contexto em que vivemos, da valorização da imagem, o que explica o foco que o Suplemento dá às aparências, à representação.

Sob essa ótica, o próprio *Sabático* é um artefato da indústria do entretenimento, destinado à representação de erudição e cultura, que seus leitores assumem quando o adquirem. Nessa mesma realidade, a venda de livros pode ser influenciada pelo Suplemento, mas não necessariamente a leitura, já que, como explica Debord (1997, p. 18), na sociedade do espetáculo o *ter* é mais importante que o *ser*. Ter um livro (que implica em comprar um livro), ou vários, é suficiente para aparentar ser uma pessoa culta.

Ter todos os onze livros indicados por cada um dos onze críticos do *Sabático*, assim, indica não apenas um sujeito culto, mas um sujeito “antenado”, bem informado sobre o que há de melhor na literatura contemporânea. São relações com o livro e com a leitura, enfim, voltadas para as aparências, que o Suplemento incentiva e reforça socialmente.

1.4. O leitor brasileiro

A pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, publicada em 2008 pelo Instituto Pró Livro²⁵ é, até hoje, a maior pesquisa já realizada acerca dos hábitos de leitura dos brasileiros. O trabalho considerou os hábitos de 92% da população. Vamos nos ocupar, inicialmente, em mostrar os dados que dizem respeito ao público alvo do *Sabático* e de outros suplementos literários. Foram considerados leitores todos os que declararam ter lido pelo menos um livro nos últimos três meses. Assim, os leitores representam 55% de toda a população estudada.

Dentre os leitores que declararam gostar de ler em seu tempo livre e fazer isso com frequência, provável público alvo do *Sabático*, 79% possuem formação superior. 78% possuem renda familiar acima de 10 salários mínimos. 72% são moradores da região Sul e 69% vivem em regiões metropolitanas. Com relação à faixa etária desse público, são jovens e adultos de 18 a 39 anos. 67% dos jovens de 18 a 24 anos e 68% dos adultos que têm entre 30 e 39 anos se declararam apreciadores da leitura e leitores frequentes. 73% deles trabalham e estudam.

Mas a pesquisa, de maneira geral, mostrou também outros dados acerca dos hábitos de leitura dos brasileiros. Dentre a população de leitores, 55% são mulheres. 47,4 milhões, ou a metade dos considerados leitores, são estudantes que leem livros indicados pelas escolas, inclusive didáticos. 7% dos considerados leitores estavam lendo a Bíblia. Dos 41,1 milhões de leitores que não são estudantes, 8,5 milhões, ou 55%, têm Ensino Superior completo. O gráfico a seguir mostra as mídias e gêneros que os brasileiros mais leem.

²⁵ “O Instituto Pró-Livro é uma organização social civil de interesse público – uma Oscip – criada por três das principais entidades do livro no Brasil: Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sindicato Nacional de Editores de Livros (Snel) e Associação Brasileira de Editores de Livros (Abrelivros). É mantido com recursos provenientes das contribuições mensais de empresas do mercado editorial brasileiro.” Fonte: livro *Retratos da Leitura no Brasil*, organizado por Galeano Amorim.

Gráfico 2: Mídias que os brasileiros mais leem



Fonte: Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, Instituto Pró-Livro, 2008.

Revistas, livros e jornais são as mídias mais lidas, de acordo com a pesquisa. Não nos focaremos nos hábitos de leitura de revistas, pois, apesar de tal suporte ter sido considerado o mais lido pelos brasileiros, ele não se relaciona ao nosso objeto de estudo. Em relação aos livros, a pesquisa mostra que a Bíblia é o gênero mais lido pelos brasileiros (45%), seguida pelos Livros Didáticos (34%) e os Romances (32%).

A pesquisa em questão não apresenta informações aprofundadas acerca da leitura de jornais, mas podemos utilizar dados do IVC – Instituto Verificador de Circulação – para entendermos melhor esse hábito de leitura. No início de 2011 o IVC publicou a lista dos veículos de maior circulação no Brasil durante o ano anterior. Curiosamente, o jornal *Folha de S. Paulo*, que tradicionalmente liderava a lista, ficou em segundo lugar, atrás do jornal mineiro *Super Notícia*. O jornal *O Estado de S. Paulo* foi o veículo cuja circulação teve o maior crescimento em relação ao ano anterior. A tabela a seguir apresenta o ranking dos jornais brasileiros com maior circulação nos últimos dois anos, e mostra quais tiragens aumentaram ou diminuíram no período, tudo de acordo com dados do IVC.

Tabela 2: Circulação dos principais jornais brasileiros nos últimos 2 anos

Jornal	2009	2010	Resultado
Super Notícia (MG)	289 mil	295 mil	+ 6 mil
Folha de S. Paulo (SP)	295 mil	294 mil	- 1 mil
O Globo (RJ)	257 mil	262 mil	+ 5 mil
Extra (RJ)	248 mil	238 mil	- 10 mil
O Estado de S. Paulo (SP)	213 mil	236 mil	+ 23 mil
Zero Hora (RS)	183 mil	184 mil	+ 1 mil
Meia Hora (RS)	186 mil	157 mil	- 29 mil
Correio do Povo (RS)	155 mil	157 mil	+ 2 mil
Diário Gaúcho (RS)	147 mil	150 mil	+ 3 mil
Lance (SP)	125 mil	94 mil	- 31 mil

Fonte: IVC – Instituto Verificador de Circulação, 2011.

Dos dez jornais que mais circulam no Brasil, quatro são populares (*Super Notícia*, *Extra*, *Meia Hora* e *Diário Gaúcho*). Um deles, o *Lance*, trata apenas de esportes, com foco no futebol. O jornal *Super Notícia*, que tem a maior circulação no país, é um tablóide popular voltado para as classes C e D, que trata de esportes, celebridades e notícias policiais e é vendido a R\$0,25.

Com base nos dados apresentados podemos concluir que a leitura de jornais, embora representativa, é feita, em boa parte das vezes, como forma de entretenimento, e não de busca por atualização ou erudição. Vale destacar, também, que o aumento da tiragem do *Estado de S. Paulo* pode estar relacionado à ampla campanha publicitária feita pelo jornal em 2009 e 2010, que culminou na reforma gráfica e editorial que trouxe, entre outras inovações, o *Sabático*. A erudição e a leitura para o conhecimento ainda são consideradas como valores em nossa sociedade, fato explorado pela campanha publicitária do jornal que, aparentemente, foi bem sucedida.

Mas apesar de as revistas, os livros e os jornais serem as mídias mais lidas, o tempo de leitura dedicado semanalmente a esses suportes é inferior ao tempo gasto com a leitura de textos na internet, como observa-se no gráfico a seguir. Isso pode sugerir que embora a tiragem do *Estado*, que é um jornal que traz muita leitura, tenha aumentado, isso não

significa que os brasileiros estejam lendo mais, mas apenas que estão comprando mais o jornal em questão. É mais um indício, portanto, de que a campanha publicitária do *Estado*, que apresentou o slogan “Qual o valor do conhecimento?”, está sendo bem sucedida.

Gráfico 3: Tempo semanal de leitura por suportes



Fonte: Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, Instituto Pró-Livro, 2008.

Os dados exibidos no gráfico acima dizem respeito apenas à população brasileira leitora. Apesar de a pesquisa indicar que 45% da população brasileira é não leitora, ou seja, não leu nenhum livro nos últimos três meses, creio que essa seja uma forma simplificada de abordar a questão. Isso porque, conforme a mesma pesquisa indica, os brasileiros leitores dedicam a maior parte de seu tempo de leitura na internet, um meio que prevê a leitura para que ocorra a comunicação.

Ora, se a leitura de Livros Didáticos é válida para classificar um cidadão como leitor, então a de textos provenientes da internet também deveria ser, o que, necessariamente, abrangeria um número maior de leitores. Devemos destacar, por exemplo, que todos os livros que estão em domínio público são encontrados e podem ser lidos

gratuita e facilmente pela internet, por meio de qualquer computador. Hoje temos, ainda, os e-books (pagos e gratuitos), que são lidos por meio de diversos suportes, como Kindle, iPad, iPod etc; e os audiobooks, que podem ser ouvidos em aparelhos de som de automóveis e em tocadores portáteis de mp3, citando apenas dois exemplos.

Sendo assim, a tarefa de mensurar a quantidade de pessoas que leem no Brasil se tornou mais complexa após a introdução de novos suportes de leitura. O escritor Ronaldo Correia de Brito concorda que a definição de leitor deve abranger várias mídias, e não apenas o livro.

Surgiram novos tipos de leitores: de blogs e sites na internet, de revistas e jornais especializados ou de variedades. É necessário criar outro perfil de leitor, não apenas de livros. A leitura desses outros veículos de informação, leva aos livros. Houve grande investimento do Ministério da Educação e da Cultura na compra de livros e no estímulo à leitura. Avançamos nas políticas públicas para o livro, embora continuemos nos últimos lugares no ranking mundial de educação. (CORREIA DE BRITO, 2011, em entrevista)

Não podemos deixar de destacar, no entanto, que, em comparação com outros países, o Brasil é uma nação de poucos leitores. Esse traço marcante da evolução cultural brasileira, por um lado, reflete a marginalização social a que tem sido condenada a maior parte de nossa população, que vive em condições precárias, nas quais o consumo de bens culturais é um luxo desmedido (MARQUES DE MELO, 2006, p. 161).

Por outro lado, esse fenômeno ressalta a marginalização escolar que atinge boa parte das classes trabalhadoras, “gerando um analfabetismo crônico, que inclui os que não aprenderam a ler e os que foram induzidos a não gostar de ler” (*Ibidem*). Candido (1965 *apud* Marques de Melo, 2006, p. 161), mostra a distorção que se criou em torno da leitura, socialmente vista como uma atividade trabalhosa, torturante, sendo pouco aceita como algo útil e prazeroso. Para Marques de Melo, essa tendência vem se fortalecendo, e nem mesmo o “processo de modernização decorrente do alargamento das fronteiras do capitalismo em nosso país foi capaz de modificá-la” (*Ibidem*, p. 162).

Caldas (2006) indica uma característica dos livros didáticos utilizados em salas de aula como fator adicional ao problema da baixa leitura no Brasil. Segundo ela, o excesso de citação de textos de jornais em detrimento de textos literários ou crônicas (como nos livros do passado) é característico dos livros didáticos atuais.

O grande desafio reside, no entanto, na discussão pedagógica sobre a utilização dessas estruturas narrativas [jornalísticas] como modelos de texto a serem seguidos, em alternância aos textos literários, na maior parte desconectados da realidade, mas ricos em estilo e criatividade, que povoavam com mais frequência, no passado, os livros didáticos. (CALDAS, 2006, p. 127)

A presença única de narrativas jornalísticas em livros escolares é vista como prejudicial, pois

A incorporação de fragmentos de textos da imprensa nos livros didáticos não favorece a leitura crítica do mundo, porque são eles próprios, além de recortes, versões da realidade. Não são poucas as vezes em que os textos jornalísticos distorcem as suas relações entre presente, passado e futuro, razão pela qual dificultam a percepção crítica do mundo por não estabelecerem as necessárias conexões entre os fatos presentes com suas causas e consequências. (CALDAS, 2006, p. 119)

De fato, o depoimento de editores de livros revela que não há leitores o suficiente para aquecer o mercado, como vemos a seguir, na fala do proprietário da Conrad Editora, Rogério de Campos.

As pessoas acham que livros não vendem porque são caros, mas quem mantém a indústria editorial em todo o mundo é a classe média. E a classe média brasileira não lê, tem dificuldade de ler, dificuldade de entender texto. Então a maior dificuldade é a ausência de leitor. Eu seria mais rico que o Larry Flint nos Estados Unidos, porque a quantidade de coisa que lançamos e deu certo... (CAMPOS *apud* COSTA, 2009, p. 98)

André Forastieri, ex-sócio da Conrad, e atualmente dono de uma editora de publicações jornalísticas na área de tecnologia, também afirma que a falta de leitores prejudica seus negócios.

Que sentido faz você ter uma editora de livro nesse contexto? Ninguém mais lê. Não tem mais esse negócio de leitura, acabou. As grandes editoras do Brasil, se o governo parar de comprar livros delas, fecham todas amanhã. O mercado não é bom pra ninguém, porque ninguém lê. E cada vez vai ler menos, porque está na internet, no MSN, ninguém tem paciência pra encarar um livro, não é questão de hábito, é falta de hábito, é falta de tempo livre. A gente também tem uma geração nova que tem a atenção muito fragmentada, não consegue se focar em grandes períodos de tempo, tem que ter tudo rápido. *Pum, pum, clic, clic*. Não vejo as pessoas terem

paciência muito de entrar nessas coisas longas com muita frequência. Claro que vai ter, ainda por um bom tempo vai ter gente que vai querer ler coisas mais longas. (FORASTIERI *apud* COSTA, 2009, pp. 98-99)

A fala de Forastieri aponta para a distorção criada em torno da leitura, que é colocada como uma atividade trabalhosa, conforme apontado por Candido e discutido por Marques de Melo (2006). Além disso, o editor também ressalta o auxílio que o governo brasileiro dá às grandes editoras, por meio da compra de livros. Boa parte desse auxílio se dá por meio da compra de títulos direcionados às escolas públicas, como de livros didáticos, por exemplo. De fato, pesquisa da FIPE²⁶ mostra que 47,5% dos livros produzidos em 2009 no Brasil foram obras didáticas, voltadas à educação básica, às escolas. Raquel Cozer, jornalista especializada na cobertura de livros, confirma que as editoras brasileiras investem na produção de títulos que são normalmente adquiridos pelo governo, os mais rentáveis. Ela também destaca que a literatura não é muito rentável no Brasil:

Para as editoras a literatura em si não costuma dar dinheiro. (...) Então, o que acontece muito é, por exemplo, o que vende hoje em dia no Brasil é venda para o governo. Então, muita gente está investindo, por exemplo, o governo começou a comprar quadrinhos, então as pessoas começaram a investir em quadrinhos. O governo compra muito infantil, então todas as editoras que chegam ao Brasil, ou estão abrindo selo, ou chegam já com selo infantil. De auto-ajuda eu nem sei como é que está. De história, não ficção, eu sei que vende muito. E literatura não vende muito. Nenhum autor gosta de dar números, mas se você pegar aí os autores jovens, da Companhia das Letras, bons, não sei, não vou dar nomes, mas a tendência é que eles não tenham vendido nem uma tiragem inteira. A tiragem é de 3 mil exemplares. (COZER, 2011, em entrevista)

Roberto Feith, sócio da Editora Objetiva, destaca em seu depoimento a marginalização social que acomete a maior parte da população brasileira, impedindo-a de consumir artefatos culturais, conforme coloca Marques de Melo (*op. cit.*).

A principal dificuldade do mercado editorial brasileiro é a limitação do poder aquisitivo de quem quer ler e não pode comprar livro. As pessoas já são alfabetizadas, têm vontade de ler e não podem comprar ou não podem comprar na quantidade que gostariam. É uma limitação cruel, porque acho que se houvesse

²⁶ Pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro em 2009*, elaborada pela FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo – a pedido da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livro (SNEL).

maior poder aquisitivo por parte da classe média, b e c, não teríamos um número de leitores tão reduzido. (FEITH *apud* COSTA, 2009, p. 102)

Para Rinaldo Gama, editor do *Sabático*, o público leitor brasileiro é restrito, porém fiel. Ele também acredita que a compra de livros pelo governo é um movimento natural e necessário, dada a realidade de desenvolvimento de nosso país. Além disso, a “leitura compulsória” é apontada como responsável pelo aumento na produção de livros no Brasil.

Existe uma coisa muito curiosa no mercado de livros, que é a fidelidade. Ou seja, aquele sujeito que é um leitor fiel. Esse leitor fiel, ele é o mesmo. Ele é o cara que lê o *Sabático*, que vai à livraria de sábado, e que vai ao evento literário. É a mesma pessoa. Esse número, claro que estou fazendo uma imagem aqui para você entender, é um número pequeno, é um universo restrito. Não significa necessariamente o universo multiplicado pelo número de eventos e nem de produção de livros. (...) Nós temos uma venda muito grande de livros no Brasil, porque o governo é o maior cliente das editoras. Isso é natural num país como o nosso, com as características que nós temos. Nós estamos começando a acontecer agora. Então é natural, é necessário que o governo faça compras massivas de livros. Vai chegar um tempo em que isso vai ser menor, mas ainda vai demorar. Então, se você olhar aqueles números que os livreiros apresentam, uma parte muito considerável daquela expansão ainda é do que eu chamo de “leitura compulsória”. O sujeito é obrigado a ler. Porque chegou para ele, ele tem que ler. Porque tem que trabalhar com aquilo. Outros índices de leitura compulsória: vestibulares. É leitura compulsória. O cara não foi ler *Os Sertões* porque deu uma vontade de entender o Brasil, porque “ouvi falar que o Euclides da Cunha nesse livro fez uma coisa que é um retrato”, não foi isso. Ele foi ler porque está na lista do vestibular. E muitas vezes depois daqueles 11 livros que ele leu no vestibular, passa no vestibular, e nunca mais lê. Isso acontece com frequência. Nunca mais lê aqueles autores, eu quero dizer. Tinha lá *Perto do coração selvagem*, o *Sagarana*, ele leu para o vestibular, mas não vai ler *Grande sertão: veredas*, não vai ler *Água viva*, da Clarice, porque leu aquilo lá. Ele fica ali. Quem vai ler, quem continua lendo, muitas vezes, é um leitor que é o mesmo. Que frequenta essas baladas literárias, feiras de livros, etc. O que eu quero dizer é o seguinte, que o universo do leitor no Brasil ainda é pequeno, infelizmente. (GAMA, 2011, em entrevista)

A situação da leitura no Brasil, portanto, pode ser colocada da seguinte maneira: poucos leem uma grande variedade de livros, devido à precariedade do sistema educacional e à própria desigualdade social que impera no país, mas existem leitores de outras mídias. Os jornais e revistas populares e os blogs e sites de internet podem ser destacados como mídias muito lidas pelos brasileiros. Os livros religiosos, de auto-ajuda e *best-sellers* também são amplamente lidos e consumidos, bem como os didáticos.

É importante destacar, ainda, a existência de iniciativas de popularização do livro e da leitura sendo desenvolvidas em diversos locais no país, com a criação de bibliotecas itinerantes e outros projetos especiais que facilitam o acesso ao livro. Na cidade de São Paulo é desenvolvido o projeto “Embarque na Leitura”, que conta com quatro bibliotecas instaladas em estações de Metrô e Trem. Outros projetos que preveem a distribuição e o empréstimo de livros em pontos de ônibus e outros locais públicos são existentes e proliferam pelo Brasil afora. Raquel Cozer confirma que o “fundamental para se ter leitores é a educação na área pública, a educação na escola e rede de bibliotecas, acesso a livros” (2011, em entrevista²⁷). Ela destaca que o PNLL, Plano Nacional do Livro e Leitura, lançado em 2006 no Brasil visa dar as diretrizes para a implantação de bibliotecas no Brasil, fazendo um balanço de quantas bibliotecas existem e em quais locais. É mais uma iniciativa que vem sendo tomada pelo governo para minimizar a desigualdade social visivelmente notada ao analisarmos os índices de leitora no país.

1.5. A editoria de cultura nos jornais brasileiros

O Jornalismo Cultural brasileiro é afetado por e exemplifica as questões a que nos referimos neste capítulo, acerca da indústria cultural e do perfil do leitor no país. Para Lorenzotti (2010), os veículos culturais da grande imprensa buscam ao mesmo tempo status e atender às demandas da indústria cultural. Segundo a mesma autora (2007), o Jornalismo Cultural sofre de uma crise de identidade, pois há uma dicotomia entre a cobertura diária (mais próxima da cultura de massas) e a cobertura dos fins de semana (ligada à reflexão e ao debate). Podemos entender essa dicotomia como reflexo do problema originado pela busca de ao mesmo tempo satisfazer os desejos de leitura das massas e manter o status do jornal enquanto veículo de erudição e cultura. Por um lado, deseja-se ampliar as vendas do jornal, por meio da oferta de informações acerca de objetos com grande apelo comercial como *blockbusters* e *best-sellers*, e, por outro, nutrir a noção de que o jornal é um artefato de respaldo social e valor cultural. Entretanto, como veremos a seguir, motivações econômicas e ideológicas também estão por trás da pauta do Jornalismo Cultural.

²⁷ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por telefone em setembro de 2011.

Gadini (2009, pp. 80-81) conceitua Jornalismo Cultural (JC) como “os mais diversos produtos e discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo (...) que, ao abordar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem e projetam modos de ser, pensar e viver dos receptores, efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde ele é produzido, circula e é consumido”. Gadini (2009) também indica que a rotina jornalística dos cadernos culturais brasileiros “não difere muito do que e como ocorre no cotidiano da produção periodística” (p. 84). Assim, o JC, embora seja uma segmentação do Jornalismo, não deve ser tratado de maneira diferente, já que é orientado pelos mesmos valores tradicionais, como atualidade, clareza, interesse, difusão etc.

Logo, pode-se observar o JC brasileiro sob a ótica dos ensinamentos de Marques de Melo (2006), que destaca que, nas sociedades capitalistas, a imprensa se estrutura como um espaço privilegiado da burguesia (p. 58). Embora existam veículos desenvolvidos pelas classes subalternas, esses são limitados em sua capacidade difusora. Portanto, os que mantêm em funcionamento “poderosas organizações que registram os acontecimentos e difundem informações e opiniões” são as classes detentoras do capital. Para Marques de Melo, o público leitor não faz uma opção ideológica, ou seja, não opta por um veículo de acordo com a filiação ideológica do mesmo, mas acaba optando pela imprensa burguesa “porque ela lhe é útil, na medida em que possui informações indispensáveis para as suas decisões cotidianas (comprar, vender, passear etc)” (2006, pp. 58-59).

Nesse ponto é possível notar de maneira mais próxima a atuação do JC, que, no Brasil, muitas vezes age como guia de consumo. Se os que ocupam as classes mais altas da sociedade controlam a mídia e o JC, é claro que as manifestações culturais difundidas serão aquelas que representam os valores do sistema econômico vigente. Assim se compreende a divulgação de obras e eventos massivos de baixa qualidade artística, já que os mesmos podem contribuir para a manutenção do sistema, ou mesmo gerar lucros para as empresas patrocinadoras que também atuam dentro do jornal. Lustosa (2006 *apud* Gadini, 2009) fornece um exemplo da atuação de empresários no JC, indicando que a motivação por trás dos guias de consumo está além da simples função de prestar serviços ao leitor:

Uma parcela ponderável do material publicado obedece indicações dos próprios promotores da maioria dos eventos divulgados, como os proprietários de cinemas,

donos de bares e restaurantes, empresas de televisão etc. A proposta do segundo caderno é atender às necessidades lúdicas dos leitores dos jornais e, por isso, quase sempre seus textos são leves, irônicos e destinados a envolver o leitor em um clima de bem-estar. (LUSTOSA *apud* GADINI, 2009, p. 200).

Mas como nasceu o JC no Brasil e quais são suas principais características contemporâneas? Os tópicos a seguir resgatam brevemente essas questões.

1.5.1. Trajetória histórica

Acerca do Jornalismo Cultural, Daniel Piza (2009) destaca que “não existe telescópio Hubble que possa determinar a data de seu nascimento” (p. 11). Entretanto, o mesmo autor destaca o ano de 1711 como um dos marcos do princípio do JC, pois foi quando os ingleses Richard Steele e Joseph Addison fundaram a revista *The Spectator*. Segundo Piza (*op. cit.*), a revista foi criada com a finalidade de “Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e café” (p. 11), e procurando mostrar que o conhecimento era divertido, e não uma atividade maçante.

Assim, Piza indica que

o jornalismo cultural, dedicado à avaliação de ideias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (...) e o Humanismo se propagara da Itália para toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Montaigne na França. (PIZA, 2009, p. 12).

O mesmo autor também aponta dois grandes escritores europeus do século XVIII que são considerados como precursores do JC: o irlandês Jonathan Swift (*Viagens de Gulliver*) e o britânico Daniel Defoe (*Robison Crusoe*). Em meados do século XIX o ensaísmo e a crítica cultural se tornaram mais influentes, quando a industrialização já tinha tomado conta da Europa (Piza, 2009, p. 14). Também no século XIX o JC se tornou influente em países como EUA e Brasil.

No Brasil, até 1808 não havia universidade ou imprensa (e a imprensa nasceu como imprensa régia, publicando apenas documentos oficiais da monarquia). Em 1854, Machado de Assis, aos 15 anos, começa a trabalhar em jornal. De acordo com Piza,

No Brasil, o jornalismo cultural só ganharia força no final do século XIX; e dele nasceria o maior escritor nacional, (...) Machado de Assis (1839-1908), que começou a carreira como crítico de teatro e polemista literário, escrevendo ensaios semanais (...) e resenhando controversamente os romances de Eça de Queiroz. (PIZA, 2009, p. 16).

Em 1872, o Brasil é “cabeado”, o que permitiu a transmissão de informações de maneira eficiente e transformou a imprensa. Até a virada pra o século XX, o jornalismo era repleto de debates e articulações, com pouco noticiário. Com a modernização da imprensa, o jornal passou a dar mais importância para a reportagem e para o relato de fatos. No âmbito do JC também houve alterações, com a introdução da reportagem, da entrevista e da crítica de arte “mais breve e participante” (Piza, 2009, p. 19).

Em 1960 surge o primeiro caderno cultural diário no Brasil, o *Caderno B*, do *Jornal do Brasil*. Em seguida, nasce o 4º *Caderno*, do *Correio da Manhã*, ainda na década de 1960. Em 1982 surge a *Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo*. Já o *Caderno 2*, do *Estado de S. Paulo*, é lançado em 1986.

1.5.2. Características contemporâneas

A pesquisa de Gadini (2009) fornece dados a respeito das características contemporâneas dos cadernos culturais dos jornais brasileiros. Tais cadernos possuem de seis a 12 páginas diárias em formato *standard*, ou entre 12 e 16 páginas em formato tablóide. Dos 20 diários analisados por Gadini em sua pesquisa, somente três possuem cadernos culturais em formato tablóide (*Zero Hora*, *Extra* e *Agora*). Todos possuem estrutura editorial formada por:

1. Matérias jornalísticas;
2. Crítica cultural;
3. Coluna social;
4. Serviço e roteiro (programação e sinopse de cinemas, teatros, museus, bares etc);
5. Programação ou guia de TV;
6. Variedades (tirinhas, horóscopo, palavras cruzadas e outras variedades de entretenimento).

As matérias jornalísticas abordando assuntos locais ou regionais ocupam cerca de 50% a 70% dos cadernos culturais brasileiros (Gadini, 2009, p. 199). Os jornais do eixo Rio de Janeiro-São Paulo veiculam um número maior de matérias abordando assuntos regionais, oscilando entre 80% e 100% da cobertura jornalística. Pautam-se eventos, lançamentos ou questões de interesse da região geográfica dos periódicos (*idem*). As demais matérias publicadas são textos traduzidos de jornais estrangeiros ou matérias enviadas por assessorias e agências de notícias.

As matérias jornalísticas veiculadas (...) diferenciam-se da estrutura discursiva informativa que marca as editoriais que formam o núcleo básico do jornalismo diário: política, economia, esportes, polícia e cidades, entre outras. Com uma perspectiva de informação mais assumidamente interpretativa, as matérias publicadas nos cadernos culturais se aproximam, por um lado, das reportagens de revistas semanais e, por outro, da estrutura de análise cultural (crítica), sem desconsiderar o caráter da informação – na maioria dos casos com *lead* e a preocupação com atualidade e o gancho factual informativo – nem a lógica do serviço ao usuário/consumidor. (GADINI, 2009, p. 199).

A crítica cultural, que vai da análise de filmes, peças de teatro e lançamentos editoriais até produções televisivas, também ocupa “espaço frequente e diário nos cadernos culturais” (*Idem*, p. 201).

Outros autores nos fornecem características dos cadernos culturais brasileiros, em complementação às destacadas por Gadini. Para Affonso Romano de Sant’Anna,

Se tomarmos os jornais e revistas nos últimos 30 anos, veremos que abriram espaços para cadernos com programações culturais. Criaram, por exemplo, cadernos de turismo e de informática e têm tablóides ou amplas seções destinadas a divertimentos, moda e gastronomia. Estas coisas, evidentemente, estão correlacionadas. Quem vai ao cinema ou teatro acaba comendo e bebendo alguma coisa, comprando algum livro, caso haja uma livraria por perto. Nesse sentido, os jornais aperfeiçoaram o que chamam de “serviço” atendendo o público, ao mesmo tempo em que ampliam seus lucros. Indústria, comércio e cultural, portanto, conjugados. (SANT’ANNA *apud* GADINI, 2009, p. 219).

Assim como Lorenzotti, Piza (2009) também acredita que há uma grande diferença entre o jornalismo cultural praticado diariamente e o de fins de semana. Ao indicar as características de cada uma dessas variedades de JC, Piza nos mostra o momento atual das editoriais de cultura:

Os cadernos diários estão mais e mais superficiais. Tendem a sobrevalorizar as celebridades, que são entrevistadas de forma que até elas consideram banal (...); a restringir a opinião fundamentada (críticas são postas em miniboxes nos cantos das páginas); a destacar o colunismo (praticado cada vez menos por jornalistas de carreira); e a reservar o maior espaço para as “reportagens”, que na verdade são apresentações de eventos (em que se abrem aspas para o artista ao longo de todo o texto, sem muita diferença em relação ao *press-release*). Os assuntos preferidos, por extensão, são o cinema americano, a TV brasileira e a música pop, que dominam as tabelas de consumo cultural. Os cadernos semanais, por sua vez, quando não cedem para o estilo jornalístico dos cadernos diários, esquecendo que sua função seletiva deve ser exercida com mais fundamentação ainda, estão presos ao esquema das resenhas encomendadas a professores universitários, que não raro pecam pela escrita burocrática e lenta, com excesso de jargões e falta de clareza. (PIZA, 2009, p. 53).

Apesar do tom crítico, as definições de Piza não se opõem às descobertas da pesquisa científica de Gadini, tampouco à análise de Lorenzotti. Sendo assim, podemos concluir que a indústria cultural se faz presente no jornalismo cultural brasileiro contemporâneo, especialmente no diário. De tal modo, influencia os hábitos de consumo cultural dos brasileiros leitores de jornais.

2. Capítulo II – O Suplemento Literário do OESP: referência no jornalismo cultural brasileiro

Existe uma incompatibilidade entre literatura e jornalismo.

A literatura quer ser eterna,(...)

[enquanto o] jornalista se ocupa do momento (...).

Quase não há lugar para a crítica de espetáculos,

dando-se preferência a um relato informativo,

falando da estreia que vai ocorrer.

A crítica (...) está perdendo espaço.

Décio de Almeida Prado

O exercício da crítica de arte na mídia brasileira vem sendo cada vez mais banalizado em função da enxurrada de *releases* de assessorias de comunicação que fazem o serviço de marketing, divulgando um filme, uma peça de teatro, uma exposição ou uma obra literária. No caso do livro, quase sempre o que se vê são resenhas e não críticas literárias que possam ajudar o leitor a fazer escolhas para a aquisição do título. Poucos são os veículos que ainda mantêm críticos com diferentes visões sobre uma mesma obra, como há cerca de três décadas, quando intelectuais se debruçavam sobre uma obra e desenvolviam reflexões aprofundadas sobre o autor, estilo etc. O fenômeno, próprio da indústria cultural, de transformar toda obra de arte em mercadoria a ser consumida como mais um produto descartável vem sendo debatido por alguns autores.

Em entrevista à revista *Veja* publicada em outubro de 1975, o professor e crítico literário Antonio Candido de Mello e Souza afirma, acerca da crítica literária em jornais e revistas:

No Brasil, até trinta anos atrás, a crítica se fazia em artigos de cinco a dez páginas nos rodapés dos jornais, semanalmente. Escritos por pessoas intelectualmente sérias, produziam uma visão empenhada, que ao mesmo tempo informava e formava o leitor. Isso acabou. O último crítico desse tipo foi o Wilson Martins, que encerrou suas atividades no ano passado, juntamente com o desaparecimento do *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*. (CANDIDO, 1975, *Veja*, ed. 371, p. 6)

O último reduto da crítica literária na imprensa nacional, assim se define o *Suplemento Literário*. O mesmo Antonio Candido, responsável por tal definição, anos mais

tarde afirmou, sobre si mesmo: “Eu acho que sou supervalorizado. Não sou isso tudo que falam. A grande cabeça política da minha geração foi Paulo Emílio Salles Gomes, e o grande crítico estético, Décio de Almeida Prado” (Candido, 2008, *Jornal da USP*, disponível *on-line*).

Os intelectuais a que Candido se refere, Paulo Emílio Salles Gomes e Décio de Almeida Prado foram ambos colaboradores do *Suplemento Literário* (respectivamente, crítico de cinema e editor e crítico de teatro). Apesar da excessiva modéstia, o relato de Candido revela, mais uma vez, uma qualidade do *Suplemento Literário*: a de possuir em seu quadro de funcionários intelectuais de destaque em suas respectivas áreas de atuação.

É simples compreender, dessa forma, por que o suplemento em questão é até hoje lembrado como sendo um marco na história do jornalismo cultural brasileiro: não apenas foi concebido por Antonio Candido, como teve intelectuais igualmente renomados como colaboradores, sendo, assim, um importante, e talvez inédito, espaço para a crítica literária genuína, na imprensa. Crítica literária, que falta ela faz.

Ao iniciar esta pesquisa, considerei, imediatamente, entrar em contato com o fundador do *Suplemento Literário* (SLOESP), o professor Antonio Candido, com o intuito de saber suas opiniões acerca do novo suplemento do *Estado*. Eis que obtive a seguinte resposta, por meio de e-mail enviado por sua filha, Ana Luisa Escorel:

Prezada colega. Devido à minha avançada idade [o professor completou 93 anos em julho de 2011] já tenho poucas possibilidades de conceder entrevistas e não estou informado sobre as modalidades atuais de suplementos literários. Tudo o que lhe poderia dizer, inclusive, documentos fundamentais, encontra-se no livro de Elizabeth Lorenzotti “Suplemento Literário. Que falta ele faz!” editado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Com os votos de bom trabalho, aceite os cumprimentos cordiais de Antonio Candido (CANDIDO, 2010, por e-mail²⁸)

Sendo assim, seguindo a orientação e a lição do professor, recorro a suas declarações presentes no livro de Elizabeth Lorenzotti, que se transformou em fonte essencial para esta pesquisa. Outros dois trabalhos igualmente importantes foram as duas dissertações de mestrado que têm o SLOESP como objeto de pesquisa, a de Marilene Weinhardt (1982) e a de Ana Cândida F. de Avelar Fernandes (2007).

²⁸ Resposta de Antonio Candido enviada a mim por Ana Luisa Escorel por e-mail, em 14/04/2010.

2.1. Contexto sócio-histórico e trajetória do SLOESP

O SLOESP circulou no *Estado* entre 6 de outubro de 1956 e 22 de dezembro de 1974. O Brasil dos anos 1950 tinha o desenvolvimento econômico como a grande meta a ser atingida, por meio da tecnologia, da urbanização e da industrialização do país. Os momentos decisivos do processo de industrialização ocorreram, segundo Lorenzotti (2007), entre o fim da década de 1940 e o ano de 1964, com a instalação de setores de tecnologia mais avançada, e a consequente entrada de empresas de grande porte multinacionais e da grande empresa estatal.

Em 1956, um dos mais populares presidentes da história do Brasil toma posse, Juscelino Kubitschek (JK), fazendo com que o país busque ainda mais o progresso, por meio da promessa de atravessar 50 anos em 5. Com o anúncio da implementação do Plano de Metas, JK inicia as bases da indústria automobilística brasileira e a construção de Brasília. Nos anos seguintes, o PIB nacional aumentou significativamente, embora 1956 tenha sido um ano ruim, com pouco crescimento e inflação alta. Porém, nos anos seguintes, como prometido, ocorreu o crescimento e um processo de industrialização acelerados, fazendo com que o Brasil se tornasse uma das economias mais prósperas do século XX, de acordo com Lorenzotti (2007). Assim, para muitos, vivia-se em uma época de otimismo.

Entretanto, embora uma economia moderna já tivesse sido construída entre os anos 1950 e 1970 no Brasil, o mesmo período, também se mostrou extremamente iníquo socialmente. A nova classe média representava a camada social que podia desfrutar dos novos bens de consumo. Após o golpe militar de 1964²⁹, a sociedade passou a ser regida pelos detentores da riqueza. No entanto, durante as décadas de 1950 e 1960 a cultura nacional floresceu, em todas as áreas de conhecimento: os problemas sociais e políticos do país eram tema do Cinema Novo; a Bossa Nova trazia novas formas de expressão artística, e o Teatro e a Arquitetura também se desenvolviam.

²⁹ “Em 1964 instalou-se no Brasil a ditadura militar, a fim de garantir o capital e o contingente contra o socialismo. O governo populista de Goulart, apesar da vasta mobilização esquerdizante a que procedera, temia a luta de classes e recuou diante da possível guerra civil. Em consequência a vitória da direita pode tomar a costumeira forma de acerto entre generais. O povo, na ocasião, mobilizado mas sem armas e organização própria, assistiu passivamente à troca de governos.” (SCHWARZ, 2005, p. 7)

Esse rico movimento cultural começa a ocupar com destaque as páginas da imprensa. Na literatura, “embora nem todo mundo tenha percebido na época, em 1956 ocorreu um fato cultural de primeira grandeza: o lançamento de *Grande Sertão: Veredas*, o grande romance de Guimarães Rosa” (Lorenzotti, 2007, p. 38). De fato, embora esse evento tenha passado despercebido por muitos à época, o SLOESP trouxe em sua primeira edição uma resenha da obra de Guimarães Rosa, assinada por Antonio Candido. A primeira edição do *Sabático* (13 de março de 2010) trouxe reimpressa esta resenha, destacando a importância exercida pelo SLOESP no período.

No dia 24 de agosto de 1956 a sucursal do *Estado* no Rio é invadida pela polícia e exemplares do jornal são apreendidos em razão da publicação de um manifesto de Carlos Lacerda. Júlio de Mesquita Filho denuncia a arbitrariedade à Associação Interamericana de Imprensa (AII), de acordo com informações constantes na “Cronologia histórica de *O Estado de S. Paulo*”, consultada no site da instituição em abril de 2010.

Já no início da década de 1960, com João Goulart como presidente, a cena cultural brasileira era composta por intelectuais e artistas jovens de esquerda, interessados em levar a cultura ao povo. Na área da Educação, o educador Paulo Freire iniciou uma grande campanha de alfabetização de adultos utilizando seu novo método pedagógico, que se origina e valoriza o conhecimento popular. Após o golpe de 64, a cultura brasileira passa a ser ainda mais marcadamente de esquerda, como explica Roberto Schwarz (2005), ao afirmar que “apesar da ditadura da direita há relativa hegemonia cultural da esquerda no país” à época (p. 8). Para ele, “esse é o traço mais visível do panorama cultural brasileiro entre 1964 e 1969” (p. 8).

Esta situação cristalizou-se em 1964, quando, grosso modo, a intelectualidade socialista, já pronta para a prisão, desemprego e exílio, foi poupada. Torturados e longamente presos foram somente aqueles que haviam organizado o contato com operários, camponeses, marinheiros e soldados. Cortadas naquela ocasião as pontes entre o movimento cultural e as massas, o governo Castelo Branco não impediu a circulação teórica ou artística do ideário esquerdista que, embora em área restrita, floresceu extraordinariamente. (SCHWARZ, 2005, pp. 8-9)

Curiosamente, a crítica literária Flora Süssekind (2010) destaca que atualmente “há um conservadorismo que é francamente hegemônico” na cultura nacional. Para ela, isso

envolve desde o retorno às figuras todo-poderosas do especialista monotemático, do agenciador com capacidade de trânsito inter-institucional e do colecionador de miudezas, às interlocuções preferencialmente de baixa densidade dos minicursos e palestras-espetáculo, do universo das regras técnicas e das normas genéricas e subgenéricas, fixadas acriticamente em oficinas de adestramento, à glamorização midiática de instituições autocomplacentes como a Academia Brasileira de Letras e correlatas, a formas variadas de culto a personalidades literárias, em geral mortas (e Clarice Lispector, Leminski, Ana Cristina Cesar têm sido objeto preferencial de dramaturgias miméticas, curadorias acríicas, ficções e comentários “à maneira de”), mas também em vida veem-se autores, mal lançados em livro, se converterem em máscaras que, com frequência, os aprisionam em marcas registradas mercadológicas de difícil descarte. (SÜSSEKIND, 2010, disponível *on-line*)

A realidade atual da cultura nacional, conforme destacada por Sússekind, pode ser tomada para se contrapor ao momento histórico peculiar em que nasceu e viveu o SLOESP, que era, em vários aspectos, muito diferente do que vivemos hoje. A hegemonia do pensamento conservador hoje, evidentemente, também é encontrada na grande imprensa nacional, que é majoritariamente controlada por apenas 11 famílias. Assim, raras são as publicações ou os espaços de comunicação em que o pensamento de esquerda se propaga atualmente.

Assim, voltando ao apanhado histórico que vínhamos retomando antes dessa breve digressão, é possível constatar que o Jornalismo foi marcado por transformações profundas durante a década de 1950 no Brasil. Além da introdução de equipamentos modernos que permitiam acelerar a velocidade de comunicação, foram introduzidas técnicas jornalísticas oriundas dos Estados Unidos, como o *lead* e os cinco W (*what, who, when, where, how e why*). Logo, a influência da imprensa norte-americana vai substituindo a francesa, privilegiando-se a informação em detrimento da opinião.

2.1.1. A história das reformas de *O Estado de S. Paulo* e o nascimento do *Suplemento Literário*

O jornal *O Estado de S. Paulo* passou por reformas, em diferentes escalas de profundidade, em diversos momentos de sua história. O próprio jornal publicou uma página (Figura 14) expondo, cronologicamente, algumas mudanças visuais pelas quais passou ao longo de sua história, em 14 de março de 2010 (data em que a mais recente reforma foi às bancas pela primeira vez).

O jornal *O Estado de S. Paulo* foi lançado em 4 de janeiro de 1875, com o nome de *A Província de São Paulo*. Foi fundado por “um grupo de abolicionistas e republicanos, com a finalidade de lutar contra a escravidão e o regime monarquista” (Sant’Anna, 2008, p. 29). Em 1888, o nome de Julio Mesquita aparece na primeira página como diretor-geral, mas ele torna-se oficialmente o proprietário do diário em 1902. Desde então, a família Mesquita está à frente do jornal. Segundo Sant’Anna (2008), em 2003, em meio a um processo de renegociação de dívidas, a família concordou em deixar a gestão das unidades do grupo, permanecendo apenas no Conselho de Administração. “A exceção é Ruy Mesquita, que permaneceu no cargo de diretor-responsável, no qual responde pela opinião do jornal. (...) De resto, profissionais contratados passaram a ocupar os cargos de comando da empresa” (Sant’Anna, 2008, p. 146).

Em 31 de dezembro de 1889, 14 anos após sua fundação, o nome do jornal passou a ser *O Estado de S. Paulo*. Em março de 1892, seu logotipo ficou mais moderno, aproximando-se da versão atual (deixando de lado as letras góticas). Em setembro de 1993, o logotipo passou a ser azul, como é até hoje.

Figura 14: Página expando algumas mudanças gráficas pelas quais passou o jornal *O Estado de S. Paulo* ao longo de sua história



Fonte: Caderno Especial, *O Estado de S. Paulo*, página H8, 14/03/2010.

A primeira grande reforma pela qual passou o *Estadão* foi feita no fim da década de 1940 e início dos anos 1950. Os responsáveis pelas mudanças foram os jornalistas Giannino Carta e Cláudio Abramo, que 1951 assumiu a secretaria do jornal. A reforma foi concluída em 1961, com a transformação completa do jornal. O então secretário de redação, Cláudio Abramo (*apud* Lorenzotti, 2007, p. 39), classifica essa reforma como a maior já feita num jornal brasileiro.

Introduzimos no *Estado* um tipo de cobertura (...) absolutamente neutra e totalmente distante dos editoriais do jornal. De 1956 a 1961, o *Estado* se tornou, talvez, um dos

jornais mais bem feitos do mundo, embora os editoriais fossem medievais e defendessem os interesses da classe dominante paulista em primeiro lugar e os interesses brasileiros em segundo. O *Estado* era (como é) antiestatal, antigetulista, antitrabalhista, anticomunista e anticlerical. (ABRAMO *apud* LORENZOTTI, 2007, p. 39)

Em meio a esse contexto de renovação do jornal, em 1956, nasce o *Suplemento Literário*, a partir de um projeto elaborado por Antonio Candido, conforme veremos adiante.

No dia 13 de dezembro de 1968, o *Estado* é impedido de circular por ordem da ditadura militar. O editorial “Instituições em frangalhos”, escrito por Júlio de Mesquita Filho, é o motivo da proibição. A partir de então começa a censura dentro da redação de *O Estado de S. Paulo*³⁰. Para denunciar a censura, o jornal publicava poesias no lugar dos textos que eram proibidos de circular.

Desafiando os censores, o jornal começou a publicar poesias de vários autores brasileiros nos espaços das matérias censuradas. Quem escolhia as poesias era Oliveiros Ferreira, que logo se frustrou ao verificar que um grande número de leitores não entendia o sentido da publicação daqueles textos. Muitas vezes recebia cartas elogiando a disposição do jornal de difundir a poesia e a cultura. Foi então que surgiu a ideia da repetição: os espaços das matérias censuradas seriam sempre preenchidos com versos de um mesmo poeta. A partir de 19 de julho de 1973, quando foi proibido de noticiar a volta ao país do compositor Geraldo Vandré, os versos em sequência de *Os Lusíadas*, de Camões, passaram a ser o sinal de que uma matéria fora censurada. Outros expedientes também foram utilizados, mas Camões tornou-se um alerta inconfundível. (ABREU, 2003, p. 289)

Em 1971, Fernando Pedreira assumiu o cargo de diretor redator-chefe e iniciou um novo processo de reformulação do jornal. “Pedreira conseguiu fazer uma primeira página com a matéria mais importante do dia, arejar as editoriais e melhorar o texto” (Abreu, 2003, p. 290). Após Pedreira, o jornalista Augusto Nunes assumiu a chefia da redação (em 1988), iniciando um novo processo de reforma do jornal. Com Nunes, na virada dos anos 1980 para os 90, o jornal se transformou radicalmente, por meio da informatização da redação; da criação de cadernos temáticos; da introdução de cores e do lançamento da edição de segunda-feira (Abreu, 2003, p. 291). A respeito da reforma que implantou no jornal no início da década de 1990, Nunes declara:

³⁰ Segundo informações presentes na “Cronologia histórica de *O Estado de S. Paulo*”, que em abril de 2010 estava disponível no site da instituição.

O *Estadão* não tinha cadernos, só o *Segundo Caderno*, criado pelo Miguel Jorge. Eles ficavam inibidos: “Não, porque a *Folha* vai dizer que nós estamos imitando as ideias deles...” Isso, quando todos os jornais do mundo já tinham cadernos. Fizemos cadernos também. O *Estadão* não usava cores. Passou a usar em outubro de 1991, dois meses antes da minha saída. E passou a usar no dia em que o jornal, pela primeira vez depois de quase 60 anos, voltou a circular às segundas-feiras. Foi o final do projeto de reforma. Em quatro anos, veja o que aconteceu. E tente imaginar como era o *Estadão* quatro anos antes. Imagine: concorrendo com um jornal como a *Folha*, que já tinha essas qualidades que tem, esse cacife todo e esse bom *marketing*, e cobrando o mesmo preço pela assinatura, havia um jornal que não era informatizado, não tinha cadernos, não usava cores e não saía às segundas-feiras! Os jogos de futebol de domingo, inclusive os da seleção brasileira, eram noticiados na terça. (NUNES *apud* ABREU, 2003, p. 305)

Em outubro 2004, o *Estadão* foi novamente redesenhado, desta vez sob responsabilidade do ex-diretor de redação Sandro Vaia. Segundo Vaia, a reforma pretendia mudar a imagem do *Estadão* enquanto jornal “chato, pesado”, fazendo com que deixasse de ter um “ar sisudo, aquele ar de seriedade” (*apud* Sant’Anna, 2008, p. 199). Dentre as mudanças trazidas, destacam-se a criação do caderno *Aliás* (que aprofunda, aos domingos, a discussão de temas importantes da semana) e do suplemento de gastronomia *Paladar*. Além de criar novos cadernos, Vaia deu “maior peso às reportagens especiais e maior agressividade ao jornal” (Sant’Anna, 2008, p. 146).

Finalmente, a última reforma pela qual passou o *Estado de S. Paulo* ocorreu, como sabemos, em março de 2010, concomitantemente à reformulação do portal do jornal na internet. Dentre as motivações para o redesenho, está a aposta na convergência entre as mídias digital e impressa, destacando a especificidade de cada meio: “se na web o usuário navega e busca exatamente o que quer, aos jornais cabe selecionar, analisar, oferecer o inesperado e pautar os grandes assuntos de um país” (*O Estado de S. Paulo*, H2, 14 mar. 2010). Para fazer o redesenho gráfico do jornal, foi contratada a empresa de consultoria e estratégia editorial *Cases i Associats* (sediada em Barcelona), responsável também pelo redesenho de 2004. O projeto foi coordenado por Roberto Gazzi, atual editor-chefe do jornal, e Pedro Doria, editor-chefe de Conteúdos Digitais. Dentre as inovações, destacam-se a criação de uma nova tipografia e o lançamento do suplemento literário *Sabático*, sobre o qual trataremos em mais profundidade no **Capítulo IV: *Sabático: renovação de um modelo consagrado?***. É curioso destacar que, de acordo com Gama (2011, em

entrevista³¹), novamente o jornal buscou uma feição moderna e mais leve, buscando fugir da imagem de jornal “chato, pesado”, como destacou Vaia.

Agora, essa ideia de que o *Estadão* é um jornal pesado, quando ele fez a reforma gráfica, o primeiro mandamento da reforma foi assim: o *Estadão* vai se renovar, vai ter um desenho mais moderno, mais ágil, etc, sem deixar de ser o *Estado de S. Paulo*. Esse era o desafio do escritório de Barcelona. As pessoas ficaram assim, “como vamos fazer isso?”, “como vamos fazer um jornal mais atraente, mais leve do ponto de vista estético, sem perder aquilo que é uma marca do jornal?” (GAMA, 2011, em entrevista)

Nota-se, assim, que as duas últimas reformas visavam minimizar a ideia de que o *Estado* é um jornal “pesado”, tornando-o mais acessível ao grande público. Entretanto, essa noção é contraditória, pois o jornal, nas últimas reformas, investiu na criação de cadernos mais reflexivos e densos, como o *Aliás* e o *Sabático*, e, conforme Gama destacou, não queria perder sua “marca”. O fato de que tanto Vaia, em 2004, quanto Gama, em 2011, mencionaram que havia o desejo de tornar o jornal mais ágil, nos mostra que essa é uma busca constante, ao mesmo tempo em que o jornal procura sempre manter um pé na tradição.

Mas será possível conciliar tradição e agilidade? Talvez essa incapacidade de conciliação seja o motivo pelo qual o jornal está sempre se renovando, ou buscando se renovar. Nota-se que a reforma feita em 2004 não foi satisfatória no que diz respeito à mudança da imagem do jornal, já que em 2010 ainda buscava-se a mesma coisa. A última reforma também não fez com que o jornal se tornasse menos denso, do ponto de vista das informações apresentadas, mas apenas trouxe recursos que facilitam a leitura.

O jornal ficou mais agradável de ler. O que era um dos objetivos da reforma. E isso foi testado. Por que ficou mais fácil de ler? Porque esse projeto que está agora em vigor tem uma inclinação a horizontalizar as informações. Antes elas eram muito verticalizadas. E as pesquisas mostraram que quando a pessoa lê uma coisa na vertical ela se cansa. Ela acha que é longo. Você pode colocar o mesmo texto, no mesmo tamanho, quando você coloca na horizontal, elas acham que foi mais curto. Então, essa reforma horizontalizou o *Estadão*. A tipologia também ficou mais clara e um pouco maior. Não tão maior quanto a de um concorrente nosso. Mas ficou maior. E com isso as pessoas passaram a ver o jornal como mais leve do que era antes, e mais fácil de ler. O que são duas vitórias, vamos dizer assim, do projeto. Não era muito fácil conseguir essa equação. Você ter o mesmo conteúdo, as

³¹ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa pessoalmente em 19 de setembro de 2011.

matérias não diminuíram de tamanho, mas com uma apresentação que tornasse mais agradável para o leitor, mais agradável a leitura, esse foi o desafio que o escritório de Barcelona teve que vencer. Vários recursos de tipografia, de entrelinhamento, a distância entre uma linha e outra, foi criada uma tipografia própria do jornal, que não existisse em outro veículo, uma tipografia do *Estadão*. Algumas mudanças, por exemplo, a primeira página do jornal tem 5 colunas e não 6; o *Sabático* trabalha com o que a gente chama de coluna falsa, a medida da coluna do *Sabático* é diferente do resto do jornal, mas ao mesmo tempo ele tem brancos dos lados, ele tem o que a gente chama de coluna branca, que é uma coluna sempre da direita. São estratégias visuais que podem fazer com que um texto, como é o caso do *Sabático*, longo, porque os textos do *Sabático* são longos, não cansa a leitura, ou não desencoraje, pelo menos, a leitura. [Permite que o leitor] entre no texto, porque ele está servido de vários recursos para isso. (GAMA, 2011, em entrevista)

Dessa forma, o *Estadão* realizou diversas e importantes reformas ao longo de sua história, mas nunca abandonou suas raízes, sua tradição enquanto veículo que contém informações mais densas. Para Rinaldo Gama, o *Suplemento Literário* ajudou a criar a imagem tradicional do jornal, que deve ser mantida a qualquer custo, preservando a herança cultural brasileira.

Um jornal que fez o *Suplemento Literário* e que teve um enviado especial a Canudos que se chamou Euclides da Cunha, não pode deixar [de ter seu suplemento literário]. (...) Um jornal de 136 anos, que já teve uma coisa chamada *Suplemento Literário*, não pode nem pensar em renunciar a essa tradição. (...) Porque isso está incrustado no DNA do jornal, o jornal nasceu, criou um suplemento que fez história no Brasil, e ele não pode renunciar a isso, é uma dívida que ele tem, um compromisso que ele tem com o Brasil, com a cultura e com a literatura brasileira. (GAMA, 2011, em entrevista)

Gama também reforça a importância da tradição, em especial da tradição advinda do SLOESP, explicitando que a criação do *Sabático* foi feita com o intuito de resgatar essa tradição, que é parte da história do jornal. Evidentemente, esse investimento em tradição representa prestígio para o jornal. O prestígio vale, de certa forma, para o jornal, mais do que se atualizar, do que ser um veículo moderno e ágil, qualidades que eles também buscaram, mas em menor escala.

Eu não sou o Décio de Almeida Prado, não sou o Antonio Candido, não é essa a pretensão, mas tenho certeza de que o caderno que eu ajudei a fazer e edito é um herdeiro dessa tradição. Portanto, todo cuidado é pouco. Quer dizer, estou falando de Antonio Candido, estou falando de Décio de Almeida Prado, estou falando de Paulo Emílio Salles Gomes, estou falando da geração *Clima*, é um colosso, é

avassaladora a influência dessas pessoas na cultura brasileira. Então eu estou, com todas as proporções guardadas, prosseguindo esse trabalho. (GAMA, 2011, em entrevista)

Face à importância do *Suplemento Literário* para o *Sabático*, objeto de estudo desta dissertação, é necessário retomar a história desse suplemento. Conforme já dito, o *Suplemento* começa a circular no *Estado de S. Paulo* em 06 de outubro de 1956. O projeto do SLOESP foi elaborado por Antonio Candido a convite do dono do jornal, Julio de Mesquita Neto. Tudo começou quando, em 1954, durante as comemorações do IV Centenário de São Paulo, os responsáveis pelo jornal pediram que Candido indicasse um grupo de intelectuais que pudessem colaborar em uma edição comemorativa sobre a cidade. Tal indicação foi feita, porém, Candido não ficou satisfeito com a edição publicada, criticando-a duramente a José Mesquita, um dos diretores do jornal.

O professor Antonio Candido afirmou que o caderno tinha excesso de publicidade e dedicava pouco espaço aos colaboradores. Também ressaltou que o *Estado*, sendo uma empresa cultural, deveria ter um suplemento cultural. Cerca de um ano depois, foi procurado por Julio de Mesquita Neto, que solicitou a elaboração de um projeto de suplemento cultural que preenchesse a lacuna detectada por ele em sua crítica ao suplemento do IV Centenário.

Eu os critiquei duramente. Os Mesquita não ficaram ofendidos (...), tomaram minha crítica pelo lado construtivo (...), pegaram a pessoa que criticou e falaram: faça. Depois, quando terminei o projeto, perguntaram quanto era e eu disse: nada. Passado algum tempo, o Dr. Julio me deu uma grande soma e eu fiquei com a cara no chão. (CANDIDO *apud* LORENZOTTI, 2007, p. 40)

O projeto elaborado por Candido foi integralmente aprovado pela direção do *Estado* em julho de 1956. O documento frisava que o suplemento deveria evitar dois extremos: o tom excessivamente jornalístico e o tom excessivamente erudito. Também expunha as seções fixas e variáveis do suplemento; o estilo de escrita a ser adotado; a necessidade de publicação de originais literários; a proposta visual que deveria ser graficamente seguida; a remuneração a ser paga aos colaboradores; a indicação dos nomes dos colaboradores que seriam responsáveis por cada cobertura e outros detalhes.

De fato, a leitura de tal proposta evidencia que o *Suplemento Literário*, desde o seu nascimento, tinha o intuito de ser uma publicação independente, embora apenas a um jornal de grande circulação que possuía sua própria linha editorial. Uma experiência como essa é impensável no contexto atual, mas foi possível na época, devido ao momento de transformações e reformas no Jornalismo, um momento de fazer apostas.

Atualmente o Jornalismo passa por outro momento de transformação, mas em outro contexto sócio-histórico e devido a outras motivações. Os Mesquita fizeram uma aposta na proposta de Candido, embora tivessem posicionamento ideológico oposto ao do professor, pois havia um espaço e uma demanda para a reflexão e a crítica. “Eu ressalto uma coisa a favor dos Mesquita. Que sempre foram muito contra a esquerda, e no entanto, respeitaram toda colaboração de esquerda no *Suplemento*”, afirmou Antonio Candido (*apud* Lorenzotti, 2007, p. 80), ressaltando a noção de que o SLOPESP era um jornal dentro do jornal, uma publicação que gozava de autonomia.

Houve já nos anos 50 grandes reformas no jornalismo, e depois outras foram se seguindo. E o *Suplemento Literário* ocupou esse espaço, que veio da cabeça do Prof. Antonio Candido, através de um convite. Ele foi convidado pelo dono do jornal. Ele tinha feito uma crítica ao suplemento do IV Centenário [da cidade de São Paulo]. Ele disse que tinha muita publicidade, que o jornal era cultural, então precisava ter alguma coisa cultural. Então, esse espaço existia, era um jornal de 6 a 8 páginas, se não me engano, totalmente dedicado a esse aspecto da reflexão, da crítica, e contando com grandes críticos. (LORENZOTTI, 2010, em entrevista)

Evidentemente, a autonomia do *Suplemento* fazia com que ele, em algumas ocasiões, tivesse um tom destoante do restante do jornal. Conforme exposto anteriormente, a elite intelectual do país, à época, estava ideologicamente alinhada à esquerda. Segundo Décio de Almeida Prado, primeiro editor do *Suplemento*, a presença de partidários da esquerda no suplemento gerava tensão entre os colaboradores do SLOESP e a direção do jornal.

As relações eram boas, no sentido que sempre me respeitaram muito, nunca impuseram nada. Mas, senti que, com a evolução política brasileira, à medida que se travava uma luta entre direita e esquerda, como no *Suplemento* havia muita gente de esquerda, foi se criando uma certa tensão, nunca declarada. O *Suplemento* não seguia exatamente a linha do jornal. Também não havia nenhuma preocupação em seguir linha oposta. (...) Mas quase toda a intelectualidade, naquele momento, se inclinou para a esquerda, e isso naturalmente se refletia no *Suplemento*, a menos

que houvesse uma censura da minha parte. E não exerci normalmente essa censura. Também a direção do jornal não a exerceu, a não ser em casos esporádicos. Tive alguns problemas, em alguns casos precisei resistir, em outros concordei que, realmente, algumas seções, às vezes, estavam tomando um caráter demasiadamente panfletário. (...) o *Suplemento*, quando o dirigi, de 56 a 66, atravessou um período muito agitado. Tivemos toda a agitação pré-64 e pós-64 e os conflitos, as tensões, foram relativamente poucos. (ALMEIDA PRADO *apud* WEINHARDT, 1982, pp. 456-457).

Assim, o SLOESP foi um suplemento que não seguia os cânones do jornalismo, mas era artístico e literário, não contava com investimentos financeiros e possuía pouquíssima publicidade. Abrangia diversas áreas da cultura e do pensamento, como as Ciências Sociais, a Filosofia, o Teatro, o Cinema, as Artes Plásticas, a Música e, é claro, a Literatura. Nilo Scalzo, que editou a *Suplemento* em seus anos finais, defendia a ideia de que o mesmo não deveria se tornar informativo, mas ser um espaço de reflexão cultural.

Eu achava que o *Suplemento* não tinha que se engajar na parte jornalística, na medida em que ele não era informativo. Ele tinha que ser uma parte reflexiva, era o lugar para que as pessoas que estudassem literatura etc. pudessem fazer um tipo de reflexão que passava muito longe dos limites do jornalismo, que era uma coisa do dia-a-dia. (SCALZO *apud* LORENZOTTI, 2007, p. 64)

Logo, tratava-se de um espaço de reflexão, que permitia que grandes críticos escrevessem à vontade, sem censura ou limitação de espaço.

O Décio de Almeida Prado, esse grande crítico de teatro, que era o editor do *Suplemento*, um grande amigo do Prof. Candido, encomendava as matérias e falava para a pessoa escrever o quanto ela quisesse. E o que ela quisesse, também não era censurado, jamais. E era um jornal que também não tinha panelas, não tinha restrições, era uma coisa bem aberta, o que hoje também é absolutamente difícil de existir. É por isso que essa é uma experiência única. (LORENZOTTI, 2010, em entrevista)

Além da crítica, o *Suplemento* era espaço privilegiado para a publicação de obras inéditas em poesia e prosa e de ilustrações, pinturas e artes plásticas em geral (de escritores e artistas renomados ou iniciantes).

Figura 15: Presença das Artes Plásticas na 1ª (à esquerda) e na última (à direita) edição do SLOESP



Fonte: *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*, respectivamente de 06/10/1956 e 22/12/1974.

O projeto de Antonio Candido foi seguido à risca de 06 de outubro 1956 a 17 de dezembro de 1966, última edição que teve Décio de Almeida Prado como editor. Depois disso, a publicação foi editada por Nilo Scalzo e sofreu algumas alterações em relação ao projeto original, como a mudança de colaboradores e a introdução de novas fórmulas, como traduções. Scalzo permaneceu no cargo entre 1966 e 1971. Em 1972, o jornalista Ruy Plácido Barbosa passou a editar a página de Artes do *Estadão* e o *Suplemento Literário* (Lorenzotti, 2007, p. 63). Em 1973, no entanto, Nilo Scalzo voltou a editar o SLOESP (e a página de Artes), permanecendo no cargo até a extinção do suplemento, em 22 de dezembro 1974.

Durante os 18 anos de vida do SLOESP, o suplemento passou por apenas uma reforma gráfica, com a mudança de logotipo, tipografias e diagramação das páginas, de maneira geral. Mas o novo projeto gráfico, “adotado a partir de 8 de abril de 1967, apontou para a possibilidade de mudanças que extravasariam o aspecto visual” (Avelar Fernandes,

2007, p. 24). Nesse sentido, segundo Nilo Scalzo (*apud* Lorenzotti, 2007, p. 63), a direção do jornal passou a intervir, ainda que de forma branda, mostrando interesse em fazer uma publicação mais jornalística (isto é, mais pautada por assuntos contemporâneos e interesses comerciais).

Para Décio de Almeida Prado, primeiro editor do SLOESP, a introdução de relatos informativos (jornalísticos) significava a redução do espaço da crítica.

Quando eu cuidei do *Suplemento*, entre 1956 e 1966, já havia muitas reclamações. Diziam que não era jornalístico, que falava de coisas que não interessavam ao leitor comum. Desde então me convenci de que existe uma incompatibilidade entre literatura e jornalismo. A literatura quer ser eterna, sonha com obras de longa duração – tanto que assistimos a autores como Shakespeare, ou lemos poetas de milênios, como Homero. O jornalista se ocupa do momento, tanto que não se lê o jornal de ontem. Essa incompatibilidade sempre existiu, mas agora aumentou muito. O próprio espaço de debate nos jornais ficou menor. Quase não há lugar para a crítica de espetáculos, dando-se preferência a um relato informativo, falando da estreia que vai ocorrer. A crítica, como consciência de uma obra, está perdendo espaço. (ALMEIDA PRADO, 1997, *Veja*, ed. 1499, p. 13)

Observamos, assim, que o *Suplemento* foi gradativamente perdendo a autonomia que possuía em seus anos iniciais, se afastando cada vez mais do projeto original concebido por Candido. O depoimento de Nilo Scalzo confirma que a situação era exatamente essa.

Com o tempo, foram surgindo as mudanças e não se admitia que o *Suplemento* pudesse ser independente. Na verdade, o *SL* nada tinha a ver com a redação. A função dele não era essa. É você aceitar um campo de trabalho que, apesar de estar no jornal, não é necessariamente do jornal. Ficou um imbróglho conduzir naquela confusão. (SCALZO *apud* LORENZOTTI, 2007, p. 93)

Mas a autonomia não era o único diferencial do SLOESP em relação aos demais cadernos do jornal. A remuneração oferecida a seus colaboradores também era superior à de jornalistas e demais pessoas que escreviam ou trabalhavam no jornal.

O Antonio Candido fez uma pesquisa nos jornais da época, viu qual era a remuneração para artigos, para pessoas escrevendo na área cultural, e dobrou essa remuneração. A remuneração era a mesma para quem escrevia texto, para quem fazia foto e para quem ilustrava. Os ilustradores eram grandes artistas, Portinari, Cavalcanti, e várias pessoas novas que estavam começando e que hoje são famosas, como Giselda Leirner, Wesley Duke Lee, e várias outras. (LORENZOTTI, 2010, em entrevista)

Italo Bianchi, artista responsável pelo projeto gráfico do SLOESP em seus anos iniciais, afirma que era registrado em carteira de trabalho e “recebia um bom dinheirinho, comparando com os ordenados dos jornalistas” (*apud* Lorenzotti, 2007, p. 45). Décio de Almeida Prado apontou que os jornalistas tinham ciúmes da remuneração privilegiada dos colaboradores do *Suplemento*. Italo Bianchi e Nilo Scalzo, no entanto, não confirmam a informação. Scalzo afirma que essa questão não existiu, pois os jornalistas eram contratados e os colaboradores do SLOESP não (Lorenzotti, 2007, p.45). No entanto, Décio colocou essa questão como sendo um fator que contribuiu para o fim do *Suplemento*. Quando ele abandonou o cargo de editor, o SLOESP já enfrentava problemas devido ao fato de que a inflação consumia as remunerações dos colaboradores, que precisavam ser reajustadas. Somados à necessidade de reajuste de ordenados estavam os problemas de ciúmes na redação e de baixo número de anunciantes no suplemento.

Fizemos alguns reajustes, mas esses reajustes foram baixando de nível. Isto se deve, creio eu, à reação de alguns jornalistas que achavam que o *Suplemento* estava pagando demais, em relação aos padrões do jornal. Houve uma ciumeira muito grande na redação, por parte de alguns elementos e isso também atingia de certa forma a direção. E como o *Suplemento* não dava nada em matéria de anúncios, só dava prestígio intelectual... Todos esses fatores contribuíram para que, aos poucos, o padrão baixasse. E nesse sentido acho que o *Suplemento* sofreu bastante. Comecei então a receber gente mais jovem, muitos até eram publicados pela primeira vez. Alguns artigos eu tinha praticamente que reescrever, porque eram de principiantes que escreviam muito mal. (ALMEIDA PRADO *apud* WEINHARDT, 1982, p. 456)

Antonio Candido confirma a versão de Décio de Almeida Prado, também afirmando que o ciúme na redação do *Estado* em relação à remuneração dos colaboradores do SLOESP contribuiu para o fim da publicação.

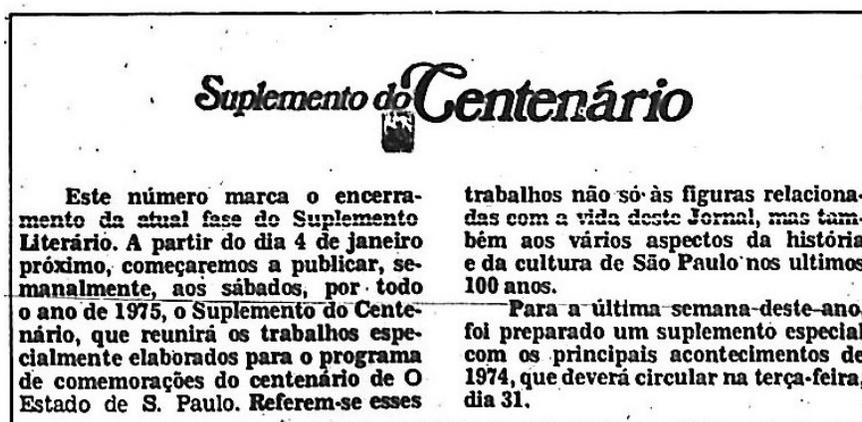
(...) a verdade é que os colaboradores eram muito bem pagos. E a partir de certo momento, não houve mais reajustes. Isso me leva a crer numa certa sabotagem. (...) é uma hipótese minha que mantenho, mas não posso garantir que seja isso. Mas que houve ciumeira da redação, houve. Tenho a impressão (...) que dentro da redação houve gente que ficou enciumadíssima com o *Suplemento Literário*. Fizeram um trabalho constante de sabotagem. Eram as mesmas críticas que faziam à USP. (CANDIDO *apud* LORENZOTTI, 2007, pp. 79-80.)

A gestão de Décio de Almeida Prado como editor do SLOESP se encerra em um período de grandes transformações culturais e políticas no Brasil e no mundo. O enraizamento da cultura de massas, o crescimento do consumismo e o cerceamento da liberdade de expressão compunham o cenário brasileiro no final da década de 60. Sendo assim, no mundo do Jornalismo, cada vez mais fragmentado, especializado e veloz, não havia mais espaço para um projeto de reflexão intelectual, valorização da erudição e intervenção direta na cultura, de como era exemplo o *Suplemento*.

O jornalismo sério encontra grandes dificuldades para sobreviver num mundo que é regido pela sociedade de massas, que precisa de entretenimento. E o *Suplemento Literário* foi um dos últimos, que fechou logo no momento em que estava se implantando essa sociedade de consumo e de massa no país. Por isso ele tem uma grande importância. (LORENZOTTI, 2010, em entrevista)

Em 22 de dezembro de 1974 é publicada a última edição do SLOESP, que traz um pequeno texto no pé da primeira página indicando sua extinção, assim como o início de uma série de edições comemorativas do centenário de *O Estado de S. Paulo*. Assim se anuncia o fim da circulação do *Suplemento Literário*, sem grandes explicações ou justificativas, e o nascimento do *Suplemento do Centenário*, que substituiu o SLOESP:

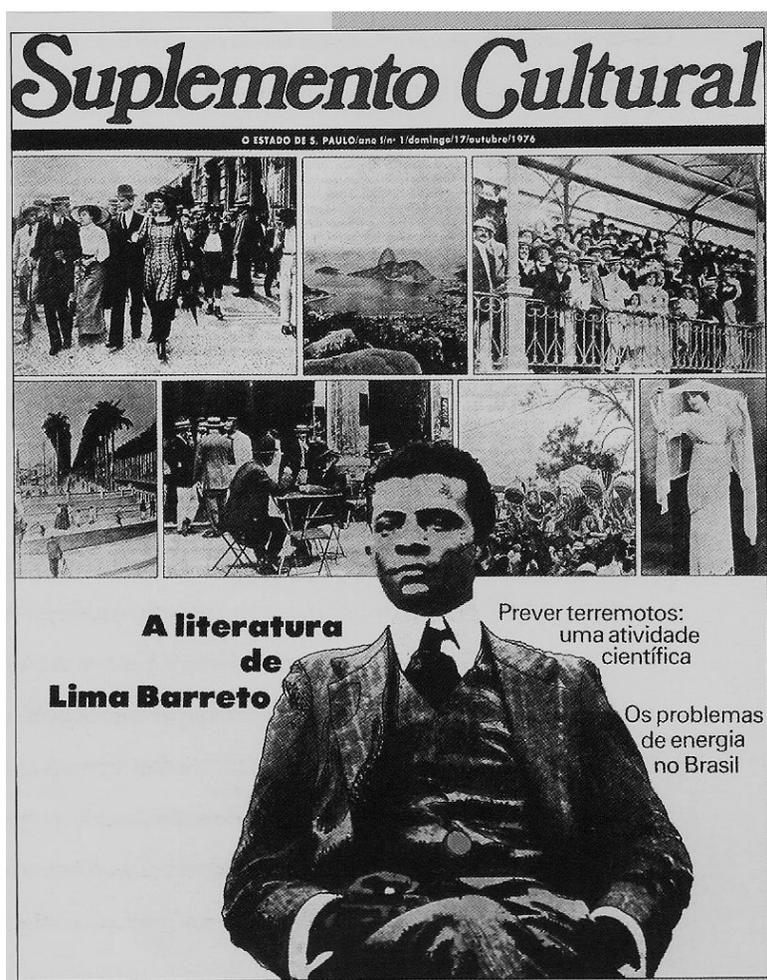
Figura 16: Nota indicando o fim do *Suplemento Literário* e o nascimento do *Suplemento do Centenário*



Fonte: Página 1 do *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 22/12/1974.

O *Suplemento do Centenário*, editado por Nilo Scalzo, foi publicado semanalmente entre 4 de janeiro de 1975 e 10 de abril de 1976, como forma de comemorar o centenário do jornal. Em seguida foi substituído pelo *Suplemento Cultural*, também editado por Nilo Scalzo, que teve seu primeiro número publicado num domingo, 17 de outubro de 1976. O novo suplemento não trazia apenas literatura e artes, mas também outras áreas do conhecimento como as Ciências Humanas; Ciências Naturais; Ciências Exatas e Tecnologia. Especialistas de diversas faculdades da Universidade de São Paulo escreviam no suplemento, informando o leitor sobre as novidades nas diversas áreas da atividade cultural.

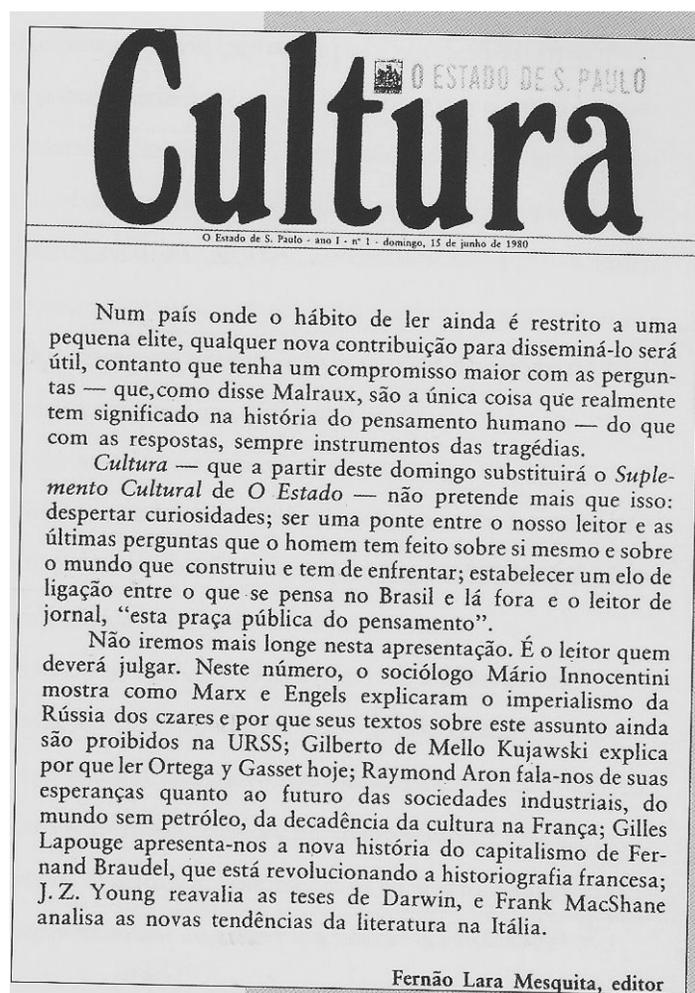
Figura 17: Primeira edição do *Suplemento Cultural* - 17/10/1976



Fonte: Livro *Suplemento Literário – Que falta ele faz!*, de Elizabeth Lorenzotti (2007, p. 65).

A primeira edição do *Suplemento Cultural* apresentou um texto de Antonio Candido sobre Lima Barreto, por exemplo. O *Suplemento Cultural* foi editado até 1º de junho de 1980. Quinze dias depois, em 15 de junho de 1980, foi iniciada a publicação de outro suplemento cultural do *Estado*, denominado *Cultura*. Editado por Fernão Lara Mesquita, o suplemento *Cultura* tinha, entre outros, o objetivo de “estabelecer um elo de ligação entre o que se pensa no Brasil e lá fora e o leitor de jornal” (Lorenzotti, 2007, p. 70). Em 31 de agosto de 1991 foi publicado seu último número neste modelo (como sendo um caderno avulso). A partir daí passou a ser encartado, ainda aos domingos, como sendo um “subproduto”, ou uma especialização, do *Caderno 2* (que já existia desde 6 de abril 1986).

Figura 18: Primeira edição do suplemento *Cultura* - 15/06/1980



Fonte: Página 67 do livro *Suplemento Literário – Que falta ele faz!*, de Elizabeth Lorenzotti.

O *Caderno 2/Cultura* circulou pela última vez no domingo, 07 de março de 2010. Foi substituído pelo *Sabático*, que, conforme veremos no **Capítulo IV: Sabático: renovação de um modelo consagrado?**, foi elaborado a partir de uma proposta de renovação do *Cultura*.

Figura 19: Última edição do *Caderno 2/Cultura*



Fonte: Jornal *O Estado de S. Paulo* de 07/03/2010.

Atualmente, o *Caderno 2* continua existindo, com fórmula similar à de quando nasceu, no final da década de 1980. Dedicar-se aos produtos da indústria cultural: cinema,

shows, teatro, literatura, música. Também cede espaço para a publicação de horóscopo, coluna social, tirinhas, programação de cinema, televisiva e de bares e restaurantes, passatempos (como Palavras Cruzadas e Sudoku) e outras colunas.

A última reforma gráfica e editorial do *Estado*, que foi às bancas em 14 de março de 2010, trouxe muitas mudanças que dizem respeito ao Jornalismo Cultural. O *Caderno 2* continuou sendo publicado em todos os dias da semana, sem interrupções, mas sofreu algumas alterações. Aos sábados, se apresenta com o nome de *C2 + música* e trata majoritariamente de assuntos relativos à indústria fonográfica e de shows e espetáculos musicais. Conforme explica Rinaldo Gama, o caderno de música foi criado com o intuito de atrair leitores mais jovens, que se interessam por essa modalidade cultural, e também como forma de inovar, criar algo que não existe em nenhum outro jornal.

Não é nem um pouco por acaso que o jornal criou um caderno de música. Não é por acaso. O caderno de livros já era uma tradição, ele só retomou uma coisa que o mercado estava ignorando e fugindo como o diabo da cruz. (...) No mesmo movimento, ele apostou numa coisa que é do jovem. O jornal é patrocinador do Rock In Rio. Um jornal de 136 anos tá lá no Rock In Rio. (...) O caderno de música nunca existiu. Não existe em nenhum lugar. (...) Então, você tem cadernos de literatura, cadernos de livros, é uma tradição. Fora dessa área, quais são as outras áreas da cultura ou das artes e espetáculos que têm suplementos próprios? Existe caderno de artes plásticas? Existe caderno de cinema? De fotografia? Só existe de uma outra modalidade, que é de televisão. De nenhuma outra área existe. E o *Estadão* foi lá e criou um caderno de música, que é uma das áreas de atração maior do leitor jovem. (GAMA, 2011, em entrevista)

Sendo assim, aos sábados o jornal oferece o *Sabático*, que representa a tradição, a continuidade do *Suplemento Literário*, e o *C2+Música*, que representa o novo, o que é próprio dos tempos atuais, e é uma inovação. De certa forma há, além de uma contraposição entre a tradição e a agilidade dos tempos modernos, ou tradição X inovação, uma entre o que é prestigioso, porém de pouco apelo comercial, e o que é mercadológico e possivelmente atraente para novos leitores. Dessa forma o jornal encontra seu equilíbrio ideal, garantindo sua sobrevivência.

Então, no sábado o *Sabático* e um *Caderno 2* específico, que é o *C2 + Música*, é um *Caderno 2* dedicado 90% a música. Ele continua tendo ali algumas seções fixas, Sônia Racy, etc, que existem durante toda a semana, mas ele é predominantemente voltado para a cobertura de música. O que é uma inovação, porque não existia e não existe no mercado um caderno voltado para a música. Então no sábado o jornal

decidiu ter um caderno de livros e um caderno de música. (GAMA, 2011, em entrevista)

Figura 20: Suplemento C2 + música



Fonte: Jornal *O Estado de S. Paulo* de 25/06/2011.

Já aos domingos, o caderno de cultura chama-se *Caderno2 Domingo* e possui uma “preocupação mais próxima da revista, já que o *Estadão* não tem uma revista *stricto sensu*, como outros veículos têm” (Gama, 2011, em entrevista³²). O *Caderno2 Domingo* foi criado

³² Em entrevista concedida à autora desta pesquisa pessoalmente em 19 de setembro de 2011.

em decorrência da decisão de extinguir o *Cultura* (que era o suplemento de artes e espetáculos dominical do jornal e foi substituído pelo *Sabático*).

Já se sabia que se o caderno, esse novo caderno, viria para o sábado, o que aconteceria com o *Caderno 2* de domingo? A decisão foi criar uma marca, *Caderno2 Domingo*, que seria um caderno com um *approach* também mais próximo da revista, em que predominassem perfis e entrevistas, e tivesse seções fixas, ou muito frequentes, pelo menos, como “Moda”, moda enquanto arte, e não da maneira como ela é tratada no suplemento *Feminino*, que continua existindo. A moda, modalidade da cultura, esse é que é o *approach* do *Caderno 2* quando fala de moda. O que significava, portanto, que o caderno *Cultura* deixava de existir. (...) E no domingo [foi criado] esse *Caderno 2 Domingo*, que também foi um nome que se impôs naturalmente, as pessoas se referiam a ele como “Caderno 2 de Domingo”, “Caderno 2 de Domingo”, acabou virando *Caderno 2 Domingo*, claro. (GAMA, 2011, em entrevista)

O *Caderno2 Domingo* também traz um quadro de colunistas formado por escritores como João Ubaldo Ribeiro, Luís Fernando Veríssimo e Daniel Piza.

Figura 21: Suplemento *Caderno2 Domingo*



Fonte: Jornal *O Estado de S. Paulo* de 26/06/2011.

Muitas foram as mudanças nos denominados cadernos culturais do *Estadão*. Dessa forma, o suplemento idealizado por Antonio Candido na década de 1950 é até hoje considerado um paradigma das publicações culturais no Brasil. Muitos pesquisadores e especialistas da área de Comunicação e de Jornalismo Cultural reconhecem que o modelo lançado pelo SLOESP seria mais tarde seguido por muitos suplementos literários dos grandes jornais do país. Para Daniel Piza, a exigência de muita disciplina e esforço intelectual, cobrada dos leitores do SLOESP, não reduzia, mas intensificava o prazer da leitura. Tal esforço demandado dos leitores fez dos anos 60, segundo Piza, “a década mais memorável do jornalismo cultural brasileiro” (2009, p. 37). Elizabeth Lorenzotti também destaca a importância do SLOESP:

Nos anos 50, quando saiu o *Suplemento Literário* do *Estadão*, saiu também o suplemento literário do *Jornal do Brasil* (...). O *Suplemento Idéias*, como todos os outros suplementos, o da *Folha*, o do *Estadão*, que hoje existem, foram continuações desses suplementos originais. O suplemento chamado *Suplemento Dominical* do *Jornal do Brasil*, que depois virou *Caderno B*, que foi muito importante também em 70, 80. O *Idéias* veio depois, e era muito interessante, assim como [o jornal] *O Globo* tem hoje em dia o *Prosa&Verso* (...). Mas todos esses suplementos culturais estão dentro desse grande problema que nós temos, que é a sociedade de consumo, eles são guias de consumo. O *Suplemento Literário* e o suplemento do *Jornal do Brasil* não eram guias de consumo. (LORENZOTTI, 2010, em entrevista)

Em seu livro, Lorenzotti vai além e conclui que o *Suplemento Literário* viria a ser considerado, décadas após o seu lançamento, como modelo para todos os cadernos culturais que o sucederam (2007, p. 40).

Cabe destacar, ainda, que em dezembro de 2011 o jornal *O Estado de S. Paulo* sofreu novas mudanças, mais uma vez afetando a área cultural, com a exclusão e reformulação de cadernos. Os suplementos *Feminino* e *Agrícola* (que possivelmente tinham pouca leitura) foram excluídos. Já o suplemento *TV* (antes um tablóide) foi transformado no *C2+TV*, encartado aos domingos no lugar do *C2 Domingo*. Assim, embora o *Sabático* não tenha sido excluído, também nota-se um investimento e interesse maior em um caderno que possui muita leitura, o de televisão, que pode ser tão ou mais popular que o *C2+Música*.

2.2. Características: formato, estética, linguagem, distribuição, publicidade e público alvo

O *Suplemento Literário* era apresentado em seis páginas, utilizando 36 cm X 54 cm de espaço útil, tamanho padrão de *O Estado de S. Paulo* na época. Embora Antonio Candido tenha expressado no projeto do *Suplemento* a intenção de que o mesmo passasse a ter oito páginas no futuro, tal pretensão nunca se concretizou, a não ser em números especiais. Weinhardt (1982) indica qual era o conteúdo extra das edições especiais.

O último número de cada ano trazia oito páginas, consagrando-se a página 8 e a maior parte da 7 a um bem elaborado “Índice de autores”, que registrava todos os autores publicados no ano, em ordem alfabética, com entrada pelo último nome, com indicação dos títulos e dos números em que apareceram. A partir de 1965 este Índice foi transferido para o primeiro número do ano subsequente. (WEINHARDT, 1982, p. 10)

O SLOESP tinha periodicidade semanal, com numeração própria. Saía aos sábados, com “um total de aproximadamente cinquenta números anuais, deixou de circular raras vezes, sendo facilmente verificável, pelas datas, que o fato ocorreu no caso de grande incidência de feriados na semana” (Weinhardt, 1982, p. 12).

A apresentação que Décio de Almeida Prado escreveu na primeira edição do *Suplemento* já informava quais seriam as seções fixas do mesmo:

Todas as seções que aqui aparecem pela primeira vez – letras estrangeiras, rodapé, resenha bibliográfica, conto, poesia, artigo sobre a literatura brasileira do passado, notas sobre o movimento editorial da semana, crônicas dos Estados, seções de teatro, cinema, música e artes plásticas, revista das revistas, além de desenhos ou gravuras – são partes fixas e regulares do *Suplemento*. (ALMEIDA PRADO, 1956, *Suplemento Literário*, n. 1, p. 1)

O ex-editor também indicou qual seria a função das seções fixas, bem como a existência e função das seções livres: “[as seções fixas são] encarregadas de dar-lhe espinha dorsal, enquanto a colaboração livre se destina a fornecer-lhe o contrapeso indispensável da variedade”. Segundo Weinhardt (*op. cit.*), o plano exposto por Décio na primeira edição do suplemento perdurou, ao menos, até 1967, com o desaparecimento de uma única seção fixa.

Cada edição contava com cerca de vinte e duas matérias, sendo 14 pertencentes a seções fixas. Algumas seções fixas possuíam um responsável permanente, em outras havia um rodízio de autores. As explicações expostas a seguir se referem à primeira fase do SLOESP, que durou cerca de 10 anos, de 6 de outubro de 1956 a 1º de abril de 1967. Após esse período, conforme exposto anteriormente, o suplemento sofreu mudanças, com a exclusão e introdução de seções e colaboradores.

A seção “Letras Estrangeiras” apresentava o estudo da Literatura de diferentes partes do mundo, trazendo nomeada a origem da obra abordada em cada edição. Segundo Weinhardt (*op. cit.*), as nomenclaturas mais frequentes eram “Letras Italianas”; “Letras Francesas”; “Letras Anglo-Americanas” e “Letras Germânicas”. Para cada nacionalidade literária em estudo, havia um crítico responsável. Anatol Rosenfeld, por exemplo, assinava o estudo de “Letras Germânicas”. “Letras Hebraicas”, “Letras Israelenses” e “Letras Judaicas”, de responsabilidade de J. Guinsburg, estavam entre as pautas mais esporádicas, de acordo com Weinhardt (*op. cit.*). “Os assuntos mais frequentes na seção versavam sobre os últimos lançamentos, autores em evidência, redescobertas e prêmios atribuídos” (Weinhardt, 1982, p. 17).

A seção de rodapé, que recebia o nome de “Últimos livros”, era de responsabilidade do crítico Wilson Martins. Apresentava a análise crítica de lançamentos, sendo que em raríssimas oportunidades abordou outros assuntos (Weinhardt, 1982, p. 19). Praticamente não havia restrições quanto aos gêneros e temas dos lançamentos abordados na seção: “literatura (poesia, narrativa, crítica, história, teoria), filosofia, arte, história, política, etc. Novidades, reedições ou traduções, todos eram analisados e recebiam um juízo de valor” (Weinhardt, *op. cit.*, p. 19).

Em “Resenha Bibliográfica” eram expostas resenhas, em geral, de quatro títulos. O quadro de colaboradores era relativamente fixo (Weinhardt, *op. cit.*, p. 18). “Registravam-se com mais frequência: literatura, teatro, memórias, história, religião, música, filosofia, folclore, ciências sociais, sociologia, arte, política, pedagogia, etnologia e educação” (Weinhardt, *idem*). As resenhas não tratavam apenas de lançamentos nacionais, como também abordavam traduções.

Nas seções “Conto” e “Poesia” eram publicadas obras literárias inéditas, tanto de autores consagrados quanto de iniciantes. “A lista é extremamente rica e variada,

demonstrando que não havia triagem estética ou ideológica” (Weinhardt, *op. cit.*, p. 19). De fato, no Projeto do *Suplemento Literário*, Antonio Candido destaca que não se deve temer a publicação de jovens, ainda que desconhecidos, e publicar os consagrados, “mesmo se enviarem maus poemas” (*apud* Lorenzotti, 2007, p. 111), conforme já expus anteriormente na *Introdução*. Segundo Weinhardt (*op. cit.*), eram raros os poemas em línguas estrangeiras, mas foram publicados alguns em espanhol. Houve casos, ainda, de poemas publicados em outras línguas e acompanhados de tradução em língua portuguesa.

A seção “Literatura Brasileira” abordava temas “desde a literatura de viagens sobre o Brasil colônia até a produção poética ou ficcional das primeiras décadas do século XX, sob os mais variados enfoques” (Weinhardt, 1982, p. 20). A princípio, os autores eram em um número bastante restrito, no entanto, a partir de 1962 começou a ocorrer variação maior (Weinhardt, *idem*). “Alguns nomes foram responsáveis por um ou dois artigos, apresentando resultados ou dando a conhecer pesquisas que desenvolviam, sem pertencerem ao corpo de colaboradores permanentes. Outros assinavam habitualmente a colaboração livre e eventualmente apareciam nesta seção” (Weinhardt, *idem*).

Já a seção “A Semana e os livros” era assinada por um número limitado de colaboradores. Inicialmente foi de responsabilidade de Edgard Cavalheiro, passando depois a Rolmes Barbosa e, às vezes, a João Alves das Neves (Weinhardt, *op. cit.*, p. 21). A seção era um noticiário sobre as atividades editoriais da semana, eventualmente exercendo juízo de valor sobre as notícias (Weinhardt, *idem*).

A “Crônica dos Estados”, como o nome sugere, trazia crônicas escritas por autores residentes em cidades que estavam fora do eixo São Paulo-Rio. Esta foi a seção fixa que desapareceu a partir do número 276, segundo Weinhardt (*op. cit.*, p. 21).

Os correspondentes eram mais ou menos constantes: Fábio Lucas ou Affonso Ávila em Belo Horizonte; Osman Lins ou José Laurênio de Melo em Recife; Adalmir da Cunha Miranda em Salvador; Braga Montenegro ou Aderaldo Mozart Soriano em Fortaleza; Guilherme César, Wilson Chagas ou Paulo Hecker Filho em Porto Alegre; Temístocles Linhares em Curitiba; Benedito Nunes em Belém. (...) O espaço restante das duas colunas dedicadas à seção era preenchido com notas sobre as atividades culturais do local de procedência da “Crônica”. (WEINHARDT, 1982, p. 21)

Em “Teatro” era apresentada uma crítica na área de dramaturgia, geralmente uma estreia ou publicação de texto recente ou não, nacional ou estrangeiro. “Abordava ainda toda a produção de um teatrólogo, a situação do teatro nacional ou de um grupo definido, ou mesmo as características de uma casa de espetáculos” (Weinhardt, *op. cit.*, p. 22). O colaborador titular era Sábato Magaldi, mas outros escreveram ocasionalmente.

“Cinema” era uma seção similar a “Teatro”, “guardadas as diferenças em vista da tradição do teatro e da novidade representada pelo cinema” (Weinhardt, *idem*). O titular era Paulo Emílio Salles Gomes, mas muitos outros colaboraram.

Em “Música” alternavam-se dois colaboradores, R. Schnorrenberg e José da Veiga Oliveira. “O último frequentemente substituía o nome da seção por ‘Discos’” (Weinhardt, *idem*). Havia contribuições esporádicas de outros autores. À semelhança de “Teatro” e “Cinema”, apresentava-se uma crítica musical.

A seção de artes plásticas, intitulada “Arte”, focava-se na crítica de pintura, escultura, desenho ou arquitetura, e era normalmente assinada por Lourival Gomes Machado. Contava também com outros colaboradores.

Por fim, a seção “Revista das revistas”, última fixa, “comentava periódicos brasileiros, franceses, americanos e, mais raramente, ingleses, hispano-americanos, italianos e portugueses” (Weinhardt, *op. cit.*, p. 21). Tais revistas tratavam de Literatura, Sociologia, Política, Filosofia, Folclore, Antropologia, Linguística e História. O titular da seção era Lívio Xavier, eventualmente substituído por Frederico Branco.

As seções livres, ou “contrapeso da variedade”, conforme assinalou Décio de Almeida Prado, tratavam dos mesmos temas das seções fixas, mas com liberdade de abordagem maior (Weinhardt, *op. cit.*, p. 23). O editor preocupava-se com a variedade de assuntos e com o equilíbrio entre os temas tratados em cada edição. “Literatura, sociologia, artes plásticas e vida cultural constituíram-se nos assuntos mais corriqueiros” (Weinhardt, *idem*). O quadro de colaboradores das seções livres era mais flexível e variado, aparecendo em destaque os seguintes intelectuais, pela assiduidade: Otto Maria Carpeaux, Augusto Meyer, Antonio Candido, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Ledo Ivo, citando apenas alguns, de acordo com a pesquisa de Weinhardt.

Figura 22: Seções “Literatura Brasileira” e “A semana e os livros” na página 4 do SLOESP de 24/12/66



Fonte: *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 24/12/66.

Como se vê, o *Suplemento* tratava de atualidades culturais, não apenas de literatura. No Projeto inicial, Antonio Candido destaca que

O *Suplemento* (...) pretende conciliar as exigências de informação jornalística e as de bom nível cultural, visando ser, como ideal, uma pequena revista de cultura. Na sua estrutura prevê-se uma porcentagem de matéria leve, curta e informativa, que permite incluir, em compensação, matéria de mais peso. Assim, serão atendidos os interesses tanto do leitor comum quanto do leitor culto, devendo-se evitar que o *Suplemento* se dirija exclusivamente a um ou a outro. (CANDIDO *apud* LORENZOTTI, p. 99)

Sendo assim, o público alvo do SLOESP era formando tanto por leitores comuns em busca de informações sobre a área cultural e/ou literária quanto por interessados em literatura e cultura de maneira geral. O *Suplemento* abrangia diversas áreas da cultura e do pensamento, como a Filosofia, as Ciências Sociais, a História, as Artes Plásticas, o Cinema, o Teatro, além da Literatura. Circulava aos sábados, tradicional dia da “leitura mais

descompromissada com o tempo” e relacionada ao lazer e ao ócio, como afirma Travancas (2001, p. 38)³³. Sendo assim, poderia estar ao alcance tanto do leitor comum, como do especializado.

O tom da publicação seria “ensaístico”, e “universitário”, típico da cidade de São Paulo³⁴, conforme aponta Avelar Fernandes (2007, p. 18). Mas isso não afastava o leitor comum. Avelar Fernandes (2007, p. 25) conta, por exemplo, que sua avó paulista costumava colecionar as gravuras e os artigos do *Suplemento Literário*, fazendo álbuns de recortes, como era comum na época.

No texto de introdução do SLOESP, publicado na 1ª edição do mesmo, em 06/10/1956, Décio de Almeida Prado tece considerações sobre seu público leitor. Para ele, o *Suplemento* deve saciar a curiosidade do leitor comum, e, ao mesmo tempo, servir como instrumento de trabalho e pesquisa para o leitor especializado.

Uma publicação que se intitula literária nunca poderia transigir com a preguiça mental, com a incapacidade de pensar, devendo partir, ao contrário, do princípio de que não há vida intelectual sem um mínimo de esforço e disciplina. Se não desejamos, em absoluto, afugentar o leitor desprevenido, mas de boa vontade, que encontrará como satisfazer a curiosidade nas seções meramente noticiosas, jamais devemos perder de vista o nosso alvo e ambição mais alta: a de servir como instrumento de trabalho e pesquisa aos profissionais da inteligência, exercendo uma constante ação de presença e estímulo dentro da literatura e do pensamento brasileiros. (ALMEIDA PRADO, 1956, *Suplemento Literário*, n. 1, p. 1)

Sendo a principal ambição do SLOESP servir como instrumento de trabalho e pesquisa para intelectuais da área cultural, sua linguagem é formal e, às vezes, acadêmica. No entanto, Antonio Candido já alertava no Projeto do *Suplemento* que o mesmo deveria evitar dois extremos: o tom excessivamente acadêmico e o tom excessivamente jornalístico, justamente para se direcionar ao público leitor de forma mais ampla (e não apenas ao leitor

³³ Isabel Travancas explica em *O Livro no Jornal* (2001), que os suplementos literários franceses saem às quintas-feiras, ou seja, em dias úteis, no meio da semana. Para ela, isso indica que tais suplementos estão inseridos na rotina do trabalho e do estudo. Em contraposição, no Brasil é tradicional que os suplementos literários e culturais sejam publicados aos fins de semana, o que indica que se inserem no tempo do lazer e do ócio.

³⁴ A fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, foi publicamente apoiada por Júlio de Mesquita Filho no jornal *O Estado de S. Paulo*. Foi Júlio de Mesquita Filho quem se incumbiu de convidar professores franceses, italianos e alemães para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com o auxílio dos professores George Dumas e Theodoro Ramos. Assim, a Universidade e a imprensa estão intimamente ligadas.

comum, nem apenas ao leitor acadêmico). Em consonância com as noções de Candido, ainda no texto de introdução do *Suplemento*, Décio de Almeida Prado expõe suas próprias considerações acerca da linguagem adotada no mesmo:

Quanto à linguagem, duas observações são necessárias. A primeira é que pretendemos de todos os nossos colaboradores, inclusive os de filosofia e ciências humanas, que fujam ao jargão de especialistas, atendo-se ao vocabulário de uso corrente, ao alcance de qualquer pessoa bem informada. A segunda é que lhes daremos maior liberdade de linguagem do que gozam habitualmente os redatores desta folha – e isso por várias razões. A língua, ninguém o ignora, é um fenômeno social, uma criação coletiva e anônima, em perpétuo fluxo. Só as línguas mortas são imutáveis – notava Vitor Hugo, há bem mais de cem anos. Mas dentro dessa constante evolução, é preciso fixar normas, leis, embora passageiras, para que os homens possam entender-se. Cada escritor, lidando com palavras, fazendo da língua o seu instrumento, é chamado, dia a dia (...) a se pronunciar sobre mil pequeninos casos controvertidos, abandonando vocábulos ou modos gramaticais que já se tornaram obsoletos, criando ou aceitando outros que acabaram de nascer (...). O caso do *Suplemento*, entretanto, não é o mesmo. Por um lado, praticamente todos os seus artigos são assinados, nenhuma responsabilidade cabendo à redação; por outro, sua natureza é literária e, portanto, artística. Ora, não se compreende arte sem plena liberdade de expressão e criação pessoal. (ALMEIDA PRADO, 1956, *Suplemento Literário*, n. 1, p. 1)

Logo, embora os colaboradores do SLOESP fossem encorajados a evitar jargões de especialistas, eles também tinham liberdade para escrever como desejassem, já que os textos eram assinados e “não se compreende arte sem plena liberdade de expressão e criação pessoal”, como ressalta Almeida Prado. Eram estimulados a serem criativos, com estilos próprios. Como a maioria deles vinha da Universidade, o tom acadêmico era inevitável, como vemos em algumas matérias do SLOESP hoje republicadas na seção “Do Suplemento Literário” do *Sabático*.

Mas há também os casos de acadêmicos cuja linguagem não se afasta do público comum, sendo muito acessível. O texto a seguir foi publicado originalmente no *Suplemento Literário* em 20/08/1966 e republicado na edição de 05/06/2010 do *Sabático*. Nele vemos um relato de Antonio Candido sobre o poeta italiano Giuseppe Ungaretti. O texto é escrito sob a perspectiva de alguém que já foi aluno de Ungaretti, aponta qualidades e transfere sensações positivas sobre o ex-professor de Língua e Literatura Italiana da USP. Não há academicismos ou nada que impeça a leitura feita por um cidadão comum, em busca de novos conhecimentos.

Figura 23: Texto de Antonio Candido originalmente publicado na edição de 20/08/1966 do SLOESP

Do Suplemento Literário

20.8.1966

UNGARETTI EM SÃO PAULO

O poeta, que morreu há 40 anos, foi professor da USP e reuniu em torno de si, mais do que alunos, um grupo de fiéis discípulos

ANTONIO CANDIDO

Giuseppe Ungaretti regeu a cátedra de Língua e Literatura Italiana na Universidade de São Paulo de 1937 a 1942, mas a sua influência foi igualmente grande fora das aulas — nas conversas, nas reuniões, nas confê-



* O SUPLEMENTO LITERÁRIO CIRCOLOU NO ESTADO ENTRE 1956 E 1974. FOI MANTIDA AQUI A ORTOGRAFIA ORIGINAL DO ARTIGO

rências. Quando partiu foi como se tivessem arrancado alguma coisa da cidade; alguma coisa que deixara um marco profundo embora quase silencioso.

Salvo um ou dois casos, os seus amigos, aqueles que mais sentiram a sua influência, não foram os seus alunos, no sentido escolar; mas todos foram seus discípulos, e todos são fidelíssimos à sua lembrança. Há mesmo uma espécie de maçonaria entre os que dele se aproximaram, feita de alusões, experiências comuns, evocação de fatos pitorescos e comoventes, cuja narração nos chega às vezes modificada pelo logo percurso que cumpriram; é como um ciclo de Ungaretti, na mitologia artística e intelectual da cidade. (...)

Quem não recorda a sua tristeza por deixarmos sem ter podido ver as obras do Aleijadinho — êle que nos revelara a importância e o significado do Barrôco literário, desde o pagagio verde-ouro do rei Dom Diniz, como constante portuguesa. As traduções de Mário de Andrade, que publicou na revista "L'Approdo" e leu em São Paulo por ocasião de uma breve visita, em 1954, revelam uma penetração, raramente alcançada, nos arcanos da nossa poesia. Em "Semantica" ("Un grido e paesaggi") serpenteia uma via amazônica e, como diria Oswald de Andrade, tendencialmente antropófaga, que revela a

mais compreensiva identificação. Somos todos gratos a Ungaretti por essa atenção seletiva e concentrada ao nosso País, que permite o diálogo sobre os mares. (...)

Nas suas aulas, revelou o que significa o diálogo entre o pensamento e a sensibilidade do texto. Mostrou como, nos mãos do leitor capaz, surgem mundos ignorados, que parecem brotar materialmente das próprias linhas, dos espaços das letras, deslizar das maiúsculas às minúsculas, como se uma fermentação incessante e contida esperasse o eleito para florescer em beleza. Quantas vezes, em lições sucessivas, recorreu a leitura de certo poema, corrigindo-se, superando a anterior, embora tivesse sido tão límpida e insuperável, com outra, nova, mais genuína e completa.

As suas aulas! Havia nelas uma fase tranquila de aproximação metódica; havia uma fase de arrebatamento, cuja inspiração o atraía para o quadro negro, giz em riste e as costas voltadas para os ouvintes, seguindo com sons guturais da voz o curso da inspiração.

LETRAS ITALIANAS

"A Itália é minha pátria; o Brasil, a terra de minha experiência mais humana", dizia Giuseppe Ungaretti (1898-1971), que na realidade nasceu em Alexandria, no Egito, e passou a juventude na França. Tradutor de Mallarmé, foi profundamente ligado à poesia de vanguarda do século 20. No projeto do SL, Antonio Candido incluiu a cobertura das letras italianas na parte fixa do caderno.

estadao.com.br

Leia a íntegra deste texto estadao.com.br/ej/s4

Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 05/06/2010.

Embora a linguagem do *Suplemento* fosse tradicionalmente formal e sisuda, destaca-se a inusitada publicação de uma série de charges assinadas pelo cartunista Jaguar, a partir de 1961, em seção livre. Tais charges foram publicadas por pouco tempo, a princípio na última página, conforme consta na pesquisa de Weinhardt (1982).

Figura 24: "Pois eu acho sofisticadérrimo uma vernisage sem quadros" – charge de Jaguar publicada no SLOESP de 03/06/1961.



Fonte: Página 23 do catálogo da exposição *Obras para ilustração do Suplemento Literário – 1956-1967*, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo em 1993 com curadoria de Cacilda Teixeira da Costa.

Quanto à publicidade no SLOESP, era muito parca e direcionada ao mundo intelectual. “Os produtos anunciados eram dirigidos especialmente a intelectuais: livrarias, publicação de livros, métodos para estudo de línguas, cupons da Sociedade Rosa Cruz, etc” (Weinhardt, 1982, p. 11). Durante a gestão Almeida Prado, como explica Lorenzotti (2007, p. 52), havia um ou dois anúncios em cada número, sempre da página 4 em diante, em dimensões reduzidas. Além disso, o espaço da margem superior da página 6 advertia: “A publicidade inserta neste Suplemento obedece a normas especiais, que podem ser encontradas na administração do jornal”.

Figura 25: Anúncios publicitários presentes na 1ª edição do SLOESP



FONDO DE CULTURA ECONOMICA
Mexico

tem o prazer de cumprimentar os intelectuais brasileiros, no ensejo do primeiro numero do Suplemento Literario de "O Estado de S. Paulo", por intermedio dos seus Representantes

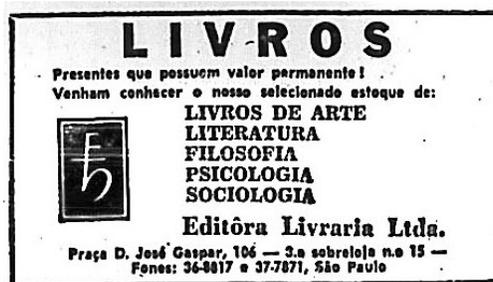
MESTRE JOU & CO. LTD
RUA MARTINS FONTES N. 99
TELEFONE: 36-0319

ENCADERNAÇÃO DE LIVROS

Acetamos encomendas para qualquer tipo de encadernação
- Informações pelos telefones:
34-0372 - 51-8846.

Fonte: *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 06/10/1956.

Figura 26: Anúncio publicitário presente na edição de 17/12/66 do SLOESP



LIVROS

Presentes que possuem valor permanente!
Venham conhecer o nosso selecionado estoque de:

LIVROS DE ARTE
LITERATURA
FILOSOFIA
PSICOLOGIA
SOCIOLOGIA

Editora Livraria Ltda.
Praça D. José Gaspar, 106 — 3.a. sobreloja n.º 15 —
Fones: 36-8017 e 37-7871, São Paulo

Fonte: *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 17/12/1966.

Figura 27: Anúncio publicitário presente na edição de 22/12/1974 do SLOESP



Fonte: *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 22/12/1974.

De acordo com informações constantes na “Cronologia histórica de *O Estado de S. Paulo*”³⁵, em 1930 o jornal alcançou a tiragem de 100 mil exemplares. Já em 1967, a tiragem chegou a 340 mil exemplares. A distribuição do *Suplemento*, dessa forma, era abrangente, assim como a do jornal *O Estado de S. Paulo*, superando a distribuição do atual suplemento literário, o *Sabático*³⁶. A alta tiragem do jornal na época reforça a noção de que o *Suplemento Literário* “não representava a intelectualidade paulista ou carioca, mas se propunha como veículo de cultura de dimensão e expressão nacional” (Weinhardt, 1982, p. 21).

2.3. Pautas e conteúdo veiculado: gêneros literários e culturais apresentados

Como pudemos observar, a maioria das seções fixas do SLOESP tratavam de literatura, fazendo crítica literária, expondo notícias ou diretamente divulgando textos literários. “Letras estrangeiras”; “Conto”; “Poesia” e “Literatura Brasileira” eram as seções que tratavam exclusivamente de literatura. “Resenha bibliográfica”; “Últimos livros”; “A Semana e os livros”; “A Crônica dos Estados” e “Teatro” eram seções que não se restringiam somente a assuntos literários, embora usualmente tratassem de tais. Essas

³⁵ Que estava disponível no site da instituição em abril de 2010.

³⁶ Segundo dados do IVC – Instituto Verificador de Circulação –, em 2010 a tiragem do jornal *O Estado de S. Paulo* foi de 236 mil exemplares.

seções poderiam abordar também vários ramos do conhecimento, cada uma com sua própria especificidade e limitação.

Em “Resenha bibliográfica”, por exemplo, os temas mais frequentes, de acordo com a pesquisa de Weinhardt (1982, p. 18), eram: literatura, teatro, memórias, história, religião, música, filosofia, folclore, ciências sociais, sociologia, arte, política, pedagogia, etnologia e educação (mas outros temas também apareciam). Em “Últimos livros”, a seção de rodapé, o crítico Wilson Martins analisava livros, em sua maior parte **de** ou **sobre** literatura (poesia, narrativa, crítica, história ou teoria), mas também em outros gêneros culturais (filosofia, arte, política, etc).

Já as seções que não tratam de literatura eram: “Cinema”, “Música”, “Arte” e “Revista das revistas”. No entanto, a seção “Revista das revistas”, que trazia comentários sobre periódicos culturais, não tinha como fugir completamente da literatura, já que muitas vezes tratava de revistas que estavam abordando assuntos literários (além de outros). Porém, o objeto de análise da seção eram as revistas, e não a literatura.

Sendo assim, muitos são os gêneros culturais pautados pelo *Suplemento*. Além da literatura, apareceram também o cinema, a música, as artes plásticas, o teatro, a sociologia, a filosofia, a política, a antropologia, o folclore, a história, a linguística, a teologia, o direito, a educação, a etnologia, o jornalismo, o humorismo, a arquitetura, a física, a matemática, a tecnologia, a genética, para citar apenas alguns dos elencados no trabalho de Weinhardt (1982). Lorenzotti (2010, em entrevista), confirma essa amplitude de temas, afirmando que o “*Suplemento Literário* do *Estado* não era só literário, ele tinha uma página só sobre teatro, uma página de cinema, ele falava das várias atividades culturais.”

É possível observar, aqui, uma importante diferença entre o SLOESP e o *Sabático*. Embora a jornalista Laura Greenhalgh, atual editora executiva do *Estado*, afirme que a criação do *Sabático* não teve como intuito a reedição do *Suplemento Literário*, destacando que “[o *Sabático*] é nosso *Suplemento Literário* dos tempos da internet” (OESP, 15 nov. 2010, p. D3), a ligação feita pelo jornal entre os dois suplementos ficou evidenciada na matéria que apresenta o *Sabático*, publicada em 07/03/2010.

Conforme já apontado, o texto vinha acompanhado por um box vertical que destacava: “Caderno resgatará suplemento que marcou época” (OESP, 07 mar. 2010, p. A26), claramente ligando o *Sabático* à tradição do SLOESP. Entretanto, os suplementos

são facilmente diferenciáveis, com identidades específicas, se analisarmos o foco de cada um deles.

De acordo com o que foi exposto, embora o SLOESP fosse majoritariamente focado em literatura, diversos outros gêneros culturais eram pautados, inclusive em seções fixas. Assim, possivelmente o nome *Suplemento Literário* tenha sido cunhado como forma de valorizar a literatura, já que esse não era o assunto único do suplemento. O projeto escrito por Antonio Candido, inclusive, intitula-se *Projeto do Suplemento Literário e Artístico d'O Estado de S. Paulo*. A mudança do nome que havia sido originalmente grafado para o suplemento em seu projeto pode ser representativa do desejo de valorizar o livro e a literatura.

A realidade do *Sabático*, por outro lado, é outra. O novo suplemento não trata de assuntos culturais diversos, mas apenas do mercado editorial, no qual incluem-se obras literárias ou não. Segundo Rinaldo Gama, editor do *Sabático*, é importante salientar que esse não é “um caderno só de literatura, mas sobre livros” (OESP, 07 mar. 2010, p. A26). Para Gama, isso “amplia muito o nosso leque de assuntos” (*idem*). De fato, tratar do mercado editorial de maneira ampla, e não apenas de literatura, permite que um número muito maior de assuntos seja pautado, entretanto, também compromete o valor cultural do suplemento ao posicioná-lo, irremediavelmente, ao lado da indústria cultural, o que não se pode dizer sobre o SLOESP, por exemplo.

Quanto aos gêneros literários pautados, podemos destacar que o SLOESP trazia resenhas de romances (como é o caso da de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, apresentada na 1ª edição do suplemento) e também de outros gêneros. Os contos e poesias apareciam não apenas em diversas seções do suplemento, como também diretamente na edição, por meio da publicação de inéditos. Vale destacar que os inéditos literários, presentes nas seções “Conto” e “Poesia”, eram publicados na página 3 do SLOESP (de acordo com Weinhardt, 1982, p. 8), uma página ímpar.

Segundo Travancas (2001, p. 27)³⁷, as páginas ímpares são as mais nobres dentro do jornal, onde se publicam os textos mais lidos. Vemos, assim, a importância dada pelos

³⁷ “Gostaria de comentar também a importância das páginas ímpares dentro de um jornal. Elas são as páginas ‘nobres’ do veículo. Em relação aos anúncios, eles custam mais caro se publicados nestas páginas. E as matérias nelas apresentadas são priorizadas, porque mais lidas. O que se percebe é que há uma

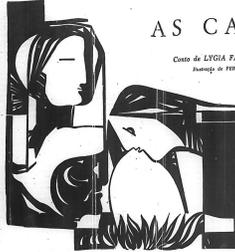
editores (Décio de Almeida Prado e Nilo Scalzo) a essas publicações, e que o texto literário era socialmente valorizado na época.

Figura 28: Conto de Lygia Fagundes Telles e poema de Guilherme de Almeida em página da primeira edição do SLOESP

4 DE OUTUBRO DE 1956

AS CARTAS

Conto de **LYGIA FAGUNDES TELLES**
Narrado por FERRANDO TELLES



O tempo passou lentamente com uma estranha sensação de que o mundo ao redor não estava mudando. Ela estava sentada na varanda, olhando para o jardim. O sol estava baixo no céu, e as folhas das árvores pareciam estar paradas no tempo. Ela se lembrava de quando tudo parecia diferente, mais vivo, mais cheio de possibilidades. Agora, tudo parecia tão distante, tão inalcançável. Ela suspirou e olhou para as cartas que estavam espalhadas sobre a mesa. Cada uma delas parecia contar uma história diferente, uma história que ela não queria esquecer. Ela pegou uma das cartas e começou a ler. O texto era curto, mas parecia conter um universo inteiro. Ela sorriu levemente e voltou a olhar para o jardim. O tempo parecia estar parado ali, naquele momento, naquele lugar. Ela sabia que não poderia voltar atrás, mas também sabia que não deveria deixar o tempo passar despercebido. Ela se levantou e foi até a porta. Lá fora, o mundo estava esperando por ela. Ela respirou fundo e saiu para o jardim. O ar estava fresco e agradável. Ela caminhou lentamente, sabendo que cada passo que dava era um passo para frente. Ela não sabia para onde estava indo, mas sabia que estava indo para algum lugar. Ela sorriu e voltou para a varanda. As cartas estavam ainda lá, esperando por ela. Ela pegou outra e começou a ler. O tempo parecia estar parado ali, naquele momento, naquele lugar. Ela sabia que não poderia voltar atrás, mas também sabia que não deveria deixar o tempo passar despercebido. Ela se levantou e foi até a porta. Lá fora, o mundo estava esperando por ela. Ela respirou fundo e saiu para o jardim. O ar estava fresco e agradável. Ela caminhou lentamente, sabendo que cada passo que dava era um passo para frente. Ela não sabia para onde estava indo, mas sabia que estava indo para algum lugar. Ela sorriu e voltou para a varanda. As cartas estavam ainda lá, esperando por ela.

Suplemento Literário - 3

Ossian e Alencar

RESENHA CRÍTICA

Este livro de poemas de Guilherme de Almeida é uma obra de grande importância literária. O autor aborda temas universais como o amor, a morte e a busca por significado. A linguagem é simples, mas profundamente poética. O livro é dividido em duas partes: 'Ossian' e 'Alencar'. 'Ossian' trata de temas mais místicos e espirituais, enquanto 'Alencar' aborda questões mais terrenas e humanas. O autor utiliza uma linguagem clara e direta, tornando os poemas acessíveis a todos os leitores. A obra é uma excelente introdução à poesia de Guilherme de Almeida e uma leitura obrigatória para quem se interessa por literatura brasileira.

POSSE

RIO, RIO A TUA OMBRA NOLE, VELHO ATLÂNTICO:
MAIS VELHO QUE OS CATACUMENOS INAUDÁVEIS
DE UM MUNDO EM FORMAÇÃO,
QUANDO ADEUS NÃO HAVIA CONTORES REVERENDOS,
NEM SILEX LASCADO
PARA A SORTE DE BENA FARMACY,
SEM BICAL AMARANTO À ORLA DOS VILGÊIOS,
NEM QUIETIL A VIRGEM DAS FLORESTAS ESTUPRADAS.

RIO, RIO A TUA OMBRA NOLE, VELHO ATLÂNTICO:
TÃO VELHO QUANTO OS VENUSOS SEM TEMPO DO MAR UNDO
A JONAS OUSADO.

SEM FLANDEZ SEM AMARAS DE MERIDIANOS E PARALISOS,
NADA AS OITAVAS ESTELAS SEM NOME NEM TAMANHO
DO DEUS AMARANTO.

QUANDO ADEUS NÃO HAVIA NOMES INDETERMINES
CANTANDO POSSÍVEIS
— "MUNDUM" DO FUSO DA FURIA,
"SINE" SINE AS PRIMAS DO SÓCLES —
E PORANTO NÃO HAVIA A POSE.

ES A FREGIA ATLÂNTICA QUE ENDEIA A FUSTURIDE DA POSE.
VOU, COMO VÃO OUPHE,
TELAS SEM OMBRA QUE SÃO DE FUSOS.
ESTE ESTEJA AÍ O SEU OMBRO-GOL DE LÓIA LARANJA-O-ARIELI
E ANGLIA OMBRA BORDA E PARA ELE
LUM. AMARANTO. PAREDO, REVERDO, REVERDO,
MUNDICÍPIO, ESTADO, FÁBIA, CONDEINTE, MURDO.
E LUM, SEM REVERGADOS.
AMARANTO AL PLANTAS VERMELHAS A MENDA BARRACA.

RIO, RIO A TUA OMBRA NOLE, VELHO ATLÂNTICO!

GUILHERME DE ALMEIDA

Fonte: Página 3 do *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 06/10/1956.

O drama também era um gênero literário contemplado pelo SLOESP, não apenas na seção “Teatro”, que também abordava textos (e não somente produções de espetáculos), como em outras seções fixas e livres. Na edição de 10 de fevereiro de 1962, por exemplo, Florestan Fernandes analisa o livro *Dramas para Negros e Prólogo para Brancos*,

preponderância do lado direito sobre o esquerdo na imprensa, assim como o há na própria sociedade, como salientou Robert Hertz (1969:100).”, afirma Isabel Travancas em *O Livro no Jornal* (2001), p. 27.

Antologia do Teatro Negro Brasileiro, de Abdias do Nascimento (Lorenzotti, 2007, p. 136). A análise destaca que: “O lançamento de uma coletânea de textos teatrais de Abdias do Nascimento obriga-nos a pensar de novo o teatro negro brasileiro ou, pelo menos, a relação que o teatro possa ter com os problemas humanos do negro no Brasil” (Fernandes *apud* Lorenzotti, 2007, p. 136).

2.4. O espaço destinado à Literatura

No texto de apresentação do SLOESP, escrito pelo editor Décio de Almeida Prado e publicado na primeira edição do mesmo, destaca-se: “O nosso objetivo é a literatura, não a vida literária”. Realmente, como vimos, a literatura tinha grande destaque no suplemento, embora o mesmo não tratasse unicamente de livros, como é comum atualmente.

Segundo Gadini (2009, p. 237), alguns suplementos contemporâneos são “assumida e unicamente sobre livros – não necessariamente de literatura –, com resenhas, críticas e notas de lançamentos e publicações editoriais das mais diversas áreas”. Nessa descrição, inclui-se o *Sabático*. Mas como entender um suplemento que não era dedicado ao mercado editorial, como são os atuais, mas voltado para as artes de maneira geral (como podemos ver pelas seções dedicadas ao cinema e às artes plásticas, por exemplo), e que destinava boa parte de seu espaço à literatura? A resposta possivelmente está nas condições de produção e no período histórico e cultural em que nasceu e viveu o *Suplemento*.

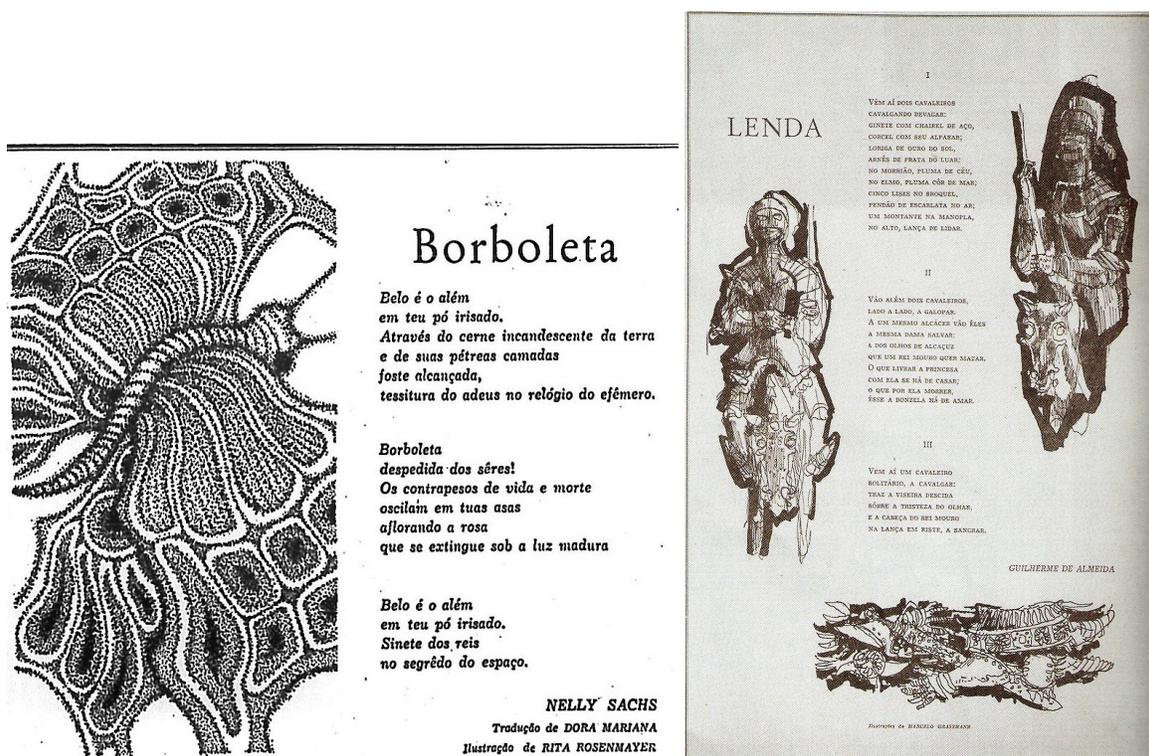
Não à toa, o suplemento foi encerrado justamente quando tais condições não existiam mais, quando a fragmentação e velocidade do Jornalismo industrial já não permitiam a permanência de um projeto como esse, focado em Literatura, e não na vida literária. Não era mais possível a existência de um caderno dentro do jornal que publicava, em quase todas as suas edições, textos literários em prosa e/ou poesia, sem contar o espaço destinado à crítica de tais e outros artefatos culturais.

O fato de o SLOESP destinar espaço não somente a autores consagrados, como também a iniciantes, foi marcante para a história do suplemento. Atualmente, é possível observar que grandes nomes das Letras tiveram publicações no SLOESP quando ainda eram desconhecidos ou pouco conhecidos. O mesmo ocorreu com artistas plásticos que ilustraram as páginas do suplemento.

O primeiro conto de Francisco Buarque de Holanda, por exemplo, foi publicado na edição de 30 de julho de 1966 do *Suplemento* (Lorenzotti, 2007, p.144). A seção “Conto” dava “oportunidade tanto para um nome consagrado como João Guimarães Rosa, um estreante como João Antônio ou um bissexto como David Salles. Muitos foram os contistas publicados” (Weinhardt, 1982, p. 19).

Na seção “Poesia” não era diferente, publicava-se “desde o octagenário Manuel Bandeira ao jovem Affonso Romano de Sant’Anna, o português Miguel Torga e o experimentalista Mário Chamie, o cearense Francisco Carvalho e o gaúcho Walmir Ayala” (Weinhardt, *idem*).

Figura 29: Poemas de Nelly Sachs e Guilherme de Almeida



Fonte: *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*, respectivamente de 24/12/1966 e 23/03/1957.

3. Capítulo III – Descrição do *corpus*

LEITURA DE JORNAL AO FAZER O CHÁ

*De manhã cedo leio no jornal sobre planos decisivos
De papa e dos reis, dos banqueiros e dos barões do petróleo.
Com o outro olho vigio
A chaleira com a água para o chá
Como ela se turva e começa a ferver e novamente clareia
E, transbordando a chaleira, apaga o fogo.*

Bertolt Brecht

O objetivo geral desta pesquisa é fazer uma reflexão acerca do papel do suplemento literário *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* no resgate do prazer pela literatura e pelo conhecimento em tempos de modernidade líquida, de informação rápida. Para tanto, uma etapa importante foi, evidentemente, a imersão no conteúdo do Suplemento, feita por meio da descrição do conteúdo das 10 edições selecionadas para compor o *corpus* do trabalho. Este capítulo apresenta tal etapa, expondo as características de todas as edições selecionadas.

Conforme exposto anteriormente, a pesquisa está ancorada no conceito de modernidade líquida forjado por Bauman (2001), para quem a sociedade se caracteriza por estar em mudança constante. O poema de Bertolt Brecht acima exposto, escrito em algum momento entre 1941 e 1947, retrata uma realidade com a qual poucos ainda conseguem se identificar: uma rotina matinal que envolve aquecer a água do chá em uma chaleira e a leitura das notícias num jornal impresso. Embora as questões políticas subjacentes à rotina narrada no poema ainda sejam semelhantes, ou seja, embora o noticiário atual ainda esteja dominado pelos detentores do poder e do capital, não há como negar que os meios tecnológicos são outros, apesar de o tempo a que Brecht se refere não estar tão distante de nós. Atualmente, muitos utilizam chaleiras elétricas ou outros aparatos tecnológicos para aquecer a água do chá, por exemplo. Muitos fogões hoje são totalmente elétricos, não produzindo mais fogo que pode ser apagado pela água transbordante de uma chaleira. A rotina matinal da vida contemporânea é marcada pela pressa: come-se pouco, e alimentos

que podem ser preparados velozmente, pois o período da manhã deve ser ocupado pelo trabalho. Ganha-se em velocidade, perde-se em poesia.

No que diz respeito à leitura do jornal impresso pela manhã, creio que a diferença tecnológica seja ainda mais gritante, já que é sabido que o jornalismo impresso passa por um momento de crise, não sendo mais consumido massivamente. Mais comum atualmente é que as famílias vejam o noticiário matinal pela televisão, quando há tempo. Observa-se que a modernidade líquida afetou profundamente o cenário do poema de Brecht, e que hoje tal narrativa poética seria escrita de forma totalmente diferente.

No âmbito dos meios de comunicação, grandes mudanças tiveram início com a difusão da televisão (Castells, 1999), induzindo reestruturações nos demais veículos existentes. Atualmente, após a popularização e consolidação da internet e a emergência de inovadores suportes digitais de transmissão de conteúdos, novas mudanças estão em processo, em especial no jornal impresso. Nesse contexto, os veículos impressos apostam em reformulações a fim de garantir sua existência, como ocorreu com o jornal *O Estado de S. Paulo* (OESP) em março de 2010.

A criação do *Sabático*, ocorrida no contexto da reformulação gráfica e editorial do OESP em 2010, se baseia na reapropriação de um modelo consagrado cujo status enquanto item de erudição e cultura é inegável, o *Suplemento Literário* (1956-1974). Assim, acredito que a volta do suplemento literário ao *Estadão* pode ser compreendida como uma estratégia de marketing que visa agregar valor simbólico ao jornal, ainda que não signifique necessariamente um retorno financeiro direto (por meio do aumento nas vendas ou nos anunciantes). A alta cultura ainda é considerada um valor na sociedade brasileira, e o suplemento aposta nessa e em outras ideologias enraizadas em nossa cultura ao tratar de temas eruditos. Dessa forma, a simples existência de um veículo como o *Sabático* possui a utilidade prática de agregar a aparência de cultura, erudição e conhecimento ao jornal, diferenciando-o de outros meios de transmissão de informações.

Em “A Sociedade do Espetáculo”, Guy Debord (1997) explica que “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente agora tornou-se uma representação” (1997, p. 13). Sendo assim, possuir a aparência de jornal que se preocupa com questões culturais é tão ou mais importante do que realmente sê-lo. Essa ideia parece-

me refletir as motivações que estão por trás da reforma do jornal, em especial no que diz respeito à criação do suplemento de livros. Isso não significa, porém, que o jornal não seja realmente preocupado com a valorização da cultura.

Vejamos, agora, como se configuram as mudanças trazidas pela reforma gráfica e editorial do *Estado*, observando de perto as características do *Sabático*, produto dessa reforma.

3.1. Edições selecionadas

Conforme já exposto, nosso *corpus* é composto por 10 edições do *Sabático*, ou um ano construído. A seguir, são apresentadas as descrições do conteúdo de todas as edições que compõem o *corpus* da pesquisa, em ordem cronológica de publicação.

3.1.1. Edição 1: 13 de março de 2010

a. Capa:

Publicada em 13 de março de 2010, a primeira edição do caderno *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* traz em sua capa uma fotografia preta e branca em *close-up* do rosto do escritor Umberto Eco.

Figura 30: Capa do *Sabático* (13/03/2010)



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

Há uma enorme letra “E” (de Eco?) em fonte clássica, como se escrita à pena e nanquim, impressa em marca d’água por cima da imagem. Além da foto do entrevistado, há na capa o logotipo do caderno, um retângulo de 29,5 por 7,7 cm, que traz o nome *Sabático* em fonte serifada e o slogan “Um tempo para a leitura” em caixa alta, porém com menor destaque em relação ao nome do suplemento.

Figura 31: Logotipo do *Sabático*



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

Além da ênfase dada à entrevista com Humberto Eco publicada nas páginas S4 e S5, que é divulgada por meio da exposição da seguinte frase do autor: “Não contem com o fim do livro”, a capa também realça as seções “Inédito” e “Ofício”. Sobre essa, se evidencia, sob o título de “O silêncio e os barcos”, um conto do autor Ronaldo Correia de Brito, publicado na página S3; já sobre aquela, uma matéria sobre um encontro com o poeta Manoel de Barros em seu hábitat, enfatizada pelo título “A natureza do poeta”, e indicada como disponível na página S8.

b. Página S2:

A página S2 se localiza no lado esquerdo do jornal aberto, sendo impressa atrás da capa. A parte superior (pouco menos da metade) da página é ocupada pela seção “Prosa de Sábado”, com o texto “Piratas da pena de pau”, assinado por Sérgio Augusto. Tal seção é a única cuja tipografia do nome difere das demais do caderno. Enquanto todas estão dispostas dentro de um retângulo amarelo, “Prosa de Sábado” tem seu nome dividido, com uma parte disposta dentro do retângulo – “Prosa de” – e outra disposta fora dele, em fonte de caligrafia clássica, ocupando espaço maior na página – “Sábado”.

Figura 32: Tipografia do nome da seção "Prosa de Sábado"

Prosa de
Sábado

Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

Abaixo do nome do autor há a sua foto e o seu e-mail institucional (do domínio @estadão.com.br). O texto está disposto em 4 colunas. Entre a terceira e a quarta coluna há uma ilustração de autoria de Carlinhos Müller, da Agência Estado: uma montagem de um homem, corpo e rosto são feitos de recortes. O texto se ajusta às margens da ilustração, seguindo seu molde. Para formar a cabeça do homem, olhos de pirata (com direito a tapa-

olho no olho esquerdo), boca aberta e cabelos constituídos por um emaranhado de palavras; para o corpo, tronco e membros em cor preta e o caractere “@” em cor branca na camiseta. O sujeito ainda segura um objeto em cor de madeira que lembra o mastro de um navio, não fosse pela ponta do mesmo, que é a ponta de uma caneta de bico de pena. Do objeto em suas mãos escorrem letras, que estão acumuladas no chão, aos pés do personagem. A imagem evidencia, pois, o tema tratado pelo colunista, a pirataria literária, e também faz referência ao título do artigo.

Figura 33: Imagem que ilustra a seção "Prosa de Sábado" de 13/03/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

Em suma, Sérgio Augusto expõe em seu artigo um fato noticioso, o de que uma autora de *best-seller* alemã, Helene Hegermann, plagiou um blogueiro em trechos de seu romance de estreia, tendo confessado a ação após ter sido descoberta, justificando que apenas colocou o material em outro contexto, estabelecendo um diálogo. Em seu texto, Augusto cita outros exemplos de plágio literário e outras justificativas que ele considera exemplos de “caradurismo”, devido ao seu cinismo. O que se expõe, pois, é uma lógica freqüente atualmente, que se baseia no fato de que um texto sempre remete a outro (s), e, por isso, argumenta-se que o plágio não se justifica enquanto crime. No último parágrafo, o autor revela outra notícia, dizendo que “há duas semanas, saiu em Nova York um manifesto em favor da ‘apropriação artística’, *Reality Hunger*, escrito por David Shields, ou melhor, compilado, pois o autor valeu-se quase que exclusivamente de centenas de frases e teses alheias favoráveis à pilhagem”. Para finalizar, Augusto cita os nomes dos autores que ele utilizou para escrever o artigo. Essa conclusão parece um pouco contraditória a princípio, já

que o autor se mostra o tempo todo contrário à ideia de apropriar conteúdos alheios. No entanto, podemos entender que, para ele, o problema não é a apropriação dos conceitos, mas sim a ocultação das fontes.

Continuando na mesma página temos, abaixo da seção “Prosa de Sábado”, as seções “Babel” e “Mais vendidos” que, juntas, ocupam o mesmo espaço destinado à anterior. A seção “Babel” apresenta notas curtas sobre o mundo editorial. Nessa, a notícia com maior destaque é divulgada pela manchete “Borges e Vinicius em diálogo sobre a beleza”, que se encaixa na subseção “Descoberta”. O texto conta que a revista *serrote #4*, que será publicada em julho, trará a transcrição de um diálogo entre os autores Vinicius de Moraes e Jorge Luis Borges, datado de 16 de setembro de 1975. A nota é ilustrada por uma foto de Vinicius, acompanhada da legenda “Informal. Brasileiro tentou descontrair argentino”. A legenda remete a informações do texto, no qual lê-se que Vinicius tentou adicionar descontração à conversa: “Em meio a discussões sobre morte, amor e bebida, o poetinha pergunta ao portenho (já cego àquela altura) como ele percebe a beleza feminina. O escritor responde que pode senti-la, mas que não a considera fundamental. ‘Há feias que são amadas’, diz, ao que Vinicius reage: ‘Mas muito, muito feias, não, Borges. Há feias que não têm remédio.’”

Ainda em “Babel” temos, na subseção “Parceria”, o título “Troca de experiências”, que remete a dois pequenos parágrafos acerca de uma parceria entre as editoras *Companhia das Letras* e *Penguin*. O primeiro parágrafo noticia o ‘estágio’ de mais de um mês feito pelo editor Luiz Schwarcz, da editora brasileira, na *Penguin* americana. Afirma-se, ainda, que, ao voltar, o brasileiro deu palestras sobre a viagem aos editores a seu comando. O segundo parágrafo noticia o fato de que os primeiros títulos da *Penguin Companhia Clássicos*, resultantes da parceria entre as editoras, saem no Brasil no próximo semestre. Se afirma, ainda, que um deles será uma coletânea de textos de Joaquim Nabuco, e que Schwarcz também sugeriu três clássicos brasileiros para a *Penguin* editar nos EUA (seus nomes, no entanto, não foram divulgados).

Continuando na seção “Babel”, há ainda as subseções “Retorno”; “Tradução 1”; “Tradução 2” e “Internet”. A subseção “Retorno” é precedida pelo título “O Holocausto, por Yann Martel”, e a apresenta a notícia de que o novo romance do canadense Yann Martel, que deve sair em língua inglesa no próximo mês, já está sendo traduzido pela Nova

Fronteira. A notícia é complementada pelas informações de que esta é a primeira publicação do autor desde *A Vida de Pi* (da editora Rocco), que lhe rendeu o *Booker Prize* de 2002 e “uma suspeita internacional de ter plagiado *Max e os Felinos* (L&PM), do gaúcho Moacir Seliar”. Por fim, comenta-se que o novo romance de Martel, *Beatriz e Virgílio*, é uma complexa alegoria do Holocausto e traz uma sátira do mercado editorial, sendo que a trama inclui “um escritor premiado que sofre bloqueio criativo após ser acusado de plágio”.

A subseção “Tradução 1” recebe o título de “Como funciona a ficção” e noticia que a editora *Cosac Naify* comprou os direitos de *How fiction works*, de James Wood. Em “Tradução 2”, sob o título de “Mosqueteiros na íntegra”, a notícia diz respeito ao fato de que a editora *Zahar* acaba de fechar contrato para lançar uma tradução do texto integral de *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas. Já a subseção “Internet”, intitulada “França x Google”, dá conta da notícia de que a batalha entre a França e o Google em torno da digitalização de livros alcançou versão literária na França: dois nomes do mundo cultural lançaram ensaios em que “trocam farpas” ao discutirem o tema. Um dos livros defende o diálogo com o Google, enquanto o outro prega que a União Européia deveria responder com “uma espécie de declaração de independência digital”. A subseção “Internet” é a única de “Babel” que está assinada, sendo Raquel Cozer e Andrei Netto, de Paris, os responsáveis.

Ao lado da seção “Babel”, há a seção “Mais vendidos”, que mostra os dez títulos de ficção e não ficção mais vendidos entre 1º e 7 de março. O título de ficção que encabeça a lista é “A Cabana”, de William P. Yong; o de não ficção que está no topo é “Comer, Rezar, Amar”, de Elizabeth Gilbert. A fonte das listas é a agência Informestado.

Para finalizar a página S2, há no rodapé um pensamento, acompanhado da foto de sua autora, Clarice Lispector: “Escrever é uma maldição, mas uma maldição de salva. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive. Escrever é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. É também abençoar uma vida”. Abaixo do nome da autora há algumas informações biográficas sobre ela: “Nascida na Ucrânia em 1920, chegou ao Brasil com a família no ano de 1922. Morreu no Rio de Janeiro em 1977”. Em fonte pequena, no canto inferior direito da página há, ainda, informações sobre o expediente da edição.

Figura 34: Rodapé da página S2 do *Sabático* de 13/03/2010



“Escrever é uma maldição, mas uma maldição que salva. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive. Escrever é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. É também abençoar uma vida”

CLARICE LISPECTOR
NASCIDA NA UCRÂNIA EM 1920, CHEGOU
AO BRASIL COM A FAMÍLIA NO ANO DE
1922. MORREU NO RIO DE JANEIRO EM 1977



EXPEDIENTE
ESTERNA E EXECUTIVA: LAURA
GREENHALGH; EDITOR: RONALDO
GAMA; EDITOR ASSISTENTE: JOÃO
LUZ; CAMPANHA: RICHARTTES;
ESPECIAIS: ANTONIO GONCALVES
FILHO; LUZZ ZANNI; ORCENHO
VIEIRA DA SILVA; REPORTERES:
RAQUEL COZER, REGIATONAS
MARCIA DA GUARDA LOPES
REGINA CAVALCANTE; GESTOR
DE ARTE: FÁBIO SALES; GESTÃO
DE ARTE: ANDREA PANEM; CILADRA:
MARCIO GUSTAVO TORTELLE

Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

c. Página S3:

A página S3 se localiza no lado direito do jornal aberto e é composta pelas seções “Inédito” e “No Suplemento Literário”. Na parte superior – e ocupando mais da metade da página – está a seção “Inédito”, que traz o conto “Homem contempla barcos encalhados”, inédito de Ronaldo Correia de Brito. A linha fina da seção contextualiza a publicação do conto: “O conto a seguir, de Ronaldo Correia de Brito, faz parte do livro *Retratos Imorais*, que sairá em setembro pela Alfaguara. No momento, o ficcionista de *Galiléia* – Prêmio São Paulo de Literatura/2009 – escreve outro romance”. O enredo do conto é focado em um personagem que fuma e contempla os restos dos barcos do avô, morto em decorrência do tabagismo, encalhados na praia. O protagonista compara os barcos encalhados a carcaças de baleias encalhadas, devido à semelhança estrutural existente entre o corpo do animal e o objeto. Para ilustrar o texto, há um grande desenho (22,8 por 16,5 cm) que mostra uma “bituca” de cigarro nas areias de uma praia, e, ao mar, carcaças de baleias (ou de barcos?). A figura é de autoria de Baptistão, da Agência Estado.

Figura 35: Imagem que ilustra a seção "Inédito" de 13/03/2010



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

Para completar a seção “Inédito”, no canto inferior esquerdo dessa há a foto e alguns dados biográficos do autor do conto, com destaque para suas obras já publicadas.

Logo abaixo temos a seção “Do Suplemento Literário”, que apresenta trechos de um texto publicado na edição de estreia do *Suplemento Literário*. Trata-se de uma análise do romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, escrita pelo crítico literário Antonio Candido. Em destaque, temos a data original de publicação do texto (06/10/1956) e o seguinte título: “Obra-prima sem nada que a precedesse”. A linha fina, mais uma vez, contextualiza a publicação. Ilustrando a seção, há a reprodução da página do *Suplemento Literário* em que o texto originalmente figurou, ocupando 9,3 por 6,1 cm.

Figura 36: Imagem que ilustra a seção "Do Suplemento Literário" de 13/03/2010

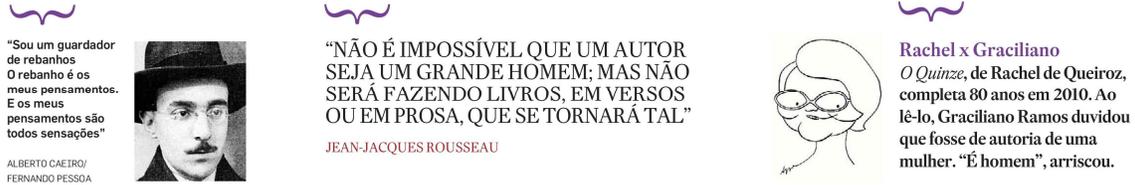


Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

A resenha apresentada possui 5 parágrafos curtos, nos quais em diversos momentos se vê a marcação “(...)”, indicando que trechos do texto foram suprimidos. De fato, a publicação feita na seção “Resenha Bibliográfica” da 1ª edição do *Suplemento Literário* possui 6 longos parágrafos. Nela, Antonio Candido exalta as características do romance de Rosa, destacando se tratar de “uma das obras mais importantes da literatura brasileira”. Logo abaixo do texto há o endereço de internet em que a resenha de Candido pode ser lida na íntegra. Ao lado, sob o título “O criador do caderno”, encontram-se algumas informações biográficas de Candido. Abaixo da imagem que ilustra a seção, os dizeres: “O Suplemento Literário circulou no **Estado** entre 1956 e 1974”.

O rodapé da página S3 é ilustrado por reflexões e um pequeno texto expondo uma curiosidade acerca de personalidades do mundo cultural. No canto esquerdo, vemos o seguinte pensamento, assinado por Alberto Caeiro/Fernando Pessoa: “Sou um guardador de rebanhos. O rebanho é os meus pensamentos. E os meus pensamentos são todas sensações”. Ao lado do mesmo, uma foto (2,9 por 3,6 cm) em preto e branco do rosto de Fernando Pessoa. Ocupando o meio do rodapé, vemos uma citação de Jean-Jacques Rousseau, que, embora não tenha ilustração, está disposta com as letras em caixa alta: “Não é impossível que um autor seja um grande homem; mas não será fazendo livros, em versos ou em prosa, que se tornará tal”. Já o canto direito do rodapé da página apresenta um texto informativo, ilustrado por uma caricatura (3 por 4 cm) da escritora Rachel de Queiroz. Sob o título de “Rachel x Graciliano”, é apresentada a informação de que a autoria do livro *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (que, ainda de acordo com informações do rodapé, completa 80 anos em 2010), foi questionada por Graciliano Ramos. Segundo consta no texto, o autor de *Vidas Secas* duvidou que o referido livro tivesse sido escrito por uma mulher. Cada um dos três textos que compõem o rodapé é precedido pela imagem do caractere “{“, deitado na horizontal com o lado “aberto” voltado para cima.

Figura 37: Rodapé da página S3 do *Sabático* de 13/03/2010

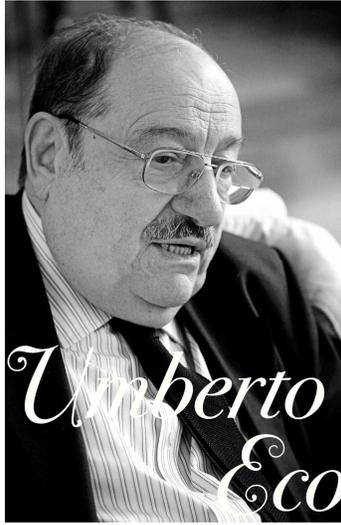


Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

d. Páginas S4 e S5:

As páginas S4 e S5 ocupam a parte central do caderno, respectivamente os lados esquerdo e direito da folha central. Elas trazem a seção “Capa”, apresentando uma entrevista com o escritor Umberto Eco e uma matéria intitulada “Biblioteca de NY, refúgio da crise”. Em S4 vemos, no topo da página, a linha fina “Resultado de uma série de encontros entre o ensaísta e escritor italiano com o roteirista francês Jean-Claude Carrière, *Não Contem Com o Fim do Livro* será publicado no País em abril próximo”, seguida por uma foto preta e branca do entrevistado. Eco está olhando para o lado em uma foto, creditada a Andrea Barbiroli (AE), que expõe seu tronco em semi perfil, ocupando 19,5 por 29,5 cm da página. Sobre a foto, à semelhança da capa, temos escrito o nome do entrevistado em letras garrafais e fonte clássica.

Figura 38: Foto de Umberto Eco que ilustra a seção "Capa" de 13/03/2010



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

O título da entrevista vem logo abaixo da imagem, e está disposto entre aspas, representando uma fala de Eco: “Eletrônicos duram 10 anos, livros, 5 séculos”. Em seguida, vemos o nome do responsável pela matéria de capa, Ubiratan Brasil, acompanhado pela informação: “Enviado especial/ Milão”.

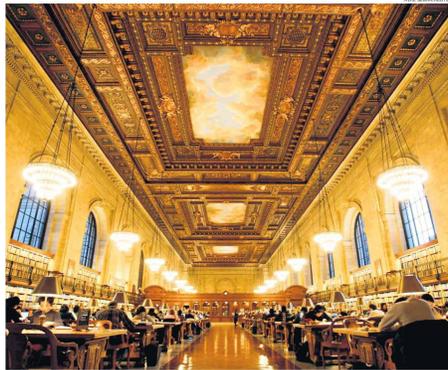
Para introduzir a entrevista, temos um texto de 5 parágrafos, iniciado em letra capitular, contando curiosidades sobre o escritor Humberto Eco. Segundo consta, ele possui quase 50 mil livros; escreveu *Não contem com o fim do livro*, em parceria com Jean-Claude Carrière, à beira da piscina – desfrutando bons uísques –; é um colecionador nato (não apenas de livros, como de selos, cartões-postais e rolhas de champanhe); “mantém contato com seus alunos em Bolonha, escrever artigos para jornais e revistas e aceita convites para organizar exposições”, entre outras façanhas. Também destacam-se o bom humor com o qual Eco recebeu a reportagem do *Sabático* em sua residência, e a conclusão óbvia do livro recém lançado pelo autor: “tal qual a roda, o livro é uma invenção consolidada, a ponto de as revoluções tecnológicas, anunciadas ou temidas, não terem como detê-lo”. Ainda na página S4, temos as respostas para 4 das 15 perguntas que compõem a entrevista. Texto introdutório, perguntas e respostas estão dispostos em 4 colunas que contornam a lateral direita e parte inferior da foto de Eco. Em destaque, entre as colunas da matéria, temos um retângulo amarelo, medindo 5,5 por 3,5 cm, que traz a frase: “O problema crucial da

educação no futuro será reconhecer o que é confiável ou não na web”. No canto superior esquerdo também há destaque para outra afirmação do entrevistado, que dessa vez está disposta em fonte de tamanho mais modesto e sem o retângulo amarelo a sua volta: “Estamos perdendo a memória histórica. Hoje, basta que um aluno dê um clique para obter uma informação”. O último elemento constituinte da página S4 é o símbolo “}”, que, medindo 1,7 cm, está disposto verticalmente no canto inferior esquerdo da página, com o lado maior voltado para a esquerda, encarando o texto.

O mesmo símbolo – “}” – é utilizado para marcar o início do texto na página S5. Embora a entrevista tenha ocupado toda a página S4, em S5 ocupa somente a metade, estando disposta em duas colunas verticais localizadas no lado esquerdo da página. No canto esquerdo do cabeçalho de S5 há a reprodução da capa do livro *Não Contem Com o Fim do Livro*, medindo 1,6 por 2,5 cm, acompanhada de informações técnicas acerca do mesmo (autores, editora, tradutor, preço e número de páginas). As 11 perguntas e suas respectivas respostas concluem a entrevista, e são sucedidas pelo endereço de internet no qual o leitor pode ouvir trechos da conversa com Umberto Eco. Alguns dos temas tratados pelo escritor na entrevista foram: a importância da preservação da memória nos tempos modernos; exemplos de como a falta de leitura influenciou negativamente grandes líderes políticos; o modo como os ataques de 11 de setembro modificaram as formas de guerra; formas inteligentes de catalogação de livros; a forma como Eco antecipou a criação do best-seller *O Código Da Vinci*, de Dan Brown, e, é claro, a crença do autor no fato de o livro ser um artefato que não será aposentado, entre outros assuntos.

A metade vertical direita é ocupada por uma matéria cuja temática se relaciona à da entrevista com Eco, tratando de expor que a biblioteca pública de Nova Iorque teve aumento de público durante a crise de 2008. Intitulada “Biblioteca de NY, refúgio da crise”, a matéria assinada por Lúcia Guimarães (de Nova Iorque) é ilustrada por uma foto colorida do interior da biblioteca, onde várias pessoas ocupam mesas e se dedicam à leitura. A imagem de 16,2 por 13,3 cm é creditada a Mike Segar, da Agência Reuters.

Figura 39: Foto da biblioteca de NY que ilustra a página S5 de 13/03/2010



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

A linha fina da reportagem afirma: “Com 40 milhões de visitas em 2009, instituição adaptou programas para ajudar a população a enfrentar fase difícil”. Escrita com base em uma entrevista feita com Paul LeClerc, atual diretor da biblioteca de NY, a matéria, que também se inicia com letra capitular, mostra como o recinto intelectual foi aproveitado durante a crise: “Imagine a economia com a conta de aquecimento a óleo se é possível enfrentar o desemprego em pleno inverno no calor aconchegante de uma sala de leitura? E se o funcionário da biblioteca pode ajudá-lo a escrever um currículo e tem conhecimento suficiente para informar quais as áreas que estão contratando? O crash de setembro de 2008 encheu as bibliotecas americanas não só de desempregados como também de crianças cujos pais perderam acesso a babás e programas pós-escolares”. A matéria mostra, ainda, a convicção de LeClerc de que, apesar do aparecimento das novas mídias digitais, a biblioteca ainda seja o meio mais democrático de acesso ao conhecimento. Um retângulo amarelo medindo 3,5 por 5,5 cm é disposto entre as colunas do texto, ressaltando os dizeres: “Com o crash de 2008, desempregados encheram as salas em busca de alguma orientação profissional”. Na lateral direita da página, ao lado do texto da matéria, vemos uma foto 3x4 do rosto do diretor, e, abaixo dela, o a seguinte frase entre aspas: “‘Há cinco mil anos não inventaram um lugar melhor para democratizar o acesso ao conhecimento’, diz o diretor Paul LeClerc”. Por fim, temos, após o término da leitura do texto, exposto o endereço de internet em que é possível assistir a um vídeo da biblioteca de NY e ao depoimento de LeClerc.

e. Páginas S6 e S7:

Nas páginas S6 e S7 vemos as seções “Resenhas” e “Estante”. A seção “Resenhas” é composta por quatro resenhas de livros, estando três delas na página S6 e uma na página S7. A página S6 (a da direita) é dividida horizontalmente no meio, sendo a metade superior ocupada pela resenha de *A Arte e a Maneira de Abordar Seu Chefe Para Pedir Um Aumento*, de Georges Perec, e a metade inferior pela resenha dos livros *A História da Alegria*, de Adam Potkay e *Música Secreta – Minha Viagem ao Brasil*, de Rosana Lancelotte. Na páginas S7 (a da esquerda), ocupando a metade superior da mesma, há a resenha de *Khadji-Murát*, de Liev Tolstoi. No topo de cada uma das resenhas, vemos a imagem da capa e informações técnicas sobre o livro resenhado (autor, tradutor, editora, preço e número de páginas). Além disso, nenhuma das resenhas apresenta visões negativas dos livros e se iniciam com letras capitulares.

A primeira resenha, que tem o título de “Convite ao jogo da literatura” é introduzida pela seguinte linha fina: “Seguindo com ironia uma lógica autoimposta, novela do francês Georges Perec explora o lado lúcido da ficção”. Assinada por Silvano Santiago, que é escritor, crítico literário e colunista do *Sabático* (segundo a nota que consta ao final do texto), a resenha gasta sete de seus doze parágrafos explicando a “teoria oulipiana”, que faz com que a escrita literária seja feita obedecendo a modelos matemáticos. Tudo isso para, enfim, explicar que o livro em questão, *A Arte e a Maneira de Abordar Seu Chefe Para Pedir Um Aumento* pode servir como exemplo de tal modelo de criação literária. Entre as colunas do texto há um retângulo amarelo de 5,5x3,5 destacando a seguinte informação: “Não há vírgula ou ponto no seu texto. Há o fluxo da prosa a armar hipóteses, alternativas e conjecturas”. Ilustra o texto, ainda, a caricatura em preto e branco de um sujeito que lembra o físico Albert Einstein, de autoria de Loredano.

Figura 40: Imagem que ilustra a resenha “Convite ao jogo da literatura”, disposta na página S6 do *Sabático* de 13/03/2010



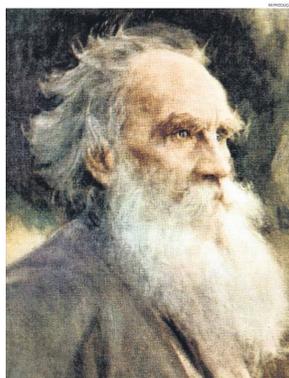
Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

A resenha localizada no lado esquerdo da metade inferior da página S6 trata do livro *História da Alegria*, de Adam Potkay, e foi escrita pelo professor da USP e autor de *Raízes do Riso* (segundo informações do rodapé do texto), Elias Thomé Saliba. Em um texto neutro, o autor limita-se a indicar que o livro apresenta um “estudo dos modos como a alegria foi tratada na literatura, na arte, na religião e na política”. O título e a linha fina do texto são bons indicativos de seu conteúdo. Intitulada “Humores da boa e da má alegria”, a resenha tem a seguinte linha fina: “O exame minucioso de um estado emocional moldado ao longo de épocas distintas”.

Já o texto localizado no lado direito da metade inferior da página S6 segue gênero mais opinativo, expondo clara apreciação pelo livro *Música Secreta – Minha Viagem ao Brasil*, de Rosana Lanzelotte. De autoria de Júlio Medaglia, maestro e autor de *Música Impopular*, como consta no rodapé, o texto expõe as qualidades técnicas da obra: “excelente qualidade editorial, rico em ilustrações e extremamente fiel às fontes”. O título “Fazendo música na corte de D. João” é logo explicado pela linha fina: “Cravista recria anos vividos pelo austríaco Sigismund Neukomm no Rio colonial”. Para completar, há ainda, ao fim do texto, um endereço de internet que o leitor pode acessar caso queira ouvir trecho da Sonata de Sigismund Neukomm, músico que ocupa o papel central da obra resenhada.

A última resenha da seção está na metade superior da página S7, acompanhada pela reprodução de uma pintura de 13x16,7 cm do autor do livro resenhado, Liev Tolstói. A imagem é seguida pela legenda: “O autor. Manuscritos inacabados foram levados com ele em viagens por décadas”.

Figura 41: Imagem que ilustra a resenha “Um herói fiel a seu código de valores”, disposta na página S7 do *Sabático* de 13/03/2010



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

Ao lado da figura temos, ainda, as seguintes informações em destaque: “Pregador da não violência, o escritor russo criou ‘um tipo másculo que se impunha pelo seu vigor’”. O título “Um herói fiel a seu código de valores” expõe uma característica do personagem central da trama, já a linha fina atribui valor positivo à obra: “*Khadji-Murát*, do russo Liev Tolstói, mantém-se atual, na forma e na trama, ao traçar perfil de guerreiro tchetcheno”. Aurora Bernardini, professora de pós-graduação em literatura russa da Universidade de São, conforme atesta a nota localizada ao rodapé do texto, é a responsável pela resenha. A autora é enfática ao expor sua opinião de que a obra em questão “é um presente de Liev Tolstói para a literatura mundial”. Trata-se, logo, de mais uma resenha positiva.

A metade inferior da página S7 divide-se verticalmente ao meio, sendo o lado esquerdo ocupado pela seção “Estante”, e o direito, por uma propaganda – a única da edição. Curiosamente, a tipografia da seção “Estante” diferente da das outras seções, não possuindo um retângulo amarelo enquadrando a fonte. A julgar pela diagramação das demais edições do caderno, esse foi um erro ocorrido somente na 1ª edição.

Figura 42: Tipografia da seção "Capa"

Capa

Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

Figura 43: Tipografia da seção "Resenhas"

Resenhas

Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

Figura 44: Tipografia da seção "Estante"

Estante

Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

Em “Estante” vemos a divulgação de oito obras, sendo apresentadas as imagens de suas capas, o nome de seus autores, tradutores e organizadores (quando cabível), de suas editoras, seus números de páginas, seus preços e pequenos (cerca de 170 caracteres) textos indicando seus conteúdos. Na 1ª edição do *Sabático* as obras indicadas foram: *A Balada do Café Triste*, de Carson McCullers; *Alameda Santos*, de Ivana Arruda Leite; *História das Crenças e das Ideias Religiosas I*, de Mircea Eliade; *O Cativo da Terra*, de José de Souza Martins; *Lúcio Cardoso e Julien Green: Transgressão e Culpa*, de Teresa de Almeida; *Henri Bergson*, organizado por Débora Cristina Morato Pinto e Silene Torres Marques; *Isaac Newton and the Transmutation of Alchemy*, de Philip Ashley Fanning e, finalmente, *The Crisis os Islamic Civilization*, de Ali A. Allawi. Ao final da seção, há a informação de que os livros importados podem ser encontrados na livraria Martins Fontes (divulgam-se também o endereço e telefone da livraria). A publicidade que ocupa todo o lado direito da metade inferior da página anuncia a chegada aos cinemas de “um marco da literatura contemporânea”, o livro *A Estrada*, de Cormac McCarthy. Medindo 14,5 por 24 cm, o anúncio publicitário apresenta a capa do referido livro, noticiando o filme somente por meio de uma frase no topo da imagem.

Figura 45: Publicidade disposta na página S7 do *Sabático* de 13/03/2010

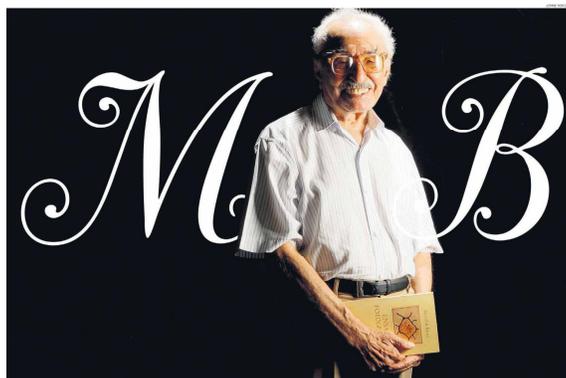


Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

f. Página S8:

A última página do suplemento é ocupada pela seção “Ofício”. Nessa edição, a seção traz um perfil do poeta Manoel de Barros. A página é, mais uma vez, dividida horizontalmente ao meio. A metade superior é ocupada pela linha fina da matéria – “Frequentemente associado ao Pantanal, Manoel de Barros, 93 anos, prefere pisar todos os dias no asfalto: a natureza, aprendeu com os versos, está dentro dele mesmo” – e por uma enorme (29,5 por 19,5 cm) foto colorida do poeta. Creditada a Jonne Roriz, da Agência Estado, a imagem mostra Manoel em pé (até pouco antes dos joelhos), com um sorriso no rosto e segurando um de seus livros. O fundo preto da imagem é preenchido pelas letras M e B, cada uma a um lado do poeta, em cor branca e fonte clássica.

Figura 46: Imagem que ilustra a seção "Ofício" de 13/03/2010



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/2010).

Sem legenda, abaixo da foto vemos, já ocupando a metade inferior da página, reproduzidos dois de seus poemas, um no lado esquerdo e outro no direito, diagramados em itálico. Em seguida, o título da matéria assinada por Daniel Piza (segundo consta, enviado especial a Campo Grande): “O poeta que veio do chão”. Também iniciado em letra capitular, o texto de onze parágrafos é dividido em quatro colunas de 6,5 cm e apresenta dados biográficos e curiosidades sobre Manoel de Barros. Dentre tais, narra o encontro entre esse e o escritor João Guimarães Rosa: “Conta com discreto orgulho uma vez que se encontrou com o mestre, em 1960 (...). Deu a ele o *Compêndio para Uso dos Pássaros*, então recém-publicado, e Rosa o leu imediata e calmamente, à frente dos dois amigos. Terminou, sorriu e resumiu: ‘Manoel, é um doce’. Antes, a bordo de um navio a caminho de Corumbá, tinha trocado apenas umas poucas palavras com Rosa, cercado de um séquito de amigos e brandindo um leque de buriti. O assunto da breve conversa? Passarinhos, claro”.

Entre a terceira e a quarta coluna da matéria há um retângulo amarelo, de 5,5 por 3,5 cm no qual destaca-se o seguinte pensamento de Barros: “Minha poesia é feita de palavras, não de paisagens. É impregnada da água e do solo da infância”. Além desse destaque, também ressaltam-se, na margem direita da metade inferior da folha, as seguintes informações: “Letras. A alfabetização chegou com uma tia que visitou o rancho e trouxe cartilhas e lápis na bagagem”. Por fim, temos, no canto inferior da margem direita da página, uma pequena foto (3x4,8 cm) de um livro aberto, com a mão de uma pessoa sobre ele. Logo abaixo dessa, sob o título de “O autor”, vemos alguns dados biográficos, em sua

maioria já apresentados no texto principal, do autor Manoel de Barros (nome, idade, origem e principais obras).

3.1.2. Edição 6: 17 de abril de 2010

a. Capa:

Em 17 de abril de 2010 foi publicada a sexta edição do caderno *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo*, trazendo em sua capa uma fotografia colorida e de corpo inteiro do fundador e primeiro editor do jornal espanhol *El País*, entrevistado nas páginas centrais do caderno. Na foto, Juan Cebrián aparece em pé, encostado em uma parede de tijolos aparentes, com ambas as mãos nos bolsos de sua calça, a perna direita apoiada na parede e o rosto levemente virado para o lado esquerdo da página. Embora o foco da fotografia esteja em Cebrián, há nela também um vaso de plantas, desfocado e localizado em um plano à frente.

Figura 47: Foto de Juan Cebrián apresentada na capa da sexta edição do *Sabático* (17/04/10)



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Em marca d'água sobre a foto há uma enorme letra C (provavelmente, de Cebrián), em fonte clássica. Ao lado da imagem do entrevistado, estão colocados todos os textos da capa.

Em destaque, temos o título em caixa alta “Todas as teclas de Juan Cebrián”, seguido por um texto explicativo que conta quem é o entrevistado e sobre o que ele fala nas páginas S4 e S5. O texto ressalta que Cebrián fez do *El país* “um símbolo da luta que enterrou o franquismo” e que recentemente lançou um livro no qual fala em “salvar o jornalismo no turbilhão da internet”. As outras seções com destaque na capa são “Clássico”, que trata da atualidade de Mark Twain na página S3 e “Romance”, que trata do romance *O Caso Sonderberg*, de Elie Wiesel, destacando que se trata de um “ensaio sobre a culpa”.

Além da fotografia que ilustra a capa, temos no topo da mesma o logotipo do *Sabático*, em seu tamanho (29,5 cm X 7,7 cm) e apresentação normais. Há, ainda, uma propaganda de carro na parte inferior da página, medindo 10,2 cm X 29,5 cm.

Figura 48: Capa do *Sabático* de 17/04/10



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

b. Página S2:

A página S2 traz as seções “Prosa de Sábado”, “Babel” e “Mais vendidos”. A parte superior da página (ocupando pouco menos que a metade da página) traz a seção “Prosa de Sábado”, com texto assinado por Silvano Santiago. Ao lado de seu nome, há uma foto em preto e branco do tronco e rosto do autor. Também é fornecido, abaixo do nome, o

endereço de e-mail de Santiago. Intitulado “Poder de coerção e vida social”, o texto trata do processo de distanciamento da noção de ideologia, afirmando que a mesma vem sendo substituída pela noção foucaultiana de “dispositivo”. Segundo o autor do texto, Foucault define o dispositivo como “um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber, e por ele são condicionados”. No entanto, o processo de distanciamento da noção de ideologia vai além de Foucault e seu dispositivo, pois, ainda segundo Santiago, o filósofo italiano Giorgio Agamben “atualiza a noção de dispositivo foucaultiano”. Agamben, afirma-se no texto, chama de dispositivo “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. Os parágrafos finais da seção afirmam que, ainda segundo Agamben, “Hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo”. Para terminar, Santiago mostra o exemplo de uma tese, de autoria do antropólogo Pierre Clastres, que defende que, na história do planeta, o único grupo a instituir a vida social sem o poder coercitivo foi o das comunidades indígenas da Amazônia. Assim como em diversos outros momentos do texto, mostra-se a referência da publicação de tal tese, feita pela editora Cosac Naify.

Ilustrando a seção “Prosa de Sábado” há a imagem cartunesca de um homem sentado sobre uma pilha de livros, com a cabeça apoiada em um de seus braços, que, por sua vez, se apóia sobre seus joelhos. A figura, que mede 6 X 11 cm, está colocada entre a 3ª e a 4ª coluna do texto. As colunas contornam a imagem, em uma formatação alinhada.

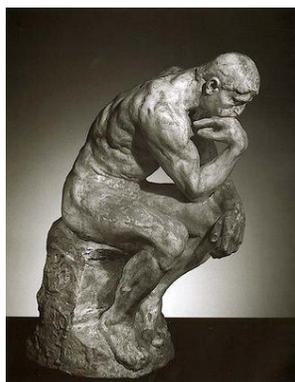
Figura 49: Imagem que ilustra a seção "Prosa de Sábado" de 17/04/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

A imagem é uma clara referência à famosa escultura “O Pensador”, de Rodin. Observamos que o homem tem um celular em sua mão, e de sua cabeça sai uma espécie de antena parabólica que possui o rosto de um homem gritando. Tal figura ilustra literalmente a ideia central do texto, do homem como sendo um ser coagido por uma série de dispositivos existentes na vida social.

Figura 50: Escultura "O Pensador", do escultor francês Auguste Rodin



Fonte: Endereço: <<http://bit.ly/j3qUOF>>. Acesso em: 29/06/2011.

Continuando na página S2, temos na sequência, lado a lado, as seções “Babel” e “Mais vendidos”. A seção “Babel” apresenta notícias curtas acerca do mundo editorial. Cada uma delas tem em destaque, além do título, uma palavra que remete à temática central da notícia. A primeira notícia mostrada na seção de 17 de abril de 2010 mostra em destaque, em caixa alta, a palavra “Evento”, seguida pelo título: “Bienal convoca curadores para reforçar viés cultural”. É claro o destaque dado a essa nota, que está apresentada em três colunas dispostas lado a lado horizontalmente, localizadas sobre as demais notas da seção (todas em apenas uma coluna vertical). Notícia-se o fato de que a organização da 21ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo pretende torná-la um “grande evento cultural”. Para tanto, os responsáveis pelo evento convidaram “o maior grupo de curadores de todas as edições realizadas até hoje para cuidar da programação”. Também afirma-se que os organizadores da Bienal pretendem aproveitar que o evento será realizado em data próxima à da Flip para atrair os mesmos convidados, considerados do “alto escalão cultural”. Após essa notícia temos outra, que aparece destacada pela palavra “Quadrinhos” em caixa alta e

pelo título: “Neuroses ilustradas”. Logo após o título vemos dois quadrinhos, um sobre o outro, que mostram um psicólogo e uma pessoa deitada em seu divã. O texto dos quadrinhos está em inglês. Na sequência, temos a notícia de que neste ano a editora Desiderata publicará *Woody Allen em quadrinhos*, compilação de uma série publicada pelo cartunista Stuart Hample nos EUA entre 1976 e 1984.

Figura 51: Quadrinhos da série *Inside Woody Allen*, de Stuart Hample, publicados na seção "Babel" de 17/04/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Em seguida, ainda na seção “Babel”, temos a palavra “Tradução” em destaque (caixa alta), introduzindo o título: “Oswald na França”. A nota conta que a editora francesa La Différence está preparando a publicação de uma edição em francês de *Pau Brasil*. Além disso, ainda se destaca que a editora Globo, detentora dos direitos da obra, teve uma iniciativa inédita ao arcar com os custos da versão em francês de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, que ofereceu à editora parisiense. A próxima notícia apresentada é destacada pela palavra “Arquivo” em caixa alta. O título “Plath e Hughes” indica os autores aos quais o texto se refere. A notícia dá conta do fato de que foi lançado recentemente um CD contendo uma rara entrevista conjunta entre os poetas Ted Hughes e Sylvia Plath, gravada em 1961. Afirma-se que o site do *Guardian* publicou um trecho da conversa, que mostra o casal falando da relação e de como um influenciou o outro. Em seguida, é fornecido um link para o trecho do áudio. Separada apenas por um asterisco, temos, na sequência, outra notícia envolvendo o autor Ted Hughes. Afirma-se que a British Library anunciou, naquela semana, a aquisição de um exemplar anotado por Hughes da revista

Saint Botolph's Review, criada em 1956 por ele e amigos de Cambridge. Também se noticia que em maio a biblioteca finalizará o catálogo digital do arquivo do poeta, que será disponibilizado na internet. A próxima notícia traz a palavra “Sustentabilidade” em destaque e o título: “História do consumo”. Nessa, explica-se que o vídeo “A História das Coisas”, hit no YouTube, virou livro, recém publicado nos EUA, cujos direitos foram comprados pela editora brasileira Zahar. Explica-se que o livro, assim como o vídeo que o precedeu, tenta responder “de onde vêm todas as coisas que compramos e aonde vão quando jogamos fora”. Na sequência, temos em destaque a palavra “Pulitzer”, e uma nota encabeçada pelo título “Prêmio para peixe pequeno”. Nessa, destaca-se que a escolha do livro *Tinkers*, de Paul Harding, para o prêmio Pulitzer de ficção causou surpresa. O motivo para tal baseia-se no fato de que a editora do livro, a Bellevue Literary Press, é especializada em um nicho restrito de livros, “que relacionam ciência e arte”, lança apenas 8 títulos por ano e conta com uma equipe fixa de duas pessoas. A última nota da seção “Babel” é destacada pela palavra “Internet” e traz o título “Rede em versão nacional”. A notícia em questão dá conta do fato de que a rede social espanhola Ediciona, que é voltada à indústria editorial, estreará versão brasileira em agosto. No fim da seção “Babel” vemos o nome da jornalista responsável pela mesma, Raquel Cozer.

Para finalizar, há ainda na página S2 a seção “Mais vendidos” e um rodapé que traz uma frase do escritor austríaco Hermann Broch em destaque. A seção “Mais vendidos” apresenta os 10 livros mais vendidos em livrarias brasileiras entre 5 e 11 de abril, nas categorias ficção e não ficção. O rodapé é separado do restante da página pelo seguinte símbolo: . No lado esquerdo, temos em destaque a frase “O poeta não pode remediar mal algum, só é ouvido quando elogia o mundo, não, porém, quando o apresenta como ele é na realidade. Apenas a mentira produz a glória, a percepção não o consegue!”; e os seguintes dados biográficos do autor da mesma: “Hermann Broch, escritor austríaco (1886-1951), em *A Morte de Virgílio*, romance publicado originalmente nos Estados Unidos em 1945”. Há, também, uma fotografia em preto e branco do rosto do autor, cortada em formato redondo. Já o lado direito do rodapé traz o expediente do suplemento, com os nomes dos responsáveis por cada função desempenhada na elaboração do *Sabático*.

Figura 52: Rodapé da página S2 de 17/04/2010



“O poeta não pode remediar mal algum, só é ouvido quando elogia o mundo, não, porém, quando o apresenta como ele é na realidade. Apenas a mentira produz a glória, a percepção não o consegue!”

HERMANN BROCH, ESCRITOR AUSTRIACO (1886-1951).
EM A MORTE DE VIRGILIO, ROMANCE PUBLICADO
ORIGINALMENTE NOS ESTADOS UNIDOS EM 1945



EXPEDIENTE
EDITORA EXECUTIVA:
LUIZA BRETNHALGH
EDITOR: FERNANDO GAMA
EDITOR ASSISTENTE:
RUIZ DE CARVALHO
REPORTERES ESPECIAIS:
ANTONIO GONCALVES FILHO
LUIZ ZANINI BRICHO
LEITANTON BRASIL
REPORTER: RAQUEL COZER
REDATORAS: MARGA DA GLORIA
LOPES, REGINA CAVALCANTI
DIRETOR DE ARTE: FARIQ SALES
EDIÇÃO DE ARTE: ANDRÉ APARECIDO
EDITOR ASSISTENTE DE ARTE:
JAIRO RODRIGUES

Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

c. Página S3:

Na página S3 do *Sabático* de 17/04/2010 temos as seções “Clássico” e “Do Suplemento Literário”. A seção “Clássico” é apresentada pela seguinte linha fina: “No centenário de morte daquele que é tido como um dos fundadores da literatura americana, sua obra permanece de pé, reverenciada por nomes como Toni Morrison, Gore Vidal e Kenzaburo Oe”, seguida pelo título: “Mark Twain, o escritor errante”. A matéria em questão, assinada por Daniel Piza, ocupa $\frac{3}{4}$ da página. A primeira letra do texto é um “M” capitular em fonte clássica. “M” de Mark Twain, assim se inicia a narração da biografia do autor, explicando-se a origem do pseudônimo do sujeito que nasceu Samuel Langhorne Clemens. Em seguida, é noticiado o lançamento do livro *The Mark Twain Anthology*, que reúne textos de vários autores consagrados, todos sobre a obra de Twain. A coluna também indica que Twain influenciou diversos ícones da cultura contemporânea, não apenas da literatura, como também do cinema e da música, expondo a opinião de que “Twain é maior que todos”. Por fim, destaca-se a importância da obra *As Aventuras de Huckleberry Finn*, tida como mal compreendida, na qual o autor “foi tudo menos superficial ou raso; desceu metros e metros abaixo e voltou com uma escrita fluente como a água e permanente como um rio”.

O texto da seção “Clássico” é apresentado em 4 colunas. Entre a segunda e a terceira coluna, temos em destaque um Olho amarelo, no qual lê-se: “Dele descendem Ernest Hemingway, os beatniks e J.D. Salinger (seu Huck Finn é avô de Holden Caulfield)”.

Figura 53: Olho que ilustra a seção "Clássico" de 17/04/2010

**
Dele descendem Ernest
Hemingway, os beatniks
e J.D. Salinger (seu
Huck Finn é o avô de
Holden Caulfield)
**

Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Temos, também, uma caricatura do autor Mark Twain ilustrando a seção. Ao lado da imagem, que mede 12 X 21 cm, temos um pequeno texto que destaca a autoria da figura. Nele, lê-se: “**O ficcionista, por Loredano.** Um pensador humorado, cético, quase pessimista” (grifo existente na publicação, não meu).

Figura 54: Caricatura de Mark Twain, que ilustra a seção "Clássico" de 17/04/2010



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Abaixo da seção “Clássico”, vemos, ocupando $\frac{1}{4}$ da página, a seção “Do Suplemento Literário”. A primeira informação em destaque é a data original de publicação do texto que ali se encontra, 14/08/1962. Em seguida, temos o título em caixa alta: “Um prosador no controle de sua imagem”. E, logo abaixo, a linha fina: “Memórias do autor de *Huckleberry Finn* tiveram a pretensão de preencher as lacunas deixadas por seus principais biógrafos”. Com isso, sobram apenas 5 linhas para a publicação do início no texto na 1ª coluna, feita após a indicação do nome do autor, Willy Lewin. A segunda coluna é ocupada unicamente pela imagem do *Suplemento Literário*, na página em que o texto originalmente

figurou. Nota-se que o título da publicação feita no SL era outro, “Em torno de Mark Twain”.

Figura 55: Página do *Suplemento Literário* utilizada para ilustrar a seção "Do Suplemento Literário" de 17/04/2010



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Abaixo da imagem que ilustra a seção, temos um asterisco vermelho e a contextualização do suplemento em questão, que se dá pela frase: “O Suplemento Literário circulou no Estado entre 1956 e 1974. Foi mantida aqui a ortografia original do artigo”.

O texto de Willy Lewin dá conta da, na época, recente publicação da autobiografia traduzida de Mark Twain. Lewin esmiúça o sistema desenvolvido por Twain para escrever o texto, bem como suas intenções de publicação do mesmo após sua morte. Ele ainda traça um paralelo entre a metodologia de escrita de autobiografia desenvolvida por Twain e a utilizada por outro autor, André Gide, afirmando serem semelhantes. Ao final do texto, temos a indicação de um endereço da internet no qual é possível lê-lo integralmente. Há, também, um texto explicativo na lateral direita da seção em questão, encabeçado pelo título “Erudição e influência”, no qual são fornecidos dados biográficos do autor da coluna, Willy Lewin. Entre outros dados, conta-se ali que Lewin fora titular da seção de letras anglo-americanas do SL e que o poeta João Cabral de Melo Neto “dizia que conviver com ele tivera o peso de um curso universitário”.

d. Páginas S4 e S5:

As páginas S4 e S5 trazem a seção “Capa”, contendo uma entrevista com o jornalista espanhol Juan Luis Cebrián. Metade da página S5 também apresenta a seção “Literatura contemporânea”, com uma entrevista com Elie Weisel, escritor e Nobel da Paz.

A diagramação da página S4 é feita em torno de uma fotografia do entrevistado em questão. Medindo 19,6 X 29,3 cm, a imagem creditada a Valéria Golçalves, da Agência Estado, mostra Cebrián de corpo inteiro, sentado sobre um dos braços de uma poltrona. Ele tem um sorriso tímido em seu rosto, e é parcialmente iluminado pela luz que entra pela janela.

Figura 56: Juan Luis Cebrián, imagem que ilustra a seção "Capa" de 17/04/2010



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Antes do título, temos a linha fina: “Em entrevista ao Estado, o jornalista e escritor espanhol Juan Luis Cebrián, que veio ao Brasil para o lançamento de *O Pianista no Bordel*, livro de ensaios, fala de democracia, liberdade de imprensa e, claro, de jornalismo na era digital”. Em seguida, temos a foto e, logo abaixo, o título em caixa alta: “A internet não significa ameaça e sim oportunidade”. A entrevista é assinada por Laura Greenhalgh e é antecedida por um texto introdutório, iniciado pela letra “N” capitular em fonte clássica. A introdução dá conta, entre outras coisas, do fato de que Cebrián acredita que o jornalismo impresso, tal como o conhecemos hoje, é ultrapassado, por ser um produto tipicamente da Revolução Industrial, e atualmente vivemos a Revolução Digital. Ele destaca que o El País, jornal que fundou, não vai morrer, pois conta com uma clientela de em torno de 17 milhões de internautas na rede, mas que, no entanto, sua versão impressa irá ser mais seletiva e analítica. Outro ponto destacado na introdução diz respeito a “uma das reflexões mais

instigantes” que o autor faz, defendendo o jornalismo como gênero literário. Cebrián coloca que “é impossível imaginar a obra de grandes nomes da literatura, como Hemingway, Camus, e García Márquez sem levar em conta que todos tiveram passagens como redatores, editorialistas ou correspondentes”. Tal reflexão é assunto de um dos capítulos de seu livro *O Pianista no Bordel*, que também mostra, conforme se destaca na introdução, “um homem de imprensa que em breve completará 66 anos, ainda apaixonado pelo cheiro da tinta e do papel, mas compelido a adaptar-se às tecnologias que rendem milhões e milhões de páginas eletrônicas”. Após a introdução, temos 3 expostas na página 3 perguntas e suas respectivas respostas, sendo que a terceira resposta apenas se inicia na página em questão, sendo continuada na seguinte.

Na página S4 temos, ainda, um Olho amarelo que destaca a seguinte frase, entre aspas: “Google, Twitter, Facebook são marcas que nunca precisaram de campanha de lançamento”. Há, também, uma frase solta, posicionada na lateral direita da página, ao lado de uma coluna de texto, na qual lê-se: “Ele acredita que a mídia sobreviverá enquanto houver criadores com paixão para traduzir desejos e modos de pensar”. No final da página,

vemos o símbolo } posicionado no lado direito do último parágrafo impresso. Na página seguinte, mais uma vez temos o mesmo símbolo, mas agora posicionado no lado esquerdo das primeiras frases do parágrafo que se inicia.

A página S5 é dividida verticalmente em duas metades. A metade da esquerda traz a continuação da entrevista iniciada na página S4. No topo da metade esquerda da página temos a imagem da capa e dados do livro *O Pianista no Bordel*, de autoria do entrevistado.

Figura 57: Dados do livro *O Pianista no Bordel*, expostos no cabeçalho da página S5 de 17/04/2010



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Assim, a metade esquerda mostra oito perguntas e suas respectivas respostas. Ao final, temos a indicação de um endereço da internet no qual é possível ler trechos do livro de Cebrián, *O Pianista no Bordel*. Todas as perguntas apresentadas na página S5 estão voltadas ao tema do jornalismo online em contraposição ao tradicional, e à questão do futuro do jornal impresso. Em destaque, ao lado da coluna direita da entrevista, temos a seguinte frase entre aspas: “Vamos nos acostumando à ideia de que o diário impresso é um produto de fabricação antiga e causa poluição”. Apesar de estar entre aspas, tal frase não foi dita pelo entrevistado, ao menos no trecho que está publicado nessa edição do *Sabático*.

A metade da direita da página S5 traz a seção “Literatura contemporânea”, apresentada pela seguinte linha fina: “Elie Wiesel, Nobel da Paz e autor de *O Caso Sonderberg*, critica a forma como os crimes de guerra são minimizados na atualidade”. Após a linha fina, vemos uma fotografia do entrevistado. Creditada a David W. Cerny, da Agência Reuters, a imagem, que mede 13 X 16,2 cm, mostra um close do rosto de Wiesel, que está com as mãos juntas e leva ambos seus dedos indicadores à boca fechada.

Figura 58: Fotografia de Elie Wiesel que ilustra a seção "Literatura contemporânea" de 17/04/2010



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Após a fotografia, temos o seguinte título, entre aspas: “É mais fácil ser conformista”. O texto é assinado por Ubiratan Brasil, e também se inicia por uma letra capitular em fonte clássica. Trata-se de outra entrevista, mais uma vez precedida por um texto introdutório. A introdução destaca o enredo do livro *O Caso Sonderberg*, o qual afirma-se ter sido recentemente lançado no Brasil. Em seguida, há um parágrafo

detalhamento fatos da biografia do autor. A entrevista se inicia na sequência, com cinco perguntas e respostas. Wiesel explica que sempre teve a intenção de atingir o máximo de profundidade em assuntos como a culpa, como o faz no livro em questão. Ele afirma que na Alemanha do pós-guerra há um sentimento de culpa coletiva. Para o autor, o sentimento coletivo diminui a sensação de culpa, o que se explica pois “é mais fácil ser conformista”. Em destaque, temos um Olho amarelo entre as duas colunas do texto, que traz a frase: “O cruzamento do destino de um estudante alemão com o de um repórter judeu permite discutir a culpa”, aludindo ao enredo do livro *O Caso Sonderberg*.

e. Páginas S6 e S7:

Nas páginas S6 e S7 vemos as seções “Resenhas” e “Estante”. A página S6 é dividida horizontalmente ao meio. A metade superior traz a resenha do livro *A Morte de Matusalém*, de Isaac Bachevis Singer. No topo da página temos a imagem da capa e dados do livro resenhado.

Figura 59: Dados do livro *A Morte de Matusalém*, expostos na seção “Resenhas” de 17/04/2010



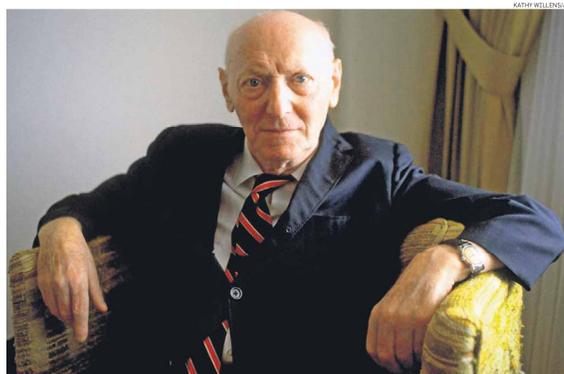
Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Em seguida, vemos o título em caixa alta: “A agonia de uma paisagem humana”, seguido pela linha fina: “Coletânea de contos de Isaac B. Singer retrata o canto do cisne de uma geração de judeus esmagada pelo século 20”. O nome do autor da resenha vem a seguir, Luis S. Krausz. O texto se inicia por letra capitular em fonte clássica, está apresentado em quatro colunas. Trata-se de uma resenha positiva, que ressalta as potencialidades das narrativas de Singer, afirmando que o livro é “uma amostra abrangente do imaginário e das memórias deste escritor que traduz, talvez de maneira mais incisiva do que qualquer outro, as perplexidades e a desorientação da sociedade judaica do Leste

europeu”. Após a resenha temos um pequeno perfil do autor da mesma, no qual fica evidente que Krausz é um especialista em literatura e cultura judaica. Após o perfil temos, ainda, exposto um trecho do livro resenhado. O trecho se separada da resenha por meio da inserção do símbolo .

Ilustrando tal texto, temos uma fotografia do autor do livro *Morte de Matusalém*. Creditada a Kathy Willens/AP, a imagem colorida mostra o escritor de frente, do tronco para cima, e mede 16,3 X 10,6 cm. Ele está sentado em uma poltrona e olha para a frente, dando a impressão de encarar quem vê a foto. Abaixo da figura, na lateral direita da página, temos a seguinte notação explicativa: “**Singer**. Universo caótico, habitado pela crueldade de impulsos violentos e pela ausência de fé” (grifo existente na publicação, não meu).

Figura 60: Fotografia do escritor Isaac B. Singer que ilustra a seção "Resenhas" de 17/04/2010



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Temos, ainda, um Olho amarelo entre a primeira e a segunda coluna, no qual lê-se em destaque: “A heresia é o tema central das narrativas reunidas no volume, que rompem com os mitos tradicionais”.

Continuando na página S6, vemos que a metade inferior da mesma traz, lado a lado, as resenhas de *Cuerpos Divinos*, de Guillermo Cabrera Infante e *Círculos de Influência*, de Marco Aurélio Scarpinella Bueno. O lado esquerdo apresenta a resenha do livro de Infante, em duas colunas. Acima do texto, temos as informações técnicas sobre o livro, como ocorre com todos os resenhados no *Sabático*:

Figura 61: Dados do livro *Cuerpos Divinos*, expostos na seção “Resenhas” de 17/04/2010



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Depois vem o título em caixa alta: “Cabrera Infante revive no papel”, seguido pela linha fina: “Livro publicado na Espanha traz o melhor e o pior do cubano que morreu em 2005”. A assinatura do autor da resenha aparece logo abaixo, Vinicius Jatobá, e na sequência o texto se inicia, com uma letra capitular em fonte clássica. A resenha é neutra, aqui afirma-se que o livro “coloca os leitores em contato com o que há de melhor e de pior de seu autor” e que ele não “é a obra prima que poderia ser”. Após o texto, vemos a informação de que o autor do mesmo, Jatobá, é crítico literário.

Já o lado direito da metade inferior da página S6 é preenchido pela resenha do livro *Círculos de Influência*, de Marco Aurélio Scarpinella Bueno. Mais uma vez, temos as informações todas dispostas da mesma forma, iniciando-se pela apresentação de dados técnicos do livro:

Figura 62: Dados do livro *Círculos de Influência*, expostos na seção “Resenhas” de 17/04/2010



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Da mesma forma como é feita a apresentação das informações nas outras resenhas, temos na sequência o título em caixa alta (“Música e política na velha Rússia”); a linha fina (“Pesquisa cuidadosa ajuda a descortinar fascínio pelos compositores soviéticos”); o nome do autor da resenha (Gilberto Mendes); o texto iniciado por letra capitular em fonte clássica e dados biográficos do responsável pelo texto. Nesse caso, é mostrado que Gilberto Mendes

é compositor, autor de livros sobre música e colunista do *Caderno 2 + Música*. A resenha é positiva, afirmando se tratar de um “precioso livro” sobre música e política na União Soviética, e que “todo um vasto panorama musical russo é descortinado neste apaixonante *Círculos de Influência*”.

A seção “Resenhas” continua na página S7, sempre seguindo a mesma estrutura ao apresentar as informações. Aqui também temos uma resenha maior, ocupando a metade superior da página, e outra menor, ocupando o lado esquerdo da metade inferior da página. O livro resenhado na metade superior é *O Dia da Coruja*, de Leonardo Sciascia. Como sempre, temos, antes de tudo, as informações técnicas sobre o livro no cabeçalho da página. Em seguida, vemos uma imagem em preto e branco ilustrando o texto, medindo 19,3 X 10,6 cm, trata-se da reprodução de uma cena de um filme. A figura mostra dois homens no primeiro plano e mais alguns no fundo, em um local público. Na lateral direita da página, ao lado da última coluna do texto, temos a explicação, colocada abaixo da fotografia (que mede 2,9 X 3,7 cm), também em preto e branco, do rosto de um homem: “**Filme.** Damiano Damiani adaptou o policial de Sciascia (*acima*), com Franco Neto (*à esq., de pé*) como Bellodi” (grifo existente na publicação, não meu).

Figura 63: Reprodução de cena da adaptação cinematográfica do livro *O Dia da Coruja*, que ilustra a seção "Resenhas" de 17/04/2010



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Abaixo da imagem temos o título em caixa alta: “Itália sobre a sombra da máfia”, seguido pela linha fina: “Em *O Dia da Coruja*, Leonardo Sciascia faz sua reflexão sobre criminalidade e Estado”. Depois disso vemos o nome do autor da resenha, Luiz Zanin

Oricchio. Mais uma vez, o texto se inicia em letra capitular com fonte clássica, e ocupa quatro colunas. A resenha basicamente oferece o enredo do livro, explicitando também algumas características do estilo do autor: “Sciascia é conciso ao extremo, e usa enredo e recursos cinematográficos, como cortes abruptos e flashbacks”. Trata-se do único texto da seção “Resenhas” que não mostra ao final algumas informações pessoais sobre o autor do mesmo. Nesse caso, ficamos sem nenhuma informação sobre o currículo ou biografia de Luiz Zanin Oricchio.

A última resenha da seção de 17/04/2010 é sobre o livro *A Oficina do Cosmógrafo*, de Frank Lestringant. O texto está disposto no lado esquerdo da metade inferior da página S7, exibido em duas colunas. Como de costume, acima do mesmo temos os dados técnicos do livro resenhado:

Figura 64: Dados do livro *A Oficina do Cosmógrafo*, expostos na seção “Resenhas” de 17/04/2010



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Em destaque na sequência, vem o título da resenha, em caixa alta: “Olhar atento para os outros”. Logo abaixo, a linha fina: “Historiador revê trajetória de monge que integrou a expedição de Villegagnon”, seguida pelo nome do autor do texto, Elias Thomé Saliba. A resenha também começa com uma letra capitular em fonte clássica. O texto, porém, pouco fala sobre o livro resenhado, se focando mais no assunto ou tema do livro, que é o cosmógrafo André Thevet. A respeito do livro, limita-se a dizer que “Lestringant mostra que hoje ele [Thevet] é plenamente recuperado na sua função de observador da diversidade e da singularidade”. Ao final do texto, lemos a informação de que o autor do mesmo é professor titular de Teoria da História na Universidade de São Paulo.

O lado direito da parte inferior da página S7, por sua vez, é ocupado pela seção “Estante”. Nessa, são mostradas as capas, os dados técnicos e uma breve explicação sobre o conteúdo de oito livros. Não há informação alguma sobre o motivo pelo qual tais livros

foram agrupados ali (seriam lançamentos recentes?). Os livros expostos nessa edição foram: *Crítica cheia de graça*, de José Ramos Tinhorão; *Falsa economia*, de Alan Beattie; *Introdução à leitura de Hegel*, de Alexandre Kojève; *Minha casa do outro lado do Atlântico*, de Helene Cooper; *A janela de esquina do meu primo*, de E.T.A. Hoffmann; *Grafias urbanas*, de vários autores (org. Adilson Miguel); *Del otro lado del jardín*, de Carlos Framb e *Me llaman Artemio Furia*, de Florência Bonelli. Ao final da seção, há a informação de que os livros importados podem ser encontrados na livraria Letra Viva (divulgam-se também o endereço e telefone da livraria).

f. Página S8:

A página S8 é ocupada pela seção “Ensaio”. Alinhada à esquerda e ocupando a maior parte da página, vemos uma fotografia em preto e branco, que mede 23 X 28,6 cm. A curiosa imagem mostra um homem enforcado, pendurado pelo pescoço, ao lado de um painel que traz pendurada a fotografia de outro homem, em pé e de corpo inteiro. Em marca d’água, no fundo da foto, vemos a letra “S” em fonte clássica.

Figura 65: Imagem que ilustra a seção "Ensaio" de 17/04/2010

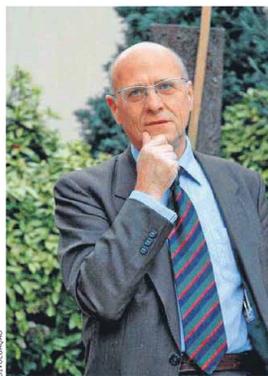


Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Na lateral direita da página temos uma fotografia colorida (que mede 6,3 X 8,7 cm) de um homem da cintura para cima, levando uma de suas mãos ao queixo. Abaixo dessa imagem, temos os dizeres: “**Realidade e ficção**. Soulages (*acima*) desafia o leitor a buscar

entender a construção da imagem em trabalhos como *La Famille des Hybrides (à esq.)* de JM Lalier” (grifo existente na publicação, não meu).

Figura 66: Fotografia de François Soulages que ilustra a seção "Ensaio" de 17/04/2010



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Abaixo da fotografia exibida na Figura 65, vemos o título da matéria em caixa alta: “O que é fotográfico na fotografia?”, seguido pela linha fina: “Estudo de François Soulages lança mão da filosofia e da psicanálise para responder a essa pergunta estética”. Depois temos em destaque o nome do autor do ensaio em questão, Rubens Fernandes Junior, e o texto, apresentado em quatro colunas e iniciado por letra capitular em fonte clássica. Destaca-se que a publicação do livro *Estética da Fotografia – Perda e permanência*, de Soulages, no Brasil é uma “contribuição extraordinária” para quem se dedica à pesquisa da fotografia no país. O texto elenca diversas qualidades do livro de Soulages, afirmando-se ser uma obra que tem o intuito de “concretizar uma leitura da fotografia a partir de vestígios encontrados na imagem”. Também afirma-se que a melhor abordagem teórica desenvolvida por Soulages, talvez, seja o conceito de fotograficidade, que indica o que é fotográfico na fotografia. Por fim, é fornecido um exemplo de análise fotográfica, a partir da imagem reproduzida na página S8 e na Figura 65. Afirma-se que “Olhar para essa imagem convida a tentar entender o que é o objeto, o que é o real fotografado e sua representação. Olhá-la é, também, perceber que a foto não tem mais relação imediata com a realidade, já que resulta da relação de várias realidades. Ainda assim, a obra fotográfica remete sempre ao ato fotográfico e tudo que o cerca, mas nessa obra específica, os efeitos visíveis, nem sempre apreensíveis, nos oferecem a possibilidade de compreender a obra em seu processo de

construção”. O texto é finalizado com a afirmação de que Soulages, em seu livro, busca refletir não só sobre o processo de construção da imagem, mas também sobre sua conexão com o real, “questionando essa conexão e valorizando os processos de recepção”. Entre a terceira e a quarta coluna, temos um Olho amarelo que destaca a seguinte informação: “Entre os teóricos de prestígio cujos conceitos são debatidos estão Roland Barthes e Rosalind Krauss”.

Figura 67: Olho que ilustra a seção "Ensaio" de 17/04/2010



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (17/04/2010).

Após o texto, vemos, em fonte diferente, porém na mesma coluna, a informação de que Rubens Fernandes Junior é pesquisador, crítico de fotografia e diretor da FACOM-FAAP.

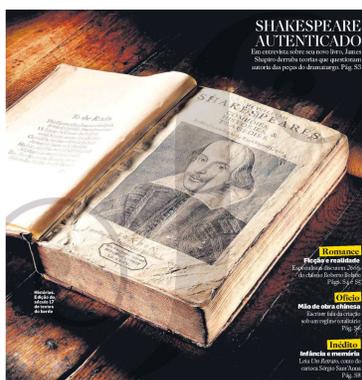
3.1.3. Edição 11: 22 de maio de 2010

a. Capa:

A imagem que ilustra a capa da 11ª edição do *Sabático*, de 22 de maio de 2010, mostra um livro de Shakespeare aberto sobre uma mesa de madeira (que aparenta ser antiga, já gasta pelo tempo). A fotografia é colorida e o livro em questão é uma coletânea intitulada “Comedies, Histories & Tragedies”. Na página em que o livro está aberto, que é uma das primeiras do mesmo, vemos uma ilustração realista da fisionomia de seu autor, William Shakespeare. Ao olhar para a imagem, temos a impressão de se tratar de um exemplar muito antigo, pois esse possui as páginas amareladas e amassadas e está desgastado, ainda que levemente. Em letras miúdas abaixo da imagem do livro, no lado

esquerdo da página, temos a confirmação de que a publicação é antiga, mais precisamente, de quatro séculos atrás: “Histórias. Edição do século 17 de textos do bardo”.

Figura 68: Fotografia que ilustra a capa do *Sabático* de 22 de maio de 2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Todas as demais informações da capa estão apresentadas no lado direito da página. Em destaque no topo da capa, abaixo do logo do *Sabático* (apresentado em tamanho normal), temos o seguinte título em caixa alta: “Shakespeare autenticado”. Em seguida, um breve texto explicando do que trata a matéria de capa: “Em entrevista sobre seu novo livro, James Shapiro derruba teorias que questionam autoria das peças do dramaturgo. Pág. S3”. As outras seções que estão em destaque na capa são “Romance”, “Ofício” e “Inédito”. Afirma-se sobre a seção “Romance”: “Especialistas discutem *2666*, do chileno Roberto Bolaño”. O título que introduz tal afirmação é “Ficção e realidade”. Também são indicadas as páginas em que é possível conferir tal seção, que são S4 e S5. Na sequência temos em destaque um título que indica o que se pode encontrar na seção “Ofício”, que é: “Mão de obra chinesa”. O texto explicativo coloca que “Escritor fala da criação sob um regime totalitário”. Indica-se, também, que tal seção se encontra na página S6. Por fim, temos em destaque o título que realça a seção “Inédito”: “Infância e memória”. Vemos, aqui, o seguinte texto indicando o que se lê na seção em questão: “Leia *Um Retrato*, conto do carioca Sérgio Sant’Anna”. Mais uma vez, indica-se em qual página do caderno é possível fazer tal leitura, na S8.

Como é comum nas capas do *Sabático*, nessa também vemos uma letra em marca d’água ao fundo da imagem que a ilustra. No caso, a letra é “S”, provavelmente de

Shakespeare, que aparece em fonte clássica. A capa possui, ainda, uma propaganda de carro de luxo em seu rodapé, ocupando espaço quase igual ao do logotipo, porém pouco maior, conforme ocorreu com todas as capas do *Sabático*, a partir da 3ª edição do suplemento.

Figura 69: Capa do *Sabático* de 22 de maio de 2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

b. Página S2:

Como de costume, a página S2 traz as seções “Prosa de Sábado”; “Babel” e “Mais vendidos”. A seção “Prosa de Sábado” é introduzida pelo seguinte título, apresentado em caixa alta: “Páginas em branco e preto”. Abaixo do título, temos o nome, endereço de e-mail e a fotografia em preto e branco do rosto e parte do tronco do autor da coluna, Sergio Augusto.

Figura 70: Informações sobre o autor do texto exibido na seção "Prosa de Sábado" de 22/05/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

A seção “Prosa de Sábado” ocupa a metade superior da página e é apresentada em quatro colunas. O texto trata do romance *O Rei da chuva*, de Saul Bellow, o qual afirma-se ter sido “agora traduzido pela Companhia das Letras”. Logo no primeiro parágrafo são apresentados fatos que compõem o enredo do romance. Como o romance apresenta um personagem que viaja para a África, o texto em questão trata de indicar várias referências da literatura, canônica ou não, que também estão ambientadas no continente africano. “O romance de Bellow foi publicado em 1959, quando a África ainda era um território literário estrangeiro, uma insondável selva colonizada pelo imaginário de brancos europeus e americanos, pelo Tarzan de Rice Burroughs, o Allain Quatermain de *As Minas do Rei Salomão*, o Marlow e o Kurtz de *No Coração nas Trevas*, os voltairianos personagens de Waugh, o Francis Macomber de Hemingway, o Mister Johnson de Joyce Cary”, afirma-se. Obras de autores africanos também são citadas, bem como curiosidades da biografia de Bellow. Por fim, indica-se que “uma nova África se impôs no mundo literário desde que o rei da chuva de lá voltou”, em alusão ao fato de que a obra de Bellow despertou o interesse em outros autores africanos.

Ilustrando a seção, vemos uma montagem entre a terceira e a quarta coluna. O texto das colunas se alinha aos contornos da imagem, não sendo, logo, alinhado de maneira regular, justificada. A montagem mostra um homem com roupas de explorador da savana africana, chapéu, botas e espingarda estão presentes. Em cima dele temos uma nuvem, de onde sai uma cachoeira de água que o atinge. Temos aí uma alusão ao título do romance tratado na coluna, *O Rei da chuva*. A montagem é de autoria de Carlinhos Müller, da Agência Estado.

Figura 71: Imagem que ilustra a seção "Prosa de Sábado" de 22 de maio de 2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Logo abaixo de “Prosa de Sábado” temos, à esquerda, a seção “Babel”, com notícias sobre o mercado editorial. A primeira notícia é apresentada horizontalmente, em três colunas. Antes de seu título, vemos a em destaque o termo que define o assunto ali tratado: “Literatura Russa”. Em seguida, em caixa alta, vem o título: “Obra de Pushkin inédita no Brasil terá duas versões”. A notícia dá conta do fato de que a obra *Eugênio Onegin*, de Alexandr Pushkin, terá uma tradução publicada em breve no Brasil, pela editora Record. Afirma-se que Dário Moreira de Castro Alves levou mais de uma década para terminar a tradução do original, que tem 5.523 linhas de versos. Também está exposta uma curiosidade, a de que o tradutor Alípio Correia Neto e a professora Elena Vássina também se dedicam, há seis anos, à tarefa de traduzir a mesma obra, mas ainda estão sem editora e irão demorar mais um ano para terminar a tradução. Expostos ao lado de tal notícia, vemos dois exemplos da tradução de um mesmo trecho da obra: o que será publicado pela Record e o outro, ainda sem editora. Há ainda, uma imagem de Pushkin ilustrando a notícia, localizada na primeira coluna, à esquerda do texto.

Figura 72: Primeira notícia publicada na seção "Babel" de 22 de maio de 2010. À direita: duas traduções diferentes de um mesmo texto de Pushkin

LITERATURA RUSSA

Obra de Pushkin inédita no Brasil terá duas versões



A obra-prima russa *Eugênio Oneguim*, de Alexandr Pushkin, nunca tinha sido vertida ao português. A primeira tradução sai em breve pela Record e tomou mais de uma década do embaixador Dário Moreira de Castro

Alves, tão trabalhosa era a empreitada – tem 5,523 linhas o romance em versos escrito de 1823 a 1831. A curiosidade é que Alves não foi o único a se debruçar sobre a obra tanto tempo depois. Há seis anos, o tradutor Alípio Correia Neto e a professora Elena Vássina dedicam-se à tarefa sob consultoria de Boris Schnaiderman. Ainda sem editora, a dupla levará mais de um ano até terminar. “Não é problema. Em tradução, quanto mais pontos de vista melhor”, diz Neto. Veja a primeira estrofe do capítulo 1 nas duas versões.



“Meu tio, honesto e mui honrado,
Já quando a sério adoeceu,
Soube exigir ser respeitado,
De melhor nada concebeu.
Para os demais é uma lição;
Porém, meu Deus, quanta aflição
Do dia à noite alguém tratá-lo,
Sem espaiar e sem largá-lo!
Já vede, pois, perfidamente –
Um meio-vivo a distrair,
Pôr-lhe almofadas a sorrir.
Dar-lhe remédios, tristemente,
Mas lá por dentro a imaginar,
Quando Satã te vai levar?”

TRADUÇÃO DE DÁRIO MOREIRA DE CASTRO ALVES, QUE SAIRÁ PELA RECORD



Meu tio, de altíssimos preceitos,
Quando ficou doente à beça,
Logrou dos outros o respeito
Sem invenção melhor do que essa.
O exemplo sirva de lição!
Mas, ai, meu Deus! Que chateação,
Passar com o moribundo as horas
Sem nunca pôr o pé pra fora!
Que insídia, ter que estar ao pé de um
Doente, entretê-lo o tempo inteiro,
Lhe endireitar o travesseiro,
Com aflição, lhe dar remédio
E com um suspiro, se indagar,
“Quando o diabo vai-te levar?”

TRADUÇÃO DE ALÍPIO CORREIA NETO E ELENA VÁSSINA, AINDA SEM EDITORA

Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

As demais informações são dadas em notas curtas, de um parágrafo, apresentadas uma após a outra, verticalmente, somando três colunas que estão dispostas abaixo das três que trazem a notícia principal. A palavra “Tradução” é utilizada para destacar a primeira nota curta. Sob o título de “Estrangeiros na Amazon”, noticia-se que a Amazon anunciou a criação da marca AmazonCrossing, com a qual irá publicar títulos estrangeiros traduzidos para o inglês. O primeiro deles será *The King of Kahel*, do francês Tierno Monénembo. Na nota consta, ainda, que tal mercado é pequeno, já que, segundo uma pesquisa realizada em 2007, somente 3% dos livros são traduzidos para o inglês. A próxima notícia é encabeçada pela palavra “Inscrições” e pelo título: “Conveniados em Frankfurt”. Afirma-se que cresceu, em relação a anos anteriores, o número de expositores brasileiros conveniados do Brazilian Publishers inscritos para participar na Feira de Frankfurt. Nesse ano, dos 22 inscritos 20 são conveniados da instituição, cujo intuito é capacitar editores a vender direitos no exterior.

Na sequência, vemos em destaque a expressão “Best-seller” introduzindo o título: “Minha outra editora”. Aqui, noticia-se que no site do autor best-seller Ken Follet a editora Rocco, que já editou dez de seus livros, aparece como sendo sua editora no Brasil. No entanto, afirma-se que o autor terá que adicionar outra à lista, já que a editora Sextante adquiriu os direitos de publicação de sua nova trilogia no país. A notícia seguinte é ressaltada pela palavra “Suspense”. Seu título é “História policial nos Jardins”. Aqui,

informa-se que o ator e dramaturgo Marcos Cesana, morto na semana de publicação da edição do *Sabático* em questão, estava negociando com a editora Rocco a publicação de seu livro *O Monstro da Rua Oscar Freire*. Afirma-se que o autor estava trabalhando nesse texto desde 2006 e que Jô Soares é um dos poucos que já o leram. A última notícia da seção “Babel” de 20 de maio de 2010 vem destacada pela palavra “Biblioteca”. O título da nota em questão é “Dois séculos depois”. Trata-se de uma curiosidade: noticia-se que, naquela semana, a Biblioteca de Nova York recebeu um livro que George Washington pegou emprestado em 1789. Afirma-se que o livro em questão é *The Law of Nations*, de Emer de Vattel, e foi devolvido pelos herdeiros do ex-presidente após a biblioteca notar a ausência. Por fim, é dito que a multa não foi cobrada, mas que seria de US\$ 300 mil. Assinam essa seção “Babel” os jornalistas Raquel Cozer e Ubiratan Brasil.

À direita da seção “Babel” vemos, como de costume, a seção “Mais vendidos”. Aqui se apresenta a lista de dez livros de ficção e não ficção mais vendidos na semana de 10 a 16 de maio, de acordo com livrarias selecionadas. Nessa edição a página S2 também traz, além das seções de costume, um anúncio publicitário em seu rodapé. Trata-se de um anúncio que indica que a coleção *O Mochileiro das Galáxias*, de Douglas Adams, está à venda no site Submarino pelo preço de R\$69,90.

Figura 73: Anúncio da venda de livros no site Submarino, apresentado no rodapé da página S2 de 22 de maio de 2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Entre o anúncio e a seção “Babel” vemos, em letras miúdas, o Expediente da publicação. Ali são mostrados os nomes dos responsáveis pelas diversas tarefas executadas para a realização daquela edição do *Sabático* (editores, repórteres, designers etc).

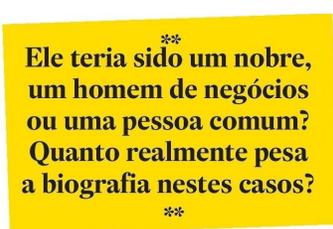
c. Página S3:

A página S3 traz a seção “Capa”, com uma entrevista com o professor e pesquisador James Shapiro, que lançou recentemente nos EUA um livro que trata da contestação da autoria de determinadas obras de Shakespeare. Logo abaixo do nome da seção, vemos a linha fina: “Para James Shapiro, quando se questiona a autoria das obras de William Shakespeare, o que está em jogo é o modo como o passado vem à tona e a forma adotada para escrever sobre ele”. O título é apresentado em caixa alta e entre aspas, indicando se tratar de uma frase do entrevistado: “CONSPIRAÇÕES EXÓTICAS SÃO UM DESSERVIÇO HISTÓRICO”. Na sequência, temos o nome e a localização da jornalista responsável pela entrevista, Lúcia Guimarães, de New York. A entrevista é precedida por um texto introdutório, iniciado em letra capitular. Nesse, se contextualiza a teoria conspiratória segundo a qual William Shakespeare não seria o autor da obra de William Shakespeare, mencionando-se os nomes de alguns intelectuais que são adeptos de tal ideia. Em seguida, anuncia-se o lançamento da obra de Shapiro que veio para argumentar contra a convicção daqueles que contestam a autoria de Shakespeare: “*Contested Will: Who Wrote Shakespeare?*, lançado recentemente nos EUA, cujo título faz trocadilho com a palavra inglesa para testamento (will) e o apelido de William.”

Em seguida, é apresentado o autor da obra em questão, afirmando-se que o mesmo “não precisa de apresentação”, mas, ao mesmo tempo, dizendo que “James Shapiro é um dos mais respeitados acadêmicos shakespearianos nos dois lados do Atlântico e autor, entre vários livros, do premiado *A Year In The Life of Shakespeare: 1599* (Harper Collins).” Após o texto introdutório temos a entrevista, composta por nove perguntas e respostas e disposta em quatro colunas. Nela, Shapiro afirma que há duas narrativas acerca da biografia de Shakespeare correndo em direções opostas, e esse é o fato que motiva as contestações de autoria. “Numa [direção], o autor da obra tem que ter sido um indivíduo extraordinário. Na outra, o que sabemos sobre ele sugere um homem comum. E, em vez de aceitar o fato de que as pessoas escrevem por dinheiro e podem equilibrar dois aspectos da própria vida, decidiram: há duas pessoas diferentes. E, se há duas pessoas, o grande autor tinha que ser alguém da nobreza. E não ter a origem de classe média comum aos dramaturgos elisabetanos.” Shapiro também fornece argumentos que mostram como os principais suspeitos de serem autores das obras de Shakespeare não os são. Por fim, o autor destaca que “impor noções modernas de gênio, ou dizer que só um nobre poderia ter escrito

aquilo, todas essas conspirações exóticas são um tremendo desserviço histórico”, o que nos remete ao título da entrevista. Após o término do texto em questão, temos a indicação de um endereço da internet, estadão.com.br/s3. Nesse, é possível acessar um vídeo em que Shapiro fala sobre um filme que defende a conspiração da autoria, e uma reportagem que expõe o “Clube da Julieta”, instituição que responde a cartas enviadas do mundo todo à célebre personagem. Entre a primeira e a segunda coluna do texto, temos um Olho amarelo que destaca as seguintes questões: “Ele teria sido um nobre, um homem de negócios ou uma pessoa comum? Quanto realmente pesa a biografia nestes casos?”

Figura 74: Olho presente na página S3 de 22/05/2010



**Ele teria sido um nobre,
um homem de negócios
ou uma pessoa comum?
Quanto realmente pesa
a biografia nestes casos?

Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

No canto direito da página temos, ao lado da última coluna de texto, uma fotografia em estilo 3 X 4 de James Shapiro, e, abaixo dela, os dizeres: “**Shapiro**. ‘Há, hoje em dia, 50 candidatos a assinar o que o bardo produziu’” (grifo presente na publicação original). Pouco mais abaixo, ainda à direita da última coluna de texto, temos, em fonte menor, uma breve notícia, destacada pelo título “Clássico”. Nessa, afirma-se que o livro *Teatro da Inveja*, de René Girard, considerado um clássico obrigatório para os estudiosos de Shakespeare, acaba de ser lançado no Brasil. É fornecida uma breve síntese dos conteúdos do livro, bem como seus dados técnicos (editora, número de páginas, preço e tradutor).

Figura 75: Diagramação da página S3 de 22 de maio de 2010



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Ilustrando a página S3 temos uma grande caricatura de Shakespeare, segurando um crânio em sua mão, em alusão ao personagem central da tragédia shakespeariana *Hamlet*.

Figura 76: Montagem teatral da peça *Hamlet*, com Wagner Moura no papel principal



Fonte: Endereço: <<http://rumonovo1.blogspot.com/2008/10/hamlet.html>>. Acesso em: 29/06/2011.

Figura 77: Cena de adaptação cinematográfica da peça *Hamlet*



Fonte: Endereço: <<http://bit.ly/leoYuo>>. Acesso em: 20/06/2011.

As colunas de texto se alinham em torno da caricatura, acompanhando seu formato. A imagem é de autoria de Loredano.

Figura 78: Caricatura de Shakespeare como Hamlet, que ilustra a página S3 de 22/05/2010



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

d. Páginas S4 e S5:

As páginas S4 e S5 trazem quatro análises feitas por diferentes intelectuais, todas envolvendo o mesmo autor, o chileno Roberto Bolaño. Trata-se da seção “Literatura latino-americana”. Em S4 temos, ocupando mais da metade da página, um texto assinado por Grínor Rojo. Em destaque no topo da página vemos a seguinte linha fina: “Em **2666**, o escritor chileno Roberto Bolaño, morto em 2003, aborda a globalização da arte literária, as redes internacionais do narcotráfico e a 2ª Guerra para refletir sobre o que foi o século 20 – e o que seria o 21”. Após a linha fina vemos uma enorme fotografia colorida do rosto de um homem que, supõe-se, seja Bolaños. Em marca d’água ao fundo da foto observa-se a letra B em fonte clássica. A imagem é creditada a José Caruci/AFP - 26/7/1999.

Figura 79: Fotografia do escritor chileno Roberto Bolaño, que ilustra a página S4 de 22/05/2010



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Abaixo da fotografia, o título do texto em caixa alta: “CINCO ROMANCES REUNIDOS EM UMA SÓ NARRATIVA”. Em seguida, vemos o nome do autor da análise, seguido pelo texto, que se inicia em letra capitular. O texto é apresentado em quatro colunas pequenas, já que a maior parte do espaço é ocupado pela fotografia. Aqui estão expostas características do romance *2666*, último escrito por Bolaños, e também fatos da biografia do autor. Após o texto, vemos a informação de que o mesmo foi traduzido por Celso M. Paciornik. Depois, temos exposto um breve currículo do autor da análise, Grínor Rojo, que é diretor do programa de Graduação em Estudos Latino-Americanos da Universidade de Santiago. Por fim, vemos a indicação de um endereço de internet em que é possível ler um trecho do livro de Bolaños. Há, ainda, na lateral direita da página, ao lado da última coluna de texto, um pequeno trecho em destaque, no qual lê-se: “**Perfil.** ‘Tudo o que escrevi é uma carta de amor ou de despedida de minha própria geração’, declarou Bolaño ao ganhar o Prêmio Rômulo Gallegos, em 1999” (grifo presente originalmente na publicação).

Continuando na seção “Literatura latino-americana”, temos, ainda em S4, outra análise da literatura de Bolaño, localizada na parte inferior, ocupando ¼ da página. O título é, mais uma vez, apresentado em caixa alta: “GÊNIO NUMA FAMÍLIA DE ILETRADOS”. Logo na sequência, vemos a linha fina: “Em coletânea de entrevistas, lançada nos EUA, ficcionista relembra sua vida e não poupa críticas a colegas ilustres”. Em seguida, temos o nome do autor do texto, Antonio Gonçalves Filho. Como sempre, o texto

se inicial em letra capitular, e está dividido em quatro colunas. Trata-se, mais uma vez, de um relato focado em questões da biografia do autor, destacando-se o fato de que o mesmo “descendia, por parte de pai, de uma família de 500 anos de rigorosos iletrados e, por parte de mãe, de parentes entregues à preguiça há pelo menos três séculos.” Os enredos de algumas obras do autor chileno também são brevemente mencionados no texto, sempre sendo relacionados a acontecimentos da vida ou à personalidade do mesmo. Na lateral direita da página, ao lado da última coluna de texto, temos uma pequena nota intitulada “No Brasil”, dando conta do fato de que 2666 é o sétimo livro de Bolaño a ser editado no país. Ali também se indicam os livros do autor que já foram publicados anteriormente no Brasil, bem como os que ainda o serão, no futuro.

Figura 80: Diagramação da página S4 de 22 de maio de 2010



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

A seção “Literatura latino-americana” apresenta mais dois textos sobre a literatura de Bolaño, agora na página S5. O primeiro deles ocupa a maior parte da página e é assinado por Marcos Natali. Antes, porém, vemos no cabeçalho da página indicações técnicas sobre o livro 2666, de Roberto Bolaño.

Figura 81: Informações técnicas sobre o livro 2666, dispostas no cabeçalho da página S5 de 22/05/2010



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Ilustrando o primeiro texto da página S5, temos uma grande fotografia alinhada à direita da página. O título e a linha fina aparecem alinhados à esquerda da imagem e da página, e são, respectivamente: “AMOR E CETICISMO PERANTE A ESCRITA” (título mais uma vez em caixa alta); “Livro é significativo ao recriar alguns dos principais temas da obra do autor”. A figura em questão mostra a silhueta de um homem e de uma cruz em primeiro plano. Ao fundo, vemos a silhueta de outros objetos que compõem um cenário urbano. A fotografia é creditada a Daniel Aguilar/Reuters.

Figura 82: Fotografia que ilustra o primeiro texto da página S5 de 22/05/2010



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Na lateral direita da página, ao lado da última coluna de texto e abaixo da imagem, vemos um texto que explica a mesma: “**Guerra sem fim.** Cruz fincada para lembrar os assassinatos de mulheres em Ciudad Juárez, México: violência no centro da trama” (grifo presente na publicação).

O texto, apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular, traça paralelos entre a obra de Bolaño e a literatura de maneira mais ampla, indicando como determinados aspectos dos romances são metáforas da condição da literatura, ou “uma representação da literatura ao mesmo tempo ferozmente cética e profundamente amorosa”. Um dos paralelos apontados entre a obra de Bolaño e a literatura está destacado no Olho amarelo presente entre a segunda e a terceira coluna do texto, em que lê-se: “A impotência das personagens diante do horror dialoga com a impotência da própria ficção”. Ao final do texto, vemos a indicação que seu autor, Marcos Natali, é professor da Teoria Literária na Universidade de São Paulo.

O último texto da página S5 também faz parte da seção “Literatura latino-americana” e trata do mesmo autor, o chileno Roberto Bolaño. Tal artigo está localizado na parte inferior da página, ocupando ¼ da mesma. Ele é apresentado pelo seguinte título em caixa alta: “SOMBRA POR VEZES DESESPERADORA”. Abaixo do título vem a linha fina: “Ele definiu novos parâmetros acerca da posição e da função do homem de letras no mundo contemporâneo”. Depois, vemos o nome do autor, Antônio Xerxenesky. O texto trata de situar a influência de Bolaño na literatura mundial. O próprio Xerxenesky assume que a “sombra” de Bolaño o acompanha: “Entrando em território mais pessoal, confesso que situei meu romance *Areia nos Dentes* no D.F. mexicano por causa de *Os Detetives Selvagens*. A figura do narrador também foi levemente moldada com base no personagem Amadeo Salvatierra. Por fim, o livro de contos que lanço em 2011 traz muitas referências formais ao ainda inédito no país *Llamadas Telefônicas*.” Após o texto, vemos a informação de que Antônio Xerxenesky, seu autor, é um ficcionista de destaque da nova literatura gaúcha. Menciona-se, também, o título de um romance de sua autoria, o qual foi finalista em uma premiação literária.

Figura 83: Diagramação da página S5 de 22 de maio de 2010

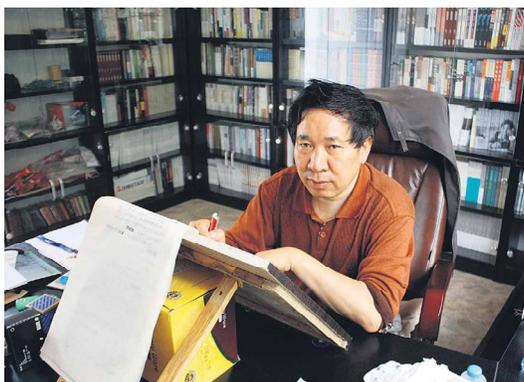


Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

e. Página S6:

A página S6 traz as seções “Ofício” e “Do Suplemento Literário”. Na parte superior da página, ocupando $\frac{3}{4}$ da mesma, temos a seção “Ofício”, encabeçada pela seguinte linha fina: “Autor de *A Serviço do Povo*, Yan Lianke, que escreve à mão, fala sobre novo romance, critica a ideologia oficial e afirma que as proibições autoimpostas são inimigas ainda maiores que o controle do governo de Pequim”. Sob o título de “PARÓDIA, CENSURA E CRIAÇÃO NA CHINA”, o texto, assinado pela correspondente de Pequim Cláudia Trevisan, trata da vida e obra do escritor chinês Yan Lianke. Destaca-se que o autor atualmente está, pela primeira vez, escrevendo um livro sem se preocupar com a autocensura, procedimento exposto como comum aos autores chineses, devido a limites impostos pelo Partido Comunista à produção intelectual. “A autolimitação que impomos a nós mesmos é mais terrível que a própria censura.”, afirma Lianke. Após ter aceitado várias exigências para ver seus livros publicados; ter tido obras banidas e ter ganhado prêmios literários, o autor se dá ao luxo de escrever sem se preocupar com a recepção ou publicação de seu texto: “É claro que eu espero que meu novo livro seja publicado. Mas quando eu o escrevo de maneira realmente livre, eu sei que ele já ultrapassou os limites impostos pelas regras oficiais.” A matéria é apresentada em quatro colunas, e conta com uma fotografia colorida de Yan Lianke em seu escritório, no que aparenta ser um momento de trabalho, para ilustrá-la. A imagem está alinhada à direita e é creditada a Cláudia Trevisan/AE.

Figura 84: Fotografia de Yan Lianke, que ilustra a seção "Ofício" de 22/05/2010



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Na lateral direita da página, ao lado da fotografia, vemos um texto explicativo sobre a mesma, no qual lê-se: “**O risco da palavra.** Lianke em seu estúdio, no sudoeste da capital: luta contra o medo de ver seu trabalho banido novamente” (grifo presente na publicação). Há, ainda, um Olho amarelo entre a segunda e a terceira coluna do texto, que destaca: “As obras de Rulfo, Márquez e Kafka me ajudaram a encontrar uma nova maneira de me exprimir” (aspas presentes na publicação, indicando se tratar de uma fala do autor em questão).

Ainda em S6, temos, na parte inferior, a seção “Do Suplemento Literário”, que ocupa ¼ da página. A primeira informação que vemos em destaque na seção é a data original de publicação do texto presente nessa, 28.9.1968. Em seguida, vemos o título do artigo, em caixa alta: “CINCO SÉCULOS DA MORTE DE GUTENBERG”. Depois, temos a linha fina: “Seção *Revista das Revistas* destacou homenagem da *Book Collector* ao inventor alemão, numa época que já debatia o futuro da imprensa”. O artigo dá conta do fato de que a revista *Book Collector* trouxe uma homenagem a Johann Gutenberg, devido ao quinto centenário de sua morte. Nota-se essa publicação não possui qualquer semelhança temática com a outra que está presente na mesma página. No entanto, o texto, assinado por Lívio Xavier, também é apresentado em quatro colunas. Uma delas, porém, é preenchida inteiramente pela imagem da página do *Suplemento Literário* em que o artigo em questão originalmente figurou impresso, bem como por um texto explicativo que afirma, em caixa alta: “O SUPLEMENTO LITERÁRIO CIRCULOU NO ESTADO ENTRE 1956 E 1974. FOI MANTIDA AQUI A ORTOGRAFIA ORIGINAL DO ARTIGO”.

Figura 85: Página do *Suplemento Literário* que ilustra a seção "Do Suplemento Literário" de 22/05/2010



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Como de costume, após o texto vemos a indicação do endereço de internet em que é possível ler o mesmo na íntegra (o *Sabático* publica somente trechos de matérias do *SL*). Na lateral direita da página, ao lado da seção “Do Suplemento Literário”, vemos um informativo sobre a seção “Revista das Revistas” do *Suplemento Literário*, e sobre o autor do texto ali publicado, Lívio Xavier. Sob o título de “Metalinguagem”, o texto em questão explica que “No projeto original do *SL*, elaborado por Antonio Candido, a seção *Revista das Revistas* integrava a parte fixa do caderno – e já tinha como redator responsável o jornalista, crítico e escritor cearense Livio Xavier (1900-88), o Mestre, conforme era chamado pelos colegas. Como o nome sugere, seu propósito era dar notícia do conteúdo de edições de revistas de vulto – publicadas no Brasil ou no exterior.”

Figura 86: Diagramação da página S6 de 22 de maio de 2010



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

f. Página S7:

A página S7 traz as seções “Resenhas” e “Estante”. A metade superior da página é ocupada pela primeira resenha da seção “Resenhas”. Como sempre, no cabeçalho, acima da resenha em questão, vemos as informações técnicas sobre o livro ali resenhado (imagem da capa; autor; tradutor; editora; número de páginas e preço)

Figura 87: Informações técnicas sobre o livro resenhado



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Em seguida, vemos o título da resenha, em caixa alta: “O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO ROMENA”. Abaixo, a linha fina: “*Depressões*, de Herta Müller, vencedora do Nobel de 2009, traz relatos sobre uma comunidade de seu país”. O nome do autor do texto, Márcio Seligman-Silva, aparece na sequência. A resenha se inicia em letra capitular e é apresentada em quatro colunas. Nela, apresentam-se características do livro, desde sua organização em contos – ou “fragmentos” – até seu estilo e a temática de seu enredo. Fica a impressão de que se trata de uma leitura densa, angustiante, repleta de

momentos de violência e sujeira. Após o texto, são indicados dados curriculares de seu autor, Márcio Seligman-Silva, professor de Teoria Literária na Unicamp e escritor. Ilustrando a resenha, há uma fotografia da autora do livro resenhado, Herta Müller. Ela aparece segurando em suas mãos algo que aparenta ser um prêmio literário. A imagem é creditada a Jonas Ekstromer/Reuters.

Figura 88: A autora Herta Müller, fotografia que ilustra a seção "Resenhas" de 22/05/2010

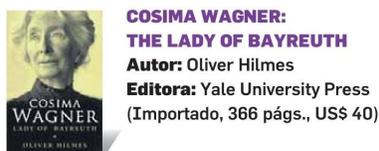


Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Ao lado da foto, na lateral direita da página, vemos verbalizada a explicação da imagem: “**Livro aberto.** A ficcionista, durante a cerimônia de premiação na Suécia: ritos de passagem com base na própria experiência” (grifo presente na publicação).

A metade inferior da página S7 é dividida verticalmente em dois lados iguais. O lado esquerdo é destinado à segunda e última resenha da seção “Resenhas” desta edição. Acima do texto, vemos as informações técnicas sobre o livro resenhado, conforme o modelo adotado em todas as edições do *Sabático*.

Figura 89: Informações técnicas sobre o livro resenhado



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

O título da resenha é, mais uma vez, apresentado em caixa alta: “RETRATO HUMANO DE UM MONSTRO”. A linha fina aparece na sequência: “Oliver Hilmes desenterra a tenebrosa e fascinante história da viúva de Wagner”. O nome e a origem da autora do texto são exibidos logo abaixo, Miranda Seymour, *The Guardian*. A resenha é apresentada em duas colunas e se inicia em letra capitular. Trata-se de uma avaliação positiva da obra em questão, que, afirma-se, narra de maneira interessante a vida de uma mulher de caráter duvidoso, abertamente aliada ao nazismo: “Cosima foi um monstro. Contudo – graças a Hilmes –, sua vida narrada de um modo fascinante também é o retrato de uma mulher de charme irresistível. As descrições que ele faz da sua risada (que podia “fazer a terra balançar”), e a sua predileção por champanhe, charutos e uma garrafa de cerveja todas as noites ajuda a humanizar a imagem familiar da aterradora viúva de Wagner.” Ao final, temos a indicação de que o texto foi traduzido por Terezinha Martino, assim como informações curriculares sobre a autora do mesmo, Miranda Seymour.

Já o lado direito da metade inferior da página S7 é ocupado pela seção “Estante” e por um anúncio publicitário. A seção “Estante” apresenta referências de quatro livros, mostrando a imagem de suas capas; seus títulos; o nome de seus autores; de suas editoras; seus números de páginas; preços e breves sinopses. Não há qualquer indicação dos motivos pelos quais tais livros foram selecionados para figurarem na seção. As obras selecionadas dessa vez foram: *Uma Longa e Estranha Viagem*, de Tony Horwitz; *Capitalismo Parasitário e Outros Temas Contemporâneos*, de Zygmunt Bauman; *O Amor Começa no Inverno*, de Simon Van Booy e *Em Casa*, de Marilynne Robinson. Ao anúncio publicitário presente na página é destinado o mesmo espaço ocupado pela seção “Estante”. Trata-se da propaganda do livro *Não Contem com o Fim do Livro*, de autoria de Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, localizada logo abaixo da referida seção. O anúncio traz em destaque a frase “O fim do e-reader?”, seguida pela explicação: “Umberto Eco e Jean-Claude Carrière colocam um ponto final na polêmica sobre o fim do livro.” A propaganda é de responsabilidade da própria editora do livro em questão, a Record.

Figura 90: Anúncio publicitário presente na página S7 de 22/05/2010



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Vale lembrar que tal livro foi amplamente anunciado na 1ª edição do *Sabático*, cuja matéria de capa trazia uma entrevista com Umberto Eco, acerca do lançamento do mesmo.

Figura 91: Diagramação da página S7 de 22 de maio de 2010



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

g. Página S8:

Na página S8 temos a seção “Inédito”, com a publicação de um conto do escritor carioca Sérgio Sant’Anna. O enredo do conto é focado na figura de um garoto órfão de mãe, que conta com um retrato da mesma como recordação. Várias etapas da vida desse são narradas. O conto é apresentado em quatro colunas e ocupa, juntamente com sua ilustração, a página inteira. Antes de tudo, é apresentada a seguinte linha fina introdutória: “No conto a seguir, do carioca Sérgio Sant’Anna, uma fotografia de infância dá a um professor de 53 anos o verdadeiro e insuperável sentido da orfandade”. Na sequência, temos o título em

caixa alta: “UM RETRATO”. Como sempre, o texto é apresentado iniciando-se em letra capitular. Entre a segunda e a terceira coluna de texto, temos um Olho amarelo que destaca um trecho do conto, entre aspas: ““Às vezes me pergunto como seria se Francisca não fosse mãe só minha, mas aí também seria outra mulher””. A imagem que ilustra o conto é uma montagem, que traz elementos como retrato, menino, homem e um par de óculos com a imagem de uma mulher ao fundo, remetendo, assim, a elementos da narrativa. A ilustração é de autoria de Carlinhos Müller/AE.

Figura 92: Montagem que ilustra a página S8 de 22/05/2010



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Na lateral direita da página, temos uma fotografia do rosto do autor do conto ali publicado e, abaixo dessa, algumas informações (nome; idade; origem e principais obras) sobre o mesmo.

Figura 93: Fotografia do escritor Sérgio Sant’Anna, que ilustra a seção "Inédito" de 22/05/2010



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

Figura 94: Diagramação da página S8 de 22 de maio de 2010



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (22/05/2010).

3.1.4. Edição 13: 05 de junho de 2010

a. Capa:

A capa da 13ª edição do *Sabático*, de 05 de junho de 2010, traz uma fotografia em preto e branco do perfil do consagrado intelectual e escritor brasileiro Gilberto Freyre. Ele leva um cachimbo à boca e olha para a direita da página, onde estão os textos informativos e manchetes da mesma. Acima da imagem, em letras miúdas, à direita, vemos os créditos dessa: Benício W. Dias/Fundação Gilberto Freyre.

Figura 95: Fotografia de Gilberto Freyre que ilustra a capa do *Sabático* de 05/06/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

Em marca d'água ao fundo da imagem vemos parte de uma letra em fonte clássica, possivelmente trata-se da letra F. No canto inferior esquerdo da imagem temos um texto explicativo que a contextualiza: “**O pensador**. Freyre em Apipucos, no ano de 1945” (grifo presente na publicação).

Em destaque no topo direito da página vemos, abaixo do logo do *Sabático* (aqui apresentado em seu tamanho e cor normais), a seguinte manchete em caixa alta: “GILBERTO FREYRE, LUZ E SOMBRA”. Abaixo de tal, lemos um texto explicativo e a indicação da página em que é possível conferir a matéria em questão: “Um livro inédito, vários relançamentos e obras que questionam suas ideias: tema da próxima Flip, o autor de *Casa-Grande & Senzala* volta ao centro da cena intelectual brasileira. Pág. S3”. Na capa também se destacam as seções “Ensaio” e “Ficção”. A primeira é ressaltada pelo título: “Sobre a questão judaica”. Logo abaixo, vemos um texto que explica o título e a página em que se encontra a leitura em questão: “Estudo de Elisabeth Roudinesco explora múltiplas abordagens Pág. S5”. Já a seção “Ficção” é destacada com o título “Testamento literário”. Abaixo dele vemos o texto: “Leia trecho do romance final de Wilson Bueno, que sai em 2011 Pág. S5”.

O rodapé da capa traz um anúncio publicitário de um modelo de carro. À publicidade é destinado um espaço um pouco maior que ao logotipo do Suplemento.

Figura 96: Anúncio publicitário presente na capa do *Sabático* de 05/06/2010

Um carro para quem olha o design. E sabe que a Volkswagen olha para o resto.

A partir de R\$ 59.990,00 SEM JUROS 24 meses de financiamento

www.vw.com.br. Promoção válida até 6/6/2010 ou enquanto durarem os estoques nas Concessionárias Volkswagen para veículos 0km com preço base São Paulo, pintura sólida e custo de frete incluso. New Beetle 2.0, transmissão mecânica, ano/modelo 2009/2010 (cd4, 1C15J4); preço à vista a partir de R\$ 69.990,00 ou financiamento com entrada de R\$ 17.997,00 (26%) + 24 meses de R\$ 1.812,43. Taxa equivalente de 0% a.m. e 0% a.s. Total de operação: R\$ 81.495,32. CET mínimo para esta operação: 3,45% a.s. Estoque de 10 unidades. ICF, cadastro e despesas de gravame indicadas na operação e no CET. Despesas de registro eletrônico da operação não incluídas no cálculo da prestação e do CET. Condições sujeitas a alterações sem aviso prévio. Consulte uma Concessionária Volkswagen Autorizada para outros planos de financiamento e demais informações. Fotos meramente ilustrativas. Alguns itens mostrados ou mencionados são opcionais ou referem-se a versões específicas. Para mais informações, ligue 0800 019 8776. Central de Atendimento: 0800 770 1836. Acesso às pessoas com deficiência auditiva ou de fala: 0800 770 1836.

REDE AUTORIZADA

RAMA

Das Auto.

Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

Figura 97: Capa do *Sabático* de 05/06/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

b. Página S2:

Como de costume, a página S2 traz as seções “Prosa de Sábado”; “Babel” e “Mais Vendidos”. A seção “Prosa de Sábado” ocupa a metade superior da página e é encabeçada pelo título em caixa alta: “DECRÉPITOS, MOFINOS E INVISÍVEIS”. Na sequência, vemos informações sobre o autor do texto ali publicado (nome, endereço de e-mail e fotografia).

Figura 98: Informações sobre o autor da coluna "Prosa de Sábado" de 05/06/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

O texto se inicia em letra capitular, mas a fonte é comum (não clássica como ocorre com as capitulares de outras seções) e é apresentado em quatro colunas. Seu autor, Sergio

Augusto, trata de apontar os paralelos e as dissidências existentes entre os livros *A Humilhação*, último de Philip Roth, e *Invisível*, o mais recente de Paul Auster. Conforme explica-se ali, os livros “compartilham personagens afins (um ator cuja chama se apagou, um poeta cuja chama não se acende), profundamente afetados pelos caprichos do coração (com direito a triângulo amoroso), os transvios do desejo (incesto no romance de Auster, pedofilia na novela de Roth) e os infortúnios da velhice.” O que difere a visão sobre os livros, segundo consta no texto, é o fato de que a obra de Roth é considerada um trabalho inferior do autor, enquanto a de Auster é vista como seu apogeu literário. Observa-se que o uso de referências culturais e literárias é uma característica marcante do texto publicado na seção “Prosa de Sábado” em questão. Várias são as indicações de nomes de personagens, autores, filmes e afins feitas sem a necessidade de explicação ou contextualização do leitor. Um exemplo ocorre no seguinte trecho, que trata de Pegeen, uma personagem do livro de Roth: “O atributo mais notável de Pegeen é o nome, inspirado na principal figura feminina da peça *O Prodígio do Mundo Ocidental*, de J.M. Synge. Axler faz dela um arremedo transexual de Galateia (ou Elisa Doolittle, para ficarmos na dramaturgia irlandesa) e Judy Barton, a verdadeira face de Kim Novak em *Um Corpo Que Cai*.” Outro exemplo de citação de referências culturais e do uso de expressões não popularmente conhecidas ou vistas em situações cotidianas ocorre no trecho: “A despeito das alusões a Synge, Shaw e Hitchcock, o supremo referencial da novela é a própria obra de Roth, farta em decrépitos e mofinos, a sua turma do fraldão, cheia de suicidas em potencial e manqués (Mickey Sabbath, Zuckerman), acrescida agora de um bem-sucedido avatar de Tréplev, o tchecoviano autor teatral de *A Gaivota* que se matou com um tiro antes de a cortina descer pela última vez. Se também terminasse com um suicídio, *Invisível* seria um Bildungsroman, um romance de formação, na linha de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe.”

Para ilustrar a seção, há uma montagem de autoria de Carlinhos Müller/AE. A imagem faz referência a uma informação presente no texto, a de que um autor de teatro tchecoviano se suicidou com um tiro.

Figura 99: Imagem que ilustra a seção "Prosa de Sábado" de 05/06/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

A imagem está entre a terceira e a quarta coluna do texto. Tais colunas são formatadas de modo que o texto acompanha os contornos da imagem.

Continuando na página S2, temos as seções “Babel” e “Mais vendidos”. A seção “Babel” está localizada à esquerda da metade inferior da página e é composta por notícias sobre o mundo editorial. Ao lado do nome da seção vemos o nome e o endereço de e-mail da jornalista responsável pela mesma, Raquel Cozer. A primeira notícia é apresentada em três colunas. Antes do título dessa, vemos a palavra “DIGITAL” em caixa alta. Logo abaixo, o título: “Distribuidora brasileira segue tendência internacional”. O fato ali exposto diz respeito à recente criação de uma plataforma de hospedagem e distribuição de e-books no Brasil. Contando com a participação das editoras Objetiva, Record, Sextante, Intrínseca, Rocco e Planeta, a Distribuidora de Livros Digitais tem o propósito de “permitir a venda de e-books só para lojas com tecnologia adequada, para reduzir a pirataria, e evitar o que ocorreu nos EUA, onde as editoras, despreparadas para o mercado digital, bateram de frente com imposições da Amazon”. Segundo consta na notícia, iniciativas similares a essa foram anunciadas na Espanha, França e Itália em 2010.

As demais notícias da seção são curtas, a maioria delas tem um parágrafo, e estão dispostas logo abaixo da primeira. A palavra “TRADUÇÃO” (em caixa alta) introduz a notícia apresentada na sequência, antes do título “Quase cinco séculos depois”. O fato noticiado é o lançamento, pela primeira vez em 460 anos, de uma versão brasileira do clássico italiano *Le Vite de' Più Eccellenti Architetti, Pittori et Scultori Italiani*, de Giorgio Vasari. O livro de mais de 600 páginas foi traduzido por Ivone C.

Benedetti para a Martins Fontes. Tais informações estão presentes em um parágrafo. Em outro, separado do primeiro por um asterisco, temos a notícia de que a tradutora Ivone C. Benedetti teve seu primeiro romance, *Immaculada*, anunciado como finalista do Prêmio SP de Literatura (na categoria autor estreante). “A obra saiu pela Martins Fontes, que em geral não publica ficção adulta, mas abriu exceção para sua colaboradora.”

Na sequência, vemos a palavra “PREMIAÇÃO” destacando a próxima notícia, que é encabeçada pelo título “Mulheres finalistas”. Ali, noticia-se o fato de que oito dos dez finalistas na categoria livro estreante no Prêmio SP de Literatura são mulheres, enquanto os dez finalistas na categoria livro do ano são homens. “A curiosidade é que a proporção de concorrentes do sexo feminino foi quase a mesma nas duas categorias: livros delas representaram 26% dos 88 títulos inscritos em livro do ano, e 31% dos 129 em autor estreante.” Antes de vermos a próxima notícia, temos publicada uma fotografia colorida de uma livraria.

Figura 100: Imagem que ilustra a seção "Babel" de 05/06/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

Os créditos da imagem são de Andrei Netto/AE. A fotografia mede 5,9 X 7,5 cm. Logo abaixo da mesma, vemos em destaque a palavra “PARIS”, introduzindo o título da notícia: “Revista literária”. Noticia-se que a “tradicional livraria Shakespeare and Company voltará a editar a revista *Paris Magazine*, que teve três edições, de 1967 a 80, sob comando de George Whitman.” Além disso, também se afirma que em duas semanas, no festival bianual da livraria, se anunciará um prêmio de “€ 10 mil para novelas, publicadas ou não.”

A próxima notícia é destacada pela palavra “JUVENIL”, e tem como título: “Acima da expectativa”. A notícia dá conta do fato de que os dois primeiros livros juvenis de Maurício de Sousa já tiveram mais de 100 mil pedidos em pré-venda. “Somadas, as tiragens de *Coisas Que os Garotos Devem Saber* e *Coisas Que as Garotas Devem Saber* seriam de 40 mil cópias, e a *Melhoramentos* agora soltará 120 mil.” A penúltima notícia da seção é introduzida pela definição “BIOGRAFIA 1”. Seu título é “Revelações de Johnny Cash”. Notícia-se o lançamento da tradução de *Cash: The Autobiography*, a autobiografia do músico Johnny Cash, no Brasil. Por fim, a última notícia da seção é destaca pela definição “BIOGRAFIA 2” e encabeçada pelo título “A volta do Kafka de Crumb”. Informa-se que uma nova edição da biografia *Kafka de Crumb* será lançada no Brasil em julho, como uma forma de aproveitar a vinda de Robert Crumb (cartunista responsável pelas ilustrações do livro) para a Flip.

À direita da metade inferior da página vemos a seção “Mais vendidos”, que traz uma lista com os dez livros mais vendidos de ficção e não ficção na semana de 24 a 30 de maio. A fonte de tal lista é a agência Informestado, que consultou algumas livrarias físicas e da internet, conforme consta no rodapé da seção.

Abaixo da seção “Babel” vemos publicado, em letras miúdas, o expediente da redação, com os nomes dos responsáveis por cada tarefa executada na elaboração do *Sabático*. A página S2 apresenta, ainda, um anúncio publicitário em seu rodapé. Trata-se de uma propaganda que anuncia a pré-venda do livro *Mentes Brilhantes, Mentes Treinadas*, de Augusto Cury no site Submarino. O anúncio mede 29,7 X 5 cm.

Figura 101: Anúncio publicitário presente no rodapé da página S2 de 05/06/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

c. Página S3:

A página S3 traz a seção “Capa”, com dois textos que tratam da obra de Gilberto Freyre. O primeiro deles, que ocupa $\frac{3}{4}$ da página, é introduzido pela seguinte linha fina: “Publicação de um inédito, reedições de clássicos e simpósios no Brasil e em Portugal colocam em debate a produção de Gilberto Freyre, apontado como seguidor de teses antissemitas e racistas”. O título vem na sequência, em caixa alta: “FURACÃO DE IDEIAS NA CASA-GRANDE”. Antes do texto, temos ainda exposto o nome do autor do mesmo, Antonio Gonçalves Filho. Como de costume, a primeira letra é capitular e em fonte clássica. As informações estão apresentadas em quatro colunas. O texto expõe a tese de doutorado da historiadora alagoana Silvia Cortez Silva, que transformou-se no livro *Tempos de Casa-Grande*. Nesse, Gilberto Freyre é acusado de racismo e antissemitismo, e definido como o criador do mito da democracia racial. A matéria também destaca o trabalho do editor Edson Manoel de Oliveira Filho, que, “como cristão novo descendente de portugueses, prefere ficar longe da polêmica do antissemitismo de Freyre, concentrando seus esforços nos títulos que tratam das relações entre brasileiros e portugueses. Assim, além de *O Mundo Que o Português Criou*, vai publicar *Aventura e Rotina, Um Brasileiro em Terras Portuguesas, O Luso e o Trópico e Uma Cultura Ameaçada e Outros Ensaio*”. A historiadora e professora Maria Lúcia Pallares-Burke também é mencionada no texto. Autora de livros sobre Freyre e organizadora das mesas de debate sobre o autor na Flip de 2010, ela o defende das acusações de antissemitismo, afirmando que “a linguagem de *Casa-Grande & Senzala* é condicionada por expressões da época que assumem diferente dimensão quando retiradas de seu contexto.” Pallares-Burke também explica que Freyre é conhecido por rever e frequentemente mudar suas opiniões: “É chocante como, ao voltar dos EUA, ele elogia o grande líder da Ku Klux Klan e defende a supremacia branca nos anos 1920, para, em 1933, falar da missão civilizadora do negro no Brasil, o que indica uma revisão de seus preconceitos.” Em suma, o texto contrapõe os pensamentos das historiadoras Silvia Cortez Silva e Maria Lúcia Pallares-Burke. Ilustrando a matéria, há uma fotografia de Gilberto Freyre alinhada à direita da página, na qual o autor aparentemente está estudando ou envolto a suas pesquisas. A imagem mede 16,3 X 13,3 cm e é creditada à Fundação Gilberto Freyre.

Figura 102: Fotografia de Gilberto Freyre que ilustra a seção "Capa" de 05/06/2010



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

Abaixo da fotografia, na lateral direita da página, vemos um texto que remete à mesma: “**Papéis.** Ele tinha interesse pelo passado comum da população de luso-descendentes” (grifo presente na publicação). Abaixo desse texto, vemos um outro, também na lateral direita da página, cujo título é “VISÃO GLOBAL”. Nesse, afirma-se o pernambucano Edson Nery da Fonseca, amigo e estudioso de Freyre, é contrário às acusações de antissemitismo que recaem sobre o escritor. Segundo ele, Freyre “não era antioiseira nenhuma, só buscava ver o mundo de maneira global.” Ilustra a matéria, ainda, um Olho amarelo, localizado entre a segunda e a terceira coluna de texto, no qual lê-se: “É preciso lê-lo com cuidado, considerando os contextos e suas revisões de posturas, alertam especialistas”.

A outra matéria da seção “Capa”, que ocupa ¼ da página S3, é encabeçada pelo título: “ENSAIO POLÊMICO SOBRE OS ESCRAVOS”. Abaixo do título está a seguinte linha fina: “Obra que insiste no ‘caráter benigno’ da escravidão utilizou anúncios de jornais”. Na sequência, é apresentado o nome da autora da publicação, Lilia Moritz Schwarcz. O texto trata da obra *O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros no Século 19*, de Gilberto Freyre, descrevendo a metodologia de trabalho do antropólogo: “Esse era seu método: levantar, descrever, e transformar casos isolados em modelos ilustrativos.” A matéria é concluída com a afirmação de que Freyre destacou em seu livro o caráter benigno da escravidão. A opinião da autora do texto, Lilia Moritz Schwarcz, a respeito desse fato é claramente exposta: “Se no âmbito doméstico a escravidão nos legou a mestiçagem biológica e cultural, já como sistema (...), não há como imaginar modelo mais violento. Aí

estão os anúncios que não permitem cegueira fácil ou esquecimento seletivo.” Após o texto, estão dispostas informações sobre o currículo de sua autora, destacando-se, primeiramente, que a mesma é professora titular do Departamento de Antropologia da USP.

Figura 103: Diagramação da página S3 de 05/06/2010



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

d. Página S4:

A página S4 apresenta as seções “Ofício” e “Do Suplemento Literário”. A seção “Ofício” ocupa $\frac{3}{4}$ da página e está localizada na parte superior. No topo da página, vemos a linha fina que abre a seção: “Carol Bensimon, revelada em 2008 com as narrativas de *Pó de Parede* e autora do romance *Sinuca Embaixo d’Água*, discute associação entre escrita e formação universitária”. Logo abaixo, vemos o título da matéria, em caixa alta: “ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA”. Após o título há uma grande fotografia colorida da autora Carol Bensimon, medindo 26,8 X 11 cm. A imagem permite que observemos o cenário em que a autora se encontra, um ambiente urbano de arquitetura européia. A imagem é creditada a Andrei Netto/AE.

Figura 104: Fotografia de Carol Bensimon que ilustra a seção "Ofício" de 05/06/2010



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

Há em marca d'água ao fundo da imagem uma letra C maiúscula, em fonte clássica. Ao lado da figura, na lateral direita da página, vemos um texto explicativo que indica a localização geográfica da autora na foto: **“Postal.** ‘Esta é uma cidade muito perfeita para ambientar uma história’, diz a gaúcha sobre a capital francesa, onde desenvolve o seu doutorado” (grifo presente na publicação). As quatro colunas de texto da seção estão diagramadas abaixo da fotografia. O nome do autor, Andrei Netto, é apresentado antes do texto, juntamente com a informação de que esse é correspondente de Paris. Mais uma vez, a primeira letra é capitular e em estilo clássico. A matéria expõe várias características da autora porto-alegrense Carol Bensimon, como se a apresentasse ao público. Segundo consta na matéria, os dois livros de Carol são resultado de uma oficina de criação literária e do mestrado cursados na PUC-RS. Afirma-se, ainda, que o romance *Sinuca Embaixo d’Água* “foi também sua dissertação de mestrado, acompanhado por um ensaio acadêmico sobre o ‘narrador ausente’, aquele que não interfere nos acontecimentos da narrativa.” E, ainda, que tal obra terá sua adaptação cinematográfica lançada em breve e é uma das dez finalistas do Prêmio SP de Literatura 2010, na categoria autor estreante. A associação entre a escrita literária e a formação acadêmica da autora é discutida na matéria, que enfatiza que Carol cursa o doutorado em Literatura na Universidade Paris III, Sorbonne Nouvelle. Destaca-se que o conhecimento adquirido na academia auxilia a autora a fazer boas escolhas estilísticas em seus trabalhos literários.

Na lateral direita da página, ao lado da última coluna de texto, vemos uma pequena fotografia (medindo 2,9 X 2,4 cm) de uma estante de livros, apoiando, dentre outros objetivos, um relógio.

Figura 105: Figura presente na lateral direita na seção "Ofício"



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

Abaixo de tal imagem há o título “A FICcionista”, acompanhado de informações sobre a autora (nome; idade; origem e obras publicadas). Ilustrando a seção há, ainda, um Olho amarelo localizado entre a segunda e a terceira coluna do texto, que destaca a seguinte informação: “Fã do rock da década de 90, ela mistura diferentes formas de arte na hora de compor seus relatos”.

Ainda na página S4 temos, ocupando $\frac{1}{4}$ da mesma, a seção “Do Suplemento Literário”. A primeira informação destacada, no topo da seção, é a data original de publicação do artigo ali apresentado: 20.08.1966. Logo abaixo temos o título “UNGARETTI EM SÃO PAULO” e a linha fina: “O poeta, que morreu há 40 anos, foi professor da USP e reuniu em torno de si, mais do que alunos, um grupo de fiéis discípulos”. A próxima informação em destaque é o nome do autor do texto, Antonio Candido. O texto de Candido é um relato, escrito sob a perspectiva de alguém que já foi aluno de Ungaretti, que aponta qualidades e transfere sensações positivas sobre o ex professor de Língua e Literatura Italiana da USP. Está apresentado em três breves colunas. A quarta coluna é preenchida pela imagem da página do *Suplemento Literário* em que tal texto foi publicado na década de 1960 e pela informação: “O SUPLEMENTO LITERÁRIO CIRCULOU NO ESTADO ENTRE 1956 E 1974. FOI MANTIDA AQUI A ORTOGRAFIA ORIGINAL DO ARTIGO”.

Figura 106: Imagem que ilustra a seção "Do Suplemento Literário" de 05/06/2010



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

Após o texto, como comum, é indicado um endereço de internet no qual é possível ler a íntegra do artigo originalmente presente no *Suplemento Literário*. Na lateral direita da página, ao lado da última coluna da seção, vemos um outro texto, bem curto, intitulado “LETRAS ITALIANAS”. Nesse, são transmitidas algumas informações sobre o autor tratado na seção, Giuseppe Ungaretti. Além disso, também destaca-se ali que no “projeto do *SL*, Antonio Candido incluiu a cobertura das letras italianas na parte fixa do caderno.”

e. Página S5:

Em S5 temos a seção “Resenhas”, composta por três textos. O primeiro deles ocupa pouco mais da metade da página e está na parte de cima da mesma. Como sempre, acima da resenha vemos uma fotografia da capa e algumas informações técnicas sobre o livro ali resenhado.

Figura 107: Informações técnicas sobre o primeiro livro resenhado na edição de 05/06/2010



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

O título introduz a resenha: “A SINGULARIDADE DE UM DESTINO”. E é acompanhado pela linha fina: “Estudo de Elisabeth Roudinesco examina a história e a complexidade das fronteiras entre judeus e outros povos”. O nome do autor do texto aparece na sequência, Luis S. Krausz. Trata-se de uma resenha negativa, que aponta algumas incoerências existentes no livro de E. Roudinesco. Iniciando-se em letra capitular, o texto expõe o conteúdo do livro, detalhando alguns pontos em que a discussão poderia ser aprofundada e criticando diretamente outros. Segundo Krausz, o livro possui caráter fragmentário e é “um tanto errático”. Ele explica que “diante da multiplicidade de acontecimentos e ideias discutidas, a autora dá saltos que vão do geral ao particular e vice-versa, às vezes de forma mirabolante. Espanta, por exemplo, que, da discussão de sionismo e colonialismo ela passe diretamente ao destino de Marcel Proust ou à investigação sobre a judeidade de Freud, centrada na transmissão de um legado, no estudo dos textos e na aceitação do exílio. Também são passadas em revista trajetórias de pensadores fulcrais como Hannah Arendt, assim como o passado prónazista de Carl Gustav Jung, convenientemente esquecido no pós-guerra.” O autor da resenha também destaca que no livro de Roudinesco “muitas vezes perde-se o fio da meada e, sobretudo nos capítulos finais, a multiplicação de figuras secundárias da intelectualidade francesa, com suas opiniões contrapostas, torna-se enfadonha.” No entanto, ele conclui que o livro vale “como um alerta para o absurdo que há em todo tipo de generalização fácil”. Após o texto, vemos informações curriculares sobre o autor do mesmo, que é professor de Literatura Hebraica e Judaica da Universidade de São Paulo e publicou alguns livros.

Ilustrando a primeira resenha da página S5, há uma fotografia da autora do livro resenhado, Elisabeth Roudinesco, alinhada à esquerda da página. A imagem, que mede 16,3 X 13,3 cm, mostra a autora falando ao microfone, diante de uma platéia cheia.

Figura 108: Imagem de Roudinesco, que ilustra a seção “Resenhas” de 05/06/2010



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

Na lateral direita da página, abaixo da fotografia, vemos um texto explicativo que contextualiza a cena retratada: “**Em diálogo.** Roudinesco durante debate na PUC-SP, na noite de quarta: análise mescla sociologia, crítica, psicologia e crônica de vida” (grifo presente na publicação). A imagem é creditada a Tiago Queiroz/AE.

A próxima resenha apresentada na seção “Resenhas” está localizada à esquerda da parte inferior da página S5. Antes do texto, vemos as informações técnicas sobre o livro resenhado.

Figura 109: Informações sobre livro resenhado na página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

Abrindo a resenha vemos o título: “UM NOVO OLHAR SOBRE O MODERNO”. Em seguida, há a linha fina: “*Itinerário de Uma Falsa Vanguarda* traça rota da estética literária no País”. Logo abaixo, vemos o nome do autor da resenha, Francisco Foot Hardman. O texto, iniciado em letra capitular, qualifica positivamente o livro de Prado, classificado como “notável” devido ao “modo como a história literária e cultural é trabalhada para produzir nova visão sobre o mosaico de discursos que compuseram a cena

do que se convencionou chamar modernismo brasileiro”. Após o texto, vemos informações curriculares sobre seu autor, que, no caso, é professor de Teoria e História Literária da Unicamp e autor de vários livros.

A última resenha da seção está à direita, na parte inferior da página, e é encabeçada por informações técnicas sobre o livro ali resenhado.

Figura 110: Informações sobre livro resenhado na página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

O texto é intitulado “O FAZER MUSICAL SEGUNDO ISHIGURO” e tem a seguinte linha fina: “Criação e consumismo se opõem em *Noturnos*, livro de contos do autor japonês”. O nome do autor do texto é exposto abaixo da linha fina, João Marcos Coelho. A resenha é, mais uma vez, positiva e iniciada em letra capitular. O livro de contos de Ishiguro é classificado como possuidor de “escrita elegante e ambígua como é a música”. Afirma-se, ainda, que “de modo sutil e extremamente adequado, levando em conta nuances ora estéticas, ora mercadológicas, Ishiguro mostra a contradição essencial entre a criação e o consumo musical.” Após a resenha temos, novamente, informações curriculares sobre seu autor, que é jornalista, escritor e crítico musical.

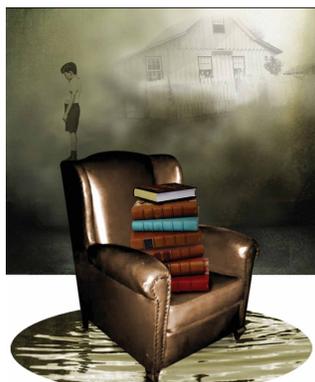
f. Página S6:

A página S6 traz a seção “Inédito”, com um trecho do último romance de Wilson Bueno. Além disso, há também uma matéria que apresenta alguns fatos sobre a biografia de Bueno, ressaltando a importância literária do autor.

O texto inédito da seção ocupa $\frac{3}{4}$ da página. No entanto, trata-se de um trecho bem sucinto do livro de Bueno, apenas seis parágrafos. Sendo assim, a maior parte do espaço é ocupada pela imagem que ilustra o texto, que mede 23 X 30 cm. Temos a seguinte linha fina introduzindo a seção “Inédito”: “Leia a seguir fragmento do último romance do

paranaense Wilson Bueno, que foi morto em sua casa, em Curitiba, no início da semana; a obra sairá em 2011 pela editora Planeta”. Em seguida, vemos o título em caixa alta, que também é título do livro de Bueno: “MANO, A NOITE ESTÁ VELHA”. O texto se inicia em letra capitular. Trata-se de um relato em 1ª pessoa, de um narrador que, ao folhear um livro, encontra dentro dele uma antiga fotografia de sua família. O relato é destinado a seu irmão, presente na fotografia. A imagem que ilustra o texto é uma montagem que apresenta elementos como infância e memórias, e também remete à última frase do excerto, na qual o narrador expõe uma lembrança de sua mãe: “Ela mesma amuada e sem esperanças, deixando cair a frase como deixava cair os ombros, sentada no gasto sofá da varanda.”

Figura 111: Imagem que ilustra a seção "Inédito" de 05/06/2010



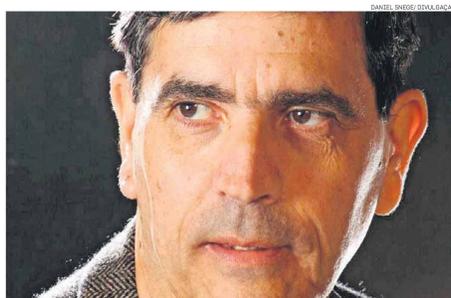
Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

A montagem é creditada a Carlinhos Müller/AE.

Continuando na página S6, vemos, ocupando ¼ da mesma, um texto intitulado “AS METAMORFOSES DE UM ILUMINISTA DEMOLIDOR”. A linha fina indica uma das características do autor Wilson Bueno expostas no texto apresentado: “Ficcionista usou animais como uma alegoria da corrupção e da selvageria”. Na sequência, observamos que Antonio Gonçalves Filho é o responsável pelo texto ali publicado. Iniciado em letra capitular, o relato em 1ª pessoa dá conta de vários fatos da biografia de Bueno, destacando sua qualidade literária. “Há cinco anos, ao comentar seu *Cachorros do Céu*, escrevi que algum dia o Brasil ainda iria reconhecer o escritor paranaense – assassinado em sua casa, em Curitiba, onde foi encontrado morto na última segunda-feira – como um dos grandes reinventores do panorama literário brasileiro”, afirma o Gonçalves Filho. O texto é um

memorial e uma homenagem ao escritor assassinado, que destaca: “Wilson Bueno vai ser lembrado, sobretudo, por sua generosidade, por seu humor e imenso talento literário.” Ilustrando a homenagem, há uma fotografia colorida em close do rosto de Bueno, que mede 13 X 8,3 cm e é creditada a Daniel Snege.

Figura 112: Fotografia do escritor Wilson Bueno, que ilustra a seção "Inédito" de 05/06/2010



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

À direita da foto, na lateral da página, vemos, ainda, algumas informações sobre o autor Wilson Bueno (nome; origem e principais obras), encabeçadas pelo título “O AUTOR”.

Figura 113: Diagramação da página S6 de 05/06/2010



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (05/06/2010).

3.1.5. Edição 18: 10 de julho de 2010

a. Capa:

A capa da 18ª edição do *Sabático*, de 10 de julho de 2010, traz uma fotografia colorida que mostra duas pessoas, um homem e uma mulher, contemplando obras de arte (pinturas) expostas no que aparenta ser um museu. Em marca d'água ao fundo da imagem vemos uma letra em fonte clássica, mas não é possível precisar que letra é essa. Entre a imagem e o logo do *Sabático* vemos, em letras miúdas à direita, que essa é creditada a John Schults/Reuters.

Figura 114: Fotografia que ilustra a capa do *Sabático* de 10/07/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

Todos os textos da capa estão alocados sobre a fotografia. O primeiro deles está no topo da mesma, centralizado, e é introduzido pelo título em caixa alta: “O OLHAR CÚMPLICE”. Abaixo de tal título, vemos as seguintes informações sobre a matéria de capa: “No clássico *Arte Como Experiência*, o americano John Dewey diz que, longe de contemplar passivamente um objeto, o espectador de obras como as de Cézanne refaz a criação do artista e, nesse processo, pode transformar sua própria vida. Pág. S3”.

Com destaque menor, alinhadas à esquerda no canto inferior da imagem da capa, vemos informações sobre o conteúdo das seções “Poesia” e “Música”. A seção “Poesia” é apresentada pelo título “Um protesto de 30 anos”, e traz o seguinte conteúdo: “*Que País É Este?*, de Affonso Romano, ganha nova edição Pág. S4”. Já a seção “Música” é destacada pelo título “O prelúdio da pianista” e apresenta a seguinte informação: “Publicada na França a primeira biografia de Martha Argerich Pág. S6”.

No rodapé da capa, ocupando espaço pouco maior que o do logotipo do *Sabático*, vemos um anúncio publicitário de um modelo de carro de luxo.

Figura 115: Anúncio publicitário presente na capa do *Sabático* de 10/07/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

Figura 116: Capa da 18ª edição do *Sabático*



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

b. Página S2:

Como é comum, a página S2 traz as seções “Prosa de Sábado”, “Babel” e “Mais vendidos”. A seção “Prosa de Sábado” está na metade superior da página. O texto é intitulado “O FILÓSOFO ENTRA NA IGREJA” e assinado por Silvano Santiago. Abaixo do título vemos informações sobre o autor (nome, endereço de e-mail e fotografia) da seção.

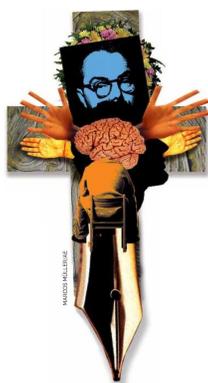
Figura 117: Informações sobre o autor da seção "Prosa de Sábado" de 10/07/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

O texto é iniciado em capitular, com fonte comum, e é apresentado em quatro colunas. Expõe-se o pensamento e a obra do filósofo Habermas, no que tange à religiosidade. “Habermas acredita que os cidadãos religiosos têm acesso a um potencial teórico que pode esclarecer e justificar as questões éticas. A religião provê a base moral para o discurso comunitário sobre o cientista e suas pesquisas nas áreas das ciências da vida e da saúde. Apesar de ser ferrenho defensor da racionalidade iluminista, a busca de diálogo com os religiosos é coerente dentro da obra de Habermas”, explica-se. Para ilustrar o texto, há uma montagem de autoria de Marcos Müller/AE entre a terceira e a quarta coluna, que traz elementos presentes no texto, como religiosidade (cruz) e razão (cérebro). As colunas de texto acompanham os contornos da imagem.

Figura 118: Montagem que ilustra a seção "Prosa de Sábado" de 10/07/2010

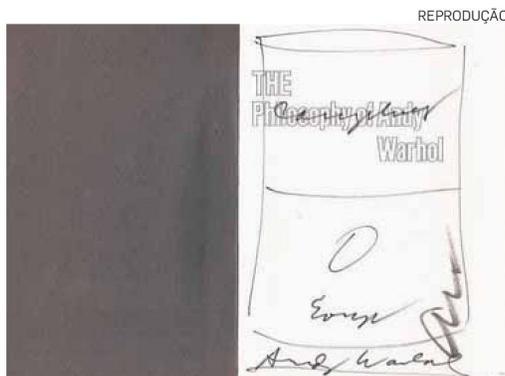


Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

À esquerda da parte inferior da página S2 há a seção “Babel”. Ao lado do nome da seção, vemos o endereço de e-mail e o nome da jornalista responsável pela mesma, Raquel

Cozer. A seção “Babel” traz oito notícias sobre o mundo editorial. A primeira delas é apresentada em destaque, ocupando espaço maior, no topo da seção, com texto em duas colunas e imagem. A palavra “DIGITAL” (em caixa alta e cor vermelha) antecede o título da notícia, que é: “Livros raros de Warhol e Bresson estarão à venda no Salão das Artes”. A informação aqui divulgada diz respeito ao fato de que duas obras raras e autografas de Andy Warhol e uma de Henri Cartier-Bresson estarão à venda no Salão de Artes de São Paulo. Os preços irão variar entre R\$ 4.600 e R\$ 15 mil. Uma das obras de Warhol conta com um desenho feito à mão pelo artista, de uma de suas “célebres latas de sopa Campbell”. Tal imagem é reproduzida na seção, ilustrando a notícia, à direita do texto. Abaixo da figura, há um breve texto explicativo, contextualizando-a: “**Campbell.** Desenho feito pelo artista pop” (grifo presente na publicação).

Figura 119: Ilustração presente na seção "Babel" de 10/07/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

As demais notícias da seção “Babel” estão dispostas abaixo da primeira, em três colunas. Todas são compostas por breves parágrafos e encabeçadas por uma palavra em caixa alta e cor vermelha e um título. A palavra “HISTÓRIA” é a primeira a aparecer, antecedendo o título “As listas de Eco”. A notícia apresentada aqui é a publicação do livro *O Livro das Listas*, de Umberto Eco, no Brasil, pela editora Record. Na sequência, vemos a palavra “ARQUIVO” introduzir o título “Beatles como nunca antes”. Noticia-se o lançamento de *Beatles Memorabilia: The Julian Lennon Collection*, um “arquivo inédito de letras, roupas e instrumentos” que sairá em setembro. A palavra “QUADRINHOS” aparece em seguida, precedendo o título “Mutarelli no espaço”. A nota dá conta do fato de que a

HQ *O Astronauta ou Livre Associação de Um Homem no Espaço*, com texto de Lourenço Mutarelli e ilustrações de Flavio Moraes, Fernando Saiki e Olavo Costa sairá em agosto, após seis anos de “gestação”. Em seguida, vemos em destaque a definição “FLIP 1”, acompanhada pelo título “Calçada de pedras da fama”. Antes do texto que apresenta a notícia, há uma imagem, a fotografia de um homem. Os créditos são de Denis Balibouse/Reuters.

Figura 120: Fotografia presente na seção "Babel" de 10/07/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

Abaixo da foto vemos a notícia, que explica que o “agente de Lou Reed (*foto*) avisa que ‘tudo bem’ o músico ser clicado por fotógrafos na Flip, desde que não usem flashes.” Há, ainda, um comentário irônico no texto, afirmando que ainda não se sabe se Lou conseguirá se proteger também dos flashes de seus fãs, que lotarão sua mesa na Flip, “uma das duas mais concorridas do ano”. Separada dessa notícia apenas por um asterisco, há outra na sequência, que afirma que Isabel Allende, outra participante da Flip cuja mesa teve ingressos esgotados rapidamente, receberá “cuidado redobrado da Record”. Segundo consta, a autora será a única “a pegar helicóptero do Galeão até Paraty”.

A próxima notícia de “Babel” é introduzida pela definição “FLIP 2” e tem o título de “Programa em Paraty”. Noticia-se que o programa *Jogo de Ideias*, feito pelo Itaú Cultural e exibido em TVs educativas, terá episódios gravados na Casa de Cultura, em Paraty. “Entre os convidados, dois da Tenda dos Autores, Benjamin Moser e Berthold Zilly”, afirma-se. Em seguida, vemos a palavra “CONCURSO” precedendo o título “Prêmio para capas”. A notícia diz respeito ao fato de que a Getty Images abrirá em agosto inscrições para a segunda edição de seu concurso de capas de livros. Também é passada a informação de que o vencedor do concurso no ano anterior foi Rodrigo Rodrigues de Azevedo, responsável pela capa de *Os Espiões*, de Luis Fernando Veríssimo. A última

notícia da seção “Babel” de 10/07/2010 é encabeçada pela palavra “ORIGINAIS”, e tem o seguinte título: “Sinais dos tempos”. Noticia-se aqui que a editora americana Tin House anunciou que aceita receber originais de autores inéditos, desde que “venham junto com recibo de título comprado em livraria”. Trata-se da campanha *Compre Um Livro, Salve Uma Livraria*. Após o fim dos textos de “Babel”, vemos a informação, de que “*Colaborou Ubiratan Brasil*”. Há, também, no rodapé da seção “Babel”, o expediente do suplemento, que mostra os nomes dos responsáveis pelas diversas tarefas executadas para a elaboração do *Sabático*.

À direita da seção “Babel” vemos, na parte inferior da página S2, a seção “Mais vendidos”. Aqui, apresenta-se a lista de dez livros mais vendidos nas categorias ficção e não ficção entre 29/06 e 05/07. A lista é elaborada pelo Informestado, a partir de dados de livrarias físicas e virtuais, conforme se lê no rodapé da seção.

Além das seções, a página S2 traz também, em seu rodapé, um anúncio publicitário. Medindo 29,7 X 5 cm, trata-se de uma propaganda do site Submarino, que anuncia a pré-venda do livro *A Vida por um fio e por inteiro*, de Elias Knobel.

Figura 121: Anúncio publicitário presente na página S2 de 10/07/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

c. Página S3:

A página S3 traz a seção “Capa”, que é introduzida pela seguinte linha fina: “*Arte Como Experiência*, do norte-americano John Dewey, que sai, enfim, na íntegra no País, ensina como ver um quadro, por exemplo, sem se deixar guiar pelo exclusivo e recorrente critério da beleza”. A linha fina está à esquerda no topo da página. Ao seu lado, ainda no topo da página, vemos informações técnicas (autor; tradutor; editora; número de páginas e preço) sobre o livro abordado na matéria.

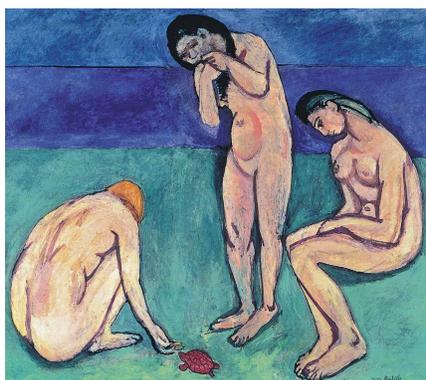
Figura 122: Informações técnicas sobre o livro abordado na seção "Capa"



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

Na sequência, vemos o título em caixa alta, “A OBRA ARTÍSTICA E SEUS SENTIDOS”, e o nome do responsável pela matéria, Antonio Gonçalves Filho. O texto ocupa a página inteira, porém há uma grande imagem ilustrando-a, alinhada à direita. Trata-se da reprodução de uma pintura de Matisse. Abaixo da imagem, na lateral direita da página, vemos um texto explicativo que auxilia na compreensão da relação entre a mesma e o texto ali publicado: “**Impressões.** *Banhistas Com Tartaruga*, de Matisse: como Cézanne, um pintor de raro talento para o experimental, segundo Dewey” (grifo presente na publicação).

Figura 123: Reprodução de pintura de Henri Matisse, que ilustra a página S3



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

O texto da seção é apresentado em quatro colunas, possui uma introdução e quatro trechos separados tematicamente por palavras grifadas em negrito, a saber: interação; reações; inaudito e mestre. A introdução é iniciada em letra capitular com fonte clássica, e dá ao leitor algumas informações sobre Dewey, considerado “o grande reformador do

sistema educacional dos EUA no século 20”. Também noticia-se o lançamento do livro *Arte Como Experiência* no Brasil: “Seu livro sobre arte como experiência vital foi publicado em 1934 e parece ter sido escrito ontem. Em boa hora ele chega às livrarias brasileiras em sua versão integral, pela primeira vez, numa nova tradução, de Vera Ribeiro, feita para a Editora Martins.” John Dewey é, ainda, retratado como alguém que “exerceu enorme influência na formação de críticos de arte”, devido à sua defesa do “estético como uma forma enriquecedora da experiência existencial”. “Para Dewey, uma pintura de Cézanne é capaz não só de comover um ogro como de provocar mudanças milagrosas em sua vida”, afirma-se. Basicamente, a noção de Dewey é a de que o espectador, ao passar por uma experiência artística impactante, cresce com tal experiência, pois adquire uma nova perspectiva de seu meio.

No trecho iniciado pela palavra “interação” em destaque, ressalta-se que Dewey é um materialista, contrário a teorias que espiritualizam a arte, colocando-a como algo além da experiência humana. Logo, o pensador acreditava que a obra de arte, “assim como a vida, se dá não apenas no meio ambiente, mas por causa dele, diga-se.” A noção de Dewey de que toda obra de arte se “abstrai” dos traços particulares dos objetos em cena também é apresentada. E assim ocorre durante todo o texto, várias características e posicionamentos de Dewey sobre a arte e a formação do artista são expostos. Entre a segunda e a terceira coluna, há um Olho amarelo que destaca: “Caso não se abstraísse dos traços dos objetos postos em cena, uma tela seria mero truque ilusionista, explica ele”. No canto inferior direito da página, em sua lateral, há, ainda, uma fotografia e um pequeno texto intitulado “ESTÉTICA MORAL”. A fotografia é de Dewey, segurando um objeto, talvez uma obra de arte, em suas mãos.

Figura 124: Fotografia do filósofo John Dewey, presente na lateral direita da página S3



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

Aqui, afirma-se que o “crítico Alberto Tassinari classifica *Arte Como Experiência* como o maior livro sobre estética escrito no século 20”, destacando que Dewey teve um papel moral, além de teórico. Isso porque o filósofo “fez parte de uma comissão que investigou os crimes de Stalin nos julgamentos de 1936, condenando a ditadura soviética.”

Figura 125: Diagramação da página S3 de 10/07/2010



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

d. Página S4:

Em S4 vemos as seções “Artigo” e “Do Suplemento Literário”. A seção “Artigo” traz uma matéria anunciada na capa, porém, na capa afirma-se que a seção intitulada “Poesia” é a que apresenta tal texto. Nota-se que não há nenhuma seção de nome “Poesia” no caderno. Sendo assim, abrindo a seção “Artigo”, que ocupa $\frac{3}{4}$ da página, vemos a

seguinte linha fina: “Publicado há 30 anos, no início do fim da ditadura militar brasileira, *Que País É Este?*, poema-protesto do mineiro Affonso Romano de Sant’Anna ganha nova edição, que convida a refletir sobre o Brasil”. À direita da linha fina, vemos informações técnicas (autor; editora; número de páginas e preço) sobre o livro tratado no artigo em questão.

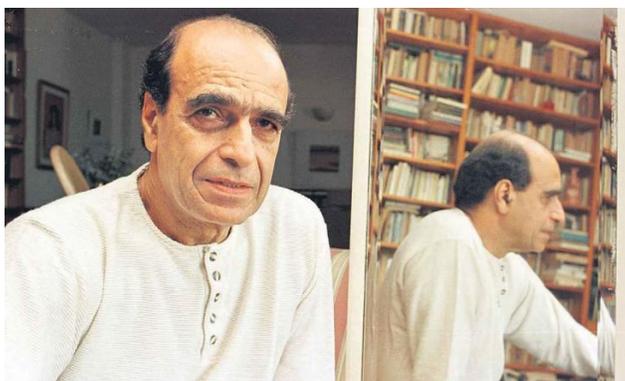
Figura 126: Informações técnicas sobre o livro abordado na seção "Artigo"



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

Depois, vemos o título em caixa alta: “A PÁTRIA DO POETA: A DE SEMPRE”. Na sequência, o nome do autor do artigo, José Nêumanne, seguido pelo texto, iniciado em letra capitular em fonte clássica e apresentado em quatro colunas. Ilustrando a seção há duas fotografias do poeta Affonso Romano de Sant’Anna (mostrado em dois ângulos, de frente e de perfil). As imagens são creditadas a Agliberto Lima/AE - 9/8/1986.

Figura 127: Fotografias que ilustram a seção "Artigo"



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

Na lateral direita da página, ao lado da fotografia, há um texto que a contextualiza e serve de ponte entre a imagem e o artigo publicado na página: “**Multiplicação.** Affonso Romano: trânsito pelo mesmo território lírico ocupado por Castro Alves no século 19 – e

mais além” (grifo presente na publicação). Abaixo da fotografia há, em destaque, um trecho do poema de Romano, precedido pelo símbolo  e pela palavra “TRECHO”.

Figura 128: Trecho de poema de Affonso Romano, presente na seção “Artigo”

 TRECHO

“Uma coisa é um país,/ outra um ajuntamento.// Uma coisa é um país,/ outra um regimento.// Uma coisa é um país,/ outra o confinamento.// Mas já soube datas, guerras, estátuas/ usei caderno ‘Avante’/ – e desfilei de tênis para o ditador./ Vinha de um ‘berço esplêndido’ para um ‘futuro radioso’/ e éramos maiores em tudo/ – discursando rios e pretensão.// Uma coisa é um país,/ outra um fingimento.// Uma coisa é um país,/ outra um monumento.// Uma coisa é um país,/ outra o aviltamento.”

Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

O artigo em questão afirma que a republicação de *Que País É Este?* após 30 anos resulta “de uma moda gerada por interesses do consumidor em potencial por algo que tem conexão com seu cotidiano”. Sendo assim, ele aproxima o contexto político original de publicação do livro ao atual; ou o final da ditadura ao final do governo Lula. “Entre a primeira edição e esta muita água passou por baixo da ponte e, ao contrário do que constatou Heráclito de Éfeso, parece continuar sendo o mesmo rio a transportar matérias idênticas às de 30 anos atrás”, afirma-se. E, ainda, o artigo destaca que o poema “que dá título ao livro e justifica sua republicação foi escrito num contexto e sua republicação agora se dá em outro, oposto só na aparência”.

É interessante notar como, em dois momentos do texto, o autor refere-se explicitamente à realidade política vivida pelo Brasil naquele período: as eleições presidenciais, que tinham a candidata do PT Dilma Rousseff como favorita à eleição. Em seu texto, Nêumanne coloca que “a volta por cima dos esquerdistas extremistas derrotados na guerra suja contra as Forças Armadas ameaça ocorrer sob a égide de uma ex-guerrilheira tarefaira, praticamente sem passado, com as bênçãos do padrinho, um dos heróis da reconstrução da democracia naquele tempo de trevas.” E, ainda, mencionando a obra de Sant’Anna, afirma que “O livro fez sucesso no fim da ditadura e hoje anima a esperança de quem não quer entregar de graça o País à vingança de ex-guerrilheiros derrotados *manu militari* ou à cobiça sem limites de politiqueiros de todos os partidos, todas as correntes e

todas as regiões por estar plantado em chão seco, áspero e rochoso.” Após o texto, há uma nota indicando que José Nêumanne é jornalista, escritor e editorialista do *Jornal da Tarde*.

Ainda na página S4 temos, ocupando ¼ da mesma, a seção “Do Suplemento Literário”. O texto ali publicado saiu na edição do *Suplemento Literário* de 24.9.1972. O título, em caixa alta, é “DO VERSO ERUDITO AO SAMBA”. A linha fina, que aparece após o título, destaca: “Vinicius de Moraes, que morreu há três décadas, foi homenageado por Drummond de Andrade em depoimento ao caderno”. O nome da autor do texto aparece logo abaixo, Thereza Cesário Alvin. O texto é apresentado em três breves colunas e dá conta do lançamento de um livro de poemas inéditos de Vinicius de Moraes. O artigo conta com um trecho escrito por Carlos Drummond de Andrade, em que o também poeta confessa invejar Vinicius, devido a sua habilidade de transitar entre a poesia culta e o samba. Ao término do texto, vemos a indicação de um endereço de internet em que é possível ler a publicação do SL na íntegra. Ilustrando a seção temos, como sempre, exposta na segunda coluna uma imagem da página do *Suplemento Literário* em que o texto ali presente originalmente figurou. Abaixo de tal imagem, temos os seguintes dados, em caixa alta: “O SUPLEMENTO LITERÁRIO CIRCULOU NO ESTADO ENTRE 1956 E 1974. FOI MANTIDA AQUI A ORTOGRAFIA ORIGINAL DO ARTIGO.”

Figura 129: Imagem que ilustra a seção "Do Suplemento Literário" de 10/07/2010



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

Na lateral direita da página, sob o título de “CONTRIBUIÇÕES”, há um pequeno texto que expõe o fato de que Vinicius de Moraes não foi elogiado somente por Drummond, como também por Antonio Candido, que afirmou que as inovações feitas pelo

poeta carioca se tornaram “moeda corrente e linguagem de todos”. Além disso, o texto também apresenta dados biográficos sobre Vinicius: “Vinicius de Moraes nasceu no Rio em 19 de outubro de 1913 e lá morreu na manhã do dia 9 de julho de 1980 – após trabalhar até a madrugada com Toquinho musicando poemas do infantil *A Arca de Noé*.”

e. Página S5:

A página S5 apresenta as seções “Resenhas” e “Estante”. A seção “Resenhas” conta com dois textos, sendo que o primeiro deles ocupa a metade superior da página. Acima de tal texto, vemos as informações técnicas sobre o título ali resenhado.

Figura 130: Informações sobre livro resenhado na página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

O título da primeira resenha é apresentado em caixa alta, “REALISMO A SERVIÇO DA SUBJETIVIDADE”. Logo abaixo dele, vemos a linha fina: “Ensaio de Peter Gay analisa mecanismos do romance”. Na sequência, aparece o nome do autor da resenha, Sérgio Telles. O texto é iniciado em letra capitular clássica e apresentado em três colunas. À direita da última coluna vemos uma fotografia do autor do livro resenhado, Peter Gay. O texto da terceira e última coluna é formatado de modo que acompanha os contornos da imagem, creditada a Angel Franco/The New York Times.

Figura 131: Fotografia de Peter Gay, que ilustra a seção "Resenhas" de 10/07/2010



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

Próximas à cabeça do autor na imagem e à direita da última coluna de texto, vemos informações que ajudam a entender a figura: **“Outros olhos.** Gay argumenta que personagens reais são às vezes distorcidos para atender a objetivos de ordem estética” (grifo presente na publicação). A resenha de Sérgio Telles apresenta várias características do livro de Gay, explicitando o pensamento do autor, e concluindo com a afirmação de que *“Represálias Selvagens* é leitura saborosa para os que amam a literatura, para historiadores, escritores e homens de letras em geral que, como diz Peter Gay, ‘não têm medo de Freud’”. Após o texto, são fornecidas informações curriculares sobre seu autor, que é psicanalista e escritor, autor de diversos títulos.

A outra resenha que compõe a seção “Resenhas” está localizada na metade inferior da página, à esquerda. Antes do texto, são apresentadas informações técnicas acerca do livro resenhado:

Figura 132: Informações técnicas sobre livro resenhado na página S5



UM HOMEM APAIXONADO
Autor: Martin Walser
Tradução: Renata Dias Mundt
Editora: Planeta do Brasil
(272 págs., R\$ 44)

Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

Em seguida, vemos o título em caixa alta: “GOETHE RECRIADO NA FICÇÃO”. E depois, a linha fina: “*Um Homem Apaixonado*, de Martin Walser, explora relação entre vida e obra”. Antes do texto, há ainda o nome do autor do mesmo, Marcio Seligmann-Silva. A resenha se inicia em letra capitular e fonte clássica. O texto está disposto em duas colunas, e primeiramente apresenta o autor do livro resenhado, “um dos mais conhecidos escritores de prosa alemã da atualidade”, que já recebeu prêmios por sua obra. Em seguida, são expostas características do romance: parte do enredo e as personagens centrais. Por fim, afirma-se que “Walser brinca de modo divertido e em grande estilo com a impossibilidade de separarmos a literatura de nossas vidas.” Após o texto, há a informação de que seu autor, Seligmann-Silva, é professor de Teoria Literária no IEL-Unicamp.

À direita da metade inferior da página S5, vemos a seção “Estante”, que traz uma lista de oito livros. São mostradas fotografias das capas dos livros, e abaixo delas vemos informações técnicas sobre os mesmos, como nome; autor(a); tradutor(a) (quando cabível); editora; número de páginas; preço e uma pequena sinopse. Os livros exibidos nesta edição são *A Guimba*, de Will Self; *Juventude*, de J.M. Coetzee; *Migração dos Cisnes*, de Ricardo Daunt; *O Fotógrafo – Uma História no Afeganistão*, de Guilbert, Lefèvre e Lemercier; *Doze Lições sobre Freud & Lacan*, de Geraldino Alves Ferreira Netto; *Tratado de Direito Constitucional 2*, de Ives Gandra de S. Martins, Gilmar F. Mendes e Carlos Valder do Nascimento; *El Don de la Vida*, de Fernando Vallejo e *Take 100 – The Future of Film*, de vários autores. No rodapé da seção, vemos a informação de que os lançamentos importados podem ser encontrados ou encomendados na livraria Saraiva (são indicados o endereço e o telefone da livraria).

Figura 133: Diagramação da página S5 de 10/07/2010



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

f. Página S6:

A página S6 apresenta a seção “Música”, conforme anunciada na capa. No topo da página, vemos a linha fina: “Lançada na França, primeira biografia da pianista argentina Martha Argerich, do jornalista Olivier Bellamy, combina apuração cuidadosa dos fatos – incluindo os polêmicos – e conhecimento técnico”. À direita da linha fina, também no topo da página, vemos informações técnicas sobre o livro do qual trata a matéria.

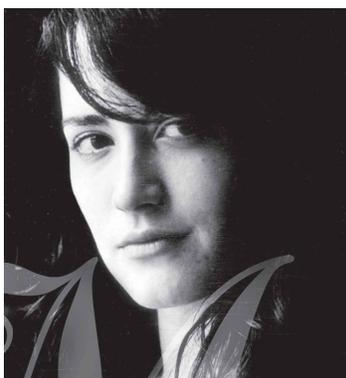
Figura 134: Informações técnicas sobre livro mencionado na página S6



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

Abaixo da linha fina, vemos o título, em caixa alta: “RETRATO SEM RETOQUE DE UMA VIRTUOSE”. O nome do autor da matéria aparece em seguida, João Marcos Coelho. O texto é iniciado em letra capitular com fonte clássica, e apresentado em quatro colunas. Ilustrando a seção, há uma grande fotografia em preto e branco do rosto de Martha Argerich. Observa-se que há, em marca d’água, sobre a imagem parte da letra M, em fonte clássica. A fotografia é creditada ao Arquivo/AE - 24/4/1967.

Figura 135: Fotografia que ilustra a página S6



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

À direita da imagem, na lateral da página, vemos o texto: “**Lição.** ‘Uma obra não se esgota jamais, somente se esgotam os intérpretes que a tocam mecanicamente’”, que remete a uma frase de Martha, presente também na matéria da página.

O texto apresentado na seção “Música” se assemelha muito a uma resenha, pois está o tempo todo se referindo a fatos encontrados no livro *Martha Argerich – L’Enfant et les Sortilèges*, biografia da pianista argentina Martha Argerich. Realmente, a matéria é composta pela descrição de acontecimentos ocorridos na vida da artista, todos retirados da biografia. Sobre tal livro, afirma-se que o mesmo “pertence aos raros exercícios biográficos que combinam a paixão do biógrafo por seu objeto de estudo; o DNA de jornalista em busca dos fatos, mesmo os mais polêmicos; e conhecimento do metiê do biografado.” Entre a segunda e a terceira coluna, há um Olho amarelo que destaca um fato biográfico de Martha, também presente no texto: “Em 1978, ouviu de Horowitz, a quem considerava insuperável, um elogio definitivo: ‘Você é a melhor’”. Ao término das informações, vemos dados curriculares sobre o autor da matéria: “**JOAO MARCOS COELHO É JORNALISTA E CRÍTICO MUSICAL, AUTOR DE NO CALOR DA HORA: MÚSICA E CULTURA NOS ANOS DE CHUMBO (ALGOL)**”.

Há, ainda, um pequeno texto na lateral direita da página, intitulado “NO PALCO”. Trata-se de uma nota, dando conta do fato de que Martha e Nelson Freire “estarão juntos na edição deste ano do festival La Roque D’Anthéron”, um evento realizado na França que “reúne a nata do pianismo internacional”.

Figura 136: Diagramação da página S6



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (10/07/2010).

3.1.6. Edição 24: 21 de agosto de 2010

a. Capa:

A capa da 24ª edição do *Sabático*, de 21 de agosto de 2010, mostra uma fotografia em preto e branco do escritor argentino Rodolfo Walsh. Ele está sentado, de perfil, aparentemente com papel e caneta nas mãos. Em marca d'água ao fundo da imagem, vemos a letra W (em fonte clássica). A fotografia é uma reprodução.

Figura 137: Fotografia que ilustra a capa do *Sabático* de 21/08/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

Algumas informações sobre o conteúdo da presente edição do *Sabático* estão dispostas sobre tal figura. No topo da figura, abaixo do abajur da imagem, vemos em destaque o título que chama a atenção para a matéria de capa, em caixa alta: “COM A ARMA DA PALAVRA”. Após o título, vemos o seguinte parágrafo informativo: “A publicação, no Brasil, de *Operação Massacre*, livro considerado modelo do new journalism, e de *Essa Mulher e Outros Contos*, elogiado por nomes de peso da ficção atual, põe em relevo a obra e a vida do jornalista e escritor argentino **Rodolfo Walsh**, que enfrentou a ditadura militar e foi eliminado pelas forças de repressão em 1977. Págs. S4 e S5” (grifo presente na publicação). O nome de Rodolfo Walsh não está apenas grifado em negrito no texto, como também aparece realçado pela cor amarela. Mais abaixo, sobre o braço esquerdo do escritor na fotografia, no canto inferior direito da imagem, vemos em destaque os conteúdos das seções “Ensaio” e “Fotografia”. A seção “Ensaio” é ressaltada pelo título “A estética do excesso”, acompanhado por texto explicativo que afirma: “Especialista de Harvard lança estudo sobre a arte barroca Pág. S3”. Já o conteúdo da seção “Fotografia” é apresentado pelo título “Os olhos da câmera”, e pela explicação: “Catálogo ajuda a entender a criação em H. Cartier-Bresson Pág. S8”.

Além de tais informações, a capa do *Sabático* de 21/08/2010 traz, ainda, uma propaganda de carro de luxo, que mede 29,6 X 10 cm, e está no rodapé da página. O logotipo do *Sabático*, por sua vez, que está no cabeçalho da página, mede 29,6 X 7,7 cm.

Figura 138: Anúncio publicitário presente na capa do *Sabático* de 21/08/2010

É um apartamento de luxo.
Com vantagem de que você pode
ora ter vista para a praia,
ora ter vista para a montanha.

FRANK 1000

Touareg
Um absurdo de carro.

REDE AUTORIZADA

www.vw.com.br. Promoção válida até 31/8/2010 ou enquanto durarem os estoques nas Concessionárias Volkswagen para veículos 0km com preço base São Paulo, pintura sólida a custo de frete incluso. Touareg V6, ano/modelo 2010(2010) (cód. 7L8023); preço à vista a partir de R\$ 205.480,00. Estoque de 1 unidade. Condições sujeitas a alterações sem aviso prévio. Consulte uma Concessionária Volkswagen Autorizada para outros planos de financiamento e demais informações. Fotos meramente ilustrativas. Alguns itens mostrados ou mencionados são acessórios, opcionais ou referem-se a versões específicas. Para mais informações, ligue: 0800 019 8775. Central de Atendimento: 0800 770 1936. Acesso às pessoas com deficiência auditiva ou de fala: 0800 770 1935.

VW
Das Auto.

Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

Figura 139: Capa do *Sabático* de 21/08/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

b. Página S2:

A página S2 é preenchida pelas seções “Prosa de Sábado”; “Babel” e “Mais vendidos”. “Prosa de Sábado” é a seção com maior destaque na página, ocupando a metade superior da mesma. Nesta edição, a coluna é intitulada “LAWRENCE NA PELE DE ENSAÍSTA” e assinada por Silvano Santiago. Informações sobre e a fotografia do autor estão dispostas logo abaixo do título.

Figura 140: Informações sobre o autor da coluna "Prosa de Sábado" de 21/08/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

O texto é apresentado na sequência, em quatro colunas e iniciado em letra capitular (fonte normal). Expõe-se aqui o lançamento de *O Livro Luminoso da Vida*, coleção de

ensaios do escritor D. H. Lawrence. A discussão está centrada no fato de que os ensaios de Lawrence eram, até então, inéditos no Brasil, embora o brasileiro conseguisse entrar em contato com esses por meio da leitura de pensadores que os mencionam, como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Jeff Wallace. Assim, o colunista passa a expor e discutir as principais obras ensaísticas e o pensamento de Lawrence. Por fim, afirma que o lançamento de *O Livro Luminoso da Vida* não foi suficiente para suprir a lacuna de obras de D. H. Lawrence no país, já que tal livro “apresenta um conjunto expressivo e incompleto dos ensaios de Lawrence.”

Ilustrando a seção, há uma montagem de autoria de Carlinhos Müller/AE, que mede 5,2 X 10,5 cm. A imagem remete a elementos presentes no texto, como autor; leitura e livros.

Figura 141: Montagem que ilustra a seção "Prosa de Sábado" de 21/08/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

A figura está entre a terceira e a quarta coluna de texto. Tais colunas são alinhadas de maneira a acompanhar os contornos da imagem.

A seção “Babel” traz sete notícias sobre o mundo editorial; é apresentada em três colunas, à esquerda da metade inferior da página S2. Ao lado do logo da seção, vemos o nome e o endereço de e-mail da jornalista responsável por essa, Raquel Cozer. A primeira notícia é a que tem o maior destaque, trazendo a palavra “MERCADO” em evidência no topo da seção, seguida pelo título “Editoras registram vendas mais expressivas na Bienal do Livro 2010”. Expõe-se o fato de que a 21ª Bienal do Livro de São Paulo registrou um aumento significativo na venda de livros, em relação à edição anterior do mesmo evento.

Segundo consta, a editora Record foi que a registrou o maior crescimento, com 90% mais vendas. Também destaca-se que o aumento é perceptível até na comparação com a Bienal do Rio, que geralmente apresenta mais vendas. No entanto, as editoras afirmam que o investimento em bienais ainda não se paga financeiramente, tratando-se apenas de “um ganho institucional”, já que as mesmas aparecem na mídia e entram na mente do consumidor. Ilustrando tal notícia, há uma fotografia da movimentação do público na Bienal, à direita do texto. A imagem mede 6,2 X 5,2 cm e é creditada a Epitácio Pessoa/AE.

Figura 142: Fotografia que ilustra a seção "Babel" de 21/08/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

Abaixo da fotografia, vemos o seguinte texto explicativo: “**Negócios.** Público levou mais livros para casa nos primeiros dias do evento”.

Em “Babel”, todas as notícias são precedidas por uma palavra ou conceito definitivo e um título. Abaixo da primeira notícia, vemos a palavra “FICÇÃO”, introduzindo o título “Novo selo no mercado”. Notícia-se que o grupo Escala publicará livros de ficção, por meio de sua nova marca, a Lafonte, cujo foco é a literatura contemporânea. Também explica-se que o grupo já é detém os direitos da Larousse, que publica livros de gastronomia e interesse geral. Separada desta nota apenas por um asterisco, vemos outro parágrafo, que indica que a Larousse publica cerca de 100 títulos por ano, enquanto a Lafonte tem a intenção de colocar 400 obras no mercado só em 2011. Continuando na leitura da seção, vemos em destaque a definição “GASTRONOMIA – 1”, seguida pelo título “Ciência na cozinha”. Afirma-se que o livro *On Food and Cooking*, de Harold McGee, que trata de ciência e culinária, sairá no Brasil, publicado pela WMF Martins

Fontes. Abaixo dessa nota, vemos outra sobre culinária, encabeçada pela definição “GASTRONOMIA – 2” e pelo título “Crise na culinária”. Aqui, noticia-se o lançamento no país, pela editora Zahar, de *Adeus as Escargots*, de Michael Steinberger. O livro tenta decifrar o que ocorreu com a culinária francesa, que perdeu lugar entre as mais influentes do mundo.

A palavra “DIGITAL” introduz a próxima notícia, intitulada “Propaganda no e-book”. Afirma-se que um artigo recentemente publicado no *Wall Street Journal* indica que “anúncios serão inevitáveis nos e-books”. Os motivos apontados para tal são a queda no preço dos livros e o formato propício à publicidade. No entanto, destaca-se, “o interesse dos autores em controlar o conteúdo anunciado pode originar novos impasses.” Abaixo dessa notícia, há a definição “CLÁSSICOS – 1”, que antecede o título “Inéditos em coleção”. A nota dá conta do fato de que a Coleção Fronteira – recém-anunciada pelo grupo Ediouro, que trará livros a preços abaixo de R\$30 –, incluirá textos inéditos em livro. *Mário no Cinema*, reunião de ensaios de Mário de Andrade, e um volume com o teatro completo de Antonio Callado estão entre as publicações futuras. Por fim, a última notícia de “Babel” é introduzida pela definição “CLÁSSICOS – 2” e pelo título “Teatro brasileiro”. Afirma-se que a Penguin Companhia Clássicos terá um selo exclusivo para dramaturgia no primeiro semestre de 2011. Serão publicadas peças brasileiras do século 19 e início do 20 que estão fora de catálogo. Após o término das notícias, vemos a seguinte informação no rodapé da seção: “*Colaborou Ubiratan Brasil*”. Abaixo de “Babel” há, alinhado à esquerda, o expediente da publicação (nomes dos responsáveis pelas diversas funções exercidas durante o desenvolvimento do caderno).

Ainda na página S2, há a seção “Mais vendidos”, à direita da metade inferior. A seção apresenta uma lista com os dez livros mais vendidos no Brasil entre 9 e 15 de agosto de 2010, nas categorias ficção e não ficção. No rodapé da seção, vemos informações sobre a origem da lista: “**FONTE:** INFORMESTADO. **PERIODO DE VENDA:** DE 9 A 15 DE AGOSTO. **LOJAS FISICAS:** CULTURA, DA VILA, FNAC, LA SELVA, MARTINS FONTES, NOBEL, SARAIVA. **INTERNET:** CULTURA, DA VILA, FNAC, LA SELVA, MARTINS FONTES, NOBEL, SARAIVA, SUBMARINO”.

A página S2 é encerrada com uma propaganda em seu rodapé. Trata-se de um anúncio que destaca a venda da *Coleção Anne Rice*, com 13 livros, no site Submarino. A publicidade mede 29,7 X 5 cm.

Figura 143: Anúncio publicitário presente no rodapé da página S2

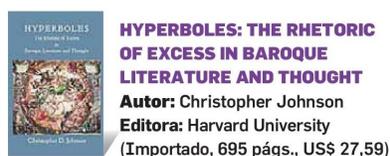


Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

c. Página S3:

As seções “Ensaio” e “Do Suplemento Literário” compõem a página S3. Em “Ensaio”, que ocupa $\frac{3}{4}$ da página, primeiramente vemos, no topo, a linha fina: “Christopher Johnson, professor de literatura na Universidade Harvard, examina a noção de “excesso” na arte do século 17 e mostra que ele foi o seu traço mais característico e vulnerável”. Ao lado da linha fina, à direita, vemos informações técnicas sobre o livro ao qual a seção se refere.

Figura 144: Informações sobre livro referenciado na seção "Ensaio"



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

Abaixo da linha fina, em caixa alta, o título do ensaio: “EM DEFESA DO BARROCO”. Na sequência, vemos o nome do autor do texto, Mario Higa. Iniciado em letra capitular com fonte clássica, o ensaio de Higa trata da relevância da hipérbole, ou do excesso, no Barroco. O texto é apresentado em duas colunas. Sua reflexão está embasada no conteúdo do livro *Hyperboles: The Rhetoric of Excess in Baroque Literature and Thought*, de Christopher Johnson. “Johnson apresenta um conjunto rico e variado de

especulações teóricas que buscam definir conceito e funções, limitações e possibilidades semânticas da hipérbole”, afirma-se. Ao esmiuçar os capítulos do livro de Johnson, Higa destaca que alguns deles são dedicados à poesia barroca de língua espanhola. Um dos poemas sobre os quais Johnson “discorre sobre o emprego e os efeitos da hipérbole” é *Primero Sueño*, de Sórora Juana. Devido a esse trecho do texto, a imagem que ilustra a seção é justamente a de uma pintura de Juana. A figura, alocada à direita da página e medindo 13 X 30 cm, foi impressa sem resolução no jornal. Percebe-se que a mesma foi muito ampliada, para preencher o espaço da página, o que permite que enxerguemos seus pixels. À direita da imagem, na lateral da página, vemos o seguinte texto explicativo: “**Imagem.** Sórora Juana de La Cruz, autora dos versos de *Primero Sueño*, em quadro de Miguel Cabrera: foco nos efeitos”.

Figura 145: Reprodução de quadro de Miguel Cabrera, que ilustra a seção "Ensaio"



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

Por fim, o ensaio destaca que “*Hyperboles* conquista o leitor exigente com sua erudição ampla, clara, articulada, regular e penetrante.” Após o texto, vemos informações curriculares sobre seu autor, Mario Higa, que é professor de literatura luso-brasileira no Middlebury College, em Vermont.

Ocupando ¼ de S3 está a seção “Do Suplemento Literário”, na parte inferior da página. A primeira informação que vemos é a data original de publicação do texto ali exposto, 17.6.1961. Em seguida, vemos o título em caixa alta: “A POESIA DE GREGÓRIO DE MATOS”. Depois, a linha fina: “A produção do autor baiano, redescoberta no século 19, inspirou análise centrada em sua faceta lírica e na busca da

verdade espiritual”. O texto é apresentado em três colunas, e destaca que Gregório de Matos caiu em uma “espécie de ostracismo”, devido à falta de publicação de sua obra e a “modificações do gosto do público”. Após o ensaio, há a indicação de um endereço de internet em que é possível o ler integralmente. Ilustrando a seção, há a imagem da página do *Suplemento Literário* em que o texto fora publicado originalmente.

Figura 146: Página do SL que ilustra a seção “Do Suplemento Literário” de 21/08/2010



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

Abaixo da imagem do SL, há as seguintes informações: “O SUPLEMENTO LITERÁRIO CIRCULOU NO ESTADO ENTRE 1956 E 1974. FOI MANTIDA AQUI A ORTOGRAFIA ORIGINAL DO ARTIGO.” Na lateral direita da página, ao lado da última coluna de texto da seção, vemos um breve texto, intitulado “ANTOLOGIA”, que indica que o ensaio publicado foi escrito por Naief Sáfady. Explica-se, ainda, que o “esforço para colocar em circulação a obra de Gregório de Matos e Guerra (1633?-1696), mencionado neste ensaio (...) não foi suficiente ainda para trazer a público uma edição crítica de seu trabalho. A lacuna é assinalada por José Miguel Wisnik em nota à reedição da antologia que organizou com versos do autor barroco baiano”.

Figura 147: Diagramação da página S3 de 21/08/2010



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

d. Páginas S4 e S5:

As páginas S4 e S5 trazem a matéria de capa – seção “Capa” –, com textos sobre o escritor argentino Rodolfo Walsh. O primeiro deles aparece em S4, introduzido pela linha fina, que aparece no topo da página: “Traduções patrocinadas pelo governo argentino trazem ao Brasil duas obras do jornalista Rodolfo Walsh, morto pela ditadura: *Operação Massacre*, clássico do new journalism, e um volume de ficção”. Após a linha fina vemos uma enorme imagem ocupando boa parte do espaço da página. Trata-se de uma fotografia colorida, que mostra uma mulher carregando a fotografia de um homem pendurada em seu pescoço e caminhando em frente a um muro. A imagem mede 29,6 X 21,2 cm e é creditada a Marcos Brindicci/Reuters. Juntas, imagem e linha fina ocupam toda a metade superior da página.

Figura 148: Imagem que ilustra a página S4 de 21/08/2010



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

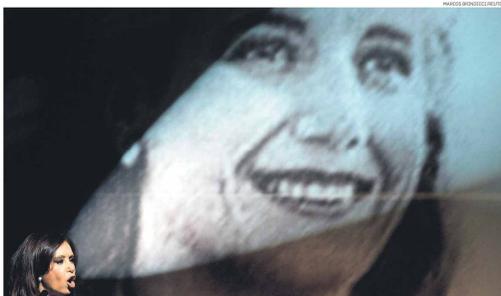
O contexto da fotografia é dado mais abaixo na página, na lateral direita, ao lado da última coluna de texto. Ali, há uma pequena (2,9 X 3,3 cm) fotografia do rosto de Rodolfo Walsh acompanhada pelo seguinte texto: “**Dor da memória.** Integrante do grupo Madres de la Plaza de Mayo (*no alto*) passa em frente a um muro com nomes de pessoas que foram eliminadas pela repressão na Argentina, como Walsh (*acima*)” (grifo presente na publicação).

A metade inferior da página S4 apresenta o título da matéria em caixa alta: “UM AUTOR RESSUSCITADO, EM FAVOR DOS DESAPARECIDOS”. Após o título, vemos os nomes dos responsáveis pelo texto, primeiramente o de Antonio Golçalves Filho, seguido pelo de Ariel Palácios, com a indicação de que esse está em Buenos Aires. O texto é iniciado em letra capitular com fonte clássica. Apresentada em cinco colunas (quatro na página S4 e uma na página S5), a matéria começa noticiando o lançamento de dois livros de Rodolfo Walsh no Brasil: “*Operação Massacre* (tradução de Hugo Mader), pela Companhia das Letras, e *Essa Mulher e Outros Contos* (traduzido por Sérgio Molina e Rubia Prates Goldoni), pela Editora 34.” O primeiro deles, *Operação Massacre*, é classificado como “uma peça literária de não-ficção, precursor da novela considerada pioneira no campo do new journalism, *A Sangue Frio* (1966), de Capote.” Entre a segunda e a terceira coluna do texto, há um Olho amarelo que destaca esse aspecto do livro de Walsh: “Possibilidades diversas de leitura já fizeram seu principal trabalho ser definido como uma peça literária de não-ficção”. Já o segundo livro publicado no Brasil, *Essa Mulher*, é uma coletânea de contos (em sua maioria) inéditos no país. Além de mencionar a

obra e o estilo literário de Walsh, o texto também apresenta vários aspectos da biografia do autor, assassinado numa emboscada do regime ditatorial do general Jorge Rafael Videla, em 1977. Na lateral direita da página, há, também, um pequeno texto intitulado “TESE E FILME”, que anuncia que as relações entre escrita e política na obra de Rodolfo Walsh foram objeto de uma tese de doutorado defendida na USP; e que o argentino Jorge Cedrón filmou clandestinamente em 1971 a versão cinematográfica do livro *Operação Massacre*.

A página S5 apresenta, além da última coluna do texto iniciado em S4, mais dois textos sobre Walsh. Tais textos estão à direita na página, já que a última coluna da matéria iniciada em S4 ocupa todo o lado esquerdo da mesma. O primeiro deles aparece abaixo de sua ilustração, uma fotografia de Cristina Kirchner discursando em frente à imagem de Evita Perón. A imagem mede 19,7 X 11,5 cm e é creditada a Marcos Brindicci/Reuters.

Figura 149: Fotografia que ilustra a seção "Capa" de 21/08/2010



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

À esquerda da fotografia, há um texto explicativo que a contextualiza: “**Necrocracia.** Cristina Kirchner discursa diante da imagem de Evita Perón, em 2007, ano de sua eleição para presidente”. Abaixo da imagem, vemos o título em caixa alta: “EVITA, INSEPULTA EM UM CONTO”. Após o título, vem a linha fina: “A ‘mãe’ dos descamisados é personagem de *Essa Mulher*, que reúne histórias de três livros”. O texto, que não é assinado, aparece em três colunas e é iniciado em letra capitular com fonte clássica. São expostos o enredo e as características de alguns contos de *Essa Mulher*, livro de Walsh recém publicado no Brasil. Após o texto, nota-se a inscrição de iniciais em negrito: A. G. F, que provavelmente indicam que o mesmo é de autoria de Antonio

Gonçalves Filho. Há após o texto, também, a indicação de um endereço de internet em que é possível ler um trecho das obras de Walsh.

Continuando em S5, logo abaixo há outra matéria, dessa vez intitulada “DIÁRIO A SALVO DOS MILITARES”. A linha fina é exibida abaixo do título e indica: “Editado em Buenos Aires, *Esse Homem y Otros Papeles Personales* traz os textos finais”. O nome do autor aparece na sequência, Ubiratan Brasil. O texto é breve, composto por quatro parágrafos expostos em três colunas e iniciado com letra capitular e fonte clássica. Indica-se ali que os últimos escritos pessoais de Rodolfo Walsh foram salvos por seus amigos, após terem desaparecido na mesma noite em que o escritor foi assassinado. Tais documentos, que, em parte, foram recuperados de “maneira heroica, pois envolveram riscos”, compõem o livro *Esse Homem y Otros Papeles Personales*. “Trata-se da reunião de escritos produzidos entre 1957 e 1976”, afirma-se. Algumas particularidades dos textos presentes em tal livro são indicadas na matéria, que termina destacando a seguinte frase de Walsh: “Gostaria de dormir e acordar em um ano”.

Compõe a página S5, ainda, um anúncio publicitário, presente no canto inferior esquerdo, abaixo da última matéria da página. A propaganda em questão é do livro *Fordlândia*, de Greg Grandin, da editor Rocco. O anúncio mede 19,7 X 10 cm.

Figura 150: Anúncio publicitário presente na página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

e. Página S6:

A página S6 é preenchida por três resenhas da seção “Resenhas”. A primeira delas ocupa a metade superior da página. Antes do texto, vemos informações técnicas sobre o livro resenhado.

Figura 151: Informações sobre livro resenhado na página S6



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

Na sequência, aparece o título do texto, “INIMIGO NÚMERO 1 DO SENSO COMUM”, seguido pela linha fina: “Em *Aforismos*, que ganha sua primeira edição ampla no País, Karl Kraus mostra estilo crítico e sarcástico”. O nome do autor é avistado logo depois, Daniel Piza. O texto é apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular com fonte clássica. A resenha destaca o aspecto sarcástico de Kraus, colocado como um sujeito rebelde e contrário às instituições tradicionais. Esse aspecto é destacado, inclusive, no Olho amarelo existente entre a primeira e a segunda coluna de texto, no qual lê-se: “Ele menosprezou a mentalidade medíocre da Viena de sua época e tinha especial aversão aos sub-intelectuais”. Fatos biográficos do autor são amplamente mencionados na resenha. Sobre o os aforismos (tema do livro resenhado), afirma-se que em “Kraus o aforismo não é máxima moralista, não é provérbio edificante; ou é reversão do lugar-comum, que satiriza às vezes com uma mera mudança, ou é produto sucinto de um pensamento complexo.” Alguns aforismos são citados como exemplos. Ilustrando a resenha há uma fotografia em preto e branco de Karl Kraus, alinhada à direita da página. A imagem, que mede 12,9 X 15,7 cm, é creditada a Trude Fleischmann/Acervo do Wien Museum.

Figura 152: Fotografia que ilustra a página S6 de 21/08/2010



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

À direita da imagem, na lateral da página, há um texto explicativo que indica quem é a pessoa na foto, e aponta para um fato mencionado na resenha: “**Independência.** O ensaísta, que nasceu na Boêmia, em foto de 1928: jornal próprio para falar o que bem entendesse”. Abaixo da figura há, ainda, alguns exemplos de aforismos do autor, introduzidos pelo símbolo  e pela palavra “TRECHOS”.

Figura 153: Trecho do livro resenhado na página S6

 TRECHOS

- Os psicólogos são perscrutadores do vazio e embusteiros da profundidade.
- A vida é um esforço que seria digno de uma causa melhor.
- Há escritores que já conseguem dizer em vinte páginas aquilo para o que às vezes preciso de apenas duas linhas.

Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

A metade inferior da página S6 é ocupada por duas resenhas mais breves, expostas, cada uma, em duas colunas. A primeira dessas está à esquerda, e é precedida pela imagem e por informações técnicas do livro resenhado.

Figura 154: Informações sobre livro resenhado na página S6



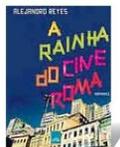
I CURSE THE RIVER OF TIME
Autor: Per Petterson
Editora: Farrar Straus & Giroux
(Importado, 224 págs., US\$ 23)

Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

O título “SONHOS EM MEIO AO CAOS” antecede a linha fina: “Per Petterson, ficcionista norueguês, constrói relato entre inocência e maturidade”. O nome do autor da resenha aparece na sequência, Vinicius Jatobá. Trata-se de uma avaliação positiva do livro, que destaca alguns pontos do enredo da obra e o estilo do autor, e termina afirmando: “Que Petterson use apenas 200 páginas para fabricar um engenho narrativo tão repleto de sentidos, de vida e energia só coloca ainda mais seu nome no proscênio (...) dos autores contemporâneos europeus incontornáveis.” Após o texto, informa-se (no rodapé da resenha) que “Vinicius Jatobá é crítico literário”.

À direita da metade inferior de S6, há outra resenha, mais uma vez precedida por informações técnicas sobre o livro ali tratado.

Figura 155: Informações sobre livro resenhado na página S6



A RAINHA DO CINE ROMA
Autor: Alejandro Reyes
Editora: Leya Brasil
(296 págs., R\$ 39,90)

Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

O título da resenha em questão é “NARRATIVA DO CORPO E DA FALA”. A linha fina destaca que “O mexicano Alejandro Reyes faz romance sobre crianças do NE do Brasil”. Iniciado em letra capitular e fonte clássica, o texto destaca algumas características do romance de Reyes, sem revelar o enredo. “A narrativa de Reyes privilegia as dificuldades de sociabilidade das crianças no meio inóspito no qual contam, antes de tudo, com o próprio corpo como meio de sobrevivência e subsistência: na mendicância, nas lutas e na prostituição”, destaca-se. Após o texto, são expostas informações curriculares sobre o

autor do mesmo, Wilson Alves-Bezerra, que é escritor, tradutor e professor do departamento de Letras da UFSCar.

f. Página S7:

A seção “Resenhas” continua na página S7, com mais dois textos. Além desses, na página há, ainda, a seção “Estante”. A metade superior da página é ocupada pela resenha de *Os Fanáticos*, de Max Gallo. Como sempre, antes do texto, vemos informações técnicas sobre o livro.

Figura 156: Informações técnicas sobre livro resenhado na página S7

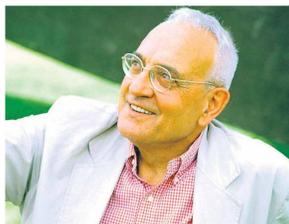


Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

O título “ERA DE TEMORES” abre a resenha, juntamente com a linha fina: “Alvo de polêmica no seu lançamento na França, em 2006, *Os Fanáticos*, de Max Gallo, expõe espiral de preconceito”. O nome do autor do texto, Andrei Netto, aparece na sequência, juntamente com a informação de que ele é correspondente de Paris. O texto é apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular com fonte clássica. Trata-se de uma resenha negativa, que destaca o aspecto preconceituoso do livro de Gallo, fruto do “receio da invasão estrangeira [que] se reafirma como a marca dos nossos dias na Europa”. Essa característica do livro também é ressaltada no Olho amarelo existente entre a segunda e a terceira coluna de texto, em que lê-se: “Na Europa, o receio da invasão estrangeira se reafirma como marca também dos dias atuais”. Destaca-se que o livro de Gallo é repleto de clichês: “Ao longo de *Os Fanáticos*, o autor explora os estereótipos à exaustão.” Afirma-se, também, que, por trás do romance, está uma França que choca, cujo preconceito em relação ao islamismo é crescente. A análise do romance é concluída da seguinte forma: “Gallo ajudou a desvelar o pensamento de uma fatia significativa da sociedade francesa: aquela que busca reencontrar sua “identidade” e que mergulha, dia a dia mais fundo, na perigosa

espiral de rejeição ao outro.” Ilustrando a seção, há uma fotografia colorida de Max Gallo, em que o autor aparece sorrindo. A imagem mede 16,2 X 12,5 cm e é de divulgação.

Figura 157: Fotografia de Max Gallo, que ilustra a página S7



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

Abaixo da fotografia, na lateral direita da página, há um texto explicativo que remete a informações presentes na resenha: “**Gallo.** Páginas que exploram os estereótipos à exaustão, sem concessões ao passado nobre da cultura oriental”.

Ainda em S7, há, à esquerda da metade inferior da página, a última resenha da seção “Resenhas”. Informações técnicas sobre o livro resenhado são exibidas acima do texto.

Figura 158: Informações técnicas sobre livro resenhado na página S7



MEMORIAL DA VIRGEM
Autor: João Paulo dos Reis Velloso
Editora: Civilização Brasileira
(224 págs., R\$ 32,90)

Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

O título “A FÉ NO ENCALÇO DE MARIA” encabeça o texto, seguido pela linha fina: “Em *Memorial da Virgem*, Reis Velloso põe em debate a fidelidade dos cristãos”. O nome do autor da resenha é exibido em seguida, José Maria Mayrink. O texto, que se apresenta em duas colunas e é iniciado em letra capitular com fonte clássica, é uma resenha positiva da obra de Reis Velloso. Alguns dados biográficos do autor são mencionados, mas o texto se ocupa prioritariamente das características do romance em questão, definido como “surpreendente”, devido à “insuspeitada espiritualidade” de Velloso. “São páginas comoventes e piedosas de um homem que, beirando os 80 anos de idade, reflete sobre sua

fé, tentando interpretar o cristianismo do século 21 a partir da visão de Maria, a mãe de Jesus, personagem principal desta “história de amor”, na definição do autor”, afirma-se.

À direita da última resenha, na metade inferior de S7, vemos a seção “Estante”, que traz informações (imagem da capa; nome; autoria; tradução – quando há –; editora; número de páginas; preço e breve sinopse) sobre oito livros. Os livros indicados na seção são: *Hotel Brasil – O Mistério das Cabeças Degoladas*, de Frei Betto; *Império*, de Niall Ferguson; *Em Busca de Merlin*, de Adam Ardrey; *A Vida Sensível*, de Emanuele Coccia; *O Livro Vermelho*, de C. G. Jung; *Variações 3*, de Miguel Reale; *A Última Entrevista de José Saramago*, de José Rodrigues dos Santos e *Vida a Crédito*, de Zygmunt Bauman e Citlali Roviroso-Madrazo.

g. Página S8:

A página S8 é ocupada pela seção “Fotografia”, que trata da publicação do catálogo de uma exposição de fotografias de Henri Cartier-Bresson feita no MoMA, em Nova York. No topo da página, vemos a seguinte linha fina: “Catálogo da retrospectiva do fotógrafo francês no MoMA, de Nova York, traz revelações sobre sua vida pessoal que ajudam a esclarecer como se formou o sofisticado e original olhar do artista”. Ao lado da linha fina, ainda no topo da página, vemos informações técnicas sobre o livro ao qual se refere a matéria em questão.

Figura 159: Informações técnicas sobre livro mencionado na seção "Fotografia"



HENRI CARTIER-BRESSON:

O SÉCULO MODERNO

Autor: Peter Galassi

Tradução: Cid Knipel

Editora: Cosac Naify

(376 págs., R\$ 185)

Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

Em seguida, preenchendo toda a metade superior da página, vemos uma grande fotografia em preto e branco, creditada a Henri Cartier-Bresson. A imagem mede 29,6 X 19,5 cm.

Figura 160: Imagem que ilustra a seção "Fotografia"



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

Na metade inferior da página, vemos o título, “A FACE OCULTA DE CARTIER-BRESSON”; o nome do autor do artigo, Antonio Gonçalves Filho; as colunas de texto e outra fotografia em preto e branco, também creditada a Bresson (alinhada à direita do texto).

Figura 161: Fotografia que ilustra a página S8



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

A segunda imagem mede 12,9 X 21 cm. Na lateral direita da página, há um texto explicativo que contextualiza ambas as fotografias: “**Instantes decisivos.** Na China, em 1948 (*acima*) e em Nova York, no ano de 1946 (*foto ao lado*)” (grifos presentes na publicação).

O texto de Gonçalves Filho é apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular com fonte clássica. O ensaio inicia-se indicando que a foto acima (aqui reproduzida na Figura 160) é um exemplo de fotojornalismo puro, que não necessita de legendas. Mesmo assim, também indica que a foto foi tirada em dezembro de 1948 em Pequim, na China, “pouco antes da tomada do poder pelos comunistas”. Em seguida, também é fornecido um contexto para a outra imagem que ilustra a página, aqui reproduzida na Figura 161. Nessa, “fica evidente a comoção do encontro entre uma mãe e seu filho, separados durante a guerra, em um píer de Nova York – cena registrada dois anos antes, em 1946”. Assim, indica-se que tais fotografias fizeram parte de uma exposição que esteve em cartaz no MoMA, Museu de Arte Moderna de Nova York, e que agora está sendo lançada no livro *Henri Cartier-Bresson – O Século Moderno*, lançado pela Cosac Naify no Brasil. Além dessas informações, o texto aborda vários aspectos da biografia de Bresson. O Olho amarelo que está entre a primeira e a segunda coluna de texto, inclusive, destaca que: “Aristocrata marxista, ele foi uma espécie de Visconti flanando entre operários e amigos do mundo fashion”.

Figura 162: Diagramação da página S8



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (21/08/2010).

3.1.7. Edição 30: 25 de setembro de 2010

a. Capa:

A 30ª edição do *Sabático*, de 25 de setembro de 2010, traz em sua capa uma fotografia em preto e branco do que aparenta ser a sala de redação de um jornal norte-americano da década de 60 ou 70. A imagem é creditada a Margaret Bourke-White/Time Life Pictures.

Figura 163: Fotografia presente na capa do *Sabático* de 25/09/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

A fotografia remete ao tema da reportagem de capa, um livro de Marc Weingarten que trata do new journalism. No canto superior esquerdo da imagem, vemos em destaque a manchete que remete à matéria de capa: “MÁQUINA DE HISTÓRIAS”. Abaixo, há um texto explicativo que indica o conteúdo apresentado nas páginas S4 e S5: “Jornalismo ou literatura? Quem sabe os dois? Ou nenhum deles? Para **Marc Weingarten**, autor de ‘A Turma Que Não Escrevia Direito’, o new journalism bebe na fonte de Dickens e Balzac. E o romance de não ficção, que tornou célebres Truman Capote e Tom Wolfe, hoje já influencia os blogs. Págs. S4 e S5”.

A capa destaca, ainda, as seções “Entrevista” e “Ensaio”. Em posição central na imagem, estão as manchetes e textos explicativos que ressaltam os conteúdos de tais seções. Sobre “Entrevista”, lê-se o título “Heróis sem nome”, seguido pelo texto “Silviano Santiago fala sobre os contos reunidos em ‘Anônimos’ Pág. S8 Pág. S3”. No que diz respeito à seção “Ensaio”, vemos o título “Com todas as letras”, destacando a informação “Relançamentos e inéditos põem em foco a obra de Lima Barreto Pág. S8”.

A capa traz, ainda, uma propaganda de carro, localizada no rodapé e medindo 29,7 X 10 cm.

Figura 164: Propaganda presente na capa do *Sabático* de 25/09/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Figura 165: Capa do *Sabático* de 25/09/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

b. Página S2:

Na página S2 estão as seções “Prosa de Sábado”, “Babel” e “Mais vendidos”. A seção “Prosa de Sábado” é apresentada na parte superior da página, em destaque. O título da vez é “O VÍCIO DE ZENO”. Informações sobre o autor da coluna são exibidas na sequência.

Figura 166: Informações sobre o autor da seção "Prosa de Sábado" de 25/09/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

O texto é apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular (fonte comum). Na introdução, o autor revela que está viciado na série televisiva norte-americana *Mad Men*, da HBO. Ele destaca que uma das características da série é o fato de que seus personagens fumam o tempo todo. E assim inicia seu texto sobre as aparições do tabaco na cultura popular, seja na TV, no cinema ou na literatura. O artigo é repleto de referências culturais, como se vê neste trecho: “me lembrei não só de Belmondo, mas também de Ed Crane, o barbeiro interpretado por Billy Bob Thornton em *O Homem Que Não Estava Lá*, dos irmãos Coen”. E também neste outro: “*A Estranha Passageira* teria a mesma fama sem aquela cena em que Paul Henreid acende dois cigarros na boca e oferece um deles a Bette Davis?”. E em vários outros. No âmbito da literatura, destaca-se “o maior romance sobre o tabagismo já escrito, *A Consciência de Zeno*, do italiano Italo Svevo, aqui traduzido em 2001 pela Nova Fronteira.” Ilustrando a seção há, entre a terceira e a quarta coluna, uma montagem de autoria de Carlinhos Müller/AE, que mede 6,7 X 15,5 cm. Como de costume, a figura traz elementos presentes no artigo; e as colunas de texto se alinham seguindo os contornos da imagem.

Figura 167: Montagem que ilustra a seção "Prosa de Sábado"



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

A seção “Babel” apresenta oito notícias sobre livros, autores, editoras e prêmios literários. Ao lado do nome da seção, observa-se o nome e o endereço de e-mail da jornalista responsável por essa, Raquel Cozer. A primeira notícia é apresentada em destaque, ocupando duas colunas, e vem encabeçada pela palavra “HISTÓRIA” e pelo título “Livro recupera talento jornalístico de Joaquim Manuel de Macedo”. Noticia-se o lançamento de *O Rio de Joaquim Manuel de Macedo - Jornalismo e Literatura no Século 19*, pesquisa sobre a produção jornalística de Joaquim Manuel de Macedo. É citado, também que Macedo é um dos criadores da antiga revista literária *Guanabara*. Por conta disso, a imagem que ilustra a notícia é a reprodução da capa de um dos exemplares da revista, localizada à direita do texto e medindo 6,3 X 5,2 cm.

Figura 168: Imagem que ilustra notícia da seção "Babel" de 25/09/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

As demais notícias de “Babel” estão localizadas abaixo da primeira, uma após a outra, em três colunas. A palavra “DEPOIMENTO” introduz uma delas, assim como o título “Fonseca exalta Bioy”. Afirma-se que Rubem Fonseca abriu uma exceção e irá assinar o texto de abertura do livro *Diário da Guerra do Porco*, de Adolfo Bioy Casares. Em seguida, vemos a palavra “MERCADO” introduzindo o título “Selo literário”, em referência a uma notícia que afirma que um novo selo, dedicado exclusivamente à literatura, será lançado no próximo ano. Abaixo dessa, há uma notícia dando conta do fato de que dois dos três finalistas na categoria melhor livro do Premio Bravo! Bradesco Prime de Cultura são de poesia. A definição “PRÊMIO 1” e o título “Poetas na final” abrem o texto. Na sequência, vemos agora a definição “PRÊMIO 2” e o título “E os concorrentes?” abrindo a próxima notícia, que trata do aumento no número de inscritos para os Prêmios Literários da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), em relação ao ano anterior. Apesar do aumento, a FBN esperava um número ainda maior de inscritos, por isso prorrogou o prazo de inscrição, conforme consta na notícia. Em seguida, vemos a palavra “TEMPORADA”, introduzindo o título “Roteiro de Noll” e uma notícia que indica que o escritor João Gilberto Noll “passará dez dias como escritor residente da Universidade de Madison, em Wyoming, e em seguida dará palestras na Universidade de Chicago e na Universidade Nacional do México”. As duas últimas notícias são destacadas pelas definições “BEST-SELLER 1” e “BEST-SELLER 2”, respectivamente. A primeira vem com o título “Americana no Brasil” e noticia a vinda da escritora Geneen Roth ao Brasil em novembro. A segunda, intitulada “História de cinema”, dá conta do fato de que o romance de estreia de

Kathryn Stockett, *The Help*, será lançado no Brasil. Também indica-se que o mesmo livro estreará sua versão cinematográfica em abril nos EUA. Após a seção “Babel”, vemos o expediente da publicação logo abaixo, com a indicação dos nomes dos responsáveis pelas diversas funções exercidas durante a criação do suplemento.

Ainda na parte inferior de S2 há, à direita, a seção “Mais vendidos”, que apresenta uma lista com os dez livros mais vendidos de ficção e não ficção entre 13 e 19 de setembro de 2010. No rodapé da seção, vemos a informação de que a fonte da lista é o Informestado, assim como os nomes das livrarias consultadas e o período de venda.

No rodapé da página S2 há uma propaganda, medindo 29,7 X 5 cm. Anuncia-se a venda do livro *Elite da Tropa 2*, de Luiz Eduardo Soares no site Submarino.

Figura 169: Anúncio publicitário presente na página S2 de 25/09/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

c. Página S3:

Em S3 vemos a seção “Entrevista”, encabeçada pela linha fina no topo da página: “Em nova coletânea de contos, Silviano Santiago busca dar voz, corpo e mente a figuras fascinantes e fugidias do cotidiano das cidades, diferenciadas apenas pela maneira como utilizam a linguagem”. À direita da linha fina, ainda no topo de S3, vemos informações técnicas sobre o livro do qual a seção trata.

Figura 170: Informações sobre livro tratado na página S3



ANÔNIMOS
Autor: Silvano Santiago
Editora: Rocco
(192 págs., R\$ 26)

Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Em seguida, em caixa alta, aparece o título, “MEMÓRIAS EM TORNO DO ESPAÇO ÍNTIMO DO DIA A DIA”. A entrevista é assinada por Ubiratan Brasil, composta por sete perguntas e respostas e apresentada em quatro colunas. Antes das perguntas e respostas, há um texto introdutório, iniciado em letra capitular e fonte clássica, que destaca que o entrevistado, Silvano Santiago, é “escritor, crítico literário e colunista do *Sabático*”. Também são mencionadas características dos personagens dos contos de Santiago e um dos assuntos tratados na entrevista: “o mineiro Santiago, que completa 74 anos na quarta-feira, contesta o vocabulário de obras como *Cidade de Deus*, livro e filme”. Da entrevista, destaca-se, também, a explicação do autor sobre o modo de criação de seus personagens: “Os contos partem da resolução de dar voz, corpo emente a figuras fascinantes e fugidias do dia a dia. (...) Escritor indiscreto, eu fui anotando o modo como os populares trabalham e falam. Como pensam e organizam as vidas. Como reagem aos problemas que enfrentamos no plano social, econômico ou político. (...) Para evitar o óbvio e chegar ao close-up, procurei imaginar e diferenciar os personagens pela apropriação da linguagem de trabalho de cada um deles.” A entrevista é ilustrada por uma fotografia colorida de Santiago, creditada a Paulo Vitor/AE, alocada entre as colunas de texto. A imagem, que mede 13 X 14,9 cm, mostra o tronco do autor, que está em pé, levando uma das mãos ao queixo e olhando diretamente para a frente, como se estivesse visualizando o leitor.

Figura 171: Fotografia de Silvano Santiago, que ilustra a seção "Entrevista"



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Na lateral direita da página, há um breve texto que ressalta um ponto levantado por Santiago na entrevista: “**Olhar crítico.** O autor mineiro questiona o tipo de estética que *Cidade de Deus* consagrou; para ele, trata-se de um viés dominado pelo preconceito”. Entre a segunda e a terceira coluna de texto, há um Olho amarelo que destaca, entre aspas: “Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide foram os primeiros a nos fazer ver as classes populares longe dos estereótipos”.

A página S3 também apresenta, além da entrevista, duas propagandas em seu rodapé. Uma delas está à esquerda do rodapé e mede 9,6 X 10 cm, na qual anuncia-se o caderno “Paladar”, do próprio jornal *O Estado de S. Paulo*.

Figura 172: Anúncio presente na página S3



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

A outra, que mede 19,7 X 10 cm, está à direita da primeira, e divulga o lançamento de um livro de crônicas de Clarice Lispector, pela editora Rocco.

Figura 173: Anúncio presente na página S3



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

d. Páginas S4 e S5:

A seção “Capa” é apresentada nas páginas S4 e S5. Em S4, vemos uma matéria que expõe o conteúdo do livro *A Turma Que Não Escrevia Direito*, Marc Weingarten. A linha fina abre a página, no canto superior esquerdo: “Em *A Turma Que Não Escrevia Direito*, Marc Weingarten diz que o encontro entre reportagem e ficção, marca do new journalism, resultou no maior movimento literário dos EUA depois de 1920”. À direita da linha fina, mas ainda no topo da página, vemos informações técnicas sobre o livro do qual a matéria trata.

Figura 174: Informações sobre livro tratado na página S4



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Ilustrando a página, há uma grande (19,6 X 29,3 cm) fotografia em preto e branco de Truman Capote, aparentemente em um momento de trabalho. A imagem é creditada a Lisa Larsen/Getty Images.

Figura 175: Fotografia de Truman Capote que ilustra a página S4



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Somente abaixo da fotografia é que vemos o título da matéria, “CULTO À INVENÇÃO E PACTO COM O REAL”, e o nome do responsável pela mesma, Antonio Gonçalves Filho. O texto apresenta informações retiradas do livro de Weingarten, bem como fatos mencionados pelo autor em entrevista; se inicia em letra capitular com fonte clássica e está estruturado em cinco colunas (quatro na página S4 e uma na S5). Trata-se de um livro que apresenta histórias sobre e características dos principais representantes do jornalismo literário: “Tom Wolfe, Hunter S. Thompson, Norman Mailer, Gay Talese, Joan Didion e Jimmy Breslin, nomes de referência no jornalismo moderno.” Mostrando, ainda, que já existiam exemplos de autores adeptos ao new journalism antes de Capote, uma vez que Dickens, Balzac e Fielding “ao registrar a rotina do homem das ruas, afundaram em

becos sujos atrás de histórias que invariavelmente emergiam da sarjeta – como a maioria do novo jornalismo, afinal”. Tal fato é destacado em um Olho amarelo presente entre a terceira e a quarta coluna de texto, no qual lê-se, entre aspas: “Charles Dickens, Balzac e Henry Fielding, por exemplo, também saíram às ruas e foram aos becos sujos atrás de histórias”. Na lateral direita da página, há uma pequena (2,9 X 4,5) fotografia de Marc Weingarten.

Figura 176: Fotografia de Marc Weingarten, presente na lateral direita da página S4



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Abaixo dessa, vemos o seguinte texto explicativo, que remete, também, à imagem reproduzida na Figura 175. “**Papel de escritor.** Truman Capote (*ao lado*), aos 22 anos, em 1946, antes de publicar *A Sangue Frio*, modelo do gênero, e Weingarten (*na foto acima*): independência” (grifos presentes na publicação). O texto é encerrando na página S5, com informações sobre o fim do jornalismo literário, de acordo com Weingarten: ““Quando os últimos soldados americanos saíram de Saigon (...) a cultura dominante acabou esmagando a contracultura’ e isso foi o início do fim do novo jornalismo.”

No topo da página S5 são exibidas informações técnicas sobre outro livro, tratado aqui, em matéria intitulada “PARA ENTENDER JOSÉ MOURINHO”.

Figura 177: Informações técnicas sobre livro a que se refere texto da página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

O livro a que se refere a matéria da página S5 é um exemplar de um novo tipo de jornalismo literário, denominado *new football writing*, que fala sobre futebol. A linha fina do texto nos indica alguns aspectos comuns ao *new journalism* presentes no livro: “*L’Alieno Mourinho*, de Sandro Modeo, combina perfil e ensaio ao descrever o técnico campeão da Europa”. O texto é assinado por Luiz Zanin Oricchio; está apresentado em três colunas e é iniciado em letra capitular com fonte clássica. A matéria é focada em indicar aspectos da vida de José Mourinho, técnico de futebol que é objeto do livro de Modeo, assim como indicar características do novo jornalismo presentes no livro: “Ao tentar desvendar o que passa no cérebro do mais cobiçado treinador europeu, Modeo traça uma curiosa história da cultura contemporânea, além de fornecer um belo exemplo do *new football writing*, a nova literatura europeia sobre o futebol – uma herdeira do *new journalism*.” Ilustrando o texto, há uma fotografia colorida do treinador José Mourinho em campo. A imagem mede 19,7 X 11,8 cm e é creditada a EFE.

Figura 178: Fotografia que ilustra texto da página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

À direita da fotografia, na lateral da página, há o seguinte texto explicativo: “**Emcampo.** O treinador (*de terno, na final da Liga dos Campeões, disputada em maio*) emprega conhecimentos de neurociências para treinar e se relacionar com os seus jogadores”.

No rodapé da página S5 há um grande anúncio publicitário do livro *Não Há Silêncio que Não Termine*, de Ingrid Betancourt. Medindo 29,7 X 15, 1 cm, a propaganda ocupa boa parte da metade inferior de S5.

Figura 179: Anúncio publicitário presente no rodapé da página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

e. Página S6:

A página S6 é composta pelas seções “Filosofia” e “Do Suplemento Literário”. Em “Filosofia”, seção que ocupa $\frac{3}{4}$ da página, é apresentado um ensaio que ressalta a importância do livro *Verdade e Método*, de Hans-Georg Gadamer. No topo da página, à esquerda, vemos a linha fina: “Publicado há meio século, *Verdade e Método*, de Hans-Georg Gadamer, hoje um clássico, defende a ideia de que todo entendimento é um efeito da história e depende do repertório do observador”. À direita da linha fina, ainda no topo da página, vemos informações técnicas sobre os volumes de *Verdade e Método*.

Figura 180: Informações técnicas sobre volumes do livro a que se refere a seção "Filosofia"



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Em seguida, vemos o título do texto, em caixa alta, “DIANTE DAS ARMADILHAS DA INTERPRETAÇÃO”, e o nome de seu autor, Mario Higa. A matéria está apresentada em quatro colunas e é iniciada em letra capitular com fonte clássica. O texto destaca que da “antropologia à linguística, da sociologia à teoria literária, da teologia à jurisprudência, praticamente todos os ramos do conhecimento humanístico foram, em algum grau, afetados pelas ideias que Gadamer expôs em sua notável teoria da

interpretação.” E, assim, são indicadas as contribuições de Gadamer a diversas áreas de conhecimento, explicando-se em que consiste a hermenêutica. Após o texto, vemos informações curriculares sobre Mario Higa, seu autor. Segundo consta, Higa é professor de literatura luso-brasileira no Middlebury College em Vermont e organizador de um livro de poesias de Cesário Verde. Ilustrando a matéria há uma fotografia colorida do rosto de Gadamer entre as colunas de texto. A imagem mede 13 X 18,3 cm e é de divulgação. Nota-se que tal figura é impressa em resolução baixa na página, aparentemente por ter sido ampliada demais.

Figura 181: Fotografia de Gadamer que ilustra a seção “Filosofia”



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

No topo da lateral direita da página, à direita da última coluna de texto, vemos as seguintes informações: “**Espírito do tempo.** Como os pensadores de sua geração, ele tinha dúvida sobre o alcance da subjetividade” (grifo presente na publicação). Ainda na lateral direita vemos, mais abaixo, um breve texto intitulado “MUNDO AFORA”, que indica os diversos eventos que ocorreram e ainda iriam ocorrer em 2010 celebrando o 50º aniversário de *Verdade e Método*. Ilustra a matéria, ainda, um Olho amarelo localizado entre a segunda e a terceira coluna de texto, no qual lê-se: “Estudo rejeita a tradição dos românticos, que diviniza o momento psicológico do autor no ato da criação”.

Continuando em S6 vemos, ocupando ¼ da página, a seção “Do Suplemento Literário” na parte inferior. Em destaque antes do título, há a data original de publicação daquele artigo no *Suplemento Literário*, 25.6.1960. Logo abaixo, o título em caixa alta “INFLUÊNCIAS DE SCHOPENHAUER”. Na sequência, vemos a linha fina: “A sombra

do pensamento do filósofo – 150 anos após sua morte – na psicanálise, nas letras e em outras artes foi abordada pelo caderno”. O nome de Anatol Rosenfeld, autor do texto, é exibido abaixo. Como é possível observar pela linha fina, tal artigo assemelha-se ao outro publicado na mesma página, com a óbvia diferença entre os pensadores aos quais cada texto se refere: o primeiro a Gadamer e o segundo a Schopenhauer. O trecho aqui exposto do texto de Rosenfeld, apresentado em três breves colunas, destaca que Freud negou a influencia de Schopenhauer sobre seu pensamento, mas, em seguida, mostra que o psicólogo foi, sim, influenciado pelo filósofo alemão: “Teorias da psicologia moderna como as da fuga para a doença, da racionalização, do ressentimento, dos lapsos cotidianos já foram expostas por Schopenhauer. Freud, de alguma forma, parece ter ‘recalcado’ edipianamente essa poderosa influencia do seu pai espiritual. A propria teoria do recalque, aliás, já havia sido formulada pelo solitario comilão de Francfort que até introduziu o termo alemão ‘verdrängen’ (reprimir) para designar este mecanismo psiquico.” Outros exemplos que indicam a influência de Schopenhauer no campo das ciências humanas são mencionados. Após o texto, vemos a indicação de um endereço de internet em que é possível fazer a leitura integral do mesmo. Ilustrando a seção, há a imagem da página do *Suplemento Literário* em que o trecho exposto fora originalmente impresso e divulgado. Abaixo da imagem, que ocupa a segunda coluna da seção, vemos informações sobre o período de publicação do SL e um aviso dando conta do fato de que a ortografia original do artigo foi mantida na presente republicação.

Figura 182: Imagem que ilustra a seção "Do Suplemento Literário" de 25/09/2010



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Na lateral direita da página há, ainda, um breve texto intitulado “VISÃO ALEMÃ”, que indica alguns aspectos da biografia do filósofo alemão Arthur Schopenhauer; e também afirma que o alemão Anatol Rosenfeld escrevia sobre literatura alemã no SL.

f. Página S7:

A página S7 apresenta a seção “Resenhas”, composta por dois textos. O primeiro deles ocupa $\frac{3}{4}$ da página e é encabeçado por informações técnicas sobre o livro resenhado.

Figura 183: Informações técnicas sobre livro resenhado na página S7



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

O título da resenha aparece em destaque, “REVOLUÇÃO PELA CAUSA MODERNISTA”, e é seguido pela linha fina: “Em *Azul*, o nicaraguense Rubén Darío desenvolve crítica à sociedade que condena o artista a um lugar de desconforto”. O nome de Ronaldo Correia de Brito, autor do texto, aparece na sequência. A resenha é iniciada em letra capitular (fonte clássica) e apresentada em quatro colunas. Trata-se de uma análise positiva do livro em questão, que se contrasta à opinião de um crítico espanhol que definiu o livro como uma obra que “não ensina nada e trata de tudo e nada”. Também destacam-se no texto as constantes comparações feitas entre a obra de Darío e *Folhas de Relva*, de Walt Whitman. Após o texto, vemos informações sobre o currículo de seu autor, Ronaldo Correia de Brito, que é escritor. Para ilustrar a resenha, há a reprodução de uma fotografia de Rubén Dário à direita do texto, sobre as duas últimas colunas.

Figura 184: Fotografia que ilustra a seção "Resenhas"



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Na lateral direita da página, vemos o seguinte texto explicativo, que ressalta elementos presentes na resenha e contextualiza a imagem: “**Estilo.** O escritor na maturidade: ecos do irlandês Oscar Wilde e, principalmente, de ficcionistas franceses, como Gustave Flaubert” (grifo presente na publicação). Abaixo da fotografia, há um trecho do livro de Darío, introduzido pelo símbolo  e pela palavra “TRECHO”.

Figura 185: Trecho do livro *Azul*, de Rubén Darío, que ilustra resenha na página S7



TRECHO

“Quando ia para a floresta, junto ao corço ou ao javali ferido e ensangüentado, fazia seus professores de retórica improvisarem canções alusivas. Era um rei sol, em sua Babilônia cheia de músicas, de gargalhadas e de ruído de festa. Quando se cansava da cidade agitada, saía para caçar, fazendo o bosque trovejar com seus tropéis.”
(De *O Rei Burguês – Conto Alegre*).

Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Também ilustra a resenha um Olho amarelo localizado entre a primeira e a segunda coluna de texto, que destaca: “A originalidade do seu trabalho scandalizou as letras espanholas, ainda reféns dos clichês do chamado ‘siglo de oro’”.

Ocupando um ¼ de S7, na parte inferior da página, temos outra resenha positiva. Seu título, que encabeça o texto, é “UM CONCERTO EXECUTADO COM PALAVRAS”. A linha fina, exibida logo abaixo, indica de qual livro se trata a resenha: “No romance *A Valsa dos Adeuses*, que ganha uma nova edição no Brasil, o checo Milan Kundera explora

formas musicais”. O nome de João Marcos Coelho, autor do texto, aparece depois. A resenha se inicia em letra capitular com fonte clássica e é apresentada em quatro colunas. Destacam-se aqui algumas características estilísticas de Kundera em seu romance, bem como alguns aspectos do enredo do mesmo. Afirma-se que a “escrita musical de Kundera é moderna até no sentido técnico: em vez de fazer uma convencional e plácida coda final que qualquer compositor do período clássico adotaria, ele introduz um novo e surpreendente ingrediente inconclusivo, deixando-nos em suspenso.” Após o texto, há a informação de que seu autor, João Marcos Coelho, é jornalista, escritor e crítico musical. As informações técnicas sobre esse livro estão exibidas verticalmente na lateral direita da página, à direita da última coluna de texto (e não horizontalmente e acima do texto, como é comum na seção “Resenhas”).

Figura 186: Informações técnicas sobre livro resenhado na página S7



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

g. Página S8:

A página S8 é preenchida inteiramente pela seção “Ensaio”, que traz um texto sobre a ampliação da recepção crítica da obra de Lima Barreto. No topo da página, à esquerda, vemos a linha fina: “Relançamentos e a publicação de inéditos trazem à tona a radicalidade do projeto autoral do carioca Lima Barreto, que distinguia ‘escritores’ de meros ‘literatos’; os que ‘criam’ dos que ‘seguem a moda’”. O título em caixa alta aparece na sequência, “A LITERATURA ACIMA DA PRÓPRIA VIDA”. Depois, vemos o nome do autor do texto, Antonio Arnoni Prado. O ensaio se inicia em letra capitular com fonte clássica e é apresentado em quatro colunas. Noticia-se aqui a reedição de *Diário do Hospício* e *Cemitério dos Vivos* e a publicação de *Lima Barreto e a Política – Os Contos Argelinos e Outros Textos Recuperados* e *Contos Completos*, obras de Lima Barreto. Arnoni Prado

destaca que, a quase 90 anos de sua morte, pela primeira vez a obra de Lima Barreto recebe “o cuidado que sempre fez por merecer”. O lugar atual da crítica literária também é ressaltado: “É verdade que a análise literária, como a estética, está em baixa, e que nem mesmo a crítica como gênero encontra hoje lugar fora da universidade, cujos métodos de interpretação e leitura, com as exceções de praxe, há muito se ajustaram à reprodução mecânica e sistemática da última voga do ibope acadêmico, que o martelo do ‘especialista’ encaixa à força no texto, com o pressuposto da autoridade e da competência, de tal modo que, hoje, o bom estudante de Letras é aquele que ‘sabe’ teoria, não o que ‘lê’ literatura e amadurece nas obras a consciência crítica de seu próprio repertório.” Após o texto, há a informação de que Antonio Arnoni Prado (seu autor) é professor da Unicamp e autor de vários livros.

Ilustrando o ensaio há uma grande caricatura de Lima Barreto entre as colunas de texto. A imagem mede 17,2 X 25,5 cm e é de autoria de Loredano. Os textos da primeira e da quarta coluna acompanham os contornos da imagem, sendo formatados de maneira não linear.

Figura 187: Caricatura de Lima Barreto que ilustra a seção "Ensaio"



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Na lateral direita da página, à direita da última coluna de texto, estão dispostas, verticalmente, informações técnicas sobre os livros mencionados na seção.

Figura 188: Informações técnicas sobre livros mencionados na seção "Ensaio"



**DIÁRIO DO HOSPÍCIO
E CEMITÉRIO
DOS VIVOS**
Autor: Lima Barreto
Editora: Cosac Naify
(352 págs., R\$ 55)



**LIMA BARRETO E
A POLÍTICA - OS
CONTOS ARGELINOS
E OUTROS TEXTOS
RECUPERADOS**
Autor: Lima Barreto
Org.: Mauro Rosso
Editora: Loyola
(224 págs., R\$ 34)



**CONTOS
COMPLETOS DE
LIMA BARRETO**
Autor: Lima Barreto
Org.: Lúcia M. Schwarz
Editora: Companhia
das Letras
(720 págs., preço a
definir; nas livrarias a
partir de 28 de outubro)

Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

A página S8 apresenta, ainda, um anúncio publicitário em sua lateral inferior esquerda. Medindo 19,7 X 10 cm, a propaganda é de um livro da editora Rocco.

Figura 189: Anúncio publicitário presente na página S8 de 25/09/2010



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Figura 190: Diagramação da página S8



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

3.1.8. Edição 30: 02 de outubro de 2010

a. Capa:

Na capa da edição de 02 de outubro de 2010 afirma-se que tal é a 30ª edição do *Sabático*. Curiosamente, a edição anterior, de 25 de setembro de 2010, também é apresentada como sendo a 30ª edição do suplemento.

Figura 191: 30ª edição – 25/09/2010

S1 | SÁBADO, 25 DE SETEMBRO DE 2010 ANO I – Nº 30

Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (25/09/2010).

Figura 192: 30ª edição – 02/10/2010

S1 | SÁBADO, 2 DE OUTUBRO DE 2010 ANO I – Nº 30

Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Trata-se de um erro de contagem, já que a edição de 02/10/2010 deveria ser a 31ª. A imagem da capa é uma fotografia do escritor peruano Mario Vargas Llosa, entrevistado na edição. O autor aparece em pé, no topo de uma escadaria. Nota-se que sobre a imagem, em marca d'água, há a letra L em fonte clássica.

Figura 193: Foto de Vargas Llosa que ilustra a capa do *Sabático* de 02/10/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

A fotografia é creditada a Joel Saget/AFP. Em destaque sobre a imagem, vemos o título que alude à matéria de capa, à esquerda: “LATINIDADE INCURÁVEL”. Abaixo dele, há um texto explicativo: “Em entrevista exclusiva, o escritor peruano **Mario Vargas Llosa** comenta o livro *Sabres & Utopias*, lançado agora no Brasil, no qual expõe seu desencanto com a esquerda radical, a luta contra regimes autoritários, a crença na democracia. E, ao celebrar a literatura que está brotando no continente, acaba por falar de seu novo romance, *O Sonho do Celta*. Págs. S4 e S5”.

Os demais destaques da capa aparecem logo abaixo, em tamanho menor. A palavra “Cinema” aparece na sequência, introduzindo o título “Salas escuras da ilha” e a explicação: “Estudo analisa política cultural em Cuba a partir de seus filmes Pág. S3”. Apesar de a palavra “Cinema” aparecer em destaque, na mesma tipografia utilizada para os

nomes das seções do caderno, a matéria em questão remete à seção “Ensaio”, que está na página S3. A próxima palavra em destaque, “Ficção”, também não remete ao nome da seção à qual a manchete de capa se refere. O título “O veneno de conhecer” antecede o texto que indica o conteúdo da seção que está na página S6 (no caso, “Literatura espanhola”): “O espanhol Javier Marías e o fim da trilogia sobre a verdade Pág. S6”.

No rodapé da capa há, ainda, uma propaganda de automóvel, que mede 29,7 X 10 cm.

Figura 194: Anúncio publicitário presente na capa do *Sabático* de 02/10/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Figura 195: Capa do *Sabático* de 02/10/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

b. Página S2:

Em S2, como sempre, estão as seções “Prosa de Sábado”, “Babel” e “Mais vendidos”. A seção Prosa de Sábado aparece na parte superior da página e, desta vez, é assinada por Silvano Santiago. O título é exibido em caixa alta abaixo do logo da seção: “SOL DA MEIA-NOITE”. Na sequência, observam-se o nome, o endereço de e-mail e a fotografia em preto e branco do rosto autor, Silvano Santiago.

Figura 196: Informações sobre o autor da seção "Prosa de Sábado" de 02/10/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

O texto é apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular (fonte comum). Santiago noticia o lançamento de *Poeta Poente* coleção de poemas de Affonso Ávila, e cita alguns exemplos de poemas de outros autores que trazem o sol como temática. Obras de Paul Valéry, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto são brevemente analisadas e ligadas entre si por eixos temáticos semelhantes, todos em torno da figura do sol. Por fim, mencionam-se características do livro de Ávila. Nota-se, ainda, a menção a referências culturais eruditas, como no trecho: “Pier Paolo Pasolini pergunta ao poeta poente: ‘O que o senhor ainda tem no ativo? Eu... uma desesperada vitalidade.’ No dizer de Roland Barthes, a desesperada vitalidade pasoliana se confunde com ‘o ódio da morte’. Brilha o sol da meia-noite.”

Ilustrando a seção há, como sempre, uma montagem que remete a elementos mencionados no texto. A montagem da presente edição é de autoria de Leandro Sanches/AE, e está disposta entre a terceira e a quarta coluna de texto. As colunas que cercam a imagem acompanham seu formato.

Figura 197: Imagem que ilustra a seção "Prosa de Sábado" de 02/10/2010



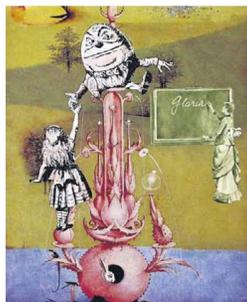
Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Na parte inferior da página está, à esquerda, a seção “Babel”, com oito notícias sobre editoras, livros e outros assuntos relacionados ao meio literário e ao mercado editorial. Ao lado do logo da seção, à direita, vemos o nome e o endereço de e-mail da jornalista responsável por essa, Raquel Cozer. Todas as notícias são encabeçadas por uma palavra ou definição que remete ao conteúdo ali exposto e por um título. A primeira notícia é apresentada em destaque, no topo da seção e em três colunas. A palavra “POESIA” aparece primeiramente, seguida pelo título “Harold Bloom investiga morte em versos finais de poetas”. Noticia-se o lançamento de *Till I End My Song*, livro em que o crítico literário americano Harold Bloom pesquisa os poemas finais de poetas como T. S. Eliot, Alexander Pope, Walt Whitman e Emily Dickinson.

As demais notícias são apresentadas em um parágrafo, uma após a outra em três colunas dispostas abaixo das três da primeira notícia. A palavra “CULT” apresenta a notícia intitulada “Aposta escandinava”, que trata do lançamento de *Naive. Super*, do norueguês Erlend Loe, e de outros títulos vertidos diretamente do norueguês em 2011. “FESTIVAL” é a palavra que abre a nota seguinte, que tem o título de “Africanos em Ouro Preto”. Anuncia-se que os moçambicanos Mia Couto e Paulina Chiziane e os angolanos Luandino Vieira, Pepetela e Ondjak estarão presentes no Fórum das Letras de Ouro Preto (realizado entre 10 e 15/11/2010). Em seguida, vemos a palavra “DICIONÁRIO” encabeçando o título “Clássico alemão”, em uma notícia que dá conta do lançamento de *Deutsches Wörterbuch*, um dos principais dicionários da Alemanha, em edição semibilíngue, “com tradução da palavra para o português após definição em alemão”. A palavra de destaque

seguinte é “ARTE”, que introduz o título “Coleção reunida”. Abaixo de tal título, vemos a reprodução de uma ilustração.

Figura 198: Ilustração presente na seção "Babel" de 02/10/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Somente abaixo da imagem é que vemos a notícia, que indica que será lançada uma “caixa comemorativa com os 11 títulos da coleção *Arte Conta História* – dos quais só o último, *Lewis Carroll na Era Vitoriana*, está em catálogo”. Continuando na seção, vemos a palavra “MÚSICA”, seguida pelo título “Elvis e a vingança do Sul”, que abrem uma notícia sobre o lançamento de *Elvis Presley ou la Revanche du Sud*, do produtor musical francês Sebastian Danchin. Afirma-se que a biografia mostra como “Elvis abriu portas para a revolução sexual e revelou ao mundo o conservadorismo do Sul dos EUA”. Na sequência, vemos a palavra “EFEMÉRIDE” antecipando o título “Militância revista”. A notícia informa que “Joaquim Câmara Ferreira, o comandante Toledo, sucessor de Marighella na Ação Libertadora Nacional, terá história revista em *O Revolucionário da Convicção* (UFRJ), de Luiz Henrique de Castro Silva”, livro que sairá por “ocasião dos 40 anos de sua morte pelas forças de repressão da ditadura.” A última notícia da seção é apresentada pela palavra “FRANKFURT” e pelo título “Beleza literária”. Afirma-se que fãs da Feira de Frankfurt criaram no Facebook um concurso para eleger a Miss e o Mister Bookfair 2010. Informa-se, ainda, que os candidatos “devem enviar fotos e texto de apresentação até segunda”. Abaixo da seção “Babel” vemos exposto, horizontalmente, o expediente da publicação, com os nomes dos responsáveis pelas várias tarefas executadas na confecção do suplemento.

À direita de “Babel”, ainda na parte inferior da página S2, está a seção “Mais vendidos”, que apresenta uma lista com os dez livros mais vendidos de ficção e não ficção entre 20 e 26 de setembro de 2010. No rodapé da seção, vemos as seguintes informações: **“FONTE: INFORMESTADO. PERÍODO DE VENDA: DE 20 A 26 DE SETEMBRO. LOJAS FÍSICAS: CULTURA, DA VILA, FNAC, LA SELVA, MARTINS FONTES, NOBEL, SARAIVA. INTERNET: CULTURA, DAVILA, FNAC, LA SELVA, MARTINS FONTES, NOBEL, SARAIVA, SUBMARINO”**.

No rodapé da página S2 há uma propaganda que anuncia a venda do livro *Tempo Entre Costuras*, de María Dueñas, no site Submarino. O anúncio mede 29,7 X 5 cm.

Figura 199: Anúncio publicitário presente no rodapé da página S2 de 02/10/2010



O anúncio publicitário apresenta o livro "O tempo entre costuras" de María Dueñas. À esquerda, há uma imagem da capa do livro. O texto principal do anúncio, em um fundo azul com uma faixa amarela, diz: "LIVRO É NO SUBMARINO". Abaixo disso, o título "Tempo Entre Costuras" e o nome da autora "María Dueñas 2187181" são exibidos. Um pequeno texto descreve o romance: "O romance conta a história de uma encantadora costureira que um dia se apaixona loucamente e parte para o Marrocos, meses antes da Guerra Civil Espanhola, para ter sua inocência filtrada pelos caminhos da vida. Mergulhe nessa deliciosa prosa e sinta a cada página uma sensação diferente." À direita, o preço "Por R\$ 31,90" é destacado. No canto inferior direito, o logo "Submarino" e o endereço "www.submarino.com.br" são visíveis, juntamente com informações de contato: "Compre também pelo telefone 4003-2000 24h" e "Capital e Região Metropolitana. Diários 02011-6003-2000".

Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

c. Página S3:

Em S3 temos a seção “Ensaio”, que ocupa $\frac{3}{4}$ da página. Trata-se de um texto focado no livro *Cinema Cubano – Revolução e Política Cultural*, de Mariana Villaça, conforme afirma-se na linha fina, presente no canto superior esquerdo da página: “Em *Cinema Cubano – Revolução e Política Cultural*, Mariana Villaça mostra como os diretores conseguiram driblar a censura no país com filmes críticos e de estética ousada”. À direita da linha fina, ainda no topo da página, vemos informações técnicas sobre o livro do qual o ensaio em questão trata.

Figura 200: Informações técnicas sobre livro do qual trata a seção "Ensaio"



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

O título em caixa alta, “O DIFÍCIL EXERCÍCIO DA LIBERDADE”, é avistado abaixo da linha fina, seguido pelo nome do autor do texto, Luiz Zanin Oricchio. Iniciado em letra capitular com fonte clássica, o ensaio é apresentado em quatro colunas. Trata-se de um texto que exalta as qualidades do livro de Mariana Villaça, escrito originalmente como tese de doutorado no programa de Pós-Graduação da Faculdade de História da USP. O ensaio aponta as características da pesquisa, centrada no acompanhamento da trajetória de uma instituição tradicional de Cuba, o Icaic (Instituto Cubano del Arte y Industria Cinematográficos). Algumas características do cinema cubano destacadas no livro de Villaça também são citadas. Por fim, afirma-se que “o melhor do livro de Mariana Villaça é que ele pode ser visto como descrição e análise do caso particular cubano na história geral da luta pela liberdade de expressão artística.” Ilustrando a matéria, há a reprodução de uma imagem retirada de um filme cubano, alinhada à direita, sobre as três últimas colunas de texto.

Figura 201: Imagem que ilustra a seção "Ensaio"



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Na lateral direita da página, à direita da imagem, vemos um breve texto que a contextualiza: “**Ponta de lança. Memórias...**, de Gutiérrez Alea: na tela, a crise dos intelectuais”.

Abaixo da seção “Ensaio” vemos a seguinte informação: “**Do Suplemento Literário.** Excepcionalmente, não publicamos hoje a seção.” Trata-se de uma referência à seção “Do Suplemento Literário”, que não foi publicada nesta edição do *Sabático*. Em seu lugar, ocupando ¼ da página, juntamente com a frase informativa exposta acima, vemos duas propagandas. A primeira delas, à esquerda, mede 9,6 X 10 cm e anuncia o caderno “Paladar”, do próprio jornal O Estado de S. Paulo.

Figura 202: Anúncio presente na página S3



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

A outra, à direita, mede 19,7 X 10 cm e divulga um livro de Michael Crichton, lançado pela editora Rocco.

Figura 203: Publicidade presente no rodapé da página S3



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

d. Páginas S4 e S5:

As páginas S4 e S5 trazem a matéria de capa, uma entrevista com o escritor peruano Mario Vargas Llosa assinada por Laura Greenhalgh. No canto superior esquerdo de S4 vemos a linha fina da entrevista: “Professor convidado da Universidade de Princeton, nos EUA, o peruano Mario Vargas Llosa fala sobre *Sabres & Utopias*, coletânea de textos que tratam de política, de América Latina e, é claro, de literatura”. À direita da linha fina, há informações técnicas sobre o livro mencionado na entrevista.

Figura 204: Informações sobre livro mencionado na seção "Capa"



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Na sequência, vemos o título da entrevista em letras maiúsculas, já entre aspas, indicando de tratar de uma frase do entrevistado: ““BORGES NOS LIVRA DO COMPLEXO DE INFERIORIDADE””. Abaixo do título está o nome da responsável pela entrevista, Laura Greenhalgh. O texto é apresentado em oito colunas (quatro em cada página), e é iniciado em letra capitular com fonte clássica. A entrevista é composta por 17 perguntas e respostas e é introduzida por um texto que indica a ocupação atual de Vargas Llosa (professor da Universidade de Princeton), menciona sua importância no contexto da literatura latina e cita algumas opiniões e características do entrevistado, além de noticiar o lançamento de *Sabres & Utopias*, antologia de textos do autor.

Dentre os assuntos tratados por Llosa na entrevista, destacam-se os de cunho político: o autor conta sobre quando se candidatou à presidência de seu país, o Peru, e faz críticas ao governo socialista cubano. Ele também critica o (então) presidente do Brasil, Lula, por se aliar a Fidel Castro e a governantes do Irã. Evidentemente, todos os assuntos tratados por Llosa foram introduzidos por meio de perguntas. Ilustrando a página S4 há parte (o lado esquerdo) de uma fotografia colorida do escritor peruano. A outra parte da imagem está na página S5. Vargas Llosa aparece sorrindo, sentado em um sofá, em posição central na composição da imagem. A fotografia é creditada a Fredrik Erichsen/AFP.

Figura 205: Fotografia de Mario Vargas Llosa que ilustra as páginas S4 e S5 do *Sabático* de 02/10/2010



Fonte: Páginas S4 e S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Abaixo da imagem, na lateral direita da página, vemos um breve texto que alude à fotografia e traz uma frase do entrevistado: “**Com os pés no chão.** ‘Autores que foram muito influenciados pelo realismo mágico – que teve a sua importância – hoje estão de regresso à vertente realista’, observa o escritor”. Tal frase, no entanto, não é mencionada na parte da entrevista que está na página S4. Em destaque entre a primeira e a segunda coluna de texto, há um Olho amarelo que também ressalta um assunto não tratado em S4, no qual lê-se: “Em *O Sonho do Celta*, novo romance, percorre o Congo, a Amazônia do ciclo da borracha e a Irlanda rebelada”.

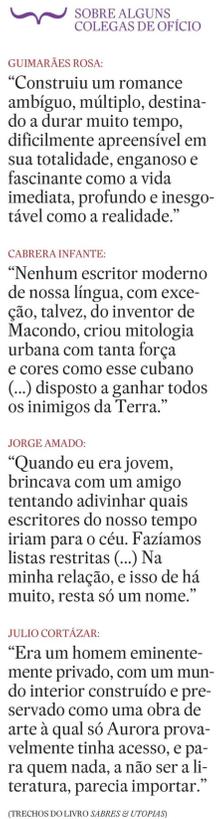
Figura 206: Diagramação da página S4 de 02/10/2010



Fonte: Página S4 do suplemento Sabático do jornal O Estado de S. Paulo (02/10/2010).

A entrevista continua em S5, em mais quatro colunas alocadas abaixo da fotografia de Llosa, ocupando a metade inferior da página. Aqui, o escritor fala sobre a universalização da literatura latino-americana e a importância do argentino Jorge Luis Borges nesse processo, e sobre seu novo romance, *O Sonho do Celta*. À direita da fotografia que ilustra a página (Figura 205), vemos alguns trechos do livro *Sabres & Utopias*, introduzidos pelo símbolo  e pela definição “SOBRE ALGUNS COLEGAS DE OFÍCIO”.

Figura 207: Trechos de livro de Mario Vargas Llosa expostos na página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Figura 208: Diagramação da página S5 de 02/10/2010

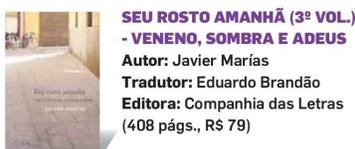


Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

e. Página S6:

A página S6 apresenta a seção “Literatura espanhola”, composta por dois textos de autores diferentes, mas que tratam do mesmo tema, a obra do escritor espanhol Javier Marías. O primeiro deles está acima, ocupando ¾ da página, e é introduzido pela linha fina presente no canto superior esquerdo: “O premiado escritor Javier Marías, de quem está saindo no Brasil *Veneno, Sombra e Adeus*, explica a razão de sua resistência ao avanço da sociedade digital, que ‘coloca em risco a liberdade individual’”. À direita da linha fina, ainda no topo da página, vemos informações técnicas sobre o livro do qual a matéria trata.

Figura 209: Informações sobre livro mencionado na página S6

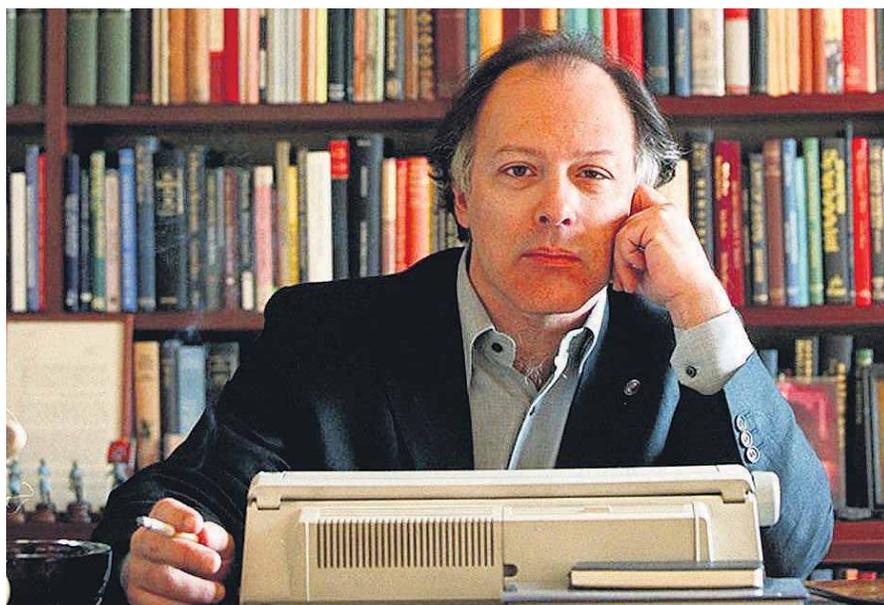


Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Na sequência, após a linha fina, vemos o título do texto, em letras maiúsculas: “CONTRA O EXCESSO DO VERBO”. O nome do autor desse aparece abaixo, Antonio Gonçalves Filho. O texto é iniciado em letra capitular com fonte clássica e está apresentado em quatro colunas. Inicialmente, são apresentadas informações biográficas do “maior escritor espanhol vivo”, Javier Marías, assim como características de seu romance *Veneno, Sombra e Adeus*, terceiro e último volume da trilogia *Seu Rosto Amanhã*, e de sua literatura, de maneira geral. Em seguida, são expostas opiniões do autor, descrito como um homem que escreve à máquina de escrever e à mão; deu entrevista via FAX e não tem telefone celular. O seguinte trecho é exemplo: “O fato é que desconfia do excesso de informação. ‘É algo inegável que os Estados utilizam a tecnologia para controlar, vigiar e acumular dados sobre os cidadãos, para mim uma catástrofe’, observa, defendendo que ‘os seres humanos devem poder ocultar partes de si mesmos, devem ter segredos, subtrair-se do olho insaciável do Estado’. As democracias, conclui, estão cada vez mais parecidas com Estados totalitários, disfarçando-se de protetoras dos cidadãos que, ingenuamente, aceitam essa ‘intrusão abusiva’ do Estado.” Por fim, revelam-se características do romance que o autor está atualmente escrevendo.

Ilustrando a matéria há uma fotografia colorida (de divulgação) de Marías alinhada à direita da página, sobre as três últimas colunas de texto. Na imagem, o escritor aparece em seu ambiente de trabalho, com uma máquina de escrever à sua frente.

Figura 210: Fotografia de Javier Marías que ilustra a seção “Literatura espanhola”



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Abaixo da fotografia, na lateral direita da página, há um texto explicativo que aponta para fatos mencionados no texto, bem como faz referência à imagem em questão: **“Máquina do tempo.** Javier, no gabinete de trabalho: ‘Há minutos que duram a vida inteira e minha nostalgia pessoal não tem nada a ver com isso’, afirma, em sintonia com o seu cronômetro antiproustiano” (grifo presente na publicação). Ilustra a matéria, ainda, um Olho amarelo localizado entre a segunda e a terceira coluna, que destaca uma opinião de Marías mencionada no texto: “‘Os Sertões, de Euclides da Cunha, é um dos melhores livros que li, superior ao Ulysses, de James Joyce’, diz ele”.

Ainda em S6, ocupando $\frac{1}{4}$ da página, há outro texto, que pode ser classificado como uma resenha do romance *Veneno, Sombra e Adeus*, de Javier Marías. O título “O PESO AVASSALADOR DO CONHECIMENTO” e a linha fina “Romance final da trilogia do autor explora o limite e o custo da verdade, a percepção do outro e as máscaras de cada um” introduzem o texto. O nome do autor do texto-resenha aparece em seguida, Vinicius

Jatobá. Conforme mencionado, o texto, apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular e fonte clássica, é focado nos três volumes da coleção *Seu Rosto Amanhã*, de Javier Marías, expondo seus enredos e outras características. A respeito da complexa estrutura narrativa do terceiro livro da trilogia, afirma-se que: “Que essa estrutura funcione parece milagre, mas é pura maestria: em momento algum o leitor está confuso, e esse manancial de tempos possui uma admirável fluidez.” Após o texto, vemos a informação de que seu autor, Vinicius Jatobá, é crítico literário.

f. Página S7:

Em S7 estão as seções “Resenhas” e “Estante”. Ocupando toda a metade superior da página, está a primeira resenha da seção “Resenhas”. Como de costume, antes do texto vemos informações técnicas sobre o livro resenhado, no topo da página.

Figura 211: Informações técnicas sobre livro resenhado na página S7



**O BRASIL E OS VENTOS
DO MUNDO**
Autor: Luiz Felipe Lampreia
Editora: Objetiva
(344 págs., R\$ 42,90)

Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

O título em letras maiúsculas aparece em seguida, “O CENÁRIO INTERNACIONAL COMO MEMÓRIA”. Abaixo desse, vemos a linha fina: “Em *O Brasil e os Ventos do Mundo*, o ex-chanceler Luiz Felipe Lampreia revê a história recente a partir de sua experiência”. O nome de José A. Guilhon Albuquerque, autor do texto, aparece depois. A resenha é iniciada em letra capitular com fonte clássica e apresentada em quatro colunas. Trata-se de uma análise positiva da obra de Lampreia, considerada “uma leitura muito oportuna” para a época de eleições. O texto é um relato em primeira pessoa que destaca as contribuições mais importantes e as características positivas do livro de Lampreia, a partir do ponto de vista do autor, Guilhon Albuquerque. Ele destaca que o que mais chama a atenção no livro é “sua abordagem discreta dos eventos, das pessoas e, sobretudo, dele mesmo”, referindo-se a Lampreia. Após o texto, vemos a informação de

que José Augusto Guilhaon Albuquerque, seu autor, é professor de ciência política e relações internacionais da FEA-USP. Ilustrando a resenha há uma fotografia de Luiz Felipe Lampreia, na segunda coluna de texto. A imagem é creditada a Ray Stubblebine/Reuters.

Figura 212: Fotografia de Luiz Felipe Lampreia que ilustra a seção "Resenhas"



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Na lateral direita da página, à direita da última coluna de texto, há informações que contextualizam a fotografia de Lampreia e remetem a fatos ressaltados na resenha: “**Discurso.** O então ministro, durante a Assembleia-Geral da ONU de 1999: divisão de louros com a diplomacia brasileira, evitando protagonismos de qualquer espécie” (grifo presente na publicação). O texto é ilustrando, também, por um Olho amarelo localizado entre a terceira e a quarta coluna, que, sobre o livro resenhado, destaca: “Não se trata de uma reunião de notas de um diário; mais adequado é tomar a obra como uma prestação de contas”.

A outra resenha da seção “Resenhas” está localizada à esquerda da metade inferior da página S7. Antes do título, vemos informações sobre o livro do qual o texto trata.

Figura 213: Informações técnicas sobre livro resenhado na página S7



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

O título aparece logo abaixo, em letras maiúsculas, “ENTRE O AMOR E A REPULSA”, seguido pela linha fina: “*Uma Mulher*, do húngaro Péter Esterházy, examina a incoerência das relações”. A autora da resenha é Carol Bensimon, cujo nome é exibido na sequência. O texto, apresentado em duas colunas e iniciado em letra capitular com fonte clássica, enfatiza que o *Uma Mulher* é um livro sem trama, destacando, em seguida, os aspectos positivos da obra: “Que o leitor, portanto, não espere encontrar propriamente uma trama em *Uma Mulher*. O interesse está nessas figuras femininas envoltas em uma bruma de linguagem, filtradas pelo olhar de um homem que não vê mais diferença entre ódio e amor, entre adoração e repulsa.” Além disso, a resenha destaca características gerais da obra, explicitando seu conteúdo: “Em *Uma Mulher*, primeiro livro do húngaro Péter Esterházy, incoerências dos relacionamentos são exploradas em 97 relatos (...)”. Após o texto, há a informação de que Carol Bensimon, autora do mesmo, é doutoranda em Literatura pela Universidade de Paris 3 e publicou dois livros, cujos nomes também são mencionados.

À direita da resenha assinada por Bensimon está a seção “Estante”, ainda na metade inferior de S7. Tal seção traz informações detalhadas (nome; autoria; tradução, quando cabível; editora; número de páginas; preço e breve sinopse) de oito livros, cujas imagens das capas também estão expostas. Os livros aqui apresentados, respectivamente, são: *O Segredo do Calígrafo*, de Rafik Schami; *O Mundo Explicado por T. S. Spivet*, de Reif Larsen; *No Avesso do Paraíso*, de Lucília Atas; *Olhos de Loba*, de Markéta Pilátová; *Dicionário de Expressões Populares da Língua Portuguesa*, de João Gomes da Silveira; *Fundamentos da Psicanálise – Volume 2: de Freud a Lacan*, de Marco Antonio Coutinho Jorge; *Andy Warhol And The Can That Sold The World*, de Indiana Gary e *Superconnect – Harnessing The Power Of Networks And The Strength Of Weak Links*, de Richard Koch e

Greg Lockwood. No rodapé da seção, há a seguinte afirmação: “OS LANÇAMENTOS IMPORTADOS PODEM SER ENCONTRADOS OU ENCOMENDADOS NA LIVRARIA MARTINS FONTES: AV. PAULISTA, 509, TEL.(0--11) 2167-9900.”

g. Página S8:

A página S8 é ocupada pela seção “Fotografia”, que expõe características do livro *Negros no Estúdio do Fotógrafo*, de Sandra Sofia Machado Koutsoukos. A linha fina está disposta no canto superior esquerdo da página, e é a primeira informação a que temos acesso: “*Negros no Estúdio do Fotógrafo*, de Sandra Sofia Machado Koutsoukos, revela escravos em diversas situações e defende a ideia de que eles posavam não apenas como objetos, mas também ‘se fazendo ver’”. À direita da linha fina, estão as informações técnicas sobre o livro de que trata a matéria em questão.

Figura 214: Informações técnicas sobre livro tratado na seção "Fotografia"



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Em seguida, vemos uma fotografia em preto e branco, creditada ao Acervo do Museu Paulista. A imagem mostra seis homens: um branco em primeiro plano e cinco negros ao fundo, todos de corpo inteiro. Não é difícil supor se tratar de um dono de terras e seus escravos.

Figura 215: Fotografia que ilustra a seção "Fotografia" de 02/10/2010



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

Na lateral direita da página, ao lado da fotografia, vemos um texto explicativo que a contextualiza: “**Postura.** Retrato de um senhor com seus cativos: a figura de braços cruzados parece querer expressar um ar desafiador” (grifo presente na publicação). Juntas, linha fina e fotografia ocupam toda a metade superior da página. Já a metade inferior é preenchida pelo texto, e por uma outra fotografia.

À esquerda da parte inferior da página está o título da matéria, em letras maiúsculas: “SUJEITOS DE SUA PRÓPRIA IMAGEM”. Abaixo dele, vemos o nome da autora do texto, Lilia Moritz Schwarcz. Apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular com fonte clássica, tal texto começa contando um pouco da história da fotografia. Em seguida, destaca que embora se comente muito sobre os usos que as elites fizeram da técnica fotográfica, “pouco se estudou a presença de negros, mulatos e mestiços – livres ou cativos – nas fotografias do 19 brasileiro”. É nesse ponto que se encaixa, então, o livro de Sandra Sofia Machado Koutsoukos, que fornece “meandros da foto, da técnica, do ensino e do contexto” de imagens que mostram negros no período mencionado. Sendo assim, afirma-se que “*Negros no Estúdio do Fotógrafo* é livro que não se abre mão. O material é imenso e disperso, mas a historiadora o doma com maestria.” O restante do texto é dedicado a indicar características do livro. No rodapé da última coluna, são exibidas informações curriculares sobre Lilia M. Schwarcz, a autora da seção. Segundo consta, Schwarcz é professora titular do Departamento de Antropologia da USP e já publicou diversos livros (os títulos de alguns são mencionados). Ilustra a seção, ainda, uma outra fotografia, alocada na parte superior da terceira coluna de texto. A imagem, em sépia,

mostra um homem negro sentado, trajando boas roupas. A legenda exibida abaixo da fotografia a explica, remetendo a fatos mencionados no livro de Sandra Koutsoukos e, evidentemente, também na matéria em questão: “**Cena**. Muitas vezes, os fotografados usavam roupas de seus proprietários” (grifo presente na publicação).

Figura 216: Fotografia presente na página S8



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (02/10/2010).

3.1.9. Edição 36: 13 de novembro de 2010

a. Capa:

Ilustrando a capa da 36ª edição do *Sabático*, de 13 de novembro de 2010, há uma fotografia colorida em close-up do rosto da escritora Raquel de Queiroz. A foto não é muito recente, como podemos ver exposto nos créditos da mesma, foi tirada em 9/7/1993 por Otávio Magalhães/AE.

Figura 217: Fotografia de Raquel de Queiroz que estampa a capa do *Sabático* de 13/11/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Em marca d'água sobre a imagem, vemos a letra R, maiúscula e em fonte clássica.

Todos os textos, que destacam seções do caderno na capa, estão expostos sobre o espaço azul da imagem, à direita, na parte não ocupada pelo rosto da escritora. O destaque maior é dado à matéria de capa, cuja manchete é apresentada em letras maiúsculas no topo superior direito da fotografia, onde lê-se: “SENHORA DAS LETRAS”. Abaixo de tal título, expõem-se as seguintes informações: “Ela costumava dizer que era jornalista profissional e ficcionista amadora. Na verdade, Rachel de Queiroz – nascida há um século – foi sobretudo uma artista da palavra. O ponto alto das comemorações do seu centenário será o lançamento do inédito *Mandacaru*, livro de poemas datado de 1928. **Exclusivo:** Walnice Nogueira Galvão e Ana Miranda escrevem a respeito da autora cearense. Págs. S4 e S5”. A palavra “exclusivo” aparece em destaque, com realce na cor preta e fonte em branco (como em: **Exclusivo**). Em seguida, mais abaixo, vemos realçados os conteúdos das seções “Romance” e “Ensaio”, respectivamente. Introduzindo o conteúdo da seção “Romance”, vemos o título “Narrativa a duas vozes”, seguido pelo texto explicativo: “O britânico Chris Cleave fala de *Pequena Abelha* Pág. S6”. Já a seção “Ensaio” é enfatizada pelo título “Sobre cultura de massa”, que antecede a seguinte explicação: “ Sai na França edição ilustrada de *Mitologias*, de R. Barthes Pág. S8”.

A capa contém, ainda, em seu rodapé uma propaganda de carro, medindo 29,7 X 10 cm.

Figura 218: Anúncio publicitário presente na capa do *Sabático* de 13/11/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Figura 219: Capa do *Sabático* de 13/11/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

b. Página S2:

As seções “Prosa de Sábado”; “Babel” e “Mais vendidos”, respectivamente, compõem a página S2. A coluna “Prosa de Sábado” ocupa a parte superior da página e, dessa vez, é intitulada “CAOS E CLASSICISMO (1918-1936)”. O texto é assinado por Silvano Santiago, de quem são exibidos o endereço de e-mail e a fotografia abaixo do nome.

Figura 220: Informações sobre o autor da coluna "Prosa de Sábado" de 13/11/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Destaca-se, aqui, que a estética clássica foi apropriada por artistas fascistas e nazistas na Europa pós 1ª Guerra, conforme afirmado no livro *Esprit de Corps: The Art of the Parisian Avant-Garde And The First World War, 1914-1925*, de Kenneth E. Silver. Também se mencionam características da exposição *Chaos & Classicism*, que Silver organizou no Museu Guggenheim em Nova York, também indicando a utilização do classicismo por artistas com a finalidade de “realçar o cenário pomposo e civilizado que escamoteia as atrocidades que, às vésperas da 2.ª Grande Guerra, estão sendo cometidas por Mussolini e Hitler”. Afirma-se, ainda, que o pintor francês Amédée Ozenfant é quem inicia uma vanguarda cultural pós-bélica na Europa, com a criação do movimento purista, que pregava o esquecimento das atrocidades cometidas na guerra. Nesse contexto, Ozenfant lança a revista *L'Esprit Nouveau*, que era lida e exerceu papel importante na formação das ideias estéticas de Mário de Andrade. Assim, o texto termina destacando a abertura de “outros caminhos na pesquisa sobre os primórdios da vanguarda brasileira.”

O texto de Santiago é apresentado em quatro colunas e recheado de menções a artefatos culturais como filmes, pinturas, esculturas e livros, bem como a nomes de artistas. Ilustrando a seção há uma montagem entre a terceira e a quarta coluna de texto, que remete a elementos (há uma escultura clássica ‘entrando’ em uma pintura) mencionados por Santiago. A imagem é de autoria de Carlinhos Müller/AE.

Figura 221: Montagem que ilustra a seção "Prosa de Sábado" de 13/11/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

O texto da quarta e última coluna é diagramado acompanhando os contornos da imagem. A formatação da terceira coluna não é afetada pela presença da imagem.

A seção “Babel”, alocada à esquerda da parte inferior da página, apresenta seis breves notícias sobre lançamentos de livros e outros assuntos relacionados ao mercado editorial e literário. Ao lado do logo da seção, vemos o nome e o endereço de e-mail da jornalista responsável pelas notícias ali publicadas, Raquel Cozer. A primeira notícia é apresentada em destaque, no topo da seção. Primeiramente, vemos a palavra “POESIA”, seguida pelo título “Tradução inédita de Ezra Pound”. Conforme o título indica, a notícia trata do lançamento da “primeira tradução brasileira de *Lustra*, volume de poemas que Ezra Pound (1885-1972) publicou em 1916”, que ocorrerá em abril de 2011 pelo selo Demônio Negro. As informações estão dispostas em duas colunas. Em uma terceira coluna, há uma fotografia em preto e branco do rosto de Ezra Pound, creditada a Alvin Langdon Coburn/Divulgação. À direita da imagem, há o seguinte texto, que explica a foto: “**Juventude.** O poeta aos 28 anos, em foto publicada no livro de 1916”.

Figura 222: Fotografia de Ezra Pound que ilustra a seção "Babel" de 13/11/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

As outras cinco notícias estão abaixo da primeira. A palavra “REPORTAGEM” abre a nota intitulada “Bonnie e Clyde da vida real”, trata do livro *The Heavens Belong to Us*, previsto para sair no exterior em 2012, que conta a história real de um casal que seqüestrou um avião nos anos 70. Separada dessa notícia apenas por um asterisco (*), está outra, que apresenta o autor do livro em questão, Brendan I. Koerner, e afirma que a primeira obra dele teve os direitos comprados para o cinema pelo diretor Spike Lee. Abaixo dessa notícia, vemos a próxima, introduzida pela palavra “QUADRINHOS” e pelo título “A democracia depois da lógica”. Notícia-se que o cartunista Alecos Papadatos, após ilustrar a HQ *Logicomix*, está ilustrando *Democracy*, que sairá apenas em 2012, mas já teve seus direitos adquiridos no Brasil pela WMF Martins Fontes. Uma imagem de divulgação da HQ é exibida na sequência.

Figura 223: Imagem que ilustra a seção "Babel" de 13/11/2010



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

A próxima notícia é precedida pela palavra “LEILÃO” e pelo título “Preciosidades desvendadas”. Informa-se, aqui, que o leiloeiro José Luiz Garaldi terminou de analisar o acervo do poeta Cyro Pimentel, e encontrou várias raridades, que estarão expostas na R. Oscar Freire, 42. Dentre tais, 201 itens serão leiloados. Separado desse parágrafo apenas por um asterisco, há outro, que expõe o preço inicial de alguns objetos que farão parte do leilão: “Entre os livros, há duas cópias de *A Luta Corporal* (1954) autografadas por Ferreira Gullar. A mais bem conservada terá lance de R\$ 170, e a menos, de R\$ 870 – é que esta foi dedicada a Oswald de Andrade.” Em seguida, vemos a palavra “ENCONTROS” e o título “Música e leitura”, abrindo uma notícia sobre o projeto literário e musical *Leituras Íntimas*, evento promovido pela Editora 34 que terá, em sua abertura, “a autora Beatriz Bracher e a crítica Noemi Jaffe lendo trechos de obras ao som de música brasileira ao vivo”. A última notícia da semana é encabeçada pela palavra “SAÚDE” e pelo título “História de uma doença”, e afirma que a Companhia das Letras comprou os direitos de *The Emperor of All Maladies*, do médico Siddhartha Mukherjee. O livro é considerado uma “biografia do câncer”, conforme afirma-se. Abaixo da seção “Babel” é apresentado o expediente da publicação, com os nomes da equipe de profissionais que elaboram o *Sabático*.

À direita da parte inferior da página S2 está a seção “Mais vendidos”, que apresenta a lista de dez livros mais vendidos de ficção e não ficção entre 1 e 7 de novembro de 2010. No rodapé da seção informam-se a fonte da lista; o período de vendas considerado e os nomes das livrarias consultadas.

No rodapé da página S2 há, ainda, um anúncio publicitário do site Submarino, medindo 29,7 X 5 cm.

Figura 224: Propaganda presente no rodapé da página S2 de 13/11/2010

O anúncio é um banner horizontal com fundo azul escuro. À esquerda, há uma imagem da capa do áudio novela 'Zibia Gasparetto' e um CD. O texto principal, em uma faixa amarela, diz 'LIVRO É NO SUBMARINO'. Abaixo, em branco, está o título 'Áudio Novela: Se Abrindo Para a Vida (CD Áudio Livro MP3)' e o nome da autora 'Zibia Gasparetto cdi: 3312711'. Um parágrafo de descrição em menor fonte informa que a obra conta com a abertura de Zibia e é interpretada por atores profissionais. À direita, o preço 'Por R\$ 19,90' é exibido em uma caixa amarela. No canto inferior direito, o logo 'Submarino' e o site 'www.submarino.com.br' são visíveis, juntamente com o número de telefone '4003-2000' e o ícone '24h'.

Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

c. Página S3:

A página S3 apresenta as seções “Literatura contemporânea” e “Do Suplemento Literário”. “Literatura contemporânea” ocupa a metade superior da página e é introduzida pela seguinte linha fina: “A sul-africana Nadine Gordimer, Nobel de 1991, que está lançando no exterior uma coletânea de ensaios e outra de contos, discute a delicada relação, em sua trajetória, entre arte e política”. Abaixo da linha fina estão o título, em caixa alta, “A ESCRITA COMO PROCESSO DE VIDA”, e o nome da autora do texto, Emma Brockes (informa-se, também, o nome do jornal *The Guardian*, em referência à fonte original de publicação do artigo). O texto é apresentado em quatro colunas e se inicia em letra capitular com fonte clássica. Trata-se de uma série de posicionamentos da autora Nadine Gordimer, intercalados por breves frases introdutórias ou perguntas, lembrando uma entrevista passada para o discurso indireto. A autora/entrevistada fala sobre sua infância, literatura, política e religião, como no trecho: “Gordimer é atéia, ainda que certa vez tenha afirmado ter um ‘temperamento religioso’ Ela diz que não passou de um momento de fraqueza. ‘A questão é como alguém pode acreditar nesses contos de fada confortáveis, que há alguém lá em cima, seja Maomé ou Jeová? São contos de fada bonitos – ou repletos da ideia de culpa.’”

Ilustrando a seção, há uma fotografia de Nadine Gordimer alinhada à direita, sobre as duas últimas colunas de texto. Os créditos da imagem são de Ed Viggiani/AE.

Figura 225: Fotografia da escritora Nadine Gordimer que ilustra a seção “Literatura contemporânea”



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Na lateral direita da página, abaixo da fotografia, vemos o seguinte texto, composto por informações também presentes na matéria: “**Transparência.** ‘Ele parece ter enlouquecido um pouco. É a velha história do poder que corrompe’”, diz Nadine sobre Robert Mugabe, o presidente do Zimbábue”. Ilustra a seção, ainda, um Olho amarelo localizado entre a segunda e a terceira coluna de texto, que destaca o seguinte trecho: “‘Escrever em nome de uma causa específica é fazer propaganda. E isso pode ser fatal para o ficcionista’, acredita”.

Continuando em S3 vemos, ocupando $\frac{1}{4}$ da página, a seção “Do Suplemento Literário”, com um texto originalmente publicado em 20.6.1959 (conforme explicitado no topo da seção). O título aparece em caixa alta: “O SATIRISTA SINCLAIR LEWIS”. Após o título, vemos a linha fina, “Apesar de ter sido o primeiro americano a ganhar o prêmio da Academia Sueca – há 80 anos –, o autor de *Babbitt* era mal interpretado pela crítica”, e o nome do autor do texto, John Nist. Indica-se, aqui, que o prêmio Nobel de Literatura concedido a Sinclair Lewis em 1930 foi taxado como um equívoco por “muitos dos seus colegas literatos dos Estados Unidos”. A tese de Nist em seu texto é a de que a literatura de Lewis, marcada pela crítica a importantes instituições de poder, “acertara a tal ponto que os que compreenderam a sua mensagem sentiram-se superiores às suas advertências.” Após o texto, que é apresentado em três colunas, indica-se um endereço de internet em que é possível ler a matéria de John Nist na íntegra. Ilustrando a seção, há a imagem da página do

Suplemento Literário em que o texto em questão originalmente foi publicado. A figura ocupa toda a segunda coluna da seção, que não contém texto.

Figura 226: Página do *Suplemento Literário*



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabádo* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Abaixo da imagem, há a indicação do período em que o *Suplemento Literário* circula no Estadão, bem como a informação de que “foi mantida aqui a ortografia original do artigo”. Há, ainda, na lateral direita da página, outro texto que remete à seção “Do *Suplemento Literário*”. Intitulado “TALENTO POPULAR”, o breve parágrafo traz informações biográficas sobre Sinclair Lewis, e destaca que o que “o tornou mais conhecido foi sua atuação em publicações populares, o que talvez tenha contribuído para o ‘mal tratamento dos críticos seus compatriotas’, como assinala aqui John Nist, que escrevia no *SL* sobre literatura de língua inglesa.”

Também ocupando $\frac{1}{4}$ da página S3, em seu rodapé, vemos duas propagandas. A primeira, que está à esquerda, mede 9,6 X 10 cm e anuncia o caderno “Estadinho”, do próprio jornal *O Estado de S. Paulo*. A segunda, à direita, mede 19,7 X 10 cm e divulga o lançamento de um livro de Thalita Rebouças, lançado pela editora Rocco.

Figura 227: Anúncios publicitários presentes no rodapé da página S3



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

d. Páginas S4 e S5:

A seção “Capa” preenche as páginas S4 e S5, com textos de Antonio Gonçalves Filho, Walnice Nogueira Galvão e Ana Miranda tratando de Rachel de Queiroz. O primeiro deles é apresentado em cinco colunas (quatro na página S4 e uma na S5) e introduzido pela seguinte linha fina, disposta no canto superior esquerdo da página S4: “Primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras e pioneira de uma estética nordestina, a cearense Rachel de Queiroz, nascida há 100 anos, tem o inédito *Mandacaru* (1928) enfim publicado”. O título em caixa alta, “O SÉCULO DA DESBRAVADORA”, aparece abaixo. Ilustrando a metade superior de S4, vemos uma grande caricatura de Rachel de Queiroz, de autoria de Loredano.

Figura 228: Caricatura de Raquel de Queiroz que ilustra a página S4

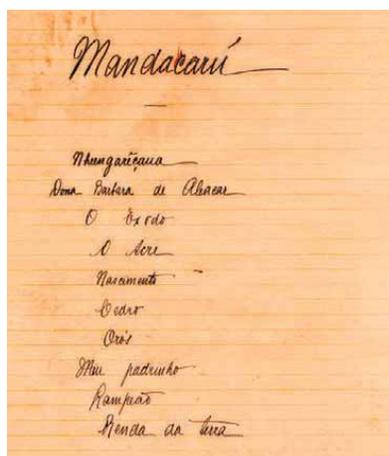


Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Abaixo dessa, já na parte inferior da página, está o nome de Antonio Gonçalves Filho e seu texto, que noticia o lançamento de *Mandacaru* e menciona aspectos da vida e

obra de Rachel. Destaca-se que o novo livro será “lançado na quarta-feira durante a abertura das comemorações do centenário de nascimento da escritora cearense (17/11/1910-4/11/2003) pelo Instituto Moreira Salles (IMS) do Rio, que programou para a data uma série de eventos. Entre as atividades está a exposição *Rachel de Queiroz Centenária*”. Nota-se que a data final publicada para indicar os 100 anos do nascimento de Rachel está incorreta: onde se lê 2003 deveria estar escrito 2010. A reprodução da imagem do manuscrito de um dos poemas de *Mandacaru* também ilustra a página, estando alocada sobre a quarta coluna do texto de Gonçalves Filho.

Figura 229: Manuscrito de *Mandacaru*, que ilustra texto presente na página S4



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Na lateral direita da página, ao lado da reprodução do manuscrito, há um texto que explica ambas as imagens presentes na página: “**Desenho.** A autora no traço de Loredano (*acima*) e o manuscrito que só agora vem a público (*ao lado*)”. Ilustra o texto de Gonçalves Filho, ainda, um Olho amarelo, que, entre a segunda e a terceira coluna, destaca: “Já em seus primeiros trabalhos destacava-se a presença de personagens femininos fortes, que a acompanhariam sempre”.

O texto seguinte, que ocupa ¼ de S4 e parte de S5, é apresentado pelo seguinte título, em caixa alta: “ESTREIA DEU FORMA A NOVO REGIONALISMO”. A linha fina, exibida abaixo, destaca: “Lançado em 1930, *O Quinze* apresenta matrizes que iriam se tornar recorrentes, como a ênfase nas relações sociais”. O texto, apresentado em cinco colunas (quatro em S4 e uma em S5), apresenta características do romance de estreia de

Rachel de Queiroz, *O Quinze*, e aponta que tal foi um dos pioneiros do movimento Regionalista de 1930. Aspectos que ligam o romance de Queiroz ao Regionalismo são mencionados, bem como características gerais de tal movimento e da obra da escritora. Após o texto, são expostas informações curriculares sobre a autora do mesmo, Walnice Nogueira Galvão, que é professora de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP e autora de alguns livros. Na margem direita da página S4, ao lado do texto de Walnice, há uma pequena fotografia da capa do romance *O Quinze* e, abaixo dela, o seguinte texto: “**Vidas secas.** Capa da primeira edição do romance: neonaturalismo com paisagem de caatinga e os transtornos dos retirantes”.

Figura 230: Diagramação da página S4



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

A página S5, excetuando-se as colunas finais dos textos iniciados em S4, é composta inteiramente por um artigo de Ana Miranda, intitulado “OBRA ACIMA DE TUDO TELÚRICA”, que está alinhado à direita. A linha fina aparece abaixo do título e afirma: “Com o Ceará no centro de sua geografia literária, escritora moldou ficção de testemunho”. Uma fotografia em preto e branco que mostra Rachel de Queiroz jovem, escrevendo à máquina de escrever, é exibida na sequência.

Figura 231: Fotografia de Rachel de Queiroz que ilustra a página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

A fotografia é creditada ao Acervo Rachel de Queiroz do Instituto Moreira Salles. À esquerda da imagem, no topo da página, vemos o seguinte texto: “**Ofício.** Vocação se consolidou em um texto no qual comentava notícia sobre a eleição da Rainha dos Estudantes ‘em pleno regime republicano’”.

O nome de Ana Miranda antecede seu artigo, iniciado em letra capitular com fonte clássica e apresentado em três colunas. Trata-se de um relato em primeira pessoa, que narra aspectos biográficos de Rachel de Queiroz de maneira íntima, próxima. O seguinte trecho revela que, de fato, Ana Miranda conheceu a autora, o que justifica o estilo intimista do texto: “A mim, tentou em todos os nossos encontros convencer de que minha literatura deveria não apenas visitar o Ceará, mas nascer dele, como eu fora nascida. Seus argumentos revelavam muito de sua filosofia literária, e, claro, me inquietavam, embora eu me fundamentasse em outro mito literário, enunciado por diversos autores, mas estabelecido mais fundamente por Fernando Pessoa, de que ‘nossa pátria é nossa língua’”. Após o texto, há a indicação de que Ana Miranda é escritora, tendo publicado vários livros. Entre a segunda e a terceira coluna de texto, vemos um Olho amarelo que destaca: “Nas crônicas, preservava amaneira de falar de sua terra, explorando nichos na linguagem impessoal do jornalismo”. Observa-se, ainda, no canto superior direito da página, a indicação de um endereço de internet em que é possível ver um “especial dedicado a Rachel de Queiroz”.

Figura 232: Indicação de site em que é possível observar mais conteúdos sobre Rachel de Queiroz



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Figura 233: Diagramação da página S5

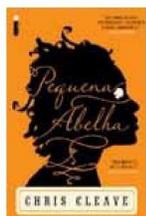


Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

e. Página S6:

Na página S6 temos acesso à seção “Romance”, composta por uma entrevista com o autor inglês Chris Cleave, e uma resenha de seu romance *Pequena Abelha*. No canto superior esquerdo da página, vemos a linha fina que introduz a entrevista: “O inglês Chris Cleave, autor de *Pequena Abelha* – que será levado em breve ao cinema tendo Nicole Kidman no papel principal – fala da construção da trama e do exercício de se colocar no lugar do outro”. À direita da linha fina, ainda no topo da página, estão expostas informações técnicas sobre o livro do qual trata a seção.

Figura 234: Informações técnicas sobre livro mencionado na página S6



PEQUENA ABELHA
Autor: Chris Cleave
Tradução: Maria
Luiza Newlands
Editora: Intrínseca
(272 págs., R\$ 29,90)

Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Na sequência, há o título da entrevista, “NO ABISMO ENTRE O REAL E A FICÇÃO”, exposto em caixa alta, e o nome do responsável pela mesma, Ubiratan Brasil. A entrevista é composta por cinco perguntas e respostas, ocupa $\frac{3}{4}$ da página (parte superior) e é apresentada em quatro colunas. Um texto introdutório, iniciado em letra capitular e fonte clássica, aparece antes da entrevista, destacando o enredo e outros aspectos do livro de Cleave, bem como o fato de que o mesmo ganhará uma adaptação cinematográfica. O autor revela como se deu o processo de elaboração de *Pequena Abelha*, menciona a sua opinião sobre questões da natureza humana e demonstra possuir opinião desfavorável à existência do jornalismo literário: “Penso que, quanto melhor é o jornalista, menos ele tentará escrever relatos reais que se comparem com formas de literatura”, afirma na entrevista. Ilustrando a página, há uma fotografia colorida do rosto sorridente de Cleave, em posição centralizada, acima da segunda e da terceira coluna de texto. Os créditos da imagem são da Editora Intrínseca.

Figura 235: Fotografia do escritor Chris Cleave, que ilustra a página S6



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Na margem direita da página há um breve texto que enfatiza uma frase dita pelo entrevistado: “**Postura.** ‘Duvido que chegará o dia em que precisarei decidir algo que afetará milhões, mas, ao mesmo tempo, posso dar minha contribuição para cada um’, sustenta Cleave”.

Continuando em S6 vemos abaixo, ocupando $\frac{1}{4}$ da página, uma resenha do livro *Pequena Abelha*, de Chris Cleave. O texto é introduzido pelo título “O MUNDO OCIDENTAL VISTO COM SARCASMO” e pela linha fina: “Com uma narrativa apoiada na alternância de vozes das protagonistas, livro busca compor um painel sem maniqueísmo”. O nome de Carol Bensimon, autora da resenha, aparece em seguida. O texto é apresentado em quatro colunas e se inicia em letra capitular (fonte clássica). Bensimon faz uma análise positiva do livro de Cleave, destacando seu enredo e estilo narrativo. “A veia pop de Cleave talvez o impeça de tocar mais a fundo a questão dos exilados políticos, das identidades nacionais e da barbárie que reina em muitas das nações africanas. No entanto, tomando esse caminho, o autor constrói uma narrativa de grande apelo, mas que nem por isso é vazia de questões e de sensibilidade”, afirma-se. Tal aspecto da análise de Bensimon é destacado no Olho amarelo presente entre a segunda e a terceira coluna, no qual se lê: “A veia pop prevalece em relação a questões como a da barbárie que ainda vigora em várias nações do continente africano”.

f. Página S7:

Na página S7 estão as seções “Resenhas” e “Estante”. A metade superior da página é ocupada pela única resenha da seção “Resenhas” de 13/11/2010. No topo, antes de tudo, vemos as informações técnicas do livro resenhado.

Figura 236: Informações técnicas sobre livro resenhado na página S7



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Em seguida, estão dispostos o título, “UMA ‘HISTÓRIA’ IMENSA E CONTROVERSA”, e a linha fina: “Em seu maior projeto, o crítico Wilson Martins procura dar conta do esforço cultural do País em sete volumes”. O nome do autor da resenha aparece na sequência, Luiz Zanin Oricchio. O texto é apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular com fonte clássica, como de costume. Trata-se de uma resenha neutra, que apresenta o ambicioso projeto do livro de Wilson Martins: elaborar “uma história completa da ‘inteligência brasileira’, quatro séculos de esforço cultural de um povo acomodados em sete espessos volumes, mais de 4mil páginas compactas.” Em seguida, afirma-se que a “façanha intelectual do crítico paulista Wilson Martins” é agora reeditada pela UEPG. O texto expõe características de *História da Inteligência Brasileira* e, brevemente, da vida de Wilson Martins, destacando que o autor foi crítico literário no Estadão. Também são indicadas opiniões de críticos sobre a obra de Martins. Por fim, destaca-se que: “Habitado à liberdade do comentário, que praticou à exaustão em seus rodapés literários, Martins comenta, ironiza, polemiza. Como escrevia de maneira clara e direta, a prosa tem sabor. Falta a consciência metodológica que lhe permitiria interpretar com maior profundidade, contextualizar e tirar conclusões mais gerais.” Ilustrando a resenha, há uma fotografia de Wilson Martins na terceira coluna, acima de um “bloco” de texto. A imagem é de divulgação.

Figura 237: Fotografia de Wilson Martins que ilustra a seção "Resenhas"



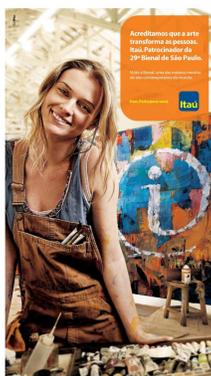
Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Na margem direita da página, estão dispostas informações que contextualizam a presença da imagem na seção: “**Medida.** Martins, que morreu no início deste ano: a inteligência centrada na palavra escrita”. Ilustra o texto, ainda, um Olho amarelo alocado entre a primeira e a segunda coluna, que traz os dizeres: “Habitado à liberdade do comentário, que praticou à exaustão na imprensa, ele cultivava a ironia e as polêmicas”.

A metade inferior da página S7 é preenchida pela seção “Estante” e por uma propaganda do banco Itaú. A seção “Estante” está à esquerda, e apresenta informações sobre oito livros. São exibidas as imagens das capas de tais livros, e, abaixo dessas, os seguintes dados: título; autoria; tradução (quando há); editora; número de páginas; preço e breve sinopse. Os livros mencionados nesta edição são: *A Autobiografia de Todo Mundo*, de Gertrude Stein; *Caçando Eichmann*, de Neal Bascomb; *As Veias Abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano; *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa; *Contos Completos de Lima Barreto*, organizado por Lilia Moritz Schwarcz; *Júlia – Uma Fábula*, de Gabriel Waldman; *Antologia Geral – Pablo Neruda*, de Pablo Neruda e *Helmut Newton Sumo*, organizado por June Newton. No rodapé da seção é indicado o nome de uma livraria em que é possível encontrar ou encomendar os lançamentos importados (também são fornecidos o endereço e o telefone de tal livraria).

À direita da metade inferior de S7, ocupando o mesmo espaço destinado à seção “Estante”, há uma propaganda que anuncia que o banco Itaú é patrocinador da 29ª Bienal de Arte de São Paulo.

Figura 238: Anúncio publicitário presente na página S7



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

g. Página S8:

Em S8, vemos publicada a seção “Ensaio”. No canto superior esquerdo da página, há a linha fina, que indica do que se trata a matéria em questão: “Edição francesa do clássico *Mitologias*, de Roland Barthes, recupera imagens analisadas por ele nos anos 50 ao investigar os mecanismos de influência da sociedade de consumo no dia a dia das pessoas”. Ainda no topo da página, à direita da linha fina, vemos informações técnicas sobre o livro do qual o ensaio trata.

Figura 239: Informações sobre livro do qual trata a seção "Ensaio"



MYTHOLOGIES
Autor: Roland Barthes
(Edição estabelecida
por Jacqueline Guittard)
Editora: Seuil
(Importado, 252
páginas, R\$ 130)

Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

O título, “A IDEOLOGIA POR TRÁS DOS DISCURSOS”, aparece depois. O nome da autora do texto, Leda Tenório da Motta, é exibido na sequência. O texto, iniciado em letra capitular com fonte clássica e apresentado em quatro colunas, destaca a publicação de uma grande quantidade de obras póstumas de Roland Barthes, assim como a também vasta quantidade de intelectuais que se debruçam sobre tais e as demais obras do autor:

“entre seus contemporâneos de maior prestígio, ele é hoje o que mais se resenha, traduz, revê, interpreta, como atesta uma fortuna crítica que, de tão gigantesca, já começa a ser inadmissível, até mesmo para o pesquisador interessado num estado da arte barthesiana”. Em seguida, menciona-se o lançamento da versão ilustrada de *Mitologias*, “título da primeiríssima safra e do mais conhecido, do mais cultuado dos livros de Barthes.” Tal lançamento “entremeia o texto integral de *Mitologias* com 120 ilustrações”, mostrando, assim, as propagandas, pôsteres, fotografias de revistas e imagens afins sobre as quais Barthes fala em seu texto. Destaca-se que o marxismo, “paixão intelectual” de Barthes, se junta às teorias linguísticas de Saussure no livro em questão: “uma coisa é denunciar o valor ideológico da cultura de massa, outra é ir, caprichosamente, ao trabalho dos signos, inclusive ao falatório das legendas das imagens, supondo, com Saussure, que a língua tem profundidade, e trabalhando na faixa de ressonância das palavras, na bolha retórica das conotações, na jactância dos discursos.” Após o texto, vemos a informação de que sua autora, Leda Tenório da Motta, é professora da PUC-SP e autora de diversos livros.

Algumas imagens presentes na versão ilustrada de *Mitologia* são expostas na página, ilustrando-a também. Tais figuras são: uma propaganda, um cartaz de filme e a foto de uma mulher. As imagens estão alinhadas à esquerda, sobre as três últimas colunas de texto. À direita da imagem maior, a propaganda, se lê o seguinte texto explicativo que alude às três figuras: “**Matéria-prima.** Propaganda de sabão em pó; cartaz do filme *A Dama das Camélias* e Greta Garbo: reflexões” (grifo presente na publicação).

Figura 240: Imagens que ilustram o livro *Mitologias*, de R. Barthes, e a página S8



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

Na margem direita da página, à direita da última coluna de texto, vemos uma pequena fotografia do rosto de Roland Barthes, seguida pelas informações: “**Foco.** Rigor de Barthes ajudou a explodir os estereótipos da opinião pública”.

Compõe a página, ainda o anúncio publicitário de um livro da editora Rocco. A propaganda mede 19,7 X 10 cm e está localizada no canto inferior esquerdo da página.

Figura 241: Anúncio publicitário presente na página S8



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (13/11/2010).

3.1.10. Edição 41: 18 de dezembro de 2010

a. Capa:

A imagem de capa da 41ª edição do *Sabático*, de 18 de dezembro de 2010, é uma fotografia em preto e branco do escritor cubano José Lezama Lima. O autor aparece de frente, levando um charuto à boca. A fotografia é creditada a La Primera Palabra/Divulgação. Nota-se que, em marca d'água sobre a imagem, há a letra L em fonte clássica.

Figura 242: Fotografia de José Lezama Lima que ilustra a capa da 41ª edição do *Sabático*



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

Todas as informações em destaque na capa estão alocadas à direita, acima do ombro direito da José Lezama Lima na imagem. A primeira manchete exposta, no canto superior direito da fotografia, divulga a matéria de capa: “EXPRESSÃO CUBANA”. O seguinte texto, apresentado na sequência, explica a manchete acima: “Nascido há um século, José Lezama Lima fez do romance *Paradiso* uma obra de ficção tragada pela poesia. Unindo o regional ao universal, criou um cenário mítico. Págs. S4 e S5”. As seções “História” e “Inédito”, respectivamente, também aparecem em destaque. O título “Nas águas da Guanabara” introduz o conteúdo da seção “História”, explicitado em seguida: “João Cândido, o Almirante Negro, é tema de dois livros Pág. S3”. Quanto à seção “Inédito”, é realçada pelo título “As artérias da pedra”, e pela explicação: “Mario Chamie exercita o seu rigor formal em novos versos Pág. S8”.

No rodapé da página há, como de costume, uma propaganda de carro de luxo. O anúncio mede 29,7 X 10 cm.

Figura 243: Anúncio publicitário presente na capa do *Sabático* de 18/12/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

Figura 244: Capa do *Sabático* de 18/12/2010



Fonte: Capa do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

b. Página S2:

A página S2 apresenta, conforme o usual, as seções “Prosa de Sábado”, “Babel” e “Mais vendidos”. A seção “Prosa de Sábado” ocupa a parte superior da página, e é escrita, desta vez, por Sérgio Augusto. O texto trata da obra do escritor norte-americano John Cheever. O título “O EDWARD HOPPER DA LITERATURA” abre a seção, seguido por informações sobre o autor da mesma.

Figura 245: Informações sobre o autor da coluna "Prosa de Sábado" de 18/12/2010

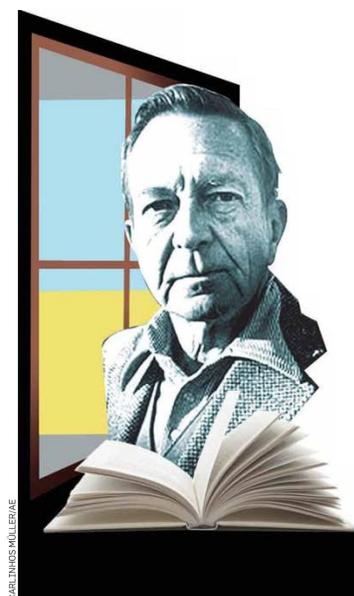


Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

Apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular (fonte comum), o texto de Sérgio Augusto é um relato em primeira pessoa acerca da vida e da obra do contista

John Cheever, cujo livro *28 contos*, uma “compilação mais robusta de narrativas curtas do autor”, foi recentemente lançado no Brasil. O último parágrafo do texto apresenta uma comparação entre o escritor e Edward Hopper, o que justifica o título do ensaio: “Cheever é, acima de tudo, o Edward Hopper da literatura. Ele e Hopper compartilham o mesmo interesse pela solidão e pela luz, pela solaridade e pelo sombrio, pelas melancólicas residências da Nova Inglaterra e pelos soturnos quartos de hotéis de Manhattan. A poesia elegíaca que ambos extraem de realidades e figuras as mais prosaicas talvez explique a perene reputação de suas obras.” Ilustra o texto uma montagem de autoria de Carlinhos Müller/AE, que utiliza uma fotografia de John Cheever, remetendo, assim, ao assunto central da coluna.

Figura 246: Montagem que ilustra a seção "Prosa de Sábado" de 18/12/2010



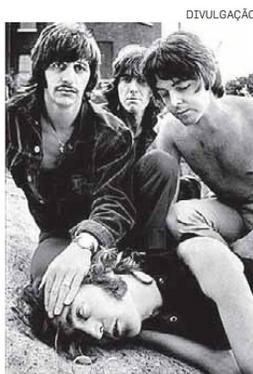
Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

A figura está entre a terceira e a quarta coluna de texto. O texto da quarta coluna é diagramado de maneira a acompanhar os contornos da imagem. A terceira coluna não é afetada pela presença da imagem.

Na parte inferior de S2 estão as seções “Babel” e “Mais vendidos”. “Babel”, à esquerda, apresenta sete breves notícias sobre o mercado editorial. Antes do título de cada notícia, há uma palavra, apresentada em caixa alta e cor vermelha, que a tematiza. Ao lado

do nome da seção, vemos o nome e o endereço de e-mail de Raquel Cozer, responsável por essa. A primeira palavra em destaque é “MÚSICA”, que antecede o título “Livro com fotos inéditas registra um dia na vida dos Beatles em 1968”. Tal notícia é o destaque da seção, sendo apresentada no topo, em três colunas (uma ocupada por uma imagem ilustrativa). Noticia-se o lançamento de *A Day In The Life of the Beatles*, livro de fotografias de Don McCullin que contém imagens inéditas dos Beatles. No livro, que sairá em maio de 2011 no Brasil pela Cosac Naify, “os FAB Four aparecem rindo, dançando e fazendo palhaçadas em Londres.” Ilustrando a notícia, há a divulgação de uma das fotografias que compõem o livro.

Figura 247: Fotografia que ilustra a primeira notícia da seção "Babel"



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

À direita da imagem, vemos o seguinte texto, que esclarece a foto: “**Let it be.** Lennon se faz de morto, com Ringo, George e Paul McCartney”. A notícia seguinte é destaca pela palavra “REPORTAGEM” e pelo título “Desastres aéreos”. Afirma-se que “Ivan Sant’Anna acaba de entregar à Objetiva os originais de *Perda Total*, minuciosa reportagem sobre três desastres aéreos das ultimas décadas”. O título deve sair em junho/2011. Separado desse parágrafo noticioso apenas por um asterisco (*), há um outro, que indica que Sant’Anna foi muito consultado pela imprensa na ocasião dos dois últimos acidentes aéreos no Brasil, já que “em 2001, lançara com sucesso *Caixa Preta*”, também tratando de desastres aéreos no país. Em seguida, vemos a definição “HISTORIOGRAFIA” e o título “Clássicos e inéditos”. A notícia explica que o recente lançamento de *Considerações Sobre as Causas da Grandeza dos Romanos e Sua Decadência*, de

Montesquieu, é apenas o primeiro de “12 clássicos da historiografia moderna nunca antes traduzidos e que integrarão a nova coleção Monumenta”. Na sequência, vemos a fotografia em branco e preto de um homem.

Figura 248: Fotografia que ilustra notícia da seção "Babel"



Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

Abaixo da imagem, estão a definição “CINEMA” e o título “Anos vermelhos”, abrindo a notícia de que a biografia do cineasta Luis Buñuel, *Los Anos Rojos de Luis Buñuel*, de Roman Gubern e P. Hammond, sairá no Brasil. A próxima nota é encabeçada pela palavra “INTERNET” e pelo título “Depois do Facebook, o blog”. Informa-se que, após transferir todo o conteúdo de seu site para o Facebook, a editora Intrínseca “estreia blog, com notas e reportagens, na pagina www.intrinseca.com.br/site.” Continuando em “Babel”, vemos a palavra “TELEVISÃO” e o título “O livro que inspirou *Mad Men*”, abrindo uma notícia que indica que o livro que inspirou a série televisiva *Mad Men*, de Jerry Della Femina, será lançado no Brasil. Já a derradeira notícia da seção, realçada pela palavra “DEFINIÇÕES” e pelo título “Agir e Nova Fronteiraem 2011”, indica que os selos do Grupo Ediouro terão formatos definidos em 2011. A Agir terá “ficção comercial, juvenis, livros de gastronomia e negócios”, e a Nova Fronteira publicará a alta literatura. Abaixo da seção “Babel”, vemos o expediente do *Sabático*, com a indicação dos nomes dos responsáveis pelas diversas tarefas executadas durante o desenvolvimento do suplemento.

À esquerda da parte inferior de S2 está a seção “Mais vendidos”. Nessa, indica-se a lista de dez livros mais vendidos de ficção e não ficção entre 6 e 12 de dezembro. No rodapé da seção, estão informações sobre a fonte da lista, o período de vendas considerado e as livrarias consultadas.

A página S2 traz, ainda, um anúncio publicitário em seu rodapé. Medindo 29,7 X 5 cm, a propaganda anuncia a venda da *Trilogia Beijada por um Anjo* no site Submarino.

Figura 249: Anúncio publicitário presente no rodapé da página S2

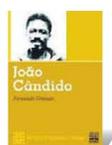


Fonte: Página S2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

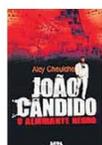
c. Página S3:

A página S3 é preenchida pela seção “História”, que anuncia o lançamento de dois livros sobre um personagem da história brasileira, João Cândido Felisberto, também conhecido como Almirante Negro. No canto superior esquerdo da página está a linha fina, que destaca: “Dois livros recém-publicados revisitam a acidentada trajetória de João Cândido Felisberto, personagem central da Revolta da Chibata, ocorrida em 1910 para encerrar os maus-tratos então vigentes na Marinha”. À direita da linha fina, ainda no topo da página, vemos informações técnicas dos livros mencionados na seção.

Figura 250: Informações técnicas sobre livros mencionados na página S3



JOÃO CÂNDIDO
Autor: Fernando Granato
Editora: Selo Negro
(128 págs., R\$ 21)



**JOÃO CÂNDIDO –
O ALMIRANTE NEGRO**
Autor: Alcy Cheuiche
Editora: L&PM
(176 págs., R\$ 32)

Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

O título aparece mais abaixo, em caixa alta: “O HERÓI NEGRO EM SEU LABIRINTO”. O nome da autora do texto, Lilia Moritz Schwarcz, é exibido na sequência. Iniciado em letra capitular com fonte clássica e apresentado em quatro colunas, o ensaio em questão se foca, inicialmente, em mostrar o contexto histórico em que viveu João Cândido, personagem que é foco dos dois livros lançados. Assim, retoma um período de revoltas na história do Brasil, do qual fez parte o Almirante, que participou da Revolta da Chibata de 1910: “Canudos (1897-1900) a Revolta da Armada (1902-3), a Revolta da Vacina (1904),

Contestado (1912), e finalmente a Revolta da Chibata.” Além de citar acontecimentos históricos, o texto revela a história pessoal de João Cândido Felisberto, mencionando diversos episódios dramáticos que fazem parte de sua biografia. Acerca dos lançamentos editoriais sobre João Cândido, menciona-se brevemente que se tratam de “duas oportunas publicações recentes: um livro de não ficção, *João Cândido*, resultado de pesquisa criteriosa empreendida pelo jornalista Fernando Granato; e outro de ficção, *João Cândido – O Almirante Negro*, escrito por Alcy Cheuiche”. E, ainda, no último parágrafo do texto, há mais uma menção aos livros: “São muitas as personagens de nossa historia que continuam esquecidas, proibidas ou mal lembradas. O Almirante Negro, que morreu no anonimato da Praça XV e negando ser quem era, tem agora sua vida romanceada e devidamente documentada.” Após o texto, vemos informações curriculares sobre a autora do mesmo, Lilia Moritz Schwarcz, que é professora do Departamento de Antropologia da USP e autora de diversos livros.

Ilustra a seção uma fotografia em preto e branco do Almirante Negro, alocada no centro do texto, sobre a segunda e a terceira coluna.

Figura 251: Fotografia de João Cândido, o Almirante Negro, que ilustra a pág. S3



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

A imagem é de reprodução. Na margem direita da página há um texto que alude à imagem, indicando: “**Milagre dos peixes.** Cândido, trabalhando na Praça XV: rechaço aos oportunistas e reconhecimento”. Ilustra a seção, ainda, um Olho amarelo localizado entre a segunda e a terceira coluna, no qual se lê: “Inspirados na vida do ‘Almirante’, João Bosco e Aldir Blanc fizeram a canção ‘O Mestre-Sala dos Mares’ em1975”.

A página S3 possui, também, um anúncio publicitário, presente no canto inferior esquerdo, ocupando quase todo o rodapé da página. A propaganda em questão é de um livro da editora Rocco. O anúncio mede 19,7 X 10 cm.

Figura 252: Anúncio publicitário presente na página S3



Fonte: Página S3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

d. Páginas S4 e S5:

A seção “Capa” ocupa as páginas S4 e S5 e é composta por três artigos acerca do escritor cubano José Lezama Lima. No topo superior esquerdo de S4, vemos alinha fina do primeiro artigo da seção: “O autor de *Paradiso*, cujo centenário de nascimento transcorre amanhã, explorou nesse romance a estética barroca, criando um mundo onde o que importa são apenas as imagens poéticas”. A metade superior da página S4 é ocupada inteiramente pela linha fina mencionada e por uma caricatura do autor cubano, creditada a Loredano.

Figura 253: Caricatura de José Lezama Lima que ilustra a página S4



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

O título do texto aparece na metade inferior da página, logo abaixo da caricatura: “O PARAÍSO INVERTIDO DE LEZAMA LIMA”. O nome do autor do artigo, Carlos Granés, aparece em seguida. O texto é apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular com fonte clássica. Trata-se da indicação de características da literatura de Lezama Lima e, mais especificamente, do enredo do livro *Paradiso*: “Embora Lezama Lima seja principalmente um poeta, o apogeu e a síntese do seu mundo é *Paradiso*, um extraordinário romance no qual trabalhou lentamente, desde o fim dos anos 40 até meados dos 60, pondo em prática sua estética barroca e a sua maior ambição: criar um sistema poético do mundo, onde os atos humanos, as reflexões pessoais, as ideias ou a lógica causal não importam, o que conta são apenas as imagens poéticas”, afirma-se. O enredo de *Paradiso* é comparado ao mito judaico-cristão do Jardim do Éden, mas afirma-se que o livro de Lezama Lima mostra um paraíso invertido: “José Cemi e os demais personagens, longe de viver num estado de inocência primitiva, respiram um ar carregado de sexualidade e conhecimento.” Após o texto, vemos a informação de que o mesmo foi traduzido por Terezinha Martino; e algumas informações curriculares sobre o autor do mesmo, Carlos Granés (que é Doutor em Antropologia Social e autor de vários livros).

Ilustram o texto, além da caricatura, dois olhos amarelos que destacam aspectos mencionados no mesmo. O primeiro Olho está entre a primeira e a segunda coluna de texto e ressalta um aspecto do romance *Paradiso*: “O protagonista é José Cemí, um garoto que perde o pai, liga-se à mãe – e descobre a vocação para as letras”. O segundo, que está entre a terceira e a quarta coluna, aponta uma qualidade da literatura de Lezama Lima destacada no texto: “O dia a dia em Cuba adquire ao longo da trama uma dimensão lírica, enobrecida pelo registro erudito”. Há, ainda, algumas informações técnicas sobre o livro de Lezama aqui mencionado, dispostas verticalmente na margem direita da página.

Figura 254: Diagramação da página S4



Fonte: Página S4 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

Outros artigos que tratam da obra de Lezama Lima estão dispostos em S5. A metade superior da página é ocupada um por um deles, intitulado “DECLARAÇÃO DE AMOR À ILHA NA TELA”. A linha fina, exibida na sequência, indica do que trata o texto: “Referências cinematográficas – implícitas ou explícitas – à obra do ficcionista renovam o interesse por sua literatura”. O nome de Luiz Zanin Oricchio, autor do texto, aparece mais abaixo, antes do início do texto. Apresentado em quatro colunas, esse artigo também se inicia em letra capitular com fonte clássica, e trata da influência exercida por Lezama Lima em *Morango e Chocolate*, de Tomas Gutierrez Alea e Juan Carlos Tabio, considerado o maior sucesso internacional do cinema cubano. A tese defendida é a de que, dentre inúmeras referências ao escritor no filme, uma óbvia é a de que o personagem Diego é “uma persona bastante próxima de Lezama. Homossexual, sofisticado ao extremo, de gostos refinados em todas as áreas, incluindo a culinária, ele, como tantos outros intelectuais, sofreu para se adaptar a uma revolução que tinha muitas carências e outras prioridades.” Características de outros filmes cubanos também são mencionadas.

Ilustrando o texto há, alinhada à direita, uma imagem filme *Morango & Chocolate*, conforme podemos compreender após a leitura de um texto alocado na margem direita da página, que afirma: “**Homem, mulher.** Jorge Perugorría e Mirta Ibarra em cena de *Morango e Chocolate*: um homossexual e uma ex-prostituta no centro de uma sociedade sem tolerância sexual”.

Figura 255: Imagem que ilustra texto da página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

Continuando em S5, observamos que a metade inferior da página é dividida ao meio verticalmente. À esquerda, temos outro texto sobre o escritor cubano José Lezama Lima. À direita, um anúncio publicitário. O texto em questão é introduzido pelo título: “NOME QUE MARCOU TODA UMA GERAÇÃO”. A linha fina, que aparece na sequência, indica do que trata o artigo: “Fora de catálogo no mercado brasileiro, o cubano foi central para iniciantes de sua terra natal, nos anos 80”. O texto é assinado por Raquel Cozer, cujo nome é exibido em seguida. Apresentado em duas colunas e iniciado em letra capitular com fonte clássica, trata-se de um texto que apresenta uma série de fatos sobre a recepção da obra de Lezama no Brasil e em outras partes do mundo. Afirma-se que não é fácil encontrar livros do cubano nas livrarias online do Brasil, estando disponíveis apenas edições importadas. No entanto, “o cubano Amir Valle, de 43 anos, hoje ‘se atreve a assegurar’ que a obra de Lezama é mais conhecida fora de Cuba do que na ilha.” Valle afirma, ainda, que hoje “se tenta esconder uma verdade: Lezama foi marginalizado e censurado por um governo que o acusou de não integrado, de autor de elite, mas também por escritores que depois foram para o exílio. A revolução não pôde esmagá-lo porque já era respeitado no mundo todo, mas o cercou de muitas maneiras”. Por fim, mencionam-se eventos que ocorreram em celebração ao centenário de nascimento de Lezama. Alocado entre as duas colunas do texto, há um Olho amarelo, que destaca: “‘Há mais colegas que apenas dizem tê-lo lido do que aqueles que de fato o leram’, afirma romancista conterrâneo”.

À esquerda da metade inferior da página há, conforme mencionado, um anúncio publicitário, ocupando o mesmo espaço destinado ao texto de Raquel Cozer.

Figura 256: Anúncio publicitário presente na página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

Figura 257: Diagramação da página S5



Fonte: Página S5 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

e. Página S6:

Compõem a página S6 as seções “Literatura francesa” e “Do Suplemento Literário”, respectivamente. “Literatura francesa” ocupa $\frac{3}{4}$ da página e está na parte superior. Trata-se de um texto acerca da biografia do escritor francês Jean Genet, cujo centenário de nascimento foi comemorado um dia após a publicação da edição do *Sabático* em questão. O biógrafo responsável por retratar a vida de Genet foi o americano Edmund White, que concedeu entrevista ao *Sabático*. Sendo assim, a seção é focada na descrição de aspectos da biografia escrita por White, não deixando, pois, de revelar fatos sobre a vida de Genet.

Afirma-se que o livro de White é a única biografia “exaustivamente pesquisada” sobre o escritor francês, já que outras “tratam de sua literatura e filosofia, esbarrando apenas em temas espinhosos que seu biógrafo não evita.” No canto superior esquerdo de S6 vemos a linha fina que remete à seção “Literatura francesa”: “Nos 100 anos do criador de *O Balcão* e *As Criadas*, o norte-americano Edmund White diz que ele não foi nem de longe o ‘santo’ descrito por Jean-Paul Sartre nem o ‘diabo’ pintado por seus inimigos”. O título aparece em seguida, exposto em letras maiúsculas: “JEAN GENET VISTO POR SEU BIÓGRAFO”. O nome de Antonio Gonçalves Filho, responsável pela seção, aparece em seguida. O texto é apresentado em quatro colunas e iniciado em letra capitular com fonte clássica. Entre a primeira e a segunda coluna, há um Olho amarelo que destaca uma característica de Jean Genet mencionada tanto em sua biografia quanto no texto do *Sabático*: “A defesa ostensiva dos palestinos foi mais um gesto emocional que político, assegura o estudioso de seu trabalho”. Também ilustra a seção uma fotografia em preto e branco de Genet, localizada à direita, acima das duas últimas colunas de texto.

Figura 258: Fotografia de Jean Genet que ilustra a seção "Literatura francesa"



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

A imagem é de reprodução. À direita da mesa, na margem direita da página, vemos o seguinte texto explicativo, que contextualiza a fotografia: “**Rebelde com causa.** Genet antes de se tornar ativista e escrever panfletos para os Panteras Negras, nos anos 1970”. Mais abaixo, ainda na margem direita da página, vemos outro breve texto, intitulado “NO BRASIL”. Expõem-se aqui informações técnicas (editora, número de páginas e preço) das biografias e dos livros de Genet que foram publicados no Brasil.

Continuando em S6 vemos, na parte inferior da página (ocupando ¼ dessa), a seção “Do Suplemento Literário”. O texto aqui publicado se relaciona com o da seção anterior devido ao seu tema: é apresentada a análise de um livro de Jean Genet. A primeira informação que vemos é a data original de publicação do artigo ali presente, 15.7.1961. Em seguida, vemos o título, em caixa alta: “A FAVOR DOS HUMILHADOS E OFENDIDOS”. A linha fina, “Análise de *Les Nègres* pôs em primeiro plano a técnica do dramaturgo para revelar as armadilhas preparadas pelas classes dos poderosos”, aparece em seguida. O nome do autor do artigo, Cleber Ribeiro Fernandes, é exibido logo abaixo da linha fina. O texto é apresentado em três colunas, embora a seção esteja diagramada em quatro. Explico: a segunda coluna é ocupada pela imagem da página do *Suplemento Literário* em que o artigo ali exposto originalmente figurou impresso.

Figura 259: Página do SL que ilustra a seção "Do Suplemento Literário"



Fonte: Página S6 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

Abaixo da imagem, ainda na segunda coluna, vemos as seguintes informações: “O SUPLEMENTO LITERÁRIO CIRCULOU NO ESTADO ENTRE 1956 E 1974. FOI MANTIDA AQUI A ORTOGRAFIA ORIGINAL DO ARTIGO”. Na publicação, vemos uma análise que destaca alguns pontos do enredo de *Les Nègres*, peça de Genet. Destaca-se que em “‘Les Negres’, é a raça negra que, tomando a si as prerrogativas da raça branca, se julga a si própria para, finalmente, saborear a inversão da posição inicial: são os brancos, ausentes do palco, que acabam por merecer a condenação por eles mesmos preparada.” Para tanto, de acordo com Genet, o drama “devera ser representado para uma platéia de brancos. Já que foi escrito por um branco, trata-se de uma conversa entre brancos sobre

negros – pressuposto indispensável para que o drama funcione.” Após o trecho, vemos a indicação de um endereço da internet em que é possível fazer a leitura do texto integral. Na margem direita da página, ao lado da seção em questão, vemos um texto intitulado “À MARGEM, NO CENTRO”, que apresenta dados biográficos de Jean Genet. Destaca-se que “Genet nasceu em Paris na mesma data de José Lezama Lima, tema de capa desta edição: 19 de dezembro de 1910.”

f. Página S7:

Na página S7 estão as seções “Resenhas” e “Estante”. A seção “Resenhas” aparece primeiro, ocupando a metade superior da página. Nesta edição, somente um resenha está exposta na seção. Antes do texto, vemos informações técnicas sobre o livro resenhado, no topo da página.

Figura 260: Informações sobre livro resenhado na página S7

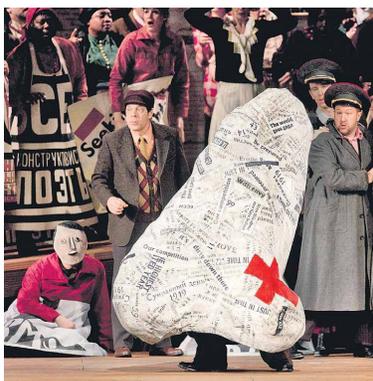


Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

O título “A NARRATIVA RADICAL DE NIKOLAI GÓGOL” abre a resenha, seguido pela linha fina: “Coletânea de contos reúne obras-primas do escritor, cujos relatos singulares e cômicos se aproximam do absurdo”. O nome de Aurora F. Bernardini, autora do texto, é exibido em seguida. A resenha é apresentada em quatro colunas e iniciada em letra capitular com fonte clássica. Afirma-se aqui que o livro *O Capote e Outras Histórias* de Nikolai Gógol é aberto “com nada menos do que as três obras-primas do Gógol contista”. Assim, passam-se a indicar aspectos do enredo dos contos mencionados, bem como os pontos de vista de alguns críticos sobre os mesmos. Após a resenha, vemos informações curriculares de sua autora, Aurora F. Bernardini, que é professora de pós-graduação em Literatura Russa da Universidade de São Paulo e autora e tradutora de vários títulos. Ilustra a resenha uma fotografia colorida, que mostra a encenação de uma peça. A

imagem está alocada no centro da seção, sobre a segunda e a terceira coluna de texto. Os créditos são de Ken Howard/Metropolitan Opera.

Figura 261: Fotografia que ilustra a seção "Resenhas"



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

Na margem direita da página, à direita da seção “Resenhas”, vemos uma pequena imagem do rosto de Gógol e, abaixo dela, o seguinte texto, que alude às figuras presentes na seção: “**Palco.** Na foto maior, montagem em Nova York (2010) da ópera *O Nariz*, de Dmitri Shostakovich, baseada no texto de mesmo nome de Gógol (*acima*), incluído no livro”.

Continuando em S7 observamos que a metade inferior da página é dividida horizontalmente em duas partes iguais. Sendo assim, a seção “Estante” ocupa uma dessas partes, a que está mais acima, ou $\frac{1}{4}$ da página. Geralmente, tal seção é apresentada de maneira vertical, exibindo quatro livros em cima e mais quatro em baixo. Desta vez, a seção é apresentada na horizontal, mostrando os oito livros um ao lado do outro. São exibidas a imagem da capa e algumas informações sobre tais obras (nome; autoria; tradução – quando há; editora; número de páginas; preço e breve sinopse). Os livros apresentados nesta edição são: *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift; *A Queda*, de Guillermo del Toro e Chuck Hogan; *Um Homem Misterioso*, de Martin Booth; *Kappa e o Levante Imaginário*, de Ryunosuke Akutagawa; *Ave Maria Expositio*, de Santo Tomás de Aquino; *Sete Dias no Mundo da Arte*, de Sarah Thornton; *Decision Points*, de George W. Bush e *Bunny Williams’ Scrapbook for Living*, de Bunny Williams. Na lateral direita da página, à direita da seção “Estante”, vemos a informação de que os lançamentos importados podem ser

encontrados na Livraria Cultura. São fornecidos o endereço e o telefone da livraria em questão.

Ocupando o mesmo espaço que a seção “Estante”, ou seja, ¼ da página, vemos no rodapé o anúncio publicitário de um livro da editora Record.

Figura 262: Anúncio publicitário presente no rodapé da página S7



Fonte: Página S7 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

g. Página S8:

A página S8 traz a seção “Inéditos”, com três poemas do novo livro de Mario Chamie. No canto superior esquerdo da página, vemos a linha fina, que explica o conteúdo da seção: “Poemas do volume no qual trabalha atualmente o paulista Mario Chamie – ainda sem data prevista de lançamento –, após bem-sucedida incursão na prosa ficcional com *Pauliceia Dilacerada* (2009)”. O título aparece em seguida, em caixa alta: “ARTÉRIAS DA PEDRA E OUTROS VEIOS”. Os três poemas são exibidos depois, em três colunas. São intitulados, respectivamente, “As Artérias da Pedra”; “A Chícara” e “Livro Aberto”. Os poemas rodeiam uma imagem ilustrativa que ocupa toda a extensão da página. Trata-se de uma montagem de autoria de Carlinhos Müller/AE.

Figura 263: Montagem que ilustra a seção "Inéditos"



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

Na lateral direita da página, no canto inferior, vemos uma pequena fotografia do rosto de Mario Chamie, seguida por informações (nome; idade; origem e principais obras) sobre o autor.

O rodapé da página S8 também é ocupado por anúncios publicitários. A primeira propaganda, à esquerda, mede 19,7 X 10 cm e divulga o lançamento de um livro da editora Rocco. A segunda, à direita, mede 9,6 X 10 cm e anuncia o caderno “Estadinho”, do próprio jornal *O Estado de S. Paulo*. Tal rodapé ocupa ¼ da página.

Figura 264: Anúncios publicitários presentes no rodapé da página S8



Fonte: Página S8 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* (18/12/2010).

4. Capítulo IV – *Sabático*: renovação de um modelo consagrado?

Como produto social, o Jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e suas contradições. Nenhum modo de conhecimento disponível está completamente imune a isto.

Eduardo Meditsch

O Jornalismo é uma prática social, e, enquanto tal, está em constante transformação devido à volatilidade dos meios em que circula e é praticado. O jornal lida com notícias, que são sinônimos de novidades, por isso é um produto, especialmente, que se transforma e se adéqua às demandas do tempo presente, procurando se manter atualizado. Nesse processo constante de atualização, busca caminhos para seguir e espaços para ocupar, tentando se manter presente e relevante no cotidiano das pessoas, acabando por expor as contradições inerentes à sociedade em que se insere.

Para Bauman (2001), vivemos em tempos de modernidade líquida, o que significa que mudanças são comuns. Segundo o autor, podemos considerar os tempos modernos como líquidos, já que eles se alteram fácil e rapidamente, não possuindo uma forma fixa ou “solidez duradoura”. Portanto, entende-se que o Jornalismo, sendo uma atividade intrinsecamente ligada à realidade socialmente vivida, não tem como escapar de tal definição. Se os tempos são líquidos e incertos, também o é o Jornalismo. As mudanças que afetam os modos de vida social também afetam diretamente o Jornalismo, logo, entendemos que as reformas gráficas pelas quais passam periodicamente os jornais são fenômenos esperados na modernidade líquida.

Manuel Castells (1999) explica que a difusão da televisão afetou profundamente os demais meios de comunicação, sendo que os jornais e revistas se especializaram no aprofundamento de conteúdos. Mais uma vez, vivemos em um momento de transformação dos meios de transmissão de informações, com os jornais impressos lutando para garantir sua sobrevivência, procurando se transformar para atender às demandas atuais da sociedade de consumo. Essa luta se origina no fato de que a internet, hoje, representa um meio muito mais veloz e acessível de divulgação de notícias, com crescente aceitação popular.

Nesse contexto, muitos apostam que o jornalismo impresso sobreviverá se oferecer algo que a internet não oferece: não notícias, mas comentários e reflexões aprofundadas sobre os fatos que as pessoas já conhecem. Curiosamente, assim como quando a televisão se propagou, novamente a saída para o Jornalismo está no aprofundamento de conteúdos, feito de maneira cada vez mais especializada.

Para Neil Postman (1985), a televisão representa uma ruptura histórica com a mente tipográfica. Postman *apud* Castells (1999) esclarece que “a tipografia tem a tendência mais forte para a elucidação: capacidade sofisticada de pensar de maneira conceitual” (p. 355). Assim, a palavra escrita é comumente associada à erudição, ao desenvolvimento cultural e estético dos sujeitos. Deste modo, o *Estadão* apostou nessa ideia ao lançar o *Sabático* em um contexto de incertezas, reafirmando a noção de Postman, ao invés de tentar reproduzir o estilo rápido e superficial das mídias eletrônicas, como fizeram outros jornais.

Mas, além de apostar na valorização da “mente tipográfica” e da reflexão, o *Estado* investiu no resgate da herança do *Suplemento Literário*, de certa forma amenizando o risco de sua aposta. Se, por um lado, abraça um estilo contrário ao adotado por seus concorrentes diretos, por outro o faz de maneira amparada pela tradição de um veículo famoso e importante, que faz parte da história do jornal.

Assim, o *Sabático* é o principal produto oriundo da última reforma gráfica e editorial pela qual passou o jornal *O Estado de S. Paulo* (em março de 2010), e faz parte da luta pela sobrevivência do veículo impresso, em constantes renovações para manter seus leitores e atrair novos. Os tópicos a seguir expõem as características e o contexto de criação do *Novo Suplemento Literário*, como foi concebido por seus responsáveis.

4.1. Concepção e contexto de criação

O *Sabático* surgiu da necessidade de renovação do suplemento *Cultura*, que circulou no *Estado de S. Paulo* entre 15 de junho de 1980 e 07 de março de 2010. O jornalista Rinaldo Gama, que editava o *Cultura*, estava entre os encarregados de pensar em uma proposta de renovação para o caderno. Em pouco tempo, decidiu-se pela eliminação do *Cultura* e pela criação de um suplemento totalmente novo, no qual foram aproveitadas algumas ideias que Gama já havia elaborado para incluir, a princípio, no extinto caderno

(como a seção de notícias “Babel”). Antes mesmo da decisão sobre quais seriam as especificidades do novo caderno, Gama foi encarregado de editá-lo, e participou do conselho que criou o novo suplemento.

Dessa forma, a história do *Sabático* começa com a história da chegada de Rinaldo Gama ao jornal. Em outubro de 2008, o jornalista, que possui experiência em redação de revista, por ter trabalhado por 8 anos na *Veja*, foi convidado a editar o caderno *Aliás*. O *Aliás* é um suplemento, criado na reforma gráfica e editorial ocorrida em outubro de 2004, que visa ser uma espécie de revista semanal, “um caderno que tem, portanto, uma pegada intelectual, cultural, porque ele quer aprofundar os assuntos que foram os mais destacados da semana (...) como se fosse uma revista, uma revista semanal” (Gama, 2011, em entrevista³⁸). Sobre o *Aliás*, Gama destaca:

Então você pega um assunto da semana e você entrevista um grande especialista sobre aquele assunto, ou mais de um, ou você encomenda artigos sobre aquele tema e assim por diante. Então é um caderno que, não por acaso aqui no *Estadão*, também está sob a mesma chefia executiva em que estão o *Sabático*, o *Caderno 2*, que são cadernos mais propriamente de artes e espetáculos. (GAMA, 2011, em entrevista)

A abordagem do jornal para o caderno/revista semanal *Aliás*, logo, o aproxima dos cadernos culturais, seja pela forma como os conteúdos são apresentados, de maneira mais analítica, seja pela chefia executiva, que é a mesma. Assim, Gama, que entrou no jornal por ter experiência em revista, se aproximou da área cultural. Na verdade, ele editou o *Aliás* por poucos meses, indo para o *Cultura* em março de 2009, já com a incumbência de renová-lo.

Em março de 2009 eu fui transferido para um caderno que se chamava *Caderno 2/Cultura*, que era um caderno que saía aos domingos, com a incumbência de fazer um novo caderno, de transformar esse caderno, cuja contribuição, segundo o entendimento do jornal, já havia sido dada, era preciso que ele fosse renovado. Então eu comecei a trabalhar no projeto da renovação do antigo *Cultura* com a Laura Greenhalgh, que é a editora executiva para os cadernos e suplementos culturais do *Estadão*, com esse objetivo: fazer o novo *Cultura*. Era assim que a gente chamava: o novo *Cultura*. (GAMA, 2011, em entrevista)

³⁸ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa pessoalmente em 19 de setembro de 2011.

Gama conta que primeiramente foi decidido que o *Cultura* mudaria de dia, do domingo para o sábado, e que seria totalmente reformulado. Em seguida, que ele deveria ter um outro nome, já que mudaria de dia e seria remodelado. Por fim, veio a ideia de torná-lo um caderno só de livros.

Numa terceira reunião surgiu da pessoa que, na ocasião, era o editor chefe do jornal, mas estava deslocado para fazer a reforma gráfica do jornal como um todo, que é o Roberto Gazzi, a sugestão de que o caderno fosse voltado só para livros, e não para todas as áreas da cultura como era o *Caderno 2* de domingo, o *Cultura*. (GAMA, 2011, em entrevista)

A jornalista e ex-repórter do *Sabático* Raquel Cozer reforça a noção de que o jornal tomou a decisão de criar um novo Suplemento, voltado apenas a livros, que foi uma ideia e uma aposta feita naquele momento de renovação do *Estado*. Mas ela também ressalta que essa aposta foi feita de maneira incerta, pois não havia garantias de que o lançamento do caderno de livros seria uma empreitada de sucesso.

Me chamaram para o *Estadão* em dezembro de 2009, ainda não tinha o *Sabático*, era o caderno *Cultura*, que era de domingo. (...) Então, quando eu entrei, acho que eles nem tinham certeza ainda. Eu entrei em dezembro e a reforma do *Estadão* foi em março. Já tinha sido proposto um caderno só de livros, o nome foi o Rinaldo que sugeriu, já era uma coisa meio que estava em vias de, mas eles tinham uma dúvida se não era meio anacrônico, num momento em que todos os cadernos de livros estavam acabando, fazer um só para livros. Então, a ideia original, que eu saiba, era puxar o caderno de domingo para sábado e, talvez, transformá-lo num caderno só de livros, mais profundo e tal. Então, quando eu fui para lá eles já me falaram isso, em dezembro de 2009. (COZER, 2011, em entrevista)

Rinaldo Gama também afirma que houve hesitação em relação ao lançamento do suplemento de livros, mas que o jornal acabou achando que ir contra a corrente seria algo positivo.

O que o jornal fez foi um movimento, de certa maneira, na contracorrente do que estava sendo verificado no mundo. Eu falei isso nesse dia, quando houve essa proposta eu falei isso. Para mim, que tenho essa formação [em semiótica], não poderia haver notícia melhor, que o jornal fizesse um caderno dedicado a livros. Mas era bom lembrar que não fazia muito tempo o *Washington Post*, por exemplo, havia fechado o seu caderno de livros. Portanto, nós estávamos indo na contracorrente, o que era excelente. Quando você vai na contracorrente significa que você é ousado, que você vai balançar o mercado, que você vai realmente

renovar. E aí comecei a trabalhar em cima do projeto que era originalmente para um novo *Cultura*, e comecei a ver o que desse projeto poderia ser aproveitado para o caderno que fosse só de livros e o que mais ele precisaria ter sendo, portanto, um caderno dedicado só a livros. (GAMA, 2011, em entrevista)

Raquel Cozer também revela que foi cogitada a possibilidade de relançar o *Suplemento Literário*: “com certeza o *Sabático* só foi criado como uma celebração do *Estadão*. Eles chegaram até a pensar em colocar o nome de *Suplemento Literário* de novo, mas acharam melhor não. Acharam que talvez ficasse parecendo uma coisa mais antiga e tal” (Cozer, 2011, em entrevista³⁹). Rinaldo Gama confirma que realmente o grupo responsável pela criação do novo caderno cultural pensou na hipótese de relançar o *Suplemento Literário*. Esse grupo, formado por Gama, Laura Greenhalgh (editora executiva da área cultural), Roberto Gazzini (editor chefe do jornal) e Francisco Amaral (sócio do escritório de design responsável pela reformulação do jornal), chegou à conclusão de que seria mais coerente lançar um caderno novo, já que a proposta do jornal era a de se renovar. Entretanto, acharam que seria conveniente criar a seção “Do Suplemento Literário”⁴⁰ no novo caderno, a fim de resgatar a memória (e o prestígio) do SLOESP.

A conclusão foi que não, [relançar o SLOESP] não era uma boa ideia. Porque a transformação do *Cultura*, a minha saída do *Aliás* para o *Cultura* veio, entre outras razões, pelo fato de que o jornal gostaria que o caderno fosse renovado. Ora, se o *Cultura* seria renovado não fazia muito sentido você, ao tomar a decisão de fazer um caderno de livros, você voltar. Vamos continuar nessa linha, de fazer uma coisa nova. Mas, considerando que o *Suplemento Literário* que circulou entre 56 e 74, foi um marco do jornalismo cultural brasileiro, o Roberto Gazzini teve a ideia de criar uma seção no *Sabático* que reproduzisse matérias, artigos que foram publicados no *Suplemento Literário*. Assim nasceu a seção “Do Suplemento Literário” no *Sabático*. (...) Que é um esforço de mostrar que o caderno teve articulistas da maior importância, tratou de temas muito importantes, e que isso pode ser trazido para o leitor quase como uma contribuição de memória. Memória do jornalismo brasileiro. Menos de curiosidade, e mais de memória do jornalismo cultural brasileiro. (GAMA, 2011, em entrevista)

Curiosamente, a reforma do *Cultura*, que acabou resultando no nascimento do *Sabático*, ocorreu antes da própria reforma gráfica e editorial do jornal como um todo. Gama relata que há semelhanças entre o que aconteceu com o jornal e o que aconteceu com

³⁹ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por telefone em 06 de setembro de 2011.

⁴⁰ Que traz trechos de matérias publicadas originalmente no *Suplemento Literário*.

o *Cultura*, entretanto, para ele, a mudança pela qual passou o jornal foi menos radical. Ele também esclarece que, tanto quando se discutia a criação do novo caderno, quanto quando se discutia a reforma do jornal, havia duas ou três opções diferentes de caminhos a serem seguidos, ou modelos a serem adotados.

O que aconteceu com o *Sabático* era uma renovação de um caderno de cultura. Isso antes do projeto gráfico. Então foi feito um projeto para esse novo caderno, que é o novo *Cultura*. O que existia nesse projeto gráfico, desse novo caderno, o que era? Era [algo que] trazia novidades no sentido de que teriam seções diferentes do que tinha no *Cultura*, mas ainda era o caderno *Cultura*. Você olhava e você reconhecia ali o antigo caderno *Cultura*. Quando surgiu a ideia de fazer um caderno só para livros, você sabe que a forma e o conteúdo são inseparáveis na literatura. As novas seções que foram sendo criadas para esse caderno, que era o de livros, gradativamente foram impondo um novo design para esse caderno. Estou falando o seguinte, tudo isso foi anterior à reforma gráfica do jornal, ao projeto da reforma gráfica do jornal. Isso é março, a reforma gráfica começa em maio/junho. Até lá, a gente tinha uns dois ou três desenhos do novo *Cultura*. Com o jornal, aconteceu a mesma coisa, ou algo muito parecido. (GAMA, 2011, em entrevista)

O nome e o slogan do *Sabático* foram elaborados por Rinaldo Gama, que também idealizou algumas seções do suplemento. Ele conta que, entre março e abril de 2009, em uma reunião, apresentou uma lista de sugestões de nomes para o novo caderno, e os participantes acharam interessante o nome *Sabático*. Embora ainda não fosse uma decisão tomada, após aquela reunião, todos os que trabalhavam no desenvolvimento do novo caderno passaram a chamá-lo de *Sabático*, um dos nomes da lista de sugestões feita por Gama. Dessa forma, *Sabático* foi um nome que, nas palavras de Gama, se impôs dentro do grupo, embora ele tivesse o cuidado de não nomear o caderno antecipadamente: “Eu mesmo tinha o cuidado de não fazer isso, quando ia mandar um e-mail, eu dizia ‘com relação ao novo caderno,...’. Eu achava que era o nome que deveria ficar, mas, enfim, deixava para depois esse julgamento” (Gama, 2011, em entrevista⁴¹).

A criação do slogan – “Um tempo para a leitura” – também ocorreu de forma natural, a partir da mente de Gama.

Num certo momento, isso já mais perto do meio do ano [de 2009], a pessoa que dirigia os trabalhos de reforma gráfica do jornal do ponto de vista estético, que é um designer brasileiro, mas que é sócio de um escritório de Barcelona, disse assim:

⁴¹ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa pessoalmente em 19 de setembro de 2011.

“seria importante que o caderno tivesse uma espécie de slogan, uma coisa que falasse o que é, qual é a do caderno”. Aí eu pensei um pouco. *Sabático*. O que é o *Sabático*? Um tempo para a leitura. Sugeri e foi aprovado, e ficou assim. (GAMA, 2011, em entrevista)

Coincidentemente ou não, há um livro de autoajuda, publicado no Brasil pela Editora Gente em 2000, chamado *Sabático: um tempo para crescer*. A obra, de autoria de Herbert Steinberg, trata dos benefícios que um período de descanso, fora do trabalho, traz a executivos. O termo “sabático”, que vem do hebraico “shabbath”, significa tempo de descanso, repouso. A publicação do *Sabático* aos sábados, conforme já abordado, também remete ao período de descanso e lazer, separando o suplemento da rotina de trabalho durante a semana. Assim, o nome do suplemento se relaciona ao descanso, colocando a leitura como uma atividade de lazer, e também à sonoridade do dia de sua publicação, sábado. O slogan reforça essa noção e, ainda que seja muito similar ao do livro de autoajuda mencionado, segundo Gama foi criado espontaneamente.

Gama também interferiu na criação do logotipo do caderno, não de maneira criativa, desenvolvendo-o, mas oferecendo um detalhe que o torna mais especial, embora esse detalhe só esteja sendo publicamente revelado agora. Atrás do nome do *Sabático* no logotipo há inscrições manuscritas, como podemos notar olhando para o mesmo:

Figura 266: Logotipo do *Sabático*



Fonte: Suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Os manuscritos são de Euclides da Cunha, retirados de um caderno que o escritor mantinha enquanto trabalhava como jornalista no *Estado de S. Paulo*, atualmente preservado nos arquivos do jornal.

Um dia o designer veio perguntar para mim, ele tinha feito um esboço, colocou uma letra qualquer lá no desenho do logotipo do caderno, aí um dia ele virou para mim e falou: “essa letra aqui eu peguei aí e tal, mas acho que tinha que ser uma letra de alguém, você não acha?”. Eu falei: acho. “Quem seria?” Eu falei: Euclides da Cunha, vou pegar. Peguei umas fotos de umas cadernetas que o Euclides escreveu quando foi para o Amazonas e pedi para ele copiar. Aquela letra que tem ali atrás do logotipo do *Sabático* é do Euclides da Cunha. Enviado especial a Canudos. O livro *Os Sertões* surgiu porque o *Estado de S. Paulo* mandou Euclides da Cunha para Canudos. (GAMA, 2011, em entrevista)

Embora o manuscrito presente no logotipo não seja o de *Os Sertões*, fica evidente o orgulho que esse feito representa para o jornal. Colocar a letra de Euclides da Cunha no logo do *Sabático* mostra a intenção de valorizar a história do jornal, assim como a criação da seção “Do Suplemento Literário”.

Mas não podia ser uma letra qualquer, e tinha que ser uma letra de algo relacionado ao *Estado de S. Paulo*. Eu achei que tinha que ser, não podia ser a letra do Machado de Assis. Machado de Assis é o máximo, mas a história dele não é ligada à história no *Estadão*. O *Estado de S. Paulo* por acaso tem [essa ligação com] a vida do Euclides da Cunha e a existência e concepção do *Os Sertões*. Então, achei que fazia sentido por a letra do Euclides ali. (GAMA, 2011, em entrevista)

Portanto, o *Sabático* está, desde sua origem até sua rotina diária de composição, ligado à figura de seu editor, Rinaldo Gama, responsável pela formulação e/ou revisão de todos os detalhes que compõem o suplemento.

Pode ser até que, eventualmente, quando chega na Laura [Greenhalgh] ela possa fazer uma mudança ou outra, mas eu leio o caderno inteiro e não tem uma legenda que não seja eu que faça. Ela pode eventualmente mudar, mas sai da minha mão o caderno da primeira à última página totalmente visto, revisto, revisado, lido, titulado, legendado e assim por diante. (GAMA, 2011, em entrevista)

Evidentemente, Gama também escolhe pautas, os livros que serão abordados e os autores das resenhas e de outros textos. Ele também escolhe ou encomenda as imagens que ilustrarão as matérias. A matéria que irá para a capa é, em última instância, decidida pela editora executiva, Laura Greenhalgh, mas Rinaldo Gama é quem oferece as opções de capa.

Eu, muitas vezes, muitas vezes não, acho que sempre, eu tenho uma candidata muito forte para a capa, mas eu tenho umas outras duas opções para a capa. E aí eu posso defender essa minha candidata junto à Laura, com mais força, e as outras

opções podem virar capa de outras semanas ou saírem dentro como a contracapa, enfim, qualquer outro tratamento assim. (GAMA, 2011, em entrevista)

Assim, observa-se que o Suplemento, até por possuir uma equipe reduzida de colaboradores, é reflexo da personalidade e escolhas de seu editor. Segundo Gama, não há uma equipe fixa trabalhando no *Sabático*. Os jornalistas trabalham ao mesmo tempo no *Sabático* e no *Caderno 2*.

O *Sabático* não tem uma equipe fixa, ele trabalha com os integrantes do *Caderno 2*. **A única pessoa que é, de fato, do *Sabático*, sou eu.** Exclusivamente, vamos dizer assim, no *Sabático*. As outras pessoas, mesmo quem dedica a maior parte de seu tempo ao *Sabático* também produz para o *Caderno 2*. Então, como não existe uma equipe fixa, é diferente do *Cultura*. O *Cultura* era *Caderno 2/Cultura*, então, é evidente que a equipe tinha que ser a do *Caderno 2*. Então, eu me reunia com a equipe de lá. Aqui, eu posso até fazer, e faço, reuniões, mas elas são reuniões pontuais, com este integrante ou aquele integrante. Porque naquele dia específico em que foi marcada a reunião, o outro integrante está cobrindo o Festival de Cinema não sei o que, ou está fazendo a capa do *Caderno 2 Domingo* e não pode participar da reunião. Essa é uma característica curiosa do *Sabático*, porque nas outras editorias as pessoas trabalham para aquela editoria, e, portanto, se reúnem, naquela hora estão todos ali. Não é o caso, não tenho esse controle. Então, nós vamos conversando. As pessoas que produzem para o *Sabático* vão conversando comigo ao longo da semana, eu vou sugerindo pautas, elas dão ideias, e vão produzindo e se organizando em relação ao *Caderno 2*, para que seja possível compatibilizar o tempo para os dois suplementos. (GAMA, 2011, em entrevista)

Raquel Cozer reafirma que a equipe trabalha para ambos os cadernos de cultura do jornal, e que todas as decisões são tomadas por Rinaldo Gama.

Porque assim, o *Sabático* não tinha uma equipe fixa. Como você viu, o nome do Bira [Ubiratan Brasil] aparece no expediente, só que ele não era só um repórter especial do *Sabático*, ele também era editor do *Caderno 2*. O Zanin, que também aparece lá, nem repórter do *Sabático* ele é, ele é colunista de esportes, crítico de cinema e tal. E o Toninho [Antonio Gonçalves Filho] é o grande, para mim acho que o melhor repórter de literatura do Brasil, acho ele meio fora de série. Mas a decisão final do que entra no caderno é sempre do Rinaldo, mas ele é muito aberto a sugestões, conversa, negocia, ele é muito gentil, muito político. Se alguém queria dar uma capa, ele argumenta, diz para segurar para a semana seguinte, porque o outro assunto é mais importante e tal. A preocupação que ele sempre tinha era ter abordagens variadas, literatura americana, ou uma entrevista, um perfil, um ensaio, geralmente ele separa por isso, literatura mexicana, sei lá. (COZER, 2011, em entrevista)

Cozer também narra um pouco de sua rotina de trabalho num jornal que possui dois cadernos de cultura, sendo um deles diário, e uma equipe reduzida.

Era uma coisa meio louca, porque eu era repórter do *Sabático*, fui contratada para ser repórter do *Sabático*, mas eu, de alguma maneira, também respondia ao Bira [Ubiratan Brasil, editor do *Caderno 2*]. Tinha meio que dois chefes. Digamos assim, meu chefe oficial era o Rinaldo, mas eu também respondia ao Bira. Então, eu não tinha a obrigação de “vender” pautas para o *Caderno 2*, mas num ambiente de jornal, você sabe que todo mundo precisa de ajuda, as equipes são pequenas e tal. E eu gosto de escrever também, se eu ficasse só no *Sabático* eu ia acabar escrevendo muito menos do que eu gostaria. Então, eu sempre tinha que vender primeiro para o Rinaldo, e aí se o Rinaldo não quisesse, não pudesse etc, eu vendia para o Bira. (COZER, 2011, em entrevista)

Para driblar a dificuldade oriunda da escassez de equipe, e do fato de que o *Sabático* não conta com colaboradores exclusivos, Gama se encarrega de inspecionar o caderno durante toda a semana, e vai fechando a edição aos poucos. “Então, fecho um pouco na terça, um pouco na quarta, um pouco na quinta. E até na sexta de manhã, porque ele roda às 2:30 da tarde. Então, com isso, eu consigo ter um acompanhamento das revisoras um pouco mais calmo”, relata⁴² o editor. Muitas vezes, ele mesmo entra em contato com os colaboradores (escritores, acadêmicos, críticos) sugerindo a escrita de resenhas, artigos e ensaios. Ele também entra em contato pessoalmente com editoras, quando tem interesse em fazer uma entrevista ou publicar originais de certos autores. Além disso, trabalha junto com os diagramadores (que também não são exclusivos do *Sabático*), escolhendo e posicionando imagens e outros recursos gráficos nas páginas do suplemento.

A produção original daquilo com que a diagramação vai trabalhar sou eu que faço, também. Eu não tenho quem faça isso. Então eu tenho que escolher, ou eu tenho que encomendar. Por exemplo, eu sei que o tema da semana é romance. Então, vai ter uma entrevista com o Carlos Fuentes. Então, se eu der uma foto do Carlos Fuentes na capa, é chato dar outra foto dele [dentro do caderno]. “Então, vou encomendar uma ilustração com o Loredano”. Aí, eu encomendo uma ilustração com o Loredano. (GAMA, 2011, em entrevista)

Logo, Rinaldo Gama está ligado à concepção e também à produção do *Sabático*. Evidentemente, como explica Cláudia Nina (2007), a todo editor cabe a tarefa de “separar o joio do trigo”, ou seja, de decidir “quanto ao caminho a tomar – se o livro vale um ensaio,

⁴² Em entrevista concedida à autora desta pesquisa pessoalmente em 19 de setembro de 2011.

uma simples resenha ou o esquecimento” (p. 69). Entretanto, parece-me que Gama acumula mais funções do que o normal e, por isso, o caderno é reflexo da personalidade dele.

4.2. Características: formato, estética, linguagem, distribuição, publicidade e público alvo

Uma importante diferença existente entre o *Sabático* e o *Suplemento Literário* é o fato de que o primeiro trata apenas de livros (e não de literatura), e o segundo, de cultura de modo geral. Ora, à época do SLOESP (1956-1974) o jornal não contava com um caderno de cultura como o *Caderno 2*, que surgiu em 1986. Assim, tinha que tratar de cinema, teatro, música, e não apenas de livros, muito menos apenas de literatura. O nome originalmente dado por Antonio Candido ao caderno, inclusive, era *Suplemento Literário e Artístico d'O Estado de S. Paulo*. Já o *Sabático* se caracteriza por abordar assuntos relacionados às diversas áreas culturais apenas se houver o lançamento de um livro abordando tais áreas. “O *Suplemento Literário* do *Estadão*, apesar desse nome, era cultura de uma forma geral, portanto, lá apareciam artigos sobre filmes, sobre uma peça de teatro. E eu só falo de teatro e de cinema no *Sabático* se tiver um livro como ponto de partida”, afirma o editor.

Como é sabido, o *Sabático* é publicado aos sábados no jornal *O Estado de S. Paulo*, e apresenta-se no formato *standard*, medindo 56 X 32 cm, tamanho padrão do jornal. Por possuir essa característica de tratar só de livros, boa parte das seções fixas do *Suplemento* são diretamente relacionadas a livros, como “Mais Vendidos”, “Estante” e “Resenhas”. As outras seções fixas tratam geralmente de livros, porém podem abordar também outros temas, e são: “Prosa de Sábado”, “Babel”, “Capa” e “Do *Suplemento Literário*”. Logo, ao todo, o suplemento possui 7 seções fixas.

Entretanto, já aconteceu de algumas seções fixas serem eliminadas de edições do suplemento. É o caso da seção “Do *Suplemento Literário*”, que, em nosso *corpus*, não aparece na edição de 02/10/2010. Em seu lugar, na página S3, vemos um anúncio publicitário e o aviso: “Do *Suplemento Literário*. Excepcionalmente, não publicamos hoje a seção”. A seção “Estante” também já foi eliminada, por exemplo, nas edições de 05/06/2010 e 25/09/2010. Também ocorre de as seções “Capa”, “Resenhas” e “Estante”

aparecerem em tamanho menor em algumas edições. Em “Capa” o comum é que seja apresentada uma matéria de duas páginas. Mas há casos em que ela aparece com somente uma página (como em 22/05/2010 e 10/07/2010). Já a seção “Resenhas” é a que mais varia, já que há edições com 5 (21/08/2010) e com apenas 1 texto (13/11/2010). A seção “Estante”, que habitualmente apresenta indicações de 8 livros, aparece cortada pela metade, apresentando apenas 4 livros, na edição de 22/05/2010.

As seções variáveis do *Sabático* são diversas, e aparecem conforme uma espécie de literatura ou um tema é abordado (há seções como “Fotografia”; “Música”; “Literatura inglesa”; “Literatura espanhola”; “Literatura angolana” etc). Podemos destacar enquanto seções não fixas encontradas em nosso *corpus*: “Inédito”; “Ofício”; “Clássico”; “Ensaio”; “Artigo”; “Música”; “Fotografia”; “Entrevista”; “Filosofia”; “Romance”; “História” e “Literaturas” (“Literatura contemporânea”; “Literatura latino-americana”; “Literatura espanhola” e “Literatura francesa”).

A seção “Ofício” apresenta o perfil de escritores em seus ambientes de trabalho. Na primeira edição do *Sabático*, por exemplo, a seção traz o perfil do poeta mato-grossense Manoel de Barros. Já a seção “Inédito” publica textos literários inéditos, em prosa ou poesia. Segundo Rinaldo Gama, desde o início foi decidido que a seção “Inédito” não seria fixa e não teria uma periodicidade obrigatória, para “não ser uma camisa de força para o caderno”, como ele afirmou. Os textos publicados são selecionados por Gama.

Estou o tempo inteiro em contato com os autores e com as editoras. E fico um pouco provocando, no bom sentido, ou investigando. As duas coisas, provocando e investigando. Então, investigando em que sentido? Nossa, faz tempo que não vejo nada de fulano, fulano deve estar fazendo algum livro, deixa eu ligar lá. Ligo e pergunto, tá fazendo alguma coisa? “Tô fazendo um livro”. Ah, não quer me dar o começo? Vou lá e pego. Ou as editoras que têm uma programação, [com] meses [de antecedência], eu posso pedir um trecho, [quando] sai um romance. Ou um conto inteiro. Para dar como inédito. (...) E o que tem acontecido, de um tempo para cá, são os editores, os escritores sugerirem. Eles me procuram dizendo que têm coisa. Isso começou de uns meses para cá. O que é legal, eu já atendi algumas dessas solicitações voluntárias. (GAMA, 2011, em entrevista)

No *corpus* desta pesquisa, “Inédito” aparece em 4 das 10 edições, com a publicação de dois contos⁴³, um trecho de romance⁴⁴ e poemas de um livro de poesias⁴⁵. Os textos inéditos são, quase sempre, publicados na última página do suplemento. A exceção é o conto de Ronaldo Correia de Brito publicado na primeira edição do *Sabático*, que saiu na página 3. Todos os inéditos são acompanhados de ilustrações, usualmente assinadas por Carlinhos Müller.

As seções “Ensaio” e “Artigo” trazem exemplos dos gêneros que as intitulam, sempre abordando algum livro recém lançado. Os textos são, frequentemente, assinados por professores universitários, como Leda Tenório da Motta (PUC-SP), Antonio Arnoni Prado (Unicamp) e Mario Higa (Middlebury College).

A seção “Entrevista”, como o nome indica, traz entrevistas com autores de livros recém lançados. Às vezes a seção aparece com o nome de “Entrevistas”. Entrevistas também aparecem em outras seções, como “Capa” ou “Romance”. Assim, a seção “Entrevista” só acontece quando há alguma entrevista que, por algum motivo, não receberá destaque na capa, ou não se encaixará em outras seções do suplemento, de como é exemplo a entrevista com Silviano Santiago publicada em 25/09/2010.

As demais seções não fixas, “Fotografia”, “Música”, “Literaturas” etc, aparecem quando há a publicação de livros relacionados aos nomes das mesmas. Os textos possuem linguagem simples e tom de reportagem. Neles, fala-se sobre a obra e/ou características de seu autor. Em muitas vezes, os autores dos textos são acadêmicos, como Lilia Moritz Schwarcz (USP), mas também há produções feitas pela equipe do *Estado*, como as assinadas por Antonio Gonçalves Filho e Luiz Zanin Oricchio. Às vezes há a publicação de textos provindos de outros veículos, como o jornal inglês *The Guardian* e, mais recentemente, a revista norte-americana *Bookforum*.

Quanto ao número de páginas do *Sabático*, inicialmente o caderno foi idealizado como um veículo de 8 páginas. Em nosso *corpus*, no entanto, há duas edições contendo apenas 6 páginas (05/06/2010 e 10/07/2010). O número de páginas varia de acordo com a quantidade de anúncios presente nas edições do suplemento. É feita uma conta que

⁴³ Os contos publicados foram *Homem contempla barcos encalhados*, de Ronaldo Correia de Brito, na edição de 13/03/2010 e *Um retrato*, de Sérgio Sant’Anna, na edição de 22/05/2010.

⁴⁴ Trecho do romance *Mano, a noite está velha*, de Wilson Bueno, na edição de 05/06/2010.

⁴⁵ Os poemas publicados foram *As artérias da pedra*, *A xícara* e *Livro aberto*, que compõem um livro, na época sem nome, de Mario Chamie, na edição de 18/12/2010.

considera a porcentagem de anúncios e a cota de papel anual do jornal e do suplemento. Quando a quantidade de anúncios de um caderno é insuficiente, ele fica “devendo” páginas para o jornal, como explica Raquel Cozer:

É uma conta que o jornal tem que é o seguinte, todos os cadernos precisam ter uma determinada porcentagem de anúncios. Então, se você não tiver tantos anúncios depois de um tempo você fica devendo páginas. Devendo é um termo que eles usam, mas você não fica devendo para ninguém na verdade, é só para eles calcularem. É gastos mesmo. Então, se num determinado momento não tiver tantos anúncios, reduz. Mas isso é meio padrão, vários cadernos têm isso. Não é só o de literatura, não. De tempos em tempos eles põem menos páginas para a cota deles de páginas/anúncios não estourar. (COZER, 2011, em entrevista)

Rinaldo Gama explica que, na verdade, essa conta é feita pela centimetragem dos anúncios, e que o planejamento anual de páginas feito pelo jornal muda de acordo com as características do ano em questão.

Todo jornal faz um planejamento do uso de cota de papel. Esse planejamento, que é feito com outros planejamentos, é feito no ano anterior. Por volta de outubro, novembro do ano anterior é planejado o ano seguinte. (...) O que faz mudar esse número de páginas? A centimetragem de anúncios. E existe uma fórmula, que seria complicado de explicar agora como ela é feita. Mas você faz uma conta. Você pega a centimetragem dos anúncios, a partir de um determinado volume que a publicidade ocupa nas páginas do caderno, você pode ampliar o caderno. E você só pode ampliar uma coisa no jornal de dois em dois. No mínimo, de dois em dois. Se são 6 páginas, você põe uma no meio, frente e verso, dá duas páginas [a mais]. Se o jornal tiver feito essa conta no ano anterior de quanto ele vai consumir de papel de um modo muito conservador, ou seja, muito rígido, ele fica sujeito ao seguinte: e se acontecer um terremoto no Japão? E se matarem o Bin Laden? Então, essa conta, é uma conta absolutamente sujeita a distorções. Porque você nunca saberá o que vai acontecer, nem amanhã, quanto mais daqui a alguns meses, ou seja, durante o ano seguinte inteiro. Então é feita uma projeção. No ano passado, tem Copa e tem Eleições. Foi feito um tipo de conta. Esse ano, não tem Copa e nem Eleições, foi feito um outro tipo de conta. Com base nisso, o jornal vai lá e compra a sua cota de papel. (GAMA, 2011, em entrevista)

Gama também conta como ele trabalha no *Sabático* para não estourar sua cota anual de papel, intercalando a publicação de edições de 6 e 8 páginas. Conforme vimos no **Capítulo I: Comunicação, cultura e consumo**, os suplementos literários brasileiros têm dificuldades em conseguir anúncios, pois as editoras acreditam que não precisam pagar para anunciar, já que recebem publicidade gratuita por meio da publicação, por exemplo, de

resenhas. Assim, evidentemente, o *Sabático* não consegue atingir a centimetragem ideal de anúncios, e perde páginas por isso.

E você vai monitorando, todo mês, o tempo inteiro, se você está dentro da meta ou fora da meta, se está gastando mais papel do que estava orçado, ou menos. Se você gastou mais papel porque a quantidade de anúncios que você tinha tornava inviável você fazer aquele mínimo de páginas que é determinado para seu caderno, então significa que você não gastou a mais. Essa conta é como se fosse zerada. Porque, evidentemente, não tem lá uma cota de papel que em novembro possa acabar e o jornal não saia no dia seguinte. Não é assim. Mas, do ponto de vista, numérico, financeiro, você não gastou mais do que você podia, porque aqueles anúncios a mais é que te obrigaram a crescer o caderno. E esses anúncios a mais que obrigaram você a crescer o caderno pagam essas duas páginas, por exemplo, que você cresceu. Se não for assim, você tem que calcular o seguinte. Bem, se eu continuar com a mesma quantidade de anúncios, em todas as edições, será que eu chego ao fim do ano zerado? Ou vou chegar ao fim do ano devendo páginas? Então, a minha conta, a conta que eu fiz, é a seguinte: ou eu faço uma semana com 6 e outra com 8, ou eu vou chegar no fim do ano com as páginas estouradas. Então é isso que eu tenho feito. (GAMA, 2011, em entrevista)

Além disso, Gama também ressalta que às vezes cede páginas para outras editorias do jornal, que precisam de mais espaço devido à natureza e à importância de seus focos. Ele também destaca que não acha razoável acreditar que a centimetragem dos anúncios irá aumentar, então a única saída para não ultrapassar sua cota de páginas é diminuir o tamanho de algumas edições.

Então, a razão de ser 6 ou 8 é essa: cota de papel. Porque eu não posso chegar ao fim do ano estourado. E, na medida do possível, se eu puder contribuir para o resto do jornal, quer dizer, editoria *Internacional* está estourando, se eu economizei um pouco, no conto geral ajuda. E aí é assim: mataram o Bin Laden, Fukushima, é claro que eles estão estourando muito. Não tem o que fazer. Aniversário do 11 de setembro, decidiu fazer um caderno inteiro. Se a gente pode contribuir, a gente contribui. Mas eu fiz essa conta até o fim do ano, se eu der 8 até lá, vou sair estourado. A não ser que a centimetragem do anúncio aumente numa proporção X. Como eu não quero contar com isso, que é imponderado, eu não tenho controle sobre isso, eu vou contornando como eu posso. É o que está na minha mão. (GAMA, 2011, em entrevista)

Por esse mesmo motivo, ou seja, economia de papel, o *Sabático* não circulou no sábado, 25 de dezembro de 2010. Segundo Gama, em épocas em que as pessoas não estão em suas casas, como Natal e Ano Novo, o jornal aproveita para economizar papel, fazendo

versões mais enxutas. Nesses casos, o *Sabático* reveza com o *Aliás*, ou seja, a cada ocasião um deixa de circular. Antes do *Sabático*, o *Aliás* já revezava com o *Cultura*.

Também devido à economia de papel, ou ao fato de que algumas edições precisam ter 6 ao invés de 8 páginas, algumas seções fixas aparecem em tamanho menor ou são cortadas do Suplemento. De acordo com Gama, geralmente as resenhas é que são cortadas nas edições menores, já que, em geral, as matérias de capa precisam de duas páginas. Mas há outras alternativas, que ele segue também, como remover a seção “Do Suplemento Literário”:

Quando ela não precisa de duas páginas, eu dou na [página] 3 a matéria de capa e posso dar resenha na 4 e 5, ou usar a 4 para dar uma matéria qualquer aí e o *Suplemento Literário* e a página 5 de resenhas. Se ela precisa de duas páginas, a matéria de capa, aí eu entro na 3 com resenhas. O que é o pior dos mundos para mim. Porque na página 3 tem um anúncio fixo, e aí esse anúncio invade uma área que é de uma resenha. Porque a resenha no *Sabático* tem duas medidas padrão: 5000 e 2500 [caracteres]. Quando entra aquele anúncio, invade metade da coluna da resenha, eu tenho que diminuir essa resenha de baixo. Fica com 1700 em vez de 2500. Então, para mim, o pior mundo é dar resenha na 3. Mas às vezes não tem [o que fazer]. Se eu estou em uma semana de 6 [páginas], e a minha capa tem 2. O que eu tenho feito, agora, diante dessa dificuldade, é que às vezes eu coloco o *Suplemento Literário* só no on-line. Para não deixar de dar. Porque era uma seção fixa do suplemento. E com o tempo foi ficando inviável mantê-la todas as semanas. Porque aí eu sacrificava outras coisas que não seria interessante sacrificar. (GAMA, 2011, em entrevista)

Uma saída quando o “Suplemento Literário” não entra na edição impressa é publicá-lo somente na internet. Mas isso só acontece quando Gama julga que há uma publicação muito importante no *Suplemento Literário* que se relaciona a algum tema exposto naquela semana no *Sabático*.

Então assim, quando é uma semana em que o *Suplemento* tenha um tema muito importante, para não deixar de dar, eu dou só no on-line. (...) Eu me lembro que no aniversário de 10 anos de morte do Jorge Amado, em agosto, eu não tinha espaço para dar no impresso. E ia passar essa efeméride. E eu tinha lá um artigo, o primeiro artigo sobre o *Gabriela [Cravo e Canela]*. Aí eu dei só no on-line, não podia deixar de dar. (GAMA, 2011, em entrevista)

4.2.1. Características das seções

Atenho-me, agora, às características de cada seção fixa do *Sabático*. Iniciando pela página 2, uma página par, ou seja, de menor importância no jornal⁴⁶. A primeira seção na página 2, ocupando a metade superior da mesma, é “Prosa de Sábado”. Nessa seção revezam-se dois colunistas, os críticos Silviano Santiago e Sérgio Augusto. Eles escrevem livremente sobre assuntos de relevância cultural, como cinema, televisão, literatura, filosofia, religião etc, geralmente comentando a respeito da existência de livros que abordam a questão em pauta. A seção sempre apresenta uma ilustração, na verdade uma montagem de imagens, usualmente feita por Carlinhos Müller, da Agência Estado. Segundo Gama, os colunistas escolhem os temas sobre os quais irão tratar, mas o comunicam sobre qual será o assunto antecipadamente, para que ele encomende a ilustração. O ilustrador prefere fazer a imagem após a leitura do texto, mas já busca referências ao ser informado sobre o tema em debate, de maneira antecipada.

Em geral é quase sempre o mesmo ilustrador, e ele prefere fazer lendo o texto, mas eu mando no início da semana. O Silviano [Santiago] já manda a coluna na segunda-feira. O Sérgio [Augusto] que só manda o *briefing* sobre o que vai falar. Ele manda na quarta [o texto]. Mas assim, é uma coisa de ir buscando referências. Pensar, hum, vai falar sobre tal coisa, tal autor, “como é a cara desse autor?” Já vão se preparando. (GAMA, 2011, em entrevista)

⁴⁶ Como exposto anteriormente, as notícias mais importantes dos jornais são editadas nas páginas de número ímpar, pois acredita-se que elas atraem mais atenção visual do leitor do que as páginas de número par.

Figura 267: Seção "Prosa de Sábado" do *Sabático*

Prosa de

Sábado

DECRÉPITOS,
MOFINOS E
INVISÍVEIS

SERGIO
AUGUSTO
s.augusto@estado.com.br



Aqui lançados quase simultaneamente, *A Humilhação*, o último Philip Roth, e *Invisível*, o mais recente Paul Auster – ambos saíram pela Companhia das Letras – surpreendem de forma diversa. *A Humilhação* é um Roth menor; Invisível é um Austerope de linha. São obras bem características do estilo e das obsessões temáticas de cada um dos autores, que se tangenciam geograficamente (parte das duas tramas se desenrola em Nova York) e compartilham personagens afins (um ator cuja chama se apagou, um poeta cuja chama não se acende), profundamente afetados pelos caprichos do coração (com direito a triângulo amoroso), os transvios do desejo (incesto no romance de Auster, pedofilia na novela de Roth) e os infelizes da velhice.

Simon Axler, o humilhado de Roth, é um ator de teatro de 65 anos repentinamente fulminado por um bloqueio irreversível. Não

chega a ficar mudo como a atriz encarnada por Liv Ullmann em *Persona*, de Bergman, mas não consegue mais abrir a boca no palco. Perdeu o talento, a magia, e, em seguida, a ex-bailarina com quem fora casado vinte anos. O tratamento psiquiátrico apenas o ajudou a evitar que se mate no primeiro capítulo.

Recluso no interior da Nova Inglaterra, Axler tenta substituir o teatro por uma paixão inesperada (e enganosamente rejuvenescedora) pela filha de um casal amigo, 25 anos mais nova. Outros idosos do autor já passaram por situação idêntica, mas Pegeen Mike, além de ter idade para ser filha de Axler, é (e acredita que deixou de ser) lésbica. Embora o ator, no início, se sinta culpado por envolver-se sexualmente com uma mulher que conheceu ainda mamando no peito da mãe, o caso de pedofilia envolve outros personagens da história.

Quase um conto esticado de 120 páginas, *A Humilhação* retoma as meditações sobre a degeneração física, a velhice e a finitude de *Homem Gêmeo* e *Pantufas na Sra de Cena*, com muito menos vigor, imaginação e, sobretudo, densidade. Mas um Roth de segunda é sempre melhor que um best seller de primeira, ressalva que eu não faria duas ou três décadas atrás, quando Roth já era um dos grandes escritores americanos (hoje é o primus inter pares) e os best sellers tinham outro nível de qualidade; quando, enfim, “as pessoas inteligentes usavam a literatura para pensar”, como Amy Bellette observou numa carta ao alter ego de Roth, Nathan Zuckerman, no romance que há três anos o tirou de cena.

As feministas, e não apenas estas, invocaram com a visão estereotipada, caricatural, que Roth oferece do lesbianismo – restrição secundária se o livro fosse tão bom quanto os anteriores. Estereotipada ou não, Pe-

geen, “uma combinação mágica de xamã, acrobata e animal”, é, uma personagem miúda, ao contrário, por exemplo, de Sybill, a companheira de terapia de Axler, traumatizada pelo abuso sexual de sua filha de oito anos. O atributo mais notável de Pegeen é o nome, inspirado na principal figura feminina da peça *O Prodígio do Mundo Ocidental*, de J.M. Synge. Axler faz dela um arremedo transexual de Galateia (ou Elisa Doolittle, para ficarmos na dramaturgia irlandesa) e Judy Barton, a verdadeira face de Kim Novak em *Um Corpo Que Cai*.

A despeito das alusões a Synge, Shaw e Hitchcock, o supremo referencial da novela é a própria obra de Roth, farta em decrépitos e mofinos, a sua turma do Tralão, cheia de suicidas em potencial e manqués (Mickey Sabbath, Zuckerman), acrescida agora de um bem-sucedido avatar de Tréplev, o tchecoviano autor teatral de *A Gabiota* que se matou com um tiro antes de a cortina descer pela última vez.

Se também terminasse com um suicídio, *Invisível* seria um Bildungsroman, um romance de formação, na linha de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe. Adam Walker, o falso Werther de Auster, ainda é um jovem aspirante a poeta, estudante da Universidade de Columbia, na Nova York de 1967, quando o conhecemos nos primeiros parágrafos do livro, prestes a tomar a primeira das três lições de amor que o marcarão para o resto da vida. A primeira com um estra-



nho casal de estrangeiros formado por um professor visitante suíço, perverso como Mefistófeles, e sua bela musa francesa; a segunda com a irmã Gwyn; a terceira com uma parisiense livreira chamada Cécile.

Dividido em quatro partes, usando três narradores e quatro diferentes perspectivas narrativas, *Invisível* tem uma estrutura sinfônica: um alegre primavera, um scherzo estival, um andante outonal e um adágio invernal. Mistura gêneros, alternando intrigas sentimentais, criminais e biográficas com memórias e parênteses metaficcionalis, quase como uma celebração (ou uma paródia) do estilo austriaco de contar histórias. Auster, não custa lembrar, também estudava na Universidade de Columbia em 1967, traduzia poesia provençal e morou uns tempos em Paris.

O tema da invisibilidade às vezes soa como um tributo a Enrique Vila-Matas, amigo e alma irmã de Auster e um dos autores que Cécile escolhe para ler numa viagem ao Caribe. Não sabemos qual livro do espanhol ela guardou na mala, mas minhas suspeitas recaem sobre *Doutor Pasavento*. Cheguei a imaginar um encontro fortuito de Walker com o “desaparecido” Pasavento, na rue Vaneau, casualidade perfeitamente normal num romance de Auster, no qual tampouco soaria absurda ou gratuita a revelação de que Margot, a taciturna e ninfômana musa que enclausura a vida de Walker, é filha de Margot Peters, a aspirante a atriz de *Riso no Escuro*, de Nabokov. A vida, para Auster, é um livro invisível dentro de outros livros igualmente invisíveis.

Fonte: Suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 05/06/2010.

Logo abaixo, ainda na página 2, vemos as seções fixas “Babel” e “Mais Perdidos”. A seção “Babel” apresenta 7 ou 8 pequenas notícias sobre o mundo editorial. No ano de 2010 (e parte de 2011), foi assinada pela jornalista Raquel Cozer. Em setembro de 2011, Cozer foi chamada para trabalhar no caderno *Ilustríssima* da *Folha de S. Paulo*, abandonando, assim, a seção. Em seu lugar ficou Maria Fernanda Rodrigues. “Babel” foi uma das seções que Gama havia elaborado para figurar inicialmente no novo *Cultura*. O nome da seção, também criado por Gama, foi inspirado no conto *A Biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges. No conto, o narrador expõe a infinidade de mundos e informações presentes na Biblioteca. Cabe destacar também a semelhança existente entre o nome da seção e o nome do suplemento literário do jornal espanhol *El país*, que é *Babelia*.

Essa seção estava no projeto original do novo *Cultura*. Esse nome, aliás, me passou pela cabeça porque era para situar que ela era uma seção de notas do mercado, de bastidores de várias áreas da cultura, daí o nome “Babel”. Quando virou só

literatura, melhor ainda, só livros, mais adequado. “A Biblioteca de Babel”, Borges, e tal, e aí são várias literaturas, chinesa, alemã, francesa, brasileira. Mercado, autor, tudo lá. (GAMA, 2011, em entrevista)

Curiosamente, a jornalista Raquel Cozer, que foi responsável por “Babel”, mantém o blog *A Biblioteca de Raquel*⁴⁷, cujo nome também foi inspirado pelo conto de Borges.

Essa seção pretende divulgar apenas notícias inéditas, que não saíram em nenhum outro veículo nacional, e, de preferência, nem na internet. Segundo Gama, o jornalismo impresso pode sobreviver de duas maneiras: oferecendo análises e comentários das notícias, que é o caminho mais óbvio, ou oferecendo informações exclusivas.

A seção da página 2, a “Babel”, é uma seção de notas exclusivas. O que saiu na “Babel” não saiu em nenhum lugar antes. Essa é outra maneira de você, veículo impresso, se fazer merecedor da leitura no dia seguinte, ou na semana seguinte. É você não falar o que as pessoas já sabem. Parece natural. Então, você tem uma seção de notas com notas que são exclusivas. Você tem reportagens que partem, muitas vezes podem até partir de algum assunto da semana, a gente deu uma capa sobre a produção muito grande de livros no Brasil, que se baseava numa pesquisa que havia sido anunciada na terça-feira. Só que a nossa matéria aprofundava essa discussão sobre o que significa estar produzindo muitos livros. Então, você pode vencer o tempo curto de sobrevivência da informação por meio desses dois modos: ou analisando, opinando, criticando, ou fazendo da informação algo exclusivo, ou seja, a pessoa vai ler ali pela primeira vez. É o que a gente está tentando fazer. (GAMA, 2011, em entrevista)

Logo, “Babel” é a seção, no *Sabático*, que melhor cumpre o critério da exclusividade de Gama, tido como essencial para que o veículo se faça merecedor de leitura. Raquel Cozer, entretanto, conta que nem sempre era possível dar apenas notícias exclusivas. Ela também aproveitava informações retiradas de sites da internet (não brasileiros).

Teoricamente todas as notas ali teriam que ser exclusivas. O que era uma coisa bem trabalhosa. Porque exclusivo hoje em dia não é só uma coisa que não saiu em outros jornais, é também o que não saiu na internet ainda. Vez ou outra eu, obviamente, se via que saiu alguma coisa muito interessante na internet, lá fora, eu quebrava essa regra e colocava, mas no geral era tudo muito exclusivo. (COZER, 2011, em entrevista)

⁴⁷ O blog de Raquel Cozer estava hospedado no portal do *Estadão* durante o período em que ela trabalhou no jornal. Atualmente, está disponível no portal da *Folha.com*, no endereço: <http://abibliotecaderaquel.folha.blog.uol.com.br/>.

Cozer também conta quais são as fontes das notícias de “Babel”:

E aí tem duas formas de vir essa notícia. Uma, que é a mais fácil, é via assessoria de imprensa e que eu hesitava, na verdade, porque geralmente aí vira só mesmo uma propaganda. Mas, de qualquer maneira, se fosse um super lançamento, aquisição de direitos, uma coisa super importante, eu sempre dava. E a outra, que é conversando, indo a eventos, ou mesmo, por exemplo, eu estou fazendo uma reportagem sobre clássicos em quadrinhos. Aí, para isso, eu tenho que conversar com vários editores e autores. Aí no meio da reportagem surgia, o cara soltava alguma coisa, eu anotava. Aí depois eu perguntava para gerar como nota. Então, era ficar ligada o tempo todo. (COZER, 2011, em entrevista)

Raquel Cozer explica, ainda, como era sua rotina de trabalho na seção:

Ao longo da semana inteira, também acontecia de em uma semana sobrar para a outra, mas ao longo da semana inteira eu ia juntando as coisinhas, aí na quinta-feira eu escolhia ali o que eu achava que era mais importante, aí investia mais. Ligava para mais gente, para fazer o abre, o texto de abertura e tal. E o fechamento deveria ser na quinta-feira à noite, e na sexta as mudanças, mas eu que sou meio “cri-cri” com essas coisas, eu acabava fechando na sexta-feira. Porque às vezes chegava coisa nova na sexta-feira. (COZER, 2011, em entrevista)

Em algumas semanas, Cozer contava com a ajuda de Ubiratan Brasil na elaboração da seção. Nesses casos, o nome do editor do *Caderno 2* também aparecia na seção, como colaborador: “Nas poucas vezes em que ele me passou [informações] eu assinava o nome dele no pé [da seção]. Ele me dava uma nota, ou às vezes ele ‘cantava a bola’ de uma informação para eu apurar” (Cozer, 2011, em entrevista⁴⁸).

⁴⁸ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por telefone em 06 de setembro de 2011.

Figura 268: Seção "Babel" do Sabático

Babel

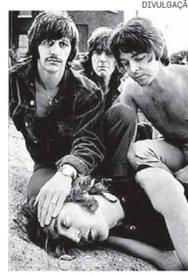
RAQUEL COZER
raquel.cozer@grupoestado.com.br

MÚSICA

Livro com fotos inéditas registra um dia na vida dos Beatles em 1968

Um dia, em 1968, o fotógrafo de guerra Don McCullin recebeu uma ligação que parecia trote. Era Paul McCartney, perguntando se aceitaria passar um dia com os Beatles, que estavam cansados do olhar viciado dos fotógrafos do meio artístico. "Eles devolveriam negativos e eu manteria os direitos autorais", descreve McCullin no recente *A Day In*

The Life of the Beatles, que em maio sairá pela Cosac Naify. Uma das imagens divulgadas virou capa da *Life*, mas a maioria permaneceu inédita. Em cerca de 80 fotos, os Fab Four aparecem rindo, dançando e fazendo palhaçadas em Londres. Feitas em 29 de julho, quatro meses antes do *White Album*, não dão sinal de um grupo que ameaçava acabar.



Let it be. Lennon se faz de morto, com Ringo, George e Paul McCartney

REPORTAGEM

Desastres aéreos

O carioca Ivan Sant'Anna acaba de entregar à Objetiva os originais de *Perda Total*, minuciosa reportagem sobre três desastres aéreos das últimas décadas: a queda do Fokker 100 da TAM, em 1996; a colisão entre o Boeing da Gol e o Legacy, em 2006; e o acidente do Airbus da TAM em Congonhas, em 2007. O título está previsto para junho.

*

Piloto amador, o romancista foi bastante consultado pela imprensa por ocasião dos dois últimos acidentes, já que, em 2001, lançou com sucesso *Caixa Preta*, sobre outras três histórias trágicas de voos no País.

HISTORIOGRAFIA

Clássicos e inéditos

Recém-lançado pela PUC-RS, *Considerações Sobre as Causas da Grandeza dos Romanos e Sua Decadência*, de Montesquieu, é só o primeiro de 12 clássicos da historiografia moderna nunca antes traduzidos e que integram a nova coleção Monumenta. Entre outros, estão *Ensaio Sobre os Costumes*, de Voltaire, *História das Mulheres na Revolução*, de Michelet, e *História de Roma*, de Theodor Mommsen, Nobel de Literatura de 1902.



CINEMA

Anos vermelhos

Los Anos Rojos de Luis Buñuel, biografia da juventude do cineasta (foto), sairá no fim de 2011 pela Tinta Negra. Muito comentada na Espanha, a obra de Román Gubern e P. Hammond confirma que, ao contrário do que dizia, Buñuel filiou-se ao Partido Comunista Espanhol em 1931, chegando a se pôr a serviço do violento stalinismo soviético.

INTERNET

Depois do Facebook, o blog

Duas semanas após transferir todo o conteúdo de seu site para o Facebook (quem entra nele é redirecionado a www.facebook.com/EditoraIntrinseca), a Intrínseca estreia blog, com notas e reportagens, na página [\[trinseca.com.br/site\]\(http://trinseca.com.br/site\). A casa afirma que ainda assim o Facebook será o maior canal junto ao leitor. No caso da Companhia das Letras e da Cosac Naify, que também têm blog, é ele que cumpre esse papel, e não o site.](http://www.in-</p></div><div data-bbox=)

TELEVISÃO

O livro que inspirou *Mad Men*

A Record lança em março uma obra que inspirou *Mad Men*, sucesso de 2007 atualmente na quarta temporada na TV. De 1971, o livro ficou esquecida até nos EUA, embora o autor, Jerry Della Femina, tenha sido consultor do programa. Lá, o guia sobre a vida na Madison Avenue dos anos 60, chamado *From Those Wonderful Folks Who Gave You Pearl Harbor*, só foi reeditado agora em julho. No Brasil, sairá com nome da série.

DEFINIÇÕES

Agir e Nova Fronteira em 2011

Em 2011, os selos do Grupo Ediouro estarão enfim com formatos definidos. A Agir será uma "porta de entrada", com ficção comercial, juvenis, livros de gastronomia e negócios – uma aposta será o segundo romance de Ana Maria Braga, em maio. A Nova Fronteira fica com a alta literatura, com destaque, em março, para o novo livro de Rubem Fonseca, que deixa de sair pela Agir.

Fonte: Suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 18/12/2010.

Já a seção "Mais Vendidos", como o nome revela, e como já abordamos no **Capítulo I: Comunicação, cultura e consumo**, apresenta uma lista com os livros mais vendidos naquela semana no país, nas categorias "Ficção" e "Não ficção". A fonte da lista é o Instituto de Pesquisa do Grupo Estado (InformEstado). A seção sempre é publicada também na página 2, à direita de "Babel".

Figura 269: Seção “Mais Vendidos” do *Sabático*

Mais vendidos	
FICÇÃO	NÃO FICÇÃO
<p>1. A CABANA William P. Young Sextante (Última 19/92 semanas)</p> <p>2. QUERIDO JOHN Nicholas Sparks Novo Conceito (Última 49/5 semanas)</p> <p>3. O MAR DE MONSTROS Rick Riordan Intrínseca (Última 69/18 semanas)</p> <p>4. O SÍMBOLO PERDIDO Dan Brown Sextante (Última 59/28 semanas)</p> <p>5. DIÁRIOS DE UM BANANA Jeff Kinney Vergara & Riba (Última 109/3 semanas)</p> <p>6. A BATALHA DO LABIRINTO Rick Riordan Intrínseca (Última 79/15 semanas)</p> <p>7. ALICE Lewis Carroll Zahar (Última 89/11 semanas)</p> <p>8. AMANHECER - LIVRO 4 Stephenie Meyer Intrínseca (Última 29/46 semanas)</p> <p>9. DIÁRIOS DO VAMPIRO - A FÚRIA, VOL. 3 Rick Riordan L.J. Smith (Última -"/13 semanas)</p> <p>10. ECLIPSE Stephenie Meyer Intrínseca (Última -"/63 semanas)</p>	<p>1. SE ABRINDO PRA VIDA Zibia Gasparetto Vida e Consciência (Última 19/16 semanas)</p> <p>2. À ESPERA DOS FILHOS DA LUZ Ana Maria Braga Eduouro (Última -"/1 semana)</p> <p>3. POR QUE OS HOMENS AMAM AS MULHERES PODEROSAS? James C. Hunter Sextante/GMT (Última 29/41 semanas)</p> <p>4. SE ABRINDO PRA VIDA Zibia Gasparetto Vida e Consciência (Última 49/26 semanas)</p> <p>5. CARTAS ENTRE AMIGOS Gabriel Chalita e Fábio de Melo Globo (Última 29/28 semanas)</p> <p>6. COMER, REZAR, AMAR Elizabeth Gilbert Objetiva (Última 69/112 semanas)</p> <p>7. NOSSO LAR Francisco Cândido Xavier FEB (Última 109/6 semanas)</p> <p>8. O MONGE E O EXECUTIVO James C. Hunter Sextante (Última 59/260 semanas)</p> <p>9. MENTES PERIGOSAS Ana Beatriz Barbosa Silva Fontanar (Última 99/68 semanas)</p> <p>10. A ARTE DA GUERRA - 13 CAPÍTULOS ORIGINAIS Sun Tzu Jardim dos Livros (Última 89/38 semanas)</p>

FONTE: INFORMESTADO. PERÍODO DE VENDA: DE 24 A 30 DE MAIO.
LOJAS FÍSICAS: DA VILA, FNAC, LASELVA, MARTINS FONTES, NOBEL. INTERNET:
DA VILA, FNAC, LASELVA, MARTINS FONTES, NOBEL, SARATVA, SUBMARINO

Fonte: Suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 05/06/2010.

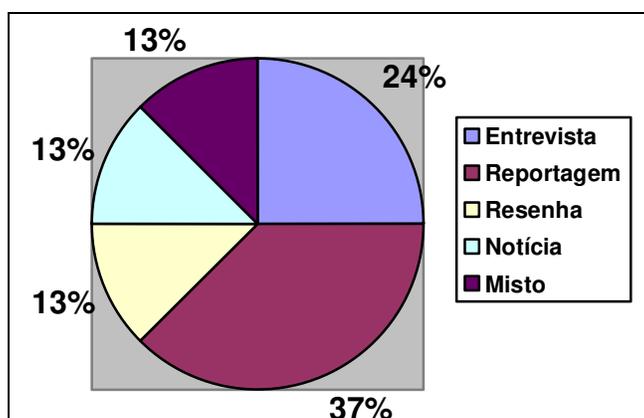
A seção fixa “Capa” é a que mais varia, pois aparece às vezes na página 3, às vezes na 4 e 5, e se apresenta em gêneros diversos como entrevista, artigo de análise crítica (similar às resenhas), reportagem, notícia ou com mais de um texto em gêneros e estilos diferentes. Em algumas ocasiões também são publicados trechos originais de obras literárias (em poesia ou prosa), ou de obras de não ficção, ilustrando o livro ou autor em destaque na seção. Os autores dos textos podem ser jornalistas, acadêmicos ou escritores. Logo, os textos sempre procedem do *Estado de S. Paulo*; de colaboradores (acadêmicos ou escritores) ou de correspondentes de outra cidade ou país.

Os motivos das pautas são sempre os seguintes: lançamento ou relançamento de obra; celebração do aniversário de autores ou obras; outros motivos atuais relacionados ao mercado editorial; a exclusividade de uma informação ou uma somatória de mais de um desses fatores. Ou, como resume Gama, “basicamente são esses critérios, exclusividade, uma somatória de coisas, é exclusivo, tem livro e tem evento, ou tendências ou movimentos

do mercado que eu percebo” (Gama, 2011, em entrevista⁴⁹). Todas as edições são ilustradas com imagens na Capa e dentro do caderno. O tamanho da seção, em nosso *corpus*, varia entre 8.910 e 15.555 caracteres (sem espaços).

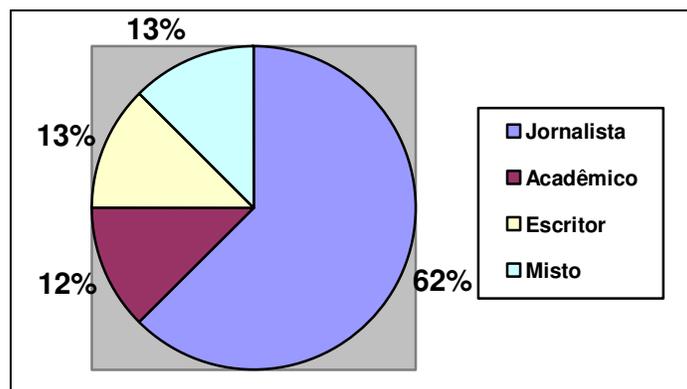
Os gráficos a seguir mostram, respectivamente, a proporção dos gêneros e dos autores presentes na seção “Capa” (de acordo com o *corpus* desta pesquisa). Observa-se que os gêneros mais comuns são, respectivamente, Reportagem (37%) e Entrevista (24%). Com relação à autoria dos textos, nota-se que a maioria é elaborada por Jornalista (62%).

Gráfico 4: Proporção de gêneros encontrados na seção “Capa”



Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

Gráfico 5: Autoria dos textos da seção “Capa”



Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

⁴⁹ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa pessoalmente em 19 de setembro de 2011.

Rinaldo Gama destaca que muitas matérias de capa surgem a partir de percepções dele acerca do mercado editorial, e que essa é a via mais difícil de conseguir temas. Observa-se, assim, que esse seria um diferencial do *Sabático*, pois, de acordo com a fala de Gama, não é qualquer um que consegue traçar certas relações entre os fatos, é necessário ter um amplo entendimento sobre o mercado de livros para chegar a tais. Acerca da seleção de matérias para a capa, Gama destaca:

Às vezes tem a ver com uma combinação de fatores. O sujeito está lançando um livro, depois de X tempo, dará uma entrevista só para nós e vai participar de um evento. Aconteceu com o Ferreira Gullar, no ano passado, na Flip. Foi capa no dia em que ele falava na Flip. Ele estava lançando um livro, depois de 11 anos, se não me falha a memória, e só ia dar entrevista pra gente. E era o Ferreira Gullar. Às vezes são tendências, como as que falei, das editoras, como as editoras estão se preparando [para o lançamento de e-books], a superprodução de livros, os cyber poemas. Às vezes são percepções que eu tenho do que está acontecendo no mercado. Então, os livros sobre nazismo. Capa de duas semanas atrás. Essa semana, o romance. Você começa a perceber que está acontecendo alguma coisa, tem livros que conversam entre si. Esse livro do Henry James conversa com o livro do Unamuno, que por sua vez conversa com [outro autor]. Então tá todo mundo discutindo o romance. Opa, é pauta aqui. Eu posso ter essa percepção, ou algum dos colegas, e me sugerir. Em geral, como eu estou acompanhando tudo, é relativamente frequente que eu tenha esse olhar das coisas que podem ser complementares, conversarem entre si, e aí surgir a pauta em cima disso. (...) E isso é o mais difícil, a tendência, essa terceira [via] é menos óbvia. Ela é menos óbvia. Não que as outras sejam óbvias, porque eu podia não conseguir o Naipaul, mas [essas] são menos visíveis. Alguém poderia ter pensado no Naipaul, ele tá lançando um livro, vou fazer uma entrevista com ele. Agora, o romance já é um pouco diferente, você precisa conhecer os livros para saber que eles conversam e em cima disso montar uma pauta. (GAMA, 2011, em entrevista)

Embora Gama diga que frequentemente ele é quem enxerga as pautas menos óbvias, Raquel Cozer destaca que também sugeriu pautas que foram aceitas para a realização de matérias de capa.

Às vezes quando chegava um livro que o Rinaldo achava interessante eu fazer, ele me passava, uma entrevista com o autor, alguma coisa assim. Uma coisa que foi uma iniciativa muito minha, foi dar ideias de reportagens ligadas ao mercado, foi uma ideia que eu comecei a sugerir e eles aceitaram e eu comecei a fazer. Tipo, o cenário da literatura infantil, ou aplicativos de livros etc. Foi uma coisa que eu ia, como eu fazia a “Babel”, eu ficava sabendo de umas histórias meio que eu achava que a coluna não tinha espaço suficiente para explorar, e eu conversava com o Rinaldo. E o Rinaldo era sempre muito aberto a sugestões. E eu fazia umas matérias grandes ali. (COZER, 2011, em entrevista)

A seção “Do Suplemento Literário”, que também é fixa, sempre aparece no rodapé, seja da página 3, 4 ou 6. Aqui, conforme já mencionado, são republicados trechos de textos originários do *Suplemento Literário*. A seção geralmente apresenta textos curtos (cerca de 2000 caracteres), com a indicação do endereço da internet onde é possível ler o texto integralmente. Rinaldo Gama é o encarregado de selecionar os textos que irão compor a seção. Os critérios utilizados são, de acordo com ele, a relação entre o texto do SLOESP e o texto que está, naquela mesma página, no *Sabático*; ou a publicação de uma efeméride presente no *Suplemento*, relacionada ao autor que está sendo comentado ali. Apesar de Gama só elencar esses dois motivos, há casos de publicações que, aparentemente, não se encaixam em nenhum deles. O motivo dessas, possivelmente, seja o fato de que foram escritas por personalidades de grande renome cultural, como Antonio Candido e Anatol Rosenfeld.

A seção “Resenhas” também é fixa no *Sabático*. Evidentemente, publica resenhas analíticas de todo tipo de livros, literários ou não. Os livros resenhados são recentes, mas nem sempre lançados na semana de publicação da resenha. De acordo com Cláudia Nina (2007), as publicações recentes são prioridade, “pois as que já foram lançadas há mais tempo são consideradas ‘passadas’” (p. 43). Nina também explica que “o tempo de envelhecimento de um livro fica a critério do editor, sem que haja, necessariamente, um prazo de validade estampado na capa de cada obra” (2007, p. 43).

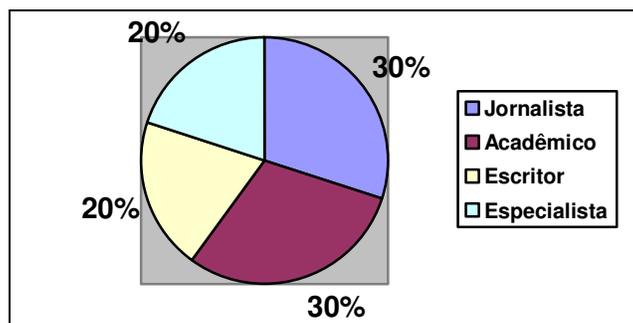
De fato, Gama relevou-nos que às vezes publica resenhas de livros “com atraso”, ou seja, lançados em semanas anteriores, quando o autor do texto é alguém muito importante, que não tinha condições de entregá-lo na semana do lançamento. Nesse caso, Gama valoriza mais a publicação de uma resenha escrita por um grande nome, por alguém que é, segundo ele, uma das pessoas mais aptas a falar sobre aquele assunto no país, e menos a publicação da resenha na semana de lançamento do livro. Gama também afirma que jamais publica análises críticas de livros que não foram lançados ainda, pois considera isso um desserviço.

No caso de resenhas, elas estão mais ou menos antenadas com a data em que os livros vão para as livrarias. Eu não dou resenha antes do livro chegar à livraria, porque eu acho um pouco desserviço, a pessoa lê, fica entusiasmada, vai comprar o

livro e [ouve] “não, não tenho ainda, só daqui a um mês”. Mas acho que é possível agendar para sair mais ou menos na mesma época. O que acontece é que muitas vezes esse professor, esse crítico etc [que escrevem as resenhas], são pessoas muito atarefadas, então ou eu planejo com muita antecedência, é o que geralmente eu faço, ou eu me programo de um modo que se sair em algum lugar a resenha de determinado livro numa semana em que eu ainda não tenho o artigo pronto, eu não me incomodo, dou na outra semana. Porque eu tenho certeza que a pessoa que está assinando o artigo que vai sair no *Sabático* é, se não a melhor, mas uma das duas ou três pessoas que melhor poderia fazer aquilo, ou estaria mais habilitada a fazê-lo. Então, é como se eu dissesse para o leitor: “o concorrente saiu essa semana, o meu vai sair só semana que vem, só que quando você for ler a minha crítica, será a fulana que vai fazer”. É outra coisa. Eu dei esse tempo a mais porque era a fulana que estava fazendo, senão a gente se virava para fazer por aqui ou eu dava para outra pessoa, mas eu achei que valia a pena esperar uma semana a mais para você ler a resenha de tal pessoa, e não de outra qualquer. Esse é um julgamento que leva em conta, naturalmente, o conhecimento que essa pessoa tenha sobre aquele autor, ou o envolvimento dela naquela área e assim por diante. Já fiz isso algumas vezes e sem nenhum remorso. Mas também já fiz o contrário, já dei para a melhor pessoa escrever sobre um determinado autor, a pessoa mais habilitada do país, e sair antes dos outros. Apesar de ser aquela pessoa. Seja porque a pessoa foi mais ágil, ou porque tinha mais tempo, ou porque eu consegui insistir muito com a editora para conseguir as provas antes de todo mundo e mandei pra essa pessoa que eu sabia que precisava de um tempo maior. Já aconteceu isso também, o contrário. (GAMA, 2011, em entrevista)

Os autores dos textos são, em sua maioria, acadêmicos ou jornalistas do *Estado*. Há também escritores e especialistas (na área à qual o livro resenhado pertence) escrevendo. Raramente aparecem traduções de resenhas publicadas em veículos internacionais, como o jornal *The Guardian* (edição de 22/05/2010). A quantidade de resenhas por edição varia entre 5 (edição de 21/08/2010) e 1 (edição de 13/11/2010). A maior parte dos textos é assinada por Jornalistas (30%) e Acadêmicos (30%).

Gráfico 6: Autoria dos textos da seção “Resenhas”



Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

A seleção de autores das resenhas obedece a alguns critérios. Em primeiro lugar, Gama procura buscar as pessoas mais habilitadas para falar sobre aquele livro ou autor, conforme exposto acima e no trecho a seguir.

Eu tento encontrar no mínimo uma das duas ou três pessoas que melhor poderiam discorrer sobre aquele assunto, sobre aquele autor, no país. Não haverá ninguém mais habilitado, ou se houver, estará na mesma estatura, ou muito próximo, da pessoa que eu tiver escolhido para fazer aquela resenha. Seja em literatura italiana, alguém que tenha uma contribuição muito importante em literatura italiana, ou russa, ou espanhola, ou brasileira e assim por diante. Esse é um critério. (GAMA, 2011, em entrevista)

Ele também procura variar os autores, diversificando os interlocutores do leitor.

Eu também procuro diversificar a presença, se não for possível diversificar os nomes, pelo menos a presença dos nomes no caderno. Então, é difícil você encontrar em duas semanas seguidas o mesmo resenhista. É muito raro. Pode pegar as edições e vão ser poucas as ocasiões em que você vai encontrar isso. Por quê? Porque eu estou tentando também diversificar os interlocutores do leitor. Se toda semana ele ver aquele mesmo cara escrevendo, [vai pensar] “ih, lá vem fulano escrevendo de novo”. Isso quando não é possível diversificar o nome, porque quando é possível diversificar o nome, eu diversifico o nome também. Por exemplo, semana passada tinha uma resenha do Maurício Santana Dias, que é um professor de Literatura Italiana, tradutor da USP, ele nunca tinha escrito no caderno. Eu tenho outras pessoas de literatura italiana que poderiam escrever aquela resenha, só que eu fui pedir para ele, exatamente procurando diversificar os nomes também. Quando não é possível diversificar os nomes, eu pelo menos procuro espalhá-los no conjunto das edições. Para que você tenha diferentes interlocutores [e para que] o leitor tenha contato com diferentes pontos de vista etc. Claro que às vezes são imperiosos os nomes. Têm nomes que se impõem. Seja porque o Brasil, infelizmente, tem poucos naquela área, seja porque são muito talentosos. Mas mesmo essas literaturas em que a gente tem dificuldade de diversificar, ainda assim eu tento, no mínimo, fazer um revezamento daqueles nomes que são mais regulares no caderno. (GAMA, 2011, em entrevista)

Um outro critério adotado para a seleção de críticos se aplica aos escritores que estão assinando resenhas. Para Gama, é importante que um caderno como o *Sabático* invista ou aposte em novos talentos. Além disso, Gama tenta retomar um momento da história da imprensa nacional em que os grandes escritores também eram críticos de literatura. Por isso, também escolhe novos autores para serem resenhistas, como é o caso de

Carol Bensimon⁵⁰ (resenha publicada em 02/10/2010) e Ronaldo Correia de Brito⁵¹ (resenha publicada em 25/09/2010).

O outro critério é que, um caderno como o nosso tem que fazer algumas apostas. Tem que descobrir talentos, ou investir em talentos. Então, houve momentos no Brasil em que o Brasil tinha escritores muito extraordinários e esses escritores colaboravam com muita frequência nos suplementos literários. Ou seja, o escritor acabava tendo uma atividade crítica quase regular. E, depois, isso desapareceu. E todo, todo não, mas uma parte significativa dos escritores de peso de literatura inglesa, francesa, de língua espanhola, eles eram, ou são, criadores, mas também críticos e ensaístas. Eles têm uma atividade de criação, produzem romances, novelas e poesia, mas também produzem ensaios e críticas. Então, eu tenho tentado pedir também para escritores, e, de preferência, jovens, tenho procurado encomendar resenhas deles. Para que isso exista no Brasil outra vez. Esse escritor que é criador, mas também reflete sobre aquilo que ele faz. Os grandes escritores é difícil, você não vai convencer o João Ubaldo a fazer uma resenha, entendeu? Não fez até hoje e não vai fazer. Mas nos novos eu posso conseguir criar isso. E é o que eu tenho tentado, com esses autores mais jovens. (GAMA, 2011, em entrevista)

No *Sabático*, as resenhas possuem dois tamanhos padrão, 5.000 e 2.500 caracteres. As resenhas maiores são as que ocupam a metade superior da página, e sempre possuem ilustrações. Em alguns casos, também trazem trechos da obra resenhada. Na metade inferior da página, geralmente vêm duas resenhas menores, sem ilustrações ou trechos das obras. Todas as resenhas são encabeçadas por dados técnicos (imagem da capa; título; autor; tradutor – quando há; editora; número de páginas e preço). É claro que a disposição das resenhas altera de acordo com a quantidade de textos disponível em cada edição. A página em que a seção aparece também varia, sendo mais comum que esteja nas páginas 6 e 7, só na 7 ou só na 5. Em alguns casos, a seção só aparece na página 3. Em todo o caso, nota-se que essa seção é tida como importante para o Suplemento, pois sempre aparece em páginas ímpares.

Com relação às editoras dos livros selecionados para serem resenhados, Gama destaca que, similarmente ao ocorrido na escolha dos resenhistas, possui a preocupação de diversificar, ou intercalar a presença dessas, para não dar ao leitor a impressão de que sempre aborda livros das mesmas editoras. Essa distribuição também é feita em relação aos

⁵⁰ Carol Bensimon é uma escritora gaúcha de 28 anos que publicou os romances *Pó de parede* (Não Editora, 2008) e *Sinuca embaixo d'água* (Companhia das Letras, 2009, finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, Jabuti e Prêmio Bravo!).

⁵¹ Ronaldo Correia de Brito é um médico e escritor cearense de 59 anos que ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura em 2009 com o romance *Galiléia* (Alfaguerra, 2008).

gêneros dos livros resenhados, para que não sejam sempre os mesmos. Gama afirma que também procura equilibrar a presença de autores brasileiros e estrangeiros, no Suplemento como um todo.

Um caderno, mesmo de 8 páginas, eu acho que é razoável pensar que ele deveria ser distribuído de um modo que ele abordasse vários gêneros literários. Se eu tenho uma matéria de História na página 3 eu não posso dar, não posso não, eu não acho bom dar outra na página 6. Se eu tenho uma predominância de autores estrangeiros ou brasileiros, eu tento equilibrar: tá faltando um brasileiro aqui, tá faltando um estrangeiro ali. E um outro critério que eu também adoto, que é para o caderno de 8 páginas que eu comecei a falar, eu acho que é também muito razoável você tentar fazer uma distribuição das editoras que estão contempladas ali. Não é que uma editora muito boa vai ser penalizada no *Sabático*, vou deixar de dar as coisas porque ela só está publicando coisa boa e eu tenho que fazer essa [distribuição]. Isso seria “tontisse”. Mas como, felizmente, como não existe só uma editora boa, ou só uma editora publicando coisas importantes, eu tento distribuir o caderno em diferentes gêneros literários de diferentes editoras. (GAMA, 2011, em entrevista)

De acordo com os resenhistas Ronaldo Correia de Brito e Márcio Seligmann-Silva, que já publicaram no *Sabático*, as resenhas sempre são escritas a convite do editor, que já indica o livro e o espaço disponível para o texto, bem como o prazo para a escrita, que geralmente é de duas semanas. Apesar do limite rigoroso de tamanho, Seligmann-Silva destaca⁵² que não há nenhum tipo de pressão ou censura, e que quando o texto sofre mudanças, ele é consultado a respeito delas. Já Correia de Brito afirma⁵³ que seus textos nunca foram alterados pela publicação.

Assim como “Resenhas”, a seção “Estante”, última fixa do suplemento, também traz os principais lançamentos da semana. Entretanto, em “Estante” não há qualquer tipo de análise crítica, mas apenas a exposição direta dos livros, como se estivessem na estante de uma livraria. Da mesma forma como as resenhas são sempre acompanhadas de informações técnicas sobre o livro, “Estante” mostra essas mesmas informações (imagem da capa; título; autor; tradutor – quando há; editora; número de páginas e preço), acompanhadas por uma breve sinopse da obra. Em geral, são apresentadas 8 obras, e quase sempre há obras importadas, ou seja, não traduzidas para o português. No rodapé da seção são indicados o nome, o endereço e o telefone da livraria onde é possível adquirir os lançamentos importados. Rinaldo Gama conta, ainda, que os livros que vão para a “Estante” são aqueles

⁵² Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por e-mail em 14 de outubro de 2011.

⁵³ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por e-mail em 17 e 28 de janeiro de 2011.

que chamaram sua atenção, mas não receberam destaque nem nas resenhas, nem nas demais seções do Suplemento. Às vezes, livros que já saíram na “Estante” são resenhados depois. Nesses casos, a publicação na “Estante” serve como antecipação, simplesmente para fazer menção a um livro cuja resenha ainda não esteja pronta na época de lançamento do mesmo.

A “Estante” tem dois objetivos. Pode ser um modo da gente dizer que prestamos atenção num livro que, no entanto, não será contemplado com resenha, por motivos diversos. Embora, já tenha saído livro na “Estante” que depois tenha sido resenhado, é só porque eu queria me antecipar. Mas pode ser isso, um registro que não vai alçar nenhum voo, além daquele. Esse é um critério. O outro critério é de vazão mesmo. Então, tem muita coisa chegando, de muitas editoras diferentes, então a gente não pode ignorar. Dar, pelo menos, na “Estante”. E, por fim, como a gente procura dar também livros importados, cumpre essa outra função. Via de regra, tem dois livros importados na “Estante”. Então é uma terceira razão, um terceiro critério. Então, tem 6 livros publicados no Brasil e 2 fora do Brasil. Mas o grande critério é o dar vazão naquilo que a gente sabe que não poderá fazer de outro modo. Muita coisa, não vou ter espaço para fazer essa resenha nunca. Então eu ponho ali, pelo menos eu falei do livro. (GAMA, 2011, em entrevista)

Figura 270: Seção “Estante” do *Sabático*

Estante



A GUIMBA
Autor: Will Self
Tradução: Cássio de Arantes Leite
Editora: Alaguara (336 págs., R\$ 48)
 O consagrado inglês satiriza questões morais pós-11 de Setembro ao criar uma espécie de paraíso no qual o simples ato de jogar uma ponta de cigarro pela janela pode trazer à tona reações violentas.



JUVENTUDE
Autor: J.M. Coetzee
Tradução: José Rubens Siqueira
Editora: Companhia das Letras (186 págs., R\$ 43)
 Reedição do romance que se situa entre *Infância* e o recém-lançado *Verão* na trilogia autobiográfica do Nobel de Literatura sul-africano. Neste livro, Coetzee narra sua formação como escritor.



MIGRAÇÃO DOS CISNES
Autor: Ricardo Daunt
Editora: Global (560 págs., R\$ 59)
 A editora inaugura o que anuncia como uma série de romances de autores brasileiros com esta obra. Estudo de literatura, o paulistano experimenta estratégias narrativas numa trama que parte de uma descoberta literária sobre Joyce.



O FOTÓGRAFO – UMA HISTÓRIA NO AFGANISTÃO
Autores: Guilbert, Lefèvre e Lemerrier
Tradução: Dorothée de Bruchard
Editora: Conrad (110 págs., R\$ 46)
 Último volume da obra que, unindo fotos e HQ, resultou da expedição dos Médicos Sem Fronteira ao Afeganistão, sob a mira do fotógrafo Didier Lefèvre.



DOZE LIÇÕES SOBRE FREUD & LACAN
Autor: Geraldino Alves Ferreira Netto
Editora: Pontes Editores (270 págs., R\$ 45)
 Resultado de um curso ministrado pelo autor, o livro parte de questionamentos de alunos para apresentar ao leitor de maneira simples os pensamentos dos psicanalistas.



TRATADO DE DIREITO CONSTITUCIONAL 2
Coordenação: Ives Gandra de S. Martins, Gilmar F. Mendes e Carlos Valder do Nascimento
Editora: Saraiva (792 págs., R\$ 189)
 Obra inclui textos de especialistas como André Portella, Carlos Alberto Di Franco e Manuel Porto.



EL DON DE LA VIDA
Autor: Fernando Vallejo
Editora: Alaguara (Importado, 162 págs., R\$ 44)
 Um velho carrega consigo uma caderneta na qual anota o nome de todos os seus mortos – já chegou a 657, contando familiares, amigos e conhecidos. Agora, ele espera atingir em breve os 700.



TAKE 100 – THE FUTURE OF FILM
Autores: vários
Editora: Phaidon (Importado, 448 págs., R\$ 184,50)
 O volume apresenta 100 diretores emergentes nos quais vale prestar atenção, em seleção de diretores desfetivais como Wieland Speck (Berlim) e Marco Muller (Veneza).

OS LANÇAMENTOS IMPORTADOS PODEM SER ENCONTRADOS OU ENCOMENDADOS NA LIVRARIA SARAIVA: AV. ROQUE PETRONI JR., 1.089, TEL. (0-11) 5181-6427.

Fonte: Suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 10/07/2010.

4.2.2. Aspectos gráficos e estéticos

Além das letras manuscritas em marca d’água no fundo de imagens; das capitulares também em fonte manuscrita e da caligrafia de Euclides da Cunha no logotipo, o *Sabático* possui outras marcas estéticas. Por exemplo, publicam-se olhos retangulares amarelos entre as colunas de algumas matérias, para destacar informações importantes. Outra característica é a utilização do símbolo  , que aparece na horizontal ou na vertical, geralmente

introduzindo trechos de obras em destaque. Nas primeiras edições do suplemento, esse símbolo apareceu também em outros contextos, por exemplo, para encerrar um texto em uma página e iniciá-lo em outra (o símbolo aparecia tanto no parágrafo final de uma página quanto no inicial de outra). Essa utilização deixou de aparecer nas edições mais recentes do *Sabático* que compõem nosso *corpus*.

Figura 271: Olho que ilustra matéria do *Sabático*



Fonte: Suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 21/08/2010.

Figura 272: Trechos de obra resenhada no *Sabático*



- Os psicólogos são perscrutadores do vazio e embusteiros da profundidade.
- A vida é um esforço que seria digno de uma causa melhor.
- Há escritores que já conseguem dizer em vinte páginas aquilo para o que às vezes preciso de apenas duas linhas.

Fonte: Suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 21/08/2010.

Todos os nomes das seções do *Sabático* são escritos na mesma fonte e com a mesma cor, e são envoltos em um retângulo amarelo, dialogando com os olhos amarelos que destacam informações entre as colunas de texto.

Figura 273: Estilo dos nomes de seções do *Sabático*

Do Suplemento Literário

Ensaio

Fotografia

Resenhas

Fonte: Suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 21/08/2010.

Em matéria publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* na semana anterior ao lançamento do *Sabático*, destacava-se que o novo suplemento teria um “projeto gráfico arrojado, que inclui tipografias e cores selecionadas especialmente” (*Vida&, O Estado de S. Paulo*, 07 mar. 2010, p. A26), e que suas páginas seriam ornamentadas com “pequenas notas, ilustrações e frases recortadas do universo cultural” (*idem*). Essa foi outra característica de estilo abandonada cedo pelo Suplemento, que apenas publicou essas notas e frases em suas primeiras edições. Essa publicação foi encerrada assim que um anúncio fixo começou a circular na página 2. Os rodapés com frases, informações e imagens do universo da cultura erudita apareciam nas páginas 2 e/ou 3.

Figura 274: Rodapé trazendo informações e frases do universo cultural

“Sou um guardador de rebanhos. O rebanho é os meus pensamentos. E os meus pensamentos são todos sensações”



ALBERTO CAETANO DE FÁRIA/
FERNANDO PESSOA



“NÃO É IMPOSSÍVEL QUE UM AUTOR SEJA UM GRANDE HOMEM; MAS NÃO SERÁ FAZENDO LIVROS, EM VERSOS OU EM PROSA, QUE SE TORNARÁ TAL”

JEAN-JACQUES ROUSSEAU



Rachel x Graciliano
O Quinze, de Rachel de Queiroz, completa 80 anos em 2010. Ao lê-lo, Graciliano Ramos duvidou que fosse de autoria de uma mulher. “É homem”, arriscou.

Fonte: Suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 13/03/2010.

Ainda na mesma matéria, que anunciava o nascimento do *Sabático*, afirmava-se que o suplemento teria artistas plásticos convidados para fazer ilustrações (em similaridade ao *Suplemento Literário*). Isso não se concretizou, pois os únicos ilustradores que aparecem com frequência no suplemento já são colaboradores do jornal, a saber: Loredano, Baptistão, Carlinhos Müller e Marcos Müller.

4.2.3. Linguagem, circulação, publicidade e público alvo

A linguagem adotada no Suplemento varia muito, de acordo com os autores dos textos. Entretanto, pode-se dizer que boa parte dos textos possui linguagem acessível, mesmo quando trata de assuntos mais eruditos e não familiares ao grande público. Para Rinaldo Gama, é muito importante que os textos sejam, não apenas bem escritos, mas bem equilibrados entre dois pólos: o dos leitores já eruditos, e o dos leitores comuns que devem ser conquistados pelo suplemento. Assim, o desafio posto ao Jornalismo Cultural é o de não ofender e afastar aqueles leitores já cativos, que não querem informações “mastigadas” e, ao mesmo tempo, atrair potenciais novos leitores, não familiarizados com o mundo da cultura erudita. Para Gama, a chave para se chegar a esse equilíbrio está na linguagem, na elaboração do texto:

Um sujeito que nunca ouviu falar no Jean Paul Sartre, como é que eu vou fazer com que esse cara se interesse pelo Jean Paul Sartre de maneira que, daqui a X anos, a pessoa que estiver no meu lugar não precise, para aquele leitor, dizer quem é o Jean Paul Sartre. Esse é o grande desafio do Jornalismo Cultural. Você não pode ofender quem já sabe, como se estivesse dizendo que se trata de uma pessoa ignorante, e não pode desprezar o seu eventual futuro leitor, aquele que não sabe do que se trata, do que você está falando. Como é possível fazer essa conciliação? Por sorte, acho que o Jornalismo Cultural tem uma característica forte, não digo que é maior do que nas outras seções do jornal, mas é bastante visível, que é uma preocupação muito acentuada na elaboração do texto em si. O Jornalismo Cultural trabalha com uma preocupação estilística que costuma ser maior do que em outras seções do jornal, por motivos mais ou menos auto-explicáveis. Seja porque você está lidando com um objeto que facilita esse investimento, Literatura; Cinema; Artes Plásticas, seja porque as pessoas que se dedicam a essas áreas, também por motivos auto-explicáveis, são capazes de produzir esse texto mais elaborado do ponto de vista estilístico. Quem escreve sobre literatura pressupõe-se que seja alguém que lê muito. E ler, eu costumo dizer que ler é escrever. Você não sabe, mas quando você está lendo você está também escrevendo, ou está aprendendo a escrever. Então, outra facilidade. E não existe outro caminho que não seja esse para conquistar esse leitor que ainda não sabe do que você está falando, do que está ali anunciado. Você só pode conquistá-lo através do texto. (GAMA, 2011, em entrevista)

A discussão a respeito das diferenças de estilo existentes entre jornalistas e críticos acadêmicos é antiga e já foi extensamente debatida por diversos autores, que destacam que o acadêmico possui um jargão muito rebuscado e inacessível, pecando pela falta de clareza, enquanto o jornalista apresenta um tom muito pedagógico. Entretanto, o que se nota

atualmente é que as críticas jornalísticas, mesmo quando feitas por acadêmicos, não são iguais às críticas que veiculam, por exemplo, em revistas acadêmicas e em outros veículos que circulam pelos meios universitários. Para o jornal ainda se utiliza um tom mais informativo e pedagógico, como forma de se aproximar do leitor comum, e também devido à limitação de espaço. O crítico literário e professor da Unicamp Márcio Seligmann-Silva, que já escreveu resenhas para o *Sabático*, confirma que o estilo adotado em textos críticos que vão para o jornal não é o mesmo das críticas acadêmicas.

No meio acadêmico o autor pode se sentir mais a vontade para aprofundar suas reflexões e ousar mais em suas análises. Eu escrevo de modo diferente, porque tenho também objetivos diferentes. No jornal faço (ou tento fazer) resenha, na revista acadêmica procuro fazer crítica. Às vezes, no entanto, já tentei fazer algo mais próximo da crítica em revistas de divulgação cultural, como a *Cult*, que reservam mais espaço para a literatura e para a reflexão. Um exemplo dessas tentativas foi minha resenha de *Viagem à Itália*, de Goethe, que depois publiquei em meu livro *O local da diferença*. (SELIGMANN-SILVA, 2011, em entrevista)

Logo, no *Sabático*, os textos adotados são simples e claros, embora muitas vezes tratem de autores eruditos e desconhecidos do grande público, como o argentino Rodolfo Walsh, o cubano José Lezama Lima, o chileno Roberto Bolaño, o brasileiro Wilson Bueno, entre outros. Para Rinaldo Gama, a complexidade dos temas é mais um motivo pelo qual o leitor deve ser seduzido pelo texto.

Em geral o assunto é complexo, os autores têm obras sofisticadas, etc. Você só pode encorajar alguém a entrar nesse mundo se você mostrar que esse mundo não é chato, não é intransponível, ao contrário, que ele é atraente, que ele é possível de ser penetrado, é acolhedor, inclusive. Você só pode conquistar o leitor dessa maneira. E aí não tem outro remédio, não tem outra saída, é um trabalho muito exaustivo de elaboração de texto e de apresentação daquele conteúdo. Então um caderno de cultura obrigatoriamente tem um acabamento que precisa ser muito consciente do leitor que ele quer atingir. Não estou dizendo que nas outras partes do jornal não é assim, só estou dizendo que nas outras partes do jornal, como se trata, via de regra, de fatos bastante recentes com os quais o jornal está trabalhando, eles se auto-impõem, falam por si da sua importância. “Os EUA eliminam o Bin Laden”, isso fala por si. A importância disso. Ou o terremoto; ou tsunami; ou uma denúncia, “O ministro pagava sua empregada com dinheiro público”, e assim por diante. Isso tem em si mesmo uma carga de importância imediata, um apelo muito forte da notícia. No nosso caso nem sempre é assim. Então você vai conseguir atrair esse leitor novo através do texto. (GAMA, 2011, em entrevista)

Gama vê a conquista de novos leitores, feita por meio de um texto acessível, como algo fundamental para garantir a permanência do suplemento, já que os leitores cativos um dia morrerão e, com eles, o *Sabático*.

E é importante você ter esse cuidado [de conquistar novos leitores] porque, do contrário, você estará sempre falando para as mesmas pessoas. E essas pessoas um dia vão morrer. E então você vai morrer junto, você o caderno. Ao mesmo tempo em que você não pode desprezar aquelas pessoas que dedicaram 20, 30 anos da vida delas àquela área em que você está atuando, você não pode perder de vista, jamais, o leitor que você quer conquistar. Ou seja, aquele cara que não tem a menor noção de quem foi Saramago, quem foi Fernando Pessoa, ou tem uma remota, não ter a menor noção foi um exagero, de quem terá sido Camus, Gabriel García Márquez, e assim por diante. Você traz esse sujeito para o seu mundo com a seguinte promessa: eu garanto a você, leitor, que isso não é chato, que você vai entrar num mundo que é acolhedor, esse mundo vai receber você bem e uma vez dentro dele você ficará tão fascinado que você não deixará mais de persegui-lo. Esse é o ideal de um caderno de cultura, especialmente de um caderno de livros. E se é de livros, mais do que em qualquer outra das áreas você só vai conquistar esse leitor mostrando que esse instrumento, essa ferramenta com a qual você trabalha é a mesma com a qual ele vai se defrontar, o livro. E que é tão atraente quanto. Não é uma coisa simples de fazer, não. Não é mesmo. Mas é a única forma que você tem de não ofender quem já conhece, quem já sabe, porque uma pessoa que já tem uma formação, ela sabe perceber rapidamente, numa frase, que aquele texto é bem escrito, e, ao mesmo tempo, tentar trazer o leitor novo. Aquele que tem uma vaga noção do que seja aquele livro, aquele autor, tá passando pelo jornal ali e tirou um caderno procurando um caderno e achou o seu e pensa: “nossa, interessante isso aqui”. E começa a ler, e vai embora. Esse é o desafio. (GAMA, 2011, em entrevista)

Porém, nota-se que, no *Sabático*, alguns textos são mais rebuscados e recheados de jargões, em especial as colunas assinadas por Silviano Santiago. O crítico, que é conhecido por ter uma linguagem acessível, às vezes peca em seus textos publicados na coluna “Prosa de Sábado”, seja por tratar de temas mais densos, seja pelas escolhas lexicais, seja por fazer menção a diversos nomes de figuras ou obras do mundo intelectual, sem contextualizá-las ao leitor. Os trechos a seguir, retirados da coluna assinada por Santiago (sempre na página 2 do *Sabático*), são exemplos disso:

- “Se o ensaísmo não se desvincula do caminho real da narrativa bíblica, a ficção como no espetáculo *O Banquete*, de José Celso Martinez Corrêa, não se libera de Sócrates e do colóquio platônico.” – 21/08/2010
- “A esperança do poeta poente é, pois, intervalar. Calar ou falar o último solilóquio, “enquanto a alma é batida de fel e não tomba /enquanto ainda muge a ovelha e despetala sua lã”. A esperança se expressa pelo tempo do enquanto. Neste, a ação

verbal vem no infinitivo (calar, falar, olhar). Por ser desprovido de pessoa e de número, o infinitivo se confunde com o tempo circular, em que os 80 anos é um “amálgama de aros”. Confunde-se com o tempo mítico, onde o poeta encena Pigmalhões e Teseus.” – 02/10/2010

- “A leitura da coletânea *O Que É o Contemporâneo e Outros Ensaios* (Argos, 2009), de Agamben, serve de roteiro para o caminho traçado, embora a reflexão do italiano escamoteie a *bête noire* de Foucault, ou seja, o influente ensaio de Louis Althusser.” – 17/04/2010

Observa-se, logo, que embora o editor do *Sabático* tenha a preocupação de conquistar novos leitores, especialmente pela linguagem majoritariamente empregada no suplemento, seu público alvo é formado por pessoas de erudição, capazes, por exemplo, de compreender as referências citadas nas colunas de Silviano Santiago. De modo geral, o *Estado de S. Paulo* busca ser um jornal voltado às elites, e sua última reforma mostrou isso, pois o jornal não se tornou mais popular, como ocorreu com a *Folha de S. Paulo*, seu concorrente direto.

Sandro Vaia, ex-diretor de redação do *Estado*, responsável pela reforma gráfica e editorial de 2004, conta que o jornal tem o interesse de circular “junto a públicos formadores de opinião, universitários, tomadores de decisão, empresários” (*apud* Sant’Anna, 2008, p. 200), para se manter um veículo influente. Vaia também reforça a crença de que o jornal “não precisa ter uma circulação superfaturada. Basta ter uma circulação que atinja as camadas A, B, tomadores de decisões, formadores de opinião, que nos interessa ter” (*idem*, p. 201).

Rinaldo Gama expõe que a crença por trás da última reforma gráfica e editorial (de 2010) ainda é mesma quanto ao público alvo do jornal, ou seja, não visa atingir as classes mais baixas.

O jornal não pode jogar 136 anos, 135 naquela ocasião, pela janela, em nome de uma suposta capacidade, com essa transformação, de atrair os novos leitores, os emergentes, a nova classe C. Não dá para fazer isso, você não pode jogar 135 anos de história pela janela para atingir os 40 milhões de brasileiros que saíram da linha de pobreza. Imaginando que você vai atingi-los. Porque é um erro você achar que vai atingi-los. Já houve experiências recentes de outras empresas que investiram em veículos impressos para esse público e todas foram fadadas ao fracasso. Por quê? Porque, esse público vai procurar algum tipo de informação? Claro que vai. Ele vai procurar algum tipo de conhecimento? Claro que vai. Mas, como? Nem tanto mar, nem tanta terra. As pessoas são sensatas, elas não vão atrás de algo que percebam que está muito distante delas. Elas vão atrás de algo que está mais próximo. Então

elas não vão lá no *Estadão*, elas vão numa coisa mais próxima delas. E assim, um dia pode ser que ela possa chegar no *Estadão*, mas ela não vai começar no *Estadão*. Então, se o *Estadão* jogasse no lixo 135 anos para virar um jornal, entre aspas, “popular”, o que ele estaria fazendo? Ele perderia o seu público, aquele que é cativo, que aprendeu a lê-lo e a respeitá-lo, e não conquistaria esse público emergente. (GAMA, 2011, em entrevista)

Embora o *Sabático* se encaixe perfeitamente nessa visão elitista e tradicional do jornal, Gama afirma que é errado supor que o público do *Estado* é uniforme. Apesar de o veículo, de maneira geral, buscar ter as classes mais altas como consumidores de suas informações, esse público também é variado. Dessa forma, Gama acredita que, dentro desse nicho de consumo, ainda há leitores a serem conquistados pelo *Sabático*.

Em primeiro lugar, é importante lembrar que um jornal ou uma revista tem diferentes camadas de leitores. É uma ilusão, ou até uma ingenuidade, você supor que o jornal está falando com todos os leitores ao mesmo tempo. Isso não existe. Nenhum jornal, nenhum veículo de comunicação, é capaz de falar ao mesmo tempo com todos os leitores. Ele fala com alguns leitores em alguns momentos, ele jornal, ele revista. Cada grupo de reportagens, matérias, cada editoria, tem um público que, em alguns casos, pode ser comparado e ser semelhante, ou até o mesmo, e em alguns casos definitivamente não é o mesmo público que lê uma editoria ou lê outra editoria. Isso para mim é muito claro. Então, quem procura um caderno de Economia, um caderno de Esportes ou um caderno de Artes e Espetáculos e de Cultura de um modo geral pode não ser, e frequentemente não é, a mesma pessoa. O mesmo tipo de pessoa, o mesmo tipo de leitor. Ora, se não é o mesmo tipo de leitor alguns cuidados devem ser tomados. Se você quer falar com um leitor de um caderno de Esportes, você tem que tomar alguns cuidados, e outros não. Você pode se dar ao luxo de dizer, na capa do caderno, que “o Brasil de Leandrinho se classificou para a Olimpíada de 2012”. O sujeito que lê o caderno de Esportes sabe que esse jogador é um jogador de basquete, ele não fará nenhuma confusão se aquilo é vôlei, se é natação, se é tênis, ele não fará essa confusão. Do mesmo modo, eu posso me dar ao “luxo”, sempre entre aspas, de dizer numa chamada do *Sabático* que tal escritor é um herdeiro de Jean Paul Sartre. Eu necessariamente não preciso dizer ali quem foi Jean Paul Sartre. (GAMA, 2011, em entrevista)

Raquel Cozer, por sua vez, conta que o jornal possui um grande interesse em ter o *Sabático* circulando em meios universitários, e que a presença dos resenhistas vindos das grandes universidades brasileiras no caderno também visa alcançar esse ideal.

E no jornal hoje em dia, embora o *Estadão* seja um jornal, como eu falei, mais sofisticado e tal, num jornal não existe espaço hoje em dia para um acadêmico, para um professor de universidade escrever. Para um grande nome da universidade. Então o *Sabático* também foi um pouco isso, além de não só repercutir entre o leitor

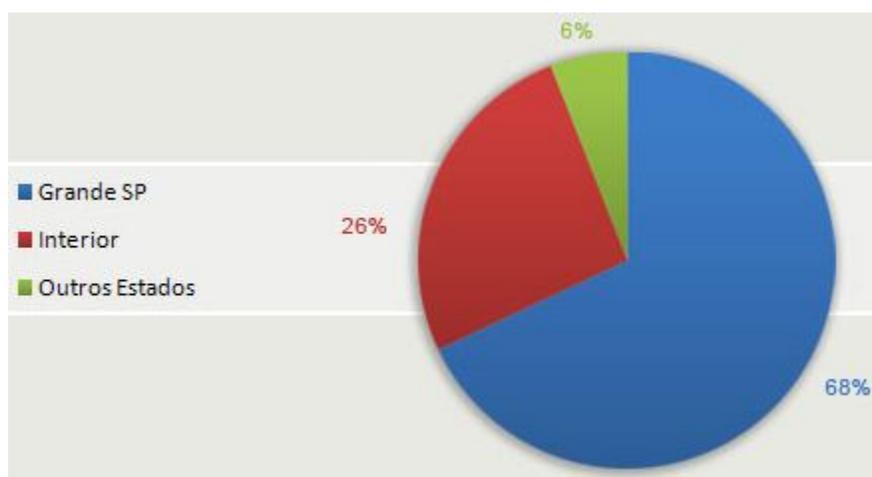
comum, atrair esse leitor sofisticado, mas também, eu acho que é isso, levar um pouco o *Estadão* para dentro da universidade. (COZER, 2011, em entrevista)

Apesar de ser razoável a hipótese de que o *Sabático* busca repercutir entre o público universitário, e a presença de acadêmicos no Suplemento também tenha essa função, não é possível dizer que não há outros espaços para professores universitários dentro do jornal. Em vários cadernos, em diferentes ocasiões, observa-se a presença de intelectuais acadêmicos em artigos reflexivos, de debate.

Portanto, o público alvo do *Sabático* é formado por pessoas letradas, universitárias, que consomem literatura e possuem o hábito da leitura. O suplemento não visa levar a literatura e o hábito da leitura às classes populares, pelo contrário, já foi pensado tendo em vista esse público cativo, já abastado de bens culturais. O leitor que o *Sabático* pretende conquistar, visando a sua sobrevivência, é também um leitor abastado e pertencente às classes altas da sociedade, entretanto, que ainda não possui a leitura de livros ou de literatura como hábito.

A circulação do jornal *O Estado de S. Paulo* aumentou após a última reforma gráfica e editorial, pulando de 213 (em 2009) para 236 mil exemplares (em 2010). Em 2011 voltou a subir, atingindo a média diária de 243 mil exemplares, segundo o IVC. Embora Rinaldo Gama diga que ainda não possui dados concretos a respeito da influência direta do *Sabático* no aumento da circulação, é certo que esse aumento é reflexo das mudanças trazidas pela reforma gráfica e editorial. Também é sabido que a maioria desses exemplares circula na Grande São Paulo, de acordo com o gráfico a seguir.

Gráfico 7: Circulação do *Estado de S. Paulo* no Brasil de segunda a domingo



Fonte: Site <http://www.grupoestado.com.br/midiakit/estadoo/index.asp?Fuseaction=Circulacao>, acesso em 04/11/2011.

Logo, se compreende que a distribuição do *Sabático* ocorre de acordo com a tiragem do jornal, que vem subindo nos últimos anos, e se dá, principalmente na cidade e no interior de São Paulo, já que os demais Estados do país correspondem a apenas 6% da circulação do jornal.

Conforme já exposto no **Capítulo I: Comunicação, cultura e consumo**, a publicidade aparece em todas as edições do *Sabático*. Alguns anúncios são fixos, como o de carros de luxo na capa do suplemento, e o do site Submarino na página 2 (que foram fixos durante o 1º ano de circulação do *Sabático*). A maioria dos anunciantes são editoras de livros, sendo as mais frequentes Rocco e Record. Rinaldo Gama faz questão de destacar que os anunciantes não influenciam nas escolhas dos livros que serão abordados no suplemento, pelo contrário, ele já deixou de dar uma resenha, pois havia um anúncio daquele livro na mesma página.

Eu tomo o cuidado de procurar saber qual é o anúncio que está saindo para não cometer a gafe de publicar naquela página uma resenha do livro que está sendo anunciado. Porque isso levaria o leitor a imaginar que eu estou dando aquela resenha porque tem um anúncio. O que jamais aconteceria. Nesse sentido é que falei que nosso contato com o marketing é zero. Não existe o marketing ligar para mim e dizer: “olha, você não quer dar um resenha? É uma editora tão bacana, tá anunciando meia página...”. Não existe isso. Mas existe essa preocupação, que acabou de acontecer. Eu tinha uma determinada resenha pronta, ia dar, e aí vi ali marcado no anúncio, Editora tal. Que era a editora do livro. Comecei a ficar

desconfiado. Falei para a pessoa: descubra pra mim – era perto de um feriado –, descubra para mim, antes do feriado, qual é o anúncio, de qual livro, eu estou com um pressentimento que é do livro tal. Não deu outra, ele veio com a resposta e era do livro tal. Não dei a resenha. Deixei para depois. Porque senão a pessoa ia pensar, e equivocadamente, mas com razão, que eu estava dando a resenha porque tinha um anúncio. Não era verdade, mas o leitor não era obrigado a acreditar nisso. (GAMA, 2011, em entrevista)

A quantidade de anúncios por edição varia de 1 a 6. Evidentemente, é muito importante para o caderno ter anúncios, pois somente assim ele pode chegar a 8 páginas e manter a integridade ou existência de seções fixas como “Do Suplemento Literário”, “Capa”, “Resenhas” e “Estante”. Ainda assim, para Gama, como vimos, é essencial desvincular o suplemento dos anúncios, para não dar ao leitor a impressão de que o *Sabático* trabalha a partir do marketing cultural. A preocupação com a conquista do leitor é evidente, mas, por outro lado, também vimos que, quando há esse imbróglio entre o anúncio e a resenha na mesma página, quem leva vantagem é, claro, o anúncio. Isso se dá porque que é difícil conseguir anunciantes entre as editoras, conforme também já exposto no **Capítulo I**, e os anúncios garantem a existência das seções e do suplemento de maneira geral.

4.3. Pautas e conteúdo veiculado: gêneros literários e ideias apresentadas

Desde sua concepção, o *Sabático* foi pensado como sendo um suplemento de livros, voltado aos lançamentos do mercado editorial de maneira ampla, e não apenas ligado à literatura. Portanto, as pautas apresentadas no suplemento tratam sempre de um dos seguintes temas: lançamento de um livro de literatura; lançamento de outras publicações editoriais; questões relacionadas ao mercado editorial; celebração de datas relativas a escritores ou livros canônicos; feiras, festas, prêmios ou exposições literárias.

Às vezes um mesmo acontecimento representa a junção de mais de um dos temas listados, ampliando a “força” da pauta. Exemplos disso seriam a capa com Ferreira Gullar, um autor canônico que estava lançando um novo livro após 11 anos e ia participar da Flip, e a capa com Rachel de Queiroz, na ocasião de lançamento de um livro inédito de poesias da importante escritora, quando, ao mesmo tempo, comemorava-se o centenário dela.

Porém, a maior parte do suplemento é pautada pelas publicações editoriais de maneira ampla, que garantem a abordagem de diferentes assuntos do universo cultural. Conforme Gama explica, “o livro é, para o *Sabático*, a mesma coisa que a semana é para o *Aliás*. Ou seja, a matéria prima. É preciso que haja um livro para a gente falar do assunto” (Gama, 2011, em entrevista⁵⁴). Isso significa que temas como Filosofia, Artes Plásticas, Fotografia, Música etc, só aparecem quando há a publicação de um livro que trate dos mesmos. Pelo mesmo motivo, seções sobre esses temas não são fixas no suplemento.

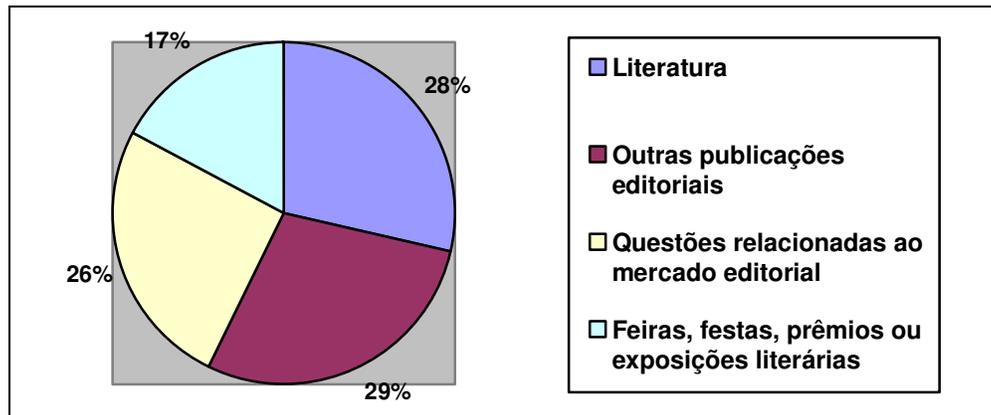
Em relação a questões ligadas ao mercado editorial, as pautas são variadas, podendo ser apresentadas em grandes reportagens, entrevistas com especialistas ou textos mais reflexivos. Alguns exemplos de pautas do *Sabático* que se encaixam nesse tema são: a superprodução de livros, que não são consumidos e ficam encalhados e depois são destruídos pelas editoras (20/08/2011); o recente lançamento no Brasil de uma grande quantidade de livros sobre o nazismo (03/09/2011) e as dificuldades enfrentadas por autores que buscam a publicação de suas obras de estreia (31/07/2010).

As festas, feiras, prêmios e exposições literárias são abordadas, principalmente, na seção “Babel”, que em várias edições traz notícias relacionadas a esse tema. Também é comum ver entrevistas com autores que participarão desses eventos, bem como textos sobre seus livros.

O gráfico a seguir mostra a proporção de abordagem dos principais temas do *Sabático*. Observa-se que os temas mais frequentemente abordados são Literatura (28%), Outras publicações editoriais (29%) e Outras questões relacionadas ao mercado editorial (26%).

⁵⁴ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa pessoalmente em 19 de setembro de 2011.

Gráfico 8: Temas abordados no *Sabático*



Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

Os textos literários que recebem ênfase no suplemento são de todos os tipos, prosa, poesia ou drama. Embora dificilmente haja uma resenha para um livro de poesia ou drama (o que não acontece em todo o nosso *corpus*), esses gêneros podem aparecer nas seções não fixas ou na capa, especialmente se seus autores forem renomados. Os autores podem ser brasileiros ou não, e Gama afirma que busca variar a nacionalidade dos autores e dos gêneros dos livros nas edições, conforme vimos.

Cabe ressaltar alguns exemplos de destaques dados a textos literários no *Sabático*. O lançamento do livro de poemas *Mandacaru*, inédito de Rachel de Queiroz, foi noticiado na capa do suplemento de 13/11/2010. Na edição de 10/07/2010 a seção “Artigo” trata de um livro cujo gênero é definido como poema-protesto, *Que País é Este?*, do mineiro Affonso Romano de Sant’Anna. O texto é ilustrado por um trecho da poesia de Sant’Anna. O poeta Manoel de Barros aparece na seção “Ofício” da primeira edição do suplemento, também com poesias ilustrando a página. A seção “Ensaio” de 25/09/2010 trata da publicação de três livros em prosa (dois de contos e um composto por um diário e uma novela) de Lima Barreto. Autores mais recentes também costumam aparecer no suplemento, como é o caso da romancista Carol Bensimon, retratada na seção “Ofício” de 05/06/2010. O lançamento de uma coletânea de contos de Silviano Santiago gerou uma entrevista com o autor na edição de 25/09/2010. Enfim, diversos são os exemplos de pautas relacionadas aos gêneros literários prosa e poesia, que também aparecem exclusivamente em destaque na seção “Inédito”.

O teatro aparece com menos frequência. Em todo o nosso *corpus*, a única menção encontrada foi a Shakespeare, que foi capa da edição de 22/05/2010. Na verdade, a matéria trata do lançamento de um livro que derruba teorias que questionam a autoria de algumas peças do dramaturgo inglês.

Ainda em relação à literatura, mais três exemplos emblemáticos podem ser mencionados. Na primeira edição do *Sabático*, o escritor Umberto Eco estava na capa. Entretanto, a pauta não foi originada pela publicação de um novo romance, gênero no qual Eco é consagrado, mas devido ao lançamento do livro ensaístico *Não contem com o fim do livro*, que ilustra bem a proposta editorial do *Sabático*. No livro, Eco defende a ideia de que o livro, enquanto objeto, não será extinto, apesar do avanço das tecnologias digitais. Para atrair a atenção do leitor para a entrevista com Eco, a capa do *Sabático* destacava: “Em entrevista exclusiva, o ensaísta e escritor italiano Umberto Eco fala de seu novo trabalho, em que **prevê vida longa para as obras impressas**, apesar do avanço dos suportes digitais” (*Sabático, O Estado de S. Paulo*, 13 mar. 2010, pág. S1). Assim, nota-se que o Suplemento, já em sua primeira edição, destaca que, não apenas o livro, mas as obras impressas, de como é exemplo o jornal impresso, ainda terão vida longa. Portanto, o *Sabático* representa essa aposta feita na longevidade do jornalismo impresso, e a entrevista com Umberto Eco na primeira edição serviu perfeitamente para exemplificar (e embasar) os propósitos do *Estadão* ao retomar o *Suplemento Literário*.

Rinaldo Gama confirma que fez questão de ter Umberto Eco na capa da primeira edição, justamente porque os objetivos de seu livro eram confluentes com os objetivos por trás do lançamento do *Sabático*.

Quando a gente foi fazer a pauta da edição de estreia do caderno, eu tinha voltado de férias, e tinha avançado as conversas com a editora do Umberto Eco. E a gente estava com muita possibilidade de conseguir entrevistá-lo a tempo de ele estar na capa do 1º número. E aí eu comecei a “magia”, do ponto de vista até pessoal, interferir pessoalmente para que isso acontecesse, porque eu achava que não podia ter nenhuma outra capa para estrear o *Sabático* a não ser a de um livro, de um autor de um livro que se chamava *Não contem com o fim do livro*. Quando o Umberto Eco fala isso, ele faz um elogio do objeto livro, e a nossa interpretação [era a mesma], inclusive conduzimos um pouco a conversa nessa direção, e o caderno nasceu assim, era “não contem com o fim do livro”, isso que nós aprendemos a entender como a ferramenta de reflexão e, vá lá, entretenimento. (GAMA, 2011, em entrevista)

Gama também ressalta que para a primeira edição era muito importante ter uma capa como aquela.

Na verdade foi uma confluência de fatores. Se fosse o Umberto Eco publicando um livro sobre a idade média, eu não tenho certeza se seria ele a capa do 1º número do *Sabático*. Ele seria a capa do *Sabático* em algum momento. Eventualmente, se fosse naquela ocasião, próximo do lançamento do livro, até poderia ser. Mas o que realmente me convenceu, e aí eu interfeiri pessoalmente, liguei para o editor, expliquei, foi porque eu achava que não podia ser outra capa. Eu falei aqui, numa reunião que teve aqui, é quase um manifesto. Um caderno de livros está saindo com [aquela capa]. Porque eu sabia que o título seria aquele da capa desde o princípio. É como se fosse um manifesto a favor do livro e justificando a existência do caderno, “não contem com o fim do livro”. Aqui está um caderno que não vai deixar o livro desaparecer. (GAMA, 2011, em entrevista)

Portanto, a entrevista com Umberto Eco é relevante em diferentes níveis, já que defende a permanência do livro, que é o objeto com o qual o *Sabático* lida, e embasa o argumento que prevê a longevidade do jornal impresso.

Outra característica do *Sabático* revelada pela entrevista com Umberto Eco é a de que nem sempre escritores literários são entrevistados sobre literatura. Outro exemplo disso ocorre na edição de 02/10/2010, cuja capa destaca uma entrevista com o escritor peruano Mario Vargas Llosa (que ganhou o Nobel de Literatura em 2010), a respeito do lançamento do livro de ensaios *Sabres & Utopias*.

O terceiro e último exemplo emblemático ligado ao tratamento dado à literatura no suplemento refere-se ao fato de que autores sofisticados e desconhecidos para o grande público são retratados. Um exemplo disso é dado por Gama ao destacar a pauta sobre Ariosto: “Então, você pensa assim: mas o *Sabático* é muito sofisticado, ele trata de Ariosto – saiu na página 3 dessa semana, Ludovico Ariosto, o “Orlando Furioso” –, como é que o povo brasileiro vai ter interesse nisso?” (Gama, 2011, em entrevista⁵⁵).

⁵⁵ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa pessoalmente em 19 de setembro de 2011.

4.4. “Um tempo para a leitura”: releitura de um modelo em outro contexto sócio-histórico

Como vimos, antes do lançamento do *Sabático* cogitou-se relançar o *Suplemento Literário*. Embora isso não tenha acontecido, já que o caderno recebeu um novo nome, e é completamente diferente do SLOESP, é inegável que o que ocorre agora é uma releitura, já que o próprio Rinaldo Gama afirma acreditar estar continuando o trabalho iniciado por Décio de Almeida Prado, Antonio Candido, Paulo Emílio Salles Gomes e toda a geração *Clima*⁵⁶.

Dessa forma, a retomada do *Suplemento Literário* ocorre num contexto sócio-histórico completamente diferente daquele que permitiu a existência do veículo idealizado por Candido. Conforme exposto no **Capítulo II: O Suplemento Literário do OESP: referência no jornalismo cultural brasileiro**, o próprio *Suplemento* foi drasticamente alterado a partir de 1967, quando Décio de Almeida Prado deixou de ser o editor do caderno, devido às mudanças que a modernidade e os novos tempos impunham.

Atualmente, é evidente que um suplemento como o SLOESP, que funcionava como uma publicação independente apenas ao jornal, e com pouquíssimos anúncios, não existiria jamais. Nota-se, por exemplo, que o *Sabático* não apenas está totalmente ligado aos interesses e à lógica de funcionamento do jornal, como depende da presença de anunciantes para existir em sua plenitude. Conforme expõe a jornalista Raquel Cozer, possivelmente o *Sabático* seria uma das primeiras editorias a serem cortadas pelo jornal em caso de crise: “se [o *Sabático*] vai durar eu não sei, é totalmente especulação minha, mas se for pensar só pela lógica de mercado, o *Sabático* não duraria muito. Se um dia eles precisarem cortar gastos, acho que o *Sabático* estaria ali entre os primeiros a correr risco” (Cozer, 2011, em entrevista⁵⁷). A realidade do *Suplemento Literário* era oposta a essa, pois, como expõe Elizabeth Lorenzotti (2010), não havia a preocupação com publicidade ou dinheiro. A

⁵⁶ *Geração Clima* é o nome dado ao grupo de intelectuais da USP que fundou a revista de divulgação cultural *Clima*, que marcou a crítica paulistana na década de 1940. Tal grupo era formado por: Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Antonio Candido, Rui Coelho, Gilda de Mello e Souza e Lourival Gomes Machado. Após a extinção da revista, esses intelectuais colaboraram com o *Suplemento Literário* do *Estado de S. Paulo*.

⁵⁷ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por telefone em 06 de setembro de 2011.

direção do jornal, à época encabeçada por Julio de Mesquita Neto, deu total liberdade de criação a todos os colaboradores do suplemento.

O projeto elaborado por Candido, inclusive, foi criado a partir de uma crítica que ele havia feito a um suplemento publicado em comemoração ao IV Centenário de São Paulo, na qual ele destacava que havia muitos anúncios no suplemento, o que minimizava o espaço de reflexão. Logo, o projeto de concepção do SLOESP já estabelecia que o suplemento deveria ter poucos anúncios, pois a maior parte do espaço disponível seria destinada aos textos. No *Sabático*, ao contrário, quanto menor for a centimetragem de anúncios, menos páginas o suplemento pode ter, e, assim, há sempre a preocupação de buscar anunciantes ou convencer as editoras a anunciarem. Como vimos, também é muito comum que partes de seções, ou seções inteiras, sejam sacrificadas em prol da publicação de propagandas. Se Candido preocupava-se em limitar a publicidade, para impedir que ela invadisse o espaço dos textos, Gama preocupa-se em buscar cada vez mais anúncios, para poder ter espaço para publicar suas seções integralmente.

Mas várias outras são as diferenças encontradas entre os suplementos do *Estadão*. Para começar, o *Suplemento Literário* não era propriamente um suplemento literário, conforme o sentido que o termo possui atualmente, pois não tratava unicamente de livros. Com isso, não era ligado à indústria cultural ou, mais especificamente, ao mercado editorial. Porém, a literatura e os livros tinham muito destaque. Não era necessário que um livro fosse publicado para que a literatura ou qualquer outro tema fosse tratado, como é hoje no *Sabático*. Além disso, notamos que o Teatro, que quase não é contemplado pelo *Sabático*, possuía uma seção fixa no *Suplemento*, assim como também ocorria com o Cinema, a Música e as Artes Plásticas.

Outra diferença diz respeito à remuneração paga aos colaboradores. Conforme exposto no **Capítulo II**, os valores pagos aos colaboradores do SLOESP eram superiores à remuneração dos jornalistas e demais pessoas que trabalhavam no *Estado*, o que chegou a causar um clima de ciúmes nos bastidores do jornal. Antonio Candido fez uma pesquisa e observou qual era o valor pago às pessoas que escreviam artigos para os suplementos literários dos jornais da época, e dobrou esse valor ao estabelecer o piso que seria pago aos colaboradores do SLOESP. O valor era o mesmo para quem escrevia ou ilustrava, independentemente de ser um escritor ou artista renomado ou iniciante. No estágio atual de

desenvolvimento do capitalismo, em que a ideologia da meritocracia é operante, isso não é mais possível. Conforme conta Rinaldo Gama, os valores pagos aos colaboradores do *Sabático* variam de acordo com a posição ocupada pelos mesmos, e também de acordo com o tamanho ou importância do texto escrito. Segundo ele, no geral paga-se uma quantia um pouco acima do valor da tabela utilizada por todos os jornais.

Se você tem uma matéria, um artigo, que é de algum modo especial, que é maior, que tem dois livros ao invés de um, tudo isso pode mudar o valor de tabela. E até mesmo quem está escrevendo. Porque seria injusto pagar para uma pessoa que nós estamos apostando, investindo, a mesma coisa do que à maior autoridade do Brasil sobre aquele assunto ou aquela literatura. Então, tem essas variações. E aí, nesses casos, dos especiais, etc, aí o nosso preço é igual ao das melhores publicações que trabalham com colaboradores no Brasil. (GAMA, 2011, em entrevista)

Outra diferença latente entre os suplementos diz respeito ao projeto gráfico. Conforme vimos, embora haja um diretor de arte e diagramadores responsáveis pela formatação gráfica do *Sabático*, é Rinaldo Gama quem faz a maioria das escolhas, busca as imagens e encomenda as ilustrações. Devido ao acúmulo de funções do editor, o *Sabático* ainda é deficiente em relação à sua qualidade gráfica, já que não há variedade de artistas, como exposto anteriormente, e muitas figuras ou fotografias vêm de agências de notícias ou de bancos de imagens. Também vale ressaltar que na edição de 21/08/2010, a figura que ilustra um ensaio está distorcida, pixelada, ou seja, não possui a qualidade necessária para ser publicada em tamanho grande, além de ser uma reprodução e não uma imagem inédita, conforme exposto na Figura 275 (na página 390).

Já o *Suplemento Literário* fez fama também por permitir a exposição de grandes nomes das artes plásticas, como Candido Portinari e Di Cavalcanti, além de revelar novos talentos, hoje consagrados, como Giselda Leirner e Wesley Duke Lee. O acervo de ilustrações e gravuras que circularam no SLOESP foi doado pelo jornal ao Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) em 1993, ocasião em que foi realizada a exposição *Obras para ilustração do Suplemento Literário – 1956-1967*, de curadoria de Cacilda Teixeira da Costa. Como não poderia deixar de ser, a seleção e convocação de artistas não cabia apenas ao editor. A pesquisa de Avelar Fernandes (2007) revela que os artistas eram escolhidos por Décio de Almeida Prado (editor), Italo Bianchi (artista responsável pelo projeto gráfico) e Lourival Gomes Machado (crítico de Artes Plásticas).

Figura 275: Reprodução de imagem pixelada que ilustra a seção “Ensaio” do *Sabático* de 21/08/2010



Fonte: Página 3 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 21/08/2010.

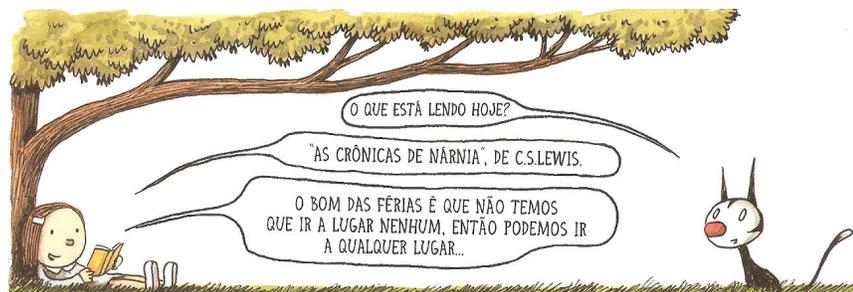
Porém, nos pontos em que é possível, ou seja, em que o momento histórico e as condições de produção atual permitem, Gama tenta aproximar o *Sabático* do *Suplemento Literário*. Por exemplo, Gama se mostra saudosista em relação a um momento da história da imprensa nacional em que os grandes escritores também eram críticos de literatura. Por isso, convida os jovens escritores da atualidade para escreverem resenhas, tentando reviver o tempo em que escritores eram críticos nos jornais, conforme já exposto.

Outra semelhança notável entre os suplementos se configura na publicação de textos inéditos em prosa e poesia. Porém, no *Suplemento Literário* essa seção era fixa, e no *Sabático*, desde o começo foi pensada como uma seção não fixa e sem periodicidade obrigatória. Usualmente publicava-se no SLOESP mais de um texto, muitas vezes mesclando prosa e poesia, bem como autores. No *Sabático* se publica um conto, ou um trecho de um romance, ou um ou mais poemas, sempre do mesmo autor. No *Suplemento*, a publicação de textos literários sempre ocorria na página 3.

No *Sabático*, quase sempre ocorre na última página do caderno (seja essa a página 6 ou 8). Também destaca-se o fato de que o *Sabático* somente publica inéditos de livros que serão lançados num futuro próximo, enquanto o SLOESP publicava textos que eram enviados ao suplemento, não necessariamente ligados ao mercado editorial, de artistas novos ou consagrados. Às vezes o SLOESP também publicava traduções ou textos em língua estrangeira (espanhol), ou ainda, textos bilíngues (em língua estrangeira acompanhados por tradução em português). Isso não ocorre no *Sabático*.

Assim, a comparação entre os suplementos do *Estadão* revela que, de fato, o jornalismo é uma atividade diretamente ligada às condições históricas em que é produzido, refletindo as características da organização econômica e social em vigência. Logo, espera-se que a comparação entre suplementos de períodos distintos revele diferenças tão grandes quanto as encontradas entre o *Suplemento Literário* (1956-1974) e o *Sabático* (2010).

5. Capítulo V – O passado e o presente: revelações sobre o espaço e o tempo do conhecimento



Liniers



Liniers



Liniers

O humor presente nas tiras da personagem Enriqueta, do cartunista argentino Ricardo Liniers (2010), reside nas considerações e modo de ser inusitados da menina. Trata-se de uma criança que reconhece a possibilidade de imersão em diferentes mundos por meio da leitura, os benefícios que esse mergulho em outras realidades traz (como a ampliação da imaginação e do conhecimento) e a infinidade de universos presentes numa biblioteca. Em suma, a menina possui prazer pela leitura.

Visão de mundo semelhante é presente no conto *A Biblioteca de Babel*, do argentino Jorge Luis Borges (1999), que exalta a magnitude da Biblioteca, criando a imagem fictícia de um lugar em que todos os livros já escritos, e todo o conhecimento acumulado pela humanidade, existem. Mas a ideia de uma biblioteca infinita, contendo todo o conhecimento e informações do mundo, que a princípio foi exaltada – “Quando se proclamou que a Biblioteca abarcava todos os livros, a primeira impressão foi de extravagante felicidade” (p. 519) –, logo revelou um grave problema, pois os homens perceberam que não seria fácil encontrar as informações desejadas em meio a tantos volumes – “A certeza de que alguma prateleira em algum hexágono encerrava livros preciosos e de que esses livros preciosos eram inacessíveis afigurou-se quase intolerável” (p. 520).

O paralelo das tiras de Liniers e do conto de Borges com o *Sabático* é inevitável. O suplemento *Sabático* surgiu com a proposta de oferecer “um tempo para a leitura”, fornecendo ao leitor uma pausa em sua rotina diária de trabalho, ou um **período sabático** em que as narrativas literárias pudessem ser apreciadas e novos conhecimentos serem adquiridos. Assim, teria a incumbência de auxiliar o leitor que, como os homens descritos no conto de Borges, sente-se perdido em meio a tanta informação e tantas fontes de entretenimento e conhecimento disponíveis. Além, é claro, de permitir a formação de novos leitores que, como a personagem de Liniers, sintam prazer em explorar diferentes universos literários e se aproveitem dessa experiência para adquirir novos conhecimentos.

Os tópicos a seguir buscam avaliar a possível eficácia do *Sabático* em relação ao cumprimento dessa proposta: afinal, o novo suplemento significa um tempo para a leitura?

5.1. Discussão e análise dos resultados obtidos com base no referencial teórico

A noção de que a indústria cultural pauta o jornalismo cultural é real e facilmente verificada quando se analisam os cadernos culturais da mídia impressa. Os espetáculos e artefatos culturais em destaque são sempre produtos em exposição, passíveis de consumo, e os jornais, embora já não tenham tanto poder de estimular hábitos, ajudam a movimentar as diversas indústrias do entretenimento e da informação. Exatamente por esse motivo é que é

tão difícil conseguir, no Brasil, anúncios de editoras. Ora, se tais empresas ou corporações necessariamente recebem destaque gratuito nos suplementos literários, não se sentem estimuladas a pagar por anúncios. É preferível, e mais barato, enviar seus livros ou outros produtos às redações e aguardar que esses sejam retratados nas páginas do jornal. Esse exemplo comprova como a indústria cultural está presente, pautando o jornalismo cultural.

Para Daniel Piza (2009), há dois tipos de “jabá”. O jabá ilegal, que ocorre, por exemplo, quando gravadoras pagam a rádios para que executem as músicas que elas querem, sob a falsa alegação de se tratar das “mais pedidas” pelo público. Para Piza, esse tipo de jabá demonstra falta de ética e deve ser julgado como propaganda enganosa. Porém, Piza também destaca a existência do jabá que não é ilegal (mas amoral, pois representa desvio de conduta do profissional da imprensa, que deve se pautar pela independência), ressaltando que o jornalista deve saber recusá-lo. Para exemplificar a existência do jabá não ilegal, Piza narra uma história pessoal:

Lembro uma vez em que fui convidado por uma dona de galeria para visitar uma exposição e ela ofereceu sua Limousine para me apanhar. Na maioria dos casos, por sinal, o ideal é que a publicação pague a viagem do jornalista ou, pelo menos, que informe no pé da matéria quem pagou. Boa parte da pobreza jornalística dos cadernos de viagem dos jornais brasileiros se deve a essa dependência dos convites de agências e companhias aéreas. Quanto aos “presentinhos” (de canetas a vinhos, de chaveiros a camisetas), em certa época a *Gazeta Mercantil* criou uma regra: os de valor superior a 25 dólares deveriam ser devolvidos. (PIZA, 2009, p. 91)

Porém, Piza ressalva que o envio de livros à redação por parte de editoras não pode ser considerado jabá de nenhum tipo, pois os críticos de literatura precisam receber os lançamentos das editoras com antecedência. O mesmo ele afirma a respeito de sessões prévias de filmes que irão estreiar, ou de peças de teatro, ou de CDs de músicas. Essa noção é verdadeira, os críticos precisam ter acesso aos artefatos culturais com antecedência, é parte do trabalho, mas não se pode negar que os produtores culturais, ao enviarem seus produtos aos jornais, atestam seu poder de persuasão sobre essas mídias e, mais do que isso, pautam ou almejam pautar o jornalismo. Também deve-se mencionar, como Piza faz, que boa parte dos jornalistas sente-se lisonjeado com a exclusividade da situação, não possuindo o discernimento crítico necessário à atuação profissional responsável.

Muitas vezes (...) presenciei a agitação de críticos de música, por exemplo, com a chegada de mais uma sacola de CDs, recebida como a sacola do Papai Noel, pelas mãos de um assessor de imprensa (divulgador a serviço da gravadora) tratado frequentemente como “amigo”. É muito importante que o jornalista cultural, quer faça crítica regular quer não, saiba delimitar o caráter profissional e o caráter eventualmente mais pessoal de uma relação desse tipo. (PIZA, 2009, p. 91)

No caso do *Sabático*, pude constatar que os livros chegam aos montes a seu editor. Há várias pilhas de livros sob a mesa de Rinaldo Gama, que podem ser avistadas de longe na redação do *Estado*. Na verdade, havia pouco espaço para outros objetos sob a mesa do editor, que estava majoritariamente ocupada por livros na tarde em que o entrevistei. Raquel Cozer já havia destacado esse fenômeno em um comentário que postou em seu blog em 20/08/2011: “Como disse na semana passada o Rinaldo, meu editor, se o *Sabático* tivesse uma carta ao leitor, ela poderia vir com uma foto das nossas baías, nas quais os livros se juntam numa coluna que se pode ver do outro extremo da redação” (Cozer, 2011, disponível *on-line*⁵⁸).

Cláudia Nina (2007) nos fornece números mais exatos a respeito da quantidade de livros que chegam semanalmente às redações dos suplementos literários: “a primeira coisa que se observa é o enorme volume de livros amontoados ao redor da mesa de quem edita o caderno. Aproximadamente 100 títulos chegam à redação toda semana. Isso quando não é época de feira ou Bienal, em que esse número costuma triplicar” (p. 41). Assim, fica evidente que o mercado editorial tem interesse na divulgação feita pelo *Sabático*, e por isso está constantemente enviando livros ao suplemento. Portanto, a relação entre o Suplemento e a indústria cultural é simbiótica: um depende e se beneficia do outro. Se, por um lado, o *Sabático* precisa que as editoras continuem enviando livros, para que ele tenha conteúdos a serem pautados, por outro, as editoras fazem proveito da publicidade gratuita. O próprio Gama confirma o recebimento de grandes quantidades de livros na redação do *Sabático*, quando diz que um dos objetivos da seção “Estante” é justamente “dar vazão” às obras empilhadas em sua mesa: “tem muita coisa chegando, de muitas editoras diferentes, então a gente não pode ignorar” (2011, em entrevista⁵⁹).

⁵⁸ Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/a-biblioteca-de-raquel/2011/08/20/a-superproducao-de-livros-no-brasi/>. Acesso em: 18/11/2011.

⁵⁹ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa pessoalmente em 19 de setembro de 2011.

O papel do editor, nesse contexto, é a seleção, porém sempre seleciona-se entre as várias opções dadas pelo mercado de livros. Para Chaparro (1998),

O editor é uma simbiose de jornalista e gerente. Em escala maior ou menor, administra recursos humanos, tecnológicos e financeiros, com o dever de otimizar resultados, tanto sob o ponto de vista do lucro quanto da qualidade jornalística. No seu trabalho, um dos pés finca-se na vertente do negócio, pois deve sentir-se e assumir-se responsável também pelo sucesso econômico do empreendimento. A lógica do consumo influencia e condiciona, portanto, as suas decisões. Mas o outro pé jamais pode desgrudar-se dos compromissos com a cultura, ou seja, com os processos de aperfeiçoamento da sociedade, que esse é o lugar do jornalismo. (CHAPARRO, 1998, p. 15)

Assim, o que Rinaldo Gama afirma fazer vai em confluência com a definição de Chaparro, otimizando lucros e, ao mesmo tempo, buscando ser relevante culturalmente. Conforme vimos no **Capítulo IV: *Sabático: renovação de um modelo consagrado?***, o editor do *Sabático* faz questão de destacar que suas decisões editoriais não são, de forma alguma, influenciadas por questões de marketing. Mas, por outro lado, ele também deixa claro que todo o Suplemento é elaborado a partir dos últimos lançamentos do mercado editorial. Para ele, não é possível “desprezar o lançamento”, pois o jornal trabalha com notícias. Assim, o suplemento não pode tratar de livros velhos, mesmo que clássicos, ou de fatos que não tenham relação com o tempo presente, pois isso vai contra o modo de operação do jornal como um todo, cuja matéria prima são as novidades. Porém, o Gama sempre tenta fugir de ser guiado unicamente pela agenda das editoras, buscando, por exemplo, pautar efemérides e assuntos relativos ao tempo atual. Creio que essa seja uma tentativa de atrair a atenção do leitor mais crítico, interessado não apenas nos últimos lançamentos editoriais. Além, é claro, de se proteger de possíveis acusações de que o Suplemento é pautado somente pela indústria cultural.

[Por exemplo,] uma capa que seja um ensaio de duas páginas de um prêmio Nobel, não é de um cara qualquer, falando sobre literatura e ideologia. A arte deve ser engajada? Não deve? Os partidos políticos impõem a literatura? Não impõem? (...) Ou um fenômeno que a gente possa chamar a atenção do leitor se ele não tiver prestado atenção naquilo. Já dei várias capas de poesias, cyber poesia. Ou, “como as editoras brasileiras estão se adaptando ao e-book”, ao livro eletrônico. Contratando, por exemplo, cinegrafistas. Antigamente, editora tinha editor e revisor. Agora, tem editor, revisor, cinegrafista, especialista em trilhas sonoras. Esse fenômeno, a gente deu em janeiro essa capa, é muita antecipação, vai acontecer nos próximos tempos, está começando agora, mas essa é a tendência do mercado editorial. (...) Em geral, é

muito frequente que os cadernos se pautem exclusivamente pela programação. Isso eu acho um erro, não tenho compromisso nenhum com essa ditadura da agenda de programação dos produtores culturais. Nosso compromisso é com o que é importante, é discutir o que é importante. Agora, dentro dessa agenda haverá, sem dúvida, coisas que serão, também, importantes, então não é o caso de desprezar. (GAMA, 2011, em entrevista)

Raquel Cozer também contou que, embora estivesse sempre em busca de notas exclusivas para a seção “Babel”, certos lançamentos não podiam ser ignorados, mesmo que a fonte da notícia fosse uma assessoria de imprensa. Logo, o que percebemos é que o *Sabático* é feito de modo a tentar fugir da lógica de mercado, das pautas oriundas de assessorias de editoras e das pressões da indústria cultural, mas isso não é possível o tempo todo. Essa tentativa de fuga se dá por meio da publicação de grandes reportagens, sobre temas relevantes da atualidade, mas que não têm lançamentos editoriais relacionados a eles. Nesses casos, ainda que não existam lançamentos, as pautas são sempre ligadas a temas ou acontecimentos recentes. Ou seja, é uma tentativa de escapar da lógica de mercado, de não se pautar pela programação das editoras, mas que não pode ser compreendida como incentivo à leitura ou à formação cultural dos leitores, porque não é espontânea, mas parte de um fato recente.

Então, um caderno que pretenda não se submeter à agenda, à programação das editoras, mas que também não quer ser marginal, *out of the blue*, fora do circuito, ele tem que procurar combinar essas duas coisas [lançamentos e temas relevantes]. É o que a gente tenta fazer. Então, esses eventos que eu dei não são gratuitos, eu dei uma capa sobre a Virgínia Woolf nos 70 anos da morte dela, e dei uma capa com um texto do Gao Xingjian, que é um prêmio Nobel chinês, de uma conferência que ele fez na Itália falando sobre literatura e ideologia. (GAMA, 2011, em entrevista)

Ao percorrer as páginas do Suplemento, nota-se que todos os temas abordados têm relação direta com a atualidade, exceto nas seções “Prosa de Sábado” e “Do Suplemento Literário”, que eventualmente tratam de assuntos sem ligação com o presente. Assim, não podemos ver o *Sabático* como um veículo criado com o intuito de resgatar o prazer pela literatura descompromissada, voltada ao prazer intelectual pela qualidade da obra, pois ele apenas aborda a literatura sob o viés da modernidade, do que é utilitário ou que está em voga no momento.

A análise da quantidade de caracteres presente nas seções “Capa” e “Resenhas” se revelou inconclusiva, pois esse tamanho varia muito. Em “Capa”, por exemplo, temos textos com mais de 15 mil caracteres, e textos de cerca de 9 mil. A seção “Resenhas” varia mais, entre mais de 12 mil e apenas 3.804 caracteres. Uma tendência notada é a diminuição das seções de acordo com a centimetragem de anúncios presente no Suplemento (como vimos no **Capítulo IV**), o que pode ser entendido como indício de que o foco do *Sabático* não está, realmente, no prazer da leitura ou na formação cultural dos leitores, já que ele opera seguindo a lógica do capital, do lucro. Em última instância, como observado, quando a escolha a ser feita é entre um anúncio ou um texto, a garantia de espaço é do anúncio. Sob esse mesmo viés podemos compreender o motivo pelo qual a seção “Do Suplemento Literário” não circula em algumas edições, o que tem se tornado cada vez mais comum, conforme apontou Gama.

Com relação à presença de imagens ou ilustrações, é possível afirmar que isso acontece em quase todas as seções (a exceção é a lista “Mais Vendidos”, que não é ilustrada) do Suplemento. Assim, o espaço dos textos é minimizado, mais uma vez nos dando a pista de que o foco do *Sabático* não se concentra na valorização da leitura e do conhecimento. É claro que o jornal deve ser ilustrado, mas também é inegável que as imagens muitas vezes são utilizadas para cobrir espaços, quando os textos não são muito grandes, ou, mesmo quando não têm essa finalidade, ocupam um espaço que poderia ser da leitura, da reflexão. No *Suplemento Literário*, por exemplo, havia muito texto e pouca ilustração.

Para Zygmunt Bauman (2001), as instituições modernas encontram-se liquefeitas, ou seja, não possuem forma fixa, sendo marcadas pela inconstância e pela mobilidade, principais particularidades dos fluídos. Assim, nossos valores e modo de vida cultural e político são voláteis, alterando-se constantemente. A prática jornalística acompanha a volatilidade da sociedade moderna, alterando-se de acordo com suas demandas e recursos. Entretanto, deve-se destacar que, embora a sociedade brasileira seja líquida e sem forma estável em vários aspectos, nosso sistema econômico não se altera. Assim, todas as mudanças e seus reflexos ocorrem dentro de um modo de produção capitalista, o que significa que são, de certa forma, limitadas. Logo, o jornal pode lançar um novo suplemento, voltado à erudição e à cultura, mas isso não significa que esse estará

contribuindo para mudanças mais profundas em nossa sociedade, como a democratização da leitura e da cultura. Pelo contrário, conforme se observa pelo exame de algumas categorias analíticas centrais, o *Sabático* opera em conformidade com os valores do sistema, que é exclusivo e iníquo por natureza, não representando, assim, um elemento de transgressão.

Embora a Literatura, juntamente com outras publicações editoriais, esteja entre os temas mais pautados no *Sabático* (aparecendo em 28% das vezes), as discussões apresentadas não fomentam o surgimento de novos leitores interessados no deleite literário. Pode-se dizer que o Suplemento circula entre um grupo restrito, que já é consumidor de Literatura, conforme Gama admite. Com relação aos textos literários publicados integralmente na seção “Inédito”, é importante destacar que não há espaço para o teatro, mas apenas para a prosa e para a poesia. A mesma ausência é detectada em livros didáticos destinados ao ensino escolar, conforme aponta a pesquisa de Souza Júnior (2010). Ora, um suplemento que deseje movimentar a discussão sobre a Literatura e ser um espaço de reflexão e de crítica literária no país não pode limitar a abordagem de gêneros literários, especialmente se tiver como objetivo a formação de leitores.

Com relação aos gêneros jornalísticos e à autoria e procedência dos textos, não há grandes surpresas. Os gêneros que mais aparecem são, conforme esperado, resenha, reportagem, coluna e notícia (19% cada um). Os autores são jornalistas do *Estado* ou colaboradores, como acadêmicos, escritores e especialistas. A participação desses autores no Suplemento varia de acordo com a seção, sendo que nas matérias de capa é mais comum a aparição da equipe do *Estado*, enquanto nas resenhas há, além da equipe do jornal em peso, grande incidência de acadêmicos. Em casos menos frequentes, ocorre a aparição de traduções de textos oriundos de publicações estrangeiras, como o jornal *The Guardian* e a revista *Bookforum*. Esses dados revelam que o *Sabático* não inova quanto aos gêneros jornalísticos apresentados, trazendo apenas o que é tradicional e esperado para um suplemento de livros. Embora seja frequente a participação de colaboradores externos, a equipe limitada e a publicação de matérias procedentes de outros veículos revelam a preocupação com a contenção de gastos, como é comum em empresas capitalistas.

A análise da estética e dos anúncios veiculados no Suplemento também pode ser vista como indício da presença da indústria cultural e de que o modo de produção

capitalista impõe limitações à prática cultural. A proposta inicial do caderno previa a publicação de frases, notas e imagens relacionadas ao universo da cultura no rodapé do *Sabático*. Essa proposta tornou-se inviável após pouco tempo de circulação do suplemento (no terceiro mês de publicação já não existia mais). Conforme vimos, a totalidade de centimetragem de anúncios dita o tamanho do caderno. Assim, para ter 8 páginas, o *Sabático* precisa ter uma determinada quantidade de anúncios e, ao mesmo tempo, se há apenas 6 páginas, não sobra espaço para adornar o rodapé com citações e miscelâneas. Em suma, o aspecto econômico inviabilizou a prática dessa proposta estética, que seria ligada à valorização da cultura, com a divulgação de poemas e frases célebres, por exemplo. É curioso notar que o mesmo ocorreu justamente com a seção “Do Suplemento Literário”, que foi excluída de uma edição de nosso *corpus* e, segundo Gama, aparece cada vez com menos frequência no *Sabático*, devido à limitação de espaço. Assim, uma seção e uma marca editorial mais diretamente ligadas à valorização da tradição, da cultura e do conhecimento, e não relacionadas ao mercado e à modernidade, são os primeiros elementos a serem cortados para a contenção de gastos de páginas, no intuito de garantir a publicação de outros conteúdos.

Figura 276: Rodapé contendo uma fala, a fotografia e algumas informações sobre a escritora Clarice Lispector



“Escrever é uma maldição, mas uma maldição que salva. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive. Escrever é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. É também abençoar uma vida”

CLARICE LISPECTOR
NASCIDA NA UCRÂNIA EM 1920, CHEGOU
AO BRASIL COM A FAMÍLIA NO ANO DE
1922. MORREU NO RIO DE JANEIRO EM 1977



Fonte: Página 2 do suplemento *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 13/03/2010.

Logo, o que se vê é que a publicidade presente nas páginas do *Sabático* é o que garante a continuidade do suplemento, até pelo fato de que há um número reduzido de leitores. Desse modo, os anúncios serão sempre bem vindos, conforme atesta a fala de Rinaldo Gama, que deixa claro que, caso não haja anunciantes, o suplemento ainda pode existir, mas somente se o jornal estiver investindo em prestígio. Entretanto, Gama ainda acredita que a situação atual pode mudar, ou seja, que as editoras podem perceber que é

necessário anunciar justamente para manter vivo o suplemento, dando continuidade à relação de simbiose entre os dois lados.

Então, o que eu percebo é que as editoras, isso não é de hoje, eu acompanho esse mercado já tem um certo tempo, e vi muitas publicações desaparecerem por isso, por falta de anunciantes. (...) Eu acho que esse é um problema sério. Agora, imaginando, numa visão otimista, que isso possa mudar, ou que, pelo menos, o Brasil vai continuar nessa direção de se aculturar, ou se educar, pelo menos, não é descabido imaginar que editoras possam anunciar num caderno como o nosso. Acho razoável. Acho bem provável. Agora, caso não anunciem, caso não tenha nenhum anúncio, aí tem aquele outro ganho, que é o ganho simbólico do qual nós falamos há pouco. (GAMA, 2011, em entrevista)

Essa forte dependência e relação com a publicidade não acontecia no *Suplemento Literário*. Pelo contrário, o SLOESP nasceu exatamente a partir de uma crítica que Antonio Candido fez à direção do jornal, na qual destacava que um suplemento cultural deveria ser focado na cultura, e não nos anúncios, como ele detectou que ocorria no *Estado*. Já Gama acredita na possibilidade de aumento nos anúncios como uma das formas de manter vivo o seu Suplemento. A outra forma seria ligada ao ganho simbólico, à possibilidade de o jornal manter o suplemento apenas para agregar prestígio à sua imagem frente ao público leitor. Percebe-se que Gama não considera a possibilidade de o *Sabático* continuar existindo unicamente devido à demanda dos leitores. Isso reforça a noção de que o foco desse Suplemento não está na formação cultural da população e na valorização do tempo para a leitura, mas em interesses comerciais do jornal *O Estado de S. Paulo*, como não poderia deixar de ser no sistema econômico vigente. A valorização da Literatura apenas como forma de agregar prestígio a uma marca também é parte dos planos de negócios das editoras brasileiras, como veremos a seguir.

5.2. O enfoque na literatura é uma boa estratégia mercadológica no contexto sociocultural contemporâneo?

Vários, porém, são os indícios que nos levam a crer que a criação do *Sabático*, em sua essência, não visou lucros, embora o Suplemento tenha seus gastos industriais com papel controlados pelo *Estadão*. O controle da quantidade de papel gasta pelo suplemento revela que, mesmo que não gere lucro direito ao jornal, o *Sabático* também não pode gerar

prejuízo, além de ser um procedimento padrão em todas as editorias do jornal. Ou seja, é errado inferir que esse controle de gastos represente uma possibilidade de lucro, até mesmo porque controlam-se apenas os gastos com papel. Assim, conforme vimos anteriormente, o *Sabático* só pode ter 8 páginas se tiver uma determinada centimetragem de anúncios. E como Gama revelou, não é possível ter 8 páginas em todas as semanas do ano, dada a baixa quantidade atual de anunciantes no suplemento.

A existência da seção “Do Suplemento Literário”; a presença de manuscritos de Euclides da Cunha no logotipo do Suplemento; o lançamento de um suplemento literário em um período em que essa modalidade de caderno estava sendo extinta pelos grandes jornais e a discussão sobre a possibilidade de relançamento do *Suplemento Literário* são indícios de que o *Estado de S. Paulo* foi motivado pela busca por prestígio, pela valorização da história e da tradição do jornal, ao lançar o *Sabático*. Logo, podemos crer que o Suplemento, desde sua concepção, não foi pensado com o intuito de gerar lucros, mas como forma de celebração à história do jornal, visando agregar prestígio à marca, ao nome *O Estado de S. Paulo*. Sabemos que o público alvo do jornal é formado pela elite intelectual do país, pelas classes mais abastadas que possuem fruição. Como forma de manter esse público e ampliar sua circulação, o jornal tenta repercutir em meios universitários, onde há interesse pela leitura e pela erudição. Segundo Rinaldo Gama, o leitor do *Sabático* é “mais (...) reflexivo, ensimesmado, e que é formador de opinião. São os próprios escritores, professores de comunicação ou de literatura, psicanalistas, historiadores, são pessoas um pouco com esse perfil” (Gama, 2011, em entrevista⁶⁰).

Raquel Cozer, que é jornalista especializada na cobertura editorial, confirma que o jornal fez um investimento em prestígio ao lançar um caderno só de livros:

É no prestígio, com certeza. Literatura tem muitos problemas. Por exemplo, um é que é muito difícil conseguir anúncios. É muito mais fácil conseguir um anúncio para o *Caderno 2*, que o cara vai [buscar informações sobre o] show do final de semana, etc, do que uma editora colocar um anúncio de um livro que ela vai lançar. São anúncios mais pontuais. E dificilmente vai ter aquela chamada de capa: “Escândalo!”, “Denúncia!”, que produz muita leitura e tal. Tem pouca leitura, mas tem uma leitura fiel. Eu conheço muita gente que diz que assinou o *Estadão* por causa do *Sabático*. Acho que é nesse sentido também. (COZER, 2011, em entrevista)

⁶⁰ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa pessoalmente em 19 de setembro de 2011.

A respeito da longevidade do *Sabático*, Cozer se diz incerta, mas também destaca que o suplemento só irá sobreviver enquanto o jornal apostar no prestígio.

Olha, (...) eu não sei nem se os jornais irão durar 18 anos daqui pra frente. Mas eu espero que sim. Eu achei, voltando à coisa de que havia essa preocupação no *Estadão*, se se fazia um caderno só de literatura ou um caderno que fosse de reflexão sobre vários assuntos de cultura, eu achei muito bom ter um caderno só de literatura. Inclusive porque tem poucos bons suplementos só de livros hoje em dia. Tem aquele *Babelia*, do [jornal] *El país*. Sou super a favor. Se vai durar eu não sei, é totalmente especulação minha, mas se for pensar só pela lógica de mercado, o *Sabático* não duraria muito. Se um dia eles precisarem cortar gastos, acho que o *Sabático* estaria ali entre os primeiros a correr risco. Mas, se eles pensarem na coisa do prestígio, enquanto eles pensarem nisso [vai durar]. E o *Estadão* é um jornal que tem a coisa do leitor que é um leitor de alta classe, um leitor sofisticado etc, então eu acho que pode ser que continue. (COZER, 2011, em entrevista)

A jornalista também destaca a sua crença de que o jornal tinha consciência que estava investindo no prestígio, e não nos lucros, ao lançar o *Sabático*.

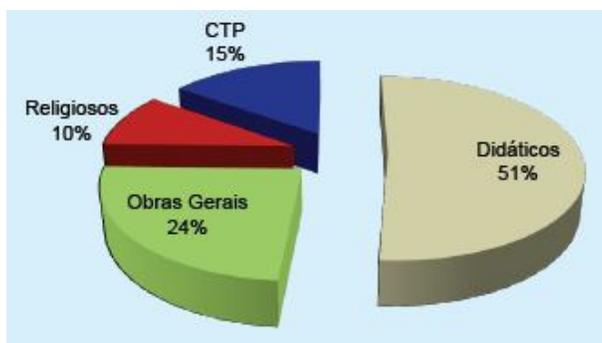
Mas eu tenho a impressão de que o *Sabático* é muito mais prestígio, e que eles meio que sabiam disso quando lançaram o caderno, não foi uma coisa [inesperada]. Em nenhum momento eles pensaram em lançar um caderno para ganhar dinheiro, com certeza. Ah, e tem uma coisa também de prestígio na academia. Isso é importante. Porque o jornal, é uma coisa interessante para o jornal repercutir dentro da universidade. E no jornal hoje em dia, embora o *Estadão* seja um jornal, como eu falei, mais sofisticado e tal, num jornal não existe espaço hoje em dia para um acadêmico, para um professor de universidade escrever. Para um grande nome da universidade. Então o *Sabático* também foi um pouco isso, além de não só repercutir entre o leitor comum, atrair esse leitor sofisticado, mas também, eu acho que é isso, levar um pouco o *Estadão* para dentro da universidade. (COZER, 2011, em entrevista)

Raquel Cozer ainda explica que a Literatura, para as editoras, é também um investimento em prestígio, pois essa modalidade de livros não é a mais rentável.

Para as editoras a literatura em si não costuma dar dinheiro. Literatura não vende, na verdade, o que vende é... ah, é maldade falar que *Harry Potter* não é literatura, em algum contexto é, sei lá, literatura juvenil. (...) [Mas a] literatura [adulta] não vende muito. (...) Mas literatura dá prestígio. Então as editoras, por exemplo, a Companhia das Letras é uma editora que trabalha muito com o prestígio. Então eles têm os livros deles que vendem muito, e têm a literatura para dar aquele [prestígio], porque é bom para o nome da editora. (COZER, 2011, em entrevista)

A análise dos dados da pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro em 2009*, realizada pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo), comprova que boa parte do faturamento das editoras brasileiras é oriunda de vendas para o governo, e que essas vendas subiram 16,85% em 2009 (em relação ao ano anterior). Assim, no ano a que diz respeito a pesquisa, 25% do faturamento das editoras brasileiras veio por meio de vendas para o governo. A mesma pesquisa também mostra que os livros didáticos representaram 51% das vendas no país naquele ano. Os livros Científicos, Técnicos e Profissionais (CTP) também possuíram venda expressiva em 2009, representando 15% do total, assim como os Religiosos, que representaram 10% do total de vendas.

Figura 277: Distribuição de livros vendidos no Brasil em 2009



Fonte: Pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro em 2009*, FIPE, 2010.

Como mostra o gráfico, os livros Literários são contabilizados juntamente com outras obras (na fatia das “Obras Gerais”), como Dicionários, Atlas, Autoajuda, Turismo, Direito, Línguas, Medicina, Biografias, Educação, Psicologia, Engenharia, Artes etc, não sendo possível precisar sua participação nos lucros das editorias nacionais.

Entretanto, a pesquisa em questão também aponta o total de exemplares produzidos por área, indicando que a Literatura Adulta é a 5ª área em que mais se produziram livros no Brasil em 2009. Embora esse número possa parecer relevante, na verdade a Literatura Adulta corresponde a apenas 5,44% do total de livros produzidos. A pesquisa da FIPE indica que a categoria “Outros”, que não se sabe exatamente o que representa, é responsável por 9,16% dos livros produzidos, ou seja, quase o dobro da produção de obras

literárias. A tabela a seguir mostra esse e outros dados acerca dos livros produzidos no Brasil em 2009.

Tabela 3: Áreas temáticas dos livros produzidos no Brasil em 2009

Produção por área temática – Total de Exemplares Produzidos (1ª edição + reedição) – 2009		
TEMAS	número	Particip %
Educação Básica (didáticos)	183.723.605	47,55
Religião ¹	42.681.005	11,05
Literatura Infantil	28.704.739	7,43
Literatura Juvenil	26.885.158	6,96
Literatura Adulta	21.007.834	5,44
Auto-ajuda	12.828.914	3,32
Dicionários e Atlas Escolares	11.888.132	3,08
Línguas e Linguística ²	5.512.401	1,43
Direito	4.973.982	1,29
Economia, Administração e Negócios, Administração Pública ³	3.790.032	0,98
Ciências Humanas e Sociais	1.930.501	0,50
Medicina, Farmácia, Saúde Pública e Higiene	1.853.072	0,48
Educação e Pedagogia	1.292.381	0,33
Engenharia e Tecnologia	1.113.189	0,29
Psicologia e Filosofia	973.806	0,25
Biografias	492.497	0,13
Matemática, Estatística, Lógica e Ciências Naturais ⁴	471.027	0,12
Turismo, Lazer e Gastronomia	294.176	0,08
Artes ⁵	245.628	0,06
Educação física e Esportes	211.805	0,05
Agropecuária, Veterinária e Animais de Estimação	41.662	0,01
Arquitetura e Urbanismo	38.635	0,01
Informática, Computação e Programação	34.785	0,01
Outros	35.378.170	9,16
Total	386.367.136	100,00

[1] inclui esoterismo e espiritualismo

[2] inclui cursos e idiomas

[3] inclui finanças e contabilidade

[4] inclui Biologia, Bioquímica, Química, Física, Geologia e semelhantes

[5] inclui artes plásticas, teatro, rádio e TV, cinema, dança, fotografia, quadrinhos, grafite, música e museus

Fonte: Pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro em 2009*, FIPE, 2010.

É evidente que as editoras possuem interesse em publicar os títulos que são mais rentáveis. Assim como é difícil, no Brasil, a sobrevivência dos suplementos literários, as editoras também enfrentam dificuldades financeiras e lutam para existir. Sérgio de Almeida, jornalista e editor de livros, responsável pela Editora Papagaio, conta que precisa trabalhar paralelamente para manter suas contas e as contas da editora em dia:

Eu agora estou empenhado em outra etapa, fazer isso aqui vingar comercialmente falando. Não vingou, todo mês, salvo algumas exceções, ela [a editora] me toma dinheiro, por isso não abandonei de vez o jornalismo. Faço coisas para a ESPN Brasil, dou aula na PUC, presto consultoria na área de imprensa para um órgão

público, e esse dinheiro permite que eu mantenha a editora aberta. (ALMEIDA *apud* COSTA, 2009, p. 97)

Porém, conforme já exposto, ainda há editores que valorizam a Literatura, e publicam obras literárias, seja pelo prestígio, seja por um desejo genuíno de valorização da cultura, ou simplesmente por sacralizar o objeto livro, conforme depreende-se pela fala do editor Sérgio Almeida: “Teve um dia que eu tava tão chateado, peguei os livros, botei na mesa e fiquei olhando, e tive orgulho. Dane-se que mil pessoas souberam da existência. Eu tenho o maior orgulho” (Almeida *apud* Costa, 2009, p. 46).

Para A. P. Quartim de Moraes, jornalista e editor (que atuou nas editoras SENAC, Códex e Ediouro), o maior problema das editoras é que só querem publicar o que vende, prejudicando a Literatura Brasileira e os novos autores (Costa, 2009, p. 102).

O que não vende não se publica. Literatura brasileira não vende, logo não se publica. É assim o raciocínio hoje. As premissas, no entanto, são falsas, há certas coisas que você tem obrigação de publicar. O necessário equilíbrio entre conteúdo e desempenho editorial, o equilíbrio precisa ser mostrado no conjunto do seu catálogo. Alguns livros precisam ser publicados, é missão social do editor. Livro é um investimento de promoção humana, de desenvolvimento social. (QUARTIM DE MORAES *apud* COSTA, 2009, p. 102)

Quartim de Moraes também destaca sua experiência na editora Ediouro, onde ficou por 20 meses e a cada mês apresentava, na reunião do conselho editorial, ao menos um livro de Literatura Brasileira, sendo que nenhum deles foi aceito para publicação (Costa, 2009, p. 103). Acerca da publicação de obras literárias brasileiras, Quartim, assim como Raquel Cozer, destaca a atuação da editora Companhia das Letras:

A Companhia das Letras é uma das grandes e a melhor editora do Brasil. Luiz Schwartz é o melhor editor brasileiro. É o único que leva mais a sério a necessidade de compor no catálogo qualidade de conteúdo e desempenho comercial. É um catálogo equilibrado. A Companhia das Letras tem catálogo invejável porque tem essa preocupação. (QUARTIM DE MORAES *apud* COSTA, 2009, p. 103)

Dessa forma, se observa que a atuação do editor de livros não difere muito da do editor do suplemento literário, no que diz respeito à escolha das obras. A fala de Gama e de Quartim de Moraes é muito similar quando trata da necessidade de garantir um equilíbrio

entre atender a interesses comerciais e oferecer um conteúdo que, embora não seja de interesse de muitas pessoas, possua valor cultural.

Assim, fica claro que a aposta em Literatura não é comercialmente rentável, porém é sempre aconselhável quando se deseja agregar prestígio e valor à sua marca, para alegria dos consumidores eruditos e preocupados com o desenvolvimento social, conforme a definição utilizada por Quartim de Moraes. De fato, a literatura sempre foi uma atividade de prestígio, porém, também sempre foi difícil viver dela. De acordo com Cristiane Costa (2005), o jornalismo tornou-se uma forma de dependência econômica dos jovens escritores do século XIX, que, por um lado, haviam encontrado uma forma de sobrevivência e, por outro, eram impedidos de se dedicarem unicamente à sua vocação (p. 27). Para ela, a figura de Machado de Assis tornou-se “uma espécie de mito fundador da literatura brasileira”, pois levou os jovens escritores-jornalistas à crença de que o prestígio definitivo, que só a literatura poderia dar, estava ao alcance deles.

A partir dele, tudo seria possível. É como se as conquistas de um determinado indivíduo num determinado contexto histórico estivessem abertas, a partir de então, para todos os que se aventurassem a trilhar o seu caminho. (...) Afinal, de que forma um jovem mulato, pobre, órfão e epilético poderia se firmar como o maior escritor brasileiro de uma sociedade escravagista? Entrando nos salões da literatura pela porta de serviço: o jornalismo. E se alguém tão estigmatizado conseguiu, por que não eu?, provavelmente pensaram outros tantos literatos pobres e mestiços que seguiram seu exemplo. (COSTA, 2005, p. 28)

Logo, Costa (2005) destaca o papel que teria o jornalismo na formação da literatura brasileira. Em meados do século XIX ainda não era possível viver de direitos autorais, mas já era viável ganhar dinheiro por meio do trabalho intelectual, conforme fez Machado ao tornar-se funcionário do jornal. Segundo Costa, Olavo Bilac “ressaltou o papel do jornalismo na transformação da literatura num trabalho assalariado, dando ao homem das letras brasileiro a tão sonhada legitimação social” (2005, p. 47). Já Silva Ramos (*apud* Costa, 2005) explica que o jornalismo tinha a utilidade fundamental de dar ao literato um emprego (p. 54).

Porém, o jornalismo estava longe de ser uma profissão bem remunerada, fazendo com que até os mais renomados escritores fossem em busca de melhorar sua renda por meio da realização de outros serviços no jornal (2005, p. 55). Lima Barreto é um caso

exemplar de “mulato culto, sem diploma nem dinheiro, [que] fatalmente iria parar no jornalismo” (2005, p. 59). Lima não poupou críticas ao trabalho na imprensa, ao tentar abrir seu espaço no mundo das letras, segundo Costa. Conforme ela explica, a contradição inerente à situação em que o escritor se encontrava – “sem os meios materiais nem intelectuais indispensáveis para se manter muito tempo à espera de reconhecimento” – o colocou diante de duas alternativas (p. 62):

Ou a submissão ao mercado (o jornalismo, o folhetim e o teatro de *boulevard*) e ao gosto burguês (expresso pela chamada “literatura sorriso”, que jamais fustigava os valores sociais). Ou a degradação material e moral expressa pela boemia, o alcoolismo e o vício, que ao menos dava um sentido artístico a sua vida. (...) Os marginalizados, os que optaram pela arte pura e não mercantilizaram seu talento, têm pelo menos esta vantagem em relação aos que se “prostituíram”: a força pungente de seu relato, baseada na autenticidade de seu sofrimento. Sua literatura se alimenta desse desengano. (COSTA, 2005, p. 62)

Como é sabido, o fracasso levou Lima Barreto ao alcoolismo e à loucura, fazendo com que morresse na obscuridade e na pobreza.

Cristiane Costa também destaca o caso de Monteiro Lobato, que, ao contrário de Lima Barreto, sujeitou sua obra literária aos apelos comerciais, obtendo lucros e muito sucesso. De acordo com Costa (2005), Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a conceber literatura como mercadoria. Pessoalmente, persuadiu donos de casas comerciais, sugerindo que vendessem um novo produto, o livro. “É um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau”, argumentava Lobato ao se dirigir aos comerciantes (Costa, 2005, p. 75). Ele também foi astuto ao perceber que a publicação de textos na imprensa garantia seu acesso aos leitores e funcionava como uma publicidade gratuita para seu nome. Em artigo escrito originalmente como carta para a coluna de reclamações do jornal *O Estado de S. Paulo*, Lobato criou, dentro da imprensa, um de seus principais personagens de ficção, o Jeca Tatu (Costa, 2005, p. 72). Um segundo artigo publicado no jornal deu origem a seu primeiro romance, *Urupês*. Assim, a atuação do escritor no jornal era movida principalmente por interesses mercadológicos:

Dizes bem quanto à disseminação do nome por intermédio de outras folhas. Isto é como eleitorado. Escrevendo no *Estado*, consigo um corpo de 80 mil leitores, dada a circulação de 40 mil do jornal e atribuindo a média de dois leitores para cada exemplar. Ora, se me introduzir num jornal do Rio de tiragem equivalente, já

consegui dobrar meu eleitorado. Ser lido por 200 mil pessoas é ir gravando o nome – e isso ajuda (...). Para quem pretende vir com o livro, a exposição periódica do nomezinho equivale aos bons anúncios das casas de comércio – em vez de pagarmos aos jornais pela publicação dos nossos anúncios, eles nos pagam – ou prometem pagar. (LOBATO *apud* COSTA, 2005, p. 73)

O autor de *O Sítio do Picapau Amarelo* também foi editor de livros, mantendo sua visão do livro como mercadoria e da Literatura como negócio. Para Costa,

Capitalista e marqueteiro, o editor Lobato está muito distante da imagem do bom velhinho que ficou para a história da literatura infantil. Mas é preciso ver em seu mercantilismo a toda prova o nascimento de um mercado editorial mais agressivo no Brasil. Monteiro Lobato faliu várias vezes, mas não desistiu. Em 1925, fundou a Companhia Editora Nacional, já de olho num filão muito especial: livros infantis, a serem adotados por colégios em grandes quantidades. (COSTA, 2005, p. 77)

Assim, nota-se que nunca foi tarefa simples sobreviver de Literatura, sendo que os artistas de maior sucesso são sempre aqueles que se rendem às imposições do mercado. Também é possível observar que Lobato foi visionário ao investir em Literatura Juvenil, que até hoje é mais rentável que a Literatura Adulta, sendo mais comprada não apenas pelo público em geral, como também pelo governo, para fins pedagógicos (como vimos anteriormente). É interessante destacar, ainda, a forma como Lobato se defendia das constantes acusações que recebia de autores modernistas, como Mário de Andrade, que o taxavam como mercenário. “Eles são uns gênios – mas não vendem; têm que viver como carrapatos do Estado, presos a empreguinhos. Lobato é uma besta, mas está vendendo bestialmente”, afirmava, referindo-se ao fato de que tais escritores precisavam manter empregos públicos para sobreviver, já que sua Literatura não tinha apelo comercial (Costa, 2005, p. 79). Nota-se, ainda, a similaridade existente entre o ofício do escritor do século XX, que deve buscar outras fontes de renda caso não deseje se render ao mercado, e do pequeno editor de livros atualmente, que também precisa contar com outras fontes de renda para sobreviver.

Ou seja, o investimento em Literatura não é uma boa estratégia mercadológica há, pelo menos, dois séculos. No contexto contemporâneo, é importante que um escritor participe de feiras e eventos literários para ter renda, já que ainda não é possível sobreviver apenas dos livros. Porém, ainda há os que buscam seu sustento na imprensa, como João Ubaldo Ribeiro e Luis Fernando Veríssimo (apesar de já terem publicado *best-sellers*,

especialmente Veríssimo). A escritora Hilda Hilst também garantiu seu sustento, durante alguns anos, devido à sua atuação como cronista no jornal campineiro *Correio Popular*. Mas, em geral, há pouco espaço para os literatos na imprensa atualmente. Como vimos no **Capítulo IV: *Sabático: renovação de um modelo consagrado?***, o editor do *Sabático*, Rinaldo Gama, busca mudar essa situação, oferecendo espaço aos novos autores, que assinam resenhas e outros textos no Suplemento. O escritor Ronaldo Correia de Brito (vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2009⁶¹), que atua com certa frequência no *Sabático*, confirma que é necessário buscar outras fontes de renda:

Os que sobrevivem da venda de livros são bem poucos, é verdade, mas existem os que sobrevivem das atividades de escritor. São os que ganham a vida dando conferências, cursos, escrevendo por encomenda para jornais, revistas e televisão, ministrando oficinas, como consultores, etc. Em todos os tempos, artistas trabalharam por encomenda. De Bach a Michelangelo. Não é indigno criar por encomenda, nem é preciso vender a alma ao diabo para isso. É necessário manter a liberdade de criação num jogo bem sutil, de muita barganha, entre quem encomenda e quem cria. (CORREIA DE BRITO, 2011, em entrevista)

A enorme quantidade de Festas, Feiras e Prêmios Literários existente atualmente serve como incentivo do governo e das empresas privadas à atuação dos escritores. Em junho de 2011, o Ministério da Cultura anunciou a criação do Circuito Nacional de Feiras de Livro, projeto que prevê renúncia fiscal para as empresas que patrocinarem feiras do livro. Com isso, espera-se que seja dobrada a quantidade de eventos literários realizados no país até 2014. Em 2011, ocorreram cerca de 75 eventos de pequeno, médio e grande porte, sendo os mais populares a Flip (Feira Literária Internacional de Paraty); a Bial Internacional do Livro; O Fórum das Letras de Ouro Preto; a Jornada Nacional de Literatura (em Passo Fundo/RS) e a Feira do Livro de Ribeirão Preto. A crítica literária Beatriz Resende (2008) já teceu considerações a esse respeito, mostrando que a grande fertilidade da literatura no Brasil é um fenômeno recente, que pode ser interpretado como um renascimento da cultura literária:

Apesar das queixas repetidas de que há poucos leitores, de que o livro vende pouco etc., é fácil constatar que se publica muito, que novos escritores e editoras surgem

⁶¹ O romance *Galiléia*, de Ronaldo Correia da Brito, foi eleito o melhor livro do ano de 2008. Ao autor foi concedido um prêmio no valor de R\$ 200 mil.

todos os dias, e que comenta-se e consome-se literatura. Nas grandes cidades, novas livrarias partilham o mesmo espaço com outras formas de lazer, tornando o convívio com o livro mais sedutor. Surgiram nos últimos anos novos prêmios literários com valores bem maiores que no passado. A repetição da Festa Literária Internacional de Paraty vem conseguindo apresentar escritores brasileiros ao lado dos nomes mais importantes do cenário internacional em um evento que se tornou, em aparente contradição, ao mesmo tempo *cult* e popular. Essa festa tem se mostrado um caso a ser investigado, sobretudo por evidenciar uma nova habilidade dos escritores contemporâneos (...) de serem também uma espécie de *performer*. (RESENDE, 2008, p. 16)

Resende também aponta para uma característica do escritor contemporâneo, a de ser um *performer*. A reportagem “Os feirantes”, publicada na revista *piauí* de setembro de 2011 confirma a visão de Resende, ao expor o “novo cenário das letras nacionais”. Explicitando o fato de que a participação dos escritores brasileiros em Feiras e eventos literários é, hoje em dia, parte da profissão, descreve-se a mesa redonda “Ficções da crônica”, com o escritor Ignácio de Loyola Brandão na Flip 2011, destacando-se que “o espetáculo parecia mais uma conversa de bar do que uma palestra. As gargalhadas demonstravam que, algumas vezes, o trabalho de um escritor não é apenas o de escrever, mas o de se apresentar em público como um artista performático” (Chiaverini, *piauí*, n. 60, set. 2011, p. 58).

A mesma reportagem fornece números que comprovam a importância da participação em eventos literários para autores brasileiros.

As remunerações do *show business* variam bastante. Pelo menos uma dezena de escritores consagrados cobra mais de 10 mil reais por aparição; para empresas, o cachê pode chegar a 25 mil. No geral, os valores oscilam entre 800 e 3 mil reais. Longe de deixar alguém milionário, esses cachês garantem o sustento de muitos autores nacionais. Os royalties pagos pelas editoras brasileiras variam entre 5% e 10% do preço de capa. Um autor que vende mil livros a um preço de 40 reais, por exemplo, terá um rendimento de 4 mil reais. Entretanto, são raros os autores que vendem esse número de exemplares em poucos meses. Atualmente, entre os que se dedicam apenas à literatura, a maioria tem o sustento garantido por palestras, sessões de autógrafos e apertos de mão em coquetéis. (CHIAVERINI, *piauí*, n. 60, set. 2011, p. 60).

O presidente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Galeano Amorim, ainda na referida reportagem de *piauí*, explica por que as Feiras Literárias proliferaram recentemente. Segundo ele, essa multiplicação começou por volta de 2005 e foi motivada

por vários fatores: “A década passada foi pródiga em políticas públicas federais, estaduais e municipais, e na criação de boas legislações sobre o tema. Os índices de leitura cresceram e mais gente passou a atuar nessa área. Ou seja, é uma conjunção favorável” (Amorim *apud* Chiaverini, *piauí*, n. 60, set. 2011, p. 60).

Assim, na conjuntura atual das Letras Brasileiras, em que notadamente pouco se lê, embora haja investimentos massivos do governo no incentivo à leitura e à Literatura, podemos nos indagar a respeito do lançamento de um suplemento de livros. Embora todos os fatos nos levem, mais uma vez, à conclusão de que o investimento do *Estadão* não visa lucros, e sim prestígio, para Rinaldo Gama a questão vai além, em exposição longa, porém necessária para o entendimento de sua argumentação.

Se você imaginar que mercadológico não implica apenas em retorno financeiro, não tenho nenhuma dúvida [de que investir em literatura é uma boa estratégia]. Vou dizer o porquê. (...) Essa resposta não tem nada de idealista. Raciocina comigo, o Brasil quer crescer. Quer se situar no mundo de um modo mais condizente com o seu tamanho e com a sua população. Vem de anos e anos de estabilidade econômica. Passou quase imune pela crise de 2008. Cresce de um modo menor, muito menor, do que outros emergentes, mas, cresce. E sabe que só existe um meio de você avançar e se situar entre as grandes potências do mundo. Que foi assim que outros países fizeram, Coréia, por exemplo. Qual é o segredo? Que não é segredo, na verdade? Educação. Não há nenhuma outra alternativa para você se inserir entre os maiores do mundo. Ora, se você imaginar que o país quer crescer e vai investir em educação, se você não pensar de modo pequeno e imediato, você pode enxergar que a médio e a longo prazo, todas as apostas que forem feitas nessa direção, darão certo. A não ser que haja um cataclisma, um desastre total, no mundo, que arraste o Brasil. Porque só no Brasil não vai acontecer. No Brasil sozinho não vai acontecer, porque, do mesmo modo que não estão querendo que a Grécia sucumba, ou a Espanha, ou Portugal, ninguém vai querer que o Brasil sucumba também. Mesmo que a gente passe por problemas parecidos com os desses países europeus, haverá uma “conservação” mundial que vai auxiliar para que a gente não quebre. E eu não acho que a gente vai passar por nada semelhante ao que a Grécia está passando, ou Portugal. Se você imaginar, então, num cálculo não mesquinho, nem imediatista, de médio e longo prazo, as apostas que forem feitas em educação, num sentido, e em informação, em outro, elas tendem a dar certo. Elas tendem a progredir. Então, você pensa assim: mas o *Sabático* é muito sofisticado, ele trata de Ariosto – saiu na página 3 dessa semana, Ludovico Ariosto, o “Orlando Furioso” –, como é que o povo brasileiro vai ter interesse nisso? No Ariosto, talvez não, mas, temas como literatura e luto, e morte, acho que sim. Acho que o povo terá interesse em ler, sim. Por isso que o “Literatura e Luto” foi capa e o Ariosto não foi capa. Eu tenho mais ou menos a cabeça no lugar. Então, nesse sentido, se você imaginar que não se restringe ao aspecto puramente financeiro o retorno de uma publicação, de um suplemento, eu já acho que daria certo. Já acho que seria uma decisão acertada. E não me parece descabido imaginar que, mesmo do ponto de vista financeiro, possa haver algum tipo de compensação, considerando que quem trabalha na educação,

entre outras frentes, são as editoras. Editar livros faz parte desse projeto maior que é o de educar o Brasil. Então, não acho descabido, sequer do ponto de vista financeiro, que a médio e a longo prazo esse retorno possa vir. (GAMA, 2011, em entrevista)

Portanto, nota-se que o jornal não buscou simplesmente prestígio ao investir em Literatura, mas também possui uma visão mais à frente, voltada para a Educação do Brasil. Não que se desejasse ou buscasse aprimorar a educação dos brasileiros, mas, conforme é possível depreender da fala de Gama, existe a crença de que investimentos em Educação serão cada vez mais incentivados e mantidos, tendo em vista um objetivo mais amplo, o de desenvolver economicamente o país. Assim, embora o *Estado* não visasse lucros ao lançar o *Sabático*, também não “nadou contra a corrente”, ou seja, não fez uma escolha paradoxal, se analisado o contexto de maneira de mais ampla, tendo em mente os investimentos que já estão sendo feitos para tornar o Brasil um país de primeiro mundo, de como é exemplo a grande compra de livros feita pelo governo anualmente. E é claro que a Educação representa um dos principais pilares a serem desenvolvidos para que se atinja tal ideal. E a cultura, a leitura, é essencial em qualquer processo formativo, educativo.

Além disso, Gama também aposta na longevidade do *Sabático*, apesar de todos os problemas relativos à sustentação do suplemento, como a difícil e constante busca por anunciantes e os baixos índices de leitura no país.

Sim, acho que o *Sabático* poderia ter uma vida longa, como a do *Suplemento Literário*, ou como a do *Caderno 2*, que fez 25 anos, e está aí, não há nada no horizonte que indique que ele será extinto. Ou outros suplementos, que têm aí 50 anos, em outros jornais. Acho que isso, acho que ele poderia ter essa vida longa, sim. (...) Uma das características que essa era digital trouxe foi a de incentivar, vamos chamar desse modo, a prática da escrita opinativa por um número cada vez maior de pessoas. Então, por meio dos blogs, por exemplo, você tem autores em número muito grande se pronunciando, e publicando os seus textos, independentemente de editoras, inclusive. Blogs de sites, blogs pessoais. Um fenômeno muito impressionante. Nos EUA tem gente que vendeu milhares, milhões até, de livros, sem editoras, publicados somente on-line. E os blogs também, ou sites pessoais, trouxeram essa presença de opinião muito grande sobre o que vem sendo produzido no mercado de modo geral. Feitos por pessoas que não são exatamente jornalistas, ou profissionais das Letras etc. Existe um historiador francês chamado Chartier, que ele diz que essa era da internet realizou um sonho do Kant, que era o de que todas as pessoas pudessem se expressar, expressar o seu juízo crítico. (...) Quando todas as pessoas são escritores a literatura vai continuar sendo necessária? Quando todo mundo é crítico, a crítica vai continuar sendo necessária? Eis aqui uma reflexão que a gente deve ter. Ou seja, depende de como

esse jornal vai entender e responder a essa pergunta. (...) Eu acho que [a resposta é] sim. Porque, por mais conectado que você seja, você não pode opinar sobre todas as coisas, o tempo inteiro. Então você precisará sempre de alguém que opine sobre aquilo que você não é capaz de opinar, por motivos diversos, nem que seja o tempo. Ou, porque você não domina o assunto e assim por diante. Ora, quem é essa pessoa? É o crítico. E qual é o crítico que eu vou ouvir? Que eu vou seguir? Que eu vou adotar? Que eu vou acompanhar? Qualquer crítico? Aquele que tem um milhão de seguidores no Facebook ou no Twitter? Não. É provável que eu siga e acompanhe e leia aquele que está de algum modo referendado por uma instituição de comunicação que tenha uma lista de serviços prestados durante um certo tempo na história. Considerando que o *Estadão* é um veículo que tem uma lista de serviços prestados ao longo da história, eu suponho que a pessoa que estiver no meu lugar daqui a 50 anos herdar essa credibilidade, e, portanto, será esta a pessoa que aquele volume enorme de críticos que existirão no ano 2061, uma parte, pelo menos, dela irá acompanhar. Agora, para isso, é preciso que o jornal responda a essa pergunta, desse jeito que eu estou respondendo. O que significa o que? Manter alguém ou um caderno que, dentro desta área, preserve essa credibilidade que o jornal tem em outras áreas. Só assim daqui a 50 anos o jornal continuará sendo lido e procurado, neste assunto também. Agora, essa decisão não depende de mim, nem sequer das pessoas que estão aqui hoje. Então, eu não sei o que irá acontecer. Agora, se eu pudesse esticar a minha vida e estivesse aqui daqui a 50 anos, eu teria, ao longo desse período, até lá, teria mantido o *Sabático* vivo para atender a isso que irá acontecer a daqui a bem menos do que 50 anos. Que é uma profusão enorme, muitas vezes multiplicada dessa que a gente vê hoje, de gente escrevendo e falando sobre todos os assuntos. E aí você vai ficar perdido, você vai procurar o quê? Vai procurar onde? Quem será que está falando certo, quem está falando errado? Onde eu vou procurar? Vai ter prevalência e predominância e liderança nesse momento aqueles que forem capazes de selecionar, para esse atordoado internauta, receptor de informações, aquilo que seja de muita credibilidade. (GAMA, 2011, em entrevista)

Logo, a aposta na permanência do *Sabático* reside em uma crença cuja raiz está na própria função do Jornalismo, que é informar. Portanto, para Gama, a existência das novas mídias de divulgação cultural, que permitem que todos se expressem e compartilhem informações, somente colaboram com o Jornalismo tradicional, ao ressaltar sua necessidade para o consumidor em busca de informações oriundas de fontes confiáveis.

5.3. Informação X Conhecimento no *Sabático*

Como diferenciar informação de conhecimento? A resposta está na explicitação de que obter conhecimento significa utilizar-se de informações para evoluir, para compreender o funcionamento do mundo. Já as informações, sozinhas, não representam a compreensão da realidade, é necessário mais do que a simples retenção de informações para garantir o

desenvolvimento humano. A experiência de elucidação da realidade a partir da utilização de dados ou informações acumuladas, assim, pode ser entendida como a raiz do conhecimento.

A campanha publicitária “Qual o valor do conhecimento?”, iniciada em 2009 pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, expôs de maneira pública, por meio da divulgação em diferentes mídias e órgãos da imprensa nacional (como revistas, a televisão, o rádio, a internet e o próprio jornal), essa diferenciação. A primeira fase da campanha, que lançou o slogan “Qual o valor do conhecimento?”, consistiu em uma promoção inusitada, na qual os novos assinantes do jornal poderiam escolher o quanto desejariam pagar pelo serviço, ou seja, escolher qual seria o valor que eles estariam dispostos a pagar pelo conhecimento. A estratégia consistiu em mostrar ao público que o jornal impresso tradicional permite a construção de conhecimentos, por meio da oferta de informações rodeadas de reflexão e opiniões advindas de fontes confiáveis e intelectuais formadores de opinião. Em contraposição a essa realidade estariam as fontes gratuitas de obtenção de informações, como as mídias digitais, nas quais somente é possível obter dados, mas que não auxiliam o leitor/espectador a alcançar o conhecimento. Mesmo que motivada por interesses mercadológicos ao “vender” a diferença entre informação e conhecimento, a campanha possibilitou uma reflexão de diferentes segmentos da sociedade brasileira sobre a importância da cultura, da leitura, da literatura, do acesso à informação, como pontos de partida para a conquista do conhecimento.

Muitos acadêmicos e filósofos em geral já pensaram a respeito da oposição informação X conhecimento, ou em cada um desses termos de maneira isolada. Luckesi (1996 *apud* Matos, 2003) aponta que o conhecimento decorre de um esforço de investigação para compreender aquilo que está oculto, e que as informações devem ser utilizadas para que o novo seja desvendado.

Segundo Matos (2003),

O racionalismo argumenta que o verdadeiro conhecimento não é produto de experiência sensorial, que existe um conhecimento *a priori* e estabelece a verdade absoluta em argumentos racionais. Por outro lado, o empirismo alega que não existe conhecimento *a priori* e que a única fonte de conhecimento é a experiência sensorial, baseada na visão intrinsecamente objetiva, mesmo quando se tem uma percepção ilusória. (MATOS, 2003, p. 3)

John Locke, pensador do século XVII, possui uma visão empirista sob a questão, acreditando que todo conhecimento seja derivado de experiências sensíveis. Assim como Locke, Jean Piaget (século XX) também é adepto do empirismo, acreditando que todo conhecimento deriva da experiência, porém, mostrando a existência de estágios de desenvolvimento cognitivo na criança humana. Mas, nesse contexto, onde entra a informação? Podemos interpretá-la como sendo a experiência, ou o fio condutor do conhecimento, em alguns casos. Nem sempre isso ocorre, no entanto, já que o conhecimento é originado a partir de um processo interno do sujeito.

Leão Serva (2001), por exemplo, destaca a existência de muitos leitores que são “metralhados diariamente por um sem-número de informações”, mas que, nem por isso, “compreendem realmente a natureza dos fatos que consomem” (p. 62). De modo similar, o escritor Umberto Eco destaca que o “excesso de informação provoca amnésia” (2011). Para ele,

A internet não seleciona a informação. Há de tudo por lá. A Wikipédia presta um desserviço ao internauta. Outro dia publicaram fofocas a meu respeito, e tive de intervir e corrigir os erros e absurdos. A internet ainda é um mundo selvagem e perigoso. Tudo surge lá sem hierarquia. A imensa quantidade de coisas que circula é pior que a falta de informação. (...) Informação demais faz mal. Quando não lembramos o que aprendemos, ficamos parecidos com animais. Conhecer é cortar, é selecionar. Vamos tomar como exemplo o ditador e líder romano Júlio César e como os historiadores antigos trataram dele. Todos dizem que foi importante porque alterou a história. Os cronistas romanos só citam sua mulher, Calpúrnia, porque esteve ao lado de César. Nada se sabe sobre a viuvez de Calpúrnia. Se costurou, dedicou-se à educação ou seja lá o que for. Hoje, na internet, Júlio César e Calpúrnia têm a mesma importância. Ora, isso não é conhecimento. (ECO, *Época*, dez. 2011, disponível on-line⁶²)

Para Dominique Wolton, sociólogo estudioso da comunicação, existe certo triunfo da informação sobre a análise, a reflexão, nas sociedades modernas. Ele explica que o avanço tecnológico permitiu que se soubessem muitas coisas, e de maneira muito rápida, gerando um “bombardeio informativo” (2004, p. 284). Assim, afirma Wolton, vive-se hoje em um contexto em que a informação é onipresente, caracterizado por uma “tirania do instante”: “Sabe-se tudo, de todos os cantos do mundo, sem ter tempo de compreender, ou retomar o fôlego” (*idem*). Para Wolton, a informação jornalística não pode reduzir-se ao

⁶² Disponível on-line em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html>. Acesso em: 14 de janeiro de 2012.

relato dos fatos, deve vir acompanhada de interpretações, facilitando, assim, o entendimento (ou o conhecimento) das pessoas sobre aquela notícia. Isso é precisamente o que destaca a campanha publicitária do jornal *O Estado de S. Paulo*, que busca mostrar que o jornal faz isso, em especial após sua última reforma gráfica e editorial.

A informação não se reduz mais ao relato do acontecimento. Embora se possa ver tudo, não se pode entender tudo. A proeza não é mais ter acesso ao acontecimento mas entendê-lo. O excesso de informação mata os fatos e a compreensão deles. (...) Quanto mais há acontecimentos, menos a informação pode reduzir-se ao relato dos fatos, mais ela requer interpretações. (WOLTON, 2004, p. 286)

Porém, no âmbito do Jornalismo, há quem diga que só há espaço para informação, e não para o conhecimento, como a pesquisadora Elizabeth Lorenzotti: “acho que o jornal não tem nada a ver com conhecimento. Conhecimento é outra coisa. O jornal tem a ver com informação, e possivelmente com alguma reflexão, se você conseguir achar alguma no meio disso” (2010, em entrevista⁶³). De certa forma, essa também é a crítica de Wolton, ao expor qual seria a maneira mais prudente de disponibilizar informações (acompanhadas de interpretações).

Por outro lado, em *Jornalismo como Forma de Conhecimento*, Eduardo Meditsch procura responder a pergunta: o jornalismo é uma forma de conhecimento? A visão apresentada pelo autor responde à pergunta com a mesma frase, “no sentido afirmativo, sem ponto de interrogação”. Ou seja, para Meditsch (1998) jornalismo é uma forma de produção de conhecimento, entretanto, essa forma de conhecimento “tanto pode servir para reproduzir outros saberes quanto para degradá-los, e é provável que muitas vezes faça essas duas coisas simultaneamente” (p. 26).

Meditsch explica que a questão do Jornalismo enquanto conhecimento admite muitas interpretações, sendo que entre elas se destacam três abordagens enquanto principais. Primeiramente, é possível partir da definição de “conhecimento não como um dado concreto, mas como um ideal abstrato a alcançar”. Quando esse ideal é estabelecido, torna-se o parâmetro para julgar toda a espécie de conhecimento produzido pelos homens. Na era moderna, tal ideal é a Ciência, entendida como a única fonte de conhecimento com credibilidade. “O ‘método científico’ foi escolhido como o parâmetro adequado para se

⁶³ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa por telefone em 19 de novembro de 2010.

conhecer e dominar o mundo, e toda a tentativa de conhecimento estabelecida à margem deste padrão foi desmoralizada, considerada imperfeita e pouco legítima” (1998, p. 27). Nesse contexto, que entroniza a Ciência como o único método de conhecimento legítimo, considera-se que o Jornalismo não produz conhecimento válido, contribuindo apenas para a degradação do saber.

A segunda forma de abordagem do Jornalismo enquanto conhecimento destacada por Meditsch “o situa ainda como uma ciência menor, mas admite já que não é de todo inútil” (1998, p. 27). Para exemplificar essa segunda abordagem, Meditsch destaca o trabalho de Robert Park, que define o Jornalismo a partir do que esse tem de diferente, “do que lhe é específico como forma de conhecimento da realidade” (p. 27). A partir da perspectiva de William James, que distingue o conhecimento em tipos, “conhecimento de” e “conhecimento sobre”, Park propõe uma gradação entre essas duas espécies de conhecimento e coloca a notícia num nível intermediário entre elas (Meditsch, 1998, p. 27). Assim, o “conhecimento de” simboliza o conhecimento utilizado no cotidiano, e o “conhecimento sobre”, o conhecimento sistemático e analítico, produzido pela Ciência. Colocar o Jornalismo entre as duas formas de conhecimento distinguidas por James significa diferenciá-lo a partir do grau de profundidade que alcança em comparação à Ciência e à História, algo que é admitido pelos próprios jornalistas. “Ao fazerem comparações entre o seu trabalho e o dos cientistas, os jornalistas costumam sugerir esta forma de gradação. Quando não se refere à profundidade de análise, a gradação pode referir-se também à velocidade da produção, e o Jornalismo já foi definido como a História escrita à queima-roupa” (Meditsch, 1998, p. 28).

Para Meditsch, a comparação quantitativa dos atributos do Jornalismo em relação à Ciência e à História serve para elucidar algumas de suas diferenças, mas não define o que ele tem de específico, e é dessa lacuna que surge a terceira abordagem do Jornalismo como conhecimento. A terceira abordagem não enfatiza o que o Jornalismo tem de semelhante, mas o que ele tem de único e original. Logo, “o Jornalismo não revela mais nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modelos de conhecimento não são capazes de revelar” (Meditsch, 1998, p. 28).

Desta forma, a complexidade inerente ao Jornalismo faz com que não apenas ele reproduza o conhecimento que produz, mas também reproduza o conhecimento produzido por outras instituições sociais. “A hipótese de que ocorra uma reprodução do conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão, ajuda a entender melhor o papel do Jornalismo no processo de cognição social” (Meditsch, 1998, p. 28).

Meditsch indica que existem diversas correntes teóricas que servem como base de apoio para se aceitar e definir a especificidade do Jornalismo enquanto conhecimento, agindo como pressupostos da terceira abordagem. As epistemologias críticas que têm se dedicado à desmistificação da infalibilidade da Ciência e à demonstração do caráter cultural e histórico de toda forma de conhecimento são destacadas como teorias que contribuíram para destruir o ideal de uma verdade única e obrigatória. Da mesma forma, o desenvolvimento da compreensão das linguagens enquanto produtos históricos e culturais contribuiu para esta visão. “O estudo do discurso, que se interessa pela utilização concreta das linguagens, demonstrou que todo o enunciado que se refere à realidade, ao refleti-la de certa maneira, também necessariamente a refrata de certa maneira” (Bakhtin, 1929 *apud* Meditsch, 1998, p. 28).

Similarmente, a sociologia e a antropologia do conhecimento, ao voltarem sua atenção ao cotidiano das pessoas comuns, não estudando apenas o relato dos sábios, reforçam a noção de que a metodologia científica não é o único modo de conhecer, nem o mais importante para nossa existência. A ideia de que diversos tipos de conhecimentos circulam em diversas redes sociais aponta para a “necessidade de uma Razão mais refinada, que dê conta da extrema complexidade do mundo, que cada vez mais se expõe a nós e com isso desafia todos os nossos parâmetros” (Meditsch, 1998, p. 29).

Meditsch destaca, ainda, como pressuposto da noção de Jornalismo como conhecimento o fato, advertido por Paulo Freire, de que o saber não pode ser transmitido. Para Freire, quando uma informação é comunicada com sucesso de uma pessoa para outra, isso significa que ela não foi simplesmente transferida, como seria “de um disquete para um computador”, mas também reconhecida pela pessoa que a recebeu. Assim, o “cérebro humano não é um recipiente onde se possa depositar conhecimentos: a aprendizagem implica numa operação cognitiva, onde quem aprende tem um papel tão ativo quanto quem ensina” (Meditsch, 1998, pp. 29-30).

Desta forma, tanto quem ensina quanto quem aprende não se limitam a reproduzir saberes que existiam anteriormente, mas recriam este conhecimento em seus atos de aprender e ensinar. Logo, o saber não se transmite, mas se produz na mente de quem ensina e de quem aprende. Meditsch (1998) destaca que a moderna ciência cognitiva confirma a noção dos pedagogos, expondo que a educação está indissolivelmente ligada à comunicação. “Nosso equipamento cognitivo não registra nem arquiva informações tal qual as recebe, antes as processa, classifica e contextualiza, reconstruindo a informação recebida a partir de esquemas de interpretação e informações prévias sobre o tema, o emissor e a situação comunicativa” (p. 30).

Portanto, é necessário “compreender melhor como funciona o Jornalismo como modo de conhecimento, e de investigar até que ponto ele não será capaz de nos revelar aspectos da realidade que não são alcançados por outros modos de conhecer mais prestigiados em nossa cultura” (p. 31). Para Meditsch, o Jornalismo opera no campo lógico do senso comum, sendo essa característica fundamental para defini-lo. Por conhecimento do senso comum, entende-se o conhecimento que eu partilho com os outros nas rotinas da vida cotidiana. Por operar no campo lógico da realidade, o conhecimento do Jornalismo adquire tanto fragilidade quanto força de argumentação, já que será necessariamente menos rigoroso do que qualquer ciência formal, mas, ao mesmo tempo, será menos “artificial e esotérico”.

Assim, enquanto “a ciência evolui reescrevendo o conhecimento do senso comum em linguagens formais e esotéricas, o Jornalismo trabalha em sentido oposto” (Meditsch, 1998, p. 33). Dessa forma, o Jornalismo encontra, como uma de suas principais justificativas sociais, a tarefa de se comunicar com “o físico, o advogado, o operário e o filósofo”, ou seja, com um “auditório universal”.

Além disso, o Jornalismo parte de premissas retiradas necessariamente do senso comum, a argumentação da notícia parte de coisas que o auditório supostamente já sabia. “Se o avião caiu, é claro que existia o avião e que o avião pertence à categoria das coisas capazes de cair” (Lage, 1979 *apud* Meditsch, 1998, p. 33). Logo, a novidade contida numa notícia é sempre limitada, diferentemente do que ocorre com a ciência. Entretanto, Meditsch (1998) destaca que o conhecimento proporcionado pelo Jornalismo possui um “duplo papel na construção do senso comum, em que a revelação da novidade refere-se a apenas um

aspecto” (p. 33). O outro aspecto seria o reconhecimento, já que a compreensão da notícia envolve o processamento de informações que servem como base para a realização de mudanças em nossos modelos de mundo. “O Jornalismo serve ao mesmo tempo para conhecer e reconhecer” (p. 33).

Desse modo, Meditsch constata que o Jornalismo não pode ser acusado de ser uma “ciência mal feita”, simplesmente porque não é uma ciência e nem pode aspirar a sê-la.

Por um lado, o Jornalismo como forma de conhecimento é capaz de revelar aspectos da realidade que escapam à metodologia das ciências (...), por outro, é incapaz de explicar por si mesmo a realidade que se propõe a revelar. “O universo das notícias é o das aparências do mundo; o noticiário não permite o conhecimento essencial das coisas, objeto do estudo científico, da prática teórica, a não ser por eventuais aplicações a fatos concretos. Por trás das notícias corre uma trama infinita de relações dialéticas e percursos subjetivos que elas, por definição, não embarcam” (Lage, 1985b:23). (MEDITSCH, 1998, p. 34)

Meditsch destaca, ainda, que o texto jornalístico só adquire sentido dentro de um contexto, “contrariamente ao que ocorre com a ciência que isola o texto do contexto” (p. 34). Logo, “o conhecimento produzido pelo Jornalismo é mais sintético e mais holístico do que aquele produzido pela ciência” (p. 34).

Embora Meditsch defenda a perspectiva de que o Jornalismo produz e reproduz conhecimento, ele não deixa de abordar os limites lógicos e problemas estruturais ligados a essa noção. Logo, destaca que a falta de transparência dos condicionantes da informação jornalística (o modo como os jornalistas veem o mundo; as condições técnicas e econômicas para a realização de suas tarefas; a estrutura e rotina das organizações onde trabalham etc) é um dos principais problemas do Jornalismo como conhecimento. “A notícia é apresentada ao público como sendo a realidade e, mesmo que o público perceba que se trata apenas de uma versão da realidade, dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalistas para construí-la, e muito menos ao que foi relegado e omitido por estes critérios, profissionais ou não” (Meditsch, 1998, p. 35).

Outro problema que Meditsch destaca em relação à noção de Jornalismo como conhecimento se situa na velocidade de produção do jornalismo.

No entanto, ao mesmo tempo em que a velocidade representa um limite, representa também uma vantagem em relação a outros modos de conhecimento. A velocidade

não é uma característica exclusiva do jornalismo, mas sim da civilização em que vivemos que, por funcionar assim, necessita de informações produzidas rapidamente. (MEDITSCH, 1998, p. 35).

Por fim, o autor também cita a espetacularização como um aspecto problemático do Jornalismo como conhecimento. Explica que o que distingue uma matéria jornalística de um texto científico, didático, ou de um relato policial é o fato de que ela se dirige a pessoas que não têm obrigação de lê-la. Por isso, procura “de alguma forma aliciar as pessoas para que se interessem por aquela informação, através de técnicas narrativas e dramáticas” (pp. 35-36). Logo, o problema ocorre quando tais técnicas são utilizadas “em função de objetivos que não os cognitivos, como a luta comercial por audiência e o esforço político de persuasão” (p. 36).

Finalizando, Meditsch (1998) reafirma sua crença no Jornalismo como conhecimento, em oposição à noção de que esse seria apenas um instrumento para transmitir conhecimentos produzidos por outrem, destacando as vantagens oriundas dessa visão. Para ele, quando deixamos de considerar o Jornalismo “apenas como um meio de comunicação para considerá-lo como um meio de conhecimento”, estaremos “dando um passo no sentido de aumentar a exigência sobre seus conteúdos”. “Conhecimento implica em aperfeiçoamento pela crítica e requer rigor”, conclui (p. 37).

Assim, se todo Jornalismo é conhecimento, como compreender a reforma gráfica e a campanha publicitária do *Estadão*? Se considerarmos que o saber não se transmite, mas se produz na mente de quem ensina e de quem aprende, e isso é válido para o Jornalismo de forma ampla, não apenas para o modelo de jornal impresso mais reflexivo adotado pelo *Estado*, teríamos que afirmar que os jornais populares fornecem conhecimento, bem como os veículos mais analíticos. Essa premissa parece-me verdadeira, entretanto, podemos entender que a aposta do *Estado* consistiu em diferenciar o jornal de seus concorrentes diretos, além de fornecer informações de maneira mais complexa, que exigem maior habilidade cognitiva para sua compreensão. Considerando-se que todo Jornalismo é conhecimento, no sentido de que produz saberes, podemos, então, falar em diferentes níveis de conhecimento operando dentro do Jornalismo. Mesmo dentro de um mesmo jornal essa variação acontece.

Como exemplo, podemos nos focar em nosso objeto, o *Sabático*. Sabemos que o jornal possui outro caderno cultural, que também noticia livros eventualmente, o *Caderno 2*. Mas o que faz com que uma pauta seja apresentada pelo *Sabático* e não pelo *Caderno 2*? A resposta reside justamente no nível de sofisticação, de erudição do tema em questão. Embora o *Sabático* também seja pautado pelos artefatos da indústria cultural, os livros mais populares, os *best-selles*, ficam a cargo do *Caderno 2*. Apesar de o *Sabático* possuir a seção “Mais Vendidos”, que traz a lista de livros mais vendidos na semana, nenhum desses livros aparece nas demais seções do caderno. O lugar desses é no *Caderno 2*. Para Raquel Cozer, a diferença entre o *Sabático* e o *Caderno 2* se assemelha à diferença entre conhecimento e informação.

Por exemplo, sai um livro, o *Sabático* é meio que tentar fazer uma reflexão sobre o livro, ou sobre o autor. O *Sabático* seria, nesse sentido, o conhecimento mesmo. Se fosse possível fazer essa divisão de uma maneira tão simples, seria assim, a informação fica com o *Caderno 2*, e o conhecimento com o *Sabático*. A ideia do *Sabático* é ir de uma maneira mais profunda, como você não conseguiria ir no *Caderno 2*. É desde grandes perfis, os ensaios também, às vezes ele pega o livro que está saindo como ponto de partida para fazer uma reflexão sobre o pensamento do autor. É isso. (COZER, 2011, em entrevista)

Assim, o **conhecimento**, ou a análise, a reflexão, o debate intelectual, cabe ao *Sabático*. As notícias, **informações** sobre a indústria cultural, são do *Caderno 2*, que sai todos os dias. A forma como os conteúdos são apresentados não é a mesma nos dois cadernos, logo, o leitor do *Sabático* é mais instigado ao desenvolvimento intelectual, a refletir sobre o que leu. No *Caderno 2* o foco é outro, as informações são transmitidas de maneira mais simples, não sendo necessário grande esforço intelectual para a compreensão das mesmas. Dessa forma, ambos, enquanto Jornalismo, são conhecimento, mas o *Sabático* está num nível mais elevado de cognição.

Portanto, todo Jornalismo é, sim, conhecimento, e, como afirma Meditsch, o reconhecimento dessa noção implica no aumento da exigência sobre seus conteúdos. A reforma gráfica e a campanha publicitária do *Estadão* apostam nessa premissa, entendida como a especificidade do jornalismo impresso.

Considerações finais

Este trabalho apresentou uma reflexão acerca do papel do suplemento literário *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo*, que nasceu em 13 de março de 2010, verificando de que maneira a retomada do *Suplemento Literário* contribuiu para o resgate do prazer pela literatura e pelo conhecimento em tempos de informação veloz e mercantilizada. Notamos que o tempo da leitura literária, da apreciação narrativa ou poética, que permite a humanização, o desenvolvimento intelectual e sensitivo do ser humano e que é um direito inalienável, conforme expõe Candido (1995), difere do tempo da leitura informativa e noticiosa. Embora o slogan do *Sabático* – “Um tempo para a leitura” – faça referência ao tempo da leitura enquanto conhecimento, estando de acordo com as características que o jornal buscou agregar à sua imagem após a última reforma, esse suplemento é essencialmente jornalístico, tratando de notícias e lançamentos. Entretanto, a forma como aborda a informação pode provocar reflexões em seus leitores, levar ao desejável conhecimento.

Portanto, ainda que a abordagem do *Sabático* seja mais aprofundada que a do *Caderno 2*, especialmente devido aos temas que nele são tratados, ele também se foca em informações, o que é natural em produtos jornalísticos. Evidentemente, sabemos que todo Jornalismo é uma forma de conhecimento, já que prevê a codificação e decodificação de informações (Meditsch, 1998), processo que incita o desenvolvimento cognitivo humano. Porém, nossa análise é voltada para a proposta de renovação do *Estadão*, que buscou, por meio de campanhas publicitárias, diferenciar informação de conhecimento no Jornalismo.

Assim, a Literatura, a Arte, o Conhecimento, são elementos necessários para humanizar o homem, desenvolvendo sua percepção acerca da complexidade do mundo e fazendo-o sensível a questões que estão além da indústria cultural. Já a informação, a novidade e a agilidade na transmissão de conteúdos, valores essenciais para o Jornalismo, embora sejam importantes, especialmente no mundo contemporâneo, são elementos que somente representam a valorização da Literatura e um tempo para a leitura quando

considerados como pontos de partida, como a fagulha que permite a geração do conhecimento.

Conforme afirmou Décio de Almeida Prado (1997), há “uma incompatibilidade entre literatura e jornalismo”. Essa incompatibilidade não se refere apenas ao *hard news*, à primeira página do jornal, onde tudo é momentâneo, passageiro, e nem todas as notícias marcarão a história. Suplementos literários como o *Sabático* e o *Suplemento Literário* (SLOESP) não possuem a mesma urgência da primeira página, evidentemente, sendo mais duradouros. No caso do *Suplemento Literário* isso é muito perceptível, já que até hoje, 38 anos após o seu fim, esse suplemento ainda é lembrado e celebrado em meios intelectuais e acadêmicos.

Não por coincidência, o mesmo Almeida Prado dizia no primeiro número do *Suplemento Literário* que esse não seria um produto estritamente **jornalístico**, destacando que o SLOESP não visava “estabelecer concorrência com as seções mantidas pelo jornal, deixando a estas o encargo cotidiano de noticiar e criticar as peças, fitas, concertos, exposições da semana” (OESP, *Suplemento Literário*, 06/10/1956, p. 1). Assim, ao editar um suplemento não jornalístico, mas artístico e literário, Décio de Almeida Prado permitiu a criação de um veículo duradouro, que não se preocupava com questões efêmeras, mas sim com as artes, que se querem eternas. Observa-se, pois, a diferenciação entre o tempo da apreciação literária e artística e o tempo da informação noticiosa.

Logo, é importante ressaltar que o *Sabático*, nitidamente inspirado no Suplemento anterior, não possui a mesma urgência de transmissão de informações que a primeira página e outros cadernos do jornal. Esta pesquisa mostra, porém, que ao contrário do Suplemento idealizado por Antonio Candido, o *Sabático* não dispõe da mesma liberdade e autonomia editorial característica do SLOESP, descrito por um de seus ex-editores, Nilo Scalzo, como sendo “um campo de trabalho que, apesar de estar no jornal, não é necessariamente do jornal” (*apud* Lorenzotti, 2007, p. 93). Dessa forma, ainda que o *Sabático* se ocupe de livros e literatura, incentivando, assim, a geração do conhecimento, ele também é um veículo, acima de tudo, jornalístico, que, conforme apontou o seu editor, Rinaldo Gama, não pode “fechar os olhos para a notícia” (2011).

Nesse contexto, nota-se a complexidade do Suplemento, envolto a muitas ambiguidades. Trata-se de um caderno que busca ser um tempo para a leitura

descompromissada, relaxante (afinal, seu nome remete a um **período sabático**, de descanso), que desenvolve conhecimentos e permite a erudição do leitor. Mas, ao mesmo tempo, que somente trata de livros recentes, lançamentos do mercado editorial, e não pode deixar de abordar certas notícias, pois está dentro de um jornal. Assim, a leitura nunca é realmente descompromissada, voltada apenas à apreciação literária, mas sempre ligada ao tempo presente, ao novo, à atualização do leitor a respeito dos lançamentos, não permitindo a configuração de um momento de afastamento do cotidiano, da rotina do dia a dia. Essa é apenas uma das ambiguidades detectadas no objeto de estudo desta pesquisa. Obras e autores clássicos e importantes para a formação cultural e literária dos leitores, e que não estejam celebrando alguma data, ou sendo relançados, não serão tratados, limitando o escopo do debate intelectual ao mercado editorial. O mesmo pode ser dito a respeito das Artes Plásticas, do Cinema, da Fotografia, da Música etc, que somente são abordados no *Sabático* caso haja algum lançamento editorial relacionado.

Outra ambiguidade que pode ser enumerada, a fim de expor o contexto em que se insere o *Sabático*, diz respeito ao jornalismo de maneira geral, e ocorre no mundo inteiro. Sabe-se que a circulação dos jornais varia muito, e ora cai, ora sobe, fazendo com que os estudiosos dos meios de comunicação mudem seu discurso constantemente, em ocasiões decretando a morte do jornalismo impresso, e em outras, a certeza de sua permanência futura. Essa variação é responsável pelas constantes reformas ocorridas nos jornais, como a que permitiu o nascimento do *Sabático*, em busca da fidelização de seus leitores e de novos.

Ao mesmo tempo, outra ambiguidade do jornalismo reside na dicotomia entre a cobertura diária (mais próxima da cultura de massas) e a cobertura dos fins de semana (mais ligada à reflexão e ao debate), conforme aponta Lorenzotti (2007). Nesse caso, nota-se a busca de ao mesmo tempo satisfazer os desejos de leitura das massas, fornecendo serviços, além de informações diversas, e manter o status do jornal enquanto veículo de erudição e cultura. Essa dualidade levou o *Estadão* a criar outra, ao lançar, ao mesmo tempo e circulando no mesmo dia, o *Sabático* e o *C2+Música*. Como vimos, a aposta no lançamento do *Sabático* foi feita de maneira incerta, já que o jornal não sabia se o suplemento de livros seria bem sucedido, mas optou por investir na valorização de sua imagem e prestígio ao lançá-lo. Por outro lado, o lançamento do *C2+Música* ocorreu de

maneira oposta, pois, conforme contou Rinaldo Gama, o jornal buscou investir em música, que é um artefato cultural de extremo interesse para o público jovem, ou seja, fez um lançamento que representa sucesso quase garantido. É importante destacar que não estou negando o fato de que música também é cultura, mas apenas ressaltando a aposta feita pelo jornal em elementos culturais de diferentes níveis de interesse popular.

Em dezembro de 2011, o *Estado de S. Paulo* anunciou novas mudanças em seus cadernos semanais. Excluiu o *Suplemento Feminino* e o *Agrícola* (que possivelmente tinham pouca leitura), e transformou o suplemento *TV* (antes um tablóide) no *C2+TV*, encartado aos domingos no lugar do *C2 Domingo*. Assim, embora o *Sabático* não tenha sido excluído, o que demonstra que o jornal ainda pretende continuar investindo em prestígio (já que o suplemento aparece cada vez com mais frequência com apenas 6 páginas, não permitindo a conclusão de que haja retorno financeiro por meio dos anunciantes), também nota-se um investimento e interesse maior em um caderno que possui muita leitura, o de televisão.

Temos aí uma nova ambiguidade, já que, se é verdade que **informação envelhece e conhecimento renova**, conforme anuncia o jornal em uma de suas estratégias publicitárias, e essa é a abordagem do *Estado* em relação ao jornalismo que pratica, por que dar tamanho destaque às notícias sobre televisão no *Caderno 2* de domingo, o dia em que o jornal possui mais leitores, em detrimento de outras áreas da cultura, mais propriamente ligadas à erudição e ao conhecimento (que renova e não envelhece)? É evidente que esse destaque foi dado à televisão por questões mercadológicas, já que trata-se de um segmento cultural de grande acesso e interesse popular, que pode alavancar as vendas, assinaturas e anunciantes do jornal. Obviamente, a televisão também pode oferecer cultura, dependendo do tipo de programa veiculado e de sua abordagem, mas sabemos que esses cadernos são majoritariamente de serviços, e não de reflexão.

Apesar de Rinaldo Gama ter afirmado que o *Estado* não buscou atrair a classe emergente (a nova classe C) em sua reforma, por acreditar que tal público não irá buscar informações em um veículo elitista, que está fora do alcance de seu nível intelectual, exemplos recentes, como o maior destaque ao caderno de TV, nos fazem questionar a afirmação do editor. Por outro lado, é bem verdade que a inserção nas classes B e A, na perspectiva econômica, não é garantia alguma de cultura. Da mesma forma, a classe C não

pode ser rotulada de inculta. A formação cultural não depende, necessariamente, do poder aquisitivo, mas da educação. Segundo Gama, “se o *Estadão* jogasse no lixo 135 anos para virar um jornal, entre aspas, “popular”, o que ele estaria fazendo? Ele perderia o seu público, aquele que é cativo, que aprendeu a lê-lo e a respeitá-lo, e não conquistaria esse público emergente” (2011, em entrevista⁶⁴).

Entretanto, o que se observa é que, ao invés de investir somente em um tipo de público, como fazem a maioria dos jornais, e como fez a *Folha de S. Paulo* ao adotar um estilo de maior apelo popular em sua última reforma, o *Estado* aponta para todas as direções, investindo em seu prestígio e imagem de credibilidade (para alegria de seus leitores cativos, representantes da elite intelectual), e, ao mesmo tempo, buscando saciar os anseios das classes ascendentes, para conquistar novos leitores que (também) buscam informações e serviços, não (apenas) debates críticos e cultura. Isso é observável no jornal impresso se considerarmos a existência concomitante do *Sabático* (e do *Aliás*) e do *C2+Música* (e agora do *C2+TV*).

Assim, essa é mais uma ambiguidade inerente ao jornal *O Estado de S. Paulo*, que fez uma campanha publicitária e uma reforma gráfica e editorial baseadas na noção de que conhecimento difere de informação. Procurou, assim, ampliar sua relevância e seu prestígio enquanto jornal tradicional, preocupado com as grandes questões do país, voltado para o conhecimento e direcionado à elite intelectual, mas, ao mesmo tempo, busca também diversificar seus leitores, fornecendo conteúdos variados. Cabe destacar aqui que a estratégia do jornal tem mostrado resultados positivos, já que sua circulação aumentou após a última reforma gráfica e editorial. Além disso, uma recente pesquisa⁶⁵ indicou (veja figura abaixo) que o *Estado de S. Paulo* é considerado pelos leitores como o veículo mais admirado do país, pelo terceiro ano consecutivo. A mesma pesquisa também colocou o portal *Estado.com* no “Top 10” da internet brasileira.

⁶⁴ Em entrevista concedida à autora desta pesquisa, pessoalmente, em 19 de setembro de 2011.

⁶⁵ A pesquisa “Veículos Mais Admirados”, realizada pelo Grupo Troiano de Branding, calcula o Índice de Prestígio da Marca (IPM) dos principais veículos de comunicação do país, considerando critérios como credibilidade, conteúdo e independência editorial.

Figura 278: Índice de Prestígio da Marca (IPM) de veículos on-line e impressos nacionais em 2011

INTERNET		JORNAL	
	IPM 2011		TOTAL
1º	GOOGLE	1º	O ESTADO DE S.PAULO
	58,5		73,1
2º	UOL	2º	FOLHA DE S.PAULO
	44,4		70,9
3º	TERRA	3º	VALOR ECONÔMICO
	39,9		57,3
4º	GLOBO.COM	4º	O GLOBO
	39,4		52,1
5º	MSN	5º	ZERO HORA
	33,1		41,6
6º	IG	6º	ESTADO DE MINAS
	31,2		39,5
7º	YAHOO	7º	CORREIO BRAZILIENSE
	30,7		38,2
8º	ABRIL.COM	8º	JORNAL DA TARDE
	27,8		34,0
9º	ESTADAO.COM	9º	DIÁRIO DE S.PAULO
	26,3		31,3
10º	LANCENET	10º	BRASIL ECONOMICO
	23,7		28,1

Fonte: Pesquisa “Veículos Mais Admirados”, realizada pelo Grupo Troiano de Branding. Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2011/12/05/Veiculos-Mais-Admirados-2011.html>. Acesso em 21 dez. 2011.

A imagem de sucesso do jornal foi construída com base na ideia de que os artefatos da indústria cultural já estão amplamente divulgados digitalmente, e cabe ao jornal impresso gerar conteúdos próprios. Logo, ao lançar o *Sabático*, o jornal não vai na contramão, mas apenas segue o conselho de especialistas, que apostam que o jornalismo impresso só sobreviverá se for baseado no aprofundamento e na diversificação de seus conteúdos em relação ao que é oferecido na rede mundial de computadores. O jornal impresso nunca conseguirá competir com a televisão, o rádio ou a internet no que se refere à velocidade de transmissão de notícias. Sendo assim, a notícia não deve mais ser o foco do jornalismo impresso, e sim o aprofundamento dos conteúdos, a análise, a reflexão. Evidentemente, as reflexões presentes no jornal partem de notícias, o que ressalta-se aqui, portanto, não é que as notícias não devam estar presentes, e sim que o jornal não pode mais fornecer apenas notícias, sendo obrigatório o elemento reflexivo, como debates, opiniões etc. Mas é claro que, como vimos, essa transição tem sido feita de maneira lenta e gradual,

já que o jornal e o *Sabático* ainda estão repletos de notícias (velhas e novas), que nem sempre acompanham elementos de reflexão.

A aposta em textos reflexivos parece, a princípio, estranha, pois não é o que a maioria dos jornais fez, mas é facilmente compreendida se considerarmos que o texto escrito é, de acordo com Postman (1985), voltado à elucidação. Então, o jornal apostou em algo que está de acordo com sua especificidade: o jornal impresso é escrito, trabalha com a palavra escrita, então deve ser mais reflexivo. Na internet também trabalha-se com linguagem escrita, entretanto, em textos muito mais curtos, feitos para serem divulgados de maneira veloz e visando unicamente a transmissão de fatos. E nisso reside outra ambiguidade relativa ao *Sabático* e ao jornalismo atual, já que, por um lado, aposta-se na reflexão, e, por outro, certas notícias não são deixadas de lado.

Outra característica que permite definir o *Sabático* como um objeto ambíguo diz respeito ao fato de que os livros mais comerciais, que figuram nas listas de mais vendidos, não são pautados pelo Suplemento. Sabemos que os suplementos são um espaço de amostragem de segmentos do mercado editorial e que seu público leitor é, em geral, letrado, culto e com hábito de leitura consolidado, logo, não precisa ser conquistado. Assim, o *Sabático* não precisa fornecer conteúdos de maior apelo popular, pois é destinado a um público que não tem interesse nesse tipo de informação. Ao mesmo tempo, ele ainda assim é guiado pela Agenda das editoras, não traz os *best-sellers*, mas se foca em outros lançamentos, ou seja, na indústria cultural (Adorno e Horkheimer, 1947) de qualquer forma. Como foi possível observar, há um esforço enorme do editor para que os leitores não vejam aquele caderno como mais um artefato trabalhando a favor do mercado e como mero incentivador do consumo. Como tentativa de fuga da ditadura das editoras, Rinaldo Gama busca pautas e notícias originais e exclusivas. A busca constante por conteúdos exclusivos, no entanto, não impede ou minimiza a obrigatoriedade de algumas pautas, geralmente lançamentos importantes.

Portanto, o que notamos é que o editor do *Sabático* trabalha da melhor forma possível, dadas as condições sócio-econômicas em que está inserido, que não mais permitem a criação de uma experiência genuinamente focada na valorização e disseminação da leitura e da literatura, como era a do *Suplemento Literário*. Um suplemento como o *Sabático* jamais poderia existir nos dias de hoje de maneira

independente dentro do jornal (como ocorria com o SLOESP, nas décadas de 1950 e 1960). Assim, deve prestar contas e oferecer benefícios à empresa jornalística à qual está associado. Isso significa que ele deve seguir a lógica do jornal *O Estado de S. Paulo*, prezando a novidade, a agilidade, a informação. Dessa forma, nem sempre consegue oferecer um debate realmente focado na literatura e no conhecimento, mas apenas no que é possível abordar jornalisticamente naquela semana.

É claro, porém, que há lançamentos ou efemérides que suscitam discussões profícuas, ampliando o conhecimento do leitor, e nesse ponto reside o mérito do editor ao selecioná-los. Com isso, vemos que o *Sabático* é, sim, um suplemento que fomenta a leitura e a cultura no país, ainda que de maneira limitada aos lançamentos. Ao mesmo tempo, representa uma estratégia de marketing do jornal *O Estado de S. Paulo*, em busca da valorização de sua imagem por meio do prestígio.

Apesar de os índices de leitura no país terem melhorado nos últimos anos, e do mercado editorial ter crescido, assim como estarem ocorrendo diversos eventos que demonstram a proliferação da cultura literária, não podemos deixar de destacar que, em comparação com outros países, o Brasil é uma nação de poucos leitores. Esse traço marcante da cultura brasileira, por um lado, reflete a marginalização social a que tem sido condenada a maior parte de nossa população, que vive em condições precárias, nas quais o consumo de bens culturais é um luxo desmedido (Marques de Melo, 2006, p. 161). Dessa forma, a origem de nossos problemas de leitura está no frágil sistema educacional do país, que deriva, em grande parte, do próprio sistema econômico capitalista, que permite a desigualdade sócio-cultural. A melhoria recente na distribuição de renda tem acompanhado a elevação dos índices de leitura e consumo de livros no Brasil.

Neste processo de melhoria da leitura no país, a imprensa tem papel importante, ao lado da escola e da família, para motivar novos leitores. Para Alfredo Bosi (2006), “uma política de educação de um número alto de brasileiros talvez deva passar forçosamente pelos meios de comunicação de massa” (p. 322). Essa visão, apesar de verdadeira, parece estar cada vez mais longe de ser alcançada, já que os meios de comunicação, em geral, também visam lucros e colaboram com a manutenção do sistema econômico vigente, que prevê a exclusão e a iniquidade.

Dessa forma, o lançamento do *Sabático* não representa nenhum avanço importante, já que é direcionado a um público restrito, já consumidor de bens culturais. Ou seja, ainda que o editor Rinaldo Gama selecione pautas relevantes, capazes de fomentar a reflexão intelectual e desenvolver o conhecimento de seus leitores, convidando-os à leitura, mesmo sem fugir dos lançamentos e efemérides da semana, essas informações estarão circulando entre um grupo restrito de leitores, não representando a desejável democratização do conhecimento e da leitura.

Portanto, ao refletirmos sobre os objetivos gerais desta pesquisa, chegamos à conclusão de que o suplemento literário *Sabático*, embora represente um espaço de debate sobre a literatura (e o mercado editorial de maneira mais ampla) na imprensa brasileira, permitindo a construção de conhecimento erudito em seus leitores, não contribui para ampliar o prazer pela literatura e pelo conhecimento em tempos de modernidade líquida, de informação rápida, tampouco ajuda a disseminar esse prazer. Essa dificuldade se dá, especialmente, devido a dois fatores: 1) a abordagem jornalística noticiosa das pautas se sustenta, prioritariamente, por lançamentos recentes do mercado editorial ou outros acontecimentos relacionados ao tempo presente, limitando o escopo da apreciação literária; 2) o público alvo restrito, tanto do suplemento *Sabático* quanto do jornal *O Estado de S. Paulo*, que são voltados para as elites intelectuais e econômicas do Brasil, já abastadas em relação ao acesso ao livro, à leitura e à cultura de modo geral.

Cabem aqui, ainda, alguns apontamentos acerca dos objetivos específicos e das categorias em análise nesta pesquisa.

A discussão sobre a relação entre informação e conhecimento na perspectiva da indústria cultural da sociedade de consumo foi realizada, de forma mais detalhada, no **Capítulo I – Comunicação, cultura e consumo**, no qual exponho o conceito de indústria cultural, termo cunhado por Adorno e Horkheimer (1947) para designar a produção de bens culturais enquanto mercadorias padronizadas. Ali, também ressalto a visão crítica de Antonio Candido acerca da Literatura, considerada um bem inalienável de todo homem. Parte dessa discussão também está presente no **Capítulo V – O passado e o presente: revelações sobre o espaço e o tempo do conhecimento**, que evidencia a visão de Eduardo Meditsch (1997) de Jornalismo como conhecimento e diferencia informação de

conhecimento, explicitando que obter conhecimento significa utilizar-se de informações para evoluir, para compreender o funcionamento do mundo.

A descrição da trajetória do jornal *O Estado de S. Paulo* no contexto editorial de sua história e na construção de cadernos culturais e suplementos literários do país ocorre no **Capítulo II – O Suplemento Literário do OESP: referência no jornalismo cultural brasileiro**, no qual exponho todas as reformas gráficas e editoriais pelas quais já passou o jornal, bem como faço um levantamento dos cadernos culturais existentes nesse veículo desde a criação do SLOESP.

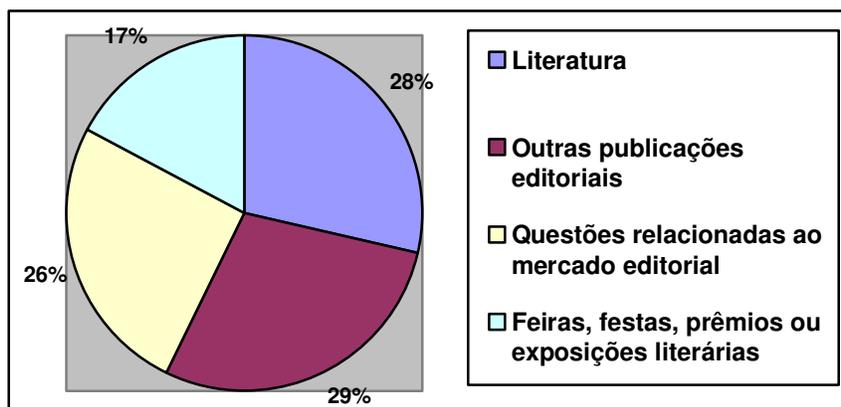
A observação da influência do *Suplemento Literário* (1956-1974) no *Sabático* (2010) fica patente em todos os capítulos, por meio de exemplos isolados, que apontam semelhanças e diferenças entre os suplementos. Porém, o destaque maior para esse tópico está no **Capítulo IV – Sabático: renovação de um modelo consagrado?**, no qual mostro a forma como foi realizada a releitura do SLOESP no contexto atual. As motivações e o processo de criação do *Sabático* e sua correlação com a reforma editorial do OESP, que nasce em 2009 com a campanha “Qual o valor do conhecimento?”, também estão no **Capítulo IV**, narrados a partir de informações coletadas por meio de entrevista com o editor Rinaldo Gama. O processo de produção do *Sabático*, assim como as características e peculiaridades do Suplemento, também compõem o **Capítulo IV**.

Quanto ao objetivo específico que diz respeito a historiar e analisar o *Sabático* em seu primeiro ano de circulação (entre 13 de março e 18 de dezembro de 2010), foi atendido nos capítulos **IV**, **V**, que contêm análises do Suplemento, e no **Capítulo III – Descrição do corpus**, que descreve as edições do *Sabático* selecionadas para compor o ano construído de 2010. O objetivo de verificar se e como o conteúdo do *Sabático* está diretamente relacionado com o mercado editorial (lançamento de livros) também foi contemplado no **Capítulo IV – Sabático: renovação de um modelo consagrado?**, em que são expostas as características de todas as seções fixas e variáveis do *Sabático*, mostrando como quase sempre os assuntos em destaque nelas são relacionados ao mercado de livros. Também vimos, no mesmo capítulo, que a seção “Capa” sempre está relacionada ao lançamento de livros ou outros assuntos relativos à atualidade do mercado ou de outras questões que movimentam a comercialização de livros.

O último objetivo específico da pesquisa, verificar em que medida o *Sabático* representa uma estratégia de marketing do OESP ou uma percepção de espaço editorial para informações mais densas, que provoquem leitores mais exigentes, em busca de conhecimento e de cultura, e não apenas de informação, está contemplado no **Capítulo V – O passado e o presente: revelações sobre o espaço e o tempo do conhecimento**, no qual discuto a questão da baixa rentabilidade da literatura, mostrando que a aposta do *Estadão* e de outras empresas capitalistas que investem nessa arte se foca no prestígio; e também no **Capítulo IV – Sabático: renovação de um modelo consagrado?**, quando exponho as motivações do jornal ao criar o *Sabático*.

Com relação às categorias analíticas da pesquisa, estão contempladas nos capítulos IV e V. A primeira categoria, **Temas abordados**, está no capítulo IV, no qual nota-se que os temas que mais aparecem no *Sabático* são “Literatura” (28%), “Outras publicações editoriais” (29%) e “Outras questões relacionadas ao mercado editorial” (26%). No capítulo V também retomo e destaco o fato de que a Literatura está entre os temas mais tratados no Suplemento.

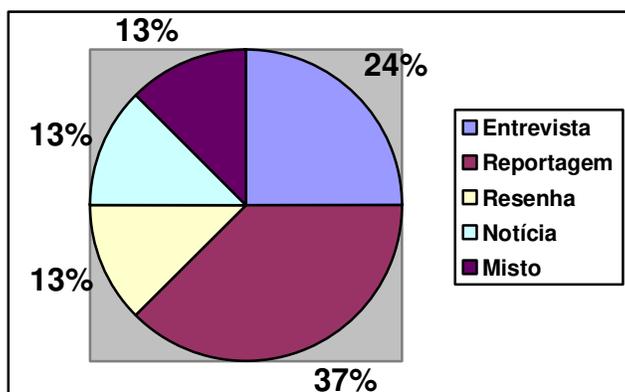
Gráfico 9: Temas abordados no *Sabático*



Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

A categoria **Gêneros jornalísticos** também aparece no capítulo IV, mas somente dizendo respeito aos gêneros contemplados na seção “Capa”. Nesse caso, a análise revelou que o gênero “Reportagem” foi o que mais apareceu nas matérias de capa (37% das vezes).

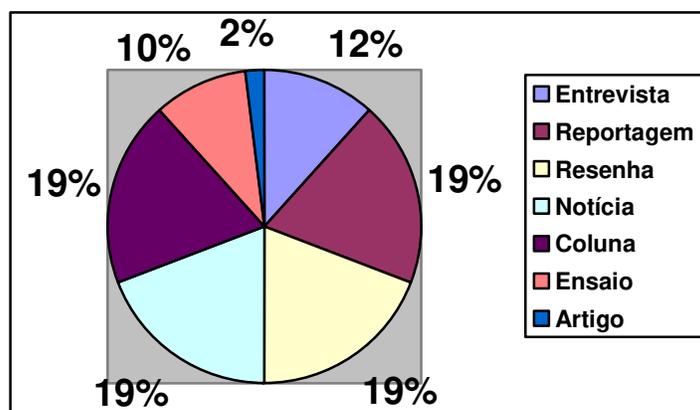
Gráfico 10: Proporção de gêneros encontrados na seção “Capa”



Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

Porém, é possível analisar também os gêneros de maneira geral, em todas as seções do Suplemento, conforme é feito no capítulo V. Nesse caso, nota-se que notícias, resenhas, colunas e reportagens são os gêneros mais frequentes (19%), pois estavam presentes em todas as edições analisadas.

Gráfico 11: Proporção de gêneros encontrados no *Sabático*

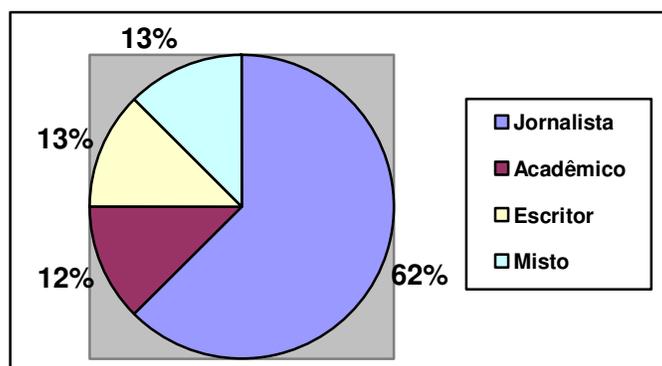


Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

A **Autoria** dos textos publicados é outra categoria de análise da pesquisa. No capítulo IV é exposta a autoria dos textos da seção “Capa”. Cabe destacar que nessa seção,

geralmente, há múltiplos textos sobre um mesmo assunto, ou textos extras ilustrando a matéria principal, por isso há gêneros e autores “mistos”. Assim, observa-se que a maioria (62%) dos textos da seção é feita por jornalistas.

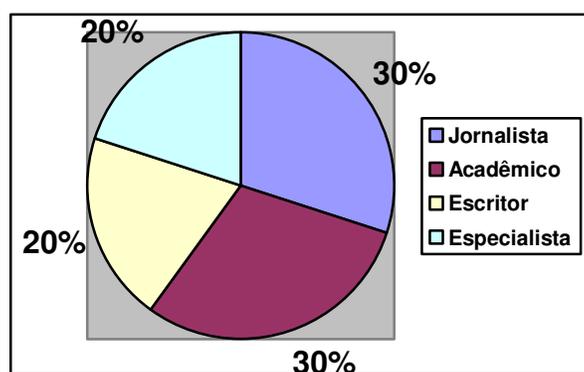
Gráfico 12: Autoria dos textos da seção “Capa”



Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

Ainda no capítulo IV, há um gráfico que explicita a autoria dos textos na seção “Resenhas”. Nesse caso, nota-se que a maior parte dos textos é de autoria de jornalistas (30%) ou acadêmicos (30%).

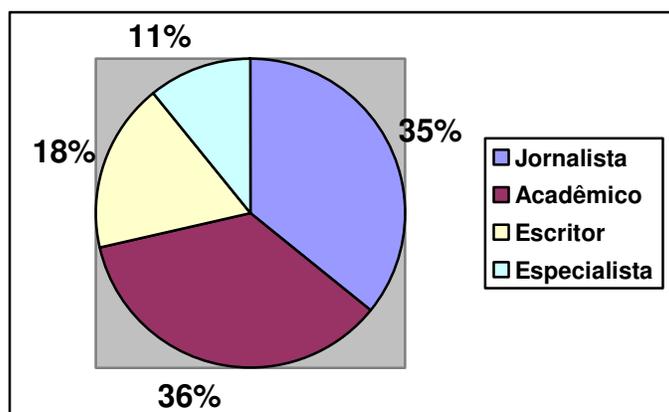
Gráfico 13: Autoria dos textos da seção “Resenhas”



Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

Com relação ao *Sabático* de maneira geral, é possível traçar o gráfico a seguir, indicando a autoria dos textos. Essa categoria é explorada no capítulo V. Mais uma vez, nota-se a predominância de textos escritos por jornalistas (35%) e acadêmicos (36%).

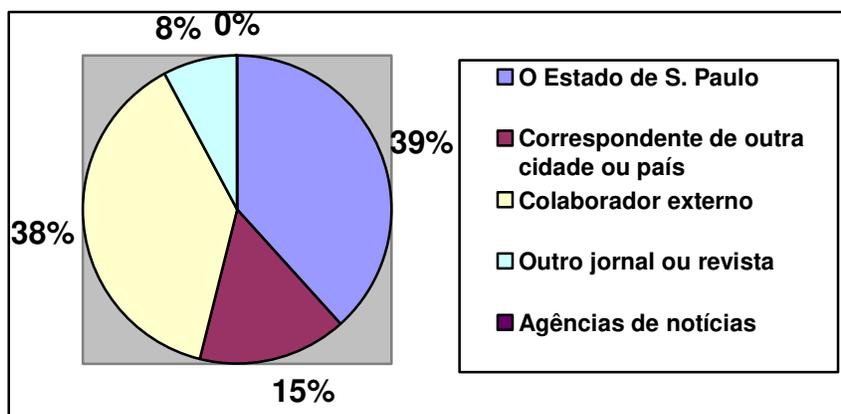
Gráfico 14: Autoria dos textos do *Sabático*



Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

Acerca da **Procedência** dos textos publicados no *Sabático*, também abordada no capítulo V, nota-se que há predominância de textos elaborados pela própria equipe do *Estadão* (39%) e por colaboradores externos, como acadêmicos ou escritores (38%), conforme mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 15: Procedência dos textos do *Sabático*

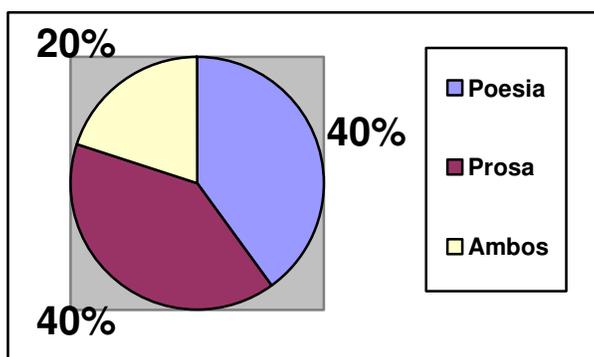


Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

A discussão sobre a **Estética** do *Sabático*, outra categoria analítica da pesquisa, ocorreu também no capítulo **V**, no qual lembro que a proposta inicial do Suplemento previa a publicação de frases, notas e imagens relacionadas ao universo da cultura em seu rodapé. Conforme vimos, essa proposta tornou-se inviável após pouco tempo de circulação do suplemento (no terceiro mês de publicação já não existia mais). Outras marcas estéticas que compõem o *Sabático* são as letras capitulares iniciando os textos e as iniciais como marca d'água ao fundo de fotos, que sempre se referem às iniciais do nome da pessoa retratada na imagem. Essas duas últimas continuam sendo utilizadas com frequência no Suplemento.

Com relação à **Publicação na íntegra de textos literários**, mais uma categoria em análise nesta pesquisa, destaco nos capítulos **IV** e **V** que há a publicação de textos em prosa ou poesia na seção “Inédito”, que não é fixa. Além disso, também há, ocasionalmente, a publicação de trechos de obras abordadas em outras seções, para ilustrar uma matéria ou resenha, por exemplo. Os textos em prosa podem ser contos ou trechos de romances. O gráfico a seguir mostra que os textos em prosa e poesia apareceram de maneira equilibrada no *corpus* da pesquisa. Em algumas edições do *corpus*, há a publicação de ambos os gêneros, em seções diferentes. Porém, conforme destaco no capítulo **V**, não há lugar para a publicação de obras teatrais, um gênero literário que raramente aparece no *Sabático* (mas possuía uma seção fixa no *Suplemento Literário*).

Gráfico 16: Gêneros literários publicados no *Sabático*



Fonte: COSTA, 2011. Gráfico elaborado a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

Por fim, a categoria analítica **Tipos de anúncios publicitários e quantidade** foi abordada no capítulo I, no qual destaco que todas as edições do *corpus* contêm anúncios publicitários de livros e, com exceção da 1ª edição do Suplemento, outro bem de consumo (carros da Volkswagen) ou serviço (banco Itaú). A tabela a seguir mostra a quantidade encontrada de anúncios por empresa anunciante.

Tabela 4: Anunciantes e quantidade de anúncios presentes nas edições do *corpus*

Anunciante	Quantidade de anúncios
Volkswagen	9
Submarino	8
Editora Rocco	8
Editora Record	2
Editora Alfaguara	1
Editora Companhia das Letras	1
Editora Novo Conceito/Universal Pictures	1
Banco Itaú	1

Fonte: COSTA, 2011. Tabela elaborada a partir de levantamento de dados no *Sabático* durante o ano de 2010.

Assim, as principais conclusões deste trabalho são:

- a) A ambiguidade presente no suplemento literário *Sabático*, do *Estado de S. Paulo*, reflete a complexidade dos veículos de comunicação que têm como função informar e formar. Assim, a aquisição do conhecimento vai depender, diretamente, das escolhas editoriais do veículo e de seus leitores;
- b) Apesar da inspiração no *Suplemento Literário* concebido por Antonio Candido na década de 1950, os tempos de modernidade líquida, de jornalismo industrial, de forte concorrência de mercado e do anunciado fim do livro e do jornalismo impresso fazem com que a autonomia e independência editorial inexistam no *Sabático*. Logo, o Suplemento é majoritariamente pautado pelos lançamentos dos livros, reduzindo, assim, seu papel de formador cultural;
- c) A campanha publicitária do *Estado de S. Paulo*, “Qual o valor do conhecimento?”, mesmo que motivada por interesses mercadológicos ao

“vender” a diferença entre informação e conhecimento, possibilitou, sem dúvida, uma reflexão de diferentes segmentos da sociedade brasileira sobre a importância da cultura, da leitura, da literatura, do acesso à informação, como pontos de partida para a conquista do conhecimento;

- d) O *Sabático* é um suplemento literário voltado não apenas para a literatura, mas para os livros de modo geral. Embora seja majoritariamente guiado pela Agenda das editoras, tratando dos lançamentos mais recentes, é notável o trabalho do editor Rinaldo Gama na busca por conteúdos exclusivos e assuntos que fujam dos lançamentos editoriais. O enorme esforço do editor para que os leitores não vejam seu caderno como mais um artefato trabalhando a favor do mercado e como mero incentivador do consumo revela uma preocupação com a imagem do Suplemento, porém, não impede ou minimiza a obrigatoriedade de algumas pautas, geralmente lançamentos importantes do mercado editorial.
- e) A análise do conteúdo do *Sabático* em seu primeiro ano de circulação revelou que os **Temas** mais abordados no Suplemento são “Literatura” (28%), “Outras publicações editoriais” (29%) e “Outras questões relacionadas ao mercado editorial” (26%). Também foi notável que os **Gêneros jornalísticos** mais frequentes são notícias, resenhas, colunas e reportagens (19% cada um). A **Autoria** da maioria dos textos é de jornalistas (35%) e acadêmicos (36%). Já a **Procedência** é, majoritariamente, da equipe do *Estadão* (39%) e de colaboradores externos, como acadêmicos ou escritores (38%). Com relação à **Estética**, foi notado que a publicação de frases, notas e imagens relacionadas ao universo da cultura no rodapé do Suplemento desapareceu após suas primeiras edições. Acerca da **Publicação na íntegra de textos literários**, percebeu-se que os gêneros prosa e poesia apareceram de maneira equilibrada nas edições, não havendo a predominância de um deles, por outro lado, o gênero teatro não apareceu. Quanto aos **Tipos de anúncios publicitários e quantidade**, observou-se que todas as edições do *corpus* contêm anúncios publicitários de livros e, com exceção da 1ª edição do Suplemento, outro bem de consumo ou serviço, em quantidade que varia por edição.

Desdobramentos da pesquisa

A seguir, elenco algumas questões que foram levantadas durante a pesquisa, mas que não compunham o foco primordial dela, a serem objetos de estudo em trabalho(s) futuro(s).

- Mesmo sabendo do uso crescente da mídia na sala de aula, de que outra forma os meios de comunicação podem ser utilizados a favor de uma política de educação de um grande número de brasileiros, a fim de socializar a cultura letrada?
- Qual é a relevância dos suplementos literários dos jornais brasileiros na formação da cultura nacional?
- Como o *Suplemento Literário* (1956-1974) influenciou os suplementos literários existentes atualmente na imprensa brasileira?
- Qual é a influência do *Sabático* e de outros suplementos atuais no mercado de livros?

Referências Bibliográficas

LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS:

ABREU, Alzira Alves de *et al.* [org.] *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ABREU, Márcia. *Cultura letrada. Literatura e leitura*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. “A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas”. In: *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. “A indústria cultural”. In: COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977, pp. 287-295.

AMORIM, Galeno (org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2005.

AVERBUCK, Lúgia (org.). *Literatura em Tempo de Cultura de Massa*. São Paulo: Nobel, 1984.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas de Jorge Luis Borges, Vol. 1*. São Paulo: Globo, 1999.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BRECHT, Bertolt. *Poemas, 1913-1956*. Trad. Paulo Cesar Souza. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHAPARRO, Manuel Carlos. “Prefácio”. In: LOPES, Dirceu; COELHO, José; PROENÇA, José Luiz. *Edição em jornalismo impresso*. São Paulo: Edicon, ECA USP, 1998.

COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo. Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997.

DUARTE, Jorge. “Entrevista em profundidade”. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2ª Ed., São Paulo: Atlas, 2008, pp. 62-82.

DUARTE, Rodrigo. “Indústria Cultural Hoje”. In: DURÃO, Fabio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez (orgs.), *A Indústria Cultural Hoje*. São Paulo: Boitempo, pp. 97-110, 2008.

EAGLETON, Terry. *A Ideia de Cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FONSECA JR, Wilson Corrêa da. “Análise de conteúdo”. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2ª Ed., São Paulo: Atlas, 2008, pp. 280-304.

GADINI, Sérgio Luiz. *Interesses cruzados. A produção da cultura no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009.

HALL, Stuart. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*, SAGE Publications Ltd., 2007.

_____, Stuart. *A identidade cultural na pós-mordenidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2004.

LORENZOTTI, Elizabeth. *Suplemento Literário, que falta ele faz! 1956 – 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

MARQUES DE MELO, José. *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A. e GROSSBERG, Lawrence. “Estudos Culturais: uma introdução”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na sala de aula – Uma introdução aos estudos culturais em educação*. 8ª Ed., Petrópolis: Vozes, 2009, pp. 7-38.

NINA, Cláudia. *Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas*. São Paulo: Summus, 2007.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2009.

POSTMAN, Neil. *Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business*. Nova York: Penguin Books, 1985.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SANT’ANNA, Lourival. *O Destino do Jornal: a Folha de S. Paulo, O Globo e o Estado de S. Paulo na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____, Roberto. *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

SERVA, Leão. *Jornalismo e desinformação*. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. 2ª Ed. Campinas: Papirus, 2006.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

TRAVANCAS, Isabel. *O Livro no Jornal*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society, 1780-1950*. Londres: The Hoggarth Press, 1993.

_____, Raymond. *Resources of Hope*. Londres: Verso, 1989.

_____, Raymond. "The Idea of Culture". In: MCILROY, J e WESTWOOD, S. (editors), *Border country - Raymond Williams in Adult Education*. Leicester: Niace, pp. 57-77, 1993.

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Brasília: Editora UnB, 2004.

ARTIGOS CIENTÍFICOS:

CALDAS, Graça. *Mídia, escola e leitura crítica do mundo*. Revista Educação & Sociedade [online]. 2006, vol. 27, n. 94, pp. 117-130. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a06v27n94.pdf>>. Acesso em: 22 de junho de 2011.

COSTA, Alda Cristina Silva da *et al.* *Indústria Cultural: Revisando Adorno e Horkheimer*. Revista Movendo Idéias, Belém, v8, n.13, p.13-22, jun 2003. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/211.pdf>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2011.

MATOS, Cleusa Maria Alves de. *Conhecimento X Informação: uma discussão necessária*. Revista Espaço Acadêmico, n. 31, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/031/31cmatos.htm>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2012.

MEDITSCH, Eduardo. *Jornalismo como Forma de Conhecimento*. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, Vol. XXI, nº 1, p. 25-38, jan./jun. 1998.

SANTIAGO, Silviano. *Crítica Literária e Jornal na Pós-Modernidade*. Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 11-17, out. 1993. Disponível em:

<http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_01/ale01_ss.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2011.

TRAVANCAS, Isabel. *Em defesa do livro – intelectuais e imprensa nos anos 90*. Disponível em: <<http://bit.ly/y2T77a>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

DISSERTAÇÕES:

AVELAR FERNANDES, Ana Cândida Franceschini de. *Artistas plásticos no Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo (1956-67)*. 2007. Dissertação (Mestre) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

COSTA, Márcia Rodrigues da. *Jornalismo cultural: a produção de Patrícia Galvão no jornal A Tribuna*. 2008. Dissertação (Mestre) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2008.

COSTA, Renata Carvalho da. *A conquista do sagrado. Jornalistas como editores de livros*. 2009. Dissertação (Mestre) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

JANUÁRIO, Marcelo. *O Olhar Superficial. As Transformações no Jornalismo Cultural em São Paulo na Passagem para o Século XXI*. 2005. Dissertação (Mestre) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SOUZA JÚNIOR, Jorge Rodrigues de. *A literatura no ensino de espanhol a brasileiros: o teatro como centro de uma prática multidimensional-discursiva*. Dissertação (Mestre) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

WEINHARDT, Marilene. *O Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo – 1956-67 (subsídios para a história da crítica literária no Brasil)*. 1982. Dissertação (Mestre) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

PESQUISAS:

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro em 2009*. São Paulo: 2010.

Disponível em:

<http://www.publishnews.com.br/upload/download/PesquisaMercado_2009.pdf>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2011.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: 2008. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2011.

ENTREVISTAS:

ALMEIDA PRADO, Décio de. *O melhor já passou*. Entrevista concedida a Paulo Moreira Leite. **Veja**, São Paulo, pp. 9-13, ed. 1499, 11 jun. 1997.

CANDIDO, Antonio. *Nos limites do possível*. Entrevista concedida a João Marcos Coelho. **Veja**, São Paulo, pp. 3-6, ed. 371, 15 out. 1975.

CORREIA DE BRITO, Ronaldo. Entrevista concedida a Juliana Meres Costa por e-mail em 17 e 28 de janeiro de 2011 (Anexo).

COZER, Raquel. Entrevista concedida a Juliana Meres Costa por telefone em 06 de setembro de 2011 (Anexo).

ECO, Umberto. *Umberto Eco: "O excesso de informação provoca amnésia"*. Entrevista concedida a Luís Antônio Giron. **Época**, São Paulo, 30 dez. 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2012.

GAMA, Rinaldo. Entrevista concedida a Juliana Meres Costa pessoalmente em 19 de setembro de 2011 (Anexo).

LORENZOTTI, Elizabeth. Entrevista concedida a Juliana Meres Costa por telefone em 19 de novembro de 2010 (Anexo).

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Entrevista concedida a Juliana Meres Costa por e-mail em 14 de outubro de 2011 (Anexo).

ARTIGOS DE JORNAIS E REVISTAS:

CHIAVERINI, Tomás. *Os Feirantes*. **piauí**, ano 5, n. 60, Rio de Janeiro, set. 2011, pp. 58-61.

COZER, Raquel. *Suplementos de livros em tempos de internet*. **O Estado de S. Paulo**, Caderno 2, São Paulo, 15 nov. 2010, p. D3.

GAZZONI, Mariana. *'Estadão' é de novo o jornal mais admirado do país*. **O Estado de S. Paulo**, Negócios, São Paulo, 06 dez. 2011, p. B18.

ROLLEMBERG, Marcelo. *Os 90 anos de Antonio Candido, professor da FFLCH*. **Jornal da USP**, São Paulo, 28 jul. 2008. Disponível em: <<http://www4.usp.br/index.php/especiais/14925-os-90-anos-de-antonio-candido-professor-da-fflch>>. Acesso em: 03 de março de 2011.

SÜSSEKIND, Flora. *A crítica como papel de bala*. **O Globo**, Prosa&Verso, 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/04/24/a-critica-como-papel-de-bala-286122.asp>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

'Estado' renova projeto gráfico, lança cadernos e amplia portal. **O Estado de S. Paulo**, Vida&, São Paulo, 07 mar. 2010, p. A26.

No 'Sabático', todas as razões para cultivar o tempo da leitura. **O Estado de S. Paulo**, Vida&, São Paulo, 07 mar. 2010, p. A26.

'Estadão' altera configuração de cadernos. **O Estado de S. Paulo**, Vida, São Paulo, 04 dez. 2011, p. A32.

OUTRAS PUBLICAÇÕES:

LINIERS, Ricardo. *Macanudo*. Trad. e Edit. Claudio R. Martini. Campinas: Zarabatana Books, 2010, n. 3.

COSTA, Cacilda Teixeira da (curadoria e texto). *Obras para ilustração do Suplemento Literário – 1956-1967*. Apresentação Eduardo A. Levy Jr. São Paulo: MAM, 1993.

Anexos

Índice de entrevistas em anexo:

Entrevista com Elizabeth Lorenzotti.....	1
Entrevista com Márcio Seligmann-Silva.....	11
Entrevista com Raquel Cozer	12
Entrevista com Rinaldo Gama.....	19
Entrevista com Ronaldo Correia de Brito	47

Entrevista com Elizabeth Lorenzotti

Elizabeth Lorenzotti é jornalista e escritora, autora de *Suplemento Literário - Que falta ele faz!* (Imprensa Oficial, 2007) e *Tinhorão, o Legendário* (Imprensa Oficial, 2010). É graduada em Jornalismo e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Atualmente, cursa o doutorado em Literatura Brasileira pela FFLCH/USP. Foi professora dos cursos de graduação em Jornalismo e de pós-graduação *Lato Sensu* em Jornalismo da PUC-SP e do curso de pós-graduação *Lato Sensu* em Jornalismo Cultural da Universidade Metodista de São Paulo. Repórter, redatora e editora de vários jornais e revistas e da imprensa sindical e alternativa. A autora concedeu-me entrevista por telefone, no dia 19 de novembro de 2010.

1) Por que o interesse na área dos Suplementos Literários?

Foi o seguinte, eu estava fazendo o mestrado na ECA/USP, em 2000, por aí, e foi o meu orientador, o Jair Borin, que já faleceu, quem sugeriu a pesquisa sobre o *Suplemento Literário* do *Estadão*. Eu falei: Jair, uma publicação conhecida como essa já deve ter muita coisa sobre. Ele disse que não tinha, e pediu para eu pesquisar. Pesquisei e vi que não tinha, só tinha uma dissertação de mestrado dos anos 80 da Letras da USP, da Marilene Weinhardt, que eu cito em meu livro, mas era sobre outra coisa, era uma espécie de catalogação de todo o material que foi publicado, e também tinha entrevistas com pessoas responsáveis. E então eu fiz esse trabalho, que me apaixonou muitíssimo, porque o Prof. Antonio Candido, que eu fui entrevistar, tinha achado, no meio dos escritos dele, o projeto original do Suplemento. E esse projeto original está publicado em meu livro, mas na tese on-line não está. Esse projeto é uma coisa inédita, porque, como todos nós sabemos, nós nunca temos acesso a projetos originais dos jornais, porque é algo que, nos tempos do papel, ia direito para o lixo. E o Prof., como é um intelectual e pesquisador, só ele mesmo para guardar. É uma preciosidade e uma fonte de pesquisa primária muito boa para quem pesquisa essa área. Então foi por aí.

2) Você lê muito? O que você lê?

Olha, eu sou de uma geração que pegou um colégio estadual bom, na década de 60. Foi no colégio estadual que a gente começou a ler e conhecer, embora eu já lesse antes, mas foi quando a gente começou a conhecer literatura. A gente lia de Machado de Assis até Fernando Pessoa já com 10, 12 anos. Aí eu me apaixonei, tinha um professor de português maravilhoso, que incentivava a leitura.

A gente chegou a fazer até uma roda de poesia, que era alunos se juntando para declamar suas próprias poesias, indo em outros colégios para declamar. Então, o que me marcou muito foi primeiro a literatura brasileira, principalmente o Machado de Assis e os poetas brasileiros, o Drummond, o Bandeira, todos os grandes poetas. E depois a poesia portuguesa, com Fernando Pessoa, Mario Sá Carneiro. Depois fui conhecer outros, de outras línguas, eu especialmente gosto muito de poesia, mas leio de tudo. Em jornalismo também, naquela época em que eu fiz a ECA, nos anos 70, que era a época da ditadura, a gente já vinha dessa geração que lia e leu muito mais, para entender as coisas que estavam acontecendo.

3) Como você define cultura e o papel dos meios de comunicação, de massa e segmentados, neste processo?

Olha, a melhor definição de cultura que eu vi foi de uma professora, pesquisadora dessa área de Letras e que eu conheci também no colégio. Ela dizia que cultura é o fazer do homem no mundo. Eu acho uma definição perfeita. Agora, a questão da comunicação de massa, tem uma pesquisadora que eu acho que você conhece que se chama Hannah Arendt, até citei ela em meu livro, e ela fala que a sociedade de massas não precisa de cultura, mas de diversão. É o que estamos vendo hoje em dia. No séc. XX é que surgiu. O fator decisivo da cultura foi o surgimento da indústria de diversão popular, voltada para o mercado de massa. Então nós temos uma cultura de massa, na qual estão inseridos todos os veículos de comunicação. Com o jornalismo não é diferente, o jornalismo escrito está passando por uma crise profunda, por causa da internet e também por várias outras questões, entre elas a questão da leitura e a questão da diversão e do entretenimento. Então o que acontece é que o jornalismo sério encontra grandes dificuldades para sobreviver num mundo que é regido pela sociedade de massas, que precisa de entretenimento. E o *Suplemento Literário* foi um dos últimos, que fechou logo no momento em que estava se implantando essa sociedade de consumo e de massa no país. Por isso ele tem uma grande importância. Ele é um paradigma das publicações culturais nesse país, hoje.

4) Por que você acha isso?

Não sou só eu que acho. Vou falar sobre o *Suplemento* que é o meu tema, ele é a o que me reporto quando vou fazer alguma análise nessa área. Quando ele foi fundado, ele era um jornal dentro do jornal, não era nem jornal porque no projeto dele o Prof. Antonio Candido diz que ele não ia ser jornalístico, mas artístico e literário. Uma coisa assim hoje é impensável. Outra coisa impensável é que não havia investimento financeiro nessa publicação, não havia praticamente publicidade, o projeto não contemplava publicidade, lá diz que ela devia ser pouca, para não atrapalhar o editorial. Outra coisa impensável hoje. Então, era um espaço também de reflexão, e principalmente de reflexão, que era uma coisa mais lenta. A reflexão, o pensamento, é uma coisa mais lenta, para refletir você tem que ter tempo. E existia esse tempo ainda naquela época em que ele foi criado, em 56. E ele seguiu com o mesmo projeto até por volta dos anos 60. Ele acabou nos anos 70 exatamente por isso, porque o mundo havia mudado, o jornalismo havia mudado, não havia aquela disponibilidade financeira que existia inicialmente. O Antonio Candido fez uma pesquisa nos jornais da época, viu qual era a remuneração para artigos, para pessoas escrevendo na área cultural, e dobrou essa remuneração. A remuneração era a mesma para quem escrevia texto, para quem fazia foto e para quem ilustrava. Os ilustradores eram grandes artistas, Portinari, Cavalcanti, e várias pessoas novas que estavam começando e que hoje são famosas, como Giselda Leirner, Wesley Duke Lee, e várias outras. Então, esse panorama todo mudou muito, com a mudança do mundo, com a forma como as coisas foram se encaminhando nessa grande e vasta sociedade de consumo que nós temos hoje.

5) Você mencionou uma definição de cultura, gostaria de saber de quem é a autoria da mesma.

Eulina Lufti. É uma professora, formada em Letras, é pós-graduada também, e ela comentou isso uma vez comigo, eu achei que é a mais interessante definição de cultura, exatamente o fazer do homem sobre o mundo.

6) O Suplemento *Idéias*, do antigo *Jornal do Brasil* seria classificado como cultural?

Os jornais todos sempre tiveram Suplementos Culturais. Retomando um pouco o aspecto histórico, nos anos 50, quando saiu o *Suplemento Literário* do *Estadão*, saiu também o suplemento literário do *Jornal do Brasil*, que era uma coisa em moldes avançados, era um pessoal concretista, era um pessoal muito de vanguarda que fazia no *Jornal do Brasil*. O Suplemento *Idéias*, como todos os outros Suplementos, o da *Folha*, o do *Estadão*, que hoje existem foram continuções desses Suplementos originais. O Suplemento chamado *Suplemento Dominical* do *Jornal do Brasil*, que depois virou *Caderno B*, que foi muito importante também em 70, 80. O *Idéias* veio depois, e era muito interessante, assim como [o jornal] *O Globo* tem hoje em dia o *Prosa&Verso*, são Suplementos Culturais com o nome de Suplementos Culturais. Mas todos esses Suplementos Culturais estão dentro desse grande problema que nós temos, que é a sociedade de consumo, eles são guias de consumo. O *Suplemento Literário* e o Suplemento do *Jornal do Brasil* não eram guias de consumo. Eles não recebiam *press releases*, isso não existia, [*press releases*] dizendo dos milhares de lançamentos de discos, de livros, de filmes, e tal. Não estavam lá para ver o que tinha sido lançado, mas sim o que tinha sido lançado e era muito importante e era muito bom. Então são Suplementos interessantes, dentro do que é possível existir hoje. Agora, o *Idéias* do *Jornal do Brasil*, o *Jornal do Brasil* praticamente não existe mais, não é? Pelo que me consta ele é só on-line. É uma pena, porque foi um grande, importantíssimo e histórico jornal que nós tivemos. Eu acho que o que tem hoje de jornal grande, são o *Estadão* e a *Folha* em São Paulo e *O Globo* no Rio de Janeiro. Fora os outros estados que, é claro, têm seus grandes jornais, e também têm os seus Suplementos, mas todos são guias de consumo. E eles têm matérias no meio, algumas, de reflexão, mas o espaço de reflexão não é grande hoje em dia.

7) Como você conceituaria Jornalismo Cultural e Literário?

Há uma linha de pensadores que acho muito interessante, da semiótica russa, um deles, que eu estudo e faço parte de um grupo sobre na ECA, é o Yuri Lotman. Essa linha dos semióticos russos da cultura, que são dos anos 50 e ficaram conhecidos no ocidente nos anos 60, ensina que jornalismo pode ter ingredientes de literatura e literatura pode ter ingredientes de jornalismo. Então eles não concordariam, entre eles Mikhail Bakhtin, com os termos “Jornalismo Literário” e “Jornalismo Cultural”, mas só jornalismo. Eu tendo a concordar com eles. Existe jornalismo, que pode ter ingredientes de vários outros [campos]. O Jornalismo Literário é chamado assim hoje em dia porque é aquele que tem matérias maiores. Como tinha a revista *Realidade*, como tinha no jornalismo nos anos 60 e 70 aqui, como tinha no *new journalism* americano, são matérias grandes em que você fica semanas atrás de uma pessoa ou de uma questão, acompanhando. Esse seria o jornalismo literário. E o cultural são esses suplementos e essas revistas que tratam da questão cultural. Acho que o Alberto Dines também é a favor disso, já vi alguma vez ele falando que não teria que se separar jornalismo disto ou daquilo, jornalismo é jornalismo. E como estamos em uma crise no jornalismo, o Jornalismo Cultural, assim chamado, também está em crise, procurando as suas saídas.

8) Qual a intersecção que vê e as diferenças entre o Jornalismo Cultural e o Literário?

É o que eu estava dizendo, o Jornalismo Literário seria esse que eu acho que é o grande jornalismo, é o jornalismo como ele teria que ser. É você se dedicar a uma investigação jornalística, como tivemos grandes exemplos no país, nesses anos dos quais estou falando, até os anos 70. Houve grandes reportagens no *Jornal da Tarde*, de São Paulo; no próprio *Estadão*; houve revistas e jornais alternativos com grandes reportagens. E já nos anos 50 havia nos *Diários Associados* o Joel Silveira, por exemplo, que era um excelente repórter e foi correspondente de guerra. Então o

Jornalismo Literário, hoje, como é uma exceção, é o jornalismo original. Quanto à intersecção com o Jornalismo Cultural, ou intersecção com o jornalismo em geral, é exatamente o que estou dizendo, é o que nós deveríamos ter em nossos jornais. Além das notícias curtas, deveríamos ter espaço para o jornalismo investigativo, para o jornalismo que vá a fundo em alguma questão de comportamento, ou política, ou econômica, ou cultural, seja lá o que for. E que ele resgate o prazer de ler. Porque as pessoas antes tinham o prazer de ler. Eu sempre me lembro de uma reportagem do Marcos Serna, que já morreu, há grandes histórias sobre ele na *Cáspes Líbero*, onde ele foi professor, era uma reportagem sobre uma boiada. Ele ficou lá um mês no nordeste, era uma coisa de uma emoção tão profunda, que eu chorei, foi uma das poucas matérias que eu chorei lendo. Então você imagina uma matéria de jornal que te passa a questão social e te emociona, te diz fundo. Isso é jornalismo. Nós estamos com falta de jornalismo no momento.

9) Os Suplementos Literários no passado, além do elaborado por Antonio Candido, objeto de seu trabalho, estavam mais voltados para a área de Literatura (críticas, lançamentos etc). No Rio existia o *Jornal das Letras*, entre tantos outros espalhados pelo país. Em que medida esses suplementos atendem a uma demanda de mercado ou representam uma perspectiva de status para os jornais?

O *Suplemento Literário* do *Estadão* não era só literário, ele tinha uma página só sobre teatro, uma página de cinema, ele falava das várias atividades culturais. Os outros eu não sei, porque não estudei, mas acredito que também fossem assim, ou específicos como o que você falou, o *Jornal das Letras*, e tal. Mas os dos grandes jornais sempre tinham espaços para outras manifestações. Acho que eles representam as duas coisas, status e demanda de mercado. A perspectiva de status para os jornais existe e sempre existiu, ela sempre foi uma brecha para você entrar e fazer o seu suplemento cultural. Agora, certamente se ele não atender a demanda de consumo, ele não sobreviverá. Ele sobreviverá se for independente, por exemplo, como vários que existem na internet, ou vários que existem de pessoas mesmo que fazem. Em Curitiba existem dois exemplos interessantíssimos de jornalismo cultural independente. Um é o jornal *Rascunho*, que é um jornal imenso, com uns quatro cadernos, que trata basicamente de Literatura. Ele sai, acho, a cada dois meses. E existe também um outro, que se chama *Coyote*. Por incrível que pareça, ambos são do Paraná, que já tinha essa tradição [desde os tempos] da revista *Joaquim*, que era do Dalton Trevisan nos anos 50. São jornais que não são conhecidos aqui, só as pessoas do meio conhecem, e, no entanto, são grandes suplementos, que seriam como os velhos e originais Suplementos Culturais. Mas todos os suplementos da grande imprensa estão entre esses dois itens que você citou, entre a questão de você ter status e de você atender as demandas da indústria cultural, que é uma grande indústria hoje em dia.

10) Já o *Coyote* e o *Rascunho* você acha que não se inserem nessa realidade?

Não, eu acho que eles são feitos pela dedicação das pessoas, eles têm grandes colaboradores. O *Rascunho* eu recebi recentemente, também não conhecia, eles têm grandes colaboradores. Tem uma propaganda de uma página inteira da Bienal do Livro, eles devem ter sua fonte de sustentação, mas me parece que as pessoas que escrevem não devem ter remuneração. Acho que é uma coisa mesmo de amor à arte. Esse jornal tem quatro cadernos, tem muita coisa para ler, é aquela coisa que você fica lendo o mês inteiro. Tem história em quadrinhos, tem uma série de artigos. Sei que tem colaboradores bem interessantes, tem o José Castelo, que é um grande jornalista da área cultural, que hoje está no *Globo*; poetas, enfim. E o *Coyote* também eu acho que é nesse estilo. O *Coyote* eu só vi na internet, se você entrar na internet e colocar esses nomes, vai conhecer. Pelo menos esses são os que eu sei que continuam e que são em papel, o *Coyote* eu não tenho certeza se é em papel, mas o *Rascunho* é, e é esse jornal imenso.

11) Existe alguma relação entre os suplementos literários e a produção editorial do país? Como você analisa esta interface?

Eu acho que a indústria editorial depende da divulgação feita pelos suplementos culturais, claro. Então é uma via de duas mãos. Não sei se depende tanto, porque o número de leitores de jornal não é tão grande assim no país. A maior tiragem de jornal que nós temos é por volta de 300 mil exemplares, até pouco tempo atrás era, acho que da *Folha de S. Paulo*. Num país que tem 200 milhões de habitantes. Mas é claro que como a elite intelectual é pequena, os leitores que se interessam acompanham pelos jornais, então acho que tem uma grande relação, sim. Que um depende do outro. Acho até que já ouvi falar em algumas discussões que as editoras até anunciam pouco nos jornais. Não sei exatamente, não estou muito por dentro, mas as editoras anunciam pouco, não fazem muita publicidade, não estão acostumadas a fazer publicidade, como é em outros países. Aliás, em outros países da América Latina, da Europa, para não dizer Estados Unidos, o Jornalismo Cultural é forte. O Jornalismo Cultural na Argentina, na Espanha, e certamente nos Estados Unidos, que tem aquelas grandes publicações. Todos também estão inseridos do mesmo contexto da indústria cultural, da sociedade de consumo, mas ainda têm um espaço maior, eu acho, para a reflexão, com grandes colaboradores, escritores internacionais de peso. Que é uma coisa que a gente não tem muito aqui no Brasil.

12) Por que será isso?

Eu acho que é, talvez, pela questão da língua portuguesa mesmo. Porque no espanhol, você tem países mais poderosos falando espanhol, por exemplo. A questão cultural sempre está ligada à questão econômica, e à questão da língua, naturalmente. Agora por que nós não temos tanto aqui quanto lá, é uma pergunta que rende uma boa pesquisa a se fazer.

13) Em seu livro, você diz que o Jornalismo Cultural sofre uma crise de identidade, pois há uma dicotomia entre a cobertura diária (mais próxima da cultura de massas) e a cobertura dos fins de semana (ligada à reflexão e ao debate). No contexto de publicação do *Suplemento Literário*, a situação do jornal O Estado de S. Paulo era diferente? Como?

Era absolutamente diferente. Porque o jornalismo, como eu falei, não tinha passado para essa outra fase, de a partir do anos 60, começo dos anos 70. Na qual houve, como eu digo em meu livro, grandes reformas. Houve já nos anos 50 grandes reformas no jornalismo, e depois outras foram se seguindo. E o *Suplemento Literário* ocupou esse espaço, que veio da cabeça do Prof. Antonio Candido, através de um convite. Ele foi convidado pelo dono do jornal. Ele tinha feito uma crítica ao suplemento do IV Centenário [da cidade de São Paulo]. Ele disse que tinha muita publicidade, que o jornal era cultural, então precisava ter alguma coisa cultural. Então, esse espaço existia, era um jornal de 6 a 8 páginas, se não me engano, totalmente dedicado a esse aspecto da reflexão, da crítica, e contando com grandes críticos. Grandes críticos são outra coisa que nós praticamente quase não temos mais. Eles existem, estão nas universidades, os grandes especialistas, que eventualmente são convidados para escrever no jornal, mas eles têm um espaço muito pequeno para escrever. E no *Suplemento Literário*, como não havia o problema de publicidade, e como as pessoas tinham mais tempo para ler, não havia essa questão de espaço. O Décio de Almeida Prado, esse grande crítico de teatro, que era o editor do Suplemento, um grande amigo do Prof. Candido, encomendava as matérias e falava para a pessoa escrever o quanto ela quisesse. E o que ela quisesse, também não era censurado, jamais. E era um jornal que também não tinha painéis, não tinha restrições, era uma coisa bem aberta, o que hoje também é absolutamente difícil de existir. É por isso que essa é uma experiência única.

14) Em seu livro, você afirma que no mundo fragmentado e veloz do jornalismo haveria cada vez menos espaço para um projeto de reflexão intelectual como o do *Suplemento Literário*, e que, inclusive, esse foi um dos motivos para o fim do suplemento.

Foi. O próprio Décio de Almeida Prado, tem aí uma entrevista com ele, que foi feita pelo Paulo Moreira Leite na *Veja*, ele fala isso. [Fala] que você precisa de, é uma coisa até muito bonita que ele

fala, você precisa ter tempo para refletir, ele até cita o Romeu e Julieta. Ele fala que essas mudanças na imprensa, foram coisas da vida, porque antigamente, por exemplo, peças ficavam 30 anos no repertório de um ator. Músicas também demoravam muito para sair do ar, e hoje ele dizia que quando uma música toca seis meses no rádio já é considerado um “estouro”. Hoje não tem mais nem isso que ele falou, nessa entrevista de 97. E às vezes quando você consegue entender que aconteceu uma peça, uma música, um livro, isso já não tem importância. Porque a vida corre rápida, mas a arte – tem até um aforismo antigo que diz: longa é a arte – a arte almeja a longevidade. E para desfrutar a arte, você precisa de uma série de coisas, a primeira delas é você ter direito à sua sobrevivência, você ter comida, você ter educação, você ter saúde, trabalho. Porque com o seu estômago vazio você não vai conseguir ler nada, nem entender nada. O Antonio Candido tem um artigo belíssimo, que chama O Direito Humano à Literatura, é muito lindo. Então é isso, essa coisa da velocidade, nós vivemos em um mundo cada vez mais veloz, em 97 ainda não era isso, porque a internet ainda não estava tão estabelecida. O tempo corre rápido, as pessoas correm, correm, correm, atrás do quê, não se sabe. Mas essa coisa de parar para desfrutar a arte, para saber o que é a arte, para desfrutar a arte, a literatura, a pintura, a poesia, o cinema e tal, isso vai ficando em segundo plano. A não ser a questão da indústria cultural, que é outra coisa. É outra coisa, aí você vai divulgar só shows, enfim, o filme do dia, o auto-ajuda, e não é exatamente aquela coisa da reflexão sobre a vida, sobre a arte, sobre a cultura.

15) Entretanto, todas as discussões sobre reformas editoriais apontam para a necessidade dos jornais serem mais analíticos, interpretativos e reflexivos em função de outros meios (rádio, televisão, internet), onde a informação é veiculada mais rápida. O *Sabático*, lançado em março de 2010, surge justamente com o slogan "Um tempo para a leitura", em meio a uma campanha publicitária que visa relacionar o jornal ao conhecimento, à intelectualidade e à erudição. Como você vê essa realidade paradoxal?

É um paradoxo enorme mesmo. Aquele grande poeta T. S. Eliot, tenho pregado aqui na minha parede um verso dele que diz: “*Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? Onde está o conhecimento que perdemos na informação?*” Isso deve até parecer um “paradoxo zen”, mas eu acho que é verdade, acho que o jornal não tem nada a ver com conhecimento. Conhecimento é outra coisa. O jornal tem a ver com informação, e possivelmente com alguma reflexão, se você conseguir achar alguma no meio disso. Acho interessante o *Sabático*, mas ele não é diferente da *Folha*, talvez seja, talvez tenha mais espaço para a leitura mesmo que o da *Folha*, na verdade eu não tenho acompanhado muito ultimamente. Mas no jornalismo, se nesse momento acontece um grande tsunami no Oriente, você já está sabendo disso agora na televisão, no rádio, na internet, no seu celular, no seu laptop, no seu Blackberry, enfim, você já está sabendo disso agora. O jornal impresso vai dar essa manchete amanhã, isso não tem mais sentido. Há anos os teóricos sérios da Comunicação já falam que o jornal [deve ser mudado], o que ele dá já é uma coisa velha, a não ser que você tenha um grande espaço de informações maiores no jornal do dia seguinte sobre o que aconteceu hoje, que você já leu na internet, mas não [acontece isso]. As notícias que vão haver no jornal são as mesmas que estão na internet, porque o jornal também tem como fonte a internet. O jornal não tem mais correspondentes internacionais, são pouquíssimos, como tinha antes. Vão todos na mesma fonte. Então, não tem sentido um jornal dar notícias, tem sentido um jornal refletir sobre o que está acontecendo no mundo. Chamar gente gabaritada para refletir sobre isso. Ter gente que sabe o que fala e que tem condições de falar para nos dar um pouco de luz no meio desse caos em que todos estamos atolados neste planeta. Então, eu acho que é isso, o jornalismo está bastante atrasado, não é mais noticioso, não pode ser mais noticioso.

16) Mas você havia dito anteriormente que o jornalismo não deve ser sinônimo de conhecimento.

Não é que não deve, eu considero que não é. Eu pessoalmente considero que não é. Aí tem duas coisas. Eu acho que jornalismo não é conhecimento, jornalismo é informação. Nem sempre

informação é conhecimento. Conhecimento é uma coisa mais profunda da sua alma, é o saber. O saber não tem nada a ver com a notícia do tsunami, isso é informação. Agora, pode ter a ver com uma grande análise, por exemplo, do “Grande Sertão: Veredas”, como foi quando foi lançado o Suplemento, as pessoas começaram a analisar. Porque a arte tem a ver com a vida. A arte não é um meio de consumo e só. A arte é uma manifestação, das maiores da raça humana. E isso não significa compra e venda, isso não significa consumo, isso significa, isso sim, significa conhecimento. Agora, o jornalismo nesse “rolo todo” de que estamos falando, é a informação. Mas as pessoas, já existe uma doença catalogada nos Estados Unidos, que eu não sei exatamente o nome, mas são pessoas que sofrem exatamente do excesso de informação. Com esse tanto de informação que tem em todos esses veículos você não tem o que fazer com isso, a não ser ficar doente, neurótico. Você não tem atuação sobre isso. Não tem como atuar. Você tem como atuar no seu meio, no seu bairro, na sua escola, no meio em que você vive. Talvez por isso sejam mais interessantes os jornais regionais e de bairro, que falam de coisas com as quais as pessoas se relacionam diretamente, do que esses todos, com essas notícias todas, que são cada vez mais e mais. E esse processo, que se usa muito, quando acontece uma coisa fica o jornalismo dias e dias em cima daquilo, as pessoas ficam todas enlouquecidas com aquela notícia. Depois acaba, e passa para outro show. Então é por aí, essa questão do conhecimento não tem nada a ver com jornalismo, na minha ótica. Jornalismo tem a ver com informação, e informação que vai agora pelos meios mais rápidos e velozes que não é a imprensa escrita. A imprensa escrita é para você pensar em cima disso, esse é o ideal, esse é o caminho que teria que ser seguido.

17) Acha que este novo lançamento do *Estadão* seria mais uma jogada de marketing ou estaria associada, genuinamente, a uma demanda de um nicho de mercado, de intelectuais e universitários para serem orientados sobre os novos lançamentos das editoras?

Acho que são as duas coisas, é claro que o jornal vai encontrar a sua sobrevivência financeira no meio. E para isso ele depende do que, depende dos anunciantes e dos leitores. Os leitores estão interessados, a gente vê essas publicações como guias. E essas revistas culturais também como guias. Você precisa ter um grande discernimento, uma grande formação, na área a que você se dedica, ou que te interessa, para poder escolher. Porque a função desse jornalismo aí seria ajudar você a escolher o que vai te interessar, o que vai fazer bem para a sua vida. Mas, na verdade, no meio do que vai te interessar e vai te fazer bem, tem um monte de *press releases*, das assessorias de imprensa, da indústria cultural e de produtos. Você não tem discernimento, você não tem condições, se você é uma pessoa que não tem formação cultural, você vai ficar perdida no meio disso.

18) Em que medida considera que os suplementos literários estariam servindo a interesses comerciais das editoras?

Não, acho que eles servem a interesses comerciais da indústria cultural em geral, não só das editoras. Mas no meio disso tudo é claro que a indústria cultural oferece coisas boas também. O que eu volto a dizer é isso, como escolher? No meio de tantos, porque às vezes tem muitos lançamentos, que são elencados, existe uma coisa que se chama Agenda (*), daí o editor escolhe [o que vai ser publicado]. É claro que ele tem que escolher. Aí, essa escolha dele não é só pessoal, ele vai levar em conta o peso que isso tem. O peso que isso tem no retorno publicitário e no retorno financeiro, e também dos leitores. Mas assim mesmo, os leitores ficam em terceiro lugar. Eu acho o *Sabático* uma experiência interessante, acho que é um dos melhores suplementos que nós temos. O melhor ainda acho que é o do *Globo*. Mas todos, não é que um ou outro está tendo esse ou aquele interesse, todos estão dependendo do mesmo esquema, estão dentro do mesmo esquema.

19) O suplemento literário de *O Globo* você considera melhor por ser mais crítico?

Não, é que tem outra coisa também. Tem muita coisa aí no meio. Você tem poucos grandes jornalistas na área cultural. O *Estadão* tem um, que é o Antônio Gonçalves Filho. O *Globo* tem

outro, que é o José Castello. São pessoas que podem falar sobre, o José Castello fala mais sobre literatura, agora, o Antônio Gonçalves Filho pode falar sobre qualquer [assunto], sobre pintura, sobre literatura, ele é uma pessoa com uma vasta bagagem cultural. Nós não temos jornalistas como tínhamos, como já tivemos, o Gilson Ribeiro, entre outros grandes cabeças, que podiam falar de qualquer coisa. Então, você tem gente que tem várias deficiências. Eu estava falando ontem com um professor da USP, que foi entrevistado sobre um livro dele, novo e tal, a pessoa não tinha lido o livro. Como é que você pode entrevistar uma pessoa sem ter lido o livro? Porque não deu tempo, e não deu tempo mesmo. Então nós temos esses vários problemas, no jornalismo e com a profissão de jornalista. São inúmeros, e sérios.

20) A crítica literária, musical, teatral vem sendo contestada por estar mais próxima de divulgação do que propriamente análise. Como avalia este movimento?

Nós estávamos até discutindo ontem na USP, eu estou fazendo o doutorado em Letras, sobre essa questão discutimos rapidamente sobre a questão do crítico. O jornalismo elege críticos de cinema, de literatura, de teatro, que absolutamente não têm ideia. De cinema é mais fácil você ter, porque você pode ver um monte de filmes em uma noite. Você pega o DVD e coloca. Mas você não pode ler um monte de livros em uma noite. A história do teatro e a história da literatura, você tem que passar por ela, tem que ter estudado, tem que ter bagagem. Não tem como você formar críticos. A Universidade tem formado alguns, mas o que se vê nos jornais não corresponde ao nível de crítica que a gente já teve. Isso não é passadismo, não é nostalgia, isso é verificação da realidade. Nós temos grandes deficiências no jornalismo com relação a isso. Aliás, não só na área cultural, mas em quase todas as áreas. Você não tem mais especialistas. Antes você tinha repórteres que chamavam setoristas, em vários setores, eles acompanhavam só aquilo no dia a dia, estavam por dentro daquilo. Uma vez, me contaram, foram entrevistar a esposa do Plínio Marcos, a viúva dele. Foi ser entrevistada sobre o Plínio Marcos. A pessoa chegou lá e começou a perguntar sobre o Plínio Marcos, porque ela não sabia quem era. E a viúva falou: “Olha, você, por favor, volte e leia a pesquisa, e depois você volta”. Então, eu que fui jornalista durante muitos anos, e ainda sou, mas não estou nas grandes redações mais, você ia fazer uma entrevista e se você não era especialista neste setor, você fazia uma pesquisa. Ainda era nos arquivos, ainda não tinha a internet, você pedia uma pasta e lia, você tinha tempo para isso. Hoje você tem que fazer quatro, cinco matérias por dia, por telefone e por internet. Você não tem condição de se informar sobre isso e sobre nada. Se isso é um problema do jornalismo em geral, ele será também do Jornalismo Cultural, principalmente, que exige esse conhecimento. Você está escrevendo sobre literatura, sobre cinema. O que os jornais fazem é encomendar artigos de especialistas das Universidades. Mas você também tem que ter os seus críticos, com formação à altura, e tem que remunerá-los à altura e dar condições a eles, também à altura. O que são coisas muito difíceis hoje em dia.

21) Em sua opinião, o que falta aos suplementos literários atuais? Seria a autonomia de que gozava o *Suplemento Literário*?

Eu acho que autonomia é fundamental para qualquer atividade, do jornalismo principalmente. Não vejo como uma coisa fácil, não sei se ela existirá, fora esses exemplos que eu te dei, de jornais, por exemplo, do Paraná. Aí é outra história. Mas eu acho que a autonomia, a independência, são fundamentais, e também você ter gente com bagagem cultural, e sabendo do que está falando. Porque o leitor não merece, não merece tanta desinformação. Não estou falando de um ou de outro, acho que os suplementos, como falei, do *Globo* e do *Estadão*, que eu conheço melhor, são bons, mas eles também sofrem dessas deficiências. Eles certamente, se tivessem esses ingredientes todos, autonomia; formação da reportagem; formação do crítico e remuneração condigna, como existia no Suplemento, seriam melhores. O esquema do Suplemento jamais poderá ser reproduzido porque o mundo é outro. Mas, alguns ingredientes dele certamente, se quisermos fazer um Jornalismo Cultural sério.

22) Segundo Laura Greenhalgh, editora executiva do *Estadão*, o *Sabático* é o "Suplemento Literário dos tempos da internet".

Acho que talvez seja porque eles sempre remetem a “leia isso na internet”. Isso não é nada de novo, isso já tem na *Folha* há muito tempo, nos jornais há muito tempo, “continue lendo aqui”. Nas revistas hoje em dia tem em todo lugar: “continue a ler aqui”. Isso pressupõe que a pessoa seja um internauta. Não acho que há novidade nenhuma nisso. É interessante você ter apontado, porque quando foi lançado [o *Sabático*] eu também vi isso, e pensei: “mas isso aqui já existe, não é novidade”. Não é nada de “tempos da internet”, é um recurso que já está sendo usado há algum tempo pelos jornais.

23) Na sua opinião, em um projeto como o do *Suplemento Literário* caberia a utilização das novas mídias de divulgação cultural?

Acho que sim. Acho que é possível fazer um suplemento cultural, nos moldes do [do] *Estadão*, na internet. Com certeza, porque existem muitos blogs na internet, existem vários blogueiros independentes, nas áreas de política e etc, e na área cultural também tem vários blogs. Mas para você fazer um profissional, jornalístico, você teria que ter alguém com um investimento financeiro bom, que pudesse juntar uma grande equipe, pagar essa grande equipe e contar com colaboradores. Quer dizer, um esquema profissional, na internet. Nós ainda não temos, os grandes blogs que nós temos na internet, jornalísticos, são de jornalistas que se dispõem a fazer, arranjam um ou outro patrocínio, mas estão sempre se reportando à imprensa escrita, analisando coisas da imprensa escrita. Não têm condições de ter uma equipe própria. Eu acho que sim, quando saiu o [meu] livro eu dei uma entrevista ao *Caderno 2*, até falando sobre isso, nós temos vários veículos em que se pode fazer, mas vai depender de um esquema profissional. O que é possível, absolutamente, a internet é algo que, no Brasil, está crescendo cada vez mais.

24) Em entrevista ao *Estadão* (publicada em novembro de 2007), você diz que “Mais cedo ou mais tarde os jornais trilharão o caminho, já apontado por especialistas há algum tempo, da análise, da opinião, da crítica, enquanto a notícia ficará por conta de veículos mais ágeis. (...) É quando uma experiência como a do *Suplemento Literário* poderá ser resgatada”. Você acha que esse momento chegou, e está sendo representado pela última reforma gráfica e editorial do *Estadão*, que ocasionou o surgimento do *Sabático*?

Não acho, absolutamente. Acho que é uma experiência que não tem nada de inovadora, a não ser o espaço um pouco maior para a leitura. Não tem nada a ver com a internet, a não ser remeter à internet. Está dentro de um jornal que ainda é um jornal noticioso, com notícias de ontem e de anteontem. Também está incluído na questão da indústria cultural. Claro, vai estar sempre incluído na indústria cultural, a questão é a seguinte: para você fazer experiências inovadoras, você sempre tem que ser alternativo. Alternativo como quando existia a imprensa alternativa na época da ditadura, *Jornal Movimento*, *Jornal Opinião*, que foram os mais famosos, não têm patrocínio, as pessoas trabalhavam de graça, trabalhavam de graça porque era uma frente contra a ditadura. Então, para você fazer um projeto como esse, desse paradigma do *Suplemento*, ou você encontra um patrocinador que invista nisso, ou você vai fazer sem patrocínio e se juntar a abnegadas pessoas, o que vai ser difícil, porque as pessoas têm que sobreviver e não têm tempo para só escrever para uma publicação que não as remunere. Então, como eu disse, os suplementos culturais que nós temos são todos parecidos porque estão imersos dentro da mesma problemática.

25) Acha que este atual modelo de suplemento literário será seguido em outros jornais? A *Gazeta Mercantil*, por exemplo, antes de fechar, tinha cadernos especiais de final de semana, entre eles suplementos literários e culturais.

Sim, o suplemento cultural da *Gazeta*, em uma época em que a *Gazeta* era um grande jornal, era muito interessante. Assim como jornal *Valor Econômico*, que é o melhor jornal de economia que existe, que pertence à *Folha* e ao *Globo*, tem um suplemento chamado *Eu&Fim de Semana*, que é

tablóide, e é bastante interessante. Às vezes eu acho ele até mais interessante que o do *Estadão*, mas não sei ao certo, porque ultimamente também não tenho visto. Colaborei já algumas vezes com ele. Não sei se está virando outro projeto, também. Mas, em geral, não vejo nada de tão inovador em nenhum desses cadernos culturais que temos.

26) Acha que nesses jornais mais voltados para os empresários e pessoas preocupadas com o mercado os suplementos literários poderiam atuar como um sinal de status para essas pessoas?

No fim de semana o jornal Valor tem vários suplementos, vários cadernos, o *Eu&Fim de Semana* não é exatamente só um suplemento cultural, ele também às vezes trata de questões da área de política e tal. Mas é um caderno, entre outros, que tem uma preocupação maior com a parte cultural. Acho que é um jornal bastante sério, ele já teve um projeto mais abrangente cultural anos atrás, acho que nos anos 90, ele também foi se transformando, mas ainda é bom. Acho interessante. Não tão diferente, pois como falei, estão inseridos no mesmo contexto todos os jornais. Mas na área econômica, existem pessoas, claro, como em todas as áreas, que estão interessadas em discutir algum aspecto cultural. Acho que já é uma coisa normal, não é nem mais uma coisa de status, na área econômica. O outro concorrente do *Valor*, que é um jornal de um grupo português, que chama *Brasil Econômico*, começou com uma revista mensal e começou com o suplemento cultural, que eu não sei se era semanal ou diário, e acabou de fechar. Não sei exatamente o que aconteceu, mas imagino que não tenha dado retorno. É um grande grupo português de comunicação, e era um jornal de tamanho menor, em tablóide, com papel diferenciado e tal. Então, também tinha o seu suplemento, já o do Valor continua, esse aí já acabou. Em tempos em que há alguma crise, você sabe que a questão cultural é a primeira atingida. Mas não estamos em crise nenhuma, mas talvez a experiência deles estivesse em outra direção.

27) Como você analisa o atual *Sabático do Estadão*, em comparação com o *Suplemento Literário de Antônio Cândido*. Que características foram mantidas e que outras foram construídas para um novo tempo, o da modernidade líquida?

Não posso fazer uma análise muito profunda, pois não tenho lido muito, não conheço muito, eu acompanhei um pouco no início apenas. A única coisa que me lembra o *Suplemento Literário* lá é na página 3, se não me engano, que, na parte de baixo, tem uma reprodução de matéria do *Suplemento Literário*. Mas não posso realmente me deter, pois não sei, meu assunto é mais o *Suplemento Literário* antigo, o novo não tenho acompanhado.

28) A respeito dessa publicação de matérias do *Suplemento Literário* no *Sabático*, em um dos e-mails que trocamos você afirmou que seria mais inteligente o *Sabático* se pautar pelo *Suplemento Literário*.

É, continuo falando isso. Eu fiquei até pensando se essa não foi uma ideia que eles tiveram para ter garantida uma matéria. Para eles terem uma matéria garantida. Mas, com certeza, acho que se se pautassem pelo *Suplemento*, uma ou outra matéria lá no meio... ou então, por que dar um espaço tão pequeno para o *Suplemento*? São matérias maravilhosas que tem lá, se fizerem alguma pesquisa certamente vão encontrar. Por que não dão uma página inteira? Sobre um grande tema da literatura que permanece, e atualizar depois. Acho que é um espaço muito pequeno, mas pelo menos eles lembraram.

29) Você não acha que se o *Sabático* se pautasse pelo *Suplemento Literário* ele correria o risco de, assim como o *Suplemento*, ser criticado por não tratar de temas atuais, por não ser jornalístico?

Não, estou falando de se pautar em matérias que você possa fazer um *aggiornamento* com hoje. Uma atualização com os tempos modernos. Por exemplo, está fazendo, acho que 30 anos, não sei quantos anos, da visita do Sartre ao Brasil, quando ele foi para a UNESP de Araraquara. E saiu uma

matéria em edição especial do *Suplemento Literário*. O Jornal da UNESP está dando um caderno sobre isso. Ninguém está dando nada sobre isso, Sartre é uma figura, um pensador do séc. XX da maior importância, que esteve no Brasil e teve várias repercussões. Então é uma matéria que você poderia resgatar do *Suplemento Literário* original com grandes intelectuais escrevendo sobre, e atualizar. É um exemplo, você está atualizando.

30) Você acha que a publicação dessas matérias do *Suplemento Literário* no *Sabático* seria uma tentativa de recuperar o prestígio do suplemento antigo?

Não posso dizer o que é, não tenho ideia do que seja. De qualquer forma, é bom para as pessoas que não conheceram, conhecerem. Mesmo que seja naquele espaço pequeno, exíguo, ali no rodapé. Mas não sei qual era a intenção deles.

31) Com relação à seleção de matérias, às escolhas dos livros que serão objeto de crítica ou sumarizados, como avalia este processo?

Pois é, não posso avaliar, pois não estou lendo. Não tenho acompanhado. Não tenho condições de analisar.

32) É possível conciliar o mundo da literatura com o senso comum? Como aproximar leitura de qualidade (pelo critério de alguns críticos) da população em geral, pouco letrada e com poucos hábitos de leitura?

No editorial do 1º número do *Suplemento*, até falo sobre isso no [meu] livro, o Décio de Almeida Prado foi acusado de elitista porque ele dizia que não existe vida intelectual sem esforço e disciplina, e que o leitor deles tinha que ser um leitor especial. Hoje em dia você não pode fazer isso, a não ser em uma publicação acadêmica, como tem em várias Universidades, especial, para leitores especiais. Hoje, acho que o leitor que vai se dirigir para o suplemento cultural já tem um interesse diferenciado, mas o senso comum é o senso da sociedade de massas, da qual a Hannah Arendt falou que quer entretenimento. Isso é o senso comum. Não é isso que deveria pautar o Jornalismo Cultural. O Jornalismo Cultural deveria existir para avançar o pensamento.

Entrevista com Márcio Seligmann-Silva

Márcio Seligmann-Silva é escritor, tradutor, crítico literário e professor do IEL-Unicamp. Ganhou o prêmio Jabuti de Literatura em 2006 na categoria Melhor Livro de Teoria/Crítica Literária, com *O Local da Diferença* (Editora 34). É autor de algumas resenhas publicadas no *Sabático*. Entrevista realizada por e-mail em 14 de outubro de 2011.

1) O que acha da crítica literária praticada nos jornais atualmente?

Acho que no Brasil só podemos falar de resenha e mesmo esse gênero é praticado de modo muito tímido. Nossos jornais e revistas não dão importância para os livros, a não ser para os best-sellers. O espaço para as resenhas é ridículo de pequeno e é impossível praticar uma crítica literária séria em um ambiente que não valoriza a literatura e tampouco dá espaço para ela na mídia. A questão, no entanto, poderia ser também: vale a pena tentar insistir em um gênero, a crítica literária, no Brasil e hoje? Estaríamos em uma era pós crítica e, também, pós crítica literária? A essas perguntas teria que encadear longas respostas... Mas, resumindo, digo que considero que, apesar de tudo, devemos sim insistir em ambas mencionadas críticas: a geral, da sociedade, e a literária.

2) Quais as diferenças entre a crítica praticada nas universidades e a que vai para os jornais? Você escreve de forma diferente nos dois meios?

Sim, existe diferença. No meio acadêmico o autor pode se sentir mais a vontade para aprofundar suas reflexões e ousar mais em suas análises. Eu escrevo de modo diferente, porque tenho também

objetivos diferentes. No jornal faço (ou tento fazer) resenha, na revista acadêmica procuro fazer crítica. Às vezes, no entanto, já tentei fazer algo mais próximo da crítica em revistas de divulgação cultural, como a *Cult*, que reservam mais espaço para a literatura e para a reflexão. Um exemplo dessas tentativas foi minha resenha de “Viagem à Itália”, de Goethe, que depois publiquei em meu livro “O local da diferença”.

3) Os críticos literários têm sido, em grande parte, substituídos pelo marketing cultural. Em que medida esta situação dificulta uma discussão séria sobre a qualidade da literatura brasileira e sua circulação em escolas e para o público em geral?

O espaço para as obras na mídia é praticamente todo dominado pelo marketing das grandes editoras. Shows midiáticos como a *Flip* são apenas a manifestação mais gritante disso. É claro que isso rebaixa a literatura a uma mercadoria e impede o debate sobre a qualidade.

4) Acha que o *Sabático* contribui para fortalecer o papel do crítico ou também serve aos interesses da indústria cultural? É possível fazer essa diferenciação?

É difícil saber os efeitos desse caderno, mas é verdade que ele tem uma intenção de abrir um grande órgão da imprensa à reflexão crítica. Devemos apoiar a iniciativa e seu editor.

5) Acha que o lançamento do *Sabático* seria mais uma jogada de marketing do *Estadão*, visando ampliar seu prestígio, ou estaria associado, genuinamente, a uma demanda de um nicho de mercado, de intelectuais e universitários que desejam ser orientados sobre os novos lançamentos das editoras?

Talvez esses dois aspectos não sejam antípodas... Acredito que não.

6) Como é o processo de publicação das resenhas? São convites do *Sabático* ou iniciativas suas? Quanto tempo tem para escrever? Quem seleciona o livro?

São convites e normalmente tenho uma a duas semanas para escrever. Os livros são selecionados, creio, pelo editor do caderno.

7) Há normas ou um protocolo a ser seguido para a escrita do texto? É indicado um limite de tamanho, por exemplo? O seu texto é, de alguma forma, alterado antes de publicado?

O texto tem um rigoroso limite mas de modo geral não existe nenhum tipo de pressão ou censura. O texto às vezes sofre mudanças, mas são pequenas e normalmente sou consultado sobre elas.

Entrevista com Raquel Cozer

Raquel Cozer é jornalista, especializada na cobertura de livros e literatura. Foi repórter e colunista de livros do *Sabático* entre março de 2010 e setembro de 2011, quando foi para o caderno *Ilustríssima*, da *Folha de S. Paulo*. No *Sabático*, era responsável pela coluna semanal “Babel”, que traz notícias sobre literatura e mercado editorial. Edita o blog *A Biblioteca de Raquel*, no portal *Folha.com*. Entrevista realizada por telefone em 06 de setembro de 2011.

1) Quando você entrou no *Estadão*?

Na verdade eu já trabalhava na *Folha*. Comecei na *Folha* e fiz a minha carreira toda, [na verdade], comecei no jornal *Agora* em 2001. Quer dizer, comecei em redação, porque eu já tinha trabalhado em editora antes. E em 2006 eu fui para a *Folha*, para a *Ilustrada*. Fiquei na *Folha* de 2006 até dezembro de 2009. Aí me chamaram para o *Estadão* em dezembro de 2009, ainda não tinha o *Sabático*, era o caderno *Cultura*, que era de domingo. O caderno de cultura, a ideia era que fosse uma coisa mais profunda sobre cultura, e acabava ficando mais erudito. Isso é bom você conversar com o Rinaldo, mas o que me falaram na época é que não combinada muito com o domingo uma

ideia de um caderno mais profundo, porque geralmente domingo tem que ser uma coisa mais leve, domingo é o dia que o jornal mais vende e tal. Então, quando eu entrei, acho que eles nem tinham certeza ainda. Eu entrei em dezembro e a reforma do *Estadão* foi em março. Já tinha sido proposto um caderno só de livros, o nome foi o Rinaldo que sugeriu, já era uma coisa meio que estava em vias de, mas eles tinham uma dúvida se não era meio anacrônico, num momento em que todos os cadernos de livros estavam acabando, fazer um só para livros. Então, a ideia original, que eu saiba, era puxar o caderno de domingo para sábado e, talvez, transformá-lo num caderno só de livros, mais profundo e tal. Então, quando eu fui para lá eles já me falaram isso, em dezembro de 2009.

2) Então você sempre esteve na seção cultural? E na área de livros, teve outras experiências antes do lançamento do *Sabático*?

Não. Quando vim para São Paulo, antes de entrar no jornal *Agora*, fiz o concurso de trainee da Editora Globo. E aí na seleção eles pegavam as pessoas por perfil, e já me selecionaram para a *Globo publicações*, que já era da *Globo livros*. Então, teoricamente, eu ia nem ser jornalista, ia cuidar da parte de livros e publicações. Só que aí teve um corte no número de vagas, eram 30 vagas e eles mantiveram só 6. E eles me mantiveram, mas jogaram pra *Época on-line*. Aí acabei nem entrando em livros naquele momento. Aí depois teve um corte, eles demitiram toda a equipe da *on-line* e aí eu fui para o jornal *Agora*. Fiz uma entrevista lá e passei para a revista, acabei trabalhando para a Revista do *Agora*, não sei se você conhece. O jornal *Agora* é o jornal popular da *Folha*, e a Revista do *Agora* era uma revista assim, não chega a ser uma revista de fofoca, mas é quase. É uma revista de comportamento bem “simplinha”, é para gente mais simples, fala muito de novela e tal. Aí eu fiquei dois anos. Durante o [período em que trabalhei no] *Agora* eu cobri isso, cobri cidades e cobri TV. Cobri TV não, eu era editora do caderno de TV, editora assistente. Aí quando eu fui para o *Ilustrada* eu ainda não cobria a área de livros, que é mais difícil de entrar. Então, quando eu entrei eles me colocaram para cobrir dança, depois comecei a cobrir música, isso em 2006, 2007, aí em 2008 eu entrei na pós da PUC, que eu ainda não terminei, em Literatura Brasileira. Aí só quando eu entrei, em 2008, no final de 2008, eles me colocaram para começar a cobrir a pauta de livros na *Ilustrada*.

3) Qual é a sua formação acadêmica?

A única formação que eu tenho concluída é a faculdade de jornalismo. Fiz jornalismo na UFRJ. Me formei em 2000. Fiz um ano como aluna especial no Mestrado em História Social da USP, o professor era o Júlio Pimentel Filho, ele dava umas aulas em história, mas relacionadas com literatura. Mas não cheguei nem a fazer uma tese. Isso foi em 2005, acho. Depois, eu entrei, em 2008, nessa pós *lato sensu* da PUC, que dura 2 anos e eu fiz 1 ano e meio e tranquei. Então, teoricamente, eu posso voltar. Mas concluída eu só tenho a faculdade.

4) Você lê muito? O que gosta de ler?

Eu leio muito, muito, muito. Hoje em dia é um pouco difícil, porque eu acabo, é uma desvantagem de cobrir literatura, porque você acaba sendo pautada por o que você tem que ler. Às vezes eu acho que tenho umas lacunas em clássicos que eu só vou conseguir preencher quando eu parar de cobrir literatura. Sabe, tipo “A Montanha Mágica”, clássicos no sentido de livros importantes. E acabo lendo muito literatura contemporânea, mas não quer dizer que eu goste, mas eu gosto bastante também. Mas eu gosto de literatura de língua inglesa, gosto da literatura brasileira, acho curioso tentar descobrir novos autores. Não sou fã de poesia, não entendo poesia. Ah, e gosto muito de quadrinhos.

5) É possível prever o futuro do livro? Acredita na permanência deste suporte?

O papel vai permanecer, acho que tem dois caminhos mais viáveis para o papel. Um é a impressão sob demanda, aí é assim, você vai comprar um livro num lugar e eles vão imprimir só o livro para você, não vão ficar imprimindo um monte de [livros]. Acho uma coisa possível. Porque está ficando

mais barato. A impressão sob demanda no Brasil, se não me engano, existe desde o final de 90, mas a LPM usava desde o começo dos anos 2000, só que a impressão era muito feia na época. E hoje em dia, acho que a partir de 2006, 2007, começou a ficar praticamente igual à tiragem em *off-set*, a tiragem de centenas e milhares de exemplares. Então, essa é uma. E a outra é, eu acho que editoras tipo a Cosac [& Naify] ou a [Capax] Dei, que fazem livros tipo objetos de arte, um livro que vai ser mais trabalhado, talvez até mais caro, não sei. Mas é um livro para você ter em casa e tal. De resto, acho que a tendência é começar a ser multimídia. Não sei se você já usou o Kindle. O Kindle tem uma desvantagem de não virar a página e tal, mas isso são vícios nossos, mas a leitura é perfeita. O tablet eu acho um pouco menos, porque o tablet é aquela leitura mais [difícil], a tela incomoda um pouco ainda a gente. Não sei se para as próximas gerações vai incomodar. Mas acho que a tendência é migrar boa parte para o digital.

6) Pesquisas apontam que o Brasil é um país de poucos leitores. No entanto, nota-se um crescente aumento na venda de livros e o ressurgimento da vida literária no país, com a proliferação de festas, feiras e outros eventos literários, além dos prêmios que incentivam o surgimento de novos autores. Como avalia esse paradoxo?

Na verdade o Brasil, tem uma comparação que costuma ser feita por especialistas, eu não sou exatamente nesse sentido, mas já ouvi mais de uma vez. Tem dois casos que dá para fazer essa comparação para entender melhor, que são Portugal e Argentina. A Argentina começou a ter uma rede de bibliotecas muito forte no final do século passado, isso eu li num livro da Beatriz Sarlo, aquele *Modernidade Periférica*, que saiu pela Cosac&Naify no ano passado. É uma crítica argentina. Então, começou a ter na Argentina uma rede de bibliotecas muito cedo, e também a educação pública obrigatória etc. E em Portugal também, não sei exatamente quando foi isso em Portugal, isso quem me falou foi o Agualusa, foi a primeira pessoa, mas já vi várias pessoas falando também, que Portugal tem uma rede de bibliotecas muito forte desde o começo do século passado. Então a coisa fundamental para se ter leitores é a educação na área pública, a educação na escola e rede de bibliotecas, acesso a livros. Então, no Brasil, isso começou a ser feito com mais ênfase, não sei se foi no governo Fernando Henrique ou no Lula, mas é uma coisa bem recente. O PNLL, que é aquele Plano Nacional do Livro e Leitura, foi lançado em 2006. É um plano meio que para dar as diretrizes para a implantação de bibliotecas no Brasil, ele faz um balanço de quantas bibliotecas existem e tal. Ah, lembrei. No governo Fernando Henrique o que começou muito forte foi a compra de livros pelo governo, [compra de livros] de editoras para distribuir em escolas. Então, acho assim, não sei em que prazo isso vai fazer diferença, afinal estamos falando de uma geração que é muito nova ainda, mas é um investimento que está crescendo no Brasil. Para bem e para o mal. Não dá para dizer [que só tem o lado bom]. Até fiz uma matéria recente sobre o encalhe de livros, então encalha muito livro que o governo compra e não tem onde colocar. Isso também acontece. Mas, enfim, esse investimento eu acho que é uma coisa que traz mais leitores. Tem um outro fenômeno aí que é [relevante]. O de feiras literárias eu não saberia exatamente dizer, tem até, se você quiser conversar com ele, com o Paulo Roberto Pires, ele é editor da [revista] *Serrote*, é professor da UFRJ, foi meu professor inclusive, e ele já foi editor da *Ediouro* e tal. Foi ele que lançou o [João Paulo] Cuenca, a Cecília Giannetti, lançou uma “galera” de jovens aí. E ele tem uma tese, acho que é o doutorado dele, que é sobre essa geração de autores que é muito mais conhecida por feiras literárias do que lida. Porque a feira literária cria uma coisa meio [inusitada], um autor que todo mundo sabe quem é e ninguém lê. E tem um fenômeno, que é um fenômeno mundial, não sei se aumentou o índice de leitura no mundo, mas o fenômeno “Harry Potter”, para as novas gerações, foi muito forte. Isso qualquer editor fala, nunca o adolescente leu tanto, com quanta avidez, [como lê] essas séries. Não estou falando em qualidade, mas o ato de ler essas séries tipo “Crepúsculo”, “Percy Jackson”, tudo isso começou com o “Harry Potter”. Eu acho que são coisas que se somam, não é catastrófico o cenário. Ainda se lê muito pouco no Brasil, mas acho que é uma coisa que está sendo, muito lentamente, [ampliada], está aumentando.

7) Acha que investir em literatura é uma boa estratégia mercadológica no contexto contemporâneo?

Não, para as editoras a literatura em si não costuma dar dinheiro. Literatura não vende, na verdade, o que vende é... ah, é maldade falar que “Harry Potter” não é literatura, em algum contexto é, sei lá, literatura juvenil. E eu gosto de “Harry Potter”. Eu comecei a ler porque eu ia fazer um trabalho, ia fazer um site para a *Folha* sobre “Harry Potter”, eu estava no terceiro livro, e comecei a ler. Eu sei das limitações enquanto literatura, mas eu acho bem interessante. Então, o que acontece muito é, por exemplo, o que vende hoje em dia no Brasil é venda para o governo. Então, muita gente está investindo, por exemplo, o governo começou a comprar quadrinhos, então as pessoas começaram a investir em quadrinhos. O governo compra muito infantil, então todas as editoras que chegam ao Brasil, ou estão abrindo selo, ou chegam já com selo infantil. De auto-ajuda eu nem sei como é que está. De história, não ficção, eu sei que vende muito. E literatura não vende muito. Nenhum autor gosta de dar números, mas se você pegar aí os autores jovens, da Companhia das Letras, bons, não sei, não vou dar nomes, mas a tendência é que eles não tenham vendido nem uma tiragem inteira. A tiragem é de 3 mil exemplares. Mas literatura dá prestígio. Então as editoras, por exemplo, a Companhia das Letras é uma editora que trabalha muito com o prestígio. Então eles têm os livros deles que vendem muito, e têm a literatura para dar aquele [prestígio], porque é bom para o nome da editora.

8) E do ponto de vista de jornal, também a literatura é um investimento no prestígio?

É no prestígio, com certeza. Literatura tem muitos problemas. Por exemplo, um é que é muito difícil conseguir anúncios. É muito mais fácil conseguir um anúncio para o *Caderno 2*, que o cara vai [buscar informações sobre o] show do final de semana, etc, do que uma editora colocar um anúncio de um livro que ela vai lançar. São anúncios mais pontuais. E dificilmente vai ter aquela chamada de capa: “Escândalo!”, “Denúncia!”, que produz muita leitura e tal. Tem pouca leitura, mas tem uma leitura fiel. Eu conheço muita gente que diz que assinou o *Estadão* por causa do *Sabático*. Acho que é nesse sentido também.

9) Em entrevista à revista *Veja* em 1997, Décio de Almeida Prado afirma que há uma incompatibilidade entre literatura e jornalismo, pois a literatura quer ser eterna, enquanto o jornalismo se ocupa do momento. É possível tratar de literatura em um grande jornal sem deixar de lado a lógica jornalística da notícia, da novidade?

Uma vez eu fui em um debate com a Flora Süssekind, a crítica do Rio, e o Silviano Santiago. E a Flora é bem radical, ela acha que não existe a crítica em jornal. O argumento dela é que no jornal, quando você vai fazer uma matéria de um livro, na verdade você está fazendo uma espécie de propaganda do livro que a editora está lançando. Ela põe tudo em termos de mercado. Que a partir do momento em que o jornal está sendo pautado pelo lançamento seria uma espécie de propaganda. Eu não seria radical a esse ponto, porque eu acho que é uma preocupação que eu tenho, tenho muita preocupação em [não] fazer só porque saiu, enfim. Um dos motivos pelos quais eu gosto de fazer reportagem, e não só matéria, entrevista com o autor, é justamente para fugir de ser pautada pelas editoras. Agora, acho que faz um pouco de sentido o raciocínio deles, não sei. Mas é claro que eu acho que não anula, porque hoje em dia o papel do jornal é muito menor, em questão de influência, do que foi em outros tempos. Para a venda de livros e tal. Aliás, eu até já ouvi uma coisa, porque hoje em dia a internet está muito forte, esses blogs de resenhas e tal. Então, comentaram comigo uma coisa esses dias que eu achei interessante, que o jornal hoje em dia, ele menos ajuda a vender o livro no sentido de estimular o leitor, na comparação com a internet, e ele mais estimula o livreiro a colocar aquele livro que saiu no jornal em primeiro plano na livraria. E aí isso vai fazer diferença na venda.

10) A reforma gráfica e editorial pela qual passou o *Estadão* no início de 2010 apostou na noção de que conhecimento difere de informação. Em sua opinião, em que medida o lançamento do *Sabático* está ligado ao novo projeto do jornal?

Isso é uma coisa que o Rinaldo com certeza é a pessoa para falar, mas o *Sabático* tem uma coisa assim, não é o lançamento só pelo lançamento. Por exemplo, sai um livro, o *Sabático* é meio que tentar fazer uma reflexão sobre o livro, ou sobre o autor. O *Sabático* seria, nesse sentido, o conhecimento mesmo. Se fosse possível fazer essa divisão de uma maneira tão simples, seria assim, a informação fica com o *Caderno 2*, e o conhecimento com o *Sabático*. A ideia do *Sabático* é ir de uma maneira mais profunda, como você não conseguiria ir no *Caderno 2*. É desde grandes perfis, os ensaios também, às vezes ele pega o livro que está saindo como ponto de partida para fazer uma reflexão sobre o pensamento do autor. É isso.

11) Como era a rotina de trabalho na “Babel”? De onde vêm as fontes das notícias?

Acho que a coisa mais difícil da “Babel” era encontrar a nota de abertura. Porque assim, teoricamente todas as notas ali teriam que ser exclusivas. O que era uma coisa bem trabalhosa. Porque exclusivo hoje em dia não é só uma coisa que não saiu em outros jornais, é também o que não saiu na internet ainda. Vez ou outra eu, obviamente, se via que saiu alguma coisa muito interessante na internet, lá fora, eu quebrava essa regra e colocava, mas no geral era tudo muito exclusivo. E aí tem duas formas de vir essa notícia. Uma, que é a mais fácil, é via assessoria de imprensa e que eu hesitava, na verdade, porque geralmente aí vira só mesmo uma propaganda. Mas, de qualquer maneira, se fosse um super lançamento, aquisição de direitos, uma coisa super importante, eu sempre dava. E a outra, que é conversando, indo a eventos, ou mesmo, por exemplo, eu estou fazendo uma reportagem sobre clássicos em quadrinhos. Aí, para isso, eu tenho que conversar com vários editores e autores. Aí no meio da reportagem surgia, o cara soltava alguma coisa, eu anotava. Aí depois eu perguntava para gerar como nota. Então, era ficar ligada o tempo todo. Ao longo da semana inteira, também acontecia de em uma semana sobrar para a outra, mas ao longo da semana inteira eu ia juntando as coisinhas, aí na quinta-feira eu escolhia ali o que eu achava que era mais importante, aí investia mais. Ligava para mais gente, para fazer o abre, o texto de abertura e tal. E o fechamento deveria ser na quinta-feira à noite, e na sexta as mudanças, mas eu que sou meio “cri-cri” com essas coisas, eu acabava fechando na sexta-feira. Porque às vezes chegava coisa nova na sexta-feira.

12) Mas então a decisão sobre o que ia ser publicado era sua?

Então, num primeiro momento [era diferente]. Digamos que eles foram confiando mais em mim. Porque, no começo, quando surgiu, tem muita gente que acha que eu fui contrata para ser colunista. E não foi nada disso. Na verdade, eles nem sabiam, eles construíram. A ideia era que [trabalhasse] eu, o Bira, o Toninho e a *. Só que assim, o Bira é o editor do *Caderno 2*, o Toninho é repórter especial. Então, acabou meio que sobrando para mim tudo mesmo. Então, no começo eu sempre tinha que mandar as notas para o Rinaldo, para avaliar com a Laura, para ver se era isso mesmo e tal. No final, eu só... É assim, o Rinaldo é uma pessoa ótima para trabalhar, ele super confia e tal. Então, às vezes quando eu mesma estava na dúvida, se o abre era um ou outro, aí eu mandava e perguntava pra ele, e ele dava a sugestão.

13) E qual era o papel do Ubiratan?

O Bira é o repórter mais produtivo do jornalismo cultural, eu nunca vi uma pessoa escrever tanto. Porque ele é editor do *Caderno 2*, e além disso ele é repórter de literatura. Então, ele acumula funções ali. Então, como ele editava o *Caderno 2 Domingo*, que também tem literatura, num nível menor, [na verdade] todos os dias no *Caderno 2* tem um pouco de literatura. Mas acabou virando uma coisa muito informal, assim, o caderno de literatura é o *Sabático*, mas muita coisa acabava saindo no domingo também. Então, ele às vezes vendia para lá, [para o *Sabático*]. Porque como são dois editores, porque ele e o Rinaldo estão no mesmo patamar, é o mesmo cargo, um no *Caderno 2*

e outro no *Sabático*. Teoricamente, o editor de livros era só o Rinaldo. Só que como o Bira se interessa pelo assunto, era sempre negociado entre eles ali, conversado.

14) E ele te passava notícias para a “Babel”?

Nas poucas vezes em que ele me passou eu assinava o nome dele no pé [da seção]. Ele me dava uma nota, ou às vezes ele “cantava a bola” de uma informação para eu apurar.

15) E nas outras seções? Como é o trabalho do repórter ao cobrir as pautas do caderno?

Às vezes quando chegava um livro que o Rinaldo achava interessante eu fazer, ele me passava, uma entrevista com o autor, alguma coisa assim. Uma coisa que foi uma iniciativa muito minha, foi dar ideias de reportagens ligadas ao mercado, foi uma ideia que eu comecei a sugerir e eles aceitaram e eu comecei a fazer. Tipo, o cenário da literatura infantil, ou aplicativos de livros etc. Foi uma coisa que eu ia, como eu fazia a “Babel”, eu ficava sabendo de umas histórias meio que eu achava que a coluna não tinha espaço suficiente para explorar, e eu conversava com o Rinaldo. E o Rinaldo era sempre muito aberto a sugestões. E eu fazia umas matérias grandes ali. Porque assim, o *Sabático* não tinha uma equipe fixa. Como você viu, o nome do Bira aparece no expediente, só que ele não era só um repórter especial do *Sabático*, ele também era editor do *Caderno 2*. O Zanin, que também aparece lá, nem repórter do *Sabático* ele é, ele é colunista de esportes, crítico de cinema e tal. E o Toninho é o grande, para mim acho que o melhor repórter de literatura do Brasil, acho ele meio fora de série. Mas a decisão final do que entra no caderno é sempre do Rinaldo, mas ele é muito aberto a sugestões, conversa, negocia, ele é muito gentil, muito político. Se alguém queria dar uma capa, ele argumenta, diz para segurar para a semana seguinte, porque o outro assunto é mais importante e tal. A preocupação que ele sempre tinha era ter abordagens variadas, literatura americana, ou uma entrevista, um perfil, um ensaio, geralmente ele separa por isso, literatura mexicana, sei lá.

16) Você não trabalhava exclusivamente no *Sabático*. Como era a divisão de seu tempo de trabalho entre os cadernos culturais do jornal?

Não, não. Era uma coisa meio louca, porque eu era repórter do *Sabático*, fui contratada para ser repórter do *Sabático*, mas eu, de alguma maneira, também respondia ao Bira. Tinha meio que dois chefes. Digamos assim, meu chefe oficial era o Rinaldo, mas eu também respondia ao Bira. Então, eu não tinha a obrigação de vender pautas para o *Caderno 2*, mas num ambiente de jornal, você sabe que todo mundo precisa de ajuda, as equipes são pequenas e tal. E eu gosto de escrever também, se eu ficasse só no *Sabático* eu ia acabar escrevendo muito menos do que eu gostaria. Então, eu sempre tinha que vender primeiro para o Rinaldo, e aí se o Rinaldo não quisesse, não pudesse etc, eu vendia para o Bira.

17) Tem informações sobre a recepção do público ao *Sabático*?

Então, confesso que não chega até a gente muita coisa. Os comentários que chegavam até mim eram muito interessados, de escritores, ou editores e tal, e todo mundo fala que adora. Mas eu já não saberia dizer [com maior profundidade]. Vez ou outra tem comentários no blog, do pessoal falando do *Sabático*. Mas imagino que seja um público muito restrito, mas é um público que abre o jornal no sábado e o primeiro caderno que pega para ler é o *Sabático*.

18) Você acha que o *Sabático* continuará circulando por muitos anos, assim como foi com o *Suplemento Literário*, que durou 18 anos?

Olha, eu espero que sim, mas eu não sei nem se os jornais irão durar 18 anos daqui pra frente. Mas eu espero que sim. Eu achei, voltando à coisa de que havia essa preocupação no *Estadão*, se se fazia um caderno só de literatura ou um caderno que fosse de reflexão sobre vários assuntos de cultura, eu achei muito bom ter um caderno só de literatura. Inclusive porque tem poucos bons suplementos só de livros hoje em dia. Tem aquele *Babelia*, do [jornal] *El país*. Sou super a favor. Se vai durar eu não sei, é totalmente especulação minha, mas se for pensar só pela lógica de mercado, o *Sabático*

não duraria muito. Se um dia eles precisarem cortar gastos, acho que o *Sabático* estaria ali entre os primeiros a correr risco. Mas, se eles pensarem na coisa do prestígio, enquanto eles pensarem nisso [vai durar]. E o *Estadão* é um jornal que tem a coisa do leitor que é um leitor de alta classe, um leitor sofisticado etc, então eu acho que pode ser que continue.

19) Então você acha que o *Sabático* não gera faturamento direto para o jornal, contribuindo com o aumento nas vendas, assinaturas e/ou anunciantes, e significa apenas um ganho simbólico, agregando prestígio ao jornal?

Isso sou eu especulando. Sobre isso também o Rinaldo é melhor para falar. Mas eu tenho a impressão de que o *Sabático* é muito mais prestígio, e que eles meio que sabiam disso quando lançaram o caderno, não foi uma coisa [inesperada]. Em nenhum momento eles pensaram em lançar um caderno para ganhar dinheiro, com certeza. Ah, e tem uma coisa também de prestígio na academia. Isso é importante. Porque o jornal, é uma coisa interessante para o jornal repercutir dentro da universidade. E no jornal hoje em dia, embora o *Estadão* seja um jornal, como eu falei, mais sofisticado e tal, num jornal não existe espaço hoje em dia para um acadêmico, para um professor de universidade escrever. Para um grande nome da universidade. Então o *Sabático* também foi um pouco isso, além de não só repercutir entre o leitor comum, atrair esse leitor sofisticado, mas também, eu acho que é isso, levar um pouco o *Estadão* para dentro da universidade.

20) Por meio dos autores que estão escrevendo?

Dos resenhistas. São autores que são convidados para fazer resenhas. Disso também quem pode falar melhor é o Rinaldo, que escolhe as pessoas que vão escrever. Ele tem uma preocupação ali em pegar autores jovens e professores que são os grandes nomes, Walnice [Nogueira Galvão], os grandes nomes ali da USP, ou de outras universidades, federais ou particulares.

21) Por que algumas edições do *Sabático* possuem 6 ao invés de 8 páginas? Nesses casos, há seções cortadas ou apenas redução na publicidade? A quem cabe a decisão sobre o que cortar?

Aí é a coisa do anúncio. O *Sabático* foi pensado originalmente para ter 8 páginas. É um pouquinho complicado, o Rinaldo vai saber explicar. É uma conta que o jornal tem que é o seguinte, todos os cadernos precisam ter uma determinada porcentagem de anúncios. Então, se você não tiver tantos anúncios depois de um tempo você fica devendo páginas. Devendo é um termo que eles usam, mas você não fica devendo para ninguém na verdade, é só para eles calcularem. É gastos mesmo. Então, se num determinado momento não tiver tantos anúncios, reduz. Mas isso é meio padrão, vários cadernos têm isso. Não é só o de literatura, não. De tempos em tempos eles põem menos páginas para a cota deles de páginas/anúncios não estourar.

22) E aí quem escolhe o que vai ser cortado nas edições de menos páginas é o Rinaldo?

É o Rinaldo. Toda decisão editorial ali [é dele]. Ele tem acima dele a Laura Greenhalgh que é a editora executiva do núcleo de cultura. E ele decide com ela, ele bate isso com ela. Mas a decisão toda editorial, o que entra, o que não entra, o que vale investir mais para frente, isso tudo é o Rinaldo. Ele conversa com os repórteres, ouve muito, mas a decisão é dele.

23) Na edição de 2010 do Fórum das Letras de Ouro Preto, a editora executa do *Estadão*, Laura Greenhalgh, afirmou que o *Sabático* é o “Suplemento Literário dos tempos da internet”. Em sua opinião, em que medida o *Sabático* é uma releitura do *Suplemento Literário*?

Vou deixar isso para o Rinaldo responder.

24) Mas você acha que há ligação entre o *Sabático* e o *Suplemento Literário*?

Eles procuraram fazer, tem ali aquele rodapé e tal [a seção “Do Suplemento Literário”], mas acho que a ideia, com certeza o *Sabático* só foi criado como uma celebração do *Estadão*. Eles chegaram até a pensar em colocar o nome de *Suplemento Literário* de novo, mas acharam melhor não. Acharam que talvez ficasse parecendo uma coisa mais antiga e tal. Mas, acho que tem. Eu não conheci o *Suplemento*, acabou foi em 70 e poucos, eu não tinha nem nascido. Eu já vi muita coisa, naquele tempo tinham jornais muito maiores, muito mais espaço para texto e tal. E era um momento também, era o Antonio Candido etc. O *Suplemento Literário* também revelou muita gente, eu não sei se o jornal de papel, hoje em dia, tem a força que o jornal de papel tinha naquele tempo para poder, até definir rumos da literatura.

25) Existe alguma relação entre os suplementos literários e a produção editorial do país? Como avalia esta interface?

Não, não, acho que não. O suplemento não influencia a produção editorial. Acho que influencia mais naquela questão das livrarias, que eu falei, de exposição dos livros. Mais no sentido, que eu falei, das editoras se sentirem obrigadas a publicarem literatura para saírem no suplemento. Acho que outros fatores, como o mercado, a avaliação dos leitores [influenciam mais]. Não acho que o suplemento interfira na produção editorial, não.

26) Mas você acha que o suplemento interfere na venda de livros?

Interfere nesse sentido que eu falei, do livreiro colocar o livro com mais exposição. Mas com certeza, se saiu um livro que foi capa do suplemento literário, alguém, algumas pessoas vão comprar por conta disso. Não sei se é um número relevante para mudar o mercado. Por exemplo, os grandes *best sellers*, um deles, o “Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil”, virou um *best seller* sem nunca ter saído resenha dele nos suplementos dos jornais. Depois que ele virou *best seller* começou a sair resenha. Acho que é um pouco mais sutil. Se eu não me engano, a primeira pessoa que falou dele, quer dizer, a *Galileu* fez um capa, mas a *Galileu* não é uma referência de literatura, quer dizer, nem o livro é literatura, mas a primeira pessoa, nos jornais, a comentar sobre esse livro, se não me engano foi o Pondé na *Folha*. E isso foi depois de alguns meses, quando o livro já estava começando [a vender muito], acho que até o Pedro Bial já tinha comentado do livro. E recentemente, o segundo livro do Leandro Narloch, que é o autor, foi capa da *Ilustrada*. Mas só foi capa porque o primeiro livro deu certo.

Entrevista com Rinaldo Gama

Rinaldo Gama é jornalista, Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e editor do *Sabático*, tendo participado de sua criação. Antes, no mesmo jornal, editou os suplementos *Cultura* e *Aliás*. Publicou, entre outros livros, *O guardador de signos: Caeiro em Pessoa* (Perspectiva). Entrevista realizada pessoalmente, na sede do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 19 de setembro de 2011.

1) Como escritor e jornalista, doutor em Comunicação e Semiótica, como sua formação acadêmica contribui para sua atuação no Jornalismo Cultural e no *Sabático*, em particular? Comente essa contribuição em aspectos de conteúdo e estética.

Na verdade eu imagino que essa duplicidade de formação pode ajudar a qualquer jornalista, de qualquer área. Acho que é bem importante que o jornalista tenha um pé no mercado, na redação, e o outro pé na formação acadêmica. É errada a ideia de que isso só seja importante, fundamental, para a área cultural, ou seja, para o Jornalismo Cultural. Acho isso um equívoco, acho que é importante para todas as áreas: Economia, Política, Internacional. E por que eu digo isso? Porque o Jornalismo no Brasil tem uma característica curiosa. Temos aqui graduação em Jornalismo, o que não é comum em todos os países. Existem países em que não existe graduação em Jornalismo, portanto, as pessoas vão procurar na pós-graduação aquilo que no Brasil os estudantes aprendem na graduação

em Jornalismo. Isso é uma vantagem, no caso do Brasil. Ora, se você tem a graduação em Jornalismo, que é o lugar para você aprender técnicas e exercitar essa prática do Jornalismo, e isso é possível para os estudantes brasileiros, então me parece natural que em um segundo momento da carreira acadêmica, de estudos, o interessado em trabalhar em redação se volte à academia para ter uma formação mais aprofundada naquela área na qual ele pretende atuar dentro do Jornalismo. Essa área aos poucos vai se formando na cabeça do estudante, eu sei disso porque fui professor de Jornalismo, da graduação, e você chega já no final do curso com mais ou menos uma ideia da área em que vai atuar. Portanto, num segundo momento você pode procurar uma formação acadêmica em nível de Mestrado, e depois de Doutorado, nessa área que você quer atuar. Isso só ajudará você numa redação de jornal. Como é que essa ajuda se dá na prática? Se você é alguém da área cultural, existem alguns jornais no Brasil que a primeira exigência que eles fazem quando querem contratar novos profissionais é saber se o interessado está fazendo algum curso de pós-graduação em alguma área. A área pode ser até Comunicação, não estou dizendo que precisa ser somente em áreas das editorias, Internacional, Economia, Cultura, etc, pode ser até em Comunicação. A ideia que você tenha uma formação acadêmica é que você possa trazer para o Jornalismo diário, semanal ou mensal um nível de compreensão e de elaboração que fará com que na imprensa que o jornalismo diário, por exemplo, exige, você seja capaz de sintetizar as informações com algum grau de complexidade, apesar de estar trabalhando com pouco espaço, imprensa. O seu discernimento para saber o que é mais importante ou menos importante será tanto mais razoável, me parece, quanto maior for o seu repertório. E é por isso que eu entendo que essa formação deveria ser objeto de interesse, busca, procura, dos estudantes ou dos interessados, dos profissionais que acabaram de entrar no jornal de qualquer área, não apenas da cultural. Na área cultural isso se sobressai porque é na área cultural o lugar do jornal em que você pode, inclusive, trabalhar com o discurso acadêmico. É por isso que parece que só na área cultural isso é importante. Nas outras áreas é mais raro que você publique um ensaio, ou faça uma entrevista em profundidade, como se faz com uma certa frequência nos cadernos de cultura. Mas não é verdade que somente na área cultural isso seja importante. Pela razão que expliquei: você precisa ter muito repertório para decidir rapidamente o que é importante ou não, para definir o que vai entrar no jornal, na sua editoria, o que é manchete, o que não é manchete. Você só é capaz de fazer isso, se não for por intuição, e é péssimo você se levar por intuição no Jornalismo, se você tiver um repertório acadêmico mais sólido do que aquele que foi dado apenas na graduação. Então, como contribuí, no meu caso? Contribuí assim, acho que, com a formação que tive, tenho um pouco mais de propriedade na hora de fazer algumas escolhas, ou orientar algumas pautas que sejam objeto, no caso agora, do caderno *Sabático*. E já foi útil em outros cadernos, em outras seções, em que eu trabalhei.

2) Como avalia a formação cultural do povo brasileiro em geral, dos leitores de jornais e revistas e, de que forma, em sua opinião, cadernos culturais contribuem para a cultura desses leitores?

Em primeiro lugar, é importante lembrar que um jornal ou uma revista tem diferentes camadas de leitores. É uma ilusão, ou até uma ingenuidade, você supor que o jornal está falando com todos os leitores ao mesmo tempo. Isso não existe. Nenhum jornal, nenhum veículo de comunicação, é capaz de falar ao mesmo tempo com todos os leitores. Ele fala com alguns leitores em alguns momentos, ele jornal, ele revista. Cada grupo de reportagens, matérias, cada editoria, tem um público que, em alguns casos, pode ser comparado e ser semelhante, ou até o mesmo, e em alguns casos definitivamente não é o mesmo público que lê uma editoria ou lê outra editoria. Isso para mim é muito claro. Então, quem procura um caderno de Economia, um caderno de Esportes ou um caderno de Artes e Espetáculos e de Cultura de um modo geral pode não ser, e frequentemente não é, a mesma pessoa. O mesmo tipo de pessoa, o mesmo tipo de leitor. Ora, se não é o mesmo tipo de leitor alguns cuidados devem ser tomados. Se você quer falar com um leitor de um caderno de Esportes, você tem que tomar alguns cuidados, e outros não. Você pode se dar ao luxo de dizer, na capa do caderno, que “o Brasil de Leandrino se classificou para a Olimpíada de 2012”. O sujeito

que lê o caderno de Esportes sabe que esse jogador é um jogador de basquete, ele não fará nenhuma confusão se aquilo é vôlei, se é natação, se é tênis, ele não fará essa confusão. Do mesmo modo, eu posso me dar ao “luxo”, sempre entre aspas, de dizer numa chamada do *Sabático* que tal escritor é um herdeiro de Jean Paul Sartre. Eu necessariamente não preciso dizer ali quem foi Jean Paul Sartre. O que é importante fazer, e isso é difícil, é o seguinte, você precisa achar um equilíbrio. Equilíbrio entre isso que acabei de dizer e o esforço de conquistar novos leitores. Então, um sujeito que nunca ouviu falar no Jean Paul Sartre, como é que eu vou fazer com que esse cara se interesse pelo Jean Paul Sartre de maneira que, daqui a X anos, a pessoa que estiver no meu lugar não precise, para aquele leitor, dizer quem é o Jean Paul Sartre. Esse é o grande desafio do Jornalismo Cultural. Você não pode ofender quem já sabe, como se estivesse dizendo que se trata de uma pessoa ignorante, e não pode desprezar o seu eventual futuro leitor, aquele que não sabe do que se trata, do que você está falando. Como é possível fazer essa conciliação? Por sorte, acho que o Jornalismo Cultural tem uma característica forte, não digo que é maior do que nas outras seções do jornal, mas é bastante visível, que é uma preocupação muito acentuada na elaboração do texto em si. O Jornalismo Cultural trabalha com uma preocupação estilística que costuma ser maior do que em outras seções do jornal, por motivos mais ou menos auto-explicáveis. Seja porque você está lidando com um objeto que facilita esse investimento, Literatura; Cinema; Artes Plásticas, seja porque as pessoas que se dedicam a essas áreas, também por motivos auto-explicáveis, são capazes de produzir esse texto mais elaborado do ponto de vista estilístico. Quem escreve sobre literatura pressupõe-se que seja alguém que lê muito. E ler, eu costumo dizer que ler é escrever. Você não sabe, mas quando você está lendo você está também escrevendo, ou está aprendendo a escrever. Então, outra facilidade. E não existe outro caminho que não seja esse para conquistar esse leitor que ainda não sabe do que você está falando, do que está ali anunciado. Você só pode conquistá-lo através do texto. Não há outro caminho. Porque em geral o assunto é complexo, os autores têm obras sofisticadas, etc. Você só pode encorajar alguém a entrar nesse mundo se você mostrar que esse mundo não é chato, não é intransponível, ao contrário, que ele é atraente, que ele é possível de ser penetrado, é acolhedor, inclusive. Você só pode conquistar o leitor dessa maneira. E aí não tem outro remédio, não tem outra saída, é um trabalho muito exaustivo de elaboração de texto e de apresentação daquele conteúdo. Então um caderno de cultura obrigatoriamente tem um acabamento que precisa ser muito consciente do leitor que ele quer atingir. Não estou dizendo que nas outras partes do jornal não é assim, só estou dizendo que nas outras partes do jornal, como se trata, via de regra, de fatos bastante recentes com os quais o jornal está trabalhando, eles se auto-impõem, falam por si da sua importância. “Os EUA eliminam o Bin Laden”, isso fala por si. A importância disso. Ou o terremoto; o tsunami; ou uma denúncia, “O ministro pagava sua empregada com dinheiro público”, e assim por diante. Isso tem em si mesmo uma carga de importância imediata, um apelo muito forte da notícia. No nosso caso nem sempre é assim. Então você vai conseguir atrair esse leitor novo através do texto. E é importante você ter esse cuidado porque, do contrário, você estará sempre falando para as mesmas pessoas. E essas pessoas um dia vão morrer. E então você vai morrer junto, você o caderno. Ao mesmo tempo em que você não pode desprezar aquelas pessoas que dedicaram 20, 30 anos da vida delas àquela área em que você está atuando, você não pode perder de vista, jamais, o leitor que você quer conquistar. Ou seja, aquele cara que não tem a menor noção de quem foi Saramago, quem foi Fernando Pessoa, ou tem uma remota, não ter a menor noção foi um exagero, de quem terá sido Camus, Gabriel García Márquez, e assim por diante. Você traz esse sujeito para o seu mundo com a seguinte promessa: eu garanto a você, leitor, que isso não é chato, que você vai entrar num mundo que é acolhedor, esse mundo vai receber você bem e uma vez dentro dele você ficará tão fascinado que você não deixará mais de persegui-lo. Esse é o ideal de um caderno de cultura, especialmente de um caderno de livros. E se é de livros, mais do que em qualquer outra das áreas você só vai conquistar esse leitor mostrando que esse instrumento, essa ferramenta com a qual você trabalha é a mesma com a qual ele vai se defrontar, o livro. E que é tão atraente quanto. Não é uma coisa simples de fazer, não. Não é mesmo. Mas é a única forma que você tem de não ofender quem já conhece, quem já sabe, porque uma pessoa que já tem uma

formação, ela sabe perceber rapidamente, numa frase, que aquele texto é bem escrito, e, ao mesmo tempo, tentar trazer o leitor novo. Aquele que tem uma vaga noção do que seja aquele livro, aquele autor, tá passando pelo jornal ali e tirou um caderno procurando um caderno e achou o seu e pensa: “nossa, interessante isso aqui”. E começa a ler, e vai embora. Esse é o desafio.

3) Qual é a sua trajetória no *Estadão*? Quando entrou no jornal? Quais cargos ocupou?

Na verdade eu não estou aqui há muito. Entrei no *Estadão* na última semana de outubro de 2008. Eu vim para cá para editar um caderno que se chama *Aliás*, que é um caderno que sai aos domingos, cuja matéria prima é o noticiário da semana, em cima do qual ele reflete. Então é um caderno que tem, portanto, uma pegada intelectual, cultural, porque ele quer aprofundar os assuntos que foram os mais destacados da semana. É como se fosse uma revista, uma revista semanal. Eu vim para editar esse caderno, até porque, como eu disse, ele tem um pouco de revista, e eu trabalhei 8 anos na *Veja*. Então um pouco do *approach* do *Aliás* se aproxima, em alguma medida, daquilo que as revistas semanais fazem. Então você pega um assunto da semana e você entrevista um grande especialista sobre aquele assunto, ou mais de um, ou você encomenda artigos sobre aquele tema e assim por diante. Então é um caderno que, não por acaso aqui no *Estadão*, também está sob a mesma chefia executiva em que estão o *Sabático*, o *Caderno 2*, que são cadernos mais propriamente de artes e espetáculos. Outubro, última semana de outubro de 2008. Em março de 2009 eu fui transferido para um caderno que se chamava *Caderno 2/Cultura*, que era um caderno que saía aos domingos, com a incumbência de fazer um novo caderno, de transformar esse caderno, cuja contribuição, segundo o entendimento do jornal, já havia sido dada, era preciso que ele fosse renovado. Então eu comecei a trabalhar no projeto da renovação do antigo *Cultura* com a Laura Greenhalgh, que é a editora executiva para os cadernos e suplementos culturais do *Estadão*, com esse objetivo: fazer o novo *Cultura*. Era assim que a gente chamava: o novo *Cultura*. Logo nas primeiras reuniões, na segunda reunião, se não me falha a memória, ficou decidido, a direção do jornal entendeu que, já que o caderno iria mudar de dia de circulação, isso já era sabido, de domingo para sábado, e seria totalmente reformulado, seria importante que esse caderno tivesse um outro nome. Esse foi o primeiro sinal de que as coisas iam mudar para valer. Numa terceira reunião surgiu da pessoa que, na ocasião, era o editor chefe do jornal, mas estava deslocado para fazer a reforma gráfica do jornal como um todo, que é o Roberto Gazzzi, a sugestão de que o caderno fosse voltado só para livros, e não para todas as áreas da cultura como era o *Caderno 2* de domingo, o *Cultura*. Ou seja, o que o jornal fez foi um movimento, de certa maneira, na contracorrente do que estava sendo verificado no mundo. Eu falei isso nesse dia, quando houve essa proposta eu falei isso. Para mim, que tenho essa formação, não poderia haver notícia melhor, que o jornal fizesse um caderno dedicado a livros. Mas era bom lembrar que não fazia muito tempo o *Washington Post*, por exemplo, havia fechado o seu caderno de livros. Portanto, nós estávamos indo na contracorrente, o que era excelente. Quando você vai na contracorrente significa que você é ousado, que você vai balançar o mercado, que você vai realmente renovar. E aí comecei a trabalhar em cima do projeto que era originalmente para um novo *Cultura*, e comecei a ver o que desse projeto poderia ser aproveitado para o caderno que fosse só de livros e o que mais ele precisaria ter sendo, portanto, um caderno dedicado só a livros. Desde o começo estava certo que era um caderno dedicado só a livros, e não um caderno de literatura. O que significa o seguinte: o livro é, para o *Sabático*, a mesma coisa que a semana é para o *Aliás*. Ou seja, a matéria prima. É preciso que haja um livro para a gente falar do assunto. A não ser que seja de um escritor, você pode ter um escritor que não esteja lançando um livro, mas você tem uma data importante, ou algo importante, aí você pode falar. Do contrário, é preciso que haja um livro. Essa é uma diferença, por exemplo, que o *Sabático* tem em relação ao antigo *Suplemento Literário*. O *Suplemento Literário* do *Estadão*, apesar desse nome, era cultura de uma forma geral, portanto, lá apareciam artigos sobre filmes, sobre uma peça de teatro. E eu só falo de teatro e de cinema no *Sabático* se tiver um livro como ponto de partida. Essa é uma diferença muito importante entre nós e o antigo *Suplemento Literário*, que no seu projeto inicial ia se chamar *Suplemento Literário e Artístico*. Depois ele ficou só *Literário*, apesar de ele continuar sendo

artístico também, voltado para as outras artes, e não só a literatura. Enfim, esses foram os cargos que eu tomei, com essa mudança de projeto do *Cultura* para o *Sabático*, para um caderno de livros, eu aproveitei algumas coisas desse projeto original que era para o *Cultura*. Por exemplo, uma seção que tem na página 2 que se chama “Babel”. Essa seção estava no projeto original do novo *Cultura*. Esse nome, aliás, me passou pela cabeça porque era para situar que ela era uma seção de notas do mercado, de bastidores de várias áreas da cultura, daí o nome “Babel”. Quando virou só literatura, melhor ainda, só livros, mais adequado. “A Biblioteca de Babel”, Borges, e tal, e aí são várias literaturas, chinesa, alemã, francesa, brasileira. Mercado, autor, tudo lá.

4) E o Caderno 2/Cultura acabou não sendo reformulado?

Não, aí o que aconteceu foi o seguinte, com essa decisão, que surgiu em fins de março de 2009 e no início de abril de 2009 eu apresentei uma lista de sugestões de nomes para o novo caderno. E naquela reunião as pessoas acharam interessante o nome *Sabático*. Não era ainda uma decisão, mas o curioso é que depois daquele primeiro momento, dessa lista, esse grupo que trabalhava no novo caderno, e era um grupo mínimo, muito pequeno, passou a se referir ao caderno como *Sabático*. Eu mesmo tinha o cuidado de não fazer isso, quando ia mandar um e-mail, eu dizia “com relação ao novo caderno,...”. Eu achava que era o nome que deveria ficar, mas, enfim, deixava para depois esse julgamento. E esse nome foi se impondo dentro desse grupo que trabalhava na formulação desse novo suplemento. Num certo momento, isso já mais perto do meio do ano, a pessoa que dirigia os trabalhos de reforma gráfica do jornal do ponto de vista estético, que é um designer brasileiro, mas que é sócio de um escritório de Barcelona, disse assim: “seria importante que o caderno tivesse uma espécie de slogan, uma coisa que falasse o que é, qual é a do caderno”. Aí eu pensei um pouco. *Sabático*. O que é o *Sabático*? Um tempo para a leitura. Sugeriu e foi aprovado, e ficou assim. Agora, já se sabia que se o caderno, esse novo caderno, viria para o sábado, o que aconteceria com o *Caderno 2* de domingo? A decisão foi criar uma marca, *Caderno 2 Domingo*, que seria um caderno com um approach também mais próximo da revista, em que predominassem perfis e entrevistas, e tivesse seções fixas, ou muito frequentes, pelo menos, como “Moda”, moda enquanto arte, e não da maneira como ela é tratada no suplemento *Feminino*, que continua existindo. A moda, modalidade da cultura, esse é que é o approach do *Caderno 2* quando fala de moda. O que significava, portanto, que o caderno *Cultura* deixava de existir. Então, no sábado o *Sabático* e um *Caderno 2* específico, que é o *C2 + Música*, é um *Caderno 2* dedicado 90% a música. Ele continua tendo ali algumas seções fixas, Sônia Racy, etc, que existem durante toda a semana, mas ele é predominantemente voltado para a cobertura de música. O que é uma inovação, porque não existia e não existe no mercado um caderno voltado para a música. Então no sábado o jornal decidiu ter um caderno de livros e um caderno de música. E no domingo, esse *Caderno 2 Domingo*, que também foi um nome que se impôs naturalmente, as pessoas se referiam a ele como “Caderno 2 de Domingo”, “Caderno 2 de Domingo”, acabou virando *Caderno 2 Domingo*, claro. Com essa preocupação mais próxima da revista, já que o *Estadão* não tem uma revista *stricto sensu*, como outros veículos têm.

5) De que forma seu trabalho como editor nos suplementos *Cultura* e *Aliás* contribuiu para seu trabalho no *Sabático*? Quais semelhanças e diferenças existem entre esses suplementos e o *Sabático*?

Acho que [contribuiu] sim, pelo seguinte. Sobretudo no *Cultura*. Mas vamos começar pelo *Aliás*. Se a gente imaginar que o *Aliás* é um caderno que procura aprofundar os temas da semana, ou por meio de entrevistas com especialistas, ou por meio de artigos que têm um caráter ensaístico, dá para notar que ele se aproxima um pouco do *Sabático* nesse aspecto. No caso do *Cultura*, embora fosse um caderno voltado para todos os segmentos das artes e dos espetáculos, já existia no *Cultura* uma característica forte, do ponto de vista da cobertura literária, que era a presença de duas páginas de resenhas. Então, o caderno *Cultura* já era um caderno que tinha, não uma prevalência, mas a presença muito forte de livros. Assim como outros jornais também têm em determinados dias da semana, não cadernos específicos de livros, mas com um envolvimento maior com livros. Como é o

caso da *Folha de S. Paulo*, por exemplo, cuja *Ilustrada* tem muitas páginas dedicadas a livros. É objetivamente mensurável que essas páginas aumentaram [no *Estadão*] consideravelmente depois de março de 2010. Mas é cobertura aos sábados, predominantemente. É o dia em que o jornal dá resenhas, etc. Não quer dizer que ele não possa dar em outro dia, como dá. O que não quer dizer também que a existência do *Sabático* implicou no fato de que o *Caderno 2* deixou de cobrir livros. Também continua cobrindo. Só que se concentra, no caso da *Folha*, na *Ilustrada* de sábado. Já que o jornal não tem, já teve, não tem mais um caderno dedicado a livros. Então o caderno *Cultura* tinha já, eu dei muitas, inúmeras capas para literatura enquanto era editor do *Cultura*. E dei capas para cinema, para fotografia, para música. Mas dei muitas capas para livros, porque era inclusive um dia, o dia forte da cobertura de livros no jornal.

6) Como foi o processo de criação do *Sabático*? É verdade que pretendiam relançar o *Suplemento Literário*?

Isso foi muito discutido. Se nós deveríamos inclusive relançar a marca do *Suplemento Literário* ou se devíamos manter a ideia, vinda da transformação do *Cultura*, de ser um novo caderno, com um novo nome. Isso foi discutido bastante por esse grupo, que era um grupo pequeno, formado basicamente por mim, pela Laura, que é editora executiva, pelo Gazzzi, Roberto Gazzzi, que é o editor chefe e estava começando a cuidar do processo de renovação, de redesenho do jornal, do novo projeto gráfico, e esse designer brasileiro, Francisco Amaral, que é sócio de um escritório chamado Cases [i Associats], que é um escritório de design de Barcelona. O Ricardo Gandour, que é o diretor de conteúdo, participou das primeiras reuniões. Foi ele quem disse, por exemplo, que um novo caderno tinha que ter um novo nome. Foi ele que pediu isso. E na sequência, foi o Roberto Gazzzi quem disse, por que ao invés de um novo *Cultura* não se fazia um novo caderno de livros? E aí ele mesmo chegou a levantar essa ideia, será que não seria o caso de trazer de volta o nome do *Suplemento Literário*? A conclusão foi que não, não era uma boa ideia. Porque a transformação do *Cultura*, a minha saída do *Aliás* para o *Cultura* veio, entre outras razões, pelo fato de que o jornal gostaria que o caderno fosse renovado. Ora, se o *Cultura* seria renovado não fazia muito sentido você, ao tomar a decisão de fazer um caderno de livros, você voltar. Vamos continuar nessa linha, de fazer uma coisa nova. Mas, considerando que o *Suplemento Literário* que circulou entre 56 e 74, foi um marco do jornalismo cultural brasileiro, o Roberto Gazzzi teve a ideia de criar uma seção no *Sabático* que reproduzisse matérias, artigos que foram publicados no *Suplemento Literário*. Assim nasceu a seção “Do *Suplemento Literário*” no *Sabático*. Que é um esforço de mostrar que o caderno teve articulistas da maior importância, tratou de temas muito importantes, e que isso pode ser trazido para o leitor quase como uma contribuição de memória. Memória do jornalismo brasileiro. Menos de curiosidade, e mais de memória do jornalismo cultural brasileiro. Porque foi, de fato, um momento muito feliz da produção. Tudo se encaixava muito bem ali. A literatura, a produção cultural brasileira estava numa fase esplendorosa, os escritores eram alguns dos maiores que já tivemos em toda a história da literatura, enfim. E eram colaboradores [do *Suplemento*]. Foi um momento muito especial do jornalismo e do *Estado de S. Paulo* de modo específico, foi uma contribuição muito importante.

7) De que forma a herança do *Suplemento Literário* do *Estadão* foi aproveitada para a criação do *Sabático*?

Essa ideia de que você possa fazer um caderno que reflita sobre todos os segmentos das artes e das ciências humanas, etc, tendo como ponto de partida um livro, isso é um eco, de certo modo, do antigo *Suplemento Literário*. O que estava por trás do *Suplemento Literário* é que se você está trabalhando com um livro, em alguma medida você está trabalhando com ideias e com discussões estéticas. Portanto, não havia nada de errado, isso sou eu dizendo, em relação ao *Suplemento Literário*, é um entendimento que eu tenho em relação ao *Suplemento Literário*, como ele foi concebido e como ele se apresentou ao longo daqueles anos. Não havia nada de errado em você ter um suplemento que se chamava *Literário* você ter crítica de teatro, crítica de cinema, de artes

plásticas, e assim por diante. Está embutida na ideia literária uma amplitude muito grande de discursos, não só de o de natureza verbal, que é o da literatura. Isso, no meu entendimento, faz algum sentido porque nós temos, nós eu digo o ser humano, nós temos uma tendência a enxergar tudo do ponto de vista da linguagem. Isso é natural porque, digamos assim, nós viemos com esse chip, traduzimos o mundo por meio da linguagem. Então tudo que é manifestação, nós tentamos traduzir. Traduzir nesse sentido *stricto*, transformar em linguagem. Porque é assim que a gente funciona. Então é curioso quando você ouve alguém falar na linguagem do cinema. *Stricto sensu* esse é um erro de nomeação. O cinema não tem uma linguagem, o cinema tem alguma coisa, que lhe é própria, e por meio da qual ele se expressa do ponto de vista dos processos de significação. Que não é necessariamente a linguagem, ou seja, não tem dupla articulação, nada daquelas coisas que a gente sabe a respeito da linguagem, do funcionamento da linguagem em si. Mas a gente fala “linguagem da televisão”, “linguagem da fotografia”. É uma tradução, uma inclinação nossa de trazer tudo para esse mundo porque nós funcionamos dessa maneira. É difícil escapar dessa conformação. Mas é sempre bom lembrar que o discurso verbal não é nem o único, nem o mais importante. Ele é mais importante do ponto de vista cultural, ele se impôs na cultura do ser humano. Mas quem é que disse que ele diz mais do que o desenho? Ou do que os sons? Ou do que as cores? Mas a gente traz tudo porque é o nosso modo de funcionar, do ser humano. O homem é um ser de linguagem. Então, no caso do *Sabático*, quando a gente tomou a decisão de que é o livro, não é a literatura, foi um pouco eco, podemos pensar, do *Suplemento*, e um pouco para fugir disso que acabei de dizer, que é um equívoco, um erro. Não dá para imaginar que tudo se reduza à linguagem, ou que tudo se reduza à literatura. O livro não é um instrumento da literatura, o livro é um instrumento da cultura, são coisas diferentes. Mas o nosso objeto, nosso ponto de partida, nossa matéria prima é o livro, ou seja, este modo de conceber a transmissão do conhecimento e de conceber a reflexão sobre o mundo que foi batizado de livro. Mas não é só quando esse instrumento se traduz na poesia, na ficção, é quando ele consegue abarcar todos esses assuntos. É natural que no mercado de livros você tenha uma produção de ensaística ou de literatura *stricto sensu* (ficção, poesia), maior do que de livros voltados, por exemplo, à fotografia, ou ao teatro. E é só, e única e exclusivamente por esta razão, que se você olhar todas as nossas capas você vai notar uma predominância de livros que têm a ver com a ensaística, ou com a ficção, ou com a poesia. Só por isso. Mas eu já dei capas do *Sabático* com livros de arte, fotografia, teatro e assim por diante. Porque eu tenho o tempo todo essa preocupação de não caracterizar o caderno como um caderno de literatura. É um caderno de livros, são coisas diferentes. Essa preocupação não deixa de ser uma extensão do que o *Suplemento* fazia, só que concebida de um outro modo. Porque o que o *Suplemento* fazia era natural naquele momento porque não existia, por exemplo, no *Estado de S. Paulo*, um caderno que cobria aquelas áreas. Hoje existe esse caderno que cubra, cinema, etc. Então eu, quer dizer, o *Sabático*, não precisa se preocupar com a montagem da peça, com a exibição do filme, ou com a exposição de artes plásticas, porque existe um caderno dentro do jornal que faz isso. Então eu me preocupo com essas coisas enquanto elas fazem parte, estão dentro do mercado editorial. Se tem um livro, começa a ficar muito forte a tendência desse assunto ser coberto pelo *Sabático* e não pelo *Caderno 2*. Embora o *Caderno 2* também publique. Porque não faz sentido, o *Caderno 2* sai todos os dias, de domingo a domingo. Eu saio uma vez por semana, seria uma insanidade se o jornal proibisse o *Caderno 2* de fazer porque ele correria o risco de atrasar a sua cobertura, às vezes em 6 dias, de algo muito importante. Não faria nenhum sentido.

8) A reforma gráfica e editorial pela qual passou o *Estadão* no início de 2010 apostou na noção de que conhecimento difere de informação. Em que medida o lançamento do *Sabático* está ligado ao novo projeto do jornal?

São duas coisas importantes. O conhecimento na informação é uma das bases da reformulação gráfica e editorial do jornal. Mas existe uma outra que é um desdobramento dessa, que diz o seguinte: num mundo em que a informação está muito presente, inclusive em outros suportes (na tela do seu computador, no seu celular, e assim por diante), como é que uma empresa produtora de

conteúdos pode querer ser vista pelo consumidor desse tipo de coisa? É preciso calibrar a sua distribuição de conteúdo de modo adequado para cada um desses suportes. O entendimento do jornal, que me parece correto, é que no caso do impresso a calibragem deve ser feita da seguinte maneira: eu tenho aqui uma informação. As pessoas podem até ter se informado sobre esse assunto, já sabem que isso aconteceu. Eu só mereço ser lido no dia seguinte se eu cercar essa informação de opinião, de um cenário, de interpretações. Se não, não faz sentido eu trazer, com 24 horas de atraso, uma informação à tona. Ora, todos esses gêneros que eu citei aqui, crítica, opinião, análise, cenário, são gêneros do jornalismo opinativo. Por ser opinativo, é de presença muito forte no *Sabático*. Ele é um caderno que tem coluna, ele tem resenhas, são gêneros do jornalismo opinativo. Então, nesse sentido, ele se encontra com muita naturalidade com o novo projeto do jornal. Ao mesmo tempo, o *Sabático* também tem reportagem sobre o mercado. E tem notícias sobre o mercado, tem uma seção que é dedicada a notícias sobre o mercado, que entra naquela outra coisa que eu falei, você tem a carga de informação, além da carga de opinião, análise, etc. Agora, a diferença da informação que o *Sabático* traz é que as informações que o *Sabático* traz, todo o nosso esforço é para que elas sejam exclusivas. Então, se é uma reportagem, é uma sacada, uma coisa que nós formulamos. A seção da página 2, a “Babel”, é uma seção de notas exclusivas. O que saiu na “Babel” não saiu em nenhum lugar antes. Essa é outra maneira de você, veículo impresso, se fazer merecedor da leitura no dia seguinte, ou na semana seguinte. É você não falar o que as pessoas já sabem. Parece natural. Então, você tem uma seção de notas com notas que são exclusivas. Você tem reportagens que partem, muitas vezes podem até partir de algum assunto da semana, a gente deu uma capa sobre a produção muito grande de livros no Brasil, que se baseava numa pesquisa que havia sido anunciada na terça-feira. Só que a nossa matéria aprofundava essa discussão sobre o que significa estar produzindo muitos livros. Então, você pode vencer o tempo curto de sobrevivência da informação por meio desses dois modos: ou analisando, opinando, criticando, ou fazendo da informação algo exclusivo, ou seja, a pessoa vai ler ali pela primeira vez. É o que a gente está tentando fazer.

9) Há espaço editorial no jornalismo para informações mais densas, que provoquem leitores mais exigentes, em busca de conhecimento e de cultura, e não apenas de informação?

É preciso diferenciar jornalismo de jornal. Então, o jornalismo é a atividade, e o jornal, também por essa força, terrível, no bom sentido, de atração da palavra, é o impresso. A gente fala assim: “o jornal da Globo”, que passa às 10 horas na TV Globo. Por que chama jornal? Jornal é um negócio de papel. Então isso também é um pouco daquele fenômeno que eu falei agora há pouco sobre a nossa inclinação em transformar tudo nesse universo da linguagem. Mas, enfim, o jornalismo pode se tornar, o jornalismo impresso, pode ser capaz de sobreviver ao ataque, vamos dizer assim, das outras mídias, somente por meio desses dois caminhos que eu acabei de citar, que a gente pratica no *Sabático*. Um é o caminho da opinião. Você opina ou você interpreta, são coisas diferentes, um determinado fato. Então você tem análise, você tem artigos que vão clarear para o leitor aquilo que aconteceu. Ou fazer ele ficar irritado, no caso de um artigo que ele não concorda, enfim. E o outro meio de fazer isso é você apostar, investir, naquilo que é informação exclusiva, que é uma coisa demorada e cara de fazer. Pra você ter uma informação exclusiva você precisa ficar, às vezes, uma semana, duas semanas, três, quatro, dois meses atrás de uma coisa, até você ter. É tempo e dinheiro. E o jornal sai todo dia, não pode esperar aquela apuração de mês para ir à banca. Então como é que você supre isso? Você precisa ter, num mundo ideal, uma equipe maior, que, enquanto um está apurando, a outra já está escrevendo para o jornal do dia seguinte. Aí, acabou de publicar o furo, a notícia exclusiva, vai a campo para uma outra coisa e vem aquela que estava trabalhando há duas semanas numa coisa e põe de novo no dia seguinte, e assim por diante. É caro. E é demorado de fazer. Mas é um caminho de sobrevivência do jornal impresso. O que é mortal para o jornal impresso é ele imaginar que 24 horas depois alguém vai se interessar. Passada essa geração que nasceu antes da existência dessas mídias, internet, etc, quando essa geração desaparecer, aquela que já nasceu com a internet dentro de casa não vai ter a menor paciência de ler algo 24 horas depois. Só

aquela notícia. Ela não vai ler. Ela não vai ter porque fazer isso. Por mais interessante e importante para a vida dela que a notícia seja, ela já sabe, ela não vai ler de novo. Então, ou ela vai ler no jornal impresso aquilo que ela não leu em nenhum lugar, ou ela vai ler aquilo que ela já sabe, mas cercado de formas que sejam capazes de decodificar aquele fato. O que aquele fato tem a ver com a vida dela, como vai transformar a vida dela, o que aquilo significa pra vida dela e para o mundo. Sem isso, o jornal impresso vai desaparecer. Ao mesmo tempo em que essa geração que nasceu antes da internet não quer isso, evidentemente. Agora, estou falando do jornal impresso, mas é algo que tenha a conformação do jornal impresso, pode até não sair em papel. Pode sair em iPad. Mas é uma coisa que não vai ter lugar se não tiver essa formatação. É preciso acostumar as pessoas a ler e se interessar por esse aprofundamento da notícia. Então, nesse sentido, eu sou até um pouco otimista. Acho que não é que as pessoas, por um milagre, pessoas desinteressadas, da noite pro dia, vão passar a ser interessadas. Não é isso. É que não vai haver outro tipo de jornalismo sendo feito a não ser esse. Esse que descende do jornal impresso. Vai haver outros tipos de jornalismo, sendo feitos por celular, informação de 144 caracteres, de 20 caracteres e assim por diante. Informação. As pessoas querem ser informadas o tempo inteiro. Isso vai continuar. Agora, o jornalismo, como foi concebido originalmente, vai ter essa natureza, mesmo que ele não saia em papel, mesmo que saia em outro suporte. É esse o futuro, na minha opinião, da revista e dos jornais. As revistas já faziam um pouco isso. Revistas semanais, eu digo. Quem está aprendendo e se forçando a isso agora com mais força é o jornal diário. Que é o jornal de papel, que se limitava a dizer no dia seguinte o que aconteceu ontem. Quando ele for para o iPad, num segundo momento, ele também não pode ser uma simples reprodução daquilo que ele ofereceria se estivesse no papel. Porque aí é tedioso, e é pouco inteligente, porque o iPad oferece oportunidades, recursos, que o papel não oferece. Então, para fazer um bom jornal em iPad você tem que usar os recursos do iPad, assim como para fazer um bom jornal em rádio ou em televisão você tem que usar os recursos. Nesse segundo momento, imaginemos que desapareça o jornal em papel, o que estiver sendo oferecido neste suporte que hoje se chama tablet vai ter que aproveitar os recursos que esse suporte oferecer. Esse parece ser o caminho.

10) A postura do *Estadão* seria uma alternativa ao jornalismo informativo e a busca pelo jornalismo diário mais analítico, a exemplo do jornal inglês *The Guardian*? Que resultados esta mudança tem trazido para o jornal?

O *Estadão* tradicionalmente, se você perguntar para um leitor qualquer qual é a ideia que ele tem do *Estado de S. Paulo*, é muito provável que ele responda com um adjetivo: pesado. Tem dois modos de você entender. Isso pode ser algo negativo, ou algo muito positivo. Eu sempre achei esse adjetivo algo muito positivo. Tenho uma certa dificuldade com coisas leves, superficiais, engraçadas. Eu tenho um pouco de resistência a esse tipo de coisa, por temperamento. Agora, essa ideia de que o *Estadão* é um jornal pesado, quando ele fez a reforma gráfica, o primeiro mandamento da reforma foi assim: o *Estadão* vai se renovar, vai ter um desenho mais moderno, mais ágil, etc, sem deixar de ser o *Estado de S. Paulo*. Esse era o desafio do escritório de Barcelona. As pessoas ficaram assim, “como vamos fazer isso?”, “como vamos fazer um jornal mais atraente, mais leve do ponto de vista estético, sem perder aquilo que é uma marca do jornal?”. O jornal não pode jogar 136 anos, 135 naquela ocasião, pela janela, em nome de uma suposta capacidade, com essa transformação, de atrair os novos leitores, os emergentes, a nova classe C. Não dá para fazer isso, você não pode jogar 135 anos de história pela janela para atingir os 40 milhões de brasileiros que saíram da linha de pobreza. Imaginando que você vai atingi-los. Porque é um erro você achar que vai atingi-los. Já houve experiências recentes de outras empresas que investiram em veículos impressos para esse público e todas foram fadadas ao fracasso. Por quê? Porque esse público vai procurar algum tipo de informação? Claro que vai. Ele vai procurar algum tipo de conhecimento? Claro que vai. Mas, como? Nem tanto mar, nem tanta terra. As pessoas são sensatas, elas não vão atrás de algo que percebam que está muito distante delas. Elas vão atrás de algo que está mais próximo. Então elas não vão lá no *Estadão*, elas vão numa coisa mais próxima delas. E assim, um

dia pode ser que ela possa chegar no *Estadão*, mas ela não vai começar no *Estadão*. Então, se o *Estadão* jogasse no lixo 135 anos para virar um jornal, entre aspas, “popular”, o que ele estaria fazendo? Ele perderia o seu público, aquele que é cativo, que aprendeu a lê-lo e a respeitá-lo, e não conquistaria esse público emergente. Então seria uma “tontisse” sem tamanho. Então, o que o jornal fez? Nós vamos crescer e nos modernizar sem deixar de ser o *Estadão*, tudo foi feito com base nisso. Agora, vamos esquecer que um dia esses leitores que assinam o jornal há 40 anos morrerão e serão substituídos por leitores que nasceram com iPad, e com a internet e tudo mais? Não, não dá para esquecer. Não é nem um pouco por acaso que o jornal criou um caderno de música. Não é por acaso. O caderno de livros já era uma tradição, ele só retomou uma coisa que o mercado estava ignorando e fugindo como o diabo da cruz. O suplemento de livros, todo mundo fugindo do suplemento de livros, “não dá dinheiro”, “ninguém lê”, aquela coisa. No mesmo movimento, ele apostou numa coisa que é do jovem. O jornal é patrocinador do Rock In Rio. Um jornal de 136 anos tá lá no Rock In Rio. Isso não é por acaso, isso é um olhar que pretende não perder a sua credibilidade, a sua marca de 136 anos, aquilo que ele conquistou, as suas tradições, porque o *Sabático* é um herdeiro, de algum modo do *Suplemento Literário*. Eu não sou o Décio de Almeida Prado, não sou o Antonio Candido, não é essa a pretensão, mas tenho certeza de que o caderno que eu ajudei a fazer e edito é um herdeiro dessa tradição. Portanto, todo cuidado é pouco. Quer dizer, estou falando de Antonio Candido, estou falando de Décio de Almeida Prado, estou falando de Paulo Emílio Salles Gomes, estou falando da geração *Clima*, é um colosso, é avassaladora a influência dessas pessoas na cultura brasileira. Então eu estou, com todas as proporções guardadas, prosseguindo esse trabalho. Agora, o caderno de música nunca existiu. Não existe em nenhum lugar. Uma vez eu falei que [entre] o jornalismo e a literatura existe uma cumplicidade de códigos, de signos. Então, você tem cadernos de literatura, cadernos de livros, é uma tradição. Fora dessa área, quais são as outras áreas da cultura ou das artes e espetáculos que têm suplementos próprios? Existe caderno de artes plásticas? Existe caderno de cinema? De fotografia? Só existe de uma outra modalidade, que é de televisão. De nenhuma outra área existe. E o *Estadão* foi lá e criou um caderno de música, que é uma das áreas de atração maior do leitor jovem. Eu montei um curso de pós-graduação na FAAP, de Jornalismo Cultural, e depois das primeiras disciplinas, que são mais teóricas, nas primeiras disciplinas práticas, que é um laboratório de crítica, as áreas que coloquei primeiro foram música e cinema. Os primeiros laboratórios de crítica. Depois vem a literatura, artes plásticas, dança, teatro. As primeiras foram cinema e música. Por quê? São as áreas que têm maior consumo, maior procura. Todo mundo vai ao cinema, muita gente vai ao cinema, muita gente ouve música e compra, etc. Não é a mesma coisa com teatro, nem com literatura, nem com artes plásticas. Enfim, nesse sentido, acho que o *Estado* fez um movimento correto, no sentido de se modernizar, mas sem perder algumas de suas características fundamentais. O “pesado” do *Estadão*, que as pessoas diziam antigamente, nada mais era do que um jornal que pensava sobre aquilo que havia acontecido, mais profundamente. As matérias eram maiores, ao contrário de outros veículos que com o tempo foram encurtando o texto.

11) Como os leitores do *Estadão* e do *Sabático* receberam o novo projeto do jornal e do *Sabático* em particular? Tem resultados de pesquisas de opinião? Quais?

Estamos numa fase assim: foi feita uma pesquisa qualitativa sobre a reforma. E nós editores tivemos já um retorno no geral. Agora, a direção está fazendo reuniões com setores específicos, com cada editoria. Isso está em processo. Ainda não chegou a minha vez, nem a do *Caderno 2*. Do ponto de vista do jornal como um todo, a pesquisa mostrou algumas coisas importantes. Por exemplo, que o jornal ficou mais agradável de ler. O que era um dos objetivos da reforma. E isso foi testado. Por que ficou mais fácil de ler? Porque esse projeto que está agora em vigor tem uma inclinação a horizontalizar as informações. Antes elas eram muito verticalizadas. E as pesquisas mostraram que quando a pessoa lê uma coisa na vertical ela se cansa. Ela acha que é longo. Você pode colocar o mesmo texto, no mesmo tamanho, quando você coloca na horizontal, elas acham que foi mais curto. Então, essa reforma horizontalizou o *Estadão*. A tipologia também ficou mais clara e um pouco

maior. Não tão maior quanto a de um concorrente nosso. Mas ficou maior. E com isso as pessoas passaram a ver o jornal como mais leve do que era antes, e mais fácil de ler. O que são duas vitórias, vamos dizer assim, do projeto. Não era muito fácil conseguir essa equação. Você ter o mesmo conteúdo, as matérias não diminuiram de tamanho, mas com uma apresentação que tornasse mais agradável para o leitor, mais agradável a leitura, esse foi o desafio que o escritório de Barcelona teve que vencer. Vários recursos de tipologia, de entrelinhamento, a distância entre uma linha e outra, foi criada uma tipologia própria do jornal, que não existisse em outro veículo, uma tipologia do *Estadão*. Algumas mudanças, por exemplo, a primeira página do jornal tem 5 colunas e não 6; o *Sabático* trabalha com o que a gente chama de coluna falsa, a medida da coluna do *Sabático* é diferente do resto do jornal, mas ao mesmo tempo ele tem brancos dos lados, ele tem o que a gente chama de coluna branca, que é uma coluna sempre da direita. São estratégias visuais que podem fazer com que um texto, como é o caso do *Sabático*, longo, porque os textos do *Sabático* são longos, não canse a leitura, ou não desencoraje, pelo menos, a leitura. [Permite que o leitor] entre no texto, porque ele está servido de vários recursos para isso. Mas esse retorno específico, só do *Sabático*, eu ainda não tenho.

12) E as cartas do leitor do *Sabático*?

O jornal tem uma central de cartas, que é o “Fale com o *Estado*”. No caso da internet, em que você pode mandar por e-mail, e tem cartas manuscritas. O que o “Fale com o *Estado*” me passa, muitas vezes, são pessoas que não sabem o que fazer; como divulgar um livro; sugerindo pauta, “mês que vem são tantos anos da morte de não sei quem, interessaria ao *Sabático* fazer...?”, mais isso e menos o “gostei de tal matéria”, “não gostei de tal matéria”, “concordo”, “não concordo”, isso já é mais raro, mais difícil de acontecer. E eu tenho um palpite do porquê isso aconteça. O leitor de um caderno como o *Sabático* não é um leitor que fica escrevendo para reivindicar coisas, não é esse tipo de leitor. É um leitor mais, vamos dizer assim, reflexivo, ensimesmado, e que é formador de opinião. São os próprios escritores, professores de comunicação ou de literatura, psicanalistas, historiadores, são pessoas um pouco com esse perfil.

13) Pode contar detalhes sobre os bastidores da reforma do jornal? O Daniel Piza comentou, num curso sobre Jornalismo Cultural que ministrou em abril desse ano (na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo), que existiam três opções de reformulação do *Estado*. Quais foram elas? Segundo ele, houve uma votação e a mais drástica foi a escolhida para entrar em vigor, alterando completamente o veículo e apostando no aprofundamento dos conteúdos. Quais os argumentos para essas mudanças?

Eu posso falar um pouco genericamente, não posso dar muitos detalhes. Mas o que posso falar, do ponto de vista genérico, é assim, imagine que o que aconteceu com o *Sabático*, você transporte para o jornal como um todo. O que aconteceu com o *Sabático* era uma renovação de um caderno de cultura. Isso antes do projeto gráfico. Então foi feito um projeto para esse novo caderno, que é o novo *Cultura*. O que existia nesse projeto gráfico, desse novo caderno, o que era? Era [algo que] trazia novidades no sentido de que teriam seções diferentes do que tinha no *Cultura*, mas ainda era o caderno *Cultura*. Você olhava e você reconhecia ali o antigo caderno *Cultura*. Quando surgiu a ideia de fazer um caderno só para livros, você sabe que a forma e o conteúdo são inseparáveis na literatura. As novas seções que foram sendo criadas para esse caderno, que era o de livros, gradativamente foram impondo um novo design para esse caderno. Estou falando o seguinte, tudo isso foi anterior à reforma gráfica do jornal, ao projeto da reforma gráfica do jornal. Isso é março, a reforma gráfica começa em maio/junho. Até lá, a gente tinha uns dois ou três desenhos do novo *Cultura*. Com o jornal, aconteceu a mesma coisa, ou algo muito parecido. A ideia de você transformar, fazer um redesenho, como ficou sendo chamado aqui, até hoje, é chamado o que aconteceu ano passado como redesenho. Ou de você fazer uma reforma gráfica. Redesenhar significa fazer uma reforma, mudar, e nós mudamos. Nesse sentido, o que aconteceu foi assim, ainda que guardada aquela premissa de você não deixar de ser o *Estadão*, a mudança passou a ser

tão radical quanto foi o caso de transformar [o *Cultura*], não é sequer mais o novo *Cultura*, é um outro caderno. O que implicou, por exemplo, em você ter encomendado para um designer a criação de tipos, como o Estado Headline, que é um tipo do *Estadão*. Não existe tipo Garamond, não sei o que mais. Existe agora no universo das artes gráficas um tipo que é o Estado Headline, é uma tipologia do jornal, criada para o jornal. Foi um designer português que criou. Fez para o jornal. Isso é diferente de você pegar lá um catálogo de tipologias que existem no mercado e trazer para o jornal. É diferente. Você cria uma coisa que é só sua. Que leva em conta a idade média dos seus leitores, que leva em conta uma atitude do jornal, que o jornal não é popular, é um jornal de um extrato social mais elevado, uma série de considerações que foram postas na balança na hora de fazer esse desenho. O que esse leitor percebe? Se eu colocar aqui uma tipologia leve, esse leitor percebe? Percebe. Esse leitor percebe. O leitor do jornal *Diário de S. Paulo* não percebe. Então, essa diferença, como você tratar, por exemplo, a tipologia, é muito forte, é uma mudança de padrão. A gente ficou mais moderno, sem deixar de ser o jornal. Ninguém deixou de reconhecer o *Estadão* quando viu o jornal no domingo, dia 14 de março de 2010 na banca. Aquele é o *Estadão*, todo mundo sabia disso. Mas a diferença, você põe um do lado do outro [e vê]. Pega o *Cultura* e põe do lado do *Sabático*. É água, é muito diferente, e muito radical, nesse sentido que o Daniel falou. Que é uma atitude de transformar o jornal. Agora, como você se transforma sem deixar de ser você mesmo? Isso é que foi difícil, e isso é que foi um milagre do escritório e das pessoas que trabalharam nisso. Porque se você pegar a *Folha*, que fez uma reforma em maio do ano passado, pegue a *Folha* do dia anterior à reforma e a do dia da reforma. É outro jornal? É outro jornal. Se você olhasse aquele jornal, sem saber qual era, olhando pelos títulos, você diria que era a *Folha*? Você não diria que era a *Folha*. Poderia pensar no *Diário de S. Paulo*. No *Agora*. *Globo*. Não a *Folha*. Porque eles fizeram um design que é de maior apelo, um apelo mais popular. Os tipos são mais negritados, são mais robustos, maiores, então você olha e você tem a sensação de estar lendo um jornal popular. Isso indica um caminho. É a escolha que eles fizeram. Eles acham que devem seguir esse caminho, e aí então o produto, o jornal daquele domingo, não me lembro direito a data, acho que foi o último domingo de maio do ano passado, ele é muito diferente do jornal da véspera. Muito diferente. Nós somos diferentes, mas somos reconhecíveis. E eles não. Eu acho, na minha opinião, que se você parasse numa determinada página que tinha lá um desenho, e perguntasse para a pessoa: “de que jornal é isso aqui?”, ela não saberia que era da *Folha*. No dia seguinte. Duvido que ela reconheceria. No nosso caso, eu tenho certeza que a pessoa identificaria como sendo o *Estadão*. Essa é uma diferença. Foi uma mudança radical? Foi uma mudança radical nesse sentido, até mesmo nos investimentos, quer dizer, uma coisa é você pegar uma letra de catálogo e outra coisa é você criar uma tipologia só para você. Nesse sentido é radical. Ou no caso do *Sabático*, que é um desenho totalmente [diferente], ele não tem nada a ver com o resto do jornal, nem na coluna, até a coluna dele é diferente, a capitulação é diferente, ele é totalmente diferente do jornal. Então isso é muito radical, isso é criar cadernos que têm linguagens próprias, em geral é tudo mais ou menos na mesma [forma] no jornalismo. É assim aqui nos cadernos diários. É tudo igual, ou, ao menos, parecido. Agora você chega no *Caderno 2* já não é mais a mesma coisa, embora seja diário. Já nos suplementos, muda. Olha o *Link*. Não tem nada a ver com o resto do jornal. O que é o *Link*? O *Link* é um caderno que mimetiza o universo da informática. Então, ele tem tipologias, etc, tudo voltado [à tecnologia], então parece que você está vendo uma tela de computador. Claro, tem que ser assim, vai ser uma coisa de letra manuscrita? Vai nada.

14) O *Sabático* gera faturamento direto para o jornal, contribuindo com o aumento nas vendas, assinaturas e/ou anunciantes? Ou ele apenas significa um ganho simbólico, agregando prestígio ao jornal?

Eu não tenho esse dado concreto, por exemplo, por que as pessoas passaram a assinar o jornal? A circulação aumentou. Agora, eu sei de declarações, de depoimentos, de pessoas que me conhecem e de pessoas que foram entrevistadas pelo jornal, de assinaturas, muitas vezes, só do fim de semana. E não do diário. Por causa do *Sabático*. Agora, eu não sei dizer se o *Sabático* contribui para 25% do

aumento da circulação aos sábados. Não sei, esse dado eu não tenho. Ou se foi o *C2+Música*, etc. O que nós sabemos é que a circulação aumentou no sábado. Pode ser que tenha a ver com os dois cadernos? Muito provavelmente. De um modo impressionista, a gente tem esse retorno. É difícil mensurar. O jornal pode até me passar isso nesse retorno das reuniões específicas da pesquisa. Mas eu ainda não tenho. Agora, o importante não é o sábado ou o domingo, é o jornal como um todo, que tem mantido um crescimento muito acima do normal. Acima do crescimento da média do mercado. Essa circulação não pode ter sido uma coincidência. É difícil acreditar que tenha sido uma coincidência. Depois da reforma, por coincidência aumentou a tiragem do jornal. Não foi isso. A reforma contribuiu para o aumento da tiragem, ou seja, para o aumento da circulação. Você não liga a máquina e imprime loucamente, você imprime de acordo com muitos critérios, um deles é a venda em banca e assinantes, claro. Se aumentou a circulação, significa que aumentou o nosso número de leitores, e a assinatura e a venda em banca. Isso é patente depois da reforma. É um aumento muito forte, é um aumento a se considerar. Isso por um lado. Agora, do ponto de vista simbólico, e se é simbólico você só pode mensurar na mesma frequência, quer dizer, não dá para medir concretamente, isso é seguro, que houve um ganho para o jornal. Seja pela coragem de fazer um caderno que ninguém estava querendo fazer mais, seja pela maneira como esse caderno se apresenta, o tipo de encaminhamento editorial que ele tem, não há dúvida de que isso aconteceu. Entre esses fatores eu coloco inclusive a sua presença aqui, quer dizer, eu não acho que isso seja uma coincidência. Não imagino que um caderno com um ano e pouco de vida pudesse ser objeto de um trabalho de pós-graduação em nível de Mestrado, se não fosse, de algum modo, minimamente, representativa a sua influência nesse mundo, nesse universo. E isso é uma coisa que também só dá para medir de modo subjetivo, são retornos que eu tenho, como esse do seu trabalho, de depoimentos, de lugares que eu vou. Eu fui a Passo Fundo, no final do mês passado, para a Jornada de Literatura e o retorno que eu tive lá foi esse. Passo Fundo é um evento enorme, o lugar maior, que é a grande lona onde acontecem alguns eventos cabe 5 mil pessoas dentro. E o retorno que eu tive do *Sabático* lá foi muito bom, muito positivo. Então, sob esse aspecto acho que o jornal conseguiu o que queria, que é atingir um público acadêmico, universitário, etc, mais sofisticado, que em alguma medida esperasse o sábado para ver o caderno. E o retorno que a gente tem é que parte desse público lê com muita atenção e espera com muita ansiedade o livro que a gente vai dar no sábado.

15) Por que algumas edições do *Sabático* possuem 6 ao invés de 8 páginas? Nesses casos, há seções cortadas ou apenas redução na publicidade?

Todo jornal faz um planejamento do uso de cota de papel. Esse planejamento, que é feito com outros planejamentos, é feito no ano anterior. Por volta de outubro, novembro do ano anterior é planejado o ano seguinte. Do mesmo modo que eu falei que as tiragens não são feitas de modo aleatório, dependem de vários fatores, todo jornal, quer dizer, todas as editorias do jornal, têm um ponto de partida, um ponto mínimo de partida, que significa ter um ponto mínimo de páginas. Chova ou faça sol, tenha anúncios ou não tenha, existe um mínimo de páginas para que o caderno de esportes saia, o primeiro caderno, economia e tal. E inclusive o *Sabático*. O que faz mudar esse número de páginas? A centimetragem de anúncios. E existe uma fórmula, que seria complicado de explicar agora como ela é feita. Mas você faz uma conta. Você pega a centimetragem dos anúncios, a partir de um determinado volume que a publicidade ocupa nas páginas do caderno, você pode ampliar o caderno. E você só pode ampliar uma coisa no jornal de dois em dois. No mínimo, de dois em dois. Se são 6 páginas, você põe uma no meio, frente e verso, dá duas páginas [a mais]. Se o jornal tiver feito essa conta no ano anterior de quanto ele vai consumir de papel de um modo muito conservador, ou seja, muito rígido, ele fica sujeito ao seguinte: e se acontecer um terremoto no Japão? E se matarem o Bin Laden? Então, essa conta, é uma conta absolutamente sujeita a distorções. Porque você nunca saberá o que vai acontecer, nem amanhã, quanto mais daqui a alguns meses, ou seja, durante o ano seguinte inteiro. Então é feita uma projeção. No ano passado, tem Copa e tem Eleições. Foi feito um tipo de conta. Esse ano, não tem Copa e nem Eleições, foi feito

um outro tipo de conta. Com base nisso, o jornal vai lá e compra a sua cota de papel. E você vai monitorando, todo mês, o tempo inteiro, se você está dentro da meta ou fora da meta, se está gastando mais papel do que estava orçado, ou menos. Se você gastou mais papel porque a quantidade de anúncios que você tinha tornava inviável você fazer aquele mínimo de páginas que é determinado para seu caderno, então significa que você não gastou a mais. Essa conta é como se fosse zerada. Porque, evidentemente, não tem lá uma cota de papel que em novembro possa acabar e o jornal não saia no dia seguinte. Não é assim. Mas, do ponto de vista, numérico, financeiro, você não gastou mais do que você podia, porque aqueles anúncios a mais é que te obrigaram a crescer o caderno. E esses anúncios a mais que obrigaram você a crescer o caderno pagam essas duas páginas, por exemplo, que você cresceu. Se não for assim, você tem que calcular o seguinte. Bem, se eu continuar com a mesma quantidade de anúncios, em todas as edições, será que eu chego ao fim do ano zerado? Ou vou chegar ao fim do ano devendo páginas? Então, a minha conta, a conta que eu fiz, é a seguinte: ou eu faço uma semana com 6 e outra com 8, ou eu vou chegar no fim do ano com as páginas estouradas. Então é isso que eu tenho feito.

16) Nesse caso, você diminui as resenhas?

Não necessariamente. Pode ser que sejam as resenhas. Elas é que têm sofrido essa diminuição. Porque em geral a matéria de capa precisa de duas páginas. Em geral. Quando ela não precisa de duas páginas, eu dou na 3 a matéria de capa e posso dar resenha na 4 e 5, ou usar a 4 para dar uma matéria qualquer aí e o *Suplemento Literário* e a página 5 de resenhas. Se ela precisa de duas páginas, a matéria de capa, aí eu entro na 3 com resenhas. O que é o pior dos mundos para mim. Porque na página 3 tem um anúncio fixo, e aí esse anúncio invade uma área que é de uma resenha. Porque a resenha no *Sabático* tem duas medidas padrão: 5000 e 2500 [caracteres]. Quando entra aquele anúncio, invade metade da coluna da resenha, eu tenho que diminuir essa resenha de baixo. Fica com 1700 em vez de 2500. Então, para mim, o pior mundo é dar resenha na 3. Mas às vezes não tem [o que fazer]. Se eu estou em uma semana de 6 [páginas], e a minha capa tem 2. O que eu tenho feito, agora, diante dessa dificuldade, é que às vezes eu coloco o *Suplemento Literário* só no on-line. Para não deixar de dar. Porque era uma seção fixa do suplemento. E com o tempo foi ficando inviável mantê-la todas as semanas. Porque aí eu sacrificava outras coisas que não seria interessante sacrificar. Então assim, quando é uma semana em que o *Suplemento* tenha um tema muito importante, para não deixar de dar, eu dou só no on-line. E como é que é o *Suplemento*, eu escolho o que é que sai no *Suplemento*. E escolho dentro de uma certa lógica. Ou ele tem a ver com a matéria que está em cima dele, conversa com a matéria que está em cima dele, ou, mais raramente, agora, nos últimos tempos, ele tem a ver com, por exemplo, uma efeméride relacionada ao autor que está sendo comentado ali. Eu me lembro que no aniversário de 10 anos de morte do Jorge Amado, em agosto, eu não tinha espaço para dar no impresso. E ia passar essa efeméride. E eu tinha lá um artigo, o primeiro artigo sobre o “Gabriela”. Aí eu dei só no on-line, não podia deixar de dar. Então, a razão de ser 6 ou 8 é essa: cota de papel. Porque eu não posso chegar ao fim do ano estourado. E, na medida do possível, se eu puder contribuir para o resto do jornal, quer dizer, editoria *Internacional* está estourando, se eu economizei um pouco, no compto geral ajuda. E aí é assim: mataram o Bin Laden, Fukushima, é claro que eles estão estourando muito. Não tem o que fazer. Aniversário do 11 de setembro, decidi fazer um caderno inteiro. Se a gente pode contribuir, a gente contribui. Mas eu fiz essa conta até o fim do ano, se eu der 8 até lá, vou sair estourado. A não ser que a centimetragem do anúncio aumente numa proporção X. Como eu não quero contar com isso, que é imponderado, eu não tenho controle sobre isso, eu vou contornando como eu posso. É o que está na minha mão.

17) Como é a interface de sua editoria com o departamento de marketing do jornal com relação aos anúncios a serem veiculados no Suplemento?

Zero. O marketing não tem influência nenhuma no *Sabático*. Para não dizer que é zero, eu tenho um cuidado que é uma coisa minha. Um caderno, mesmo de 8 páginas, eu acho que é razoável pensar

que ele deveria ser distribuído de um modo que ele abordasse vários gêneros literários. Se eu tenho uma matéria de História na página 3 eu não posso dar, não posso não, eu não acho bom dar outra na página 6. Se eu tenho uma predominância de autores estrangeiros ou brasileiros, eu tento equilibrar: ta faltando um brasileiro aqui, ta faltando um estrangeiro ali. E um outro critério que eu também adoto, que é para o caderno de 8 páginas que eu comecei a falar, eu acho que é também muito razoável você tentar fazer uma distribuição das editoras que estão contempladas ali. Não é que uma editora muito boa vai ser penalizada no *Sabático*, vou deixar de dar as coisas porque ela só está publicando coisa boa e eu tenho que fazer essa [distribuição]. Isso seria “tontisse”. Mas como, felizmente, como não existe só uma editora boa, ou só uma editora publicando coisas importantes, eu tento distribuir o caderno em diferentes gêneros literários de diferentes editoras. E aí acontece uma coisa. Eu tomo o cuidado de procurar saber qual é o anúncio que está saindo para não cometer a gafe de publicar naquela página uma resenha do livro que está sendo anunciado. Porque isso levaria o leitor a imaginar que eu estou dando aquela resenha porque tem um anúncio. O que jamais aconteceria. Nesse sentido é que falei que nosso contato com o marketing é zero. Não existe o marketing ligar para mim e dizer: “olha, você não quer dar um resenha? É uma editora tão bacana, tá anunciando meia página...”. Não existe isso. Mas existe essa preocupação, que acabou de acontecer. Eu tinha uma determinada resenha pronta, ia dar, e aí vi ali marcado no anúncio, Editora tal. Que era a editora do livro. Comecei a ficar desconfiado. Falei para a pessoa: descubra pra mim – era perto de um feriado –, descubra para mim, antes do feriado, qual é o anúncio, de qual livro, eu estou com um pressentimento que é do livro tal. Não deu outra, ele veio com a resposta e era do livro tal. Não dei a resenha. Deixei para depois. Porque senão a pessoa ia pensar, e equivocadamente, mas com razão, que eu estava dando a resenha porque tinha um anúncio. Não era verdade, mas o leitor não era obrigado a acreditar nisso.

18) Pesquisas apontam que o Brasil é um país de poucos leitores. No entanto, nota-se um crescente aumento na venda de livros e o ressurgimento da vida literária no país, com a proliferação de festas, feiras e outros eventos literários, além dos prêmios que incentivam o surgimento de novos autores. Como avalia esse paradoxo?

A superprodução de livros e a proliferação de eventos literários, necessariamente não implica em você dizer que aumentou o número de leitores, infelizmente. Existe uma coisa muito curiosa no mercado de livros, que é a fidelidade. Ou seja, aquele sujeito que é um leitor fiel. Esse leitor fiel, ele é o mesmo. Ele é o cara que lê o *Sabático*, que vai à livraria de sábado, e que vai ao evento literário. É a mesma pessoa. Esse número, claro que estou fazendo uma imagem aqui para você entender, é um número pequeno, é um universo restrito. Não significa necessariamente o universo multiplicado pelo número de eventos e nem de produção de livros. O que acontece no Brasil? Nós temos uma venda muito grande de livros no Brasil, porque o governo é o maior cliente das editoras. Isso é natural num país como o nosso, com as características que nós temos. Nós estamos começando a acontecer agora. Então é natural, é necessário que o governo faça compras massivas de livros. Vai chegar um tempo em que isso vai ser menor, mas ainda vai demorar. Então, se você olhar aqueles números que os livreiros apresentam, uma parte muito considerável daquela expansão ainda é do que eu chamo de “leitura compulsória”. O sujeito é obrigado a ler. Porque chegou para ele, ele tem que ler. Porque tem que trabalhar com aquilo. Outros índices de leitura compulsória: vestibulares. É leitura compulsória. O cara não foi ler “Os Sertões” porque deu uma vontade de entender o Brasil, porque ouvi falar que o Euclides da Cunha nesse livro fez uma coisa que é um retrato, não foi isso. Ele foi ler porque está na lista do vestibular. E muitas vezes depois daqueles 11 livros que ele leu no vestibular, passa no vestibular, e nunca mais lê. Isso acontece com frequência. Nunca mais lê aqueles autores, eu quero dizer. Tinha lá “Perto do coração selvagem”, o “Sagarana”, ele leu para o vestibular, mas não vai ler “Grande sertão: veredas”, não vai ler “Água viva”, da Clarice, porque leu aquilo lá. Ele fica ali. Quem vai ler, quem continua lendo, muitas vezes, é um leitor que é o mesmo. Que frequenta essas baladas literárias, feiras de livros, etc. O que eu quero dizer é o seguinte, que o universo do leitor no Brasil ainda é pequeno, infelizmente. É preciso que se faça alguma coisa bem

depressa para que isso mude. Então, quando a gente fala de paradoxo, é um paradoxo que pode ser decodificado. Por que tem mais livros sendo vendidos ou produzidos e mais eventos literários etc? Os eventos literários etc estão se multiplicando porque há um aumento de interesse dos veículos que divulgam e etc, mas esse aumento não é proporcional a essa extraordinária produção de livros e a esse extraordinário aumento de eventos literários. Não é proporcional, porque muitos desses leitores são os mesmos. É como se você pedisse para uma escola ir a uma exposição, a um museu, que tivesse várias salas. Com exposição de arte moderna, arte barroca, e no final o diretor do museu colocasse que esse museu recebeu, em vez de mil, 4 mil visitantes. Porque tinham 4 salas de obras expostas. O cara é o mesmo: ele viu o barroco, viu o [restante]. É mais ou menos a mesma coisa. Então, não sou radical a ponto de dizer que não cresceu nada, isso seria uma bobagem, é claro que cresceu, está crescendo, mas não é nesta proporção que o aumento dessas feiras ou o aumento das vendas, poderia elevar o seu público. É um aumento, que é difícil de medir. Uma feira em Outro Preto, outra em Parati, outra em Passo Fundo. Em Passo Fundo, vem pessoas de outros lugares? Vem. Em Parati vem pessoas de outros lugares? Vem. Quem foi a Parati vai a Passo Fundo? Nem sempre. Pode ir, mas não necessariamente. Claro que há crescimento, mas não nessa proporção que a gente fica imaginando. E outra coisa, tudo o que é de base pequena, qualquer aumento é significativo. Nós tínhamos zero de eventos literários. Agora temos 4 ou 5 que chamam a atenção: nossa, que coisa maravilhosa, ficamos todos espantadíssimos. Meu Deus, com o tamanho do Brasil, e com a população que o país tem, é, de fato, muito grandioso ter 5 eventos literários? Passo Fundo, tem 30 anos. Flip, Flipporto, Fórum das Letras de Ouro Preto, por exemplo. Se somar, talvez tenham, hoje, 10 eventos na linha da Flip e das Jornadas. Para um país desse tamanho, e com essa população, é muito pouco. Mas como você partiu de uma base pequena, tinha Jornadas e a Flip, parece espantoso. Não é bem assim. Tem que relativizar um pouco. Repito: é claro que está crescendo. Mas ainda é a partir de uma base pequena. Claro que todo crescimento é louvável, a gente fica feliz que seja assim, então a gente vai cobrir todos eles, a gente eu digo o jornal, não é o *Sabático* que cobre, mas o *Caderno 2* cobre. Mas não é ainda uma coisa abissalmente extraordinária. Porque se fosse, as tiragens de livros no Brasil, desses livros que não são compulsórios, teriam aumentado significativamente. E o que nós falamos agora, nesses [últimos] dois meses, de uma grande entrevista que a gente fez, grande de longa, não estou dizendo que nós somos extraordinários, uma longa entrevista que nós fizemos com um editor importante, a editora dele está fazendo 25 anos, ele disse que no começo autores importantes vendiam 2000, 2500 [exemplares]. Agora, esses autores importantes, fortes, vendem 600 exemplares, 700. Então, é preciso olhar esse crescimento de um modo um pouco mais crítico, imaginando que muita coisa avançou, não há dúvida, mas também que, primeiro, nós partimos de bases pequenas, então aumentou 100%, mas antes era 1 e agora são 2, por exemplo. Cresceu, só que de 1 foi para 2. E 2 não é nada. Ou, também, esse fenômeno, que é muito comum no nosso meio, da repetição do mesmo indivíduo. É o leitor. Esse cara compra livro, vai na Livraria Cultura e compra 4, 5 livros, esse cara. Esse que é o “louco”. Não quer dizer que sejam 5 pessoas diferentes. Podem ser 3, mas 5, podem não ser.

19) O lançamento do *Sabático* também pode ser entendido como paradoxal, já que ocorreu em um período em que os grandes jornais eliminaram seus suplementos literários e apostaram na simplificação de conteúdos. Acha que investir em literatura é uma boa estratégia mercadológica no contexto contemporâneo?

Se você imaginar que mercadológico não implica apenas em retorno financeiro, não tenho nenhuma dúvida. Vou dizer o porquê. Não é nada idealista. Essa resposta não tem nada de idealista. Racional comigo, o Brasil quer crescer. Quer se situar no mundo de um modo mais condizente com o seu tamanho e com a sua população. Vem de anos e anos de estabilidade econômica. Passou quase imune pela crise de 2008. Cresce de um modo menor, muito menor, do que outros emergentes, mas, cresce. E sabe que só existe um meio de você avançar e se situar entre as grandes potências do mundo. Que foi assim que outros países fizeram, Coréia, por exemplo. Qual é o segredo? Que não é

segredo, na verdade? Educação. Não há nenhuma outra alternativa para você se inserir entre os maiores do mundo. Ora, se você imaginar que o país quer crescer e vai investir em educação, se você não pensar de modo pequeno e imediato, você pode enxergar que a médio e a longo prazo, todas as apostas que forem feitas nessa direção, darão certo. A não ser que haja um cataclisma, um desastre total, no mundo, que arraste o Brasil. Porque só no Brasil não vai acontecer. No Brasil sozinho não vai acontecer, porque, do mesmo modo que não estão querendo que a Grécia sucumba, ou a Espanha, ou Portugal, ninguém vai querer que o Brasil sucumba também. Mesmo que a gente passe por problemas parecidos com os desses países europeus, haverá uma “conservação” mundial que vai auxiliar para que a gente não quebre. E eu não acho que a gente vai passar por nada semelhante ao que a Grécia está passando, ou Portugal. Se você imaginar, então, num cálculo não mesquinho, nem imediatista, de médio e longo prazo, as apostas que forem feitas em educação, num sentido, e em informação, em outro, elas tendem a dar certo. Elas tendem a progredir. Então, você pensa assim: mas o *Sabático* é muito sofisticado, ele trata de Ariosto – saiu na página 3 dessa semana, Ludovico Ariosto, o “Orlando Furioso” –, como é que o povo brasileiro vai ter interesse nisso? No Ariosto, talvez não, mas, temas como literatura e luto, e morte, acho que sim. Acho que o povo terá interesse em ler, sim. Por isso que o “Literatura e Luto” foi capa e o Ariosto não foi capa. Eu tenho mais ou menos a cabeça no lugar. Então, nesse sentido, se você imaginar que não se restringe ao aspecto puramente financeiro o retorno de uma publicação, de um suplemento, eu já acho que daria certo. Já acho que seria uma decisão acertada. E não me parece descabido imaginar que, mesmo do ponto de vista financeiro, possa haver algum tipo de compensação, considerando que quem trabalha na educação, entre outras frentes, são as editoras. Editar livros faz parte desse projeto maior que é o de educar o Brasil. Então, não acho descabido, sequer do ponto de vista financeiro, que a médio e a longo prazo esse retorno possa vir. O que acontece no Brasil é uma coisa curiosa, infelizmente. E para que isso mude quem tem que trabalhar são os departamentos de marketing dos jornais, com a nossa colaboração, é claro, quer dizer, com a colaboração da redação, se for preciso. O que é curioso no Brasil? As editoras brasileiras não costumam anunciar. Se você olhar um caderno de artes e espetáculos, você vai ver ali anúncios de teatro, vai ver de cinema, até de televisão. Você não vê anúncio de editoras. Por que será? As editoras brasileiras cometem um equívoco. Elas acham que porque os produtos que elas entregam ao mercado, os livros, são objeto de análise, de crítica, de reportagem, ou seja, objeto de atenção dos veículos, que não precisam anunciar. O que não passa pela cabeça deles é o seguinte: se os veículos que fazem reportagens, resenhas, críticas, entrevistas com os autores daqueles livros, não puderem sustentar financeiramente aquele suplemento, um dia aqueles veículos podem tomar a decisão, como muitos já tomaram, de acabar com esse suplemento. E aí você vai ter entrevistas, críticas, reportagens, onde? É um tiro no pé. Se você pegar cadernos e revistas americanas voltadas para livros, elas estão lotadas de anúncios, inclusive de editoras universitárias. Aqui as editoras não anunciam. Elas acham que se já saiu a resenha, vou anunciar para quê? Já saiu a resenha, não preciso. Não pensam que dali a algum tempo, pode não existir aquele espaço para divulgar. E isso é curioso porque é uma característica muito frequente no mercado editorial, mas não em outros segmentos. Acabei de dizer aqui, você vê segmentos que possuem anúncios. O teatro. “Ah, mas você quer comparar nós editoras com redes de tevê e cinema?” Ok, mas e o teatro? “Ah, mas quem paga o anúncio do teatro é o banco que patrocinou a peça.” Não importa. Encontre mecanismos, então, de financiamentos para você, você não vende livros para o governo? É a mesma coisa. É assim, o governo encomenda 30 milhões, você vai lá, liga a máquina e imprime 30 milhões, não precisa ter resenha no *Sabático*, nem na *Veja*, nem em lugar nenhum. Vem para você o dinheiro limpinho, adiantado, não precisa de livraria, nada, nada. Dinheiro líquido e certo. Então, o que eu percebo é que as editoras, isso não é de hoje, eu acompanho esse mercado já tem um certo tempo, e vi muitas publicações desaparecerem por isso, por falta de anunciantes. E por que eles não anunciam? Porque eles acham que já foram contemplados com o material. Em primeiro lugar, foi contemplado aquele livro, e não os 30 que ele publica por mês. Segundo lugar, se não zelar pela vida daquele veículo, um dia ele vai desaparecer e você não vai ter onde divulgar os seus livros. É uma conta simples, que os americanos, por

exemplo, as editoras americanas fazem de olhos fechados. E lota, se você pegar o *The New York Review of Books*, se você pegar a *Bookforum*, com quem a gente tem convênio, são lotados de anúncios. As editoras não são loucas. Elas querem manter aquilo vivo. Eu acho que esse é um problema sério. Agora, imaginando, numa visão otimista, que isso possa mudar, ou que, pelo menos, o Brasil vai continuar nessa direção de se aculturar, ou se educar, pelo menos, não é descabido imaginar que editoras possam anunciar num caderno como o nosso. Acho razoável. Acho bem provável. Agora, caso não anunciem, caso não tenha nenhum anúncio, aí tem aquele outro ganho, que é o ganho simbólico do qual nós falamos há pouco. Um jornal de 136 anos, que já teve uma coisa chamada *Suplemento Literário*, não pode nem pensar em renunciar a essa tradição. Na minha modesta opinião. Eu não sou o diretor do jornal, essa é uma opinião de quem gosta muito do jornal, preza pelo jornal e está aqui para defender o jornal, fazer com que ele progrida o mais que puder. Se me perguntarem eu vou dizer: nunca acabem com esse suplemento. Porque isso está incrustado no DNA do jornal, o jornal nasceu, criou um suplemento que fez história no Brasil, e ele não pode renunciar a isso, é uma dívida que ele tem, um compromisso que ele tem com o Brasil, com a cultura e com a literatura brasileira. Não dá. Pode não dar um centavo, entendeu? Tem outras coisas que dão dinheiro, então pega um pouquinho daquilo ali e põe aqui, mesmo que não tenha nada. E eu não acho que não vai ter nada. Eu acho que bem trabalhado, como eu falei, essa catequização dos editores, que deve ser feita, não por mim, porque eu sou o editor, mas se quiserem que eu contribua, eu faço isso, falo isso para qualquer editor, se me convocarem para falar, direi que eles estão dando um tiro no pé. Não podem acabar com o caderno. Até porque, pensando de um modo mais inteligente, pensando de médio a longo prazo, isso pode ser um retorno, inclusive financeiro, para o jornal num determinado momento da história. Agora, se for só pelo lado simbólico, também não dá para recusar. Não dá. Um jornal que fez o *Suplemento Literário* e que teve um enviado especial a Canudos que se chamou Euclides da Cunha, não pode deixar [de ter seu suplemento literário]. Você sabe que aquela letra que tem atrás do nome *Sabático* é do Euclides. Um dia o designer veio perguntar para mim, ele tinha feito um esboço, colocou uma letra qualquer lá no desenho do logotipo do caderno, aí um dia ele virou para mim e falou: “essa letra aqui eu peguei aí e tal, mas acho que tinha que ser uma letra de alguém, você não acha?”. Eu falei: acho. “Quem seria?” Eu falei: Euclides da Cunha, vou pegar. Peguei umas fotos de umas cadernetas que o Euclides escreveu quando foi para o Amazonas e pedi para ele copiar. Aquela letra que tem ali atrás do logotipo do *Sabático* é do Euclides da Cunha. Enviado especial a Canudos. O livro “Os Sertões” surgiu porque o *Estado de S. Paulo* mandou Euclides da Cunha para Canudos. A letra do capitular não é de Euclides, aquela que tem no começo de cada matéria. A ideia não era que a pessoa lesse [o manuscrito]. E imediatamente eu já falei, ninguém nunca vai saber, mas se alguém me perguntar eu digo de quem é essa letra. Mas era uma ideia só de trazer um pouco essa [letra manuscrita], que conversava um pouco com o capitular, aquele desenho com manuscrito, ou com aquela marca d’água que às vezes a gente põe na capa. Nem sempre comporta, né, aquela letra que é a inicial do nome do escritor que está ali. O manuscrito do logotipo conversa um pouco com essa formulação das capitulares e tal do caderno. Mas não podia ser uma letra qualquer, e tinha que ser uma letra de algo relacionado ao *Estado de S. Paulo*. Eu achei que tinha que ser, não podia ser a letra do Machado de Assis. Machado de Assis é o máximo, mas a história dele não é ligada à história no *Estadão*. O *Estado de S. Paulo* por acaso tem [essa ligação com] a vida do Euclides da Cunha e a existência e concepção do “Os Sertões”. Então, achei que fazia sentido por a letra do Euclides ali.

20) É possível prever o futuro do livro? Acredita na permanência deste suporte?

Quando a gente foi fazer a pauta da edição de estreia do caderno, eu tinha voltado de férias, e tinha avançado as conversas com a editora do Umberto Eco. E a gente estava com muita possibilidade de conseguir entrevistá-lo a tempo de ele estar na capa do 1º número. E aí eu comecei a “magia”, do ponto de vista até pessoal, interferir pessoalmente para que isso acontecesse, porque eu achava que não podia ter nenhuma outra capa para estrear o *Sabático* a não ser a de um livro, de um autor de um livro que se chamava “Não contem com o fim do livro”. Quando o Umberto Eco fala isso, ele

faz um elogio do objeto livro, e a nossa interpretação, inclusive conduzimos um pouco a conversa nessa direção, e o caderno nasceu assim, era não contem com o livro, isso que nós aprendemos a entender como a ferramenta de reflexão e, vá lá, entretenimento. Que tomou um pouco essa conformação, costurado e tal, mas que amanhã pode não ser isso. Pode não ser de papel. Não será de papel, aliás. Não importa como será o suporte material. O que não irá morrer é o livro, não o objeto tal como nós conhecemos hoje, de papel e tal, 14 X 21, não é isso. O que não vai morrer é a ideia, de como você organizar uma ferramenta de reflexão e entretenimento. Se a gente pode chamar ficção de entretenimento. Eu não gosto dessa interpretação, mas ela existe. Ou, pelo menos, a ficção de entretenimento não é a que mais me interessa, vamos dizer assim. Literatura é um objeto de reflexão. É uma ferramenta de reflexão sobre o ser, a vida, o mundo, e não de passatempo. Eu até acho que dá para passar tempo com isso, eu até acho que dá para se entreter com isso. Mas não que o objetivo inicial seja esse, tal como normalmente se entende entretenimento, que é aquela coisa leve, descontraída. Não acho nada disso da literatura. Aquilo eu entendo como literatura não distrai nesse sentido, de fazer você relaxar, não é assim. Pode até fazer, mas para mim não é literatura, ou pelo menos não me interessa. Acho a vida muita curta, para você perder tempo com isso. Já que você pode também relaxar, mas não nesse sentido de não se envolver, com uma literatura mais inconsequente. Relaxar não é só não se envolver, eu acho. Relaxar é você imaginar outros mundos possíveis, outras vivências possíveis, perceber o brilhantismo de uma frase. Isso para mim é relaxar. Mas, voltando. Se o suporte vai ser eletrônico, e eu acho que será, a concepção permanece, a concepção do livro irá permanecer. E, eu falei sobre isso em Passo Fundo, a literatura poderá inclusive se modificar, e os leitores não serão mais só leitores, eles serão outra coisa além de leitores. Eu chamei de receptores, porque eles vão ler, claro, mas eles vão ter que ter repertório para aprender outros tipos de formas de expressão que estarão contidas no livro. Quais são essas formas de expressão? Formas que estarão aproveitando as possibilidades que esses tablets, ou sei lá que nome irão ter, vão oferecer. Então o livro, enquanto ferramenta de reflexão, transmissão de conhecimento, reflexão, e até entretenimento, esse não irá desaparecer nunca. O que vai desaparecer é um determinado formato de livro: em papel, 14 X 21, capa costurada. Isso pode ser que desapareça. Eu tenha a sensação de que vai acontecer uma coisa assim. Isso é uma impressão, nem aconteceu com outros suportes, mas eu acho que pode acontecer assim. Você ter, no futuro, a predominância massiva de leitura eletrônica e determinadas editoras fazerem ou tiragens, ou só trabalharem com livros de papel que vão virar objetos um pouco de culto. Então você vai dizer assim, “nossa, fulano me deu um presente maravilhoso, um livro de papel”. Como você diz hoje que você ganhou uma gravura. Original. Tá cheio de modos de reprodução aí, tem mais de cem anos. Quando você ganha uma gravura, o original de uma gravura, é outra coisa. Acho que vai ser uma coisa parecida, vai acontecer um fenômeno parecido com o livro. Permanecer um pouco editoras que vão fazer só livros de papel, uma editora meio boutique, uma coisa assim. Ou, editoras que façam tiragens de dezenas de livros por mês para [suportes que funcionam] eletronicamente, e alguns livros têm também edição em papel. Como existe nos EUA hoje capa dura e pocket. Então, vai ter capa dura, vai ter iPad e edição em papel. “Esse eu vou comprar em papel”. Vai e compra em papel. Mas nada disso significa o fim do livro enquanto conceito. É impossível.

21) Na edição inaugural do *Sabático*, a entrevista com Umberto Eco é paradigmática, uma vez que defende que o livro não deixará de existir. A escolha dessa entrevista é uma marca editorial do Suplemento?

Na verdade foi uma confluência de fatores. Se fosse o Umberto Eco publicando um livro sobre a idade média, eu não tenho certeza se seria ele a capa do 1º número do *Sabático*. Ele seria a capa do *Sabático* em algum momento. Eventualmente, se fosse naquela ocasião, próximo do lançamento do livro, até poderia ser. Mas o que realmente me convenceu, e aí eu interferi pessoalmente, liguei para o editor, expliquei, foi porque eu achava que não podia ser outra capa. Eu falei aqui, numa reunião que teve aqui, é quase um manifesto. Um caderno de livros está saindo com [aquela capa]. Porque eu sabia que o título seria aquele da capa desde o princípio. É como se fosse um manifesto a favor

do livro e justificando a existência do caderno, “não contem com o fim do livro”. Aqui está um caderno que não vai deixar o livro desaparecer.

22) Existe alguma relação entre os suplementos literários e a produção editorial do país? Como avalia esta interface?

Eu acho que o Brasil tem poucos suplementos literários, poucos suplementos de livros, dedicados só a livros. E acho que haveria espaço para ter outros suplementos dedicados a livros no Brasil, ou pelo menos revistas. As revistas culturais no Brasil não são dedicadas só a livros. Uma, pelo menos, nasceu dessa forma, mas com o tempo foi incluindo outras áreas das artes. Ao contrário do nosso projeto, começou como livros e virou cultura de um modo geral. Nós começamos mudando o *Cultura* e viramos só livros. E a participação é essa, é um esforço também de formação do leitor, um esforço de conquista do novo leitor. Para você não ficar sempre naqueles 3 mil leitores que compram o livro, compram uma tiragem de livro no Brasil. A média da tiragem de livro no Brasil é de 3 mil exemplares. Precisa ter um pouco mais. E para ter um pouco mais é aquele caminho, você tem que conquistar esse leitor de algum modo. O modo primordial, como eu disse, é através da linguagem. Mas você tem recursos, por exemplo, um processo que estamos ainda implementando no *Sabático*, que é o uso do on-line, e dessas outras ferramentas. Existe um projeto do jornal nessa linha, que tem suas prioridades. Começou por Economia, depois foi para Esportes, a gente está na fila desse encaminhamento. Mas é um suplemento que não pode deixar de explorar ostensivamente essas ferramentas, porque elas são, inclusive, muito apropriadas para essa conquista, que eu falei que é necessária, de novos leitores. E no caso do Brasil, sem dúvidas, porque o Brasil, quanto maior o progresso do país e a educação e aculturação do país, mais interesse, em tese, vão despertar os suplementos relacionados a essas áreas. E no caso de livros, não é diferente. Se você tiver recursos dessa natureza para aproveitar essas ferramentas de redes sociais, e assim por diante, é uma porta de entrada, pelo menos. Não sei se a pessoa vai ficar, mas é uma porta de entrada, e a gente não pode deixar de usar essas portas de entrada.

23) Há quem diga que não se faz mais crítica literária independente e competente, como no passado. Fala-se que muitas nas críticas são, na verdade, verdadeiros releases “encomendados” pelas editoras para venderem livros em lugar de uma apreciação real sobre a qualidade do livro. Qual sua opinião sobre isto? Como são realizadas escolhas dos críticos literários de novos lançamentos?

Quero dizer o seguinte, no caso de veículos que importam, grandes veículos de comunicação, essa ideia de que os veículos se mobilizam por influência do marketing dos próprios veículos ou das editoras, isso não é verdade. Nenhum veículo que eu conheço, de peso, no Brasil, se submete a essa ditadura de marketing das editoras. O que acontece, e aí as pessoas às vezes fazem essa confusão, é que os veículos, muitas vezes, se pautam, exclusivamente, pela programação das editoras, das distribuidoras de filmes, das gravadoras. Isso sim, isso acontece com muita frequência. O que a gente tenta fazer, e me parece razoável fazer, é assim. É um equilíbrio parecido com aquele que eu falei no início, entre o público que já sabe e o público que você quer conquistar. É assim, você não pode desprezar o lançamento, aquilo que é novo, que está chegando no mercado agora. Não pode, porque aquilo é a notícia, vamos chamar assim, jornalisticamente aquilo é a notícia. Não dá para fechar os olhos para a notícia, num jornal, pelo menos. Você pode fechar os olhos para a notícia numa revista acadêmica, na universidade, no departamento de Letras. Num jornal não dá para fazer isso. Então, é preciso acompanhar o lançamento. Agora, por outro lado, existem temas que são importantes, ou que se impõem, e que não tem nenhum lançamento tratando deles naquele momento. Isso vai desde uma efeméride, 70 anos da morte da Virgínia Woolf, até um assunto que incomoda a literatura há séculos, por exemplo, a relação entre literatura e ideologia. Então, um caderno que pretenda não se submeter à Agenda, à programação das editoras, mas que também não quer ser marginal, *out of the blue*, fora do circuito, ele tem que procurar combinar essas duas coisas. É o que a gente tenta fazer. Então, esses eventos que eu dei não são gratuitos, eu dei uma capa sobre

a Virgínia Woolf nos 70 anos da morte dela, e dei uma capa com um texto do Gao Xingjian, que é um prêmio Nobel chinês, de uma conferência que ele fez na Itália falando sobre literatura e ideologia. Agora, não deixo de dar livros importantes até como capa, de autores importantes, porque está saindo naquela semana. O que eu não faço é me pautar por essa Agenda, ela é muito importante na minha programação, mas ela não é a única coisa que conta na minha programação, na pauta do caderno. Ela é importante porque eu vivo numa sociedade capitalista, numa cidade deste tamanho, e parto do pressuposto de que no sábado o sujeito vai ler o meu caderno e à tarde vai à livraria. Se ele passar na livraria e vir um livro importante que o meu caderno não comentou, ele vai se perguntar: “engraçado, não tinha isso no *Sabático*, por que será?” E tem que haver uma explicação para isso. É difícil haver uma explicação, se é importante e não está no caderno, alguma coisa está errada. Ou, a única explicação possível é a seguinte, ele não deu ainda, mas vai dar. Foi porque não tinha espaço, não deu porque tinha coisas mais importantes, “há, vi um livro ali na frente que esse ele deu, esse era mais importante”. Essa é a única explicação razoável. Senão, eu sou um caderno que não deveria estar dentro do jornal diário. Embora eu seja semanal. Mas esse leitor, com o tempo, eu imagino, ele foi se acostumando a uma dessas coisas. Ou seja, pegar uma capa que seja um ensaio de duas páginas de um prêmio Nobel, não é de um cara qualquer, falando sobre literatura e ideologia. A arte deve ser engajada? Não deve? Os partidos políticos impõem a literatura? Não impõem? Ele se acostumou com essa [possibilidade]. Ou um fenômeno que a gente possa chamar a atenção do leitor se ele não tiver prestado atenção naquilo. Já dei várias capas de poesias, cyber poesia. Ou, “como as editoras brasileiras estão se adaptando ao e-book”. Ao livro eletrônico. Contratando, por exemplo, cinegrafistas. Antigamente, editora tinha editor e revisor. Agora, tem editor, revisor, cinegrafista, especialista em trilhas sonoras. Esse fenômeno, a gente deu em janeiro essa capa, é muita antecipação, vai acontecer nos próximos tempos, está começando agora, mas essa é a tendência do mercado editorial. Então, essas coisas eu acho que têm que ser equilibradas. Agora, nem sempre são. Em geral, é muito frequente que os cadernos se pautem exclusivamente pela programação. Isso eu acho um erro, não tenho compromisso nenhum com essa ditadura da Agenda de programação dos produtores culturais. Nosso compromisso é com o que é importante, é discutir o que é importante. Agora, dentro dessa Agenda haverá, sem dúvida, coisas que serão, também, importantes, então não é o caso de desprezar.

24) E a escolha dos críticos?

A escolha dos críticos é assim, muito simples, não tem nada de complicado. Em primeiro lugar eu tento encontrar no mínimo uma das duas ou três pessoas que melhor poderiam discorrer sobre aquele assunto, sobre aquele autor, no país. Não haverá ninguém mais habilitado, ou se houver, estará na mesma estatura, ou muito próximo, da pessoa que eu tiver escolhido para fazer aquela resenha. Seja em literatura italiana, alguém que tenha uma contribuição muito importante em literatura italiana, ou russa, ou espanhola, ou brasileira e assim por diante. Esse é um critério. O outro critério é que, um caderno como o nosso tem que fazer algumas apostas. Tem que descobrir talentos, ou investir em talentos. Então, houve momentos no Brasil em que o Brasil tinha escritores muito extraordinários e esses escritores colaboravam com muita frequência nos suplementos literários. Ou seja, o escritor acabava tendo uma atividade crítica quase regular. E, depois, isso desapareceu. E todo, todo não, mas uma parte significativa dos escritores de peso de literatura inglesa, francesa, de língua espanhola, eles eram, ou são, criadores, mas também críticos e ensaístas. Eles têm uma atividade de criação, produzem romances, novelas e poesia, mas também produzem ensaios e críticas. Então, eu tenho tentado pedir também para escritores, e, de preferência, jovens, tenho procurado encomendar resenhas deles. Para que isso exista no Brasil outra vez. Esse escritor que é criador, mas também reflete sobre aquilo que ele faz. Os grandes escritores é difícil, você não vai convencer o João Ubaldo a fazer uma resenha, entendeu? Não fez até hoje e não vai fazer. Mas nos novos eu posso conseguir criar isso. E é o que eu tenho tentado, com esses autores mais jovens. E, por fim, eu tenho a preocupação, exatamente igual a das editoras, e dos gêneros, eu também procuro diversificar a presença, se não for possível diversificar os nomes, pelo menos a presença

dos nomes no caderno. Então, é difícil você encontrar em duas semanas seguidas o mesmo resenhista. É muito raro. Pode pegar as edições e vão ser poucas as ocasiões em que você vai encontrar isso. Por quê? Porque eu estou tentando também diversificar os interlocutores do leitor. Se toda semana ele ver aquele mesmo cara escrevendo, [vai pensar] “ih, lá vem fulano escrevendo de novo”. Isso quando não é possível diversificar o nome, porque quando é possível diversificar o nome, eu diversifico o nome também. Por exemplo, semana passada tinha uma resenha do Maurício Santana Dias, que é um professor de Literatura Italiana, tradutor da USP, ele nunca tinha escrito no caderno. Eu tenho outras pessoas de literatura italiana que poderiam escrever aquela resenha, só que eu fui pedir para ele, exatamente procurando diversificar os nomes também. Quando não é possível diversificar os nomes, eu pelo menos procuro espalhá-los no conjunto das edições. Para que você tenha diferentes interlocutores. O leitor tenha contato com diferentes pontos de vista etc. Claro que às vezes são imperiosos os nomes. Têm nomes que se impõem. Seja porque o Brasil, infelizmente, tem poucos naquela área, seja porque são muito talentosos. Mas mesmo essas literaturas em que a gente tem dificuldade de diversificar, ainda assim eu tento, no mínimo, fazer um revezamento daqueles nomes que são mais regulares no caderno.

25) Em entrevista à revista *Veja* em 1997, Décio de Almeida Prado afirma que há uma incompatibilidade entre literatura e jornalismo, pois a literatura quer ser eterna, enquanto o jornalismo se ocupa do momento. É possível tratar de literatura em um grande jornal sem deixar de lado a lógica jornalística da notícia, da novidade?

Eu não concordo muito com essa ideia do Décio, não. Primeiro porque a literatura e o jornalismo estão muito ligadas, elas são quase inseparáveis. As influências são mútuas. Eu falei isso em Passo Fundo também. Vou dar um exemplo bem simples. Isso que a gente entende hoje como romance, um pouco mais para trás, isso que a gente entende hoje como literatura, essa ideia não existia até o século XII, XIII. Até essa época, estava no mesmo bojo o Shakespeare e o Descartes, por exemplo. E isso que a gente entende como romance é um gênero que só se consolidou, tal como a gente entende hoje, no século XIX. E é curioso imaginar que no século XIX esses romances eram publicados nos jornais, de maneira seriada, como Folhetins. E esses jornais tinham tiragens ampliadas, muitas vezes, por conta desses Folhetins. E isso no Brasil e fora do Brasil. Então tinham escritores extraordinários, no Brasil o Lima Barreto, o próprio Machado, publicaram os seus livros primeiro na forma de Folhetins. Será que isso é uma coincidência? Ou será que é porque existe, de fato, um entrelaçamento entre esses dois códigos? Ninguém tem dúvida de que o poema que lançou a modernidade no mundo foi “Um lance de dados”, do Mallarmé. “Un coup de dés”. Esse poema, segundo o McLuhan, por exemplo, era influenciado pela estética do jornal. Porque ele usa tipologias diferentes, porque ele explora os brancos da página. É uma primeira página de jornal. Então, vamos deixar guardada essa ideia de que existe quase que um entrelaçamento congênito entre literatura e jornalismo. Lá atrás a gente percebe essas aproximações, essas mútuas interferências. Agora, vamos trazer o problema para hoje. Ou, essa ideia que o Décio apresentava da eternidade e do efêmero. Se você imaginar que ele estivesse falando, e eu imagino que possa ser isso, e nesse caso eu concordaria, entre o *hard news*, o primeiro caderno do jornal, a primeira página. Isso sim, aquilo é momentâneo, muito do que está ali na primeira página morrerá no dia seguinte, nem tudo é história, nem tudo se tornará história, nem toda manchete é histórica, vai virar um fato histórico. E a literatura aspira a eternidade. Até aqui, perfeito, eu concordaria com ele. Mas eu não posso concordar que num caderno literário as coisas se pautem pela mesma fragilidade, ou imediatez que uma primeira página do jornal. Ou, se por acaso está fazendo isso, está fazendo um caderno literário errado, equivocado. Eu tenho certeza que o *Sabático* não é assim. Ele não tem essa urgência da primeira página no jornal. Como o *Suplemento Literário*, que ele fazia, que ele dirigiu, não tinha. Não tinha a urgência do jornal. Aliás, isso estava dito no primeiro número, que eles não teriam essa preocupação. Então, as coisas ficaram. No caso dele, as coisas ficaram. E era um jornal. Como explicar, que ficou, sendo jornal? Ficou, sendo jornal, porque não tinha aquela urgência do noticiário, simplesmente. Se tiver a urgência do noticiário, é claro que vai morrer. Mas o

suplemento literário, o suplemento de livros, bem feito, não terá a urgência da primeira página do jornal. Ou, sequer, de alguns segundos cadernos, ou seja, cadernos de cobertura de artes e espetáculos. Eu tenho certeza que o *Sabático* é mais duradouro que o *Caderno 2*, não porque ele seja melhor que o *Caderno 2*, nesse sentido de ser superior, não é isso. É que ele trabalha de modo distinto o seu objeto. E às vezes é isso que determina, inclusive, se um livro vai para o *Sabático* ou para o *Caderno 2*. O tratamento. Como é que isso vai ser abordado? “Ah, vamos fazer tal”. Então isso aqui é mais *Caderno 2*. Ou isso aqui é mais *Sabático*. Isso é determinante nessa divisão de territórios. O que fica comigo e o que fica com eles. Não é necessariamente a natureza do livro, é a maneira como nós vamos tratar. Então, isso dá um pouco da dimensão do que é urgente, e o permanente. O que o Décio, talvez, estivesse tentando dizer é que o jornalismo urgente não combina com a literatura, que é mais perene. Mas um caderno de livros bem feito, bem editado, pode aspirar uma permanência, nesse sentido de que ele trabalha com aquilo que não é só o imediato. Mesmo quando a gente entrevista um escritor e põe na capa do caderno, a entrevista não é só sobre aquele livro do escritor. Porque isso tornaria [a entrevista pouco duradoura], eventualmente se aquele livro não tiver importância no futuro, aquilo se esvaia. O que a gente tenta fazer é um olhar mais amplo sobre a obra daquele escritor. Aí consegue escapar dessa fragilidade do tempo, que a primeira página do jornal tem.

26) Como se dá o processo de produção do *Sabático*? Qual a dinâmica semanal? Convite aos autores, colaboradores? Conta com uma equipe fixa e outra de colaboradores, *freelas*?

Essa é uma coisa importante. O *Sabático* não tem uma equipe fixa, ele trabalha com os integrantes do *Caderno 2*. A única pessoa que é, de fato, do *Sabático*, sou eu. Exclusivamente, vamos dizer assim, no *Sabático*. As outras pessoas, mesmo quem dedica a maior parte de seu tempo ao *Sabático* também produz para o *Caderno 2*. Então, como não existe uma equipe fixa, é diferente do *Cultura*. O *Cultura* era *Caderno 2/Cultura*, então, é evidente que a equipe tinha que ser a do *Caderno 2*. Então, eu me reunia com a equipe de lá. Aqui, eu posso até fazer, e faço, reuniões, mas elas são reuniões pontuais, com este integrante ou aquele integrante. Porque naquele dia específico em que foi marcada a reunião, o outro integrante está cobrindo o Festival de Cinema não sei o que, ou está fazendo a capa do *Caderno 2 Domingo* e não pode participar da reunião. Essa é uma característica curiosa do *Sabático*, porque nas outras editorias as pessoas trabalham para aquela editoria, e, portanto, se reúnem, naquela hora estão todos ali. Não é o caso, não tenho esse controle. Então, nós vamos conversando. As pessoas que produzem para o *Sabático* vão conversando comigo ao longo da semana, eu vou sugerindo pautas, elas dão ideias, e vão produzindo e se organizando em relação ao *Caderno 2*, para que seja possível compatibilizar o tempo para os dois suplementos. No caso de colaboradores, é muito frequente que seja eu mesmo que entre em contato com o crítico, escritor, professor de literatura, sugerindo a resenha, o artigo, o ensaio. E eu faço isso não na semana anterior pedindo para a próxima. Porque a gente recebe com regularidade e com alguma antecedência a programação das editoras, por exemplo. Então a gente consegue se programar de mandar, não o livro ainda, mas a prova do livro, para um determinado colaborador e agendar um prazo de entrega do artigo que seja mais ou menos compatível com a época em que o livro vai para a livraria. E no caso de resenhas, por exemplo, menos no caso de ensaios, mas no caso de resenhas, elas estão mais ou menos antenadas com a data em que os livros vão para as livrarias. Eu não dou resenha antes do livro chegar à livraria, porque eu acho um pouco desserviço, a pessoa lê, fica entusiasmada, vai comprar o livro e [ouve] “não, não tenho ainda, só daqui a um mês”. Mas acho que é possível agendar para sair mais ou menos na mesma época. O que acontece é que muitas vezes esse professor, esse crítico etc, são pessoas muito atarefadas, então ou eu planejo com muita antecedência, é o que geralmente eu faço, ou eu me programo de um modo que se sair em algum lugar a resenha de determinado livro numa semana em que eu ainda não tenho o artigo pronto, eu não me incomodo, dou na outra semana. Porque eu tenho certeza que a pessoa que está assinando o artigo que vai sair no *Sabático* é, se não a melhor, mas uma das duas ou três pessoas que melhor poderia fazer aquilo, ou estaria mais habilitada a fazê-lo. Então, é como se eu dissesse para o leitor:

“o concorrente saiu essa semana, o meu vai sair só semana que vem, só que quando você for ler a minha crítica, será a fulana que vai fazer”. É outra coisa. Eu dei esse tempo a mais porque era a fulana que estava fazendo, senão a gente se virava para fazer por aqui ou eu dava para outra pessoa, mas eu achei que valia a pena esperar uma semana a mais para você ler a resenha de tal pessoa, e não de outra qualquer. Esse é um julgamento que leva em conta, naturalmente, o conhecimento que essa pessoa tenha sobre aquele autor, ou o envolvimento dela naquela área e assim por diante. Já fiz isso algumas vezes e sem nenhum remorso. Mas também já fiz o contrário, já dei para a melhor pessoa escrever sobre um determinado autor, a pessoa mais habilitada do país, e sair antes dos outros. Apesar de ser aquela pessoa. Seja porque a pessoa foi mais ágil, ou porque tinha mais tempo, ou porque eu consegui insistir muito com a editora para conseguir as provas antes de todo mundo e mandei pra essa pessoa que eu sabia que precisava de um tempo maior. Já aconteceu isso também, o contrário. Na sexta-feira eu mando uma pré pauta para a Laura Greenhalgh que é a editora executiva, e nessa pré pauta eu já digo até onde sai cada matéria, em que página. “Na página tal sai isso, na página tal sai aquilo”. E na segunda-feira, em geral, mais tardar, na terça, ela bate o martelo comigo sobre o que fica, o que não fica. Até porque eu, em geral, não trabalho com uma opção só. Então eu digo: “página 3 pode ser tal coisa, tal coisa ou tal coisa”. Sempre tento me prevenir, seja porque às vezes a matéria não chegou ainda, pode não chegar, seja porque dependendo do que eu tiver na página 5 é melhor que na 6 seja tal coisa e não outra coisa. Para manter aquele equilíbrio que eu falei, dos gêneros e das editoras. Na segunda-feira eu tenho uma reunião, às 3 da tarde, com a direção, com todos os editores, falando das especiais e dos cadernos de fim de semana. Então eu vou à essa reunião e já digo o que eu vou dar, pelo menos de capa, ou, se eu não tenho certeza ainda, porque a Laura ainda não me respondeu, eu digo: “tenho tais opções de capa, dependendo do que a Laura decidir, mas minhas opções são essas”. E depois ao longo da semana eu só comunico, “olha, ficou tal capa”. Porque eles se programam para fazer a chamada do caderno de sábado. “Ah, essa matéria é uma exclusiva então eu vou dar foto do escritor”. Eles vão se planejando ao longo da semana, junto com os outros assuntos que estão preparados para o sábado. É mais ou menos essa a rotina.

27) Pode revelar a remuneração paga aos colaboradores? O valor é compatível com o praticado nos demais cadernos do jornal?

Se você achar que é muito importante, depois eu te respondo isso. Não posso responder isso sem consultar a hierarquia. Mas posso garantir para você o seguinte: entre os jornais diários, em relação aos jornais diários que têm suplementos culturais assemelhados, nós estamos acima deles. Agora, existem outras publicações que pagam mais do que a gente. Mas não são os jornais diários. Isso pensando na tabela. Porque existe uma tabela. Agora, se você tem uma matéria, um artigo, que é de algum modo especial, que é maior, que tem dois livros ao invés de um, tudo isso pode mudar o valor de tabela. E até mesmo quem está escrevendo. Porque seria injusto pagar para uma pessoa que nós estamos apostando, investindo, a mesma coisa do que à maior autoridade do Brasil sobre aquele assunto ou aquela literatura. Então, tem essas variações. E aí, nesses casos, dos especiais, etc, aí o nosso preço é igual ao das melhores publicações que trabalham com colaboradores no Brasil. Isso eu tenho certeza porque eu trabalhei em algumas delas. Então, isso acontece quando tem, por exemplo, eu fiz uma série de três artigos sobre literatura contemporânea. Ficção, poesia e ensaio. A literatura brasileira contemporânea, gênero ficção, gênero poesia e gênero ensaio. Era uma coisa especial, então os valores não poderiam ser os mesmos de uma resenha, algo de 2500 toques. Então tem essa variação. Agora, mesmo pensando na tabela, a gente paga um pouco a mais do que a maior parte dos jornais diários, senão a totalidade dos jornais diários.

28) E em relação às outras editorias do próprio *Estadão*?

As outras editorias trabalham raramente com colaborações pagas, muito raro. Eu posso comparar, e aí o preço é compatível, por exemplo, com o *Aliás*. Os preços praticados são iguais, muito próximos.

29) Por seu um caderno semanal o tempo para fechamento possibilita uma revisão mais cuidadosa dos textos? Tudo passa por sua leitura final?

A ideia de que um caderno semanal é mais fácil de fechar do que um caderno diário é verdadeira só até um certo ponto. Vou explicar. Talvez não fosse assim se o *Sabático* tivesse uma equipe própria. Quero dizer, repórteres, redatores, revisores e editores assistentes. Como ele não tem, o que acontece é o seguinte, eu para driblar essa dificuldade, vou fechando o caderno ao longo da semana. Então, fecho um pouco na terça, um pouco na quarta, um pouco na quinta. E até na sexta de manhã. Porque ele roda às 2:30 da tarde. Então, com isso, eu consigo ter um acompanhamento das revisoras um pouco mais calmo. Pode ser até que, eventualmente, quando chega na Laura ela possa fazer uma mudança ou outra, mas eu leio o caderno inteiro e não tem uma legenda que não seja eu que faça. Ela pode eventualmente mudar, mas sai da minha mão o caderno da primeira à última página totalmente visto, revisto, revisado, lido, titulado, legendado e assim por diante.

30) E a parte estética, diagramação, escolha das ilustrações, fotos, distribuição dos textos, equilíbrio estético? De que forma sua formação em Semiótica possibilita uma melhor avaliação deste processo e diálogo competente com o editor de arte do caderno?

A gente tem uma dinâmica, que é assim. Eu sugiro, dou a largada, vamos dizer assim, para essa parte estética. Porque é assim, eu escolho as fotos, ou encomendo ilustração. Quando eu vou diagramar, e os diagramadores também não são exclusivos do *Sabático*, são sempre os mesmos, mas eles não são exclusivos do *Sabático*, são os mesmos que fazem o *Caderno 2*. Em geral, como no caso das matérias, eu tenho algumas opções. Então, você nunca tem uma foto, você tem três fotos daquele autor, daquela situação. E aí, na diagramação, conversando, “ah, acho que esse fica melhor e tal”. Ou “essa foto, nesse tamanho, não tá muito boa, tá muito granulada, é melhor colocar essa outra”. Mas a produção original daquilo com que a diagramação vai trabalhar sou eu que faço, também. Eu não tenho quem faça isso. Então eu tenho que escolher, ou eu tenho que encomendar. Por exemplo, eu sei que o tema da semana é romance. Então, vai ter uma entrevista com o Carlos Fuentes. Então, se eu der uma foto do Carlos Fuentes na capa, é chato dar outra foto dele [dentro do caderno]. “Então, vou encomendar uma ilustração com o Loredano”. Aí, eu encomendo uma ilustração com o Loredano.

31) E não tem um editor de arte?

Tem um editor de arte. Então, essas pessoas que trabalham lá na diagramação são dois diagramadores e tem uma editora de arte. Que depois que diagrama ela olha, aí ela fala: “Não, essa foto aqui é melhor mais embaixo”; “Você não acha que não sei o que?” Agora, o que poderia acontecer é que eventualmente alguém, se existisse essa figura, não existe no caderno, pudesse fazer essa seleção prévia das fotos e tal, e depois me mostrasse. Seria um editor assistente, por exemplo. Mas como não tem essa pessoa, então eu vou lá e faço. Às vezes não tem uma foto daquele autor no arquivo, sou eu que peço para a fotografia comprar. Na agência internacional, “AP”, sei lá, qualquer outra agência internacional e assim por diante.

32) Quais os critérios de seleção dos livros e autores que serão resenhados ou terão destaque, por exemplo, na capa?

No caso das resenhas obedece à aquilo que eu comentei no início. Eu tenho uma preocupação de diversificar os gêneros e, se possível, as editoras também. O que vai para a capa também é outra coisa. Eu, muitas vezes, muitas vezes não, acho que sempre, eu tenho uma candidata muito forte para a capa, mas eu tenho umas outras duas opções para a capa. E aí eu posso defender essa minha candidata junto à Laura, com mais força, e as outras opções podem virar capa de outras semanas ou saírem dentro como a contracapa, enfim, qualquer outro tratamento assim. Os critérios podem ser tanto da exclusividade, então vai sair tal livro e tal autor só vai falar com a gente. Naipaul, prêmio Nobel, entrevista só pra gente. Capa. E surgiu do nada? Não, eu que insisti com a editora que

gostaria de ter uma entrevista com o Naipaul. Quando eles falaram que ele só dava entrevista ao vivo, ele mora em Londres, vai nosso correspondente de Paris para Londres e faz a entrevista com ele. Não tinha nem o que discutir. Às vezes tem a ver com uma combinação de fatores. O sujeito está lançando um livro, depois de X tempo, dará uma entrevista só para nós e vai participar de um evento. Aconteceu com o Ferreira Gullar, no ano passado, na Flip. Foi capa no dia em que ele falava na Flip. Ele estava lançando um livro, depois de 11 anos, se não me falha a memória, e só ia dar entrevista pra gente. E era o Ferreira Gullar. Às vezes são tendências, como as que falei, das editoras, como as editoras estão se preparando [para o lançamento de e-books], a superprodução de livros, os cyber poemas. Às vezes são percepções que eu tenho do que está acontecendo no mercado. Então, os livros sobre nazismo. Capa de duas semanas atrás. Essa semana, o romance. Você começa a perceber que está acontecendo alguma coisa, tem livros que conversam entre si. Esse livro do Henry James conversa com o livro do Unamuno, que por sua vez conversa com [outro autor]. Então tá todo mundo discutindo o romance. Opa, é pauta aqui. Eu posso ter essa percepção, ou algum dos colegas, e me sugerir. Em geral, como eu estou acompanhando tudo, é relativamente frequente que eu tenha esse olhar das coisas que podem ser complementares, conversarem entre si, e aí surgir a pauta em cima disso. Mas basicamente são esses critérios, exclusividade, uma somatória de coisas, é exclusivo, tem livro e tem evento, ou tendências ou movimentos do mercado que eu percebo. Eu ou alguém da equipe, não precisa ser necessariamente eu. A Laura. Pensar: “isso aí pode dar uma capa”. E isso é o mais difícil, a tendência, essa terceira [via] é menos óbvia. Ela é menos óbvia. Não que as outras sejam óbvias, porque eu podia não conseguir o Naipaul, mas [essas] são menos visíveis. Alguém poderia ter pensado no Naipaul, ele tá lançando um livro, vou fazer uma entrevista com ele. Agora, o romance já é um pouco diferente, você precisa conhecer os livros para saber que eles conversam e em cima disso montar uma pauta.

33) E na seção “Estante”, como são selecionados os livros expostos?

A “Estante” tem dois objetivos. Pode ser um modo da gente dizer que prestamos atenção num livro que, no entanto, não será contemplado com resenha, por motivos diversos. Embora, já tenha saído livro na “Estante” que depois tenha sido resenhado, é só porque eu queria me antecipar. Mas pode ser isso, um registro que não vai alçar nenhum voo, além daquele. Esse é um critério. O outro critério é de vazão mesmo. Então, tem muita coisa chegando, de muitas editoras diferentes, então a gente não pode ignorar. Dar, pelo menos, na “Estante”. E, por fim, como a gente procura dar também livros importados, cumpre essa outra função. Via de regra, tem dois livros importados na “Estante”. Então é uma terceira razão, um terceiro critério. Então, tem 6 livros publicados no Brasil e 2 fora do Brasil. Mas o grande critério é o dar vazão naquilo que a gente sabe que não poderá fazer de outro modo. Muita coisa, não vou ter espaço para fazer essa resenha nunca. Então eu ponho ali, pelo menos eu falei do livro.

34) E as obras inéditas (em prosa ou poesia) publicadas, como são selecionadas?

Essa também é uma coisa minha. Estou o tempo inteiro em contato com os autores e com as editoras. E fico um pouco provocando, no bom sentido, ou investigando. As duas coisas, provocando e investigando. Então, investigando em que sentido? Nossa, faz tempo que não vejo nada de fulano, fulano deve estar fazendo algum livro, deixa eu ligar lá. Ligo e pergunto, tá fazendo alguma coisa? “Tô fazendo um livro”. Ah, não quer me dar o começo? Vou lá e pego. Ou as editoras que têm uma programação, meses, eu posso pedir um trecho, sai um romance. Ou um conto inteiro. Para dar como inédito. Essa seção, desde o início, eles pediram, eu digo eles, a direção, e a Laura, que não fosse uma seção fixa. Ou seja, que ela não tivesse uma periodicidade, é uma vez por mês, ou é duas, quer dizer, uma vez a cada dois meses, não. Para não ser uma camisa de força para o caderno. Então, ela não tem uma regularidade. Mas em geral funciona desse modo, ou investigação minha, eu vou atrás do escritor e tento descobrir o que ele anda fazendo, ou é uma gestão junto às editoras, eu sei que aquele livro vai sair e eu peço um capítulo daquele livro. E o que tem acontecido, de um tempo para cá, são os editores, os escritores sugerirem. Eles me procuram

dizendo que têm coisa. Isso começou de uns meses para cá. O que é legal, eu já atendi algumas dessas solicitações voluntárias.

35) Na “Prosa de Sábado” os colunistas escrevem livremente ou são, de alguma forma, pautados?

Livremente. Eu só peço que eles me digam sobre o que vão escrever por causa da ilustração. Eles me dizem na segunda ou na terça, eu já vou adiantando ali a vida.

36) O ilustrador faz sem ler a coluna?

Não, eles preferem fazer depois da coluna. Mas é uma coisa de já ir buscando referência, já ir pensando. Em geral é quase sempre o mesmo ilustrador, e ele prefere fazer lendo o texto, mas eu mando no início da semana. O Silviano [Santiago] já manda a coluna na segunda-feira. O Sérgio [Augusto] que só manda o *briefing* sobre o que vai falar. Ele manda na quarta [o texto]. Mas assim, é uma coisa de ir buscando referências. Pensar, hum, vai falar sobre tal coisa, tal autor, “como é a cara desse autor?” Já vão se preparando.

37) Por que não houve edição publicada em 25 de dezembro de 2010, um sábado?

Existe um revezamento entre o *Aliás* e o caderno que era, no caso, o *Cultura*. Um sai numa semana, e o outro não sai na outra. Isso é uma determinação do jornal, porque com isso tem uma economia de papel, num período em que as pessoas, em geral, não estão em suas casas. Viajam, natal, ano novo. O forte do *Estadão* é São Paulo. A cidade e o interior, o maior número de assinaturas são desses lugares. E nem todo mundo se lembra de fazer aquela coisa de mandar entregar o jornal onde ela está. Que até um raio de tantos quilômetros o jornal é entregue. Então, é um momento em que o jornal aproveita para economizar papel. Faz edições mais enxutas. E aí o nosso revezamento é com o *Aliás*, era com o *Cultura*, e agora com o *Sabático*. Porque o *Aliás* tem uma questão que suplanta a economia de papel e coisa assim. Que é o seguinte, como ele trabalha com a semana, o que aconteceu na semana, é muito complicado para o *Aliás* imaginar reflexões sobre o que aconteceu em semanas em que: 1) pouca coisa acontece; 2) não tem ninguém para refletir, dar entrevistas etc sobre aqueles assuntos. Então, ele para uma semana. O *Aliás* para uma semana. A *Veja* deixa de circular também uma semana. Porque fica aquela coisa de réveillon, natal, é complicado.

38) Na edição de 2010 do Fórum das Letras de Ouro Preto, a editora executiva do *Estadão*, Laura Greenhalgh, afirmou que o *Sabático* é o “Suplemento Literário dos tempos da internet”. Você concorda com esta afirmação? O que isto significa? Como é feita a apropriação do meio digital no *Sabático*?

Como eu disse, esse é um *work in progress*, considerando as prioridades do jornal nessa área. Quando houve a reforma gráfica, houve também a reforma do site do jornal e começaram a ser introduzidas mudanças e foram feitos investimentos no on-line. E esses investimentos, todos, obedeceram e vêm obedecendo a um planejamento. Então, como eu disse, primeiro começou com Economia, depois veio Esportes. E Esportes teve várias fases, porque no ano passado teve Copa. E esse ano o jornal fez um convênio com a ESPM, a rádio Eldorado, fizeram no final do ano passado um acerto, e ESPM é uma emissora esportiva. Então, ainda é um desdobramento desse investimento feito nas plataformas multimídia de esportes. Já tendo em vista o que vem por aí, Copa, Olimpíada e tudo mais. Então a gente está nesse processo, já existe um planejamento em que essas áreas serão atendidas. O que eu tenho insistido, com o apoio da Laura e tal, é uma presença maior do *Sabático* não só na web, mas também no iPad, e na própria rádio, já que temos uma rádio. Fortalecendo essa ideia de um veículo multimídia. Quando ela falou em tempos de internet, depois você conversará com ela e poderá checar isso, na verdade ela falava dessas plataformas novas. Quer dizer, plataformas digitais, vamos chamar assim. E recentemente tomou impulso, de novo, aqui dentro a coisa da rádio, dentro desse olhar que o jornal pode oferecer conteúdos em plataformas multimídias. E a rádio é muito forte, é um instrumento muito forte para isso também. Então, acho que nós

caminhamos, queremos caminhar para ser um veículo, o *Suplemento Literário* dos tempos da internet. Não acho que a gente seja. Não acho, não, não somos, ainda. Mas isso é algo maior, que está dentro de um *corpus* maior, do jornal como um todo. No que depende de nós, da editoria, do caderno, o que faço é assim. Eu posso tanto colocar na internet complementos de matérias, é um trecho de um livro, é um vídeo, a Lúcia Guimarães fez muitos vídeos, de entrevistas dela. Ou, mais recentemente, comecei a adotar também essa estratégia de colocar coisas exclusivamente no on-line. Com isso eu venço uma dificuldade que eu tenho de espaço em papel, e “forço”, entre aspas, uma visita ao on-line, quando dou coisas só lá. Comecei a fazer isso recentemente. Isso está na minha mão, isso eu posso fazer. Agora, se a matéria X, Y, Z, vai ter chamada na home page, isso não depende de mim. Isso é uma equipe que coordena e edita o portal. Ou se vai ter tal coisa no Ipad, também não depende de mim. O que faço é o seguinte, tudo que eu tenho que é link para o portal, que é chamadas de conteúdos extra papel, eu encaminho para a direção do portal e do Ipad na sexta-feira. Em geral, depois que eu fecho. Duas e meia da tarde. A partir daí não depende mais de mim, é de uma outra área do jornal, eu não tenho ascendência sobre essas áreas. Eu faço, como todos os editores, as minhas gestões, digo o que eu acho que é importante, enfim.

39) O senhor acredita na relevância social da crítica literária? Acha que está entre as funções do jornalismo manter viva essa prática?

Se você imaginar que a crítica literária possa minimamente servir como uma interface entre o autor e o público, sim. Aí, sim. Tem relevância. Ou, num extremo, indo mais para frente ainda, se ela for capaz de, não apenas servir de intermediário, mas de descobrir, revelar, aquilo que é importante e que sem ela não seria feito, tanto melhor ainda. Descobrir um autor. O Antonio Candido escreveu no número 1 do *Suplemento Literário* que o “Grande sertão: Veredas” era o que era. No número 1 do *Suplemento Literário* tem uma crítica do Antonio Candido sobre o “Grande sertão: Veredas”. 1956. Não tem dúvida, de que tem essa relevância. O que, demoraria mais, a gente pode falar sobre isso num outro dia, é o seguinte: como está mudando o papel da crítica em função das novas plataformas. Isso é outra coisa que eu falei em Passo Fundo. Meu tema em Passo Fundo era “Comunicação: do impresso ao digital”. E na mesa tinham muitas pessoas, de outros veículos, que eram ligadas apenas a plataformas digitais. Sabendo disso, de antemão, preparei uma fala que unia um pouco as pontas do jornalismo e da literatura e fazia algumas reflexões e alguns questionamentos sobre o jornalismo e a literatura dentro desse cenário de novas plataformas. Essa foi uma coisa que eu falei, em relação não só à produção, à criação da literatura, mas também da natureza da crítica e do seu papel num suplemento literário como o *Sabático* numa circunstância como essa, nova, que a gente está vivendo. Isso também é longo para discorrer agora. Mas depois posso te falar, posso te encaminhar um *briefing* do que eu falei.

40) Acredita que o *Sabático* continuará circulando por muitos anos, assim como foi com o *Suplemento Literário*, que durou 18 anos?

Vamos dividir essa resposta em duas partes. Aquilo que eu gostaria e aquilo que pode acontecer. O que eu gostaria? Sim, acho que o *Sabático* poderia ter uma vida longa, como a do *Suplemento Literário*, ou como a do *Caderno 2*, que fez 25 anos, e está aí, não há nada no horizonte que indique que ele será extinto. Ou outros suplementos, que têm aí 50 anos, em outros jornais. Acho que isso, acho que ele poderia ter essa vida longa, sim. Eu gostaria. O que eu acho que pode acontecer. E aí vai depender da maneira como o jornal vai entender o que eu vou dizer. Eu comentei lá no Sul que uma das características que essa era digital trouxe foi a de incentivar, vamos chamar desse modo, a prática da escrita opinativa por um número cada vez maior de pessoas. Então, por meio dos blogs, por exemplo, você tem autores em número muito grande se pronunciando, e publicando os seus textos, independentemente de editoras, inclusive. Blogs de sites, blogs pessoais. Um fenômeno muito impressionante. Nos EUA tem gente que vendeu milhares, milhões até, de livros, sem editoras, publicados somente on-line. E os blogs também, ou sites pessoais, trouxeram essa presença de opinião muito grande sobre o que vem sendo produzido no mercado de modo geral.

Feitos por pessoas que não são exatamente jornalistas, ou profissionais das Letras etc. Existe um historiador francês chamado Chartier, que ele diz que essa era da internet realizou um sonho do Kant, que era o de que todas as pessoas pudessem se expressar, expressar o seu juízo crítico. E aí eu fiz uma pergunta lá, em Passo Fundo: quando todas as pessoas são escritores a literatura vai continuar sendo necessária? Quando todo mundo é crítico, a crítica vai continuar sendo necessária? Eis aqui uma reflexão que a gente deve ter. Ou seja, depende de como esse jornal vai entender e responder a essa pergunta. Eu respondi lá, eu disse assim: eu acho que sim. Porque, por mais conectado que você seja, você não pode opinar sobre todas as coisas, o tempo inteiro. Então você precisará sempre de alguém que opine sobre aquilo que você não é capaz de opinar, por motivos diversos, nem que seja o tempo. Ou, porque você não domina o assunto e assim por diante. Ora, quem é essa pessoa? É o crítico. E qual é o crítico que eu vou ouvir? Que eu vou seguir? Que eu vou adotar? Que eu vou acompanhar? Qualquer crítico? Aquele que tem um milhão de seguidores no Facebook ou no Twitter? Não. É provável que eu siga e acompanhe e leia aquele que está de algum modo referendado por uma instituição de comunicação que tenha uma lista de serviços prestados durante um certo tempo na história. Considerando que o *Estadão* é um veículo que tem uma lista de serviços prestados ao longo da história, eu suponho que a pessoa que estiver no meu lugar daqui a 50 anos herdará essa credibilidade, e, portanto, será esta a pessoa que aquele volume enorme de críticos que existirão no ano 2061, uma parte, pelo menos, dela irá acompanhar. Agora, para isso, é preciso que o jornal responda a essa pergunta, desse jeito que eu estou respondendo. O que significa o que? Manter alguém ou um caderno que, dentro desta área, preserve essa credibilidade que o jornal tem em outras áreas. Só assim daqui a 50 anos o jornal continuará sendo lido e procurado, neste assunto também. Agora, essa decisão não depende de mim, nem sequer das pessoas que estão aqui hoje. Então, eu não sei o que irá acontecer. Agora, se eu pudesse esticar a minha vida e estivesse aqui daqui a 50 anos, eu teria, ao longo desse período, até lá, teria mantido o *Sabático* vivo para atender a isso que irá acontecer a daqui a bem menos do que 50 anos. Que é uma profusão enorme, muitas vezes multiplicada dessa que a gente vê hoje, de gente escrevendo e falando sobre todos os assuntos. E aí você vai ficar perdido, você vai procurar o quê? Vai procurar onde? Quem será que está falando certo, quem está falando errado? Onde eu vou procurar? Vai ter prevalência e predominância e liderança nesse momento aqueles que forem capazes de selecionar, para esse atordoado internauta, receptor de informações, aquilo que seja de muita credibilidade. Credibilidade você não inventa, você conquista com uma lista de serviços prestados. Antes você não pode dizer que você tem credibilidade. Isso não existe. Tem muitos veículos que fazem isso, [fazem] propagandas [dizendo] “nós somos os melhores, nós somos os maiores”. Não adianta. Quem vai dizer se é maior ou se é melhor é a lista de serviços prestados ao longo do tempo. Então, eu imagino, se o caderno continuar vivo, ele vai ser mantido nessa direção. Não acredito que ele vai se manter vivo descaracterizado daquilo que ele é hoje porque eu não acredito que o jornal vai ser descaracterizado daquilo que ele é hoje. O *Estado de S. Paulo*, quero dizer. Então, se for assim, acho que daqui a 50 anos ele pode estar aqui e sendo procurado por essa razão, porque vai ter um milhão de coisas, é a única maneira de você sobreviver, num universo de críticos, é você ser um crítico com credibilidade. E vai acontecer isso. As pessoas vão estar cada vez mais presentes, opinando, vai ter escritor até dizer “chega”. E qual é o escritor que eu vou comprar?

Entrevista com Ronaldo Correia de Brito

Ronaldo Correia de Brito é médico e escritor. Ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura em 2009 com o romance *Galiléia* (Alfaguarra, 2008). Já publicou trechos de sua obra literária e resenhas no *Sabático*. Entrevista realizada por e-mail em 17 e 28 de janeiro de 2011.

- 1) Pesquisas apontam que o Brasil é um país de poucos leitores. No entanto, também nota-se um crescente aumento na venda de livros. Como você avalia esse paradoxo?**

Imagino que você se refere aos leitores de livros, quando diz que o Brasil possui poucos leitores. Surgiram novos tipos de leitores: de blogs e sites na internet, de revistas e jornais especializados ou de variedades. É necessário criar outro perfil de leitor, não apenas de livros. A leitura desses outros veículos de informação, leva aos livros. Houve grande investimento do Ministério da Educação e da Cultura na compra de livros e no estímulo à leitura. Avançamos nas políticas públicas para o livro, embora continuemos nos últimos lugares no ranking mundial de educação.

2) No Brasil são poucos os escritores que sobrevivem apenas da venda de livros. Qual o segredo para isso? Como fazer isto sem estabelecer concessões estilísticas, de roteiro ou de outra natureza? Como avalia esta situação? Dá para sobreviver sem abrir mão de princípios pessoais?

Os que sobrevivem da venda de livros são bem poucos, é verdade, mas existem os que sobrevivem das atividades de escritor. São os que ganham a vida dando conferências, cursos, escrevendo por encomenda para jornais, revistas e televisão, ministrando oficinas, como consultores, etc. Em todos os tempos, artistas trabalharam por encomenda. De Bach a Michelangelo. Não é indigno criar por encomenda, nem é preciso vender a alma ao diabo para isso. É necessário manter a liberdade de criação num jogo bem sutil, de muita barganha, entre quem encomenda e quem cria. Quando o Estado assume o lugar de patrão, como na Rússia comunista, acontecem desastres. A arte a serviço de um Estado totalitário, nunca teve boa qualidade.

3) Existe alguma relação entre os suplementos literários e a produção editorial do país? Como você analisa esta interface?

Os suplementos são fundamentais para a divulgação dos livros, mas, sobretudo, para desenvolver uma crítica atuante, estabelecendo padrões de qualidade. Quanto mais viva é a crítica literária, mais acirrados os debates em torno dos livros, mais estímulos surgirão para os leitores lerem mais e para os escritores escreverem mais. Se existem críticos e leitores, o mercado editorial prospera. E nessa mesma onda prosperam os suplementos literários

4) Os críticos literários têm sido, em grande parte, substituídos pelo marketing cultural. Em que medida esta situação dificulta uma discussão séria sobre a qualidade da literatura brasileira e sua circulação em escolas e para o público em geral?

O marketing cultural sempre existiu com outros nomes, é necessário, mas é fundamental que ele não se confunda com a crítica, nem prevaleça sobre ela. O leitor gosta de ler as resenhas de nossos críticos respeitáveis. Ele sabe que pode confiar na indicação deles. Se a crítica fraqueja, o marketing prevalece. Os editores dos suplementos precisam estar atentos a isto, fortalecendo o papel dos críticos, dando respeitabilidade a esse ofício.

5) Acha que o lançamento do Sabático do Estadão seria mais uma jogada de marketing ou estaria associado, genuinamente, a uma demanda de um nicho de mercado, de intelectuais e universitários para serem orientados sobre os novos lançamentos das editoras?

Tenho lido o Sabático e fico muito feliz com a qualidade do suplemento. Acho que fazia falta ao Estadão, e ao Brasil, um espaço como esse. Nunca percebi qualquer jogada de marketing no Sabático, nem como leitor, nem como colaborador. Outro dia, num restaurante, ouvi a conversa de um rapaz que guardara o suplemento de 01 de janeiro de 2011, porque trazia as indicações de onze escritores e intelectuais, cada um deles listando onze livros que as pessoas não poderiam deixar de ler em 2011. Cada um, além de indicar os onze títulos, resenhou um livro. Isso não é marketing, é o livre arbítrio sobre a literatura considerada de boa qualidade.

- 6) **Como foi o convite para a publicação de seu conto na 1ª edição do Sabático? Qual o impacto da divulgação de seu trabalho no jornal, para sua produção editorial e no relacionamento com seus leitores?**

Senti-me honrado e feliz com o convite. Escolhi com meu editor Marcelo Ferroni um conto inédito de *Retratos imorais*, que estava para ser publicado, que coubesse dentro do espaço oferecido pelo suplemento. Se as pessoas gostam do texto, anotam o nome do livro para lê-lo, futuramente. Muita gente me escreveu. O Sabático anunciou que eu estava voltando aos contos, depois de publicar o romance *Galiléia*. Ajudou a criar uma expectativa, me pôs em contato com os leitores.

- 7) **Na mesma página em que seu conto foi publicado também havia uma resenha do livro "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, veiculada originalmente na 1ª edição do antigo Suplemento Literário. Acha que tal disposição revela que os responsáveis pelo caderno tiveram a intenção de indicar uma relação entre o seu texto e o de Guimarães (a seção "Do Suplemento Literário" sempre traz publicações relacionadas ao outro texto apresentado na mesma página)? Como definiria sua literatura no contexto atual?**

Se houve essa intenção, ela me lisonjeia. Considero o *Grande Sertão* um dos melhores romances que já li, em qualquer idioma. Meu olhar sobre o sertão é bem diferente daquele de Guimarães Rosa. Não podia ser de outra maneira. Estamos separados por mais de meio século. O mundo mudou, o Brasil mudou, o sertão deixou de existir. Ficou a literatura de Rosa. Eu ainda tateio, tento inscrever os meus livros, que falam de um mundo em ruínas, de personagens em movimento, de um não lugar.

- 8) **Seu livro foi lançado em setembro, porém o conto *Homem contempla barcos encalhados* foi publicado no início de março no Sabático. Acha que a divulgação antecipada feita pelo veículo impactou suas vendas ou seu número de leitores?**

Não tenho dados objetivos de pesquisas para lhe responder, mas como falei anteriormente, houve ótima antecipação do que seria o livro. Muita gente me escreveu perguntando quando sairia *Retratos imorais*. Isso ajuda a incrementar leitores e a vender livros, sem dúvida nenhuma.

- 9) **Para ilustrar seu conto, a equipe do Sabático colocou uma imagem que mostra, de maneira literal, a associação feita pelo personagem central (entre os barcos encalhados e carcaças de elefantes) na narrativa. O que acha desse tipo de relação mais direta entre imagem e texto? Trata-se de algo, na sua visão, que auxilia a compreensão do texto?**

A capa de *Retratos imorais* traz um homem visto de costas, entrando no mar, metade do corpo submerso. À frente dele uma escada se projetando para o céu, com um degrau partido, e ao lado alguns rochedos. Tudo em preto, branco e cinza. Em antítese ao nome do livro, a capa sugere ascese e santidade. Ela se baseia em um dos contos: *Mãe numa ilha deserta*. Todos nós acreditamos que esta capa atrai o olhar e a curiosidade dos leitores. Eu também creio que a ilustração do Sabático provoca no leitor o desejo de ler o conto *Homem contempla barcos encalhados*.

- 10) **Você conhecia o Suplemento Literário do Estado de S. Paulo, elaborado por Antonio Candido? Caso positivo, poderia traçar um paralelo com o recém lançado Sabático? Se não conhecia o antigo Suplemento, como avalia a proposta do Sabático, hoje?**

Eu conhecia o Sábatico, sim, mas não o acompanhava regularmente. No Recife, vendiam-se jornais do sudeste, mas quando eu era estudante de medicina ou médico residente não tinha muito tempo para acompanhar os suplementos literários, por mais que desejasse. Comparando o que li do Sabático criado por Antônio Cândido com o suplemento atual, deduzo que não existe a intenção de reeditar o que era feito antes. Acho que a proposta do novo Sabático é a de inserir-se num novo tempo, incorporando novas mídias, inclusive a internet como um veículo que agrega leitores e ajuda a expandir a leitura.

11) No passado o Jornal do Brasil tinha o caderno Idéias. No Rio existia o Jornal das Letras. Vários jornais, em momentos diferentes se preocuparam em fazer cadernos culturais e também de literatura. Como avalia estas iniciativas?

Acho que já respondi esta pergunta, todas as vezes em que ressaltei a importância da crítica e dos veículos especializados em literatura.

12) Como foi o processo de publicação da resenha? Foi um convite do *Sábatico* ou uma iniciativa sua?

Eu publico com certa regularidade no Estadão/Sabático. A proposta sempre parte do editor, que me pergunta se eu tenho interesse em escrever sobre um determinado livro. Se eu aceito, ele propõe alguns tamanhos de texto, um padrão normal em todos jornais e revistas. Não existe nenhum outro tipo de sugestão. Escrevo com a máxima liberdade e autonomia.

13) Havia normas ou um protocolo a ser seguido para a escrita do texto? Indicaram um limite de tamanho, por exemplo? O seu texto foi, de alguma forma, alterado antes de publicado?

Como informei anteriormente, em todos os suplementos culturais existem alguns tamanhos padrões de texto, maiores ou menores. Meus textos nunca foram alterados antes de publicados.

14) De que forma foi selecionado o livro resenhado?

Como já informei, a proposta do livro nasce do jornal. Nunca propus resenhar este ou aquele livro.

15) Anteriormente, você havia dito que os suplementos devem fortalecer o papel do crítico, "dando respeitabilidade a esse ofício". Acha que o *Sabático* faz isso? Por quê?

Fortalece dando espaço e liberdade para o crítico escrever o que pensa. A boa crítica não está vinculada a nenhum tipo de interesse, a não ser o de analisar com competência e isenção a obra lida. O *Sabático* é um excelente espaço para a crítica. A minha experiência com este suplemento é a mais satisfatória.

Símbolos utilizados na transcrição das entrevistas orais:

- [...] = Os textos entre colchetes foram inclusões minhas à fala dos entrevistados (as), com o intuito de melhorar a leitura do texto produzido oralmente.
- (*) = Incompreensível. Indica uma palavra que não foi compreendida durante a transcrição.